



**MANUAL DO
PROFESSOR**

GEOGRAFIA GERAL E DO BRASIL

8

Componente
curricular: Geografia
Ensino Fundamental
Anos Finais

**EUSTÁQUIO DE SENE
JOÃO CARLOS MOREIRA**



editora scipione

EUSTÁQUIO DE SENE

Bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP)

Mestre e doutor em Geografia Humana pela USP

Professor do Ensino Básico por quinze anos

Professor de Metodologia do Ensino de Geografia na Faculdade de Educação da USP por cinco anos

JOÃO CARLOS MOREIRA

Bacharel em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP)

Mestre em Geografia Humana pela USP

Professor de Geografia do Ensino Básico por quatorze anos

Advogado (OAB/SP)

**MANUAL DO
PROFESSOR**

GEOGRAFIA GERAL E DO BRASIL

8

Componente
curricular: Geografia
Ensino Fundamental
Anos Finais

São Paulo, 2018

1ª edição



editora scipione



editora scipione

Direção geral: Guilherme Luz

Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas

Gestão de projeto editorial: Mirian Senra

Gestão de área: Wagner Nicaretta

Coordenação: Jaqueline Paiva Cesar

Edição: Elena Judensnaider, Luiza Delamare e Maria Luisa Nacca

Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga

Planejamento e controle de produção: Paula Godo,

Roseli Said e Márcia Pessoa

Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),

Rosângela Muricy (coord.), Ana Curci, Ana Paula C. Malfa,

Brenda T. M. Morais, Carlos Eduardo Sigris, Cesar G. Sacramento,

Flavia S. Vênezio, Gabriela M. Andrade, Heloisa Schiavo, Hires Heglan,

Marília Lima, Patrícia Cordeiro, Patrícia Travanca, Paula T. de Jesus,

Sandra Fernandez, Sueli Bossi; Amanda T. Silva e

Bárbara de M. Genereze (estagiárias)

Arte: Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.),

Daniele Fátima Oliveira (edição de arte)

Diagramação: JSDesign

Iconografia: Sílvia Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.),

Mariana Sampaio e Monica de Souza/

Tempo Composto (pesquisa iconográfica)

Licenciamento de conteúdos de terceiros: Thiago Fontana (coord.),

Luciana Sposito (licenciamento de textos), Erika Ramires,

Luciana Pedrosa Bierbauer, Luciana Cardoso Sousa e

Claudia Rodrigues (analistas adm.)

Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin

Design: Gláucia Correa Koller (ger.), Débora Barbieri (proj. gráfico),

Talita Guedes da Silva (capa), Gustavo Vanini e

Tatiane Porusselli (assist. arte)

Foto de capa:

Moment RF/Getty Images, National Geographic Creative/Getty Images

Todos os direitos reservados por Editora Scipione S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 1º andar, Setor D

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br / atendimento@scipione.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sene, Eustáquio de
Geografia geral e do Brasil, 9º ano : ensino
fundamental, anos finais / Eustáquio de Sene, João Carlos
Moreira. -- 1. ed. -- São Paulo : Scipione, 2018.

Suplementado pelo manual do professor.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-474-0156-6 (aluno)

ISBN: 978-85-474-0157-3 (professor)

1. Geografia (Ensino fundamental). I. Moreira, João
Carlos. II. Título.

2018-0090

CDD: 372.891

Julia do Nascimento - Bibliotecária - CRB-8/010142

2018

Código da obra CL 713525

CAE 631631 (AL) / 631663 (PR)

1ª edição

1ª impressão



Impressão e acabamento

Sumário

A importância de estudar Geografia para entender o mundo atual.....IV

A Geografia no Ensino Fundamental – Anos Finais.....V

O ensino por competências: a Base Nacional Comum Curricular.....V

Ensinar e aprender Geografia no Ensino Fundamental – Anos Finais.....VII

O uso do livro didático em sala de aula.....IX

Proposta teórico-metodológica.....IX

Objetivos gerais.....IX

O trabalho com a linguagem cartográfica.....XI

Possibilidades de avaliação.....XI

Orientações gerais.....XII

Estrutura da obra.....XIII

Abertura das Unidades.....XIII

Vamos tratar de.....XIII

Trocando ideias.....XIII

Vamos pesquisar.....XIII

Para conhecer mais.....XIII

Na estante/na tela/na rede.....XIII

Glossário.....XIII

O que é?.....XIII

Consolidando conhecimentos.....XIV

Explorando a imagem/o gráfico/
o mapa/a tabela/o infográfico.....XIV

Infográficos.....XIV

Lendo.....XIV

Quadros de conteúdos da coleçãoXIV

Manual do Professor em “formato U”XVI

Orientações para o volume do 8º ano.....XVII

Quadro de conteúdosXVII

Quadro de habilidades da BNCCXIX

A importância do estudo do meioXXI

Sugestões de estudo do meio para o 8º ano..XXII

Textos complementares.....XXVI

Bibliografia de apoio pedagógico.....XL



A importância de estudar Geografia para entender o mundo atual

No final do século XIX, a Geografia escolar passou por uma grande expansão nos currículos dos nascentes sistemas escolares de diversos países europeus. Um pouco mais tarde, isso ocorreu também no Brasil. Esse processo exigiu a criação e a expansão dos cursos universitários de Geografia voltados para a formação de professores, o que contribuiu para a institucionalização acadêmica dessa disciplina. Era o momento da expansão imperialista, e as potências industriais europeias estavam controlando diversos territórios na África e na Ásia e tendo contato com as culturas dos povos dominados. A Geografia, tanto a acadêmica quanto a escolar, organizava esse conhecimento do mundo e o transmitia aos estudantes. Entretanto, isso era feito de forma acrítica, descritiva, permeada por uma visão eurocêntrica do mundo, desprezando o ponto de vista dos povos colonizados.

Também era o momento da formação dos Estados nacionais, e a Geografia contribuiu para afirmar as ideias de nação, pátria e território, necessárias para a consolidação dos Estados nascentes. Isso foi particularmente verdadeiro na Alemanha, o primeiro país onde a Geografia se institucionalizou e que só se unificou política e territorialmente em 1871, depois de um longo processo de organização entre os vários reinos e principados alemães e de várias guerras contra seus vizinhos. Essa unificação tardia a levou a perder a corrida colonial – nesse momento, a maior parte do mundo já estava sob o controle das maiores potências econômicas da época, os britânicos e os franceses. O geógrafo alemão Friedrich Ratzel (1844-1904) formulou o conceito de “espaço vital” utilizado pelos governantes alemães em seu expansionismo territorial, que culminou na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e depois se desdobrou na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Esse conceito foi sintetizado por Ratzel com a seguinte frase: “semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço, as lutas dos povos são quase sempre pelo mesmo objetivo. Na história moderna a recompensa da vitória foi sempre um proveito territorial.” (RATZEL *apud* MORAES, 2005, p. 69)¹.

Em um processo de renovação crítica da disciplina, essa ligação entre a Geografia e o Estado foi analisada por Yves Lacoste (1929-) em seu famoso livro *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*, lançado na França em 1976. Ele dizia que a Geografia a serviço do poder era a Geopolítica e que a “Geografia dos professores” teve, durante muito tempo, um papel ideológico: o de mascarar a ligação entre essa disciplina e o poder.

O ensino de uma Geografia “mnemônica” e supostamente neutra, que não tinha sentido para os alunos, fazia-os se desinteressar pela disciplina e não perceber seus vínculos com a política. Ao aprender qualquer conteúdo, é preciso memorizar uma certa quantidade de dados e informações, mas a memorização é uma das etapas do processo de construção de conhecimentos ou um dos elementos necessários para a compreensão dos fenômenos naturais e humanos que só se completa com a investigação, a análise e a interpretação. Se nos ativermos apenas a memorizar informações desconexas e descontextualizadas não conseguiremos compreender o mundo. Daí a importância do desenvolvimento de atividades que estimulem a observação, a experimentação, o registro, a análise, a síntese, a discussão dos resultados e sua comunicação verbal – oral e escrita – e, conseqüentemente, a capacidade de expressão e argumentação dos estudantes. Essas atividades devem ainda estimular a curiosidade e a criatividade dos alunos e despertar-lhes o interesse por aprender. Como já nos alertaram Ausubel (2003) e Vigotski (1998, 1998a), além da oportunidade, o interesse é um dos pressupostos básicos para a aprendizagem significativa. Ninguém aprende se não estiver interessado no que vai aprender. Para isso, também é importante a proposição de situações-problema que estimulem a reflexão e o levantamento de hipóteses antes de explicações teóricas. Sempre é interessante mostrar mais de um ponto de vista sobre determinado problema, que em Ciências Humanas pode dar margem para debates e opiniões divergentes.

Desde o final do século XX, a Geografia, já firmemente estabelecida nas universidades e no currículo da escola básica, com o desenvolvimento da revolução informacional e da globalização, ganhou importância por ter a fundamentação teórica necessária para explicar um mundo cada vez mais complexo e ampliado. Hoje em dia, afastada da orientação ideológica apontada por Lacoste (1988), e já aqui mencionada, a Geografia pode se dedicar a compreender o mundo – a relação sociedade-natureza e os diversos aspectos das relações socioespaciais –, no intuito de contribuir para formar cidadãos social e ecologicamente mais conscientes e trabalhadores mais bem preparados para enfrentar um mercado de trabalho cada vez mais exigente, típico de um mundo onde a produção é globalizada e o trabalhador brasileiro precisa competir com o chinês, o alemão, o indiano, o estadunidense, etc. Por isso, a educação de qualidade é o ativo mais importante de uma nação, e cada disciplina escolar pode dar sua contribuição.

¹ A bibliografia completa das obras citadas na parte comum deste manual pode ser consultada na seção *Bibliografia de apoio pedagógico*.

Para contribuir com a melhoria da qualidade de ensino, é importante que a Geografia, respeitando sua longa tradição na academia e no sistema escolar, lance mão de conceitos e procedimentos próprios dessa disciplina e que sejam capazes de explicar o mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo, é importante que utilize uma linguagem adequada aos alunos e construa uma narrativa interessante, que consiga despertar-lhes o interesse por esse conhecimento. Só assim poderá contribuir para o desenvolvimento do raciocínio geográfico e da autonomia de pensamento crítico do estudante.

Tendo em vista essas colocações, e respeitando a tradição na distribuição dos conteúdos da Geografia escolar, buscamos elaborar uma obra que seja conceitualmente precisa e que tenha uma linguagem acessível e interessante aos estudantes. A distribuição de conteúdos entre o 6º e o 9º anos é referendada pela BNCC, como veremos a seguir, com uma abordagem atual, em plena sincronia com o mundo de hoje. A abordagem por continentes, apesar de promover certa fragmentação da análise, é por nós considerada a mais adequada para alunos do Ensino Fundamental II, que ainda não têm um pensamento abstrato suficiente para análises muito integradoras e abrangentes. Para minimizar a fragmentação intrínseca à análise regional, procuramos, com frequência, fazer a integração Geografia física-Geografia humana e a integração entre os países e as regiões.

Acreditamos que um dos aspectos mais importantes a ser considerado em um livro didático é um linguajar conceitualmente preciso, mas ao mesmo tempo adequado aos estudantes. O livro deve ter uma narrativa que atraia a atenção dos jovens leitores e que os faça perceber as possibilidades de interpretação do mundo oferecidas pela Geografia. Como professores, não podemos perder de vista que “concorremos” com outras fontes de transmissão de informações e conhecimentos muito dinâmicas e atraentes. Já faz tempo que nós, professores, perdemos a condição de detentores quase exclusivos de informações e conhecimentos e, conseqüentemente, a centralidade de sua transmissão aos alunos. No entanto, é importante frisar que devemos incorporar essas novas tecnologias ao ensino e utilizá-las em nosso trabalho docente (isso justifica o uso de aspas no verbo concorrer, escrito anteriormente). Daí a importância de transbordar os limites do livro didático com propostas e sugestões de acesso a outras fontes de informações, como rádio, TV, jornais, revistas, internet, etc.

Hoje em dia, o professor, além de seu histórico papel de transmissor de conhecimentos – parte deles produzida pela academia e outras instituições de pesquisa e parte elaborada pelo próprio docente em seu ambiente escolar –, deve ser um organizador de informações e conhecimentos dispersos,

auxiliando os alunos nessa tarefa. A internet, por exemplo, é uma poderosa ferramenta que pode nos ajudar no trabalho em sala de aula, tornando-o mais interessante e dinâmico, mas sabemos que o volume de informações e conhecimentos disponíveis é infindável. Sabemos também que muitas vezes os alunos se perdem nesse “oceano” informacional. Por isso, cabe aos professores ajudá-los a “navegar” até que cheguem a um “porto seguro”, ou seja, à organização de informações a serem transformadas em conhecimentos que deem conta da compreensão do mundo. Nesse sentido, podemos continuar com a metáfora: o “porto” nunca é totalmente seguro, porque o “oceano” está em constante movimento, o que nos obriga a estar sempre “navegando”.

Para auxiliá-lo nessa tarefa de “timoneiro” informacional, ao longo das unidades do Livro do Estudante e também neste Manual, apresentamos indicações de livros, artigos, filmes, vídeos, mapas dinâmicos e interativos, *sites*, entre outras tecnologias da informação e comunicação, que podem complementar ou aprofundar os temas abordados, além de sugestões de atividades, inclusive com propostas interdisciplinares. Considerando que a aprendizagem pode e deve se dar além dos limites da sala de aula, também propusemos atividades de estudo do meio (essa proposta será esmiuçada a seguir) e visitas a espaços que despertem o interesse dos alunos e favoreçam a aprendizagem significativa. Para melhor compreender o complexo e cada vez mais conectado mundo de hoje, é importante, sempre que possível, o desenvolvimento de atividades extraclasse que integrem as disciplinas do currículo do Ensino Fundamental II.

Com isso, esperamos que os volumes desta coleção possam contribuir para despertar o interesse dos alunos para o estudo da Geografia, disciplina que tem muito a oferecer para a compreensão do mundo em que vivemos, em suas diversas escalas de análise.

A Geografia no Ensino Fundamental – Anos Finais

O ensino por competências: a Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) assegura as aprendizagens que todos os estudantes têm direito de desenvolver ao longo da Educação Básica. Ancorada no ensino por competências, está composta de dez competências gerais que consubstanciam os direitos de aprendizagem de todos os estudantes e servem de referência para as competências específicas de cada área (sete, no caso de Ciências Humanas), que, por sua vez, articulam as competências específicas de cada componente curricular (sete, no caso da Geografia). Mas o que é competência?

Na BNCC, **competência** é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2017, p. 8).

Em um ensino-aprendizagem ancorado em competências, portanto, não basta “saber”, é preciso também “saber fazer”.

A noção de competência, que embasa a BNCC, remonta ao *Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI* e já há algum tempo permeia avaliações internacionais, como o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), e nacionais, como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), do Ministério da Educação (MEC). Esse relatório, produzido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 1996, influenciou reformas educacionais em diversos países no final do século XX e início do século XXI. Foi um dos primeiros documentos oficiais a sugerir a adoção da noção de competência no ensino básico ao propor que a educação deveria ser ancorada em quatro pilares: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver” (DELORS, 2001). O primeiro pilar remete à dimensão conceitual do conhecimento (“o saber”); o segundo, à dimensão procedimental (“o saber fazer”); e os dois últimos, à dimensão atitudinal (atitudes e valores, que permeiam tanto o saber quanto o saber fazer). Essa orientação já aparece na LDB 9394/96, um dos marcos legais para a elaboração da BNCC. Essa Lei de Diretrizes e Bases define que o Ensino Fundamental tem por objetivo a formação básica do cidadão mediante “o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores” (BRASIL, 1996, art. 32, item 3).

As dez competências gerais da BNCC (veja-as a seguir) orientam as competências específicas das áreas do conhecimento e dos componentes curriculares e articulam a construção de conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e a formação de atitudes e valores.

Competências gerais da Base Nacional Comum Curricular

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver

problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 9-10.

Em articulação com essas dez competências gerais, a BNCC definiu sete competências específicas para a área de Ciências Humanas (veja-as a seguir), que por sua vez orientam as competências específicas de Geografia, como veremos adiante, assim como de História, nossa irmã de área.

Competências específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da

diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.
6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 355.

Ensinar e aprender Geografia no Ensino Fundamental – Anos Finais

Como vimos, a Geografia compõe, ao lado da História, a área de Ciências Humanas da BNCC para o Ensino Fundamental – Anos Finais. Esse componente curricular tem muito a contribuir para a compreensão do mundo de hoje e para isso oferece uma fundamentação teórico-metodológica que foi se consolidando ao longo da história do pen-

samento geográfico. Um dos aspectos mais importantes para a compreensão do mundo é o desenvolvimento do raciocínio geográfico. Segundo a BNCC, o raciocínio geográfico é uma forma de exercitar o pensamento espacial; para tanto, é importante considerar certos princípios, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 1 – Descrição dos princípios do raciocínio geográfico	
Princípio	Descrição
Analogia	Um fenômeno geográfico sempre é comparável a outros. A identificação das semelhanças entre fenômenos geográficos é o início da compreensão da unidade terrestre.
Conexão	Um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente, mas sempre em interação com outros fenômenos próximos ou distantes.
Diferenciação*	É a variação dos fenômenos de interesse da geografia pela superfície terrestre (por exemplo, o clima), resultando na diferença entre áreas.
Distribuição	Exprime como os objetos se repartem pelo espaço.
Extensão	Espaço finito e contínuo delimitado pela ocorrência do fenômeno geográfico.
Localização	Posição particular de um objeto na superfície terrestre. A localização pode ser absoluta (definida por um sistema de coordenadas geográficas) ou relativa (expressa por meio de relações espaciais topológicas ou por interações espaciais).
Ordem**	Ordem ou arranjo espacial é o princípio geográfico de maior complexidade. Refere-se ao modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu.

Fontes: FERNANDES, José Alberto Rio; TRIGAL, Lourenzo López; SPÓSITO, Eliseu Savério. *Dicionário de Geografia aplicada*. Porto: Porto Editora, 2016. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 358.

* MOREIRA, Ruy. A diferença e a geografia: o ardid da identidade e a representação da diferença na geografia. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 41-58, 1999.

** MOREIRA, Ruy. Repensando a Geografia. In: SANTOS, Milton (Org.). *Novos rumos da Geografia brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1982. p. 35-49.

Para desenvolver o raciocínio geográfico os estudantes devem aprender a operacionalizar esses princípios. Além disso, para compreender o mundo sob a perspectiva da Geografia também é fundamental mobilizar alguns conceitos da

disciplina que a distingue das análises feitas pela Sociologia, História e Física, entre outras. Corroborando as ideias de diversos geógrafos brasileiros, como Milton Santos (1926-2001), Antônio Carlos Robert Moraes (1954-2015), Roberto

Lobato Corrêa (1939-), Ruy Moreira (1941-), entre outros, a BNCC enfatiza a necessidade de os alunos dominarem os principais conceitos da Geografia: **território, lugar, região, natureza e paisagem**. Além desses conceitos mais operacionais, a BNCC lembra a importância de se dominar também o conceito de **espaço**, considerado o mais amplo e complexo da Geografia.

Na realidade, lugar, território e região dão conta de apreender o espaço em diferentes **escalas geográficas**. Essa é outra noção importante para o bom desenvolvimento do raciocínio geográfico, pois indica o recorte analítico do espaço e perpassa todas as análises socioespaciais. O conceito de lugar dá conta da escala local, onde as pessoas vivem seu cotidiano, criam laços com outras pessoas e constroem sua memória e identidade. O conceito de território abarca a escala nacional, além de escalas subnacionais, como os estados, o distrito federal e os municípios, no caso do Brasil, que é um país federativo, embora também comporte outras territorialidades, muitas vezes em confronto com o Estado, como um território ocupado por grupos de traficantes armados. Por fim, o conceito de região busca apreender o espaço na escala regional, em graus variáveis de diferenciação e extensão. No entanto, um espaço pode ter sobreposição de escalas geográficas.

A paisagem é a face visível do espaço geográfico, embora também possa ser apreendida por outros sentidos, além da visão. Podemos falar em paisagem natural e paisagem cultural. A natureza é o substrato sobre o qual a sociedade constrói a si mesma e, conseqüentemente, o seu espaço geográfico. Se observarmos a paisagem cultural, isto é, os objetos construídos pelo trabalho humano na superfície da Terra, perceberemos que eles foram feitos a partir da natureza e sobre ela. São, portanto, uma segunda natureza. A primeira natureza é fruto de processos geológicos, climáticos, hidrológicos, etc., sem interferência humana; a segunda natureza é cultural, fruto do trabalho humano.

Como destacamos anteriormente, para compreender o mundo sob a perspectiva da Geografia, é fundamental dominar seus conceitos principais, mas eles não bastam. Para tanto, é necessário operacionalizar outros conceitos, muitos dos quais tomados de empréstimo de outras disciplinas. Os próprios conceitos de **sociedade** e de **cultura**, imprescindíveis para a análise geográfica, são originários da Sociologia e da Antropologia. Ainda não podemos esquecer do conceito de tempo, que também é adotado pela área de História e que é imprescindível para a análise geográfica e o desenvolvimento do pensamento espacial. Como aponta a BNCC: “O conceito de espaço é inseparável do conceito de tempo e ambos precisam ser pensados articuladamente como um processo.” (BRASIL, 2017, p. 359). Assim como não é possível compreender as paisagens cultu-

rais do espaço geográfico sem inseri-las no tempo biológico e histórico, também não é possível compreender as paisagens naturais, ou mesmo os elementos naturais das paisagens culturais, sem contextualizá-las no tempo geológico. O grande desafio da Geografia é articular tempo – biológico, histórico e geológico – e espaço na análise dos processos naturais e sociais, que acontecem de forma interativa no planeta, como provam os desequilíbrios socioambientais.

Na busca por compreender o mundo sob a perspectiva da Geografia, a BNCC organizou o temário do componente curricular em cinco unidades temáticas que se repetem em todos os nove anos do Ensino Fundamental, sintetizadas a seguir:

- **O sujeito e seu lugar no mundo:** explora a relação do sujeito com o lugar de vivência e trabalha com as categorias pertencimento e identidade;
- **Conexões e escalas:** explora a articulação de variados recortes do espaço geográfico e de diferentes escalas de análise;
- **Mundo do trabalho:** trata das diferentes técnicas e atividades produtivas desenvolvidas pela humanidade em diferentes contextos históricos e escalas;
- **Formas de representação e pensamento espacial:** aborda a leitura e a elaboração de mapas, plantas, gráficos e outros produtos cartográficos para instrumentalizar o raciocínio geográfico;
- **Natureza, ambientes e qualidade de vida:** articula a Geografia física e a Geografia humana na análise dos processos físico-naturais do planeta e socioambientais.

Em cada um dos nove anos essas unidades temáticas são divididas em diferentes objetos de conhecimento (“o saber”), que por sua vez são subdivididos em habilidades (“o saber fazer”). O desenvolvimento de competências se realiza quando os estudantes conseguem unir “o saber” e o “saber fazer” indicados para o ano que estão cursando, permitindo assim que expliquem o mundo da perspectiva da Geografia e resolvam problemas socioespaciais e ambientais em seu cotidiano.

Em articulação com as competências gerais da BNCC e com as competências específicas da área de Ciências Humanas, a Geografia deve assegurar aos alunos o desenvolvimento de sete competências específicas desse componente curricular. Assim, a exploração dos objetos de conhecimento e das habilidades de cada ano do Ensino Fundamental deve assegurar o desenvolvimento das competências a seguir:

Competências específicas de Geografia para o Ensino Fundamental

1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.

2. Estabelecer conexões entre diferentes temas do conhecimento geográfico, reconhecendo a importância dos objetos técnicos para a compreensão das formas como os seres humanos fazem uso dos recursos da natureza ao longo da história.
3. Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.
4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.
5. Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.
6. Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.
7. Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, propondo ações sobre as questões socioambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017. p. 364.

O uso do livro didático em sala de aula

O livro didático é um material de apoio muito importante para o desenvolvimento do trabalho docente. Sem ele, o professor ficaria ainda mais sobrecarregado em seu cotidiano, pois, além de preparar suas aulas, teria de organizar todo o material de apoio. Após a homologação da BNCC, o livro didático deverá cumprir importante papel de apoio ao professor, sobretudo ao longo do processo de implantação do novo currículo em todas as escolas de norte a sul do Brasil.

Tendo em vista isso, planejamos esta coleção de livros didáticos com o objetivo de contemplar as competências gerais e específicas, tanto as da área de Ciências Humanas quanto as do componente curricular de Geografia, todos os objetos de conhecimento da disciplina e todas as suas habilidades para cada um dos quatro anos do Ensino Fundamental – Anos Finais.

Neste Manual do Professor, constam todas as orientações necessárias para o uso mais adequado e produtivo desta coleção em sala de aula, tendo em vista as novas demandas trazidas

pela BNCC. O Manual Digital ainda acrescentará muitas sugestões que podem auxiliar o professor em seu trabalho docente.

Para dar suporte ao trabalho do professor adotante desta coleção, serão oferecidas no referido Manual Digital:

- planos de desenvolvimento bimestrais com orientações para a gestão da sala de aula e sugestões alinhadas à proposta metodológica da coleção;
- propostas de projetos integradores para o trabalho com os diferentes componentes curriculares;
- sequências didáticas com atividades complementares para ampliação do trabalho em sala de aula;
- propostas de planejamento de aula e de avaliação;
- propostas de acompanhamento da aprendizagem que ajudam a verificar se os alunos apresentam domínio em relação às habilidades previstas para o bimestre;
- material audiovisual, que complementa o conteúdo do livro impresso;
- sugestões de fontes de pesquisa para consulta do professor ou estudo dos alunos.

Proposta teórico-metodológica

Objetivos gerais

Sabemos, por experiência própria, afinal todo professor um dia foi aluno, que muito do conhecimento escolar cai no esquecimento em pouco tempo. Isso se deve ao fato de que em grande parte o conhecimento escolar é “aprendido” de forma mecânica e descontextualizada, calcado apenas na memorização. Também grande parte do conhecimento significativo é esquecido com o passar do tempo, porém sua retenção, além de mais duradoura, interage com a estrutura cognitiva de cada aluno, modificando-a e ampliando sua capacidade de ancoragem e, portanto, aumentando as possibilidades de novas relações, de novas aprendizagens.

Ainda assim, um dos grandes desafios enfrentados por professores de todos os componentes curriculares é garantir uma aprendizagem significativa, contextualizada. Pensando nisso, planejamos trabalhar os conteúdos desta coleção inspirados na teoria do psicólogo e educador estadunidense David Ausubel (1918-2008). Dizemos “inspirados” porque utilizamos alguns dos aspectos principais de sua teoria, embora dentro de uma estrutura de distribuição de conteúdos elencada na Base Nacional Comum Curricular para os Anos Finais do Ensino Fundamental. Acreditamos que essa teoria tem muito a contribuir na educação escolar, que ainda é fortemente baseada na aprendizagem por recepção.

No 7º ano utilizamos a divisão regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que é a base territorial

de divulgação dos dados estatísticos oficiais pelo IBGE para análise do território e, nos volumes do 8º e 9º anos, utilizamos a abordagem por continentes, conforme constam nas habilidades da BNCC para 8º e 9º anos.

Um dos aspectos mais importantes da aprendizagem significativa é o fato de que ela considera que o estudante já sabe sobre o assunto que será estudado. Quanto mais clara e organizada for sua estrutura cognitiva, mais possibilidades ele tem de relacionar novos conhecimentos com o que já sabe e assim ampliar sua capacidade de cognição e a retenção significativa de novos aprendizados. Daí a importância de levantar o conhecimento prévio dos alunos antes de introduzir um novo conteúdo e ter uma noção aproximada de como está organizada a estrutura cognitiva deles.

Nesta questão, Ausubel (2003) dá uma importante contribuição quando propõe o uso de organizadores prévios, como: utilizar uma afirmação ou pergunta, um parágrafo descritivo, um trecho de filme ou um vídeo, uma charge, tirinha ou história em quadrinhos, uma pintura ou gravura, a descrição de uma paisagem observada *in loco* ou em uma fotografia, entre outras possibilidades. Com eles, é possível organizar minimamente a estrutura cognitiva dos estudantes para que consigam apreender novos conhecimentos de forma significativa.

Quanto mais claros, mais diferenciados e menos ambíguos forem os conceitos na estrutura cognitiva do estudante, maior será sua capacidade de ancoragem de novos conceitos, ideias ou conhecimentos. Neste ponto, também levamos em consideração alguns aspectos da teoria sociointeracionista do psicólogo e educador russo Lev Vigotski (1896-1934), como a questão do desenvolvimento dos conceitos científicos na infância.

Todo conceito é expresso por uma palavra e é um ato de generalização, de atribuição de sentido. Daí a importância dada por Vigotski (1998a) à relação entre pensamento e linguagem. Como ele afirma, não é possível ensinar conceitos científicos aos alunos na primeira vez que lhes são apresentados. É preciso que eles construam gradativamente, por sucessivas aproximações, o significado dos conceitos aprendidos. É a necessidade de uso que vai criar as condições de aprendizado; portanto, cabe ao professor elaborar situações para que os alunos utilizem os conceitos científicos aprendidos no âmbito de seu componente curricular. E o ponto de partida para esse processo de aprendizado escolar são os conceitos cotidianos trazidos pelos estudantes.

Na introdução de cada unidade apresentaremos um pequeno texto acompanhado de imagem que, esperamos, possam cumprir o papel de organizador prévio ou avançado do conteúdo a ser ensinado. Essa introdução muitas vezes ser-

ve também para levantar algumas questões para instigar a curiosidade do aluno e despertar seu interesse pelo tema a ser desenvolvido. Além disso, no Manual em formato U, também oferecemos sugestões de como levantar o conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto a ser tratado e despertar-lhes o interesse pelo novo conhecimento.

Entretanto, como despertar o interesse dos estudantes diante de tantas e tão interessantes tecnologias de informação e comunicação a lhes roubar a atenção? Como o professor pode despertar o interesse de seus alunos após deixar de ser o detentor de muitos dos conhecimentos a serem desenvolvidos em sala de aula? Como afirmamos na introdução, as tecnologias da informação e comunicação devem ser aliadas no processo de ensino-aprendizagem e, por isso, é importante que o professor crie situações para o uso dessas tecnologias. Neste Manual ofereceremos sugestões para auxiliá-lo nesse trabalho.

É fundamental também que o professor proponha atividades que estimulem a interação entre os estudantes e destes com a comunidade em que vivem para que reconheçam e valorizem a diversidade socioespacial e cultural existente nela. Em Geografia, a atividade por excelência indicada para isso é o estudo do meio, sobre o qual discorreremos com mais profundidade no item *Sugestões para o professor*.

Acreditamos que, como educadores, nosso grande desafio na atual era informacional é despertar o interesse dos educandos e estimular sua curiosidade para que possam aprender novos conhecimentos. Isso pode ser feito tanto trazendo o mundo para a sala de aula por meio do livro didático e das tecnologias de informação e comunicação quanto levando os alunos para fora da escola por meio de atividades extraclasse, como realizando o estudo do meio.

Como podemos observar, as crianças entram na escola cheias de curiosidade; com o passar do tempo, muitas delas se tornam apáticas, sobretudo na pré-adolescência, quando chegam aos anos finais do Ensino Fundamental. Para evitar isso, temos de trabalhar para alimentar essa curiosidade e manter esse interesse. Se conseguirmos isso, já será meio caminho andado para o estabelecimento de uma relação de ensino-aprendizagem bem-sucedida e para a construção de conhecimentos significativos, pessoal e socialmente relevantes. Com isso, em resposta às demandas do complexo e dinâmico mundo de hoje e em consonância com o artigo 205 da Constituição e o artigo 2º da LDB, principais marcos legais a embasar a BNCC, contribuiremos para que cada educando possa compreender melhor o mundo em que vive e nele atuar como cidadão consciente e trabalhador qualificado, assegurando, assim, a formação humana integral, como propõe a BNCC.

O trabalho com a linguagem cartográfica

O trabalho com a linguagem cartográfica é fundamental para a aprendizagem significativa em Geografia, porque a disciplina trabalha com temas da realidade socioespacial e ambiental. Isto é, seus assuntos de interesse são passíveis de serem registrados em mapas, plantas e cartogramas. Assim, torna-se imperativo que os estudantes dominem a linguagem cartográfica. Esse processo começou com a alfabetização cartográfica nos anos iniciais do Ensino Fundamental e tem continuação nos anos finais, momento em que os alunos têm uma estrutura cognitiva mais organizada.

Neste ciclo, já dominando os signos básicos da Cartografia, os alunos terão a oportunidade de utilizar mapas temáticos do Brasil, das regiões e do mundo e, eventualmente, também de elaborá-los. É importante que os alunos, além de ler croquis, mapas e anamorfoses geográficas, aprendam a produzi-los.

Com o avanço no domínio da Matemática, terão também a possibilidade de utilizar as escalas gráficas e numéricas para medir distâncias em mapas e plantas, assim como de elaborar maquetes, blocos-diagramas e perfis topográficos. Poderão também elaborar e interpretar variados tipos de gráficos (colunas, barras e setores) para representar dados estatísticos sobre a realidade socioeconômica do Brasil, das regiões e do mundo.

Os mapas que aparecem ao longo dos livros da coleção sempre serão passíveis de serem explorados, não se limitando à reprodução como mera ilustração, o mesmo ocorrendo com os gráficos. Sempre que julgamos pertinente propomos perguntas para o aluno explorar o mapa (ou o gráfico) e refletir criticamente sobre o fenômeno representado. Além disso, ao final de cada unidade nos quatro livros a seção *Lendo* trabalha a leitura e a interpretação de mapas, bem como sua produção, permitindo que possam ser mais bem explorados pelo aluno. Nessa seção também será proposta a leitura e a interpretação de gráficos, assim como de textos de terceiros, tirinhas e charges.

Possibilidades de avaliação

A avaliação é um elemento privilegiado do processo de ensino-aprendizagem. Ela deve estar presente em todas as etapas do aprendizado, de forma que os alunos e o professor percebam em que grau estão envolvidos no processo e como acompanham sua dinâmica. Assim como é um elemento fundamental para que o estudante perceba como está desenvolvendo seu processo de aprendizagem, também o é para que o professor possa avaliar como seu processo de ensino está sendo desenvolvido.

A avaliação deve ser estruturada como parte integrante do processo pedagógico e educacional. Assim, a avaliação não deve se limitar a um instrumento de quantificação aplicado no final do processo de ensino-aprendizagem, mas constituir um recurso para acompanhar seu desenvolvimento. Até porque, como vimos na proposta teórico-metodológica, dependendo da forma como a aula é encaminhada, a avaliação pode apenas medir o conhecimento mecânico, que em pouco tempo poderá ser esquecido.

Com base na avaliação devem ser revistas e, se necessário, refeitas, também a programação e a abordagem do curso com as turmas, conforme as dificuldades, o desinteresse ou, ao contrário, a motivação da turma para ir além do que foi planejado.

Ao fazer da avaliação um instrumento permanente e abrangente, torna-se necessário iniciar esse processo antes mesmo da introdução de novos conteúdos. Ao avaliar os conhecimentos prévios que os alunos têm sobre determinado tema e sobre os conceitos cotidianos, o professor poderá adaptar sua prática didática àquilo que for mais adequado à turma.

A avaliação permite perceber o impacto da situação de ensino-aprendizagem nos estudantes. A constatação de que um aluno não apreendeu todo o conteúdo proposto não deve anular o fato de que muitas vezes ele avançou consideravelmente em relação ao ponto em que se encontrava. Isso deve ser levado em consideração.

Na proposta de avaliação permanente deve-se levar em consideração se os estudantes apreenderam os objetos de conhecimento e desenvolveram as habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular.

A avaliação da dimensão conceitual (“o saber”) permite que se identifique o desempenho dos alunos quanto ao domínio e à utilização dos objetos de conhecimento geográfico: conceitos científicos do componente curricular, categorias de análise, ideias, informações, dados, etc. Isso pode ser operacionalizado com a produção e a interpretação de textos, a realização de pesquisas, de debates e também com a aplicação de provas mensais e bimestrais. Neste ponto, é importante partir dos conceitos cotidianos dos alunos, que, como vimos na proposta teórico-metodológica, servem de ancoragem para a introdução dos conceitos científicos da Geografia.

É importante que esse critério seja utilizado de forma a valorizar a aprendizagem significativa, e não a simples memorização, a aprendizagem mecânica. Esse é um momento privilegiado para a verificação de como está ocorrendo a relação ensino-aprendizagem.

Quanto aos procedimentos (“o saber fazer”), trata-se de verificar se os alunos estão desenvolvendo a capacidade de

observação, descrição, registro, representação, interpretação, análise e explicação, para compreender e utilizar de forma adequada os procedimentos da disciplina – observação, descrição e comparação de paisagens; produção, leitura e interpretação de textos; elaboração e utilização de mapas, plantas, cartogramas e gráficos; análise e interpretação de imagens, como fotografias, ilustrações, quadrinhos e fotos aéreas; análise de fatos e de dados para a elaboração de explicações; elaboração de classificações e regionalizações –, desenvolvendo um método de interpretação da realidade socioespacial. É importante destacar que os procedimentos, competências e habilidades devem estar em sintonia com os princípios do raciocínio geográfico: analogia, extensão, conexão, diferenciação, distribuição, localização e ordem.

Na avaliação das atitudes e valores, trata-se de considerar como o grupo de estudantes se situa diante da compreensão mais aprofundada da realidade que os cerca para, em seguida, desenvolver uma postura solidária, participativa e crítica. Acreditamos que a atenção a essa dimensão seja fundamental para que a relação ensino-aprendizagem possa acontecer em um clima de respeito pelo próprio trabalho e pelo trabalho dos outros; assim, reforça-se a necessidade de uma postura responsável, ética e favorável ao diálogo nas relações sociais.

É interessante que os itens da avaliação sejam explicitados com clareza e discutidos previamente com a classe para que todos se comprometam com os objetivos traçados. Trata-se da realização de um primeiro acordo entre professor e alunos, livremente discutido, baseado na transparência e na clara definição de metas e propostas. Esse é um momento fundamental para que a relação ensino-aprendizagem possa se desenvolver.

Os alunos têm o direito de saber o que será esperado deles, como serão avaliados, com que frequência, em quais momentos, por quais critérios, etc., para que possam se engajar em seus deveres e desenvolver a autonomia, devendo participar da elaboração desses critérios. Podem, caso assim seja decidido, elaborar uma ficha de autoavaliação que, depois de preenchida, seja comparada com a avaliação do professor. Essa atividade pode servir de estímulo para que os alunos melhorem seu desempenho, desenvolvam seu senso crítico

e se sintam cada vez mais participantes e responsáveis por sua própria formação e pelo que acontece em sala de aula.

Em caso de provas mensais ou bimestrais, é importante que não se limitem a verificar a memorização de informações e dados, mas se interessem em aprimorar a capacidade de observação, descrição, comparação e interpretação dos recursos e ferramentas fornecidos, o que pressupõe tanto o domínio das informações quanto a habilidade de manipulá-las e de criticá-las para produzir conhecimentos.

Acreditamos que a prática da avaliação ao longo de todo o processo de aprendizagem possa permitir o encaminhamento dos alunos com dificuldades para um acompanhamento permanente, logo que se constate a defasagem, ou alterar a abordagem escolhida no início, caso se mostre ineficaz ou desinteressante. Acreditamos que não haja necessidade de esperar o fim do bimestre, do semestre e menos ainda do ano letivo para encaminhar esses alunos a atividades de recuperação, como consta da LDB 9394 (BRASIL, 1996, art. 24, item 5).

Essa prática, além de ser mais produtiva do ponto de vista da relação ensino-aprendizagem, retira dos alunos a pressão psicológica de ter de “tirar nota para passar de ano” e de muitas vezes “aprender” de forma mecânica apenas para “ir bem” na prova. A aprendizagem significativa implica, antes de tudo, uma postura favorável a ela, e as provas, dependendo de como são elaboradas, podem representar um estímulo à aprendizagem mecânica.

Não acreditamos que a prova seja um mal em si, até porque, na vida adulta, os alunos vão se deparar em vários momentos com a necessidade de fazer provas: vestibulares, testes para admissão para um emprego, concursos públicos, etc. Porém, as questões podem ser elaboradas com criatividade para cobrar objetos de conhecimento e habilidades que estimulem a aprendizagem significativa dos estudantes, ou seja, sem que se limitem à mera reprodução do que consta no Livro do Estudante ou à verificação de capacidade mnemônica.

Assim, quanto à nota, na avaliação permanente, ela deve ser apenas a quantificação da aprendizagem em determinado momento desse processo e um instrumento que pode indicar a necessidade de acompanhamento individual – e não uma punição ao final do ano, com a repetência.



Orientações gerais

Na elaboração desta coleção procuramos criar um projeto gráfico renovado e dinâmico, tornando arejados e leves os livros que a compõem. Buscamos integrar textos e imagens de forma equilibrada, estabelecer uma hierarquia de fácil identificação e

criar seções bem contextualizadas. Esperamos ter construído um conjunto harmonioso e agradável, pois almejamos despertar o interesse dos alunos para a leitura dos livros e contribuir para o aprendizado significativo dos temas tratados em cada um deles.

Tradicionalmente, quase sempre as imagens vinham a reboque do texto, apenas como ilustrações. Nesta coleção buscamos superar essa lógica propondo, sempre que possível, que elas sejam exploradas e problematizadas pelos alunos. Para isso, procuramos valorizar fotografias, mapas, infográficos, ilustrações, cartogramas, etc., diversificando a forma de sua apresentação. Isso está em linha com a sociedade imagética em que vivemos e com os interesses dos jovens estudantes, que nasceram e cresceram nela.

Sugerimos que durante o desenvolvimento dos temas o professor peça aos alunos que explorem as imagens e, assim, extraíam o máximo de informações e de conhecimentos que elas trazem do espaço geográfico.

Procuramos dosar a quantidade de atividades propostas no livro, de forma que possam ser trabalhadas em sala de aula, sem sobrecarregar o trabalho docente, mas cabe ao professor selecionar as que serão desenvolvidas em sala de aula e as que serão encaminhadas para realização extraclasse. Sabemos que as realidades dos diversos lugares do Brasil são distintas, por isso utilizamos o recurso de sugerir atividades complementares neste Manual para que o professor tenha a opção de aplicá-las ou não, adequando seu trabalho docente à realidade de sua turma/escola.

Estrutura da obra

A seguir, apresentamos uma síntese das características e propostas das seções e dos boxes presentes nos livros da coleção.

Abertura das Unidades

Em página dupla, as aberturas de unidade apresentam imagens pensadas tanto para despertar o interesse dos alunos para o tema a ser estudado como para problematizar certos aspectos do que será abordado. Esta seção também constitui um espaço para explorar os conhecimentos prévios dos alunos, o que pode ser feito por meio da análise das imagens e também com o auxílio do texto, que apresenta uma pergunta disparadora sobre algum tema abordado na unidade.

Vamos tratar de

Esta seção apresenta os principais temas desenvolvidos no capítulo em forma de itens.

Trocando ideias

Esta seção convida os alunos a refletir e debater, em duplas ou em grupos, sobre temas desenvolvidos ao longo do capítulo, exercitando as competências de argumentação, comunicação, empatia e cooperação, além de responsabilidade e cidadania, tópicos presentes na Base Nacional Comum Curricular. É a oportunidade de os alunos trabalharem em grupo

e exercitarem o diálogo, defendendo pontos de vista, mas respeitando a pluralidade de ideias e opiniões.

Vamos pesquisar

Esta seção convida os alunos a pesquisar, em livros e na mídia – jornais, revistas e na internet –, em órgãos governamentais, em empresas e no lugar em que vivem (estudo do meio) um aspecto do tema que está sendo estudado para aprofundar seus conhecimentos. Esta seção, portanto, foi organizada com o objetivo de mobilizar as competências de conhecimento, pensamento científico, crítico e criativo, repertório cultural, comunicação e cultura digital da Base Nacional Comum Curricular.

Diante da dificuldade prática de realizar atividades de pesquisa, especialmente as que exigem saídas da escola, esta seção tem uma ocorrência menor que as outras ao longo dos capítulos da coleção. Entretanto, há sugestões de pesquisas, assim como de outras atividades, muitas delas práticas, neste Manual, ficando a critério do professor sua aplicação.

Para conhecer mais

Nesta seção são apresentados textos de outros autores com o objetivo de mostrar pontos de vista diversos e informações novas que contribuam para aprofundar o tema abordado. Esta seção também oferece a possibilidade de explorar a interdisciplinaridade e a integração, os temas contemporâneos ou determinadas competências da Base Nacional Comum Curricular, por vezes com o auxílio de imagem e de uma pergunta para trabalhar o assunto.

Na estante/na tela/na rede

Nesta seção há sugestões de livros, filmes e sites com o intuito de aprofundar e enriquecer os temas trabalhados. No caso da internet, como ela é um meio de comunicação muito dinâmico, é aconselhável sempre checar os endereços eletrônicos antes de utilizá-los com os alunos. Procuramos indicar sites estáveis de instituições nacionais e internacionais com credibilidade, mas só podemos nos responsabilizar pelas informações prestadas até a data de acesso indicada junto ao endereço eletrônico.

Glossário

O glossário aparece na margem da página próximo à primeira ocorrência da palavra ou do conceito que pode ser desconhecido dos alunos e cuja compreensão é fundamental para a leitura e interpretação do texto.

O que é?

No box *O que é?* são apresentados os significados de termos técnicos, conceitos ou ideias importantes para o enten-

dimento do tema tratado em um grau de profundidade maior que no glossário.

Consolidando conhecimentos

Localizada ao final de cada capítulo, esta seção tem o propósito de ajudar os alunos a consolidar os conhecimentos mobilizados por meio de atividades que exigem análise, comparação, argumentação, senso crítico, entre outras competências. Nesta seção também são encontradas atividades que permitem verificar mais pontualmente em que medida os alunos compreenderam o conteúdo de cada capítulo.

Explorando a imagem/o gráfico/o mapa/a tabela/o infográfico

Este box traz perguntas sobre imagens, gráficos, mapas, tabelas e infográficos para guiar a leitura que os alunos podem fazer desses elementos. Desse modo, por meio de direcionamentos pontuais, espera-se que eles tenham cada vez mais autonomia para interpretar e analisar diferentes informações.

Infográficos

Nos infográficos há representações de determinados fenômenos da realidade socioespacial, com uma produção estética atraente e múltiplas linguagens, como fotografias, ilustrações, mapas, gráficos, quadros e tabelas.

Lendo

Esta seção, assim como os infográficos, é composta de uma dupla de páginas. Nelas, há um texto introdutório acompanhado de um ou mais objetos de leitura – mapas, gráficos, textos, tabelas, fotos, obras de arte, notícias, tirinhas, charges. Em seguida, são apresentadas atividades de compreensão, análise e interpretação do que foi lido. A seção também permite ampliar o trabalho de leitura, ao propor aos alunos que elaborem textos, cartazes, exposições, entre outras possibilidades.

Assim, a seção explora a habilidade de leitura e interpretação de textos e imagens de diferentes gêneros, permitindo o desenvolvimento de atividades interdisciplinares e integradoras. Por vezes, ela pode ampliar ou aprofundar o trabalho com alguma habilidade que foi tratada ao longo da unidade.

A leitura é fundamental para compreender o mundo sob a perspectiva de qualquer componente curricular. No caso da Geografia, serão exercitadas nesta seção diversas possibilidades de leitura – textos, mapas, fotografias, gráficos, tabelas, quadros e charges – ao final de cada unidade.

Quadros de conteúdos da coleção

Conheça, a seguir, a distribuição dos conteúdos ao longo da coleção.

Volume 6	
	Capítulo
UNIDADE 1 – ALGUNS CONCEITOS DA GEOGRAFIA	1. Paisagem e espaço geográfico
	2. A dinâmica do lugar onde vivemos
UNIDADE 2 – MUDANÇAS NO ESPAÇO AO LONGO DA HISTÓRIA	3. A produção industrial transforma a paisagem e o espaço
	4. A produção agrícola
	5. O comércio e os serviços ao longo da história
UNIDADE 3 – REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS E LOCALIZAÇÃO	6. Mapas e plantas
	7. Escala cartográfica e coordenadas geográficas
UNIDADE 4 – A SUPERFÍCIE DO PLANETA TERRA	8. As formas da Terra
	9. Os solos e as águas subterrâneas
UNIDADE 5 – O CLIMA E O TEMPO EM NOSSO DIA A DIA	10. A dinâmica climática
	11. Os climas do mundo
	12. Mudanças climáticas
UNIDADE 6 – A DISTRIBUIÇÃO DA ÁGUA NO PLANETA TERRA	13. Como se formam os rios e as bacias hidrográficas
	14. O nível das águas dos rios
UNIDADE 7 – OS BIOMAS E SUA IMPORTÂNCIA PARA A VIDA NA TERRA	15. As principais florestas do mundo
	16. As formações vegetais arbustivas e rasteiras

UNIDADE 8 – BRASIL: PRINCIPAIS ASPECTOS FÍSICOS	17. Relevo e hidrografia
	18. Climas e biomas

Volume 7	
	Capítulo
UNIDADE 1 – BRASIL: TERRITÓRIO E DIVISÃO POLÍTICA	1. Brasil: o território e sua organização política
	2. Os municípios e as regiões metropolitanas
	3. Região e divisão regional
UNIDADE 2 – A POPULAÇÃO BRASILEIRA	4. A formação e a diversidade da população brasileira
	5. Indicadores da população brasileira
UNIDADE 3 – INDÚSTRIA E AGRICULTURA NO BRASIL	6. A indústria e o espaço geográfico
	7. A produção agropecuária
UNIDADE 4 – REGIÃO NORDESTE	8. Ocupação histórica e distribuição atual da população
	9. Natureza e sociedade na região Nordeste
	10. As atividades econômicas da região Nordeste
UNIDADE 5 – REGIÃO SUDESTE	11. Ocupação da região Sudeste
	12. Aspectos físicos da região Sudeste
	13. Industrialização e agropecuária na região Sudeste
UNIDADE 6 – REGIÃO SUL	14. Colonização e população da região Sul
	15. Aspectos físicos da região Sul
	16. Atividades econômicas da região Sul

UNIDADE 7 – REGIÃO NORTE	17. Aspectos físicos da região Norte
	18. Economia e população da região Norte
UNIDADE 8 – REGIÃO CENTRO-OESTE	19. Aspectos físicos da região Centro-Oeste
	20. A economia e a população da região Centro-Oeste

Volume 8	
	Capítulo
UNIDADE 1 – GEOGRAFIA ECONÔMICA E POLÍTICA MUNDIAL	1. Desenvolvimento do capitalismo
	2. Estados nacionais na ordem mundial
UNIDADE 2 – GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO MUNDIAL	3. Distribuição e diversidade da população mundial
	4. Movimento de pessoas pelo mundo
UNIDADE 3 – DESENVOLVIMENTO HUMANO E REGIONALIZAÇÃO	5. Desenvolvimento humano
	6. Regionalização do espaço mundial
UNIDADE 4 – ÁFRICA	7. África: aspectos físicos e ambientais
	8. África: sociedade e conflitos
	9. África: economia
UNIDADE 5 – AMÉRICA DO SUL	10. América do Sul: aspectos físicos e ambientais
	11. América do Sul: população e diversidade cultural
	12. América do Sul: economia

UNIDADE 6 – AMÉRICA CENTRAL	13. Aspectos físicos, socioambientais e econômicos
	14. História e população centro-americana
	15. Economia da América Central
UNIDADE 7 – AMÉRICA DO NORTE	16. América do Norte: aspectos físicos e ambientais
	17. América do Norte: população e diversidade cultural
	18. América do Norte: economia
UNIDADE 8 – ANTÁRTICA	19. Antártica: aspectos físicos e impactos ambientais
	20. Ocupação da Antártica

UNIDADE 6 – EUROPA	13. Aspectos físicos socioambientais da Europa
	14. População e imigração na Europa
	15. A economia dos países europeus
UNIDADE 7 – ÁSIA	16. Os aspectos físicos e socioambientais da Ásia
	17. População na Ásia
	18. Economia dos países asiáticos
UNIDADE 8 – OCEANIA	19. Aspectos físicos e ambientais da Oceania
	20. Sociedade e economia da Oceania

Manual do Professor em “formato U”

O Manual do Professor em “formato U” entra nas laterais e abaixo das páginas que reproduzem, de forma reduzida, o Livro do Estudante usado pelos alunos. Com o objetivo de facilitar o trabalho cotidiano do professor, ele apresenta diversas propostas que enriquecem a abordagem do assunto que está sendo estudado na página correspondente e indica as competências e habilidades contempladas.

Essas propostas são apresentadas conforme a seguinte organização, nos quatro volumes da coleção:

- Nas páginas de abertura das unidades, são indicados os objetivos da unidade, os temas que serão estudados e os conceitos desenvolvidos, além das Competências Gerais da BNCC e as específicas de Ciências Humanas e de Geografia a serem trabalhadas. Essas indicações constituem um facilitador para o professor estabelecer seu planejamento. As Competências serão retomadas ao longo do capítulo obedecendo ao seguinte padrão, conforme a área a que se referem e a sua numeração: Competência geral 1 da BNCC – **CG1**; Competência de Ciências Humanas 1 – **CCH1**; Competência de Geografia 1 – **CEGeo1**.
- A seguir, completa-se a abertura da unidade com sugestões de questionamentos ou atividades que levantem o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema abordado. Entretanto, o tema da maioria das unidades da coleção aborda vários assuntos, impossibilitando o levantamento prévio de todos eles em um texto introdutório de abertura, sendo os demais assuntos contemplados nas páginas em que se encontram ao longo dos capítulos.
- Após a página de abertura de unidade, inicia-se o capítulo. Há, no início, a indicação das habilidades contempladas nele,

Volume 9	
	Capítulo
UNIDADE 1 – GLOBALIZAÇÃO E REDES	1. Da ocidentalização do mundo à globalização
	2. Redes globais de investimento
	3. Redes globais de informação
UNIDADE 2 – PRODUÇÃO INDUSTRIAL NO MUNDO	4. Origem e desenvolvimento da indústria
	5. Indústria no mundo atual
UNIDADE 3 – AGROPECUÁRIA E COMÉRCIO INTERNACIONAL	6. Produção agropecuária no mundo
	7. Comércio internacional
UNIDADE 4 – PRODUÇÃO MUNDIAL DE ENERGIA	8. Produção de combustíveis fósseis
	9. Geração de energia elétrica
	10. Fontes renováveis de energia
UNIDADE 5 – MUNDO URBANO E CONECTADO	11. A urbanização do mundo
	12. Megacidades e cidades globais

além de sugestões de questionamento para o levantamento do conhecimento prévio sobre o tema abordado. Ao longo do capítulo estão distribuídos os seguintes conteúdos:

- relação das habilidades e o respectivo conteúdo em que são desenvolvidas;
- orientação sobre possíveis formas de abordagem dos conteúdos estudados, indicando assuntos a serem destacados e, quando pertinente, apresentando outros exemplos que enriqueçam o aprendizado;
- orientação de tratamento dos gráficos, tabelas, quadros, mapas e textos de outros autores, de forma a garantir que não fiquem “soltos” e levem os alunos a estabelecer conexões entre os conteúdos e informações;
- sugestões de trabalho complementar, individual ou em grupo, nas quais se busca ampliar as informações e conteúdos sobre o tema estudado;
- sugestões de trabalho interdisciplinar ou de integração com os demais componentes curriculares, que permite

aos alunos superar a compartimentação do ensino em disciplinas;

- sugestões de pesquisa buscando desenvolver a autonomia dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, levando-os a “saber fazer”;
- apresentação de textos de apoio ao professor ou indicação de textos que estão no MP comum. Neles são apresentadas análises de especialistas sobre os principais conceitos e temas, distribuídos por unidade;
- indicação de conteúdos do material digital correspondentes ao tema estudado, que possam ser utilizados conforme a pertinência;
- orientação de encaminhamento e respostas das perguntas apresentadas ao longo do texto, nas seções *Para conhecer mais* e *Trocando ideias*, e das atividades da seção *Consolidando conhecimentos*, ao final dos capítulos, e *Lendo*, ao final das unidades.

Orientações para o volume do 8º ano

Este tópico oferece os seguintes subsídios para o trabalho docente no 8º ano: quadro de conteúdos e habilidades, além de sugestões de estudo do meio e textos complementares para aprofundamento.

Conheça, no quadro abaixo, os assuntos abordados em cada capítulo deste volume.

Quadro de conteúdos	
Capítulo	Assuntos abordados
UNIDADE 1 – GEOGRAFIA ECONÔMICA E POLÍTICA MUNDIAL	1. Desenvolvimento do capitalismo <ul style="list-style-type: none"> • Etapas do sistema capitalista e suas características • Crescimento econômico capitalista e expansão das empresas • Multinacionais
	2. Estados nacionais na ordem mundial <ul style="list-style-type: none"> • Conceitos de geografia política • Fronteiras e limites • Organização das Nações Unidas • Ordem mundial contemporânea
UNIDADE 2 – GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO MUNDIAL	3. Distribuição e diversidade da população mundial <ul style="list-style-type: none"> • Divisão das terras emersas • Distribuição da população no mundo • Diversidade cultural do mundo
	4. Movimento de pessoas pelo mundo <ul style="list-style-type: none"> • Diferença entre turismo, migração e refúgio • Turismo internacional • Migrações internacionais • Refugiados

UNIDADE 3 – DESENVOLVIMENTO HUMANO E REGIONALIZAÇÃO	5. Desenvolvimento humano	<ul style="list-style-type: none"> • Indicadores de desenvolvimento do Banco Mundial e da ONU • Características dos países desenvolvidos e em desenvolvimento • Distribuição de renda
	6. Regionalização do espaço mundial	<ul style="list-style-type: none"> • Definição e critérios de regionalização do mundo • Regionalização da época da Guerra Fria • Regionalização da ONU • Regionalização do Banco Mundial • Regionalização da Organização Mundial do Comércio
UNIDADE 4 – ÁFRICA	7. África: aspectos físicos e ambientais	<ul style="list-style-type: none"> • Limites territoriais da África • Relevo, fenômenos tectônicos e hidrografia • Clima e vegetação
	8. África: sociedade e conflitos	<ul style="list-style-type: none"> • Densidade demográfica e urbanização • Problemas sociais • Conflitos armados • Atuação das elites africanas
	9. África: economia	<ul style="list-style-type: none"> • Agropecuária • Indústria, mineração e turismo • Investimentos estrangeiros
UNIDADE 5 – AMÉRICA DO SUL	10. América do Sul: aspectos físicos e ambientais	<ul style="list-style-type: none"> • Panorama do subcontinente • Relevo e hidrografia • Clima e vegetação
	11. América do Sul: população e diversidade cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Dispersão dos grupos humanos e povoamento da América • Colonização europeia • Composição étnica da população • Distribuição da população e urbanização • Indicadores sociais
	12. América do Sul: economia	<ul style="list-style-type: none"> • Produto Interno Bruto • Agropecuária, recursos minerais, indústria e turismo • Blocos econômicos regionais • Investimentos brasileiro e chinês
UNIDADE 6 – AMÉRICA CENTRAL	13. Aspectos físicos, socioambientais e econômicos	<ul style="list-style-type: none"> • Relevo, hidrografia, clima e vegetação da América Central
	14. História e população centro-americana	<ul style="list-style-type: none"> • Distribuição da população • Composição étnica • Indicadores sociais
	15. Economia da América Central	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades econômicas dos países centro-americanos • PIB e PIB <i>per capita</i> • A importância dos serviços • Blocos econômicos regionais
UNIDADE 7 – AMÉRICA DO NORTE	16. América do Norte: aspectos físicos e ambientais	<ul style="list-style-type: none"> • Panorama do subcontinente • Relevo e hidrografia • Clima e vegetação
	17. América do Norte: população e diversidade cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Distribuição da população • Principais cidades e aglomerações urbanas • Indicadores sociais • Composição étnica da população

UNIDADE 7 – AMÉRICA DO NORTE	18. América do Norte: economia	<ul style="list-style-type: none"> • Industrialização dos Estados Unidos • Nafta • Distribuição das atividades econômicas • PEA e setores da economia
UNIDADE 8 – ANTÁRTICA	19. Antártica: aspectos físicos e impactos ambientais	<ul style="list-style-type: none"> • Relevo, clima e vegetação • Impactos ambientais
	20. Ocupação da Antártica	<ul style="list-style-type: none"> • Ocupação humana: pesquisas e turismo

Conheça, no quadro abaixo, a distribuição das habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no 8º ano.

Quadro de habilidades da BNCC			
Unidades temáticas	Objetos de conhecimento	Habilidades	Capítulos em que são trabalhadas
O sujeito e seu lugar no mundo	Distribuição da população mundial e deslocamentos populacionais	(EF08GE01) Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.	3, 4 e 11
	Diversidade e dinâmica da população mundial e local	(EF08GE02) Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.	4
		(EF08GE03) Analisar aspectos representativos da dinâmica demográfica, considerando características da população (perfil etário, crescimento vegetativo e mobilidade espacial).	3, 4 e 5
		(EF08GE04) Compreender os fluxos de migração na América Latina (movimentos voluntários e forçados, assim como fatores e áreas de expulsão e atração) e as principais políticas migratórias da região.	12, 14 e 17
Conexões e escalas	Corporações e organismos internacionais e do Brasil na ordem econômica mundial	(EF08GE05) Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra.	2, 6, 7, 8, 18 e 20
		(EF08GE06) Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos.	2, 5, 6, 9 e 12
		(EF08GE07) Analisar os impactos geoeconômicos, geoestratégicos e geopolíticos da ascensão dos Estados Unidos da América no cenário internacional em sua posição de liderança global e na relação com a China e o Brasil.	2, 8 e 12
		(EF08GE08) Analisar a situação do Brasil e de outros países da América Latina e da África, assim como da potência estadunidense na ordem mundial do pós-guerra.	1, 2, 6, 8, 9 e 14
		(EF08GE09) Analisar os padrões econômicos mundiais de produção, distribuição e intercâmbio dos produtos agrícolas e industrializados, tendo como referência os Estados Unidos da América e os países denominados de Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).	2, 9 e 12

Conexões e escalas	Corporações e organismos internacionais e do Brasil na ordem econômica mundial	(EF08GE10) Distinguir e analisar conflitos e ações dos movimentos sociais brasileiros, no campo e na cidade, comparando com outros movimentos sociais existentes nos países latino-americanos.	11
		(EF08GE11) Analisar áreas de conflito e tensões nas regiões de fronteira do continente latino-americano e o papel de organismos internacionais e regionais de cooperação nesses cenários.	2, 17 e 18
		(EF08GE12) Compreender os objetivos e analisar a importância dos organismos de integração do território americano (Mercosul, OEA, OEI, Nafta, Unasul, Alba, Comunidade Andina, Aladi, entre outros).	12, 15 e 18
Mundo do trabalho	Os diferentes contextos e os meios técnico e tecnológico na produção	(EF08GE13) Analisar a influência do desenvolvimento científico e tecnológico na caracterização dos tipos de trabalho e na economia dos espaços urbanos e rurais da América e da África.	1, 7, 12 e 18
		(EF08GE14) Analisar os processos de desconcentração, descentralização e recentralização das atividades econômicas a partir do capital estadunidense e chinês em diferentes regiões no mundo, com destaque para o Brasil.	1
	Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial na América Latina	(EF08GE15) Analisar a importância dos principais recursos hídricos da América Latina (Aquífero Guarani, Bacias do rio da Prata, do Amazonas e do Orinoco, sistemas de nuvens na Amazônia e nos Andes, entre outros) e discutir os desafios relacionados à gestão e comercialização da água.	10
		(EF08GE16) Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho.	11
		(EF08GE17) Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos.	11 e 17
		(EF08GE18) Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América.	3, 4 e 5
Formas de representação e pensamento espacial	Cartografia: anamorfose, croquis e mapas temáticos da América e África	(EF08GE19) Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América.	1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17 e 18
		(EF08GE20) Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.	7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 17 e 18
Natureza, ambientes e qualidade de vida	Identidades e interculturalidades regionais: Estados Unidos da América, América espanhola e portuguesa e África	(EF08GE21) Analisar o papel ambiental e territorial da Antártica no contexto geopolítico, sua relevância para os países da América do Sul e seu valor como área destinada à pesquisa e à compreensão do ambiente global.	19 e 20

Natureza, ambientes e qualidade de vida	Diversidade ambiental e as transformações nas paisagens na América Latina	(EF08GE22) Identificar os principais recursos naturais dos países da América Latina, analisando seu uso para a produção de matéria-prima e energia e sua relevância para a cooperação entre os países do Mercosul.	10 e 12
		(EF08GE23) Identificar paisagens da América Latina e associá-las, por meio da cartografia, aos diferentes povos da região, com base em aspectos da geomorfologia, da biogeografia e da climatologia.	10, 13 e 15
		(EF08GE24) Analisar as principais características produtivas dos países latino-americanos (como exploração mineral na Venezuela; agricultura de alta especialização e exploração mineira no Chile; circuito da carne nos pampas argentinos e no Brasil; circuito da cana-de-açúcar em Cuba; polígono industrial do sudeste brasileiro e plantações de soja no centro-oeste; maquiladoras mexicanas, entre outros).	12, 15 e 18

A importância do estudo do meio

O estudo do meio é uma atividade muito importante no desenvolvimento do raciocínio geográfico dos alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais, pois:

- permite fazer a ligação entre a teoria (as aulas do professor e o livro didático) e a prática (o mundo, esse grande laboratório da Geografia);
- possibilita verificar *in loco* as relações entre os seres humanos vivendo em sociedade e desta com a natureza no processo de produção do espaço.

Além disso, como veremos, esse é um momento privilegiado para estudos interdisciplinares.

Mas como definir o estudo do meio?

Podemos encontrar uma possibilidade de definição no livro *Para ensinar e aprender Geografia*, de Nídia Nacib Pontuschka, Tomoko Iyda Paganelli e Núria Hanglei Cacete, profissionais com longa experiência em docência e pesquisa na área de Metodologia do Ensino de Geografia. Para elas, o estudo do meio é uma “metodologia de ensino interdisciplinar” que auxilia na compreensão do espaço geográfico na escala do lugar. Nesse tipo de atividade, alunos e professores têm a oportunidade de se envolver em um enriquecedor processo de pesquisa coletivo e interdisciplinar. As autoras lembram, no entanto, que o trabalho de campo, embora muito importante no processo, é só uma etapa do estudo do meio. Este não pode ser confundido com aquele, como é recorrente, pois começa antes da saída da escola, com a tomada de uma série de medidas preliminares, e se encerra no retorno à sala de aula. Neste momento, as informações e as vivências obtidas no campo são organizadas, discutidas e compreendidas, transformando-se em conhecimentos socioespaciais e ambientais, que, por fim,

devem ser correlacionados com os conteúdos curriculares das disciplinas envolvidas no estudo do meio.

Nesse livro, as autoras apontam alguns procedimentos a serem observados na realização de um estudo do meio que seja interessante e elucidativo. Como o texto não foi elaborado especificamente para o Ensino Fundamental – Anos Finais, algumas das sugestões não se adequam perfeitamente a esse ciclo. Cabe ao professor fazer os ajustes que julgar necessários na execução do estudo do meio com seus alunos.

Além das informações trazidas pelo texto para a realização do estudo do meio, vale lembrar que antes de sair com os alunos para o trabalho de campo é fundamental que a equipe de professores oriente claramente os alunos sobre suas responsabilidades e sobre eventuais riscos na realização dessa atividade extraclasse. É muito importante que eles sigam todas as orientações da equipe de professores e saibam o que podem e o que não podem fazer durante a saída. Respeitar os combinados é absolutamente essencial para não expor a si próprio nem aos colegas a nenhum tipo de risco.

Para uma fundamentação teórica sobre o estudo do meio, pode-se consultar as seguintes publicações:

- PONTUSCHKA, Nídia N.; PAGANELLI, Tomoko I.; CACETE, Núria H. Estudo do meio: momentos significativos de apreensão do real. In: *Para ensinar e aprender Geografia*. São Paulo: Cortez, 2007.
- LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. Estudo do meio: teoria e prática. *Geografia* (Londrina), v. 18, n. 2, 2009. Disponível em: <www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- DIAS, José Roberto G. *A formação de professores para o estudo do meio*. (Mestrado profissional em educação: formação de

formadores] – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/10255>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

A seguir, apresentamos sugestões de atividades de estudo do meio para o 8º ano. Nessas atividades, procuramos contemplar alguns pontos sugeridos na leitura do texto teórico, adequando-os às realidades dos alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais e procurando considerar os subsídios oferecidos às escolas e aos professores.

Sugestões de estudo do meio para o 8º ano

Sugestão 1

Esta atividade pode ser realizada durante o trabalho com a unidade 2 do Livro do Estudante.

Título

Turismo e circulação de pessoas ou
Circulação de informações

Objetivos

Para a realização desse estudo do meio sugerimos duas opções:

1. a visita a uma Secretaria de Turismo vinculada ao estado ou ao município;
2. a visita a uma empresa do ramo de telefonia, internet, TV a cabo ou aberta.

Na visitação à Secretaria de Turismo, esperamos que os alunos desenvolvam as seguintes habilidades e competências:

- estabelecer relação entre os avanços tecnológicos nos meios de transporte com os processos de globalização e o aumento da circulação das pessoas pelo mundo;
- identificar as mudanças no espaço geográfico do município ou do estado com o aumento do turismo na região;
- observar a receita gerada para o município ou estado com o aumento do turismo na região;
- perceber o tipo de turismo desenvolvido na região;
- identificar se o município ou o estado faz parte de alguma rota turística no mundo ou no país.

Caso a escolha seja a opção 2, ao visitar uma empresa ligada à circulação de informações, podem ser desenvolvidas as seguintes habilidades e competências:

- perceber os avanços tecnológicos da circulação de informações ao longo do tempo e no espaço;

- estabelecer relação entre os avanços tecnológicos e o mundo globalizado;
- observar a importância dos meios de comunicação para a sociedade;
- perceber as interferências da circulação de informações no espaço geográfico e a importância dos meios de comunicação no cotidiano das pessoas, das empresas e do mercado global;
- perceber que a circulação de informações transpõe as fronteiras geográficas;
- entender a importância da circulação de informação para o capitalismo;
- reconhecer os principais agentes que comandam a circulação de informações pelo mundo e a localização desses agentes.

Nesta atividade de estudo do meio, pode ser feito um trabalho interdisciplinar com Matemática, visto que na conclusão os alunos são instigados a construir gráficos, tabulando as informações obtidas durante a saída a campo.

Preparo para o trabalho

O estudo do meio deve estar contemplado no planejamento anual entregue à coordenação da unidade escolar no início do ano letivo, pois isso facilitará a saída com os alunos da escola.

Procure planejar o estudo do meio de modo que coincida com o desenvolvimento do trabalho na unidade 2 do Livro do Estudante. Assim, o processo de ensino-aprendizagem se tornará mais significativo.

Para o desenvolvimento desse trabalho é importante:

- estabelecer um cronograma com todas as etapas, indicando prazos e responsáveis;
- estabelecer contato com os dirigentes ou responsáveis pelo local a ser visitado, agendando horário e tempo de duração da visita e combinando previamente como será feita a apresentação do local pelo guia que vai mostrar o funcionamento do lugar;
- solicitar transporte para os alunos e autorização dos pais ou responsáveis devidamente assinada, que deverá ser entregue com antecedência;
- providenciar câmeras fotográficas (podem ser de celulares);
- verificar o tempo que os alunos permanecerão fora da escola para que seja providenciado o lanche;
- solicitar aos alunos que levem caderno, canetas e lápis para anotações;

- entregar para cada aluno uma planta ou um mapa de onde está localizado o lugar a ser visitado (pode ser retirado do Google Maps) para que eles possam observar e mapear o caminho percorrido da unidade escolar até o destino.

Preparando os alunos

Promover a sensibilização e a motivação certamente vai despertar nos alunos o interesse para o desenvolvimento do trabalho.

Comece preparando-os com algumas semanas de antecedência. Explique as etapas a serem desenvolvidas, forneça informações sobre o lugar que irão visitar, estabeleça as diretrizes e a função de cada um dentro desse processo. Essas etapas são importantes para que o trabalho de campo não se torne um passeio turístico sem objetivos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem.

Peça aos alunos que formulem perguntas sobre o que eles acham interessante conhecer sobre o local, sobre os funcionários que ali trabalham, sobre os serviços prestados e o público que atendem. Oriente-os a valorizar todos os serviços; os consumidores; o tipo de serviço fornecido pela empresa, etc.

Peça aos alunos que observem ou investiguem se a empresa faz parte de algum conglomerado ou se existe algum tipo de parceria com empresas que atuam em outros setores da atividade econômica.

Oriente-os a elaborar uma ficha para anotações que será usada durante a visita.

Estabeleça com eles alguns combinados para que a visita ocorra sem incidentes. Por exemplo: respeitar os horários de chegada e de partida; respeitar os horários programados para utilização dos banheiros; não jogar pedaços de papel ou embalagens no chão; não se dispersar pelo local visitado, mantendo-se juntos para evitar transtornos ou situações que interfiram na rotina dos profissionais que trabalham no local; e outros combinados que julgar importantes.

Organize a turma em grupos e determine quais alunos ficarão responsáveis pelo registro das imagens.

Execução

Caso a visita seja à Secretaria de Turismo, para o trabalho com a circulação de pessoas, realize os procedimentos a seguir.

Peça ao representante da Secretaria de Turismo que escolha um local apropriado para realizar uma roda de conversa com os alunos, em que eles poderão fazer perguntas e conhecer mais sobre o trabalho desenvolvido na Secretaria e sobre as questões relacionadas ao turismo no município ou no estado.

Oriente os alunos a verificar o fluxo de pessoas pelo município ou estado nos últimos anos e a observar quais foram os locais mais visitados na região.

Peça a eles que procurem identificar a origem geográfica dos turistas (lugar de procedência), bem como o perfil das pessoas que procuram o município ou o estado.

De acordo com o questionário elaborado pelos alunos, certifique-se de que eles estejam investigando, junto ao representante da Secretaria, o tipo de turismo mais procurado no município ou no estado, por exemplo: a maior procura é por turismo de lazer, de negócios, de saúde, de religião? Ou de outros tipos? Quais?

Oriente-os também a investigar o número de pessoas que visitaram a região nos últimos anos. Os dados levantados ajudarão na montagem do trabalho de conclusão a ser desenvolvido e apresentado na escola.

Peça a eles que observem qual é o principal meio de transporte utilizado no deslocamento dos turistas para seu município ou estado.

Ajude-os a observar se o município ou o estado faz parte das principais rotas de turismo do país ou do mundo.

Caso a visita seja à companhia ou agência de telefonia, para o trabalho com a circulação de informações, realize os procedimentos a seguir.

Peça aos alunos que observem as diferentes etapas dos serviços oferecidos pela empresa e como esses serviços chegam até o consumidor (público em geral): se é por meio de satélites, por ondas de rádio ou por cabeamento.

Oriente-os a observar as pessoas que trabalham no local, salientando que todos os serviços são importantes e necessários, e que todos os profissionais envolvidos precisam ter suas funções respeitadas.

Oriente-os a reconhecer os diferentes tipos de trabalho necessários para fazer a empresa funcionar, como o de manutenção e de instalação de equipamentos para que o consumidor possa receber os serviços contratados.

Peça que observem se a empresa produz equipamentos ou se é apenas uma prestadora de serviços.

Oriente-os a identificar se existe algum tipo de terceirização do serviço oferecido ao consumidor, como de *call center* para as vendas e cobranças e os de instalação e manutenção dos serviços.

Peça aos alunos que observem o papel das mulheres que desenvolvem alguma atividade na empresa e procurem sa-



ber se elas ocupam cargos de destaque. Discuta a inserção das mulheres no mercado trabalho e, se julgar conveniente ampliar a questão, nessa conversa, você pode discutir com os alunos sobre a dupla jornada de trabalho das mulheres e a necessidade de revisão desse modelo.

Estimule-os a observar se existe pluralidade étnica na empresa: se há profissionais afrodescendentes, indígenas ou outros, se ocupam cargos de destaque, etc.

Depois de feitas as observações e os registros, reserve um local e um momento com o pessoal da empresa para que os alunos possam fazer os questionamentos que foram elaborados em sala de aula.

Encerramento e apresentação

Este é o momento da retomada do que foi aprendido. Como sugestão de avaliação, faça o levantamento das anotações dos alunos, sistematizando um roteiro de informações obtidas no estudo do meio, objetivando o desenvolvimento das habilidades e competências dentro desse processo. Depois, solicite aos alunos que organizem um texto com o que foi observado e anotado sobre a temática escolhida para o estudo do meio e finalizem com a realização de uma “roda de conversa” com base no material de conclusão produzido por eles. Esse tipo de atividade contempla tanto a opção pela Secretaria de Turismo quanto a opção pela empresa ligada à circulação de informações.

Para a apresentação do trabalho realizado na Secretaria de Turismo, sugerimos a elaboração de um mapa temático ampliado, de forma que possa ser exposto em um mural ou uma parede do pátio da escola, mostrando o fluxo de pessoas que visitaram o município ou o estado da unidade escolar no último ano e suas origens; além do mapa, ajude-os a tabular e depois confeccionar diferentes modelos de gráficos, de acordo com as informações obtidas na Secretaria de Turismo: gráfico de perfil de visitantes, de tipo de turismo, de tempo de permanência, etc. O trabalho com gráficos pode ser desenvolvido com o professor de Matemática.

Como forma de apresentação do trabalho realizado na empresa ligada à circulação de informações, oriente os alunos a elaborar um mapa do Brasil ou da região brasileira em que a escola está inserida com as localidades atendidas pelo serviço da empresa. Se a empresa for uma multinacional, os alunos também poderão elaborar um mapa temático do mundo, destacando as localidades onde os serviços da empresa são utilizados e a localização da matriz da empresa. Os mapas poderão ser expostos no pátio da escola. Outra opção é organizar a apresentação do trabalho dos alunos para outras turmas, propondo a realização de uma feira na escola.

Sugestão 2

Esta atividade pode ser realizada durante o trabalho com a unidade 3 do Livro do Estudante.

Título

Elaborando uma divisão regional

Objetivos

Este estudo do meio consiste na visitação a determinados locais do município que tenham características próprias, particulares, de forma que permita fazer uma divisão regional do território municipal. A primeira grande regionalização que pode ser feita em quase todos os municípios brasileiros é entre a região rural e a região urbana. Porém, em cada uma dessas duas “regiões principais” é possível fazer novas regionalizações. Na zona rural pode haver a região desta ou daquela cultura ou a região de alguma criação. Na zona urbana pode-se falar em região central da cidade, região residencial, comercial, industrial, etc. Com os alunos, estabeleça um modelo de regionalização para o território municipal, por meio de critérios elaborados com base na visitação dos locais.

Esta atividade tem como objetivo ajudar os alunos a desenvolver as seguintes habilidades e competências:

- compreender o conceito de região, território e lugar;
- saber regionalizar determinado espaço de acordo com um critério estabelecido;
- entender como aspectos naturais e humanos criam espaços e estruturas que formam uma totalidade;
- entender a organização do espaço geográfico com base no conceito de região;
- confeccionar mapas temáticos e elaborar propostas de divisão regional, levando em consideração dados e informações coletados ao longo do estudo do meio.

Preparo para o trabalho

É importante que o estudo do meio esteja contemplado no planejamento anual entregue à coordenação da unidade escolar no início do ano letivo, pois isso facilitará a saída com os alunos da escola.

Para o desenvolvimento deste trabalho é interessante conhecer bem a zona urbana e rural do município. Caso resida em outro município e apenas trabalhe no lugar a ser visitado, sugerimos que faça o reconhecimento do espaço a ser estudado antes de realizar o trabalho de campo, já demarcando em um mapa algumas sugestões de regionalização.

Procure planejar o estudo do meio de modo que coincida com o desenvolvimento do trabalho da unidade 3 do Livro do Estudante. Assim, o processo de ensino-aprendizagem se tornará mais significativo.

Para o desenvolvimento desta atividade é importante:

- estabelecer um cronograma com todas as etapas, indicando prazos e responsáveis;
- se necessário, solicitar transporte para a saída com os alunos e também a autorização dos pais ou responsáveis devidamente assinada, que deverá ser entregue com antecedência;
- verificar se no lugar a ser visitado existe algum local para que os alunos possam utilizar o banheiro. Oriente-os a levar garrafas com água para se hidratar durante o percurso;
- orientar os pais ou responsáveis que no dia da atividade os alunos deverão estar uniformizados, ou usando uma vestimenta-padrão para que o grupo seja facilmente identificado. Os alunos devem também usar calçados confortáveis, apropriados para a caminhada durante o trabalho;
- por se tratar de uma saída a diferentes lugares do município, é importante convidar alguns inspetores ou colaboradores voluntários, como pais dos alunos ou responsáveis, a ajudar no acompanhamento e na organização durante o trabalho de campo;
- providenciar câmeras fotográficas e/ou filmadoras (podem ser celulares);
- verificar o tempo que os alunos permanecerão fora da escola para que seja providenciado o lanche, se necessário;
- solicitar que os alunos levem caderno, caneta e lápis para anotações;
- entregar para cada aluno uma planta ou um mapa da região a ser visitada (pode ser retirado do Google Maps) para que eles possam observar e mapear o caminho percorrido da unidade escolar até o destino.

Preparando os alunos

Promover a sensibilização e a motivação dos alunos vai despertar neles o interesse pelo desenvolvimento do trabalho.

Comece preparando-os com algumas semanas de antecedência, explicando as etapas a serem desenvolvidas, fornecendo informações sobre o lugar onde vão fazer o trabalho de campo e estabelecendo as diretrizes e a função de cada um deles dentro desse processo.

É essencial que os alunos reconheçam que o trabalho de campo não é um passeio turístico sem objetivos, e sim uma atividade relacionada ao processo de ensino-aprendizagem, uma etapa do estudo do meio. Relacione a visita com conteúdo do livro ou com as temáticas desenvolvidas em sala de aula.

Entregue aos alunos o mapa da cidade, da zona rural ou da região a ser estudada; ajude-os a tentar dividir a área a ser estudada por meio dos conhecimentos prévios que eles têm; oriente-os a organizar o espaço local de acordo com sua economia, bairros com identidades culturais, entre outros elementos a serem observados.

Após verificar as potencialidades dos lugares do município para estabelecer algum tipo de regionalização, elabore com os alunos uma lista de elementos a serem observados durante a saída para o trabalho de campo e decidam quais locais do município serão visitados.

Retome os estudos de regionalização do livro, na unidade 3.

Oriente-os a elaborar uma ficha para anotações que eles vão preencher durante a visita.

Estabeleça com a turma combinados para que a visita ocorra de forma harmoniosa, sem incidentes. Por exemplo: respeitar os horários de chegada e de partida; respeitar as paradas programadas para utilização dos banheiros; não jogar pedaços de papel ou embalagens no chão; não se dispersar, mantendo-se juntos para evitar acidentes ou situações que interfiram na rotina das pessoas que transitam pelo local visitado; e outros combinados que julgar importantes.

Organize a turma em grupos e determine os alunos que ficarão responsáveis pelo registro das imagens.

Execução

Ao chegar ao lugar escolhido, organize os grupos, determinando o adulto que acompanhará cada grupo, conforme o combinado.

Circule por todos os grupos, solucionando dúvidas, chamando a atenção para detalhes que tenham passado despercebidos e incentivando os alunos a observar o que foi proposto em sala de aula.

Peça aos alunos que observem no espaço visitado a presença dos elementos discutidos em sala.

Oriente-os a perceber se existe concentração dos elementos discutidos na sala em um único local do município ou da região. Por exemplo: uma área onde estão localizadas as indústrias; uma localidade destinada à agricultura ou à



pecuária; um bairro onde se concentra o comércio; outro com a concentração de uma identidade cultural predominante; outro local com a presença da vegetação nativa, entre outros elementos.

Oriente os alunos a perceber como acontece a locomoção por esses espaços, se há avenidas radiais ligando as diferentes áreas e se há oferta de transporte público nesses espaços.

Peça aos alunos que façam os registros fotográficos desses elementos concentrados no espaço e preencham a ficha de anotações elaborada na sala de aula.

Encerramento e apresentação

Este é o momento da retomada do que foi apreendido. Algumas sugestões de avaliação são:

- fazer um levantamento das anotações dos alunos e discutir em sala o que foi aprendido com o estudo do meio;
- criar com os alunos a regionalização do espaço estudado no trabalho de campo, fechando o estudo do meio;
- estabelecer com os alunos os nomes que serão dados por eles às regiões do espaço estudado;
- dividir a sala em grupos de acordo com o número de regiões criadas para o espaço estudado e montar uma apresentação. Cada grupo pode produzir um cartaz mostrando sua região, ilustrando-o com fotos do local tiradas durante o trabalho de campo;
- confeccionar um mapa da regionalização do espaço estudado durante a saída a campo de acordo com o critério estabelecido com os alunos.

Textos complementares

A seguir, disponibilizamos textos de aprofundamento para o trabalho com assuntos abordados em cada uma das unidades.

Unidade 1

A crise financeira sem mistérios

[...]

O estopim da crise financeira de 2008 foi o mercado imobiliário norte-americano. Abriu-se crédito para compra de imóveis por parte de pessoas qualificadas pelos profissionais do mercado de Ninjas (no Income, no Jobs, no Savings²). Empurra-se uma casa de 300 mil dólares para uma pessoa,

digamos assim, pouco capitalizada. Não tem problema, diz o corretor: as casas estão se valorizando, em um ano a sua casa valerá 380 mil, o que representa um ganho seu de 80 mil, que o senhor poderá usar para saldar uma parte dos atrasados e refinar o resto. O corretor repassa este contrato – simpaticamente qualificado de “*sub-prime*”, pois não é totalmente de primeira linha, é apenas sub-primeira linha – para um banco, e os dois racham a perspectiva suculenta dos 80 mil dólares que serão ganhos e pagos sob forma de reembolso e juros. O banco, ao ver o volume de “*sub-prime*” na sua carteira, decide repassar uma parte do que internamente qualifica de “*junk*” (aproximadamente lixo) para quem irá “*securitizar*”³ a operação, ou seja, assegurar certas garantias em caso de inadimplência total, em troca evidentemente de uma taxa. Mais um pequeno ganho sobre os futuros 80 mil, que evidentemente ainda são hipotéticos. Hipotéticos mas prováveis, pois a massa de crédito jogada no mercado imobiliário dinamiza as compras, e a tendência é os preços subirem.

As empresas financeiras que juntam desta forma uma grande massa de “*junk*” assinados pelos chamados “*ninjas*” começam a ficar preocupadas, e empurram os papéis mais adiante. No caso, o ideal é um poupador sueco, por exemplo, a quem uma agência local oferece um “ótimo negócio” para a sua aposentadoria, pois é um “*sub-prime*”, ou seja, um tanto arriscado, mas que paga bons juros. Para tornar o negócio mais apetitoso, o lixo foi ele mesmo dividido em AAA, BBB e assim por diante, permitindo ao poupador, ou a algum fundo de aposentadoria menos cauteloso, adquirir lixo qualificado. O nome do lixo passa a ser designado como SIV, ou *Structured Investment Vehicle*, o que é bastante mais respeitável. Os papéis vão assim se espalhando e, enquanto o valor dos imóveis nos Estados Unidos sobe, formando a chamada “bolha”, o sistema funciona, permitindo o seu alastramento, pois um vizinho conta a outro quanto a sua aposentadoria já valorizou.

Para entender a crise atual, não muito diferente no seu rumo geral do caso da Enron, basta fazer o caminho inverso. Frente a um excesso de pessoas sem recurso algum para pagar os compromissos assumidos, as agências bancárias nos Estados Unidos são levadas a executar a hipoteca, ou seja, apropriam-se das casas. Um banco não vê muita utilidade em acumular casas, a não ser para vendê-las e recuperar dinheiro. Com numerosas agências bancárias colocando casas à venda, os preços começam a baixar fortemente. Com isso, o Ninja que esperava ganhar os 80 mil para ir financiando a sua compra irresponsável vê que a sua casa não apenas não valorizou, mas perdeu valor. O mercado de imóveis fica saturado, os preços caem mais ainda, pois cada agência ou particular procura vender rapidamente antes que os preços caiam mais ainda. A bolha estourou. O sueco que foi o último elo e que ficou com os papéis – agora já qualificados de “papéis tóxicos” – é informado pelo gerente

2 O acrônimo NINJA (*no Income, no Jobs or Assets*) define pessoas “sem renda, sem emprego ou patrimônio”.

3 Do inglês *security*, indica o ato de transformar uma dívida com determinado credor em dívida com compradores de títulos no mesmo valor.

da sua conta que lamentavelmente o seu fundo de aposentadoria tornou-se muito pequeno. “O que se pode fazer, o senhor sabe, o mercado é sempre um risco”. O sueco perde a aposentadoria, o Ninja volta para a rua, alguém tinha de perder. Este alguém, naturalmente, não seria o intermediário financeiro. Os fundos de pensão são o alvo predileto, como o foram no caso da Enron⁴.

Mas onde a agência bancária encontrou tanto dinheiro para emprestar de forma irresponsável? Por que afinal tinha de entregar ao Ninja um cheque de 300 mil para efetuar a compra? O mecanismo, aqui também, é rigorosamente simples. Ao Ninja não se entrega dinheiro, mas um cheque. Esse cheque vai para a mão de quem vendeu a casa, e será depositado no mesmo banco ou em outro banco. No primeiro caso, voltou para casa, e o banco dará conselho ao novo depositante sobre como aplicar o valor do cheque na própria agência. No segundo caso, como diversos bancos emitem cheques de forma razoavelmente equilibrada, o mecanismo de compensação à noite permite que nas trocas todos fiquem mais ou menos na mesma situação. O banco, portanto, precisa apenas de um pouco de dinheiro para cobrir desequilíbrios momentâneos. A relação entre o dinheiro que empresta – na prática o cheque que emite corresponde a uma emissão monetária – e o dinheiro que precisa ter em caixa para não ficar “descoberto” chama-se alavancagem.

A alavancagem, descoberta ou pelo menos generalizada já na Renascença pelos banqueiros de Veneza, é uma maravilha. Permite ao banco emprestar dinheiro que não tem. Em acordos internacionais (acordos de cavalheiros, ninguém terá a má educação de verificar) no quadro do BIS (Bank for International Settlements) de Basileia, na Suíça, recomenda-se por exemplo que os bancos não emprestem mais de nove vezes o que têm em caixa, e que mantenham um mínimo de coerência entre os prazos de empréstimos e os prazos de restituições, para não ficarem “descobertos” no curto prazo, mesmo que tenham dinheiro a receber a longo prazo. Para se ter uma ideia da importância das recomendações de Basileia, basta dizer que os bancos americanos que quebraram tinham uma alavancagem da ordem de 1 para 40.

A vantagem de se emprestar dinheiro que não se tem é muito grande. Por exemplo, a pessoa que aplica o seu dinheiro numa agência verá o seu dinheiro render cerca de 10% ao ano. O banco tem de creditar estes 10% na conta do aplicador. Se emprestar este dinheiro para alguém a 20%, por exemplo, terá de descontar dos seus ganhos os 10% da aplicação. Mas quando empresta dinheiro que não tem, não precisa pagar nada, é lucro líquido. A alavancagem torna-se portanto muito atraente. E a tentação de exagerar na diferença entre o que tem no caixa e o que empresta torna-se muito grande. Sobre tudo quando vê que outros bancos tampouco são cautelosos, e estão ganhando cada vez mais dinheiro. É uma corrida para

ver quem agarra o cliente primeiro, pouco importa o risco. E os ganhos são tão estupendos... [...]

DOWBOR, Ladislau. A crise financeira sem mistérios. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, 21 jan. 2009. Disponível em: <<http://diplomatie.org.br/a-crise-financiera-sem-misterios>>. Acesso em: 2 out. 2018.

Estado-nação, nação, nacionalismo

Os termos “Estado-nação”, “nação” e “nacionalismo” são, muitas vezes, caracteristicamente nivelados, usados na literatura das ciências sociais e da história como se fossem sinônimos. Mas devo fazer uma distinção entre eles. Por “nacionalismo” quero dizer um fenômeno que é basicamente psicológico – a adesão de indivíduos a um conjunto de símbolos e crenças enfatizado comunalmente entre membros de uma ordem política. Embora os sentimentos de nacionalismo frequentemente coincidam com a distribuição real da população dos Estados, e enquanto aqueles que governam os Estados modernos normalmente procuram promover tais sentimentos sempre que possível, há, sem dúvida, uma clara correspondência entre eles. Por “nação” refiro-me a uma coletividade existente dentro de um território claramente demarcado, sujeito a uma unidade administrativa, reflexivamente monitorada tanto pelo aparato de Estado interno como por aqueles de outros Estados. Tanto a nação quanto o nacionalismo são propriedades distintas dos Estados modernos, e no contexto de sua emergência original, assim como em outros locais, há mais do que uma conexão fortuita entre eles. Não pode haver nacionalismo, ao menos em sua forma moderna, sem a formação de nações, embora a correlação inversa seja mais problemática.

[...]

Todos os Estados tradicionais reivindicaram o monopólio formalizado sobre os meios de violência dentro de seus territórios. Mas é somente com os Estados-nação que essa reivindicação torna-se caracteristicamente mais ou menos bem-sucedida. O progresso de pacificação interna está intimamente ligado a tal sucesso – eles são, nessas circunstâncias, partes diferentes de um mesmo processo.

Talvez surja a objeção de que há muitas instâncias, mesmo em tempos atuais, de Estados cujo monopólio dos meios de violência é cronicamente ameaçado em nível interno por grupos armados; esses movimentos insurgentes, frequentemente armados e organizados, pobremente comparados às autoridades estatais, muitas vezes desafiaram e derrotaram essas autoridades; e que há níveis difusos de violência em contextos menores, mesmo em sociedades politicamente mais tranquilas (crimes de violência, violência doméstica e assim por diante). Nenhum deles, entretanto, compromete o ponto em questão, que se refere a uma comparação entre Estados-nação e Estados tradicionais. Há circunstâncias nas quais uma guerra civil, envolvendo confrontações crônicas

4 A Enron atuava no setor energético. Segundo a revista *Fortune*, em 2000 a empresa faturou 101 bilhões de dólares; era a 7ª dos Estados Unidos e a 16ª entre as 500 maiores do mundo. Após apresentar balanço contábil fraudado para inflar lucros e esconder prejuízos, foi à falência em 2001, lesando milhares de acionistas, funcionários e pensionistas (muitos fundos de pensão, inclusive o dos trabalhadores da empresa, investiam em ações da Enron).

entre movimentos armados ou coalizões de forças mais ou menos equilibradas, tem sido bastante prolongada. No entanto, não somente tais circunstâncias são altamente incomuns, a própria existência de uma “guerra civil” pressupõe uma norma de um Estado autoritário monopolista. Em contraste, as condições que em um Estado moderno seriam definidas como exemplos de “guerra civil”, ou seja, lutas armadas “internamente” divisórias, têm sido típicas de todas as sociedades de classes durante longos períodos. Novamente, grupos ou movimentos armados hoje são quase sempre orientados a assumir o poder de Estado, tanto para tomar um território estatal já existente, quanto para dividir um território e estabelecer um Estado separado. Tais organizações não podem e não “decidem” por um envolvimento no poder de Estado como frequentemente ocorre nos Estados tradicionais. Finalmente, não desejo diminuir a importância ou a extensão da violência que ocupa contextos em menor escala nas sociedades modernas. Mas estou preocupado, principalmente, com os meios de violência associados às atividades de forças armadas organizadas, não com a violência como mais uma categoria que acoberta danos físicos aos outros.

Associando às implicações de observações prévias, nós podemos chegar ao seguinte conceito de Estado-nação, que contém todas as variantes e não está intrinsecamente ligado a nenhuma caracterização particular de nacionalismo: [...] “O Estado-nação, que existe em um complexo de outros Estados-nação, é um conjunto de formas institucionais de governo, mantendo um monopólio administrativo sobre um território com fronteiras (limites) demarcados, seu domínio sendo sancionado por lei e por um controle direto dos meios internos e externos de violência”.

GIDDENS, A. *O Estado-nação e a violência*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 140-145.

Unidade 2

Cultura

Cultura é o conjunto acumulado de símbolos, ideias e produtos materiais associados a um sistema social, seja ele uma sociedade inteira ou uma família. Juntamente com ESTRUTURA SOCIAL, POPULAÇÃO e ECOLOGIA, constitui um dos principais elementos de todos os sistemas sociais e é conceito fundamental na definição da perspectiva sociológica.

A cultura possui aspectos materiais e não materiais. A *cultura material* inclui tudo o que é feito, modelado ou transformado como parte da vida social coletiva, da preparação do alimento à produção do aço e computadores, passando pelo paisagismo que produz os jardins do campo inglês. A *cultura não material* inclui SÍMBOLOS – de palavras à notação musical –, bem como as ideias que modelam e informam a vida de seres humanos em relações recíprocas e os sistemas sociais dos quais participam. As mais importantes dessas ideias são as ATITUDES, CRENÇAS, VALORES e NORMAS.

É importante notar que cultura não se refere ao que as pessoas fazem concretamente, mas às ideias que têm em co-

mun sobre o que fazem e os objetos materiais que usam. O ato de comer com pauzinhos ao invés de com talheres, ou com as mãos, por exemplo, não faz parte da cultura. O que os homens fazem é tornar visível a influência da cultura. Os pauzinhos de comer em si, contudo, constituem na verdade uma parte da cultura, como também as expectativas comuns que definem esse ato como maneira apropriada, e mesmo esperada, de comer em certas sociedades.

A distinção entre cultura, por um lado, e o que fazemos, por outro, é importante porque o poder e a autoridade da cultura na vida humana têm origem principalmente em nossa experiência como algo externo a nós e que transcende o que fazemos na realidade. Nossa aparência ou comportamento não são em si partes da cultura e não devem ser confundidos com esses padrões. O que torna uma ideia cultural, e não pessoal, não é simplesmente o fato de ser comum a duas ou mais pessoas: ela deve ser vista e vivenciada como tendo uma autoridade que transcende os pensamentos do indivíduo. Não consideramos um símbolo ou uma ideia como culturais porque a maioria das pessoas deles compartilha; na verdade não temos meios de saber o que a maioria das pessoas numa sociedade pensa. Em vez disso, supomos que a maioria das pessoas compartilha de uma ideia cultural porque a identificamos como cultural.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 59.

Percepções e preocupações acerca da migração

A migração é uma questão controversa em muitos países. A mera presença de recém-chegados provenientes de diferentes contextos socioculturais poderá colocar problemas, especialmente em sociedades que eram tradicionalmente homogêneas. De um modo geral, existem três tipos de preocupações, nomeadamente, relacionadas com a segurança e o crime, com fatores socioeconômicos e com fatores culturais.

Na sequência dos ataques aos Estados Unidos em 2001, as preocupações de segurança subiram ao topo das prioridades na agenda política. Uma questão fundamental era a associação de estrangeiros, real ou imaginária, a uma falta de lealdade e à ameaça de terrorismo. Esses receios estão longe de serem novos, tendo caracterizado muitas circunstâncias históricas marcadas por sentimentos anti-imigração. Entre outros exemplos, veja-se o caso dos chineses étnicos na Indonésia, suspeitos de subversão política em prol da China comunista durante a década de 1960, e dos russos étnicos nos Estados bálticos, suspeitos de minar a independência recentemente conseguida dos Estados depois do colapso da União Soviética no início da década de 1990. Estas preocupações normalmente dissipam-se com o tempo, para ressurgir novamente mais tarde, assumindo novas formas, em tempos de instabilidade e mudanças políticas.

As preocupações de segurança também derivam dos elos apreendidos entre a imigração e o crime, os quais são muitas vezes mencionados em debates populares sobre a migração.

Apuramos que mais de 70% dos inquiridos no Inquérito Social Europeu de 2002 acreditavam que os imigrantes pioravam os problemas de criminalidade de um país, com esse valor a subir acima dos 85% na Alemanha, na República Checa e na Noruega. Tal como ilustrado no filme *O padrinho* [*O poderoso chefe* no Brasil], as imagens estereotipadas associando os imigrantes ao crime são há muito difundidas através dos *meios de comunicação* populares, que muitas vezes apresentam a violência perpetrada por uma série de grupos de imigrantes, incluindo a máfia italiana, as triádes chinesas e as gangues da América Central, como os salvadorenhos *Mara Salvatrucha*. Os dados não confirmam estes estereótipos. Contudo, eles revelam uma variação significativa nas taxas de criminalidade associadas a imigrantes entre diferentes países. Dados provenientes do censo de 2000 nos Estados Unidos mostram que, para todos os grupos étnicos, as taxas de detenção entre jovens do sexo masculino são as mais baixas no que diz respeito aos imigrantes, mesmo àqueles que detêm os menores graus de ensino.

Em média, entre os homens com idade dos 18 aos 39 anos (perfil que caracteriza a vasta maioria da população prisional), a taxa de detenções dos nativos em 2000 era de 3,5%, cinco vezes superior à taxa de 0,7% referente àqueles nascidos no exterior. Estudos anteriores para os Estados Unidos produziram os mesmos dados. Todavia, o cenário na Europa é mais variado. Os dados do Conselho da Europa em 25 países mostram que, em média, existem na prisão mais do dobro de pessoas nascidas no exterior do que nativas. Um estudo sobre seis países Europeus revelou que na Áustria, na Alemanha, em Luxemburgo, na Noruega e na Espanha, as taxas de ofensa são mais elevadas para os estrangeiros, embora este não seja o caso da Grécia, por exemplo.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Relatório de desenvolvimento humano 2009. Nova York: Pnud; Coimbra: Almedina, 2009. p. 89-90.

Unidade 3

O Estado predatório

Parece haver convergência entre as opiniões de um número crescente de africanistas quanto ao papel destrutivo dos Estados-nação africanos em suas economias e sociedades. Frimpong-Ansah, ex-presidente do Banco Central de Gana, entende que o controle restrito sobre o capital não constitui obstáculo ao desenvolvimento. O ponto mais crítico seria a capacidade institucional do país em mobilizar sua poupança, e essa capacidade vem sendo gravemente comprometida desde meados dos anos 1970 em consequência do uso inadequado do capital pelo “Estado-vampiro”, isto é, um Estado totalmente transformado em patrimônio pelas elites políticas, em benefício dessas elites. Sob uma perspectiva diferente, Basil Davidson, um dos mais renomados africanistas, acredita que a “crise da sociedade na África decorre de muitos reveses e conflitos, mas a raiz do problema é diferente [...] Basicamente, trata-se de uma crise institucional. E de que instituições? Temos de voltar a atenção para o nacionalismo

que gerou os Estados-nação da África que acabara de adquirir sua independência após o período colonial: para o nacionalismo que se tornou estatismo-nação”. Fatton sustenta a tese de que o “governo predatório” que caracteriza a maioria dos Estados africanos resulta de um processo de individualização das classes dominantes: “Os membros dessas classes tendem a ser mercenários, pois sua permanência nas posições de privilégios e poder está à mercê dos caprichos de um líder absoluto”. Esta tese parece aplicar-se a regimes ditatoriais sangrentos, como o de Mobutu no Zaire, ou do “Imperador” Bokassa na República Centro-Africana, como também em pseudodemocracias benevolentes, por exemplo, o regime de Houphouët-Boigny na Costa do Marfim. Conforme observa Colin Leys: “Poucos teóricos de qualquer dessas vertentes (marxistas, defensores da teoria da dependência) esperavam que os Estados do período pós-colonial de todos os matizes ideológicos pudessem ser corruptos, vorazes, insuficientes e instáveis, como quase sempre têm sido”.

Jean-François Bayart interpreta a penúria africana como resultado de uma longa trajetória histórica dominada pela “política da barriga” praticada pelas elites com nenhuma outra estratégia senão ceifar as riquezas provenientes de seus países e também das relações internacionais desses países.

[...]

Zaire: a apropriação pessoal do Estado

Ao menos no período anterior ao ano de 1997, o Zaire tornou-se a epítome da política predatória, bem como um sinal de advertência sobre as consequências da desintegração social e política e também das tragédias humanas (epidemias, saques, massacres e guerras civis) resultantes desse tipo de política. O Estado do Zaire organizava-se ao redor da ditadura pessoal do sargento Mobutu, apoiado pela França, Bélgica e Estados Unidos à época da política da Guerra Fria. Em 1993, Norman Kempster, redator do *Los Angeles Times*, fez uma síntese da trajetória de Mobutu:

Mobutu é um ex-sargento do exército colonial belga que tomou o poder com o apoio dos Estados Unidos e do Ocidente em 1965, colocando um ponto final a uma rivalidade caótica entre facções pró e anticomunistas. Durante três décadas, ele colocou seu vasto país, o segundo maior da África Subsaariana, à disposição da CIA e de outras agências do Ocidente, que utilizaram o Zaire como base para diversas atividades em todo o continente. Em troca, recebeu carta branca para agir em seu país como bem entendesse, desviando bilhões de dólares da riqueza proveniente da exploração de minérios para uso próprio e deixando a maioria do povo na pobreza.

Mobutu sustentava-se em um sistema de poder bastante simples. Controlava a única unidade operacional do exército, a guarda presidencial, dividindo cargos políticos, militares e governamentais entre diferentes grupos étnicos. Exercia a patronagem sobre todos eles, mas também estimulava confrontos violentos entre esses grupos. Concentrava suas atenções no controle da indústria da mineração, principal-

mente de cobalto, diamantes para uso industrial e cobre, por intermédio de empresas estatais, associando-se a investidores estrangeiros, em benefício próprio. [...] Mobutu deixou de investir em infraestrutura e serviços sociais em função de alguns empreendimentos lucrativos e remessas de lucros para o exterior. Incentivou todos os oficiais do exército e órgãos governamentais a procederem da mesma maneira. Assim, Bayart relata de que forma a Força Aérea do Zaire veio a atuar no ramo de transporte clandestino, passando então para o contrabando e, finalmente, para a venda de peças sobressalentes das aeronaves, até que todos os aviões ficassem imprestáveis. Isso fez que Mobutu se sentisse no direito de solicitar mais aeronaves e equipamentos de seus aliados do Ocidente. A falta de controle sobre os governos locais e provinciais praticamente levou o Estado do Zaire à desintegração, sendo que a maioria das localidades, inclusive Kinshasa, escapou ao controle do governo central. Levantes entre as fileiras do exército, seguidos de saques indiscriminados, como o ocorrido em setembro de 1991, levaram os residentes estrangeiros ao êxodo e, por fim, à reclusão de Mobutu em sua cidade natal, Gbadolite, na Província de Equateur, mantida sob proteção de seu exército pessoal, muito embora o ditador passasse boa parte do tempo em suas suntuosas mansões localizadas na Suíça, França, Espanha e Portugal. Os governos das províncias, podendo agir como bem entendessem, seguiram muitas vezes o exemplo do ditador, valendo-se do poder para roubar e praticar atos abusivos contra seus sujeitos subordinados, a começar pelos grupos étnicos menos influentes. Finalmente, a voracidade de alguns governos provinciais foi um golpe fatal para todo o sistema, quando, em 1996, o governo de Kivu, a leste do Zaire, tomou providências para a expropriação das terras dos Banyamulenge, minoria tútsi ali estabelecida há séculos, ordenando que deixassem a região. A rebelião seguinte dos Banyamulenge e de outros grupos étnicos, liderada por um revolucionário veterano, Laurent Kabila, desbaratou em poucos meses o bando de rufiões que faziam as vezes de exército zairense e expôs a falácia chamada Estado do Zaire, dando um fim ao regime de Mobutu em 1997. As consequências dessas três décadas de pilhagem de um dos países mais ricos da África pelo próprio governante e seus asseclas, contando com a cumplicidade explícita das potências do Ocidente, são drásticas e duradouras para o Zaire, para a África e para o mundo. Para o Zaire, porque toda a infraestrutura de comunicações, transportes e produção do país entrou em colapso, ficando bem mais deteriorada que a existente à época da independência e condenando o povo à desnutrição em massa, analfabetismo e miséria, bem como ocasionando a perda de boa parte de sua agricultura de subsistência. Para a África, porque a desarticulação de uma de suas mais importantes economias, situada no coração do continente, impediu uma integração regional efetiva. Como se não bastasse, o “modelo zairense” exerceu verdadeiro fascínio sobre outras elites do continente. Tal “modelo” foi amplamente promovido pelo próprio Mobutu, que, na condição de parceiro privilegiado do

Ocidente, desempenhou importante papel na Organização da Unidade Africana e no cenário político do continente. Para o mundo, porque o Zaire se transformou em uma das maiores fontes de epidemias fatais causadas pelo completo abandono do país, como a do vírus Ebola, cujo potencial para gerar uma calamidade pode provocar grande impacto sobre a vida humana no século XXI. Além disso, a contribuição indireta do Ocidente e, sobretudo, da França para a apropriação privada do Zaire por um grupelho militar/burocrático usurpou boa parte da credibilidade para o desenvolvimento de futuras políticas de cooperação internacional nas mentes de alguns dos mais bem-intencionados africanos. A provável desintegração do Estado zairense tal como foi legada por Mobutu servirá como marco dos limites do governo predatório, destacando sua associação histórica à política da Guerra Fria e aos modelos de dominação do período pós-colonial. Será que podemos acreditar que esse modelo já esteja historicamente ultrapassado? Será que vai desaparecer junto com os últimos suspiros do confronto entre as superpotências travado no continente africano? Infelizmente, a experiência da Nigéria parece indicar que o Estado predatório deitou raízes estruturais e históricas mais profundas, presas tanto ao passado colonial da África como a seus sistemas de conexões seletivas à economia global.

CASTELLS, M. *Fim de milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 120-126. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 3).

Região: a tradição geográfica

O termo região deriva do latim *regio*, que se refere à unidade político-territorial em que se dividia o Império Romano. Sua raiz está no verbo *regere*, governar, o que atribui à região, em sua concepção original, uma conotação eminentemente política.

O termo, contudo, passou a designar uma dada porção da superfície terrestre que, por um critério ou outro, era reconhecida como diferente de uma outra porção. O termo região faz parte da linguagem do homem comum. No entanto é um conceito-chave para os geógrafos e tem sido empregado também por todos os cientistas sociais quando incorporam em suas pesquisas a dimensão espacial.

O propósito deste artigo é o de colocar em evidência como os geógrafos, ao longo da história da Geografia, consideram o termo região. O intuito é clarificar para os não geógrafos os diferentes significados que os geógrafos atribuem a este conceito-chave. Adicionalmente, e visando contribuir para melhor qualificar o conceito em pauta, tentar-se-á estabelecer uma conexão entre o conceito de região e a categoria filosófica de particularidade.

[...]

III – Região e a Categoria da Particularidade

A diferenciação de áreas, resultante tanto de processos da natureza como sociais e razão de ser da própria geografia como um saber dotado de uma relativa autonomia, constituiu-se na base da possibilidade de se poder falar em região.

Mas a diferenciação de áreas não está, no nosso entender, associada à noção de unicidade *hartshoniana* (*uniqueness*). Não se associa à ideia de singularidade que entendemos vincular-se ao conceito de lugar, mas sim à ideia de particularidade, isto é, uma mediação entre o universal (processos gerais advindos da globalização e o singular (a especificação máxima do universal). Segundo Lukács, o “movimento do singular ao universal e vice-versa é sempre mediatizado pelo particular: ele é um membro intermediário real, tanto na realidade objetiva quanto no pensamento que a reflete de um modo aproximativamente adequado”.

A particularidade, continua Lukács “com relação ao singular, representa uma universalidade relativa e, com relação ao universal, uma singularidade relativa”. E mais, para Lukács o particular tem ocorrência na natureza e na sociedade através da espécie, gênero, classe, estrato e, no nosso entender, na região.

A particularidade traduz-se, no plano espacial, na região. Esta resulta de processos universais que assumiram especificidades espaciais através da combinação dos processos de inércia, isto é, a ação das especificidades herdadas do passado e solidamente ancoradas no espaço, de coesão ou economias regionais de aglomeração que significa a concentração espacial de elementos comuns numa dada porção do espaço e de DIFUSÃO que implica no espraiamento dos elementos de diferenciação e em seus limites espaciais impostos por barreiras naturais ou socialmente criadas.

Com a globalização o caráter particular da região, não mais dotada de autonomia, como talvez pudesse ser concebido em relação às velhas regiões-paisagens europeias, fica claramente evidenciado. E as múltiplas possibilidades de recortar a superfície terrestre tornam a categoria da particularidade mais relevante.

Neste sentido, além da própria realidade demandar o conceito de região, ela constitui-se na mais importante via geográfica de se introduzir na geografia a relevante e difícil categoria da particularidade.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 183-193.

Unidade 4

O passado geológico e o seu papel no continente

Na África, as obras buriladas pela natureza desempenharam profunda influência na história do continente, atuando como fortalezas naturais para certas etnias e como espaço de origem para numerosos Estados tradicionais, influenciando nos deslocamentos de população, na organização econômica e num variado repertório de acontecimentos. Pensar na importância desses fatores para a dinâmica do continente não indicaria, como é imprudentemente afirmado por alguns especialistas, uma “naturalização” da história do

continente; como veremos, bem mais do que isso, abordar os aspectos naturais suscita, pelo contrário, a historicização do seu meio natural.

Nesse sentido, muito há que ser comentado, pois a África corresponde, em larga medida, a um dos primeiros blocos de terras emersas que surgiram no planeta. O continente integrou a Pangeia, ou seja, o continente único mundial que reunia todas as terras emersas. Trata-se, pois, de uma formação geológica muito antiga. O elemento básico do relevo africano é um velho planalto cristalino datado da Era Pré-Cambriana, período que iniciou 4,6 bilhões de anos atrás e que inclui os primeiros quatro bilhões de anos da história geológica da Terra (isto é, cerca de 85% de todo o seu tempo geológico). Desse modo, boa parte do continente constitui formação geologicamente antiquíssima, apresentando-se, por isso mesmo, bastante erodida, caracterizada por baixas altitudes (600 a 700 metros, em média). Nas bordas desse planalto cristalino, encontramos escarpas, situadas em geral a pequena distância da costa.

Ressalve-se que há muitos milhões de anos o Brasil e a África formavam parte dessa mesma Pangeia. Basta prestar atenção aos contornos coincidentes dos litorais para perceber que estamos diante de duas peças de um formidável quebra-cabeça geológico. De fato, a África e o Brasil apresentam grandes similaridades. Existem, na parte meridional de ambos, duas grandes bacias que compartilham a mesma história geológica. São a Bacia do Paraná (sul do Brasil) e a do Karoo (África meridional). Apesar de separadas por muitos milhares de quilômetros, tudo indica que a história geológica das duas bacias desenvolveu-se de maneira semelhante.

Nesse particular, seria igualmente possível mencionar: processos similares de sedimentação marinha com fósseis análogos nas duas bacias; intensa glaciação de tipo continental, existindo camadas com vegetais fósseis pertencentes aos mesmos gêneros; forte incidência de processos erosivos que nivelaram profundamente as estruturas geológicas originais; ocorrência de um mesmo ambiente desértico no início da era mesozoica, recobertos pela extrusão de enorme quantidade de material de natureza basáltica em ambas as bacias, com sequência sedimentar similar. Como poderia ser observado, até mesmo na geologia o Brasil e a África estão próximos...

Em termos geológicos, a única forma montanhosa grande do relevo africano considerada “jovem” é a cordilheira do Atlas. O Atlas é um monumental marco geológico que abriga muitas particularidades, como o *Rif*, região montanhosa do norte marroquino, e o Aures, na Argélia. Estendendo-se por 2 400 km paralelamente ao mediterrâneo ao longo do Marrocos, Argélia e Tunísia, essa cadeia montanhosa resultou de um dos “dobramentos modernos” da crosta terrestre⁵.

5 Os dobramentos modernos são estruturas formadas por rochas magmáticas e sedimentares pouco resistentes afetadas por movimentos tectônicos do período Terciário, ocorridos nos últimos 65 milhões de anos, origem das cadeias montanhosas ou cordilheiras.

Esse acontecimento é um dos relacionados ao fenômeno da deriva continental, caracterizado pela movimentação de grandes blocos de terras emersas, fragmentando o que, no passado, constituía a massa continental única. Esse evento geológico repercutiu profundamente na formação do relevo africano [...]. De resto, apenas a título excepcional o continente apresenta rugosidades de destaque. Basicamente, a África é constituída por um tabuleiro planáltico interrompido aqui e ali por depressões, franjas montanhosas e maciços montanhosos.

Nesse último caso, seriam dignos de citação o Hoggar e o Tibesti, no Saara; o Fouta-Djalón, na África ocidental; o Maciço do Kamerun ou do Camarões, de origem vulcânica, próximo do Golfo da Guiné; o Maciço da Abissínia, que ocupa a parte central da Etiópia; o Maciço da África do Sul, com destaque para os Montes Drakensberg e a Cadeia do Cabo; o Planalto do Bie, em Angola, berço de um majestoso divisor de águas; o Planalto Central de Madagascar; e, finalmente, o Maciço da África Oriental, no qual se localiza o Planalto dos Grandes Lagos e o ponto culminante da África, o Monte Kilimanjaro (5 895 m), na Tanzânia.

As regiões planas estão, em grande parte, cercadas por áreas mais altas, mormente configurando depressões relativas. Em diversas contextualizações, tem-se comparado muitas vezes o continente negro com uma imensa bacia rebaixada no centro e alteada nos bordos. Ao contrário da Ásia ou da Europa, as partes mais baixas ocupam o centro, e as mais altas, a periferia. Eventualmente, a parte mais baixa dessas depressões está ocupada por bacias lacustres, como a do Lago Tchad, principal massa líquida da faixa saheliana.

Falando em depressões, seria indispensável reservar alguns comentários sobre o Vale da Grande Falha. Trata-se de uma fratura da crosta do tipo *Rift*⁶ que se prolonga desde a Síria e a fossa do mar Morto, no Oriente Médio, e adentra pelo mar Vermelho, centro da Etiópia e interior do continente. O Rift é origem de vulcões – situados nos seus bordos – e de diversos lagos tectônicos, como os que compõem a região dos Grandes Lagos Africanos. Entre os vulcões, estão o Kilimanjaro e o Ruwenzori (5 109 m), este último limítrofe a Uganda e à República Democrática do Congo (RDC).

Do ponto de vista antropológico, o Vale da Grande Falha tem sido insistentemente mencionado em função dos fósseis humanos descobertos nessa região. A concentração de achados no Vale do Rift possui uma causa natural. Nesse território, têm-se depositado, ao longo de milênios, sedimentos provenientes da erosão dos seus rebordos. As condições naturais desse ambiente também propiciam a conservação de despojos humanos. Em 1974, o paleoantropólogo Donald Johanson fez o achado mais importante: um esqueleto quase completo de uma mulher australopiteco com mais de 3 milhões de anos, batizada de Lucy⁷. O pesquisador Richard

Leakey também tem trabalhado nessa região, destacando-se em várias outras descobertas.

WALDMAN, M.; SERRANO, C.
Memória d'África: a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007. p. 46-53.

De que África estamos falando?

Dos cinco grandes continentes do globo, o africano é o que tem a imagem mais homogênea ao olhar estrangeiro: ao mesmo tempo em que figura como a origem de todos os negros do planeta – imagem que se sobrepõe à de origem da própria espécie humana –, é visto como um lugar exótico, ainda habitado por grandes animais selvagens, como elefantes, girafas, gorilas e leões, eternamente marcado por guerras civis, muito distante do desenvolvimento atingido pelas nações ricas do mundo ocidental e onde impera a pobreza da maior parte da população. De fato, um grande estereótipo que não condiz com olhares mais atentos. Afinal, se considerarmos que o continente africano é recortado por mais de 80 mil km de divisas, na somatória das 109 fronteiras que separam suas 54 nações atuais, é prudente perguntar: “De que África estamos falando?”

Houve um contato intenso com povos árabes e uma forte influência de sua cultura ao Norte do continente, em uma faixa que abrange desde países mais próximos do Oriente Médio, como a Somália, a Etiópia, o Sudão e o Egito, passando por toda a costa do Mediterrâneo, onde estão Tunísia, Argélia e Marrocos, e se estende até a Mauritània, já na costa do Atlântico. Para se ter uma ideia, na Mauritània, o árabe é a língua oficial, que convive com outras cinco, incluindo a dos colonizadores franceses; e praticamente toda a população é de religião islâmica. Se por um lado é possível apontar semelhanças como essas entre certos países, não faltam exemplos de peculiaridades que os distingam.

Enquanto a paisagem do maior deserto do mundo, o Saara, recorta lugares como Argélia e Líbia, ao Norte da África, e a Nigéria, na região Oeste – esses três, membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo –, imensas florestas tropicais caracterizam a África central, onde fica o Congo. Até em uma mesma região, como o sul da África, há contrastes entre vastos desertos, como o Kalahari, que recorta Botsuana, Namíbia e África do Sul, e grandes vales férteis, como os banhados pelo rio Limpopo, que forma parte da fronteira entre a África do Sul, Botsuana e Zimbábue, percorre o território de Moçambique, até desaguar no oceano Índico. Também é nítido o contraste entre o desenvolvimento econômico da África do Sul e a pobreza de seus vizinhos; e no Leste da África, embora também tenha enfrentado conflitos internos recentes, o Quênia é uma nação melhor estruturada e mais urbanizada do que países com problemas gerados por guerras civis históricas, como Somália e Etiópia, com os quais faz divisa.

6 Cabe alertar que Rift não é um topônimo, mas sim um tipo de estrutura geológica. Não confundi-la com o Rif marroquino.

7 O nome Lucy foi cunhado pelo fato de a música dos Beatles “Lucy in the sky with diamonds” estar tocando quando a ossada foi descoberta.

Até internamente os países africanos também têm sua diversidade. Com uma área total de cerca de 924 km quadrados – o equivalente à região Sudeste brasileira – a Nigéria é o país mais populoso da África, com mais de 135 milhões de habitantes. Ali vivem pessoas de mais de 250 etnias, dentre as quais as majoritárias são *Hausa, Fulani, Yoruba e Igbo*, que juntas representam 68% da população e cujos respectivos idiomas são as línguas nacionais nigerianas, ao lado da oficial herdada do colonizador inglês.

“O continente é um mosaico de nações, povos, costumes, religiões. Em termos políticos e de desenvolvimento, há muitas diferenças, certamente. O impacto de um tipo de colonização (francesa, inglesa ou portuguesa) estruturou a economia e a política dos diversos países de forma diferente, do mesmo modo que a trajetória de cada um desses países e as opções políticas realizadas depois das independências nacionais”, afirmou Tereza Cruz e Silva, do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, de Moçambique, em entrevista à *ComCiência*. Um grupo de ex-colônias francesas, por exemplo, após sua independência, seguiu uma política conservadora tanto interna quanto externamente. Ela baseava-se nos laços políticos, econômicos e culturais entre a França e as novas classes dirigentes da África, para quem a continuação da presença e influência francesa no continente era útil, em troca de cooperação e assistência financeira.

Já países como Guiné, Mali, Marrocos, Argélia, Líbia, Egito, Sudão e Etiópia, que se alinharam a Gana e ficaram conhecidos como “grupo de Casablanca”, tiveram uma postura mais radical. Gana foi a primeira nação na região abaixo do deserto do Saara a conquistar, em 1957, sua independência, sob a liderança de Kwame Nkrumah. Primeiro presidente de seu país no período pós-colonial, Nkrumah criou ali a base para a propagação das ideias pan-africanistas no continente, que consideravam a África como terra natal de todos os negros e pregavam a independência das nações africanas e a criação dos “Estados Unidos da África”.

O pan-africanismo tem sua origem na diáspora negra, no século XIX, e partiu de uma elite intelectual na América do Norte e nos países de língua inglesa do Caribe, com adesões na Europa e na África ocidental. O movimento defendia a unidade dos africanos, fosse ela cultural ou ligada ao flagelo da escravidão, da discriminação racial e da submissão nas colônias. Do I Congresso Pan-africanista, realizado em 1900, para o VI, que aconteceu em 1945, na Inglaterra, o enfoque foi gradativamente concentrando-se mais nas questões internas do continente africano. Gana sediou, em 1958, uma conferência na qual foi defendida a criação de um parlamento africano e de uma moeda única para uma sonhada Comunidade dos Estados Africanos Livres. O evento aconteceu um ano após seis países da Europa ocidental terem firmado o acordo que criou o Mercado Comum Europeu, embrião da atual Comunidade Europeia, que tem seu parlamento e o euro como moeda comum. Embora o pan-africanismo tenha

se desintegrado em diversos partidos nacionais que lutavam pela independência de seus respectivos países, o movimento deixou suas marcas em todo o continente.

[...]

CUNHA, Rodrigo. De que África estamos falando? *ComCiência – Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*. Dossiê África. Campinas, n. 97, 9 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=34&id=396>>. Acesso em: 11 out. 2018.

Unidade 5

As independências na América Latina

Na América espanhola, as lutas pela independência começam numa conjuntura precisa: a caduque da Coroa espanhola por obra e graça do poder napoleônico. A Espanha está ocupada. Um rei francês – irmão de Napoleão – ocupa o trono real e os últimos vestígios de soberania refugiam-se numa espectrais Juntas ou num Conselho de Regência. Mas o clima político e cultural que impregna a conjuntura é dado pela independência americana, a Revolução Francesa, e os escritos dos pensadores que acabaram por demolir o universo cultural e ideológico proveniente do mundo feudal. Montesquieu, Rousseau e Voltaire (para falar apenas dos mais conhecidos) penetraram nos rincões mais profundos do império colonial, sem que o olho distraído do funcionário da alfândega conseguisse detectá-los entre as mercadorias com as quais se confundiam.

No Brasil o fenômeno é singular: não haverá guerra pela independência e o antigo aparelho administrativo colonial passa a constituir-se no “novo” Estado independente. A cúpula dirigente continua, atravessa incólume a linha que separa as duas etapas históricas. Os donos do poder político e econômico continuam os mesmos, ainda que às vezes mudem as pessoas.

Por que se insurgem as colônias da Espanha? Será porque os grandes latifundiários (habitualmente produtores para exportação), os proprietários de minas, os donos de milhões de índios e os poderosos mercadores de além-mar foram seduzidos pelos filósofos franceses e alguns pensadores liberais espanhóis? É claro que houve exceções (e Bolívar foi uma delas), mas a imensa maioria moveu-se por motivos mais prosaicos. Havia chegado o momento de afastar um sócio incômodo: o poder da Coroa espanhola. Incômodo ou muito mais que isso, porque dificultava as transações mercantis, impunha restrições ao desenvolvimento de determinados setores produtivos, entregava o comércio com o além-mar a um grupo de monopolistas privilegiados, confiscava para si uma parte considerável do excedente econômico produzido pelo trabalho dos índios, limitava o acesso de *criollos* aos postos fundamentais da administração pública, e no cume da hierarquia social nem sempre conseguiam instalar-se os que aspiravam a isso em virtude de seu grande poder econômico.

POMER, L. *As independências na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 9-10.

Relações com a América Latina

Uma vez pontuados os eixos que determinam a trajetória de desenvolvimento chinesa e sua estratégia perante os países emergentes, exemplificada brevemente com relação ao Sudeste Asiático e a África, deve-se buscar compreender não somente a maneira pela qual as relações de Pequim com a América Latina são determinadas, tendo em vista as características coletivas da relação com a região, como também os traços específicos de diferenciação no tratamento dado pela China aos países da região, com base na constatação que essas relações, na verdade, se dão de maneira heterogênea (Lamus, 2015; Leiteritz, 2015; Dosch e Dosch, 2015; Jenkins, 2015).

A análise dos impactos do crescimento chinês nos países em desenvolvimento ganhou força a partir da adesão de Pequim à OMC, em 2001. Na América Latina, Costa Rica, Chile e Peru têm acordos de livre-comércio com a China e Venezuela, México, Argentina e Brasil possuem acordo de “parceria estratégica” com Pequim. No entanto, quando analisadas as relações da China com os países latino-americanos e caribenhos, diferentes metodologias são utilizadas para determinar suas distintas nuances. Leiteritz insere essas diferenças no âmbito da projeção internacional chinesa em escala global:

China differentiates its political interests vis-à-vis Latin American countries in terms of their potential influence on global governance issues. Relations with countries that might serve as important allies in the pursuit of Chinese interests in restructuring global institutions are different to those with countries where economic interests dominate the agenda. (Leiteritz, 2015).

Autores como León-Manríquez e Jenkins apontam duas trajetórias distintas entre países da América Latina e o Caribe na sua relação com a China. Primeiramente, são destacados aqueles que se beneficiaram do crescimento chinês na última década por apresentarem economias complementares, fornecendo matéria-prima e recursos naturais a Pequim, basicamente países da América do Sul como Chile, Brasil e Argentina. Posteriormente pontua-se os que viram a China tornar-se um concorrente potencial e, em certa medida, desleal na disputa por mercados em comum, que é o caso do México e sua disputa com a China pelo mercado norte-americano. Nesse sentido, enquanto nas relações com os países fornecedores de matérias-primas há relação de complementaridade no desenvolvimento, com o México há concorrência explícita, evidenciando que, do ponto de vista sub-regional, as relações com a China são mais benéficas à América do Sul do que à América Latina (León-Manríquez e Alvarez, 2014; Jenkins, 2015).

Ao se ampliar o escopo de análise de forma a enquadrar as relações da China com a América Latina e o Caribe como um todo, pode-se dizer que há um perfil discreto, embora dinâmico (León-Manríquez e Alvarez, 2014). Percebe-se que as relações de Pequim com a região são fortemente pautadas pela ideia de “diversificação” das parcerias chinesas, tendo a América Latina figuração coadjuvante perante a diversificada pauta de relações comerciais e financeiras do gigante asiático,

o que determina um padrão bastante assimétrico nas relações América Latina e Caribe-China. Embora o governo chinês tenha lançado em 2008 o documento intitulado “*China’s Policy Paper on Latin America and the Caribbean*”, tornando a região a terceira a receber um documento específico com os planos de investimento e comércio do governo chinês, a análise empírica de indicadores econômicos e comerciais evidencia os padrões da assimetria nas relações entre Pequim e a região latino-americana e caribenha.

Em que pese a posição de principal parceira comercial que a China ostenta perante importantes países da região como Brasil, Argentina e Chile; a América Latina e o Caribe representam somente 6% das importações chinesas e 4,7% das exportações (Leiteritz, 2015).

O que não se pode perder de vista na relação da China com a América Latina é o elemento relativo a sua política doméstica e a um objetivo estratégico da inserção internacional chinesa: o reconhecimento da política de “uma só China”. A América Latina e o Caribe comportam doze dos 22 países que reconhecem Taiwan em detrimento da República Popular da China (Panamá, Paraguai, Nicarágua, El Salvador, Honduras, Guatemala, Belize, República Dominicana, Haiti, São Cristóvão e Nevis, São Vicente e Granadinas e Santa Lucia) o que atribui à região um elemento estratégico valiosíssimo para a histórica ambição do partido comunista da China de anexar Taiwan e unificar o país (Pini, 2015). Com efeito, os países que não reconhecem Pequim são excluídos dos grandes projetos de investimento chineses para a região, previstos para a casa dos US\$ 250 bilhões nos próximos dez anos, de acordo com o “Plano de Cooperação para o quadriênio 2015-2019”.

A compreensão do papel que os Estados Unidos da América exercem nas relações políticas da China com a América Latina e o Caribe também é essencial para o estabelecimento da presente análise. Historicamente a China adotou postura cautelosa quanto ao estabelecimento de iniciativas políticas mais próximas à região, de forma a não melindrar os Estados Unidos, que consideram a região sua esfera de influência natural. Segundo Zhiwei:

O crescimento do comércio China-América Latina nos anos 2000 rendeu frutos positivos “em termos de diminuição da dependência comercial dos Estados Unidos e da Europa. Isso poderia ser considerado uma grande contribuição da relação China-América Latina para a região latino-americana”. De fato, para alguns países, a relação com a China ajuda a diminuir a dependência em relação aos Estados Unidos ao mesmo tempo em que oferece maiores possibilidades de barganha na relação com Washington (Zhiwei, 2012).

No entanto, o perene crescimento econômico chinês e sua política de inserção global naturalmente impulsionam as relações políticas entre Pequim e a região latino-americana e caribenha. É patente que as relações com os Estados Unidos são mais importantes para a China do que quaisquer países latino-americanos ou caribenhos individualmente, mas justamente por esse motivo que a busca pela aproximação

da China com a região acontece de maneira coletiva, como evidencia a criação do fórum Celac-China em janeiro de 2015.

A América Latina e o Caribe são regiões que não são prioritárias na agenda bilateral Estados Unidos-China, como evidencia León-Manríquez, “*Such issues as the U.S. trade deficit with the PRC, Chinese increasing military expenditure and differences in regional conflicts (Iran, Iraq, North Korea) are more salient in the bilateral agenda.*” (León-Manríquez e Alvarez, 2014). Nesse sentido, justamente os interesses econômicos e comerciais chineses tanto nos Estados Unidos quanto na América Latina e Caribe são os elementos que conduzem Pequim a optar por manter suas relações com a região estáveis, evitando atritos no campo político (Jenkins, 2015). Embora a recente inflexão da política norte-americana perante a América Latina e o Caribe, evidenciada na aproximação de Cuba, e a busca pela formação de uma iniciativa institucionalizada por parte da China no fórum junto à Celac, sejam indícios de que a região vem adquirindo maior grau de importância no panorama global, principalmente no âmbito comercial – a partir da perspectiva de ampliação da capacidade do canal do Panamá e da construção do canal da Nicarágua.

O que se deve ressaltar, portanto, é que há a necessidade de os Estados Unidos reavaliarem sua presença na região para readquirir o prestígio perdido após décadas de negligência e imposição de agendas econômicas baseadas no livre-comércio, democracia e privatizações; com efeito, as relações com a América Latina crescerão, de fato, mas continuarão marginais perante a relação bilateral Estados Unidos-China (León-Manríquez e Alvarez, 2014). De fato, conclui-se que a parceria China-América Latina e Caribe não segue um padrão homogêneo, sendo que autores, como Lamus, argumentam que a China chega a incentivar que os países da região estabeleçam competição entre si para adentrar o mercado chinês (Lamus, 2015). Ademais, a importância dos recursos naturais, energéticos e commodities agrícolas dos países da América Latina e Caribe para a China não deve ser superestimada. De acordo com Phillips, “a América Latina constitui apenas parte do foco da estratégia chinesa em relação ao suprimento de energia, muito menor em comparação com outras regiões como a África ou o Oriente Médio” (Phillips, 2010). Ou seja, “para a China, o engajamento com os países da região é um aspecto que contribui para o seu desenvolvimento doméstico, mas não é essencial para garanti-lo, sendo essa uma das razões de a região não ser uma prioridade absoluta” (Ribeiro e Junior, 2013). Deve-se ter em conta, todavia, que as relações econômicas entre América Latina e Caribe e China não devem ser superestimadas nas duas vias, uma vez que as relações com os Estados Unidos e a União Europeia ainda configuram maior relevância a ambos os lados (Jenkins, 2015).

PINI, A. M. A crescente presença chinesa na América Latina: desafios para o Brasil. *Boletim de Economia e Política Internacional* (BEPI), n. 21, Ipea, set./dez. 2015. p. 24-26. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6473/1/BEPI_n21_Crescente.pdf>.

Acesso em: 13 out. 2017.

Unidade 6

A civilização maia: contextualização historiográfica e arqueológica

1. Localização geográfica

A região em que se desenvolveu a civilização maia corresponde ao que é hoje a península do Yucatán, no México, englobando os atuais estados de Campeche, Tabasco, Chiapas, Iucatã e Quintana Roo; as terras baixas e altas da Guatemala; Belize; a porção ocidental de Honduras e El Salvador, reunindo territórios que pertencem à área denominada Mesoamérica.

[...]

2. Periodização

Tradicionalmente, os arqueólogos dividiram a História maia em três períodos principais: Pré-Clássico (800 a.C. a 300 d.C.), Clássico (300 d.C. a 900 d.C.), Pós-Clássico (900 d.C. a 1520 d.C.).

Cada um destes períodos possui estilos distintos de cerâmica e arquitetura. O Período Clássico tem sido tradicionalmente visto como o auge da civilização maia, devido à imponência de seus palácios e templos, às estelas – monumentos verticais onde foram registradas inscrições hieroglíficas –, além de sua elaborada cerâmica policrômica. O Período Pré-Clássico teria sido formado por vilas rurais modestas e desprovido de realizações arquitetônicas tão expressivas quanto as do Clássico. Já o Pós-Clássico foi um período de decadência cultural e artística. Este modelo, que ainda é muito difundido, apresenta muitas discrepâncias. No intuito de reformular, e não refutar, os dados apresentados pelos estudiosos ao longo da primeira metade do século XX, o esforço dos arqueólogos hoje é a reinterpretação destas informações a fim de se buscar uma periodização mais adequada.

[...]

4. O modelo tradicional da civilização maia

[...]

De acordo com o modelo tradicional, o período que vai de 300 a 900 d.C., conhecido como Clássico, compreende o auge da civilização maia, momento este que até alguns anos era o foco principal de estudo. Este modelo é marcado por um aspecto romântico e baseado em dados oriundos de escavações mal empreendidas e provenientes de sítios de grande extensão. De todas as argumentações formuladas por esta corrente, a mais importante é a em que o Período Clássico não teria compreendido sociedades cujo traço principal era o urbanismo. Defenderam a ideia de que os centros urbanos onde havia a maior concentração de templos e palácios teriam sido ocupados somente por sacerdotes, governantes e seus assistentes. A maioria da população teria sido formada por camponeses vivendo em áreas rurais distantes dos centros urbanos. Estes camponeses visitavam estes centros

somente em dias de comércio ou em importantes festivais religiosos (a atividade religiosa era praticada somente nos centros urbanos segundo o modelo tradicional), mesmo assim permanecendo pouco tempo neles.

[...]

Os arqueólogos tradicionais conceberam a cultura maia como teocrática, em que os sacerdotes detinham o poder político. Os sacerdotes teriam governado os centros urbanos. E a partir desta perspectiva, o modelo tradicional defendeu a ideia de pacificidade entre os centros urbanos. Como já mencionado no início deste capítulo, a localização geográfica da civilização maia, proposta por este grupo de estudiosos tradicionais, enfatizou que seu isolamento permitisse às sociedades manterem uma cultura homogênea.

Em torno do ano 800 d.C., ainda segundo o mesmo modelo tradicional, os centros urbanos das terras baixas sofreram um processo de declínio, entrando em colapso após um século. Há muitos argumentos para suas causas, como o fracasso das práticas de agricultura e um levante da massa camponesa. Como as terras do sul passam a ser abandonadas, as do norte tornam-se mais proeminentes, embora os arqueólogos discordem do momento deste acontecimento. Um grupo de centros urbanos localizado na região Puuc, no oeste das terras baixas do norte, incluindo Uxmal, Sayil e Labná, teria alcançado seu auge no fim do Clássico e entrando em colapso ao mesmo tempo em que as terras do sul.

7. O Clássico e as atuais concepções

De um ponto de vista atual, podemos considerar que o período compreendido pelo Clássico vai de 300 a.C. a 1250 d.C., com a ascensão de Mayapán (Sabloff, 1994). Como já salientado, as características do Clássico como as primeiras inscrições hieroglíficas, a confecção de cerâmica policrômica e a construção de grandes obras arquitetônicas não aparecem simultaneamente neste período, mas já estavam presentes no Pré-Clássico Final; o que jamais se pensou é que estes fenômenos pudessem ter ocorrido antes de 300 a.C.

[...]

Outro aspecto que cai por terra em relação ao período Clássico é a sustentação de que a antiga civilização maia foi alicerçada em uma sociedade pacífica e pacata. Trincheiras, valas, sulcos artificiais e parapeitos foram encontrados a 8 km em direção sul do sítio arqueológico de Tikal e a 4,5 km ao norte, próximos de sua vizinha Uaxactún. As trincheiras e parapeitos correm num total de 9 km de comprimento. Segundo Dennis Puleston, essas barreiras artificiais foram utilizadas para a defesa de Tikal dos ataques de outros centros urbanos (Puleston e Siemens, 1972).

Assim, a guerra pode ter desempenhado um papel importante nos tempos clássicos, muito mais do que se imaginou. Embora conhecidas as pinturas e registros sobre as guerras nos centros urbanos, como as explícitas cenas de ataques e combates pintados nos murais de Bonampak, Chiapas, descobertos na década de 1940, os arqueólogos do modelo

tradicional viam tais cenas somente como acontecimentos esporádicos e de pouca importância.

NAVARRO, Alexandre G. A civilização maia: contextualização historiográfica e arqueológica. *História* (São Paulo), vol. 27 n. 1, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742008000100015&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 out. 2018.

A América Central e os Estados Unidos: nem pessimismo nem otimismo

[...]

A gestão Trump e a América Central

A chegada da gestão de Donald Trump preocupa a região devido à proximidade e influência dos Estados Unidos. Tudo o que havia antes deve-se ao fato da retórica da campanha de Trump ter se baseado na noção de que era preciso colocar os interesses dos Estados Unidos acima de qualquer outro. Por outro lado, durante a administração Obama, as relações foram cordiais e estáveis. Isto permitiu a consolidação de novos investimentos e o aumento da visitação turística, apesar dos fluxos comerciais terem sido variáveis.

No entanto, durante seus primeiros meses de gestão, o presidente Trump não deu sinais de tentar mudar a política externa dos Estados Unidos para os países da América Central em termos gerais nem tampouco parece haver sinais de mudanças na política que estão criando para a região. Os Estados Unidos anunciaram que planejam cortar recursos destinados à cooperação internacional na região, para priorizar a segurança.

Aspectos econômicos

Os países que integram a região da América Central dependem, significativamente, da situação econômica nos Estados Unidos porque este é o seu principal parceiro comercial – tanto para o investimento e o turismo quanto para a exportação de bens e serviços. Uma política comercial mais protecionista por parte dos Estados Unidos poderia traduzir-se em uma situação complicada para os países da América Central, apenas aprofundando a crise de violência e de migração que vivem vários deles.

Ainda assim, as autoridades comerciais dos países-membros do Tratado de Livre-Comércio entre os Estados Unidos, América Central e República Dominicana (CAFTA-DR) – Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica e República Dominicana – não receberam indícios de que a intenção dos Estados Unidos seja modificar este instrumento e apostam em reforçar a segurança jurídica. O mesmo é esperado para o caso do acordo comercial que os Estados Unidos mantêm, de forma separada, com o Panamá. Belize não conta com nenhum instrumento desta natureza e está mais exposto às consequências de decisões unilaterais.

Note-se que tanto o CAFTA-DR quanto o Tratado Comercial com o Panamá representam cifras baixas em relação ao total do fluxo comercial dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que diferentemente do Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (NAFTA), os Estados Unidos apresentam

superávit comercial, o que para as políticas protecionistas da administração Trump não deveria representar um risco.

Além do CAFTA-DR, outras medidas de política econômica divulgadas consistem na imposição de tributos sobre as mercadorias importadas, impostos às empresas de *outsourcing* e a repatriação de companhias que realizam trabalhos em zonas livres de impostos fora do território norte-americano. Isto, em conjunto com a pretensão de reduzir o imposto corporativo, de 35% para 15%, poderia incentivar o investimento local e a retirada do Acordo Transpacífico de Cooperação Econômica (TPP), o que poderia causar impacto na América Central.

Segurança regional, fluxos migratórios e direitos humanos

A posição geográfica do continente centro-americano favorece o fluxo de pessoas e drogas em direção ao norte, assim como de armas e de dinheiro em direção ao sul. Nesse sentido, as decisões internas de segurança dos Estados Unidos e a política migratória supõem que a região da América Central deve adaptar-se para fazer frente a eles.

A exclusão social e a pobreza geram fenômenos de migração, nos quais as pessoas decidem mover-se para áreas onde há melhores oportunidades. Isso provoca uma pressão significativa sobre os países que recebem imigração devido ao choque cultural e aos efeitos imaginários que supõem que as pessoas estrangeiras “roubam o trabalho das nações” ou “vêm para cometer crimes”. Os países do Triângulo do Norte são os mais afetados por esta realidade⁸.

Nesse sentido, uma política mais ativa de deportações poderia provocar uma redução das remessas que dão divisas a esses países. Da mesma forma, o reforço da fronteira sul dos Estados Unidos pode levar a uma reinvenção das organizações envolvidas no tráfico de pessoas e gerar consequências mais graves aos direitos humanos do que aqueles que ocorrem atualmente.

[...]

Na América Central, de acordo com Barbara Ward: “Temos o dever da esperança”. Somos obrigados a buscar as oportunidades nas relações com os Estados Unidos, em meio à incerteza que a administração Trump ainda representa para a nossa região.

DUNCAN-LINCH, Pablo. A América Central e os Estados Unidos: nem pessimismo nem otimismo. Estados Unidos e América Latina: as relações na era Trump. *Desenvolvendo ideias*. n. 28. Llorente & Cuenca, 2018. Disponível em: <www.revista-uno.com.br/numero-28/america-central-os-estados-unidos-pessimismo-otimismo/>. Acesso em: 14 out. 2018.

Unidade 7

O fator Trump e a política externa dos EUA

No primeiro ano da presidência de Donald Trump, os danos causados pela política externa da sua administração ficaram bem aquém do que se temia.

Apesar da sua retórica trovejante e dos tweets a apelar o ditador norte-coreano Kim Jong-un de “homenzinho-foguete”, o novo presidente dos EUA não iniciou nenhuma guerra, seja na península coreana ou no mar do Sul da China. Também não houve conflito em relação a Taiwan no seguimento de Trump ter questionado a política de “uma só China” adotada desde há muito pela América.

Na verdade, em vez de entrar em conflito com a China, Trump parece ter forjado um relacionamento pessoal próximo com o presidente chinês Xi Jinping. Os líderes chineses nem queriam acreditar na sua sorte quando um dos primeiros atos oficiais de Trump foi retirar os Estados Unidos da Parceria Transpacífico (TPP), que teria excluído a China e consolidado as regras comerciais ocidentais na região Ásia-Pacífico. Era como se Trump quisesse tornar a China grande novamente e não a América.

Além disso, Trump não iniciou uma guerra comercial ao impor taxas aduaneiras elevadas às importações dos principais parceiros comerciais dos EUA, como a China, a Alemanha e o Japão. Apesar da sua recusa em recertificar o acordo nuclear com o Irão, ele mantém-se em vigor. E as consequências a longo prazo da sua decisão unilateral de reconhecer Jerusalém como a capital de Israel ainda estão por determinar.

A esperança de Trump de cooperar mais estreitamente com a Rússia à custa dos aliados dos EUA também não se realizou, e a posição oficial dos EUA no conflito ucraniano não mudou. Claro que isso se deve em grande parte à decisão do presidente russo, Vladimir Putin, de interferir nas eleições presidenciais de 2016 nos EUA, o que impediu Trump de reorientar a política americana em relação à Rússia sem provocar uma tempestade política interna.

Da mesma forma, apesar de ter sido considerada “obsoleta” por Trump, na verdade, a NATO ganhou força e legitimidade durante o ano passado, devido ao fortalecimento militar da Rússia e à continuidade da guerra no Leste da Ucrânia. Com certeza, os europeus terão de zelar pela sua própria defesa mais do que no passado. Mas isso não teria sido diferente sob uma presidência de Hillary Clinton (embora a mensagem tivesse sido formulada em termos mais amigáveis).

Tudo isto dito, os “adultos em uniforme” da Casa Branca – o secretário da Defesa James Mattis, o conselheiro de Segurança Nacional H.R. McMaster e o chefe de gabinete John Kelly – garantiram a continuidade da política externa dos EUA. E o mesmo parece ser verdade para a política econômica e comercial.

Isso significa que o mundo pode dormir descansado? Claro que não. Ainda há um grande ponto de interrogação sobre a política externa dos EUA, que tem que ver com o próprio Trump. Não está completamente claro o que o presidente quer, o que ele realmente sabe e o que os seus conselheiros

⁸ De acordo com uma pesquisa realizada pelo Migration Policy Institute, no ano de 2015, 85% dos migrantes centro-americanos nos Estados Unidos eram provenientes da Guatemala, de Honduras e de El Salvador.

lhe dizem ou não. Uma política externa coerente pode não resistir às mudanças de humor de Trump e às suas decisões espontâneas.

Ainda pior, a contração do Departamento de Estado dos EUA debilitou a base institucional para implementar a política externa oficial a um grau quase crítico. E a Estratégia de Segurança Nacional, recentemente publicada pela Casa Branca, não é mais animadora. Rompendo com a posição oficial dos Estados Unidos desde 11 de setembro de 2001, os EUA consideram atualmente que a sua rivalidade de poder global com a China e a Rússia é a principal ameaça para a segurança nacional e a paz mundial e não os atos de terrorismo cometidos por atores não estatais.

Assim, olhando retrospectivamente para 2017, a impressão que fica é que, embora a política externa norte-americana tenha permanecido em grande parte intacta, tornou-se também completamente imprevisível. Nesse sentido, 2018 parece ser um ano de riscos substancialmente acrescidos, especialmente devido às tensões no golfo Pérsico e no Líbano, a guerra na Síria, a luta hegemônica entre a Arábia Saudita e o Irão e a provocação nuclear na península coreana.

Na península coreana e no golfo Pérsico o objetivo central deve ser impedir o armamento nuclear das ditaduras que ameaçam a estabilidade regional e o equilíbrio de poder prevaiente. Na situação atual, o risco de um confronto militar com a Coreia do Norte ou o Irão não pode ser descartado.

No caso da Coreia do Norte, que está a trabalhar a todo o gás num míssil balístico intercontinental capaz de chegar ao continente americano, esse conflito poderia até implicar o uso de armas nucleares. Nada nesta situação inspira otimismo, especialmente agora que os EUA são liderados por um presidente em quem poucos podem confiar e cujas políticas têm de ser adivinhadas a partir da confusão dos seus *tweets*.

De facto, o fator Trump poderá ser a principal fonte de incerteza na política internacional neste ano. Os EUA ainda são a principal potência mundial e desempenham um papel indispensável na preservação das normas globais. Se as políticas dos Estados Unidos são difíceis de prever, e se o comportamento de Trump mina a confiança no governo dos EUA, a ordem internacional ficará vulnerável a uma profunda turbulência.

Com a aproximação das eleições intercalares nos EUA em novembro, será importante considerar como os acontecimentos políticos internos podem moldar a política externa do país. Se os republicanos perderem as suas maiorias numa ou em ambas as câmaras do Congresso, e se Robert Mueller, o procurador especial na investigação da Rússia, apresentar as suas descobertas ao mesmo tempo, então Trump sentirá uma erosão rápida do seu poder.

Assim, a questão crucial para 2018 é o que Trump fará se se sentir ameaçado internamente, ao mesmo tempo que se desencadeia uma crise de política externa. Será que os “adultos presentes” ainda conseguirão gerir a situação? Não é preciso

ser um profeta da desgraça para olhar para os próximos meses com uma boa dose de ceticismo e preocupação.

FISCHER, Joschka. O fator Trump e a política externa dos EUA. *Diário de Notícias*, 10 fev. 2018. Disponível em: <www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/o-fator-trump-e-a-politica-externa-dos-eua-9110219.html>. Acesso em: 15 out. 2018.

Unidade 8

Cientistas buscam na Antártida a chave para o futuro da humanidade

As chaves para responder às perguntas mais básicas da humanidade estão encerradas neste congelador continental do tamanho dos EUA mais a metade do Canadá: de onde viemos? Estamos sós no Universo? Qual é o destino de nosso planeta em aquecimento?

Os primeiros exploradores chegaram à Antártida há 194 anos, buscando riquezas do século 19 como peles e óleo de baleia e foca, tingindo com sangue as ondas do oceano. Desde então, o primeiro continente formado demonstrou ser uma arca de tesouros para os cientistas que tentam determinar tudo, desde a criação do cosmo até o quanto as águas se elevarão com o aquecimento global.

“É uma janela para o Universo e o tempo”, disse a cientista Kelly Falkner, chefe do programa polar da Fundação Nacional para as Ciências dos EUA.

Durante cerca de 12 dias em janeiro, no meio do gelo do verão antártico, a agência de notícias Associated Press acompanhou cientistas de diferentes áreas em busca de criaturas de forma alienígena, de pistas de contaminação presas no antigo gelo, restos do Big Bang, peculiaridades biológicas que pudessem conduzir potencialmente a melhores tratamentos médicos e, talvez o principal, sinais de um derretimento incontível. A travessia em um barco da marinha chilena ao largo das ilhas Shetland do Sul e da vulnerável península Antártica, que sai do continente como um dedo fraturado, foi de 1 340 quilômetros (833 milhas) e permitiu que a equipe da AP desse uma olhada em primeira mão neste continente vital.

A Antártida reúne imagens de montanhas silenciosas e brancas planícies, mas o mais frio, seco e remoto dos continentes não está adormecido. Cerca de 98% de sua superfície estão cobertos de gelo, o qual está em constante movimento. Sendo um vulcão ativo, a ilha Decepção é um cadinho de condições extremas. Há lugares onde o mar ferve a 100 graus centígrados, enquanto em outros pode estar abaixo de 0 grau. Embora o Sol raramente brilhe nos escuros invernos antárticos, parece que a noite nunca chega nos dias de verão.

Os turistas vêm à Antártida por sua beleza e distância, mas para os cientistas tudo é trabalho. O que encontrarem poderá afetar a vida de pessoas a milhares de quilômetros de distância. Se os especialistas estiverem certos e a plataforma de gelo da Antártida ocidental já começou a derreter de maneira irreversível, o que ocorrerá aqui determinará se cidades como Miami, Nova York, Nova Orleans, Guangzhou,

Mumbai, Londres e Osaka terão de combater de forma regular as inundações causadas pelo aumento do nível dos mares.

A Antártida “é grande e está mudando. Isso afeta o resto do planeta, e não podemos nos dar o luxo de fazer vista grossa ao que acontece lá”, disse David Vaughan, diretor de ciência do Centro de Pesquisas da Antártida do Reino Unido.

Com frequência os cientistas encontram algo diferente do que procuravam. No ano passado, pesquisadores calcularam que o gelo no lado oeste do continente estava derretendo mais rápido que o previsto. No mês passado, cientistas que realizavam pesquisa geológica vital desse derretimento observavam 800 metros sob o gelo, na mais profunda escuridão, e tiveram uma surpresa: peixes de 15 centímetros de comprimento e criaturas semelhantes a camarões nadavam ao lado de suas câmeras.

Os geólogos estão fascinados pelos segredos da Antártida. Em uma recente expedição científica comandada pelo Instituto Antártico Chileno, Richard Spikings, um geólogo pesquisador da Universidade de Genebra, na Suíça, usou um enorme martelo para coletar amostras de rochas das ilhas Shetland do Sul e da península Antártica. Curiosos membros de uma colônia de pinguins no cabo Leogoupi observavam enquanto ele golpeava pedaços de granito preto e diorita que sobressaíam do mar meridional. Perto do fim da viagem de duas semanas, seus colegas começaram a chamá-lo de “Thor”, em tom de brincadeira.

“Para compreender muitos aspectos da diversidade de animais e plantas, é importante entender quando os continentes se separaram”, disse Spikings. “Assim, também estamos aprendendo sobre a verdadeira idade da Terra e sobre como os continentes estavam configurados há um bilhão de anos, há 500 milhões de anos, há 300 milhões de anos”, comentou.

Ele acrescentou que essa compreensão o ajudará a entender o papel fundamental da Antártida no vaivém dos antigos supercontinentes. Com nomes como Rodinia, Gondwana e Pangea, os cientistas acreditam que eram enormes massas de terra que fizeram parte da história do planeta e que se uniam periodicamente com o movimento das placas.

Como não existe indústria local, qualquer rastro de contaminação preso no gelo e neve antigos provém de substâncias químicas que vieram de longe, como o chumbo que era encontrado no gelo até que foi eliminado da gasolina, ou os níveis de radiação de testes nucleares superficiais realizados a milhares de quilômetros e há muitos anos pelos EUA e a União Soviética, comentou Vaughan.

O gelo indica como os níveis de dióxido de carbono – o gás que retém o calor na atmosfera – variaram ao longo de centenas de milhares de anos.

É também o lugar onde um buraco na camada de ozônio, causado por gases refrigerantes e aerossóis feitos pelo homem, estaciona periodicamente por alguns meses e causa problemas. Ele surge quando a luz do sol volta à Antártida em agosto, provocando uma reação química que destrói as

moléculas de ozônio e causa um buraco que alcança seu tamanho máximo em setembro. Ele se fecha com o clima mais quente em novembro.

Explorar a Antártida é algo que o chileno Alejo Contreras, 53 anos, começou a sonhar durante sua juventude, depois de ler o diário de Robert Falcon sobre sua travessia ao polo sul. Quando Contreras finalmente chegou ao polo sul, em 1988, deixou de fazer a barba, que agora alcança seu peito, e anda sem rumo fixo, como suas explorações.

A Antártida é “como o congelador do planeta”, disse Contreras, que comandou 14 expedições ao continente. “E nenhum de nós se atreveria a sujar o gelo.”

Devido à natureza virgem do extremo sul do mundo, quando um meteorito cai ali permanece intacto. Assim, os pesquisadores encontram mais meteoritos, muitas vezes do vizinho Marte, incluindo um descoberto há quase 20 anos que levou os cientistas inicialmente a pensar, de maneira incorreta, que haviam encontrado provas de que já houve vida em Marte. Este é um lugar com paisagens tiradas de um filme de ficção científica. A Nasa utiliza a localização remota do continente para estudar o que as pessoas teriam de enfrentar se visitassem Marte. O ar seco também é perfeito para que os astrônomos espiem o espaço profundo e olhem para o passado.

Durante uma viagem recente à ilha Decepção, Peter Convey, um ecologista do Centro de Pesquisas da Antártida do Reino Unido que visitou o continente durante 25 anos, suportou forte chuva, temperaturas congelantes e ventos de mais de 37 quilômetros por hora (20 nós) para coletar amostras de musgos esponjosos de cor verde e café, que crescem nas cinzas das montanhas de rocha negra da ilha vulcânica. Ele procurava chaves em sua genética para determinar o quanto a espécie havia evoluído na Antártida, isolada de outros continentes.

“Tive sorte e fui até a metade do continente, assim estive isolado do ser humano mais próximo por 400 ou 500 quilômetros”, disse Convey. Nesse isolamento existem formas de vida raras, aumentando a esperança de que possa haver vida em outros ambientes extremos como Marte, o que inclusive há na atualidade, escondida sob o gelo da lua de Júpiter, Europa. “Este é um dos lugares mais extremos em que poderíamos esperar encontrar vida. E existe”, indicou Ross Powell, um cientista da Universidade Northern Illinois, que em janeiro utilizou um submarino com controle remoto sob o gelo em uma parte diferente do continente, para decifrar o derretimento, quando viu peixes e crustáceos nadando ali.

Cerca de 4 mil cientistas chegam à Antártida para pesquisas no verão e cerca de 1 mil ficam para o duro inverno. Também há cerca de 1 mil pessoas alheias à ciência – cozinheiros, motoristas, mecânicos, zeladores e o sacerdote da Igreja Ortodoxa mais meridional do mundo, situada no alto de uma colina rochosa na estação russa Bellinghausen. Mas a igreja na colina é uma exceção, um tênue raio de luz do



mundo que existe ao norte. Para os cientistas, o que torna este lugar especial é o que há embaixo, que oferece uma janela para o passado e o futuro da humanidade.

“A Antártida, em muitos sentidos, é como outro planeta”, disse José Retamales, diretor do Instituto Antártico Chileno, a bordo do barco da marinha que navega por Decepção e

outras ilhas Shetland do Sul. “É um mundo completamente diferente.”

HENAO, Luiz A.; BORENSTEIN, Seth. Cientistas buscam na Antártida a chave para o futuro da humanidade. *UOL Notícias*, 22 fev. 2015. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2015/02/22/cientistas-buscam-na-antartida-a-chave-para-o-futuro-da-humanidade.htm>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Bibliografia de apoio pedagógico

ANDRADE, M. C. de. *O Brasil e a África*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ARRUDA, J. J. *Nova história moderna e contemporânea*. Bauru: Edusc; São Paulo: Bandeirantes Gráfica, 2004.

BANDEIRA, L. A. M. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. *Antártica: Ensino Fundamental e Ensino Médio*. Brasília, 2006.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. [A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1].

_____. *O poder da identidade*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. [A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 2].

_____. *Fim de milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. [A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 3].

CORRÊA, R. L. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSTA, W. M. *Geografia política e geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1997.

DALLARI, D. A. *Elementos de teoria geral do Estado*. 28. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

GIDDENS, A. *O Estado-nação e a violência*. São Paulo: Edusp, 2001.

GOMES, P. C. da C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E. de et al. (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

HIRST, M. *Brasil-Estados Unidos: desencontros e afinidades*. São Paulo: Ed. da FGV, 2009.

IGLESIAS, Roberto Magno; COSTA, Katarina. O investimento direto brasileiro na África. *Textos Cindes* n. 27, dez. 2011. p. 14-16.

KARNAL, L. (Org.). *História dos Estados Unidos*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Estados Unidos: a formação da nação, da colônia à independência*. São Paulo: Contexto, 2001.

LACOSTE, Y. *Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2001.

MARTIN, A. R. *Fronteiras e nações*. São Paulo: Contexto, 1992.

MEUCCI, I. D. P. Estados Unidos e América Latina: o caso Cuba no pós-Guerra Fria. *Anais do V Simpósio Internacional de Lutas Sociais na América Latina*. UEL, Londrina, 10/13 set. 2013.

PEREGALLI, E. *A América que os europeus encontraram*. São Paulo: Atual/Editora da Unicamp, 1986.

PINI, A. M. A crescente presença chinesa na América Latina: desafios para o Brasil. *Boletim de Economia e Política Internacional (BEPI)*, n. 21, Ipea, set./dez. 2015.

PRADO, M. L. *A formação das nações latino-americanas*. 21. ed. São Paulo: Atual/Editora da Unicamp, 2006.

REZENDE, C. *História econômica geral*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SANDRONI, P. *Dicionário de economia do século XXI*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *O espaço do cidadão*. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1996.

_____. *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002.

VILLARES, F. (Org.). *Índia, Brasil e África do Sul: perspectivas e alianças*. São Paulo: Ed. da Unesp/IEEI, 2006.

VIZENTINI, P. F. *As relações internacionais da Ásia e da África*. Petrópolis: Vozes, 2007.

WALDMAN, M; SERRANO, C. *Memória d'África: a temática africana em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2007.

EUSTÁQUIO DE SENE

Bacharel e licenciado em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP)

Mestre e doutor em Geografia Humana pela USP

Professor do Ensino Básico por quinze anos

Professor de Metodologia do Ensino de Geografia na Faculdade de Educação da USP por cinco anos

JOÃO CARLOS MOREIRA

Bacharel em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP)

Mestre em Geografia Humana pela USP

Professor de Geografia do Ensino Básico por quatorze anos

Advogado (OAB/SP)

GEOGRAFIA GERAL E DO BRASIL

8

Componente
curricular: Geografia
Ensino Fundamental
Anos Finais

São Paulo, 2018

1ª edição



editora scipione



editora scipione

Direção geral: Guilherme Luz

Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas

Gestão de projeto editorial: Mirian Senra

Gestão de área: Wagner Nicaretta

Coordenação: Jaqueline Paiva Cesar

Edição: Elena Judensneider, Luiza Delamare e Maria Luisa Nacca

Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga

Planejamento e controle de produção: Paula Godo,
Roseli Said e Márcia Pessoa

Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),
Rosângela Muricy (coord.), Ana Curci, Ana Paula C. Malfa,
Brenda T. M. Moraes, Carlos Eduardo Sigrist, Cesar G. Sacramento,
Flavia S. Vênezio, Gabriela M. Andrade, Heloisa Schiavo, Hires Heglan,
Marília Lima, Patrícia Cordeiro, Patrícia Travanca, Paula T. de Jesus,
Sandra Fernandez, Sueli Bossi; Amanda T. Silva e
Bárbara de M. Genereze (estagiárias)

Arte: Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.),
Daniele Fátima Oliveira (edição de arte)

Diagramação: JSDesign

Iconografia: Silvio Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.),
Mariana Sampaio e Monica de Souza/
Tempo Composto (pesquisa iconográfica)

Licenciamento de conteúdos de terceiros: Thiago Fontana (coord.),
Luciana Sposito (licenciamento de textos), Erika Ramires,
Luciana Pedrosa Bierbauer, Luciana Cardoso Sousa e
Claudia Rodrigues (analistas adm.)

Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin

Ilustrações: Bruno Rosal, Ericson Guilherme Luciano, Formato,
Ligia Duque, Rilma

Cartografia: Eric Fuzii (coord.), Sonia Vaz

Design: Gláucia Correa Koller (ger.), Débora Barbieri (proj. gráfico),
Talita Guedes da Silva (capa), Gustavo Vanini e
Tatiane Porusselli (assist. arte)

Foto de capa:

Moment RF/Getty Images, National Geographic Creative/Getty Images

Todos os direitos reservados por Editora Scipione S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 1º andar, Setor D

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br / atendimento@scipione.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sene, Eustáquio de
Geografia geral e do Brasil, 8º ano : ensino
fundamental, anos finais / Eustáquio de Sene, João Carlos
Moreira. -- 1. ed. -- São Paulo : Scipione, 2018.

Suplementado pelo manual do professor.

Bibliografia:

ISBN: 978-85-474-0156-6 (aluno)
ISBN: 978-85-474-0157-3 (professor)

1. Geografia (Ensino fundamental). I. Sene, João
Carlos. II. Título.

2018-0090

CDD: 372.891

Julia do Nascimento - Bibliotecária - CRB-8/010142

2018

Código da obra CL 713525

CAE 631631 (AL) / 631663 (PR)

1ª edição

1ª impressão



Impressão e acabamento



Aos estudantes

Leitura é o ato de ler não só palavras, frases e textos, mas também mapas, imagens de satélite, gráficos, fotografias, quadrinhos, pinturas, paisagens naturais e culturais. Enfim, leitura é o ato de ler o mundo. Daí a importância da observação, da reflexão e da pesquisa para a compreensão do mundo em que vivemos.

Observar é ver com a intenção de descobrir algo. Quando observamos a paisagem de uma cidade, de um campo agrícola, de uma floresta, podemos, aos poucos, descobrir como se dá a relação do ser humano com o espaço produzido por ele. Mas só a observação não permite a compreensão; são necessárias a pesquisa e a reflexão.

Compreender significa apreender o novo com o já conhecido. Quanto mais conhecemos, mais fácil fica apreender as coisas novas do mundo, ou seja, aprender, descobrir. Assim como o ar (mais precisamente o oxigênio) é o combustível do fogo, o estudo e a pesquisa (o ver e o ler com intenção de aprender) são o combustível do conhecimento.

Desde sempre o ser humano produz conhecimento, e hoje em dia em volume muito maior. Então, vamos iniciar nossa viagem de descobertas e aprender um pouco desse conhecimento acumulado sob a ótica da Geografia?

Os autores

Conheça seu livro

Cada livro desta coleção tem oito unidades, que são subdivididas em capítulos. Em todas as unidades há seções que exploram o conteúdo de maneira diferente. Conheça a organização do seu livro.



Audiovisual

Sinaliza a oportunidade de utilizar o material audiovisual que acompanha esta coleção.

Abertura de unidade

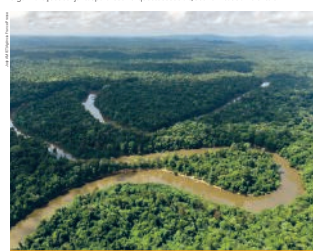
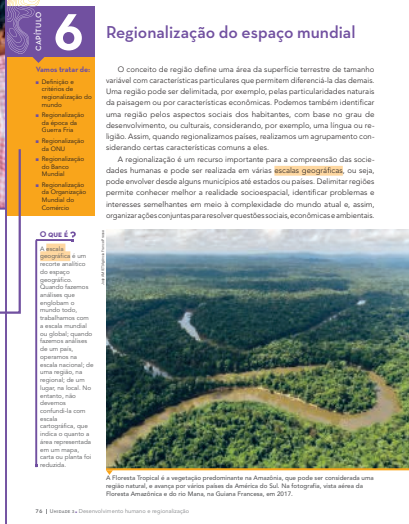
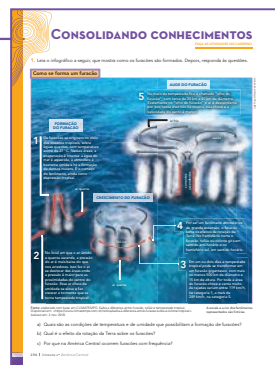
Tem o objetivo de apresentar o conteúdo que será trabalhado ao longo da unidade e propor questões que mobilizam seus conhecimentos prévios com base na análise de imagens.

Vamos tratar de

Indica os principais temas que serão estudados no capítulo.

Infográficos

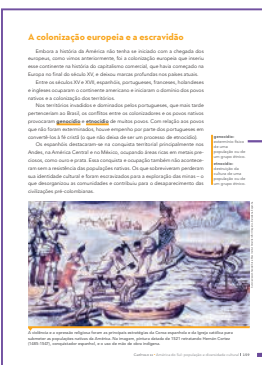
Este recurso, que integra imagens e textos, permite apresentar conteúdos específicos de forma atraente.



A Floresta Tropical é a vegetação predominante na Amazônia, que pode ser considerada uma região natural, e avança por vários países da América do Sul. Na fotografia, vista aérea da Floresta Amazônica do Rio Negro, no Estado do Roraima, em 2017.

Glossário

Explica termos e palavras menos conhecidos. Localizado na lateral, para facilitar a consulta.



Migrações internacionais

As migrações são um fenômeno tão antigo quanto a existência de fronteiras. Contudo, elas se tornaram mais frequentes e mais diversas desde o início do século XX. Atualmente, os fluxos migratórios são mais numerosos e mais variados do que nunca. Isso se deve ao crescimento da população mundial, ao desenvolvimento econômico das nações, ao crescimento da indústria de serviços e ao aumento da expectativa de vida.

Quando uma pessoa se deslocar de um lugar para outro em busca de trabalho, estudo ou refúgio, ela é considerada migrante. Se for em busca de trabalho, ela é considerada migrante econômico. Se for em busca de estudo, ela é considerada migrante acadêmico. Se for em busca de refúgio, ela é considerada migrante político.

Os fluxos migratórios são mais numerosos e mais variados do que nunca. Isso se deve ao crescimento da população mundial, ao desenvolvimento econômico das nações, ao crescimento da indústria de serviços e ao aumento da expectativa de vida.

Quando uma pessoa se deslocar de um lugar para outro em busca de trabalho, estudo ou refúgio, ela é considerada migrante. Se for em busca de trabalho, ela é considerada migrante econômico. Se for em busca de estudo, ela é considerada migrante acadêmico. Se for em busca de refúgio, ela é considerada migrante político.

Na rede / Na tela / Na estante

Indicações de sites, vídeos, filmes e livros interessantes para aprofundar e enriquecer os temas estudados.

Para conhecer mais

Apresenta informações que complementam o conteúdo estudado.

Para conhecer mais

Conteúdo complementar sobre a formação do relevo da América do Sul, incluindo vídeos e artigos.

São Roque do Araguaia

Um dos municípios mais antigos do Brasil, São Roque do Araguaia possui um rico patrimônio histórico e cultural. Sua formação é fruto da migração de portugueses para o interior do Brasil, em busca de terras férteis para a agricultura.

Vamos pesquisar

Propõe atividades de pesquisa em livros, jornais, revistas, internet, entre outras fontes, com o objetivo de contribuir para a aquisição do conhecimento de forma autônoma.

Como pesquisar

1. Escolha um tema de pesquisa.
2. Defina os objetivos da pesquisa.
3. Escolha as fontes de pesquisa.
4. Coleta e organize as informações.
5. Analise e interprete os dados.
6. Apresente os resultados da pesquisa.

Vamos pesquisar

Propõe atividades de pesquisa em livros, jornais, revistas, internet, entre outras fontes, com o objetivo de contribuir para a aquisição do conhecimento de forma autônoma.

Trocando ideias

Propõe atividades de reflexão e debate sobre assuntos trabalhados no capítulo com o objetivo de exercitar a comunicação e a argumentação.

Trocando ideias

Atividade de discussão em grupo sobre o crescimento econômico e o desenvolvimento sustentável.

Como discutir

1. Escolha um tema de discussão.
2. Defina os objetivos da discussão.
3. Escolha as fontes de discussão.
4. Coleta e organize as informações.
5. Analise e interprete os dados.
6. Apresente os resultados da discussão.

O que é?

Destaca e explica, de forma resumida, conceitos ou ideias relevantes para a Geografia.

O que é?

Definição e explicação de conceitos geográficos, como migração e desenvolvimento sustentável.

Migração

É o deslocamento de uma população de um lugar para outro em busca de trabalho, estudo ou refúgio.

Desenvolvimento sustentável

É o desenvolvimento econômico, social e ambiental que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades.

Consolidando conhecimentos

Atividade de revisão e consolidação dos conhecimentos adquiridos ao longo do capítulo.

Como consolidar

1. Revise os conceitos estudados.
2. Resolva exercícios de revisão.
3. Faça um resumo dos conteúdos estudados.

Consolidando conhecimentos

Reúne, ao final de cada capítulo, diferentes propostas de atividades sobre os principais conteúdos estudados.

Explorando...

Atividade de exploração de imagens e textos para aprofundar a compreensão dos temas estudados.

Como explorar

1. Escolha uma imagem ou texto para explorar.
2. Analise e interprete o conteúdo.
3. Apresente os resultados da exploração.

Explorando...

Atividade de exploração de imagens e textos para aprofundar a compreensão dos temas estudados.

LENDO TEXTO E MAPAS

Atividade de leitura e interpretação de textos e mapas relacionados ao tema estudado.

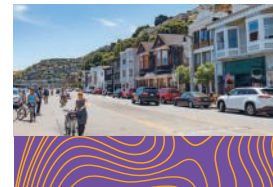
Como ler

1. Leia o texto com atenção.
2. Interprete o conteúdo do texto.
3. Analise o mapa e relacione-o ao texto.

Lendo

Explora, ao final de cada unidade, a leitura e a interpretação de textos, mapas, gráficos, fotografias, tabelas, entre outras possibilidades.

BorisVetshev/Shutterstock



UNIDADE ▶

1

GEOGRAFIA ECONÔMICA E POLÍTICA MUNDIAL 10

CAPÍTULO 1

Desenvolvimento do capitalismo	12
Etapas do desenvolvimento capitalista	14
As organizações econômicas	22
As multinacionais	24
Consolidando conhecimentos	25

CAPÍTULO 2

Estados nacionais na ordem mundial	26
Os conceitos de Estado, país e nação	28
Limites e fronteiras dos Estados	29
Quantos países existem no mundo?	31
Organização das Nações Unidas (ONU)	32
Ordem mundial após a Segunda Guerra	33
Consolidando conhecimentos	37
Lendo mapas	38

Simon Mayer/Shutterstock



UNIDADE ▶

2

GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO MUNDIAL 40

CAPÍTULO 3

Distribuição e diversidade da população mundial	42
Como o mundo está povoado?	44
Diversidade cultural da população mundial	46
Consolidando conhecimentos	49

CAPÍTULO 4

Movimento de pessoas pelo mundo	50
Turismo internacional	52
Migrações internacionais	54
Os refugiados	58
Consolidando conhecimentos	60
Lendo texto	62



UNIDADE ▶

3

**DESENVOLVIMENTO HUMANO
E REGIONALIZAÇÃO 64**

CAPÍTULO 5

Desenvolvimento humano	66
Principais indicadores de desenvolvimento	66
Distribuição da riqueza	71
Consolidando conhecimentos	74

CAPÍTULO 6

Regionalização do espaço mundial	76
Alguns critérios de regionalização.....	77
Consolidando conhecimentos	87
Lendo mapas	88



UNIDADE ▶

4

ÁFRICA 90

CAPÍTULO 7

África: aspectos físicos e ambientais	92
Norte da África.....	93
África subsaariana	94
Relevo e hidrografia.....	96
Relação entre clima e vegetação.....	102
Consolidando conhecimentos	107

CAPÍTULO 8

África: sociedade e conflitos	108
Densidade demográfica e urbanização.....	108
Problemas sociais	112
Relações entre pobreza e guerra	115
Elites africanas e influência das potências.....	117
Consolidando conhecimentos	121

CAPÍTULO 9

África: economia	122
Agropecuária	122
Indústria e mineração.....	125
Investimentos estrangeiros	129
Consolidando conhecimentos	133
Lendo texto e mapas	134



UNIDADE ▶

5

AMÉRICA DO SUL 136

CAPÍTULO 10

América do Sul: aspectos físicos e ambientais 138
 Relevo 140
 Hidrografia 145
 Clima 149
 Vegetação 152
Consolidando conhecimentos 155

CAPÍTULO 11

América do Sul: população e diversidade cultural 156
 Origem dos povos americanos 156
 A colonização europeia e a escravidão 159
 Diversidade étnica e cultural 161
 Distribuição da população 163
 Taxa de urbanização e maiores cidades 164
 Indicadores sociais 168
Consolidando conhecimentos 170

CAPÍTULO 12

América do Sul: economia 172
 O Produto Interno Bruto 173
 Agropecuária 175
 Recursos minerais e indústria 177
 Turismo 179
 Blocos econômicos regionais 180
 Investimentos brasileiro e chinês 184
Consolidando conhecimentos 185
Lendo textos, tabela e gráfico 186



UNIDADE ▶

6

AMÉRICA CENTRAL 188

CAPÍTULO 13

Aspectos físicos, socioambientais e econômicos 190
 Relevo e hidrografia 191
 Clima e vegetação 194
Consolidando conhecimentos 196

CAPÍTULO 14

História e população centro-americana 198
 Composição étnica da população 198
 Distribuição da população 200
 Indicadores sociais da América Central 202
Consolidando conhecimentos 207

CAPÍTULO 15

Economia da América Central	208
Distribuição geográfica das atividades econômicas.....	209
A importância dos serviços.....	211
Blocos econômicos regionais.....	214
Consolidando conhecimentos	215
Lendo textos	216

Pedro PARDO/Agência France-Press



UNIDADE ▶

7 AMÉRICA DO NORTE 218

CAPÍTULO 16

América do Norte: aspectos físicos e ambientais	220
Relevo.....	221
Hidrografia.....	223
Clima.....	224
Vegetação.....	227
Consolidando conhecimentos	229

CAPÍTULO 17

América do Norte: população e diversidade cultural	230
Grandes cidades da América do Norte.....	232
Indicadores sociais da população norte-americana.....	234
Composição étnica da população.....	237
Consolidando conhecimentos	243

CAPÍTULO 18

América do Norte: economia	244
Industrialização dos Estados Unidos.....	244
Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta).....	249
Distribuição das atividades econômicas.....	250
Consolidando conhecimentos	253
Lendo textos e charge	254

Larry Malvin/Age fotostock RM/Getty Images/



UNIDADE ▶

8 ANTÁRTICA 256

CAPÍTULO 19

Antártica: aspectos físicos e impactos ambientais	258
Características físicas.....	258
Impactos ambientais.....	260
Consolidando conhecimentos	263

CAPÍTULO 20

Ocupação da Antártica	264
As pesquisas científicas.....	264
Turismo na Antártica.....	266
Consolidando conhecimentos	267
Lendo texto e mapa	268

Bibliografia	270
---------------------------	------------

Objetivos da Unidade

Ao final desta Unidade, espera-se que os alunos sejam capazes de:

- compreender de forma geral como funciona o capitalismo, saber as principais características desse sistema econômico e o modo como se desenvolveu ao longo da história;
- apontar as características do capitalismo comercial, industrial, financeiro e informacional e as principais mudanças no plano econômico;
- conhecer os conceitos de conglomerado, *holding* e multinacional ou transnacional;
- compreender como se dá a expansão do capitalismo em sua atual etapa informacional e o papel das multinacionais nesse processo;
- compreender o papel de organismos internacionais influenciados pelos Estados Unidos, como o Banco Mundial e o FMI, no funcionamento do sistema capitalista atual;
- dominar os conceitos de geografia política – Estado, país, nação, território, governo, fronteiras e limites – e utilizá-los para a compreensão da realidade;
- discutir o conceito de país como sinônimo de Estado soberano e ter noção de quantos países existem no mundo e quais são membros da ONU;
- compreender a estrutura de poder da ONU e reconhecer seu papel e sua importância no mundo atual;
- conhecer o conceito de geopolítica e compreender as características da ordem mundial bipolar da época da Guerra Fria;
- compreender as características da ordem mundial multipolar contemporânea e a crescente importância do grupo Brics, especialmente da China, como contraponto ao poder dos Estados Unidos.

Competências da BNCC mobilizadas na Unidade

Competência Geral (CG)

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou vi-

UNIDADE ▶

1

GEOGRAFIA ECONÔMICA E POLÍTICA MUNDIAL



Boris Vetshev/Shutterstock

10

sual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competências de Ciências Humanas (CCH)

2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciên-

cias Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.

5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.
7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de infor-

Atualmente o capitalismo é o sistema econômico presente em quase todo o mundo. Ele se desenvolveu ao longo de vários séculos e teve sua expansão atrelada a grandes progressos econômicos e técnico-científicos e promoveu profundas transformações no espaço geográfico, como estudaremos nesta unidade. Desde suas origens ele vem gerando acumulação de muita riqueza; no entanto, também vem produzindo acentuadas desigualdades sociais. Em sua opinião, a maior parte da população mundial vive em condições semelhantes às que foram retratadas nesta fotografia?

Orientações didáticas

Inicie uma conversa com os alunos sobre o desenvolvimento e a expansão do capitalismo para identificar seus conhecimentos prévios. Além da pergunta apresentada no texto de abertura da unidade, faça outras, como: Quais são as características do capitalismo? Por que esse sistema econômico gera desigualdades sociais? O Brasil é um país capitalista? Por quê? Explore a fotografia, que mostra uma rua de Sausalito, no estado da Califórnia, nos Estados Unidos, para discutir com os alunos de que forma as desigualdades sociais típicas do sistema capitalista podem se materializar na paisagem, sobretudo na das cidades. Proponha a eles que estabeleçam um paralelo entre a realidade de um país desenvolvido e a realidade brasileira, que eles conhecem mais de perto. Procure despertar nos alunos a percepção de que as desigualdades sociais existem em todos os países, mesmo nos desenvolvidos.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para consultar o plano de desenvolvimento do 1º bimestre.



Rua Bridgeway street, em Sausalito, Estados Unidos, em 2017.

11

- ▶ mação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

Competências Específicas de Geografia (CEGeo)

4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.

5. Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE08 Analisar a situação do Brasil e de outros países da América Latina e da África, assim como da potência estadunidense na ordem mundial do pós-guerra.

EF08GE13 Analisar a influência do desenvolvimento científico e tecnológico na caracterização dos tipos de trabalho e na economia dos espaços urbanos e rurais da América e da África.

EF08GE14 Analisar os processos de desconcentração, descentralização e recentralização das atividades econômicas a partir do capital estadunidense e chinês em diferentes regiões no mundo, com destaque para o Brasil.

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

Orientações didáticas

Explore com os alunos o quadro que mostra as características mais importantes do sistema econômico capitalista. Explique a eles o conceito de sistema econômico e o significado de Estado. É importante que os alunos dominem o conceito de Estado (esse assunto será aprofundado no capítulo 2) para que compreendam de que forma ele pode interferir na economia, como será estudado nas próximas páginas.

Sugestão de aprofundamento

Consulte a obra indicada abaixo para saber mais sobre o Estado, sua origem, características e funções.

CALVEZ, Jean-Yves. *Política: uma introdução*. Ática: São Paulo, 1997.

Vamos tratar de:

- Etapas do sistema capitalista e suas características
- Crescimento econômico capitalista e expansão das empresas multinacionais

sistema econômico: forma de organizar a produção, a distribuição e o consumo em uma economia em determinada época. Por exemplo, no capitalismo a produção, a distribuição e o consumo estão organizados segundo a chamada “lei” da oferta e da procura.

Estado: entidade politicamente organizada e soberana que exerce o controle sobre um território com limites precisos (a maioria dos Estados tem forças armadas para isso). Designa também o conjunto de instituições (administração pública, órgãos governamentais e empresas estatais) e os Poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário) que governam o povo que habita esse território.


12 | UNIDADE 1 • Geografia econômica e política mundial

Desenvolvimento do capitalismo


O capitalismo é um **sistema econômico** que começou a se desenvolver na Europa a partir da segunda metade do século XV e, gradativamente, substituiu o feudalismo – sistema econômico que predominava em todo esse continente. A partir daí, o capitalismo se expandiu territorialmente até abranger praticamente o mundo todo. O país em que esse sistema mais avançou, sobretudo na fase industrial, foi o Reino Unido, onde ocorreu a Primeira Revolução Industrial. Leia no quadro a seguir as principais características do capitalismo.

Capitalismo

Principais objetivos



produção e ampliação dos mercados consumidores



obtenção de lucro

Organização e funcionamento

- 1. Propriedade privada ou particular**
As terras e os meios de produção têm donos. Em muitos países, o **Estado** também possui empresas, chamadas de estatais.
- 2. Concorrência**
As empresas competem entre si pelo mercado consumidor. No entanto, há situações em que uma empresa cresce tanto que chega a não ter concorrentes e constitui um monopólio, ou se organiza com outras para controlar um setor, caracterizando o oligopólio. Na maioria dos países há leis para coibir a formação de monopólios e oligopólios, pois eles impedem a livre concorrência.
- 3. Trabalho assalariado e terceirização**
As empresas pagam um salário aos trabalhadores contratados para que desempenhem alguma função produtiva, ou terceirizam algumas atividades para outras empresas que, por sua vez, também contratam trabalhadores assalariados.
- 4. “Lei” da oferta e da procura**
De forma geral, quando aumenta a oferta de um bem de consumo ou serviço, seus preços diminuem. Em contrapartida, quando a procura é maior do que a oferta, os preços sobem. Os monopólios e oligopólios podem interferir na formação de preços, em geral para cima; por isso, como vimos, eles são coibidos. O Estado também pode exercer influência, por exemplo, ao conceder incentivos fiscais (redução ou isenção de impostos) para setores em que deseja ampliar a oferta de bens ou serviços, contribuindo para reduzir seus preços.

O capitalismo é caracterizado pela alternância de períodos de expansão e de contração da atividade econômica. O período de contração caracteriza uma crise econômica, e houve várias delas ao longo da história.

Até 2018, a crise mais recente havia começado em 2008, no mercado imobiliário dos Estados Unidos. Seu estopim foi a enorme expansão de empréstimos para pessoas comprarem imóveis. Milhares de pessoas não conseguiram pagar suas **hipotecas**; com isso, os bancos executaram a dívida e muitas delas perderam suas casas. Com o excesso de oferta de imóveis no mercado, os preços caíram e os bancos não conseguiam vender essas casas para recuperar os empréstimos feitos. Muitos bancos tiveram elevados prejuízos, e alguns foram à falência. Com isso, a crise foi se espalhando por outros setores da economia estadunidense e, com o passar do tempo, atingiu outras partes do mundo.

Durante as crises há um período de diminuição do ritmo de crescimento econômico, em que as empresas reduzem a produção (muitas vão à falência) e o desemprego aumenta. No entanto, após algum tempo, a economia se reorganiza e volta a crescer, gerando novos negócios e empregos. O Estado pode ajudar nesse processo; entre outras medidas, pode reduzir a taxa de juros para estimular os investimentos, reduzir impostos para aumentar o consumo, ampliar a oferta de empréstimos às empresas por meio de bancos estatais e, eventualmente, até comprar parte das mais problemáticas.

Essas medidas foram tomadas, por exemplo, pelo governo dos Estados Unidos durante a crise econômica iniciada em 2008. Não fosse a ajuda governamental, o número de empresas que faliram seria muito maior.

hipoteca: contrato por meio do qual uma pessoa faz um empréstimo e dá seu imóvel como garantia de pagamento da dívida. Se o empréstimo não for quitado, o banco pode executar a hipoteca e assumir a propriedade do imóvel dado como garantia.

I Orientações didáticas

Leia na página XXVI o texto “A crise financeira sem mistérios”, de Ladislau Dowbor, que aborda a crise financeira no mercado imobiliário dos Estados Unidos, iniciada em 2008.

Trocando ideias

Para melhor explorar os dois sentidos da palavra “basta”, ora utilizada na charge como interjeição, ora como verbo, esta atividade pode ser desenvolvida de forma integrada com o componente curricular Língua Portuguesa. No primeiro quadrinho, o gráfico indica uma economia em crescimento, e, nesse contexto, a palavra “basta” é usada como interjeição, pois exprime a ideia de que o empresário está reclamando da intervenção do Estado na economia e exigindo seu fim (oriente os alunos a prestar atenção na expressão de indignação do empresário). No segundo quadrinho, o gráfico indica uma queda na atividade econômica, uma situação de crise, e, nesse contexto, a palavra “basta” é usada como verbo, porque transmite a ideia de que, para o empresário, a intervenção do Estado na economia é suficiente para estimulá-la (oriente os alunos a prestar atenção na expressão envergonhada do empresário, característica de quem está pedindo algo).

TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

Leia a charge e atente às expressões do personagem que representa um empresário e aos gráficos que estão atrás dele. Depois, reúna-se com um colega e reflitam sobre os sentidos atribuídos à palavra “basta” em cada situação, relacionando-os com o papel do Estado na economia, e escrevam a conclusão de vocês no caderno.



Fico/Arquivo da editora

Orientações didáticas

Explore com os alunos de forma introdutória o conceito de desenvolvimento (que será aprofundado no capítulo 5) e analise o significado dos termos “países desenvolvidos” e “em desenvolvimento”, tendo como ponto de partida o boxe **O que é?** desta página. Questione os alunos: O Brasil é um país desenvolvido ou em desenvolvimento? Por quê? Existe um Estado do bem-estar no Brasil? Discuta o papel do Estado na criação de condições estruturais que favorecem o desenvolvimento econômico e humano e a diminuição das desigualdades sociais. Nesse contexto, procure aprofundar a discussão sobre o Estado do bem-estar. Leia, a seguir, a definição desse termo apresentada pelo economista Paulo Sandroni, professor da Faculdade Getúlio Vargas (FGV-SP).

Estado do bem-estar (Welfare State)

Sistema econômico baseado na livre-empresa, mas com acentuada participação do Estado na promoção de benefícios sociais. Seu objetivo é proporcionar ao conjunto dos cidadãos padrões de vida mínimos, desenvolver a produção de bens e serviços sociais, controlar o ciclo econômico e ajustar o total da produção, considerando os custos e as rendas sociais. Não se trata de uma economia estatizada; enquanto as empresas particulares ficam responsáveis pelo incremento e realização da produção, cabe ao Estado a aplicação de uma progressiva política fiscal, de modo a possibilitar a execução de programas de moradia, saúde, educação, previdência social, seguro-desemprego e, acima de tudo, garantir uma política de pleno emprego. O Estado do bem-estar corresponde fundamentalmente às diretrizes estatais aplicadas nos países desenvolvidos por governos social-democratas.

[...]

SANDRONI, Paulo. *Dicionário de economia do século XXI*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 313.

O QUE É ?

Com base em definições da Organização das Nações Unidas (ONU) e do Banco Mundial, podemos dizer que os países desenvolvidos são aqueles de renda alta e que apresentam indicadores de desenvolvimento muito elevados; os países em desenvolvimento são aqueles que se situam nas faixas de renda baixa e média e apresentam indicadores de desenvolvimento baixo, médio e alto. No capítulo 5 estudaremos esse assunto com mais detalhe, com base em diversos dados socioeconômicos, e veremos que há exceções a essa definição geral.

Etapas do desenvolvimento capitalista

O capitalismo é um sistema que envolve muitos países e assumiu formas e ritmos de desenvolvimento distintos nas diferentes regiões do mundo. Historicamente o desenvolvimento capitalista concentrou mais riquezas em alguns países em detrimento de outros, e em uma classe social em detrimento de outras. A desigualdade entre as nações definiu a divisão entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento, e a desigualdade entre as classes sociais em cada país definiu a divisão entre ricos e pobres, com uma classe média entre esses dois extremos. Essa camada social intermediária é maior nos países desenvolvidos e menor nos países em desenvolvimento, embora esteja aumentando em muitos deles, com destaque para a China e a Índia, as economias que mais crescem no mundo atualmente (2018).

O Estado exerce papel fundamental ao minimizar essas desigualdades. Em diversos países da Europa, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, sucessivos governos implantaram o **estado do bem-estar** (do inglês, *welfare state*), responsável por promover políticas sociais (investimentos em educação, saúde, habitação, previdência, direitos trabalhistas, etc.) que diminuíram as desigualdades sociais. Isso contribuiu para melhorar as condições de vida da população, mesmo entre os mais pobres, como constataremos ao analisar os indicadores sociais no capítulo 5. Já nos Estados Unidos, país tradicionalmente avesso a muita intervenção estatal na economia, o estado de bem-estar é menos disseminado do que em países da Europa. Por isso, as desigualdades sociais são mais acentuadas nos Estados Unidos do que em outros países desenvolvidos.

Nos países em desenvolvimento, como os dos continentes asiático, latino-americano e, sobretudo, africano, onde as políticas sociais de forma geral foram insuficientes, as desigualdades sociais são maiores, a classe média é reduzida e há muito mais pobres entre a população, quando os comparamos com países desenvolvidos, mesmo com os Estados Unidos.

De acordo com as transformações ocorridas ao longo de sua história, podemos identificar quatro etapas fundamentais no desenvolvimento capitalista: comercial, industrial, financeira e informacional.

Mesmo em países desenvolvidos, como a Noruega, há desigualdade social, ainda que em escala pequena. Na fotografia, rua de Oslo (Noruega), em 2017.

14



Junge/Zuma Press/Fotorena

Sugestão de aprofundamento

Para saber mais sobre o Estado do bem-estar social, consulte o texto do economista José Luís Fiori, professor do Instituto de Economia da UFRJ.

FIORI, José Luís. *Estado do bem-estar social: padrões e crises*. Instituto de Estudos avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em: <www.iea.usp.br/publicacoes/textos/fioribemestarsocial.pdf>. Acesso em: 2 out. 2018.

O capitalismo comercial

O capitalismo comercial teve origem na Europa, alcançando seu auge nos séculos XVI e XVII, com o comércio de mercadorias como metais preciosos (ouro e prata) e produtos tropicais (açúcar, especiarias, etc.). Leia no quadro ao lado as principais características da fase comercial do capitalismo.

Nessa época, pessoas de diversos grupos étnicos da África foram capturadas, escravizadas e vendidas como mercadoria nas Américas. Na época, o comércio e a posse de pessoas escravizadas era uma atividade considerada legal e rendia muito dinheiro a traficantes europeus e aos fazendeiros que a utilizavam como mão de obra nas plantações do continente americano. Hoje em dia, a escravidão não é aceita legalmente em nenhum país, embora continue existindo sob modalidades diferentes e de forma clandestina – como destaca o texto da seção *Para conhecer mais*, na página seguinte.

Com a expansão marítima europeia, novas rotas de comércio foram definidas, e o volume das trocas aumentou significativamente. Esse foi o início da expansão do capitalismo, que integrou o espaço geográfico mundial em uma extensa rede de comércio. Nessa época, porém, os meios de transporte eram muito precários em comparação com os de hoje, e as viagens transoceânicas chegavam a durar meses.

A expansão do capitalismo comercial resultou no **colonialismo**, isto é, no domínio de novos territórios e sua exploração como colônias, sobretudo as latino-americanas, como Brasil, México e Cuba, com utilização do trabalho de pessoas escravizadas. Isso favoreceu o enriquecimento dos comerciantes e o acúmulo de capitais na Europa, o que serviu para financiar a chamada **Revolução Industrial**, que veremos a seguir. Extensas áreas do mundo foram conquistadas pelas potências europeias na fase inicial da expansão capitalista.

Caravela de João da Silveira, português que viajou à Índia em 1517. Esse tipo de embarcação era movido pelo vento, deslocava-se a uma velocidade média de 20 km/h e foi fundamental para impulsionar essa etapa do capitalismo.



Etapa comercial

 Fim do século XV até a primeira metade do século XVIII

- ✓ **Potências econômicas**
Líderes: Espanha e Portugal
Emergentes: Inglaterra e França
- ✓ **Periferia do sistema**
América e Ásia: fornecedoras de mercadorias
África: fornecedora de mão de obra
- ✓ **Interesses principais das potências**
Comércio mundial de mercadorias: metais (ouro e prata), açúcar, especiarias, pessoas escravizadas, etc.
- ✓ **Revolução tecnológica**
Técnicas: caravela e bússola (Grandes Navegações)
Energia: vento



Ilustrações: Banco de Imagens/Arquivo da Editora



Reprodução/Biblioteca Pierpont Morgan, Nova York, EUA.

I Orientações didáticas

Retome os assuntos abordados pelo componente curricular História com os alunos para aprofundar o conteúdo do quadro **Etapa comercial**. Comente que, na América, o domínio e a exploração de novos territórios resultaram na formação de colônias, algumas voltadas para o povoamento, embora a maioria delas estivesse direcionada à exploração de suas riquezas. Faça perguntas como: Que tipo de colonização foi estabelecida nos Estados Unidos e no Brasil? Que país foi mais beneficiado com a exploração das riquezas do Brasil nesse período? Lembre os alunos de que, no Brasil, a colonização favoreceu Portugal, a metrópole. Nos Estados Unidos, a colonização beneficiou o próprio país e facilitou o rompimento com o Reino Unido.

O desenvolvimento capitalista é historicamente marcado por uma relação de subordinação de um grupo de países sobre outro. No capitalismo, os países dominantes formam o chamado centro do sistema e os países dependentes, a chamada periferia. Isso existe desde a expansão marítima ocorrida durante o capitalismo comercial.

Para conhecer mais

O tratamento da escravidão nos dias atuais contempla o tema contemporâneo Educação em direitos humanos. É importante chamar a atenção dos alunos para o fato de que em pleno século XXI ainda existem mais de 40 milhões de pessoas submetidas a condições de existência análogas à escravidão, ou seja, oprimidas por trabalho forçado, servidão por dívida, casamento forçado, tráfico de seres humanos, etc. As mulheres são as principais vítimas desse desrespeito aos direitos humanos básicos e representam 71% do total de pessoas escravizadas, sobretudo em situações de casamentos forçados.

Sugestão de aprofundamento

O Decreto 7.037, de 21 de dezembro de 2009, que aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos, pode ser consultado no *site* da Presidência da República.

Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2009/Decreto/D7037.htm>. Acesso em: 2 out. 2018.

1. O país que possui mais pessoas escravizadas em números absolutos é a Índia, com 799 milhões de “escravos”; e em números relativos é a Coreia do Norte, com 104 pessoas escravizadas para cada 1 000 habitantes. O Brasil tinha 369 mil pessoas escravizadas, o que dá uma taxa de 1,8 pessoa para cada 1 000 habitantes.

2. Resposta pessoal. A principal diferença é que, na época do capitalismo comercial, o escravo era uma propriedade (tinha um dono) e uma mercadoria (era comprado e vendido), gerando lucro aos traficantes. A escravidão moderna, além de ilegal, abrange, como o próprio texto indica, “um conjunto de conceitos jurídicos específicos, incluindo trabalho forçado, servidão por dívida, casamento forçado, tráfico de seres humanos, escravidão e práticas semelhantes à escravidão”.



Operação do Ministério do Trabalho para resgatar trabalhadores em situação análoga à escravidão no município de Boa Vista, Roraima, em 2018.



PARA CONHECER MAIS

Escravidão moderna atinge mais de 40 milhões no mundo

Cerca de 40,3 milhões de pessoas em todo o mundo foram submetidas a atividades análogas à escravidão em 2016, segundo um relatório Índice Global de Escravidão 2018, publicado pela fundação Walk Free e apresentado na ONU [...]. No Brasil, são quase 370 mil pessoas.

No contexto do relatório, o conceito de escravidão moderna abrange um conjunto de conceitos jurídicos específicos, incluindo trabalho forçado, servidão por dívida, casamento forçado, tráfico de seres humanos, escravidão e práticas semelhantes à escravidão.

De acordo com o documento, 71% das vítimas são mulheres, enquanto 29% são homens. Das 40,3 milhões de pessoas afetadas, 15,4 milhões estavam em casamentos forçados, enquanto 24,9 milhões se encontravam em condições de trabalho escravo. A Ásia representa 62% da estimativa global de pessoas em regime de escravidão.

A escravidão moderna é mais comum na Coreia do Norte e em outros regimes repressivos, mas as nações desenvolvidas também são responsáveis porque importam 350 bilhões de dólares em mercadoria produzidas em circunstâncias suspeitas, afirmou a fundação Walk Free. Na Coreia do Norte, por exemplo, 104 em cada mil pessoas viviam em tais condições.

Completam o *ranking* dos países com maior percentual de escravidão moderna em relação à própria população a Eritreia (93 para mil), o Burundi (40 para mil), a República Central Africana (22 para mil), o Afeganistão (22 para mil), a Mauritânia (21 para mil), o Sudão do Sul (20,5 para mil), o Paquistão (17 para mil), o Camboja (17 para mil) e o Irã (16 para mil).

A Venezuela é, junto ao Haiti, o país com a maior incidência proporcional da escravidão moderna na América. Segundo o índice, 174 mil pessoas vivem nessa situação em território venezuelano, uma taxa de 5,6 para cada mil habitantes. Essa proporção é similar à do Haiti, onde 59 mil pessoas seriam vítimas – uma proporção amplamente acima da de outros países da região.

O Brasil registrou uma taxa de apenas 1,8 pessoa em condição de escravidão moderna para cada mil habitantes. Por outro lado, em números absolutos, o Brasil detém a segunda maior quantidade de pessoas em regime escravocrata na região, com 369 mil habitantes. Os EUA registraram 403 mil pessoas (1,3 para mil). [...]

No número absoluto de pessoas consideradas em regimes de escravidão moderna, Índia (7,99 milhões de indivíduos estimados), China (3,86 milhões), Paquistão (3,19 milhões), Coreia do Norte (2,64 milhões), Nigéria (1,39 milhões), Irã (1,29 milhão), Indonésia (1,22 milhão) e República Democrática do Congo (1,05 milhão) são os oito países acima de 1 milhão de “escravos”. [...]

DEUTSCHE WELLE. Escravidão moderna atinge mais de 40 milhões no mundo. *G1*, 20 jul. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/07/20/escravidao-moderna-atinge-mais-de-40-milhoes-no-mundo.ghtml>>.

Acesso em: 10 ago. 2018.

1. Qual país possui mais pessoas escravizadas em número absolutos e relativos? Qual é a situação do Brasil?
2. Qual é a diferença entre a escravidão da época do capitalismo comercial e a de hoje em dia?


O capitalismo industrial

No final do século XVIII começou no Reino Unido a chamada **Revolução Industrial**. Foi denominada “revolução” porque as profundas mudanças ocorridas no modo de produção interferiram em vários outros setores da vida das sociedades, principalmente o econômico. Entre essas mudanças estavam o desenvolvimento do processo industrial com base na máquina a vapor, a utilização do carvão mineral, o aumento na utilização da mão de obra assalariada e do número de fábricas, além do crescimento urbano.

Essa nova etapa do desenvolvimento capitalista ficou conhecida como capitalismo industrial (leia no quadro ao lado as principais características dessa fase). O lucro dos capitalistas concentrou-se na produção industrial – ou seja, na produção de bens destinados à comercialização –, e não apenas da compra e venda de mercadorias trazidas das colônias, como acontecia na fase anterior.

A Primeira Revolução Industrial foi marcada pela atuação predominante do Reino Unido, que ao longo dos séculos XVII e XVIII, devido ao domínio do comércio, transformou-se na maior potência econômica mundial. As principais indústrias dessa primeira fase da Revolução Industrial foram a têxtil, a siderúrgica, a naval e, mais tarde, a de material ferroviário. O crescimento das ferrovias foi um importante fator para a expansão do capitalismo na Europa e, depois, em outros continentes, apesar de nessa época os trens andarem a cerca de 30 km/h.

Etapa industrial

 Segunda metade do século XVIII ao fim do século XIX

✓ **Potências econômicas**

Líderes: Reino Unido e França
Emergentes: Estados Unidos e Alemanha
Decadentes: Espanha e Portugal

✓ **Periferia do sistema**

África e Ásia: colonização
América Latina: primeiros países independentes



✓ **Interesses principais das potências**

Ocupação de territórios para garantir mercados e acesso a matérias-primas minerais e agrícolas.

✓ **Revolução tecnológica**

Técnicas: máquina a vapor e trem
Energia: carvão mineral



Ilustrações: Banco de imagens/Arquivo da editora

I Orientações didáticas

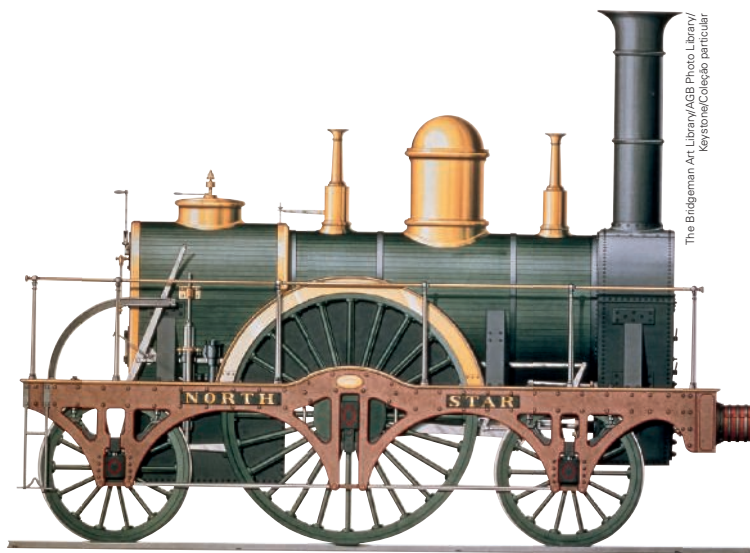
Mais uma vez, retome com os alunos os assuntos abordados pelo componente curricular História para explorar o quadro **Etapa industrial**. Destaque os avanços técnicos ocorridos nesse período, assim como o uso de combustível (carvão mineral), que impulsionou a Primeira Revolução Industrial.

Se considerar conveniente, converse com os alunos sobre o funcionamento da máquina a vapor.

Sugestão de aprofundamento

Para saber mais sobre o desenvolvimento da máquina a vapor, acesse a página do site do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que trata desse tema.

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). *Máquina a vapor*. Disponível em: <www.if.ufrgs.br/~leila/vapor.htm>. Acesso em: 2 out. 2018.



The Bridgeman Art Library/AGE Photo Library/Keystone/Coleção particular

◀ Locomotiva a vapor North Star (Estrela do Norte), produzida em 1837 pelo engenheiro inglês George Stephenson (1781-1848), que também foi o criador das primeiras linhas férreas com trens a vapor.

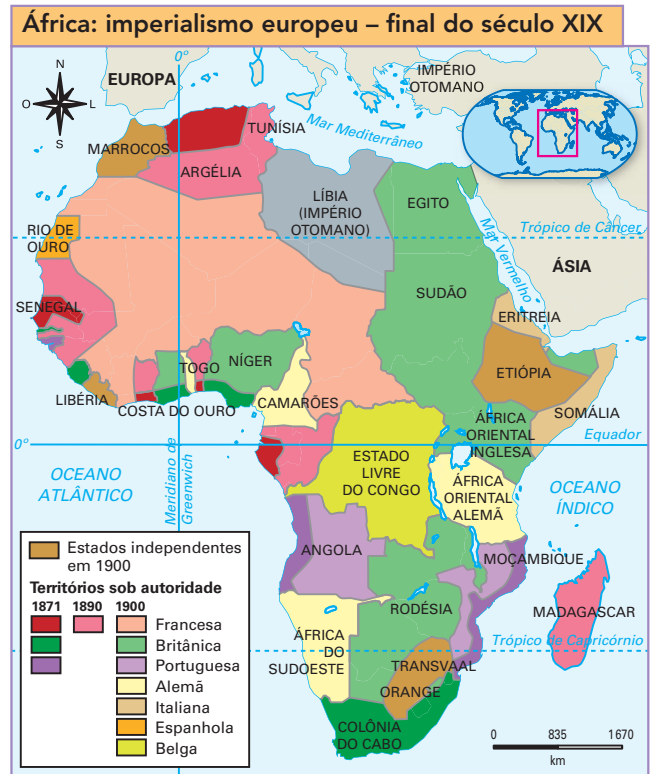
Orientações didáticas

No continente africano as potências europeias da época, sobretudo o Reino Unido e a França, implantaram uma colonização que começou no século XVI, com o tráfico de escravizados para a América, e se aprofundou na época do imperialismo (século XIX), com o controle de territórios, como mostra o mapa sobre o imperialismo europeu na África, para garantir o acesso a matérias-primas; depois, estendeu-se até meados do século XX, quando então começou o processo de descolonização e houve o surgimento de novos Estados independentes. Peça aos alunos que observem os mapas para compreender como se deu a expansão imperialista europeia na África e na Ásia. Discuta com eles também o motivo dessa expansão, quais países a lideraram e quais eram seus interesses.

Chame a atenção dos alunos para o fato de que, na Ásia, também houve a expansão imperialista japonesa e russa (a Rússia é um país euroasiático), como pode ser observado no mapa sobre o imperialismo na Ásia.

Imperialismo

O aumento da concorrência e a necessidade de conquistar novos mercados, bem como a busca de matérias-primas e fontes de energia, exigiram uma nova fase de expansão capitalista, chamada **imperialismo**. Essa fase culminou com a conquista e a ocupação de extensos territórios na África e na Ásia. Observe, no mapa ao lado e no mapa abaixo, os territórios da África e da Ásia que foram dominados na etapa imperialista do capitalismo.



Mapas desta página: Banco de Imagens/Arquivo de editora



EXPLORANDO OS MAPAS

Quais países conquistaram as maiores extensões de territórios na África e na Ásia durante a expansão imperialista?

Os países que conquistaram as maiores extensões territoriais na África foram o Reino Unido e a França, as principais metrópoles imperialistas.

O capitalismo financeiro

No decorrer do século XIX, o processo de industrialização, que era muito concentrado no Reino Unido, atingiu outros países, como a França, a Alemanha, a Itália, os Estados Unidos e o Japão. Com isso, os mercados se ampliaram, novos ramos industriais foram criados, novas fontes de energia foram utilizadas e as cidades cresceram mais aceleradamente. Iniciava-se a **segunda fase da Revolução Industrial**, liderada pelos Estados Unidos, que no fim do século XIX haviam se transformado na maior economia mundial. A Alemanha também teve um papel importante nesse período, especialmente nos setores químico-farmacêutico e automotivo.

Uma importante característica dessa etapa foi a fusão do capital das indústrias com o dos bancos, por isso chamada **capitalismo financeiro**. Leia no quadro abaixo as principais características dessa fase. Os bancos aumentaram seus lucros e ganharam importância, assumindo o controle de muitas empresas industriais e comerciais, e muitas dessas, por sua vez, criaram bancos.

No final do século XIX, com a invenção e o aperfeiçoamento do motor a combustão interna movido a gasolina e a *diesel*, abriu-se um vasto campo para o desenvolvimento da indústria automotiva e, conseqüentemente, da indústria petroquímica. No século XX, a utilização do petróleo superou a do carvão como principal fonte de energia. Foi nesse contexto que cresceu a importância do Oriente Médio como produtor e exportador de petróleo, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), pois a Europa não dispunha de reservas importantes desse combustível fóssil, e os Estados Unidos logo passaram a consumir mais do que produziam. Em 1938, uma empresa estadunidense (da qual se originaria a Chevron, que existe até hoje) começou a explorar petróleo na Arábia Saudita, país que viria a se tornar o maior produtor mundial desse recurso natural.


I Orientações didáticas

Explore o quadro **Etapa financeira** perguntando aos alunos: Por que os Estados Unidos emergiram como grande potência nesse período do capitalismo? Em que setores industriais esse país se destacou na época? Por que liderou a Segunda Revolução Industrial e conseguiu grandes avanços tecnológicos nesse período, com destaque para as indústrias petrolífera e automobilística? Com que país os Estados Unidos dividiram a liderança? O que aconteceu com as antigas potências econômicas europeias? Quais são as características mais importantes da Segunda Revolução Industrial? Quais são os avanços tecnológicos característicos dessa revolução?

Mencione aos alunos que até hoje as maiores empresas do mundo são oriundas de tecnologias da Segunda Revolução Industrial, como as petrolíferas e as automobilísticas. Das dez maiores empresas do mundo que constam da *Fortune Global 500 2017* (lista com a classificação das 500 maiores corporações do mundo em 2017, elaborada pela revista estadunidense *Fortune*), seis são petrolíferas – entre elas a chinesa Sinopec Group, a maior do setor – e duas são automobilísticas, com destaque para a japonesa Toyota Motor.

Ilustrações: Banco de imagens/Arquivo da editora

Etapa financeira

 Fim do século XIX até a Segunda Guerra Mundial

✓ Potências econômicas

Líderes: Estados Unidos e Alemanha
Emergente: Japão
Perdem influência: Inglaterra e França



✓ Periferia do sistema

África e Ásia: colonização
Independência dos países da América Latina



✓ Interesses principais das potências

Controle de territórios para garantir mercados e acesso a matérias-primas minerais e agrícolas.
Início da internacionalização das empresas.

✓ Revolução tecnológica

Técnicas: automóvel, avião e motores (combustão interna e elétricos)
Energia: petróleo e eletricidade



I Orientações didáticas

Ao discutir as características da Revolução Técnico-científica ou Informacional, analisando o box que sintetiza a **Etapa informacional** do capitalismo, é possível contemplar parcialmente a habilidade **EF08GE13**. Embora sejam abordadas aqui somente as bases econômicas do desenvolvimento científico e tecnológico, a aplicação disso será tratada nos capítulos sobre a América e a África.

Para explorar o quadro, questione os alunos: Quais foram as principais mudanças ocorridas durante o capitalismo informacional? Por que esse período recebeu esse nome? Que produto simboliza essa era?

A grande mudança foi a emergência da China como grande potência econômica, principalmente industrial. Outro acontecimento relevante foi o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, com destaque para o advento da internet. Esse momento do capitalismo informacional recebe esse nome em virtude da importância da informação e do conhecimento no mundo atual. Não por acaso o produto que simboliza essa era é o computador, que é um processador de dados e informações para a produção de conhecimentos.

Ao analisar a Revolução Informacional e sua materialização no espaço geográfico pode-se mobilizar a **CCH2**.

Leia o texto a seguir, extraído do livro *A natureza do espaço*, de Milton Santos, que trata da criação de um sistema técnico mundial que dá sustentação material à globalização.

A unicidade técnica

[...]

A morte dos impérios, que o fim da Segunda Guerra Mundial vai precipitar, coincide com a emergência de uma técnica capaz de se universalizar. Na verdade, antes mesmo de se instalar amplamente, o novo sistema técnico ganha essa enorme vitória, jogando abaixo as únicas fronteiras que poderiam impedir sua difusão. O surgimento de numerosos Estados na-

O capitalismo informacional

Ilustrações: Banco de imagens/Arquivo da editora

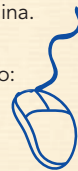


Etapa informacional



Pós-guerra aos dias atuais

- ✓ **Potências econômicas**
Líderes: Estados Unidos, Japão e Alemanha, seguidos por Reino Unido e França
Emergente: China
- ✓ **Periferia do sistema**
Independência dos países da África e da Ásia.
Emergência de novos centros capitalistas, com destaque para os países do BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.
- ✓ **Interesses principais das potências**
Aceleração da internacionalização das **empresas multinacionais**.
Domínio do mercado mundial para exportação de mercadorias, serviços e investimentos.
Garantia de acesso a fontes de matérias-primas e de energia, especialmente por parte da China.
- ✓ **Revolução tecnológica**
Tecnologias de informação e comunicação: computadores, internet, etc.
Conhecimento técnico-científico.
Fontes alternativas de energia.



empresa multinacional: empresa que, a partir de uma sede nacional, atua, por meio de filiais, instalando-se em vários países; as empresas multinacionais (MNEs, sigla de *multinational enterprises*, segundo terminologia da Unctad – Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento) também são conhecidas como transnacionais.

características dessa fase no quadro acima. A terceira Revolução Industrial, ou revolução informacional, estimulou a globalização. De que forma isso aconteceu?

No período pós-guerra, a competição entre os grandes grupos econômicos intensificou-se e, para superar os concorrentes, muitas empresas passaram a fazer grandes investimentos em pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico. Para tanto, receberam ajuda dos Estados onde estavam sediadas, que também fizeram grandes investimentos em educação e ciência. Esse conjunto de esforços produziu importantes avanços técnico-científicos, principalmente a partir do fim da década de 1970.

Assim, foram desenvolvidos novos ramos industriais e de serviços, que tiveram crescimento acelerado, como a informática, a robótica, as telecomunicações e a biotecnologia. Os computadores tornaram-se comuns em indústrias, lojas, bancos, serviços em geral e também em residências. Os robôs passaram a ser cada vez mais utilizados nas fábricas, especialmente em países desenvolvidos, aumentando a produtividade das empresas. Esses avanços tecnológicos criaram novos tipos de trabalho, mas também fizeram desaparecer muitos outros.

20 | UNIDADE 1 • Geografia econômica e política mundial

cionais, a criação de organismos supranacionais, a entrada em cena da informação e do consumo como denominador comum universal, tudo isso trabalha para facilitar o triunfo das técnicas baseadas na informação e que iriam revolucionar doravante a economia e a política, antes de incluir a cultura no processo global de mudanças.

[...]

O movimento de unificação, que corresponde à própria natureza do capitalismo, se acelera, para hoje alcançar o seu ápice, com a

predominância, em toda parte, de um único sistema técnico, base material da globalização. Com a emergência do período técnico-científico, no imediato pós-guerra, o respectivo sistema técnico se torna comum a todas as civilizações, todas as culturas, todos os sistemas políticos, todos os continentes e lugares.

[...]

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 152-153.

A robotização, sobretudo, gerou muito desemprego estrutural ou tecnológico, isto é, muitos tipos de trabalho se perdem devido ao avanço tecnológico e não são mais recuperados. Nesse processo, muitas profissões desapareceram, embora tenham surgido novas, mas que exigem maior grau de qualificação do trabalhador.

As telecomunicações avançaram de forma vertiginosa e hoje conectam o mundo por diversos meios: satélite, telefone, rádio, televisão, etc. A internet também se difundiu, passando a interligar vários lugares do mundo numa rede global de computadores.

Esses avanços tecnológicos caracterizam, como vimos, a terceira Revolução Industrial, ou revolução informacional (muitos também a chamam de **revolução técnico-científica**), cujos países líderes são os Estados Unidos, o Japão e a Alemanha, embora também haja países em desenvolvimento, como a China e a Índia, destacando-se em ciência e tecnologia. É cada vez maior a necessidade de investir em pesquisa científica e tecnológica para conceber, produzir e vender mercadorias. As técnicas exigidas para desenvolver e produzir *chips*, robôs, computadores, telefones celulares, medicamentos, automóveis ou mesmo produtos mais simples são cada vez mais sofisticadas. Os centros industriais típicos da revolução técnico-científica concentram essas modernas indústrias e serviços e são chamados de **parques tecnológicos** ou **tecnopolos**. Eles estão associados a universidades e centros de pesquisa e a maioria deles se encontra nos países desenvolvidos, mas há também alguns importantes tecnopolos em países em desenvolvimento. Entretanto, grande parte da população mundial ainda não dispõe sequer de saneamento básico e energia elétrica, conquistas da era industrial nos países desenvolvidos.

Philippe Calia/The New York Times/Fotoarena

MANJUNATH KIRAN/Agência France-Press



À esquerda, prédio de empresa estadunidense no parque tecnológico de Bangalore (Índia), um dos mais importantes do mundo, em 2017; à direita, periferia da cidade de Bangalore, também em 2017.

NA ESTANTE

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. 22. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

Esse livro, um clássico da história econômica, explica em linguagem simples as características mais importantes do capitalismo.



Orientações didáticas

Ao analisar as fotografias da cidade de Bangalore, na Índia, estimule os alunos a reconhecer que o capitalismo informacional continua sendo marcado por profundas desigualdades socioespaciais. É importante que eles reconheçam, como se pode observar nas imagens, que em uma cidade se materializam os maiores avanços tecnológicos da Terceira Revolução Industrial ou Informacional ao mesmo tempo que nela se mantêm adversidades que precedem a Primeira Revolução Industrial, como habitações precárias e a falta de saneamento básico, com esgotos a céu aberto.

Uma boa estratégia é explorar essas contradições em cidades brasileiras. Por exemplo, em Recife (PE) há o Porto Digital, importante tecnopolo que desenvolve tecnologias de ponta do setor de informática e de tecnologias da informação e comunicação; no entanto, muito próximo dali há favelas com habitações precárias e sem saneamento básico.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para exibir a videoaula sobre as fases de desenvolvimento do capitalismo.

Orientações didáticas

Para começar a tratar da questão das organizações econômicas, peça aos alunos que levem para a sala de aula recortes de jornais e revistas (anúncios publicitários e institucionais) e que identifiquem a presença de multinacionais e de marcas globais na economia brasileira e no dia a dia das pessoas. Eles também podem fotografar a paisagem do lugar em que moram, buscando elementos que indiquem a presença de empresas multinacionais. Com base nisso, questione-os: Por que essas empresas atuam no mundo todo, inclusive no Brasil? Deixe que os alunos se expressem livremente e não responda, ainda, à pergunta. Os motivos para a expansão das multinacionais serão explorados na página 24; o importante, aqui, é instigá-los a considerar a presença destes elementos. Pergunte ainda se eles sabem quais são as organizações internacionais que contribuíram para a organização da economia mundial e qual é o papel delas no mundo atual.

Inicie, depois, a análise da supremacia dos Estados Unidos na ordem mundial do pós-guerra e a importância de sediarem o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), centralizando o poder por meio do controle desses organismos internacionais. Ao mesmo tempo discuta com os alunos o processo de descentralização econômica que ocorreu com a expansão mundial das multinacionais, principalmente estadunidenses, as quais, por sua vez, reforçam a centralização de poder nos Estados Unidos, embora recentemente a China esteja questionando, cada vez mais, a hegemonia do país. Assim, contemplem-se parcialmente as habilidades EF08GE08 e EF08GE14.

NA REDE

Banco Mundial no Brasil

No portal oficial do Banco Mundial há dados e informações sobre o Brasil e acesso a documentos e relatórios preparados por essa organização internacional. Disponível em: <www.worldbank.org/pt/country/brazil>. Acesso em: 31 jul. 2018.

balanço de pagamentos: soma de todas as transações econômicas realizadas por um país, incluindo a balança comercial (exportações e importações), a balança de serviços (viagens, transportes, lucros, juros, assistência técnica, etc.), os investimentos, os empréstimos, a remessa de dinheiro enviada por emigrantes, etc.

As organizações econômicas

Após a Segunda Guerra Mundial, a economia mundial passou por trinta anos de contínuo crescimento, sobretudo nos países desenvolvidos. Entre outros fatores, esse crescimento resultou de vários acordos entre países e da atuação de organizações internacionais criadas nesse período, que promoveram estabilidade econômica e maior liberdade de comércio.

Em busca da reorganização da economia mundial, que estava seriamente abalada pela crise de 1929 e pela Segunda Guerra, em 1944, o governo dos Estados Unidos convidou representantes de 44 países para um encontro na cidade de Bretton Woods (estado de New Hampshire). Nessa reunião, o dólar americano foi adotado como a moeda do comércio e das finanças internacionais. Ainda nesse encontro foram criados o **Banco Mundial** e o **Fundo Monetário Internacional (FMI)**, ambos com sede em Washington, D.C., capital dos Estados Unidos. Esses fatos demonstram a supremacia econômica e política desse país no mundo do pós-Segunda Guerra: os Estados Unidos emergem como grande potência econômica e geopolítica e moldam o mundo do pós-guerra de acordo com seus interesses.

O objetivo principal do Banco Mundial era conceder empréstimos para a reconstrução no pós-guerra e, a longo prazo, estimular o desenvolvimento, especialmente por meio de financiamento a obras de infraestrutura. O FMI, que atualmente é uma agência especializada das Nações Unidas, ficou encarregado de garantir a estabilidade financeira da economia mundial e fornecer empréstimos para socorrer países em crise cambial (moeda nacional perdendo valor rapidamente), devido a dificuldades de fechar seu **balanço de pagamentos**.

Esses dois organismos, controlados pelos Estados Unidos, passaram a ser os principais agentes de difusão do capitalismo na periferia do mundo influenciada por esse país. Quando algum país com desequilíbrios no balanço de pagamentos e crise cambial recorre a empréstimos emergenciais do FMI, é obrigado a aceitar as condições de ajuste impostas por essa organização, o que geralmente implica cortes de gastos para resolver o *deficit* das contas públicas. O Banco Mundial, quando faz empréstimos para financiar alguma obra, também exige contrapartidas do país para o qual emprestou. É assim que essas duas organizações buscaram moldar as economias da periferia do capitalismo de acordo com o pensamento econômico dominante no centro do sistema.

Após a Segunda Guerra, os bancos continuaram crescendo e desempenharam papel cada vez mais importante como financiadores da produção, acentuando-se assim a tendência surgida no fim do século XIX, na fase do capitalismo financeiro.



Sede do Banco Mundial, em Washington, D.C. (Estados Unidos), em 2017. Os acionistas do Banco Mundial são 186 países, mas desde sua criação o presidente é indicado pelos Estados Unidos, que possuem a maior cota de participação.

2. O FMI exige que os países implementem as políticas econômicas indicadas pelo organismo para corrigir os problemas que levaram o país a pedir socorro financeiro e dá assistência técnica para essa implementação. Veja que, para a Argentina ter acesso aos 35 bilhões de dólares restantes do empréstimo de 50 bilhões que o FMI lhe concedeu, terá que cumprir “o programa econômico que se comprometeu a aplicar”. Entre outras condições, o país vizinho terá que zelar o *deficit* fiscal (quando o governo gasta mais do que arrecada de impostos e taxas) até 2020. Essa política pode agravar os problemas sociais, tanto que uma cláusula do acordo da Argentina com o FMI permite aumentar os gastos sociais, caso a pobreza passe de 25% da população. A charge ironiza esses empréstimos do FMI, que são cheios de condicionalidades e, em geral, agravam os problemas sociais dos países que os recebem.

Leia na seção a seguir um texto sobre o papel do FMI.



PARA CONHECER MAIS

FMI – Fundo Monetário Internacional

[...]

A missão do FMI é realizada de três maneiras:

Monitoramento do sistema monetário internacional. O FMI monitora o sistema monetário internacional e as políticas econômicas e financeiras dos seus 189 países-membros. Neste processo, que ocorre tanto em nível global como em nível individual de cada país, o FMI destaca os possíveis riscos para a estabilidade e aconselha sobre políticas econômicas.

Empréstimos aos países-membros. Uma responsabilidade central do FMI é dar empréstimos aos países-membros que enfrentam problemas – atuais ou potenciais – de balanço de pagamentos. Esta assistência financeira permite aos países reconstruir suas reservas internacionais, estabilizar suas moedas, continuar pagando as importações e restaurar as condições para um forte crescimento econômico, ao mesmo tempo que implementam políticas para corrigir problemas subjacentes. Ao contrário dos bancos de desenvolvimento, o FMI não empresta para projetos específicos.

Capacitação. Programa de capacitação do FMI – assistência técnica e treinamento – auxilia os países-membros a desenhar e implementar políticas econômicas que promovam a estabilidade e o crescimento, fortalecendo suas capacidades e habilidades institucionais. O FMI busca desenvolver sinergias entre assistência técnica e treinamento para maximizar sua eficácia.

FMI – Fundo Monetário Internacional. *ONU BR – Nações Unidas no Brasil*, 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/fmi/>>. Acesso em: 29 out. 2018.

Agora, responda às questões a seguir no caderno.

1. Para que serve o FMI?
2. Observe a charge ao lado e reflita: o que o FMI exige em troca dos empréstimos que concede? Quais podem ser as consequências disto?



1. Para emprestar dinheiro a países com problemas econômicos, como *deficit* no balanço de pagamentos e crise cambial, recompondo as reservas internacionais, estabilizando a moeda e garantindo os pagamentos internacionais (inclusive os empréstimos estrangeiros).

Para conhecer mais

É importante que os alunos compreendam que o Banco Mundial e o FMI exigem contrapartidas para emprestar dinheiro aos países-membros, isto é, impõem a adoção de políticas econômicas propostas por essas organizações, como privatização de empresas estatais, redução do *deficit* público, entre outras medidas. Eles devem perceber também que as políticas econômicas dessas organizações estão alinhadas com os interesses dos Estados Unidos, país onde estão sediadas e que mais contribui com elas, tendo, consequentemente, maior influência sobre as diretrizes delas. A charge presente na seção ilustra claramente a exigência de contrapartidas nos empréstimos concedidos pelo FMI para o reequilíbrio da economia de um país.

I Orientações didáticas

Como vimos na definição de Unctad – Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, no glossário da página 20, embora as empresas multinacionais tenham uma atuação internacional, elas mantêm uma base nacional, onde é sediada a administração central e são tomadas as decisões que envolvem os negócios globalizados. Na realidade, a descentralização da produção provocou uma centralização das decisões estratégicas, tanto que, entre as informações da pesquisa *Fortune Global 500*, além de faturamento e lucro, estão a cidade e o país onde fica a sede da empresa.

A pergunta do boxe **Explorando o cartograma** estimula a leitura da representação da distribuição das 500 maiores empresas do mundo, contemplando parcialmente a habilidade **EF08GE19**. Verifique se os alunos reconhecem que as áreas dos países no cartograma estão representadas em tamanho proporcional à sua participação no fenômeno representado (no caso, o número de empresas nacionais entre as 500 maiores do mundo).

Explore mais o cartograma com os alunos, fazendo outras perguntas, como: Qual é a maior empresa dos Estados Unidos? Em relação ao número de empresas, qual país aparece na segunda posição? Qual é a maior empresa desse país? Ela é a maior do mundo?

O Walmart (supermercado) é a maior empresa dos Estados Unidos e do mundo por faturamento. Seu faturamento em 2017 foi de 500,3 bilhões de dólares. A segunda posição é da China, com 111 empresas. A State Grid [geração de energia elétrica, segunda maior empresa do mundo, teve um faturamento de 348,9 bilhões de dólares em 2017]. O Brasil, além da Petrobras, possui as seguintes empresas entre as maiores do mundo: Itaú Unibanco Holding, Banco Bradesco, Banco do Brasil, JBS, Vale e Ultrapar Holdings.

Comente com os alunos que a maioria dos grandes grupos econômicos está sediada nos países de industrialização consolidada. Já existe, porém, um número razoável de grandes conglomerados em países em desenvolvimento, sobretudo na China.

As multinacionais

Com a grande expansão econômica ocorrida no pós-guerra, muitas empresas abriram filiais em vários países do mundo, a fim de buscar novos mercados em que pudessem produzir com custos mais baixos – portanto, com maiores lucros – e ao mesmo tempo ampliar as vendas. Desse modo, passaram a ter uma atuação global e tornaram-se multinacionais ou transnacionais.

Atualmente, a maioria das grandes empresas capitalistas faz parte de **conglomerados**. Um conglomerado (grupo ou corporação, como também costuma ser chamado) consiste em um conjunto de empresas que atuam em diversos setores e, em geral, têm uma empresa-líder. As demais empresas do conglomerado recebem o nome de subsidiárias. A empresa-líder, também chamada *holding*, muitas vezes se ocupa exclusivamente da administração das subsidiárias do grupo.

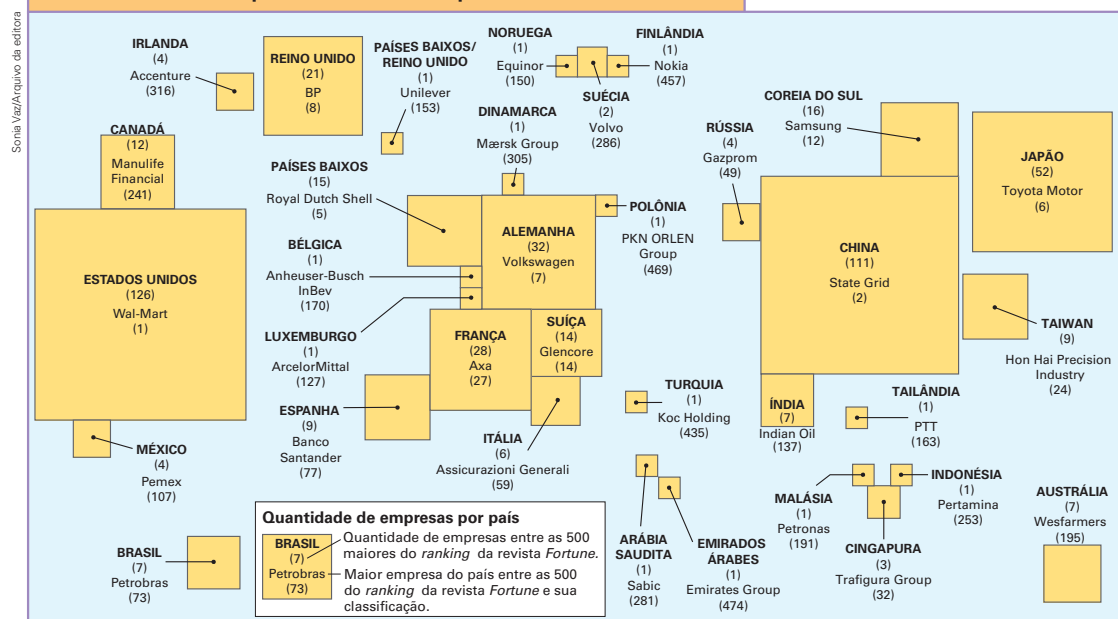
Há vários exemplos de conglomerados nacionais industriais e financeiros – Petrobras, Vale, Bradesco, Itaú Unibanco, Ultrapar, etc. – e estrangeiros, sediados em países desenvolvidos e também em alguns países em desenvolvimento – General Electric (Estados Unidos), Toyota (Japão), Volkswagen (Alemanha), Nestlé (Suíça), Samsung (Coreia do Sul), Sinopec (China), Tata (Índia), etc.

Observe, no cartograma a seguir, onde estão localizadas as maiores empresas do mundo e quais são elas.

EXPLORANDO O CARTOGRAMA

Qual país possui mais empresas entre as 500 maiores do mundo? O Brasil possui empresas que estão entre as maiores do mundo?

As 500 maiores empresas do mundo, por faturamento* – 2017



Fonte: elaborado com base em IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 32.

*As empresas estão sendo citadas com fins didáticos.

Os Estados Unidos, com 126 empresas. O Brasil tem sete empresas na lista da Global 500. A maior delas é a Petrobras, 73ª do mundo por faturamento (ela faturou 88,8 bilhões de dólares em 2017).

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

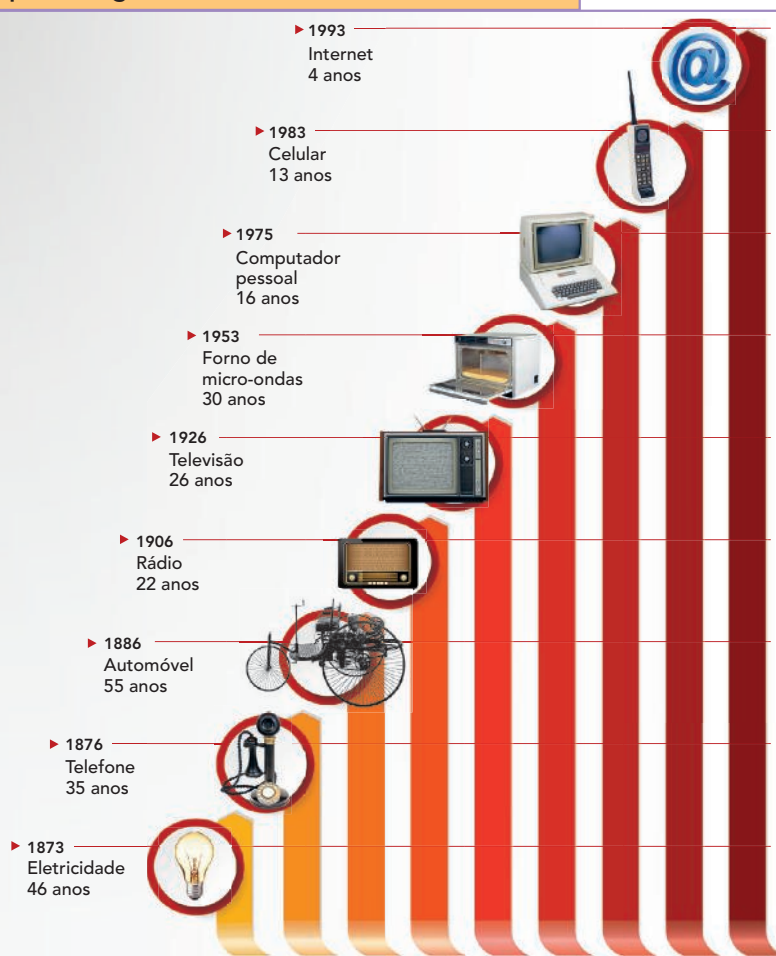
1. O capitalismo tem como características mais importantes: a propriedade privada (ou particular) dos meios de produção, embora em muitos países existam empresas estatais; a livre concorrência das empresas (embora em alguns mercados possa haver monopólios e oligopólios); a predominância do trabalho assalariado; a "lei da oferta e da procura".

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

1. Com base na análise do quadro da página 12 e no que você estudou ao longo desse capítulo, descreva as características mais importantes do capitalismo. Você consegue observá-las em seu dia a dia? Dê exemplos.
2. Sob a orientação do professor, reúnam-se em grupos, analisem a figura e discutam as questões propostas.

Inovações tecnológicas: ano de criação e tempo para atingir mais de 50 milhões de usuários

As imagens não estão proporcionais entre si.



2. b) Essas tecnologias modificaram a noção de tempo e espaço, facilitaram a comunicação com o uso do celular e da internet; o computador facilitou a vida pessoal, educacional e profissional em diversos aspectos. Além disso, sem o computador não existiria a internet, que, por sua vez, além de ferramenta de comunicação, tem diversos outros usos: estudo e pesquisa, trabalho remoto, compra e venda de produtos e serviços, operações bancárias e financeiras, etc.

Fonte: elaborada com base em NATIONAL CENTER FOR POLICY ANALYSIS. In: NUNOMURA, Eduardo. O sucesso meteórico da internet. Veja. São Paulo: Abril, ed. 1 557, ano 31, n. 30, 29 jul. 1998. p. 36.

- a) Quais são as três inovações tecnológicas que se difundiram mais rapidamente entre a população? Por que vocês acham que isso aconteceu?
As inovações que se difundiram mais rapidamente foram a internet; em seguida, o celular e o computador pessoal.
- b) Que mudanças essas tecnologias provocaram na vida das pessoas?
- c) Que outras inovações tecnológicas vocês conhecem ou das quais já ouviram falar e que não apareceram na figura? Resposta pessoal.

CAPÍTULO 1 • Desenvolvimento do capitalismo | 25

Consolidando conhecimentos

1. Estimule os alunos a observar as características do capitalismo no seu dia a dia. Se considerar conveniente, proponha à turma uma apresentação em que cada aluno fale sobre suas observações e conclusões.
2. Esta atividade trabalha parcialmente a habilidade **EF08GE13** ao analisar diversos avanços tecnológicos, alguns já antigos, como a eletricidade, outros bem recentes, como a internet, mostrando o tempo de difusão dessas técnicas. Embora a figura não mostre que essas tecnologias provocaram grandes mudanças na vida das pessoas e no mundo do trabalho, pois acabaram com algumas profissões e ao mesmo tempo criaram outras, é possível inferir essas informações com base na observação da realidade. Dessa forma, a atividade também mobiliza parcialmente a **CCH2** e a **CEGeo5**.
 - a) Comente com os alunos que a difusão das inovações tecnológicas ocorre de forma desigual entre lugares, países e regiões e também entre a população.
 - b) Comente com os alunos que essa tecnologia também criou problemas, como a exposição da vida das pessoas nas redes sociais e os boatos ou notícias falsas, que chegam até mesmo a interferir no resultado de eleições ou consultas públicas.
 - c) Os alunos podem mencionar outros produtos eletrônicos, como o *videogame* e o *tablet*; avanços aeroespaciais, como os satélites e os telescópios espaciais; fontes de energia renováveis, como a solar e a eólica; avanços na Medicina, como transplantes de órgãos, novos remédios e novas vacinas; entre outras inovações.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE05 Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra.

EF08GE06 Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos.

EF08GE07 Analisar os impactos geoeconômicos, geoestratégicos e geopolíticos da ascensão dos Estados Unidos da América no cenário internacional em sua posição de liderança global e na relação com a China e o Brasil.

EF08GE08 Analisar a situação do Brasil e de outros países da América Latina e da África, assim como da potência estadunidense na ordem mundial do pós-guerra.

EF08GE09 Analisar os padrões econômicos mundiais de produção, distribuição e intercâmbio dos produtos agrícolas e industrializados, tendo como referência os Estados Unidos da América e os países denominados BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

EF08GE11 Analisar áreas de conflito e tensões nas regiões de fronteira do continente latino-americano e o papel de organismos internacionais e regionais de cooperação nesses cenários.

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

Orientações didáticas

Se possível, exponha um mapa-múndi político na sala de aula e questione os alunos sobre o que é mostrado nele, o que significam as cores e as linhas que separam os países. Eles devem reconhecer que as linhas representam os limites entre os territórios nacionais e as cores servem para distinguir um país do outro.

CAPÍTULO

2

Vamos tratar de:

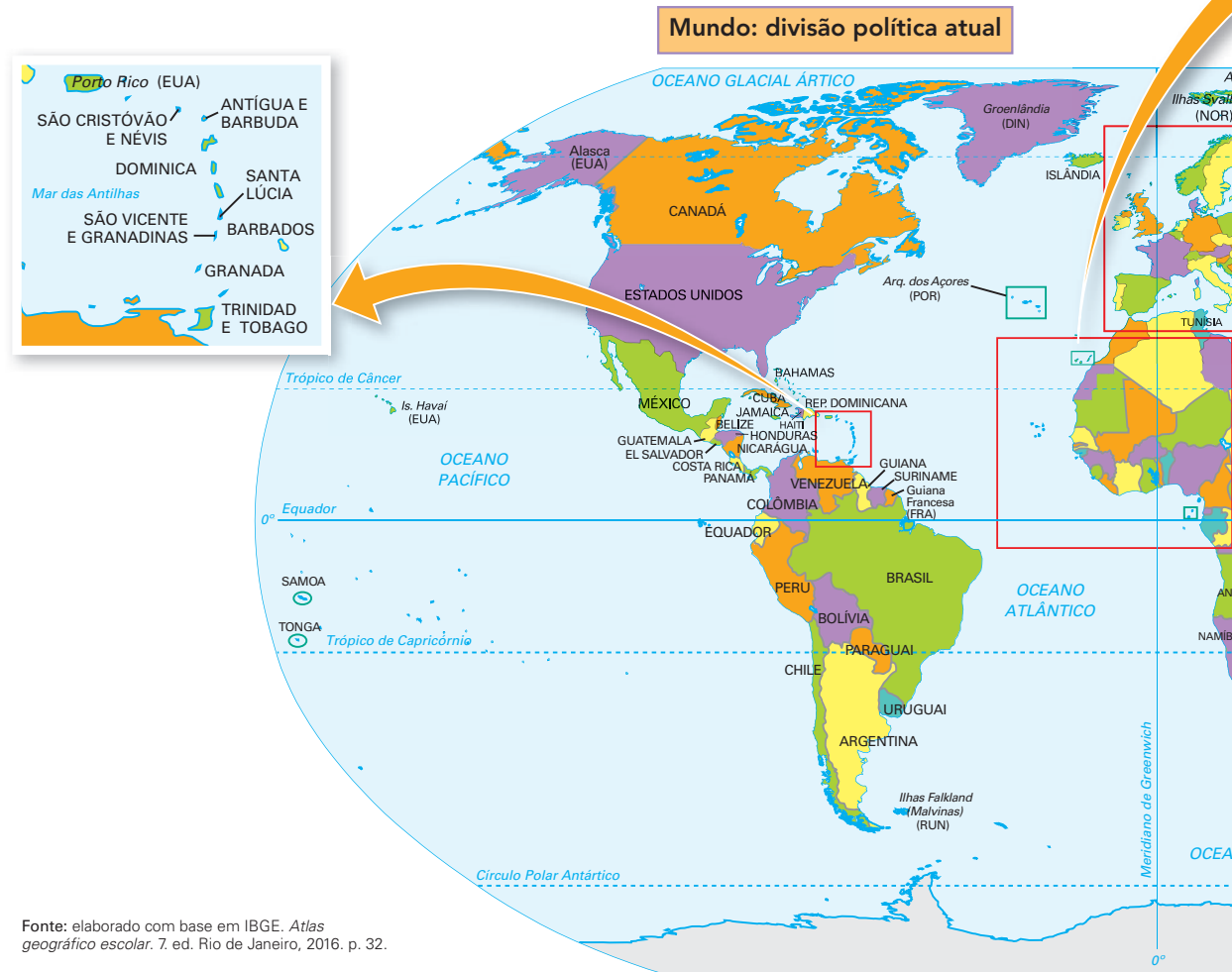
- Conceitos de geografia política
- Fronteiras e limites
- Organização das Nações Unidas
- Ordem mundial contemporânea

Estados nacionais na ordem mundial

Ao observarmos um mapa-múndi como o apresentado abaixo, percebemos que, com exceção da Antártica, todos os continentes são divididos política e territorialmente em **Estados nacionais** (comumente chamados **países**).

A configuração dos Estados nacionais é uma construção das sociedades, por meio de acordos firmados ao longo da história, de forma pacífica ou após guerras, levando ao estabelecimento de limites e fronteiras entre os países.

Isso significa que os territórios nacionais nem sempre foram como os vemos hoje nos mapas-múndi. Significa também que seus limites e fronteiras continuam se modificando. A divisão da superfície terrestre em Estados é relativamente recente na História, como veremos a seguir. Mas antes de continuarmos, vamos estudar alguns conceitos relacionados ao assunto.



26 | UNIDADE 1 • Geografia econômica e política mundial

Converse com os alunos sobre o tema “Estados nacionais na ordem mundial” para identificar os conhecimentos prévios deles. Pergunte, por exemplo, quais são os conceitos cotidianos que eles têm sobre Estado, país, nação, governo e território, entre outros conceitos de Geografia Política.



Mapas: Banco de imagens/Aquivo da editora

Orientações didáticas

Se considerar conveniente neste momento, fale sobre a situação política do Kosovo, um país que, mesmo já tendo declarado sua independência em 2008, ainda não foi reconhecido por todos os países e, por essa razão, não é ainda membro da ONU.

Ao responder à pergunta do boxe **Explorando o mapa**, espere-se que os alunos reconheçam que essa organização do mundo é uma construção histórica, que sofreu e sofre alterações continuamente. Ainda que de forma geral, comente com eles que a formação dos Estados nacionais modernos se deu no século XVIII – esse conteúdo deve ser abordado em História também no 8º ano. As cores dos mapas são utilizadas para distinguir os territórios dos países e as áreas da superfície terrestre cobertas por água (mares e oceanos, em azul).

Para ilustrar o dinamismo dos limites entre os territórios ao longo da história, mostre aos alunos um planisfério (ou um mapa político da África) antes da divisão do Sudão, com o resultado na criação do Sudão do Sul (em 2011).

EXPLORANDO O MAPA

Estamos acostumados a ver o mapa-múndi político desde que entramos na escola, e por isso ele nos parece familiar e imutável. Mas desde quando o mundo é organizado como aparece neste mapa? O que significam as cores nele?

* O Kosovo declarou independência da Sérvia em 2008, mas sua soberania ainda não é reconhecida por todos os países; portanto, não é membro da ONU.

** Em 2014, em referendo que obteve 96,8% dos votos favoráveis, a população da Crimeia aprovou a separação da Ucrânia e a reintegração à Rússia, a quem pertenceu até 1954. A Rússia considera a Crimeia parte de seu território e encara como legítima essa reintegração. No entanto, os Estados Unidos e a União Europeia condenaram esse ato, que consideraram uma anexação ilegal. Esse novo status territorial da Crimeia não foi reconhecido pela ONU nem por seus Estados-membros.

Orientações didáticas

A apresentação de conceitos básicos de Geografia Política – Estado, país e nação –, cujo entendimento é necessário para a compreensão dos assuntos que serão abordados, contempla parcialmente a habilidade **EF08GE05**. Nos capítulos de Geografia Regional da África e da América, esses conceitos serão retomados e aplicados a casos concretos.

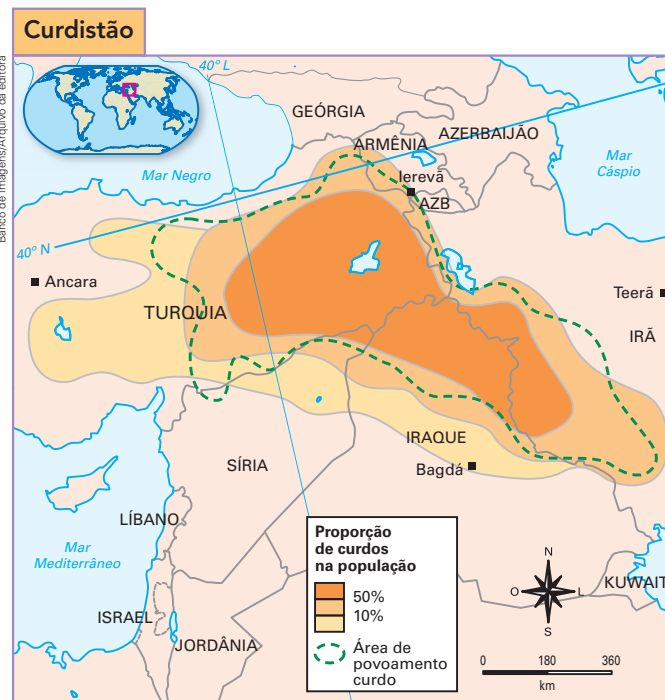
Ao explorar o mapa de Curdistão, aproveite para discutir com os alunos se ele é um país, como sinônimo de Estado nacional, ou é um “país”, como sinônimo de terra habitada por um povo ou etnia.

Leia, a seguir, o texto do cientista político Helio Jaguaribe (1923-2018), que mostra as origens dos conceitos modernos de nação e Estado [o texto na íntegra está disponível no endereço: <www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a18v2262.pdf>; acesso em: 10 out. 2018].

O texto “Estado-nação, nação, nacionalismo”, de Anthony Giddens, reproduzido na página XXVII, aprofunda a discussão sobre esses conceitos de Antropologia.

Os alunos devem perceber que os curdos estão espalhados em vários Estados do Oriente Médio, com destaque para a Turquia, o Iraque, o Irã e a Síria. Ou seja, eles vivem em territórios controlados por outros Estados. Logo o Curdistão, que significa “país dos curdos”, não é um Estado soberano e independente. País nesse caso deve ser usado entre aspas, pois apenas define a área habitada por eles, portanto, não é sinônimo de Estado nacional.

secessão: separação de parte do território de um Estado nacional.



28 | UNIDADE 1 • Geografia econômica e política mundial

Os conceitos de Estado, país e nação

Estado, no sentido jurídico-político, é uma entidade que exerce o controle sobre um território com limites precisos. Essa palavra nomeia também as unidades internas de alguns Estados nacionais, como o Brasil, o México e os Estados Unidos da América.

No cotidiano, Estado e país costumam ser utilizados como sinônimos. Porém, como vimos, Estado é um conceito jurídico-político e pressupõe a existência de controle sobre um território nacional e a existência de diversas instituições de governo. Já **país** tem mais um sentido geográfico e define a região habitada por uma etnia (do grego *éthnos*, que significa ‘povo’), que pode não ter o controle desse território.

Por exemplo: a região habitada pela etnia curda se estende principalmente pelos territórios de quatro Estados nacionais da Ásia: Turquia, Iraque, Síria e Irã (observe o mapa a seguir). Essa região é chamada de Curdistão, que significa ‘país dos curdos’.

A palavra **nação** é muito utilizada com dois sentidos diferentes. No sentido cultural, é usada como sinônimo de etnia. Por exemplo, podemos dizer que no Brasil há 305 etnias ou nações indígenas. Já no sentido jurídico-político é usada como sinônimo de Estado nacional. Isso ocorre, por exemplo, com o nome da entidade que reúne 193 Estados do mundo, a Organização das Nações Unidas (ONU), que vamos estudar neste capítulo.

Em setembro de 2017, a população do Curdistão iraquiano participou de uma consulta pública para decidir se queria ou não a separação e a criação de um Estado curdo soberano. Cerca de 93% dos votos foram pelo “sim” à independência, mas o governo iraquiano não aceitou a decisão e interveio para evitar a **secessão**.

EXPLORANDO O MAPA

Um dos pressupostos para a existência de um Estado é o controle de um território com limites precisos por um governo. Isso acontece no caso dos curdos?

Nação e nacionalismo no século XXI

Nação, em sentido socioantropológico, é uma comunidade dotada de cultura própria, obedecendo a uma direção comum e, com raras exceções, habitando o mesmo território. Nesse sentido, as nações existem desde o Neolítico. Na universidade medieval, dava-se o nome de “nação” aos grupos linguísticos que diferenciavam seus estudantes, que formavam as nações francesa, germânica etc. A nação, em sentido moderno, surge na Europa, de forma incipiente, com o Renascimento italiano, em que se diferenciam florentinos, milaneses, napolitanos etc. Em seu pleno sentido sociopolítico, as nações europeias emergem

a partir do século XVI, com a formação ou consolidação de Estados Nacionais, como França, Inglaterra, Castela, Portugal. O Estado Nacional terá vida longa. Adquire sua forma moderna a partir do século XVIII e se configura em sua plenitude na segunda metade do século XIX, com as unificações da Alemanha e da Itália. Essa modalidade de Estado se generaliza para o restante do mundo a partir daquele século. [...]

JAGUARIBE, Helio. Nação e nacionalismo no século XXI. *Estudos Avançados* 22 (62), 2008.

Limites e fronteiras dos Estados

Limite, fronteira e divisa são conceitos importantes para o estudo da geografia política e, embora interligados e complementares, são diferentes.

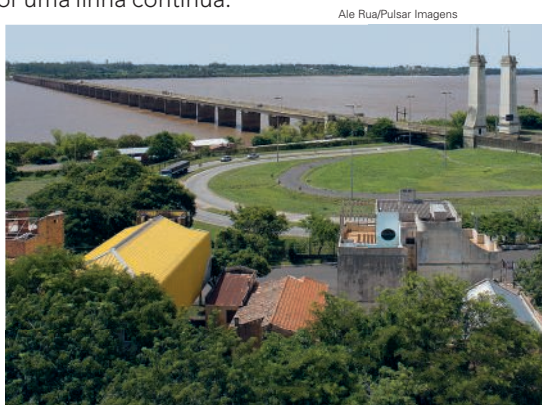
Limite é uma linha imaginária, materializada ou não na paisagem, que separa dois territórios, como no caso dos Estados nacionais. É definida por acordos internacionais e, nos mapas políticos, é representada por uma linha contínua.

Divisa é a materialização do limite, portanto, visível na paisagem. Pode ser constituída por marcos fixados no terreno (uma cerca, um muro ou monumentos, por exemplo) ou algum elemento natural (como um rio ou a crista de uma montanha).

O limite do Brasil com seus vizinhos, por exemplo, é em grande parte estabelecido por divisas naturais. Há, porém, alguns trechos das fronteiras brasileiras cujos limites estão baseados em divisas artificiais, como ruas e monumentos. Observe o mapa abaixo e a fotografia ao lado para compreender melhor esses conceitos.



Fonte: elaborado com base em IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 41.



Em primeiro plano, Uruguai (RS), em território brasileiro, e ao fundo, Paso de los Libres, em território argentino, separados pelo rio Uruguai. A Ponte Internacional Getúlio Vargas-Agustín Pedro Justo liga os dois países. Foto de 2014.

NA ESTANTE

ANDRADE, Manuel Correia de. *Geopolítica do Brasil*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

Traz a formação geopolítica do Brasil, a consolidação do território do país nos tempos de colônia e império, além de questões territoriais na América do Sul. Caracteriza-se como um importante instrumento na análise dos limites e fronteiras brasileiros desde o século XV.

EXPLORANDO O MAPA

O Brasil só não tem limites com dois países da América do Sul. Quais são eles? Em sua opinião, em quais fronteiras do país há mais movimentação de pessoas e intercâmbio de mercadorias?

Chile e Equador. Resposta pessoal.

Orientações didáticas

Ao discutir os conceitos associados ao Estado nacional – território, fronteira e limites – com exemplos de países americanos, contempla-se parcialmente a habilidade **EF08GE05**. O tema será retomado nos capítulos que abordam a Geografia Regional.

A análise da zona de fronteira México-Estados Unidos nestas páginas, a mais conflituosa na América, contempla parcialmente a habilidade **EF08GE11**, que será retomada nos capítulos regionais sobre a América.

Antes de desenvolver o conteúdo desta página, questione os alunos sobre o significado de limite, divisa e fronteira e verifique qual é o conceito cotidiano que eles têm. Embora esses conceitos tenham diferenças, muitas vezes são utilizados como sinônimos.

Ao refletir sobre a resposta do boxe **Explorando o mapa**, informe os alunos de que, na zona de fronteira com os países platinos (Argentina, Uruguai e Paraguai), há mais movimentação de pessoas e intercâmbio de mercadorias e maior integração socioeconômica e cultural. Já nos países amazônicos, a existência da floresta e as grandes distâncias entre as cidades dificultam o intercâmbio e a movimentação.

Orientações didáticas

Explore a fotografia do muro existente no limite entre os Estados Unidos e o México para consolidar a assimilação dos conceitos apresentados. Uma estratégia possível é estabelecer comparações entre o controle exercido pelos Estados Unidos na fronteira com o México e o controle exercido pelo Brasil na fronteira com os países vizinhos. Leia no texto abaixo uma definição dos conceitos de limite, fronteira e divisa.

Fronteira e limite

[...] os Estados modernos necessitam de limites precisos onde possam exercer sua soberania, não sendo suficientes as mais ou menos largas faixas de fronteira. Assim, hoje o “limite” é reconhecido como linha, e não pode, portanto, ser habitado, ao contrário da “fronteira” que, ocupando uma faixa, constitui uma zona, muitas vezes bastante povoada, onde os habitantes de Estados vizinhos podem desenvolver intenso intercâmbio, em particular sob a forma de contrabando. Daí que para os Estados não é admissível uma “zona neutra”, de limites imprecisos, recomendando-se, inclusive, que não sejam transitórios, mas os mais permanentes possíveis, o que contribui para evitar transtornos à população fronteiriça.

Não é demasiado lembrar como se torna distinto o cotidiano vivido de um lado ou de outro do limite. Muitas vezes, embora as características físicas comuns possam haver ensejado estilos de vida semelhantes nos dois lados do limite de uma mesma região fronteiriça, a presença do Estado impõe distinções marcantes. Obrigações como pagamento de impostos e prestação do serviço militar, e direitos, como os serviços públicos, serão diferentes, assim como o estabelecimento dos preços, ainda que o obstáculo representado pela moeda possa ser contornado através da atenção à taxa de câmbio. Estabelece-se assim um choque entre o “direito de ir e vir” e o princípio da “soberania dos Estados”. É a esfera da política que decidirá se o Estado irá incentivar ou dificultar o intercâmbio com os vizinhos. [...]

NA REDE

Os cinco muros que ainda dividem populações no mundo

Essa reportagem mostra imagens do muro na divisa entre Estados Unidos e México e mais quatro barreiras que dividem grupos étnicos ou países. Pragmatismo Político, 10 nov. 2014. Disponível em: <www.pragmatismopolitico.com.br/2014/11/os-5-muros-que-ainda-dividem-populacoes-mundo.html>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Limites e divisas servem para demarcar as fronteiras entre Estados nacionais.

Fronteira é uma faixa de transição com largura variável entre os territórios de dois Estados nacionais, na qual os habitantes dos dois lados do limite se relacionam, estabelecem intercâmbios econômicos e culturais e circulam com maior ou menor liberdade, dependendo da relação entre esses países. Podem até mesmo criar novos dialetos, como o espanholês ou spanglish (combinação dos termos em inglês *spanish*, ‘espanhol’, com *english*, ‘inglês’), nas comunidades latinas dos Estados Unidos, sobretudo na zona de fronteira com o México. Apesar disso, valem, de cada um dos lados do limite, as leis e normas do respectivo Estado, assim como as respectivas moedas e sistema de impostos.

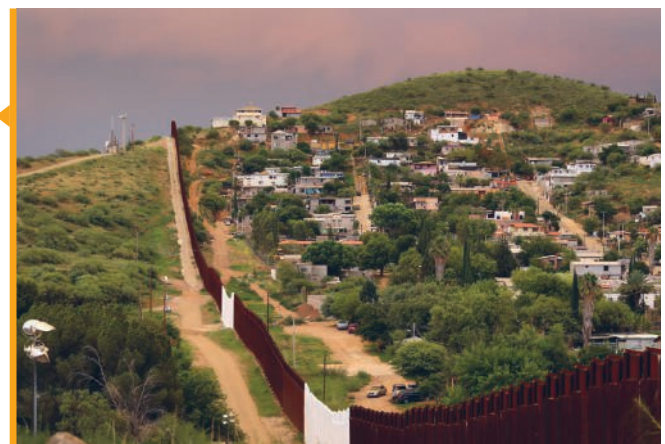
A fronteira entre dois Estados, ao mesmo tempo que serve para separar seus territórios com a fixação de limites e divisas – como vemos nas representações cartográficas –, permite também uma intensa relação entre pessoas na zona fronteiriça de ambos os lados. Essa relação pode ser facilitada pela ausência de barreiras, como acontece na maior parte da fronteira do Brasil com seus vizinhos, ou dificultada pela construção de barreiras que limitam a circulação, como acontece em boa parte da fronteira entre os Estados Unidos e o México, por exemplo. Observe o mapa e a fotografia.

A compreensão de outros aspectos da organização e do funcionamento do Estado nacional é facilitada se estudarmos sua origem histórica e seu desenvolvimento até os dias de hoje. É isso que veremos, resumidamente, a seguir.



Fonte: elaborado com base em IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 37.

Divisa entre Estados Unidos (Nogales, Arizona; à esquerda na foto) e México (Nogales, Sonora), em fotografia de 2018. Essa cerca demarca o limite entre os dois Estados nacionais. A Polícia de Fronteira dos Estados Unidos patrulha permanentemente seu território fronteiriço para prender e deportar os imigrantes que conseguem transpor a cerca ilegalmente.



O limite de um Estado, então, aparece como uma linha puramente imaginária, marcada na superfície terrestre por objetos naturais ou artificiais. Pode-se, portanto, tentar acrescentar outro elemento, ao mesmo tempo distinto tanto do limite quanto da fronteira: trata-se da divisa, isto é, o aspecto visível do limite. [...] A divisa por fim é o limite que se apoia geralmente em cursos-d'água, cristas montanhosas, coordenadas geográficas ou linhas geodésicas.

MARTIN, A. R. *Fronteiras e nações*. São Paulo: Contexto, 1992. p. 47-48.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para trabalhar a sequência didática sobre as tensões na fronteira entre Estados Unidos e México.

Quantos países existem no mundo?

Ao observar um mapa-múndi, como o que aparece nas páginas 26 e 27, é comum pensarmos: quantos países existem no mundo? A resposta depende de como definimos o conceito de país. Se consideramos país como sinônimo de Estado soberano reconhecido internacionalmente, definição mais comum, então há 193 países no mundo (desde a entrada do Sudão do Sul em 2011). Essa é a contagem da Organização das Nações Unidas (ONU; vamos estudá-la neste capítulo). Então, essa resposta depende também da fonte que consideramos.

No entanto, há dois países que não são membros da ONU, mas participam como Estados observadores nas sessões da Assembleia Geral das Nações Unidas: Vaticano (Europa), único país soberano e com total reconhecimento internacional que não é membro, e Palestina (Oriente Médio), país cuja soberania ainda não está totalmente reconhecida e cujo status internacional ainda é indefinido. Em 2012, a Assembleia Geral da ONU, em votação com 138 votos favoráveis (entre os quais o do Brasil), 9 contrários e 41 abstenções, decidiu alterar o status da Palestina para Estado não membro observador. Ou seja, 71,5% dos membros da ONU reconhecem o Estado da Palestina. Entre os que não reconhecem estão os Estados Unidos, o Canadá e o México (estes dois devido à pressão estadunidense), diversos países da União Europeia e Israel.

A Divisão de Cartografia da ONU, com base na classificação da Organização Internacional para Padronização (ISO – sigla em inglês de *International Organization for Standardization*), contabiliza 249 países ou áreas no mundo. Aí estão incluídos:

- países independentes reconhecidos internacionalmente, como é o caso dos Estados-membros da ONU e do Vaticano;
- países que não são totalmente reconhecidos, como é o caso da Palestina, do Kosovo (sudeste da Europa) e de Taiwan (país insular localizado no leste da Ásia, no oceano Pacífico);
- áreas não independentes, que estão sob o controle de outros países, como Ilhas Cayman e Ilhas Virgens Britânicas (territórios ultramarinos do Reino Unido localizados no Caribe, no oceano Atlântico).

Kosovo, por exemplo, era parte do território da Sérvia até 2008, quando declarou sua independência política. Até fevereiro de 2018, 116 países tinham reconhecido sua soberania, entre os quais os Estados Unidos, o Japão e todos os países da União Europeia, com exceção da Espanha, que tem movimentos separatistas em seu próprio território e não quer abrir nenhum precedente. Entre os países que não reconhecem a independência kosovar estão a Rússia, a China, a Índia e o Brasil. Apesar do amplo reconhecimento internacional, Kosovo ainda não é membro da ONU. Para um país se tornar membro das Nações Unidas é preciso a recomendação dos 15 membros do Conselho de Segurança e a aprovação pela Assembleia Geral. A Rússia, aliada histórica da Sérvia, possivelmente vetaria essa indicação.

■ Orientações didáticas

Embora haja diferença entre Estado e país, esses conceitos, como vimos, são utilizados como sinônimos no cotidiano. Essa discussão contempla parcialmente a habilidade **EF08GE05**.

A pergunta que inicia o texto desta página permite retomar o conceito de país e discutir os critérios utilizados para a contagem dos países no mundo. Retome com os alunos o mapa-múndi das páginas 26 e 27 e questione-os: Quantos países existem no mundo? Além da contagem da ONU, apresentada nesta página, comente com os alunos que há outras possibilidades de contagem, como a da Federação Internacional de Futebol (Fifa).

A Fifa, que é apelidada de “Nações Unidas do Futebol”, tem mais membros do que a própria ONU. Em 2018, eram 211 territórios afiliados. Isso acontece porque, enquanto a ONU só aceita como membros Estados soberanos plenamente reconhecidos internacionalmente, a Fifa é mais flexível em seus critérios e aceita territórios que não são autônomos. Por exemplo, as Ilhas Cayman e as Ilhas Virgens Britânicas, que pertencem ao Reino Unido, são afiliadas à Fifa. O próprio território britânico é fragmentado nessa organização que controla o futebol mundial. Enquanto para a ONU só existe um Estado nacional ou país, o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, para a Fifa existem quatro “países”: Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte.

Sugestão de aprofundamento

Para mais informações sobre os Estados-membros da ONU acesse o site Info ONU. Há um mapa-múndi com uma linha do tempo mostrando a expansão do número de membros.

Disponível em: <<https://infoonu.wordpress.com/2012/11/13/estados-membros/>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

I Orientações didáticas

Aqui o objetivo é mostrar aos alunos a importância da ONU e, desse modo, explorar parcialmente a habilidade **EF08GE06**. O tema contempla o objeto de conhecimento “organismos internacionais na ordem econômica mundial” [as corporações foram estudadas no capítulo anterior], destacando a atuação da ONU na organização do mundo no pós-guerra e o papel de suas agências no processo de integração cultural, social e econômica. Ao longo dos capítulos, o papel de algumas agências da ONU, como o Pnud, será analisado de forma aprofundada, com discussões sobre outras organizações mundiais e regionais.

Proponha aos alunos que explorem o *site* da ONU indicado no **Na rede** para saber mais sobre essa importante organização internacional, sua estrutura de poder e suas agências especializadas. Converse com eles sobre a Carta das Nações Unidas, documento que funda a organização. Se considerar conveniente, peça aos alunos que leiam alguns trechos desse acordo e troquem ideias a respeito.

Aproveite também para falar sobre o símbolo da ONU, que aparece em sua bandeira: um mapa-múndi com projeção azimutal polar centrado no polo Norte e envolvido por dois ramos de oliveira. Essa projeção é equidistante, ou seja, mostra com precisão as distâncias em linha reta a partir do centro, que está no oceano glacial Ártico. O símbolo pode ser interpretado como uma tentativa de manter a equidistância para o centro de poder na ONU, em que supostamente não se firma nenhum país. No entanto, outra possibilidade de leitura é que os países próximos ao centro dessa projeção são os Estados Unidos (América do Norte), a Rússia (Eurásia), a China (Ásia), o Reino Unido e a França (ambos na Europa), ou seja, os países que de fato comandam a organização porque são membros permanentes do Conselho de Segurança. Os ramos de oliveira simbolizam a paz e a segurança que a ONU busca desde a sua criação.

NA REDE

ONU BR – Nações Unidas no Brasil

No *site* da ONU BR você tem acesso a muitas informações sobre a organização e a diversos documentos, entre os quais a Carta das Nações Unidas e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, além de *links* para todas as agências, fundos e programas que têm escritórios no Brasil. Disponível em: <www.onu.org.br>. Acesso em: 17 jul. 2018.

Organização das Nações Unidas (ONU)

A ONU foi criada em 1945, ao final da Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de garantir a paz e a segurança no mundo, além de promover a cooperação entre os Estados-membros para estimular o desenvolvimento e resolver questões econômicas, sociais, culturais e humanitárias. Em 1945, representantes de 51 países, entre os quais o Brasil, reuniram-se na Conferência de São Francisco (Estados Unidos) e aprovaram sua criação. Com sede em Nova York (Estados Unidos), dispõe de vários órgãos, dos quais os mais importantes são a **Assembleia Geral** e o **Conselho de Segurança**.

A Assembleia Geral é composta por delegações de todos os países-membros. Organiza uma reunião anual e pode convocar sessões de emergência, mas não decide sobre questões de segurança e cooperação internacional, apenas faz recomendações.

O Conselho de Segurança é o órgão de maior poder. É composto por delegados de quinze países-membros, dos quais cinco são permanentes e dez são eleitos a cada dois anos. O poder desse órgão se concentra em cinco membros permanentes: Estados Unidos, Reino Unido, França, China e Rússia (que substituiu a extinta União Soviética). Esses países têm poder de veto, ou seja, qualquer um deles que se sentir prejudicado por alguma decisão tomada pelo Conselho tem o poder de não aceitá-la. Com isso, na realidade, qualquer decisão só é posta em prática se houver consenso entre os cinco.

Além desses dois órgãos principais, a ONU possui diversas agências, programas e fundos, cada um deles empenhados em buscar solução para problemas importantes que afligem a comunidade internacional, especialmente os países mais pobres. Por exemplo:

- Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), agência que coordena esforços para erradicar a fome e a insegurança alimentar no mundo.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), programa encarregado de estimular o desenvolvimento humano e elaborar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que será estudado no capítulo 3;
- Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), fundo empenhado em garantir os direitos básicos de crianças e adolescentes no mundo;
- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur), agência responsável pela proteção de pessoas que fogem de perseguições e de guerras.



Fotosearch/AGB Photo Library

Bandeira da ONU em Nova York (Estados Unidos), em 2018.

Comente com os alunos que, como vimos no capítulo 1, o FMI e o Banco Mundial são agências especializadas integrantes do sistema ONU, mas na prática funcionam de forma independente.

Nos capítulos que abordam a América e a África, além da ONU, que tem atuação mundial, vamos tratar de organizações de Estados com atuação regional, como a Organização dos Estados Americanos (OEA) e a União Africana (UA).

Sugestão de aprofundamento

Para saber mais sobre o emblema da ONU, acesse o *site* da UNRIC – Centro Regional de Informação das Nações Unidas.

Disponível em: <www.unric.org/pt/sabia-que/32423-qual-e-a-historia-do-emblema-da-onu>. Acesso em: 15 out. 2018.

Ordem mundial após a Segunda Guerra

A ordem mundial define como se dão as relações econômicas e geopolíticas entre os Estados no cenário internacional de uma determinada época e, portanto, vai mudando historicamente.

Após a Segunda Guerra, durante o período que ficou conhecido como Guerra Fria (1947-1991), imperou uma **ordem mundial bipolar**. Nela, os Estados Unidos e seus aliados capitalistas (bloco ocidental) tinham como adversários a União Soviética e seus aliados socialistas (bloco oriental). Observe no mapa a seguir a composição dos dois blocos. As duas superpotências nunca se enfrentaram militarmente, por isso foi dado o nome “Guerra Fria” para o período, mas houve muitas guerras localizadas entre seus aliados, sobretudo na Ásia e na África.

Ordem geopolítica na época da Guerra Fria

Banco de imagens/Arquivo da editora



As tensões	O bloco ocidental	O bloco oriental
<ul style="list-style-type: none"> Principais focos de tensão da Guerra Fria 	<ul style="list-style-type: none"> Estados-membros da Otan em 1962 Aliados militares dos Estados Unidos em 1962 Estados neutros e Estados não alinhados em 1962 	<ul style="list-style-type: none"> Estado-membro do Pacto de Varsóvia em 1955 Aliados militares da União Soviética em 1962 Estado comunista não ligado à União Soviética

O QUE É?

A **Geopolítica** é a disciplina que busca compreender as relações entre espaço geográfico e política. Associa elementos de Geografia e Ciência Política com o objetivo de estudar as relações entre os fatores geográficos – extensão e posição do território, disponibilidade de recursos naturais, tamanho da população, entre outros – e as ações políticas dos Estados em escala regional e mundial. Geoestratégia, que muitas vezes é utilizada como sinônimo de geopolítica, na realidade é uma subárea desta. Preocupa-se com as relações entre os fatores geográficos e a estratégia dos Estados, sobretudo a militar.

* Atuais Coreia do Norte e Coreia do Sul.

Fonte: elaborado com base em LEBRUN, François (Dir.). *Atlas historique*. Paris: Hachette, 2000. p. 50. (Original sem escala.)

EXPLORANDO O MAPA

Quais eram os aliados dos Estados Unidos, que formavam o bloco ocidental na época da Guerra Fria? E os da União Soviética?

Orientações didáticas

O tema discutido nestas páginas é ordem mundial, que passou de bipolar para multipolar, com ênfase no papel geoeconômico, geopolítico e geoestratégico dos Estados Unidos em sua relação com outros países, com destaque para a China, potência emergente que vem desafiando a posição de liderança americana. A importância do grupo BRICS, do qual a China é líder, também é ressaltada. Os impactos regionais das lideranças americana e chinesa serão estudados nos capítulos de Geografia Regional. Dessa forma, são contempladas parcialmente as habilidades EF08GE07, EF08GE08 e EF08GE09.

Explore com os alunos o conceito de geopolítica e de ordem mundial para que eles possam compreender a geopolítica vigente na ordem internacional bipolar da Guerra Fria e na atual ordem multipolar em construção.

Explore com eles também o mapa que mostra a ordem geopolítica da época da Guerra Fria. Eles devem perceber que esse mapa foi feito na projeção azimutal polar, na qual se evidencia que os Estados Unidos e a antiga União Soviética (ou hoje a Rússia) estão geograficamente mais próximos do que parece no mapa feito em projeção cilíndrica, como estamos acostumados a ver. Todas as estratégias militares, inclusive em termos de mísseis nucleares, são pensadas sobre uma projeção polar, e não sobre uma projeção cilíndrica.

Ao responder à pergunta do boxe **Explorando o mapa**, os alunos devem indicar que os aliados dos Estados Unidos na época da Guerra Fria, que integravam o bloco chamado de aliados ocidentais, eram, principalmente, França e Reino Unido; os principais aliados da União Soviética eram países do leste europeu e da Europa central (como a Alemanha Oriental, a Hungria e a Polônia, entre outros), Cuba, Afeganistão, Vietnã, etc., que constituíam o chamado bloco socialista.

Orientações didáticas

Explique aos alunos o significado do grupo BRICS, maapeando a transformação pela qual passou desde que ganhou *status* político em 2009, ao se transformar em um fórum que reúne os governantes dos quatro países. Lembre os alunos de que o grupo só passou a ser BRICS após a entrada da África do Sul, em 2011.

Destaque que apenas dois países, a Índia e a China, têm feito valer as projeções da equipe do economista Jim O'Neill (coordenador da equipe do banco Goldman Sachs). O Brasil e a Rússia estão patinando em razão de crises econômicas recorrentes, e a África do Sul é uma economia muito pequena perto dos outros gigantes.

Sugestão de aprofundamento

Leia a publicação que deu origem ao acrônimo BRIC e as projeções de crescimento para as economias dos quatro países (texto em inglês).

Disponível em: <www.goldmansachs.com/insights/archive/archive-pdfs/brics-dream.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

Sugestão de aprofundamento

Acesse informações sobre os BRICS no site do Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty).

Disponível em: <www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/mecanismos-inter-regionais/3672-brics>. Acesso em: 15 out. 2018.

NA TELA

Adeus, Lênin.

Direção:
Wolfgang
Becker.

Alemanha, 2003.

Em 1989, a senhora Kerner sofre uma parada cardíaca e fica em coma. Nesse meio tempo ocorre a queda do Muro de Berlim. Quando ela desperta, seu filho tenta esconder-lhe as mudanças políticas resultantes desse fato.

Com o fim da União Soviética em 1991 e o fim da Guerra Fria, havia uma expectativa de que a ordem mundial se tornasse multipolar.

O Japão e a Alemanha tinham se recuperado da destruição sofrida na Segunda Guerra e despontavam como potências econômicas. Entretanto, nenhum dos dois países se mostrou preparado para desafiar a liderança dos Estados Unidos e criar uma ordem multipolar. Ambos tinham sérias limitações geopolíticas e geoestratégicas, sobretudo porque ficaram sob a proteção nuclear estadunidense.

As forças armadas da Alemanha ficaram no âmbito da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), acordo militar criado em 1949 para fazer frente à União Soviética e comandado pelos Estados Unidos (e estão até hoje, pois essa aliança militar sobreviveu ao fim da Guerra Fria). O Japão renunciou às armas nucleares e, desde o fim da Segunda Guerra, possui forças convencionais apenas para autodefesa.

Nessa época, a China, que ainda não tinha tanto poder como hoje, estava mais preocupada em garantir o crescimento econômico para consolidar sua indústria e tirar milhões de pessoas da pobreza. A Rússia, herdeira da extinta União Soviética, era outro país que poderia confrontar os Estados Unidos, mas estava muito enfraquecida econômica e militarmente. Após sucessivos anos de recessão e cortes de gastos militares, suas armas ficaram obsoletas.

Por isso, muitos especialistas em relações internacionais diziam que a ordem mundial bipolar da Guerra Fria tinha sido substituída por uma **ordem unipolar**: os Estados Unidos, superpotência com poderio geopolítico e geoestratégico incomparável e enorme superioridade no campo econômico e tecnológico, tornaram-se o único polo de poder no planeta.

No entanto, no início deste século o cenário mudou a partir da ascensão de novos atores internacionais, como os países do grupo BRICS.

A ascensão do BRICS ou da China?

A sigla BRIC, relativa a Brasil, Rússia, Índia e China, foi criada em 2001 pela equipe de análise de investimento do banco estadunidense Goldman Sachs. Com base em diversos dados – valor do PIB, taxa de crescimento, tamanho do mercado consumidor, etc. – foram feitas projeções que situavam esses quatro países entre os que apresentavam maior potencial de crescimento econômico e poderiam ocupar a posição de grandes potências até 2050.

Em 2009 aconteceu em Ecatimburgo (Rússia) o primeiro encontro dos governantes dos quatro países do grupo BRIC, dando *status* de fórum à sigla. Desde então eles vêm se reunindo regularmente.

Em 2011, no encontro de Sanya (China), a África do Sul foi convidada a fazer parte do grupo, que assim ganhou o “S” de South Africa e tornou-se BRICS. Esse país tem uma economia pequena perante os outros membros, mas, como representante africano, tem um peso importante.

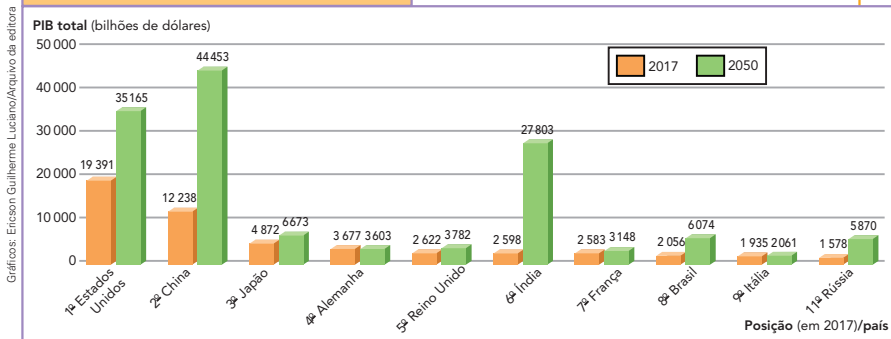
Em 2014, no encontro de Fortaleza (Brasil), foi assinado um acordo para a criação do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), com o objetivo de financiar projetos de infraestrutura nos países do grupo e em países de desenvolvimento. Na cúpula de Ufá (Rússia) foi oficializada a fundação do NBD, que terá sede em Xangai (China). O banco do BRICS, como ficou conhecido, faz parte de um projeto capitaneado pela China de criar uma alternativa aos organismos de Bretton Woods – Bird e FMI –, controlados pelos Estados Unidos e, como vimos, sediados nesse país.

TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

Reúna-se com um colega, analisem os gráficos a seguir e depois discutam as questões propostas.

PIB das maiores potências econômicas – 2017* e 2050**

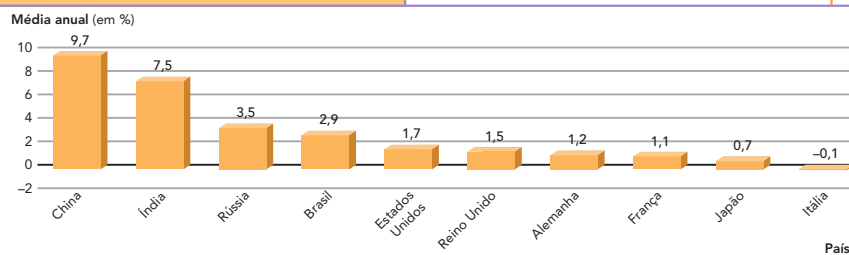


* O Canadá era a 10ª economia do mundo, com um PIB de 1 653 bilhões de dólares. O PIB da África do Sul era de 349 bilhões de dólares.

** Projeção.

Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D.C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>; GOLDMAN SACHS. *Dreaming with BRICS: the Path to 2050*. *Global Economics*. New York, n. 99, p. 4, 1ª out. 2003. Disponível em: <www.goldmansachs.com/our-thinking/archive/archive-pdfs/brics-dream.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2018.

Maiores potências econômicas: crescimento do PIB – 2000-2017*



Fonte: Elaborado com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D.C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

*O crescimento do PIB da África do Sul no período foi de 2,9%, mesma taxa do Brasil.

1. Quais são as duas maiores economias em 2017, segundo o Banco Mundial?
2. Quais deverão ser as duas maiores economias em 2050, segundo a projeção do Banco Goldman Sachs? Qual é a posição do Japão e da Alemanha nos dois casos?
3. O que vocês concluem sobre o crescimento dos países do grupo BRICS entre 2000 e 2017?

Trocando ideias

Verifique se os alunos apresentam dificuldades na leitura dos gráficos. Espera-se que eles concluam que as duas maiores potências da atualidade, em vários aspectos, são os Estados Unidos e a China, os dois maiores produtores de bens industriais e os dois maiores exportadores do mundo. No entanto, enquanto o país americano é uma potência consolidada há anos, o país asiático é uma potência emergente, que deve se consolidar nos próximos anos, inclusive superando os Estados Unidos em tamanho do PIB (já os superaram em termos de exportação e produção industrial), e equiparar-se a este em capacidade militar. Outra potência emergente, o segundo país cujo PIB mais cresce, é a Índia, que deve se tornar a terceira economia do mundo em 2050. O Japão, embora esteja perdendo terreno, deve manter-se como quarta economia mundial em 2050, porém, bem atrás dos três primeiros. Brasil e Rússia também devem ganhar terreno entre as maiores economias, embora, como vimos, estejam patinando por causa de crises econômicas recorrentes. Todos esses indicadores apontam para uma situação de multipolaridade nas relações internacionais nos próximos anos. Comente com os alunos que uma projeção estatística pode se confirmar ou não, pois ela é feita com base em dados disponíveis no presente.

I Orientações didáticas

Retome os dados da página anterior para discutir o significado da ordem mundial contemporânea que, com o fortalecimento dos países do grupo BRICS, notadamente a China, encaminha-se para uma situação de multipolaridade. Discuta as potencialidades e as limitações dos quatro grandes países do BRICS e também do Japão e da Alemanha para fazerem frente aos Estados Unidos.

Se julgar interessante, compartilhe com os alunos as informações do texto a seguir, sobre a ordem mundial contemporânea:

Potências tradicionais, potências emergentes e a ordem mundial contemporânea: dilemas, tensões e possibilidades

A ordem mundial contemporânea do século XXI caracteriza-se por um movimento contínuo e dinâmico entre os atores constituintes do cenário internacional. O atual cenário é consideravelmente distinto do cenário que emerge no período pós-1944/45 simbolizando simultaneamente o final da Segunda Guerra Mundial e a constituição de uma grande ordem liberal multilateral liderada pelos EUA. Esta arquitetura global assegurada e financiada pelos EUA foi fundamental, por um longo período, para as ações nas searas da segurança internacional e das relações econômicas entre os atores estatais e não estatais. As instituições criadas à época, denominadas pós-Bretton Woods, além de traduzir a proposta multilateral, configuravam-se em base de sustentação da ordem criada, mantendo o *status* das nações na ordem global.

[...]

Vale notar que para além dos atores mais divulgados devido a sua envergadura como os casos citados de Brasil, China, Índia, observa-se a movimentação russa em seu entorno regional e nos principais fóruns globais com o intuito de demonstrar que sua capacidade de influenciar a política internacional está presente assim como foi no passado recente do período da Guerra Fria. Países africanos por intermédio de instituições regionais e de acordos de cooperação com outras potências médias e de acordos trilaterais

Ordem mundial contemporânea

A crise econômica mundial do final da década de 2000, iniciada nos Estados Unidos em 2008, a elevação do endividamento público do governo estadunidense e a necessidade de corte de gastos, provocaram mudanças significativas na ordem mundial. Essa nova situação econômica dos Estados Unidos, somada ao fortalecimento econômico e militar da China, fizeram com que a tese de unipolaridade fosse superada.

Embora os Estados Unidos continuem com mais poder econômico, político e militar que os outros países, as relações entre as potências consolidadas e emergentes apontam para uma situação de maior equilíbrio e interdependência, ou seja, para uma **ordem mundial multipolar**.

Muitos têm apontado o grupo BRICS como um novo polo de poder. Porém, como os dados que vimos apontam, a China é que tem mostrado mais potencial para ocupar uma vaga entre as grandes potências de um mundo multipolar em construção, porque reúne todos os atributos para tanto: poder econômico, geopolítico e geoestratégico. A Rússia, depois de superada a crise que viveu durante a transição para a economia de mercado, recuperou parte de seu *status* de potência geopolítica e geoestratégica, principalmente porque é o maior detentor de armas nucleares depois dos Estados Unidos. A ocupação da Crimeia é uma demonstração de poder dos russos. No entanto, segue apresentando fragilidades no campo econômico. Além de ter um PIB pequeno perto dos Estados Unidos e da China, suas exportações são predominantemente de recursos naturais, com destaque para petróleo e gás natural. A Rússia não tem o mesmo dinamismo industrial e a mesma competitividade da China, maior potência industrial do mundo, nem está na vanguarda tecnológica, menos ainda no setor de serviços, liderados pelos Estados Unidos.

O Japão e a Alemanha, embora sejam grandes potências econômicas, como vimos, ainda padecem de algumas fragilidades geopolíticas e geoestratégicas: não fazem parte do Conselho de Segurança da ONU e não são grandes potências militares – ambos não possuem armas nucleares.

Reunião com chefes de estado durante a 10ª cúpula dos BRICS, em Johannesburgo, África do Sul, em 2018.



com presença de grandes potências econômicas como a Alemanha têm obtido atenção nas pesquisas de Economia Política Internacional e nos estudos de Relações Internacionais. E as relações entre os emergentes, independente da sua posição geográfica, têm despertado atenção para as dinâmicas regionais e suas interfaces com o internacional [...].

LEITE, Alexandre C. C.; RAMOS, Leonardo. Potências tradicionais, potências emergentes e a ordem mundial contemporânea: dilemas, tensões e possibilidades. *Conjuntura Internacional*, v. 13, n. 1 (2016), PUC Minas. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/view/13049>>. Acesso em: 8 out. 2018.

Sugestão de aprofundamento

Leia um dossiê completo sobre a ordem mundial contemporânea na revista *Conjuntura Internacional*.

LEITE, Alexandre César Cunha; RAMOS, Leonardo. Potências tradicionais, potências emergentes e a ordem mundial contemporânea: dilemas, tensões e possibilidades. *Revista Conjuntura Internacional*. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/view/13049>>. Acesso em: 15 out. 2018.

a) O elemento de demarcação desse trecho do limite entre Canadá e Estados Unidos é o rio, elemento natural.

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

b) A ponte favorece a ligação entre os dois países, tendo em vista a possibilidade de deslocar-se facilmente entre as localidades dos dois lados do rio.

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

1. A imagem de satélite e a foto a seguir mostram um trecho da fronteira entre Canadá e Estados Unidos, no limite entre a província de Quebec (Canadá) e o estado do Maine (Estados Unidos). Observe as imagens e faça o que se pede.

Reprodução/Google Earth



Banco de imagens/Arquivo da editora

Trecho da fronteira entre os territórios estadunidense e canadense, onde se pode observar parte da cidade de Pohenegamook, Quebec (Canadá), em imagem de satélite de 2018.

Ponte do Arco-Íris, na fronteira entre os Estados Unidos (à esquerda) e o Canadá (à direita).Foto de 2017.



Alamy/Fotostena

- a) Nesse trecho da fronteira Canadá-Estados Unidos, o limite dos territórios desses dois países foi traçado tomando-se por base um elemento natural. Identifique-o.
- b) A Ponte do Arco-Íris é um elemento de ligação ou de delimitação entre os territórios do Canadá e dos Estados Unidos? Justifique sua resposta.
- c) Em sua opinião, os limites dos dois Estados impedem o contato de suas populações? Compartilhe sua resposta com seus colegas e reflitam juntos sobre o significado da fronteira nas relações entre as pessoas que ali vivem. *Resposta pessoal.*
- d) Compare a situação da fronteira norte dos Estados Unidos, com o Canadá, com a fronteira sul, com o México. Você diria que a circulação de pessoas entre as duas fronteiras sofre o mesmo controle? *Os alunos devem perceber que, na fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá, a passagem não é dificultada, há pouco controle fronteiriço. Já na fronteira entre os Estados Unidos e o México há forte controle do fluxo de pessoas e a passagem é bastante dificultada, inclusive com a construção de um muro no limite.* CAPÍTULO 2 • Estados nacionais na ordem mundial | 37 entre os dois países para tentar impedir a entrada de imigrantes mexicanos e também de outros países da América Latina. Donald Trump eleger-se presidente dos Estados Unidos prometendo estender ainda mais esse muro.

Consolidando conhecimentos

1. A aplicação dos conceitos de território, fronteira e limite em um contexto real contempla parcialmente a habilidade **EF08GE05**. Ao estabelecer comparações com o que ocorre na fronteira sul dos Estados Unidos (limite com o México) e discutir sua menor permeabilidade, a atividade desta seção também contempla a habilidade **EF08GE11**.

Utilizando imagens de satélite, mapa e fotografias para analisar as relações fronteiriças entre os Estados Unidos e seus vizinhos, a atividade mobiliza ainda a **CCH7** e a **CEGeo4**.

- a) Nesta atividade o objetivo é problematizar o conceito de fronteira e apontar para fatos da vida cotidiana implicados pela existência de um limite entre dois territórios distintos. Espera-se que os alunos reconheçam o grande intercâmbio que ocorre entre a população das faixas de fronteira e apontem os limites (e muitas vezes divisas materializadas como barreiras) impostos a essas relações pelas leis próprias de cada Estado, que vigoram dos dois lados do limite territorial. No exemplo dado, é interessante informar que, na província canadense, que faz fronteira com os Estados Unidos (país cuja língua oficial é o inglês), o francês é a língua oficial, adotada nas escolas e nos serviços públicos. Essa informação pode contribuir para o aprofundamento do debate.

- a) Explique aos alunos que os Estados Unidos e o Canadá são países desenvolvidos, com elevados índices de desenvolvimento humano e oportunidades econômicas semelhantes, portanto, o fluxo migratório entre eles é reduzido. De modo diferente, o México é um país em desenvolvimento, no qual o índice de desenvolvimento humano é mais baixo (o mesmo vale para o restante dos países da América Latina) e as oportunidades econômicas são menores que nos Estados Unidos, o que estimula a imigração para o vizinho ao norte.

Lendo mapas

Esta atividade permite discutir a evolução do Estado nacional na África por meio da leitura e da interpretação de mapas. Dessa forma, contempla parcialmente as habilidades **EF08GE05** e **EF08GE19**.

Ao comparar a organização dos territórios na África no passado e no presente por meio da análise de mapas, a atividade também mobiliza a **CCH5** e a **CCH7**.

LENDO MAPAS

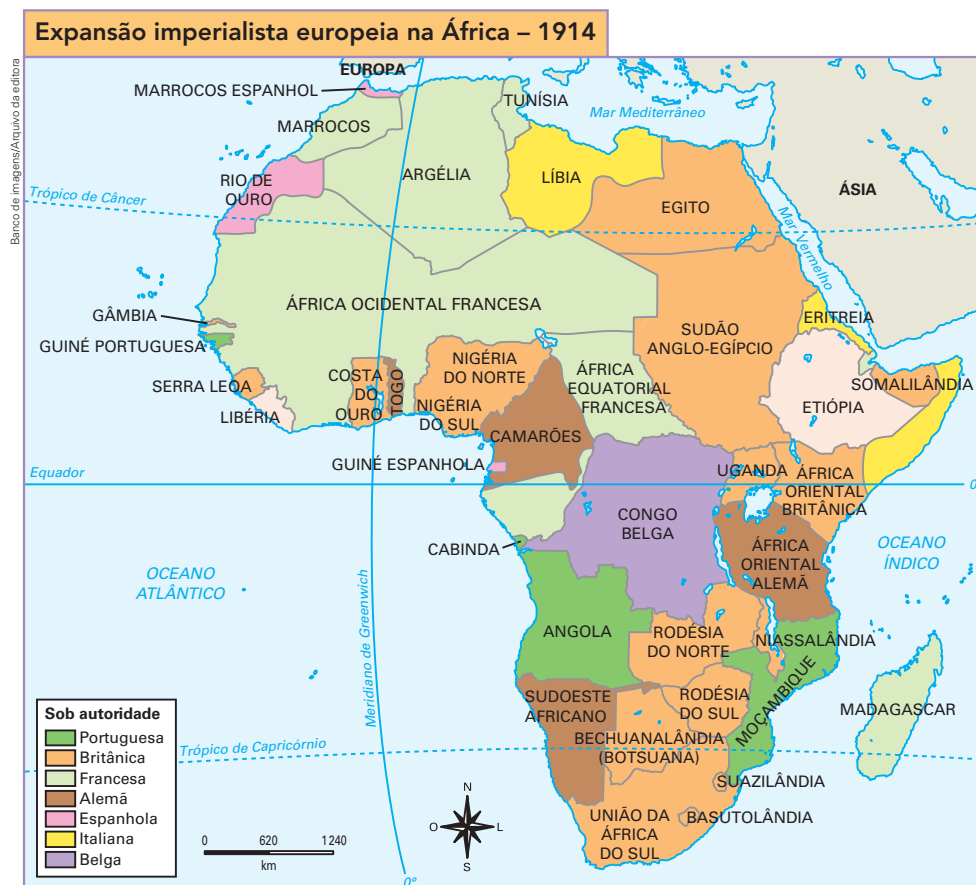
A formação dos Estados nacionais africanos

Como vimos no capítulo anterior, os Estados nacionais europeus ampliaram seus domínios coloniais, principalmente a partir da expansão imperialista, na segunda metade do século XIX (veja o mapa da página 18).

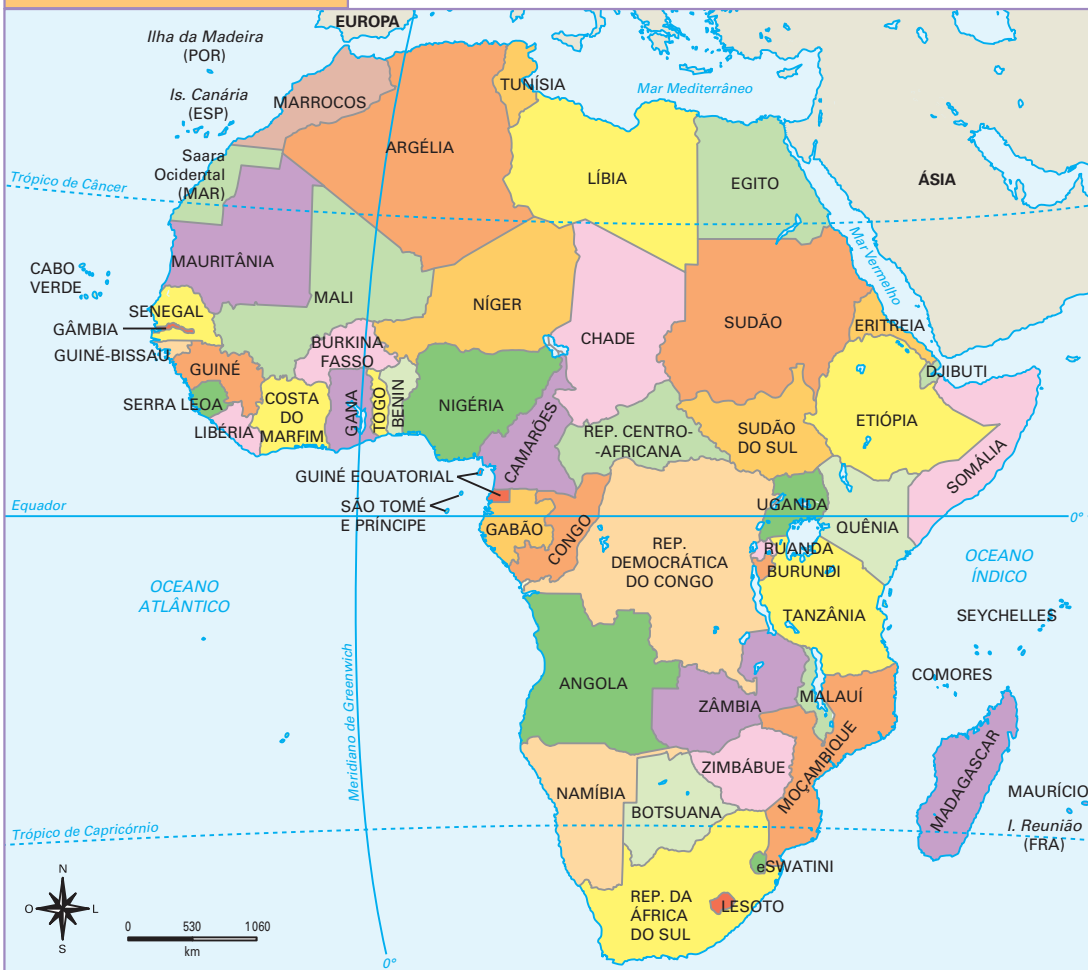
Após a Segunda Guerra Mundial, teve início o processo de descolonização, marcado por algumas longas guerras de independência (como veremos no capítulo 8), culminando com o nascimento de diversos novos Estados independentes.

Com a independência das colônias africanas, o Estado passou a existir no mundo todo e, a partir de então, as relações internacionais passaram a estabelecer-se principalmente entre Estados nacionais soberanos.

Considerando essas informações, observe os mapas a seguir e depois faça o que se pede.



África: divisão política atual



Fonte: elaborado com base em IBGE. Atlas geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 45.

Comparando mapas

1. Observe novamente o mapa “África: imperialismo europeu – final do século XIX”, na página 18, e compare-o com os dois mapas desta seção. Depois responda: Quais foram as mudanças político-territoriais mais significativas que ocorreram no espaço geográfico africano desde o final do século XIX até os dias de hoje? Lembre-se de analisar os limites das fronteiras dos territórios nos dois mapas.
2. Registre no caderno, em linhas gerais, o porquê dessas mudanças.

Lendo mapas

O aprofundamento do estudo da África no período colonial permite uma abordagem interdisciplinar com o componente curricular História. Pode-se retomar a exploração do continente durante o capitalismo comercial (colonialismo), quando este cumpriu o papel de fornecedor de mão de obra escravizada para as colônias americanas, incluindo o Brasil; e durante o capitalismo industrial e financeiro (imperialismo), quando começou a extração de matérias-primas minerais e agrícolas para sustentar o desenvolvimento industrial das metrópoles europeias, com destaque para o Reino Unido e a França, que eram as principais potências coloniais e os países que mais se industrializaram no período.

1. Na época do imperialismo, o mundo era dividido entre metrópoles (países que estavam se industrializando, hoje chamados de “desenvolvidos”) e colônias (países que forneciam produtos primários, hoje chamados de “países em desenvolvimento”). Desde o século XIX, a África era composta de colônias das potências imperialistas europeias. Após a Segunda Guerra, iniciou-se um processo de descolonização que redundou na independência das colônias africanas e na formação de diversos novos Estados nacionais nesse continente. Os alunos devem perceber que, com a independência, houve mudanças nos limites das fronteiras; porém, alguns países mantiveram a mesma configuração territorial, como a República Democrática do Congo, que hoje mantém basicamente os mesmos limites de quando era colônia belga.
2. Depois de séculos de dominação colonialista e imperialista houve um processo de descolonização, muitas vezes marcado por longas guerras, o que redundou no surgimento de muitos Estados independentes e no atual sistema de relações internacionais representado pelos países-membros da ONU.

Objetivos da Unidade

Ao final desta Unidade, espera-se que os alunos sejam capazes de:

- reconhecer a divisão das terras emersas por continentes e localizá-los no mapa-múndi;
- ter uma noção geral da distribuição da população pelo planeta;
- explicar a dinâmica da população mundial – taxa de fertilidade e expectativa de vida – e seus desdobramentos;
- empregar corretamente o conceito de cultura e compreender a diversidade cultural da população mundial;
- reconhecer a diferença conceitual entre turista, migrante e refugiado;
- identificar os fluxos de turistas pelo mundo, os países mais procurados e os meios de transporte utilizados;
- apontar os fluxos de migrantes pelo mundo reconhecendo os países mais procurados pelos migrantes e o porquê disto;
- compreender as principais correntes de refugiados pelo mundo reconhecendo os países de origem e os países que os abrigam;
- entender a situação dos refugiados e imigrantes de forma empática e solidária;
- avaliar a gravidade da xenofobia e reconhecer que essa prática é condenável e atenta contra os direitos humanos.

Competências da BNCC mobilizadas na Unidade

Competência Geral (CG)

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

UNIDADE ▶

2

GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO MUNDIAL



Competência de Ciências Humanas (CCH)

4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Competência Específica de Geografia (CEGeo)

3. Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.

■ Orientações didáticas

Antes de começar a unidade, para aquecer as discussões e possibilitar a identificação de conhecimentos prévios, proponha aos alunos que, organizados em grupos, observem a fotografia que abre esta unidade e apontem as semelhanças e diferenças entre ela e a realidade que eles conhecem. Se julgar conveniente, solicite a eles previamente que selecionem imagens de revistas de povos de outros continentes para comparar com as mostradas no livro.


Explore com os alunos os elementos da fotografia e peça que descrevam o que observam na imagem. Faça perguntas como: Que tipo de vestimenta a mulher e a criança estão usando? É diferente das que vocês costumam usar? Qual animal aparece junto a elas? Esse tipo de animal existe no Brasil?

O objetivo é que os alunos percebam, de forma introdutória, que o mundo é bastante diverso do ponto de vista cultural, o que será retomado ao longo deste volume.

Nesta unidade, você vai estudar diferenças que existem entre os países: alguns são muito extensos, outros não; alguns têm população muito numerosa, outros nem tanto; e em muitos há uma grande diversidade de povos e culturas. Outro aspecto que será analisado é o deslocamento das pessoas pelo mundo, seja na condição de turistas, de migrantes, seja na de refugiados.

Para começar, observe a fotografia. O que chama a sua atenção? Você já observou a diversidade cultural da população mundial em alguma outra oportunidade, em um documentário televisivo, por exemplo?

Simon Mayer/Shutterstock

A photograph of a woman in traditional Peruvian attire, including a vibrant, multi-colored striped shawl (chullo) and a red blouse with intricate embroidery. She is smiling and looking towards the camera. A young child is visible on her back, also wearing traditional clothing. The background shows a stone wall, suggesting an outdoor setting in a historic street.

Mulher com criança, em trajes típicos, em rua do centro histórico de Cuzco (Peru). Foto de 2018.

41

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE01 Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.

EF08GE03 Analisar aspectos representativos da dinâmica demográfica, considerando características da população (perfil etário, crescimento vegetativo e mobilidade espacial).

EF08GE18 Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América.

Orientações didáticas

Oriente os alunos a observar o mapa dos continentes e o gráfico que mostra a participação percentual de cada continente no total das terras emersas. Pergunte: Será que há relação entre a população absoluta de um continente e sua área? Verifique se os alunos conseguem fazer a leitura do gráfico de setores para responderem à questão proposta no box **Explorando o gráfico**.

Atividade complementar

Organize os alunos em grupos e distribua mapas-múndi mudos a cada grupo. Em seguida, sorteie o nome de países e peça aos grupos que marquem no mapa os nomes sorteados, como em um bingo. O grupo que localizar corretamente dez países primeiro, por exemplo, será o ganhador do jogo.

Se houver recursos disponíveis, outra opção de atividade é a realização de algum jogo geográfico educativo *on-line* que exija a localização de países, por exemplo, o Seterra. Disponível em: <<https://online.seterra.com/pt/vgp/3007>>. Acesso em: 8 out. 2018.

CAPÍTULO 3

Vamos tratar de:

- Divisão das terras emersas
- Distribuição da população no mundo
- Diversidade cultural do mundo

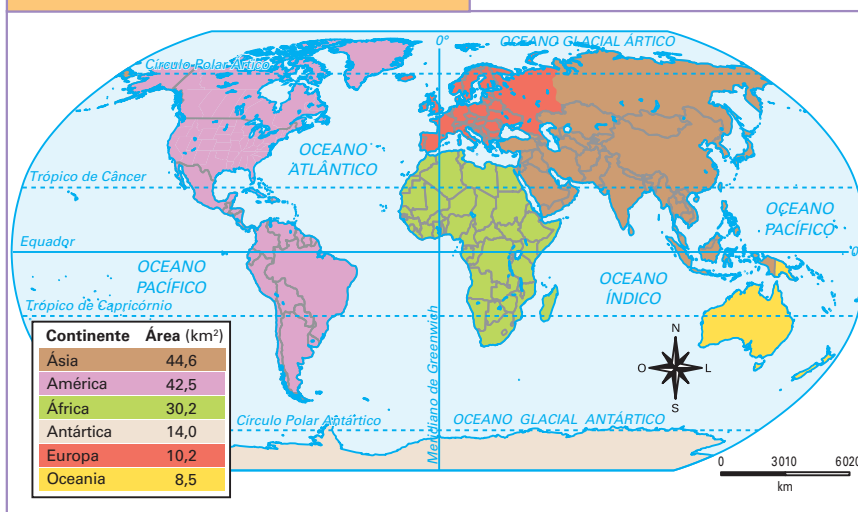
O QUE É ?

A palavra "antártico" vem do latim *antarcticus* ('do sul'), por empréstimo do grego *antarktikós*, palavra formada por *anti* + *arctikós* ('do norte'). Assim, antártico significa 'oposto ao ártico' ou 'oposto ao norte'. Considerando essa origem, a grafia mais adequada para o continente gelado é **Antártica** e não Antártida, como muitas vezes aparece.

Distribuição e diversidade da população mundial

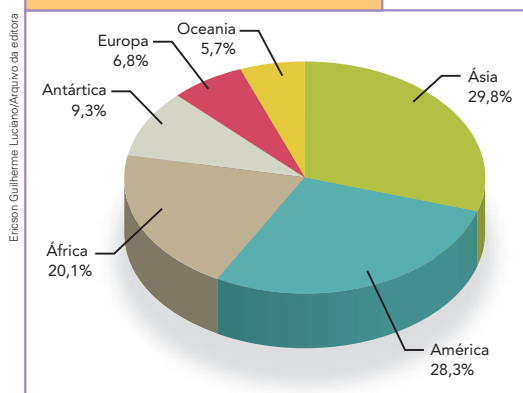
Segundo a Nasa (agência espacial dos Estados Unidos), a área da superfície da Terra é de 510 milhões de quilômetros quadrados. Destes, cerca de 150 milhões (29% do total) são terras emersas, ou seja, estão acima do nível do mar. Essas terras estão distribuídas por seis continentes – África, América, Antártica, Ásia, Europa e Oceania –, banhados por cinco grandes oceanos – Antártico, Ártico, Atlântico, Índico e Pacífico. Observe os continentes e oceanos no mapa a seguir.

Continentes: área (em milhões de km²)



Fonte: elaborado com base em IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 34; MAP and details of all seven continents. *Worldatlas*, 13 jul. 2016. Disponível em: <www.worldatlas.com/aatlas/infopage/continent.htm>. Acesso em: 14 ago. 2018.

Continentes: participação no total de terras emersas (%)



EXPLORANDO O GRÁFICO

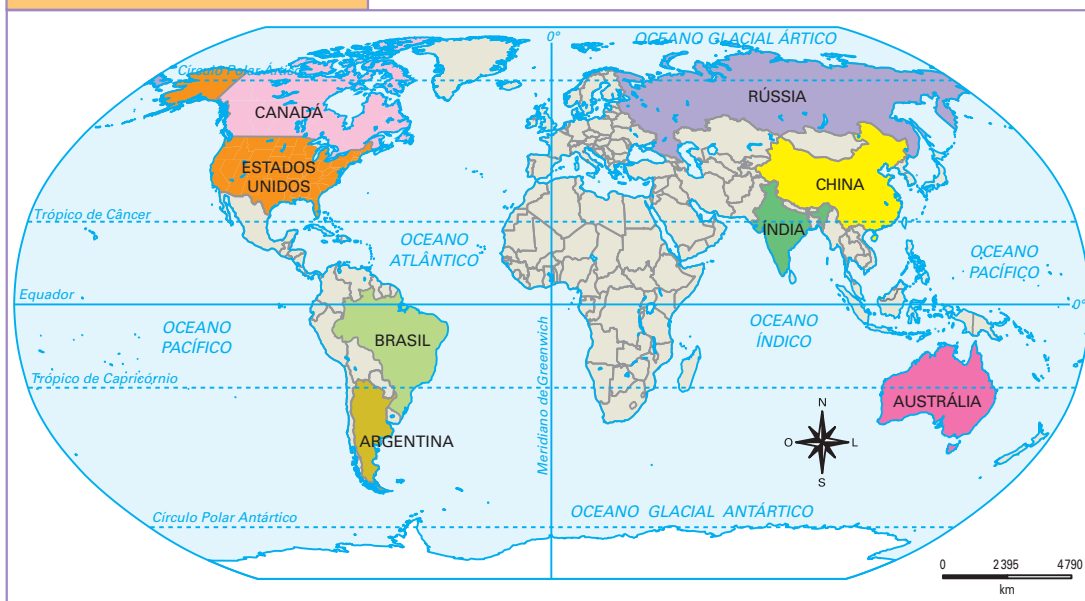
Qual é o continente mais extenso? E o menos extenso? Como você descobriu isso?

O continente mais extenso é a Ásia e o menos extenso, a Oceania.

Fonte: elaborado com base em MAP and details of all seven continents. *Worldatlas*, 13 jul. 2016. Disponível em: <www.worldatlas.com/aatlas/infopage/continent.htm>. Acesso em: 27 jun. 2018.

Como vimos no capítulo 2, os continentes estão divididos em países, embora nem todos sejam independentes, isto é, Estados nacionais. Por exemplo, embora Taiwan tenha um governo próprio, não é considerado um país independente; a maioria dos países não reconhece sua soberania para não se indispor com o governo da China, que considera Taiwan parte de seu território. Como mostra o mapa abaixo, alguns países são muito extensos e outros bem pequenos.

Mundo: países mais extensos

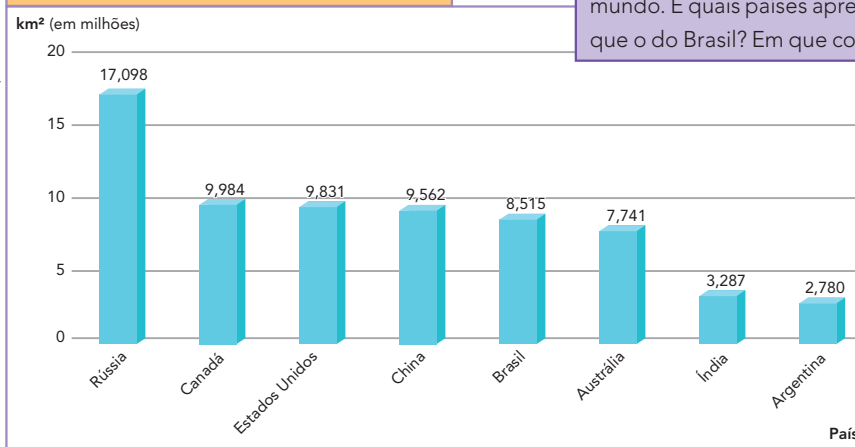


Fonte: elaborado com base em IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 34.

EXPLORANDO O GRÁFICO

O Brasil é o maior país da América do Sul, característica que o coloca entre os cinco maiores do mundo. E quais países apresentam território maior que o do Brasil? Em que continentes se localizam?

Mundo: maiores países em extensão



Rússia (Ásia), Canadá (América), Estados Unidos (América) e China (Ásia).

Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D.C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

Orientações didáticas

Todas as projeções provocam alguma distorção nas áreas ou nas formas dos continentes. A projeção de Robinson é a mais usada para fins didáticos porque não distorce as áreas, como a projeção de Mercator, nem as formas, como a projeção de Peters. Se achar conveniente, peça aos alunos que observem a projeção do mapa da página seguinte, que mostra a densidade demográfica mundial, e o comparem com a projeção do mapa-múndi desta página.

Explore o mapa-múndi e o gráfico desta página com os alunos e auxilie-os a elaborar a resposta da pergunta do boxe **Explorando o gráfico**, verificando se eles interpretam corretamente as informações do gráfico e se identificam o continente ao qual cada país pertence. Solicite também que comparem os territórios desses cinco países com os dos demais países no mesmo continente, novamente atentando para as dimensões territoriais. Chame a atenção dos alunos para o fato de que, dependendo da projeção, a visualização pode nos levar a conclusões equivocadas sobre o tamanho dos países. Proponha aos alunos que comparem o Brasil e a Groenlândia na projeção do mapa desta página e na do mapa da página seguinte. Após concluírem a comparação, lembre-os de que o Brasil tem uma área de 8,5 milhões de km² e a Groenlândia tem 2,2 milhões de km², ou seja, a ilha (que pertence à Dinamarca) tem cerca de 1/4 da área do Brasil; no mapa da página seguinte, no entanto, ela parece ser maior que o Brasil.

Orientações didáticas

O objeto de conhecimento abordado no estudo desta página é a distribuição da população mundial (os deslocamentos populacionais serão analisados no próximo capítulo); dessa forma contempla-se parcialmente a habilidade **EF08GE01**. Outros objetos de conhecimento, cujo estudo será proposto nestas páginas, são a diversidade e a dinâmica da população mundial (a mobilidade espacial será analisada no próximo capítulo), por meio de gráficos que mostram a pirâmide etária e o crescimento/envelhecimento da população; com isso, contempla-se também a habilidade **EF08GE03**.

Peça aos alunos que explorem o mapa-múndi para perceberem a distribuição desigual da população pelo planeta. Em seguida, proponha a resolução da atividade proposta no box **Explorando o gráfico**. Aproveite para relembrar o significado de densidade demográfica, que é a relação entre a população e o território que ela ocupa, expressa em habitantes por quilômetro quadrado.

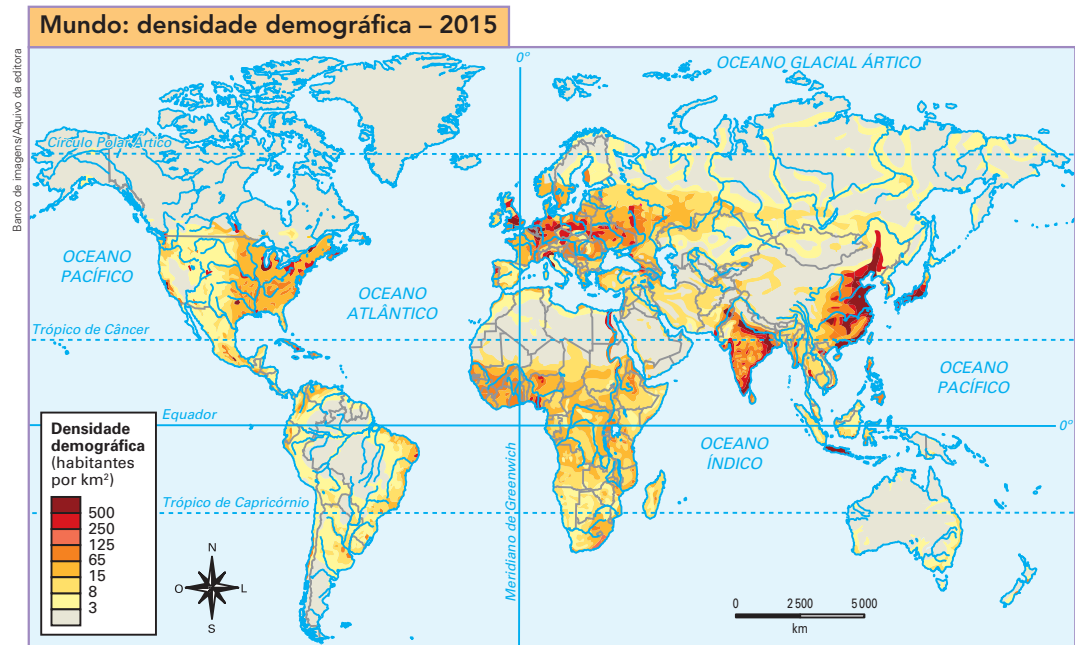
Comente com os alunos que a população do Brasil é bem menor que a dos dois países com bilhões de habitantes (China e Índia), por isso sua densidade demográfica é bem menor. A maior parte da população brasileira está concentrada na faixa litorânea, principalmente na região Sudeste, onde estão as duas maiores cidades do país: São Paulo e Rio de Janeiro.

Proponha outras perguntas de exploração do mapa, como: Em qual dos continentes fica a maioria dos países mais populosos?

O continente onde há mais habitantes é a Ásia (cerca de 4,5 bilhões de habitantes) e é nele também que há mais habitantes em proporção à área, ou seja, o continente apresenta maior densidade demográfica. É na Ásia que ficam cinco dos dez países mais populosos do mundo (China, Índia, Indonésia, Paquistão e Bangladesh).

Como o mundo está povoado?

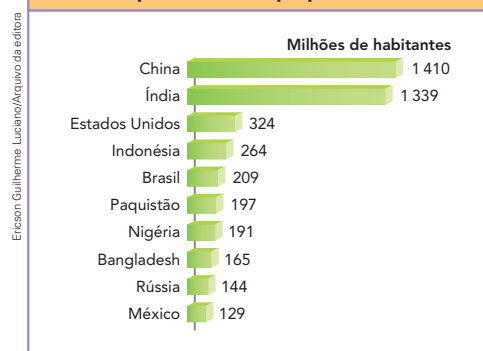
De acordo com a ONU, em 2017 o mundo contava com 7,5 bilhões de habitantes. Observe no mapa a seguir como a população está distribuída na superfície terrestre.



Fonte: elaborado com base em ATLAS of the World. 24th ed. New York: Oxford University Press, 2017. p. 88-89.

Observando o mapa, é possível perceber que a distribuição geográfica da população mundial é bastante desigual. As planícies, tanto na faixa litorânea como nos vales dos rios, são as áreas mais povoadas. Isso ocorre porque essas regiões, ao longo da história, favoreceram o desenvolvimento de cidades, indústrias e campos agrícolas, bem como a circulação de pessoas e mercadorias. A distribuição também é desigual considerando os países, como mostra o gráfico a seguir.

Mundo: países mais populosos – 2017



EXPLORANDO O GRÁFICO

Localize no mapa os países mais populosos. Coincidem com as áreas de maior densidade demográfica? Qual é o mais populoso de todos? Qual é a posição do Brasil?

Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *World Population 2017*. New York, 2017. Disponível em: <https://esa.un.org/unpd/wpp/Publications/Files/WPP2017_Wallchart.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

Os países mais populosos são China e Índia. Dá para perceber claramente no mapa que nesses países aparecem as áreas de maior densidade demográfica do mundo. O Brasil é o quinto país mais populoso do mundo.

2. A população tende a crescer em um ritmo mais lento, porém está aumentando a proporção de idosos na população, o que tem muitas consequências sociais e econômicas. A primeira implicação econômica é que em muitos países já começa a haver escassez de mão de obra. Isso já está ocorrendo, por exemplo, no Japão, o país com a maior expectativa de vida do mundo. Sem contar que o

A população mundial sempre apresentou crescimento a cada ano; a projeção é que em 2050 ela atinja 9,7 bilhões de habitantes, um crescimento de quase 30% em relação a 2017. Apesar disso, esse crescimento vem ocorrendo em ritmo mais lento. Um dos motivos da desaceleração do ritmo de crescimento da população é a queda da taxa de fertilidade. Outro fator que determinará profundas mudanças na estrutura da população mundial é o aumento da expectativa de vida. Observe o gráfico a seguir.

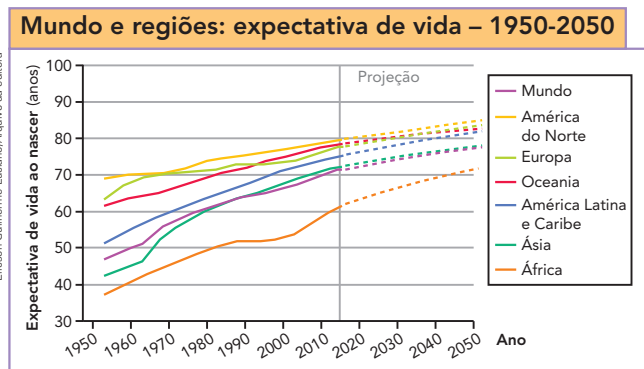
envelhecimento da sociedade implica um aumento de gastos médico-hospitalares e uma pressão maior sobre a previdência social. O aumento de idosos também exige a adaptação das cidades e das habitações para atender às necessidades especiais deles.

Orientações didáticas

Certifique-se de que os alunos compreenderam a leitura do gráfico de linha desta página. Chame a atenção deles para o fato de que a linha contínua é um dado consolidado e a linha tracejada é uma projeção para o futuro.

Vale lembrar que a América do Norte é composta de apenas dois países desenvolvidos, Estados Unidos e Canadá, o que eleva a média. O México também pertence à América do Norte, mas, para fins estatísticos, a ONU considera que esse é um país da América Latina e do Caribe.

Sobre a questão proposta no **Explorando o gráfico**, oriente os alunos a identificar que a África partiu de uma expectativa de vida mais baixa, que, embora defasada em comparação à de outros continentes, segue a mesma tendência que eles.



EXPLORANDO O GRÁFICO

Os dados confirmam o que foi apresentado no texto sobre a expectativa de vida da população mundial?

Sim, o gráfico mostra que em todos os continentes, mesmo na África, embora seja menor, a expectativa de vida está aumentando, o que resulta em uma mudança na composição da população do planeta.

Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *World population ageing 2017*. New York, 2017. p. 44.

* Embora o México também pertença à América do Norte, a ONU o contabilizou na América Latina e do Caribe.

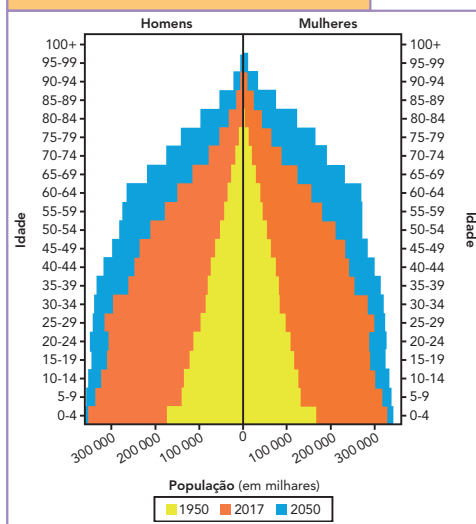
TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

A pirâmide etária a seguir apresenta a estrutura da população mundial em três momentos (1950, 2017 e 2050). Depois de analisá-la com atenção, discuta com os colegas as questões a seguir.

1. A pirâmide etária ao lado revela o aumento da expectativa de vida e a queda da taxa de fertilidade da população mundial? Expliquem.
2. Qual é a principal consequência do aumento da expectativa de vida e da queda da taxa de fertilidade na população mundial?

Pirâmide etária da população mundial – 1950, 2017 e 2050



Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *World population 2017 Wallchart*. Disponível em: <https://esa.un.org/unpd/wpp/publications/Files/WPP2017_Wallchart.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2018.

1. Sim. Em 1950, o gráfico tinha um formato “triangular” porque, de forma geral, a taxa de fertilidade era alta e a expectativa de vida, baixa; portanto, havia muitos jovens e, proporcionalmente, poucos idosos na população mundial. À medida que a fecundidade vai caindo e a esperança de vida aumentando, a quantidade de jovens vai reduzindo proporcionalmente e a de idosos aumentando, por isso, em 2050, a pirâmide etária terá um formato “retangular”.

Sugestão de aprofundamento

Para saber mais sobre as consequências do envelhecimento da população brasileira, leia o artigo:

MIRANDA, G. M. D.; MENDES, A. G.; Silva, A. L. A. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, 2016, 19 [3]. p. 507-519. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbagg/v19n3/pt_1809-9823-rbagg-19-03-00507.pdf>. Acesso em: 9 out. 2018.

Material Digital

Esta é uma oportunidade de trabalhar a sequência didática sobre as consequências sociais e econômicas do envelhecimento da população, comparando as situações do Brasil e do Japão.

O nome do gráfico faz referência ao seu formato de pirâmide ao representar a taxa de fertilidade alta e a expectativa de vida baixa (como era o caso em 1950), quando há predominância de jovens na população mundial. Com a queda da taxa de fertilidade e o aumento da expectativa de vida e, portanto, a redução de jovens e o aumento proporcional de idosos na população total, a tendência foi a de que a “pirâmide etária” se transformasse em um “retângulo etário”. Essa tendência ocorreu inicialmente nos países desenvolvidos da Europa e da América do Norte, mas também já está ocorrendo em países em desenvolvimento, incluindo os da África, embora de forma defasada. No Brasil, essa tendência já chegou e estamos em um momento de transição, conhecido como “janela demográfica”, deixando de ser um país jovem para ser um país adulto e com uma crescente parcela de idosos.

I Orientações didáticas

O estudo da diversidade cultural da população mundial proposto nessas páginas mobiliza a **CG9**, a **CCH4** e a **CEGeo3**.

Discuta com os alunos o significado do conceito de cultura. É importante que eles compreendam o conceito para realizar a leitura e a interpretação do texto da seção **Para conhecer mais** na página seguinte. A palavra “cultura” é polissêmica; no senso comum, ela assume vários significados, entre os quais o conhecimento; daí se falar em pessoa culta, professor culto, entre outras acepções. Após a leitura do boxe **O que é?**, explique aos alunos que, do ponto de vista antropológico, cultura é toda a produção humana material e imaterial, tangível e intangível, e, portanto, não existe cultura melhor ou pior, alta ou baixa. Não se deve fazer juízo de valor sobre a cultura de outro povo ou etnia, senão se incorre em etnocentrismo, que é o julgamento do outro com base nos próprios valores. Leia na página XXVIII o verbete “cultura”, do *Dicionário de Sociologia* de Allan Johnson, que define de forma clara esse conceito.

Com base na análise do mapa, espera-se que os alunos reconheçam que um dos aspectos mais importantes da cultura dos povos é a religião. Oriente-os a identificar que, na maioria dos países, há uma religião predominante e outras religiões minoritárias, ou seja, há pluralidade religiosa. É difícil mapear as religiões porque há uma sobreposição de várias delas em um mesmo país, em uma mesma sociedade. Em um mapa de escala tão pequena como este, aparecem apenas as religiões predominantes em cada país ou região. Há, no entanto, países que proíbem a prática de outras religiões, como a Arábia Saudita, onde só é permitida a prática do islamismo.

O QUE É?

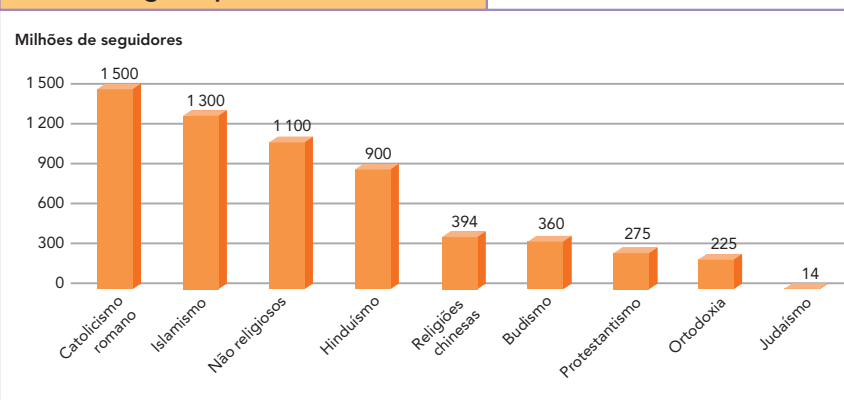
Cultura é o conjunto de símbolos, ideias e produtos de uma sociedade. Pode ser dividida em cultura material e não material. A cultura material inclui tudo o que é produzido por uma sociedade, como os alimentos, as roupas, as moradias, etc. A cultura não material contempla os símbolos, como estas letras e palavras que registram a comunicação escrita de uma língua, as notas de uma música e as atitudes, crenças, valores, normas e leis que organizam e orientam a vida social.

Diversidade cultural da população mundial

A população mundial apresenta grande diversidade cultural, ou seja, uma enorme variedade de religiões, línguas, costumes, manifestações artísticas, culinárias, vestimentas, tipos de habitação, entre outros aspectos.

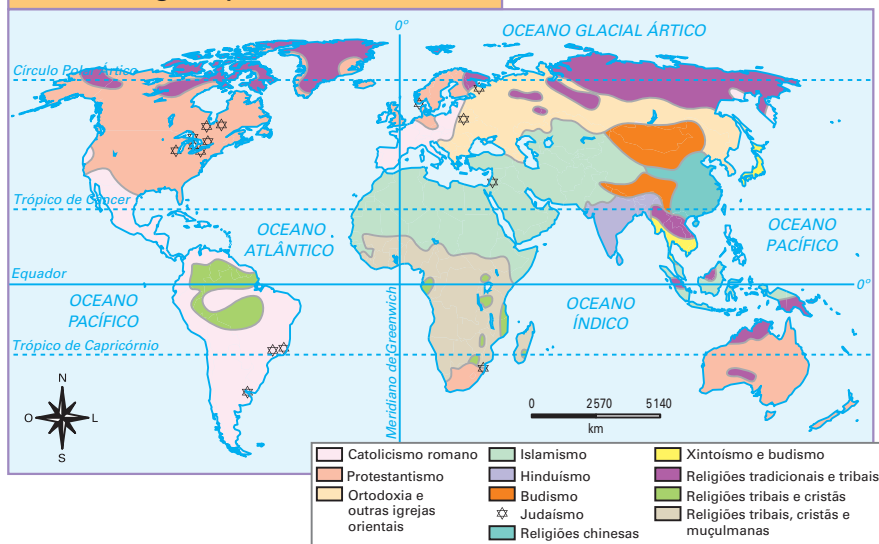
A **religião** é um dos aspectos importantes da **cultura** de um grupo social. A humanidade professa muitas religiões diferentes, cada uma com suas crenças e valores, com seus deuses e seus rituais. No entanto, as religiões não são facilmente mapeadas como os limites dos países. As divisões são frequentemente obscurecidas e sobrepostas. A maioria dos países tem pessoas de muitas religiões diferentes, assim como também há aquelas que não seguem religião alguma. Observe no gráfico e no mapa como é a distribuição das religiões predominantes no mundo.

Mundo: religiões predominantes – 2017



Fonte: elaborado com base em ATLAS of the World. 24th ed. New York: Oxford University Press, 2017. p. 93.

Mundo: religiões predominantes – 2017



Fonte: elaborado com base em ATLAS of the World. 24th ed. New York: Oxford University Press, 2017. p. 93.

46 | UNIDADE 2 • Geografia da população mundial

Sugestões de aprofundamento

Os artigos a seguir contribuem para a discussão sobre o conceito de cultura.

PORTO, C. M. *Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica*. Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 93-122. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y7fvr/pdf/porto-9788523211813-06.pdf>>.

CANEDO, D. *Cultura é o quê? – Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos*. *V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*. Faculdade de Comunicação – UFBA. Salvador, 27 a 29 maio 2009. Disponível em: <www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>.

Acesso em: 9 out. 2018.



PARA CONHECER MAIS

De acordo com a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, documento produzido em 2005 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e ratificado no Brasil por meio do Decreto n. 485/2006, a diversidade cultural é uma característica essencial da humanidade e constitui patrimônio comum a ser valorizado em benefício de todos. Leia a seguir um trecho desse documento e depois, em grupos, façam o que se pede.

Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais

Artigo 4 – Definições

Para os fins da presente Convenção, fica entendido que:

1. Diversidade cultural

“Diversidade cultural” refere-se à multiplicidade de formas pelas quais as culturas dos grupos e sociedades encontram sua expressão. Tais expressões são transmitidas entre e dentro dos grupos e sociedades. A diversidade cultural se manifesta não apenas nas variadas formas pelas quais se expressa, se enriquece e se transmite o patrimônio cultural da humanidade mediante a variedade das expressões culturais, mas também através dos diversos modos de criação, produção, difusão, distribuição e fruição das expressões culturais, quaisquer que sejam os meios e tecnologias empregados. [...]

8. Interculturalidade

“Interculturalidade” refere-se à existência e interação equitativa de diversas culturas, assim como à possibilidade de geração de expressões culturais compartilhadas por meio do diálogo e respeito mútuo.

UNESCO. *Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais*. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224por.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2018.

1. Com base na leitura do texto e na observação das fotografias a seguir, discutam o que vocês entenderam por diversidade cultural e interculturalidade.

Resposta pessoal.

2. Deem exemplos de diversidade cultural e de interculturalidade presentes no lugar em que vocês vivem e nos meios de comunicação que utilizam no cotidiano.

Resposta pessoal.

Mulheres nepalesas em plantação de arroz em campo nos subúrbios de Katmandu, no Nepal. Foto de 2018.



Sunil Pradhan/NurPhoto/Getty Images



Lucia Zuerick/Imagens do Brasil

Festa de Tapanawanã ou Festa do Peixe, na aldeia Yawalapiti Tuatuari, em Gaúcha do Norte (MT). Foto de 2017.

Para conhecer mais

Incentive os alunos a discutir livremente sobre os conceitos de cultura, diversidade cultural e interculturalidade. Se necessário, explique a eles que a diversidade cultural se expressa pela variedade de línguas, religiões, costumes, manifestações artísticas, etc. de um povo. Já a interculturalidade é a interação equitativa (de igual para igual) e respeitosa entre essas diferentes expressões culturais.

Espera-se que os alunos percebam que, apesar de alguns aspectos culturais comuns à maioria do povo brasileiro, como o idioma, há grandes diferenças regionais no que se refere a alimentação e manifestações artísticas, como festas e estilos musicais, além de certos costumes, como o hábito de tomar chimarrão na região Sul e a importância das festas juninas no Nordeste. A diversidade cultural brasileira também se manifesta por meio de diferentes expressões culturais de povos que para cá vieram, como os seguidores do judaísmo e do islamismo, que convivem, às vezes, em um mesmo bairro.

Estimule o debate entre os alunos para que percebam a importância de valorizar a diversidade cultural e a interculturalidade, especialmente onde vivem e nas relações que estabelecem com as pessoas desse lugar.

Orientações didáticas

Converse com os alunos sobre o inglês, idioma mais difundido no mundo como segunda língua. Isso acontece porque ele é o mais utilizado no mundo dos negócios, da ciência e tecnologia, do turismo, das comunicações e da internet. Comente também que o inglês é o terceiro idioma mais falado no mundo (de acordo com o gráfico), língua nativa em diversos países, como Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, Austrália, entre outros.

Por fim, comente que, de acordo com o gráfico, o espanhol é a segunda língua mais falada no mundo, graças à América Latina, região em que a maioria dos países fala espanhol, com exceção do Brasil, que fala português, e de alguns pequenos países do Caribe, que falam inglês, francês e holandês. É importante ressaltar que em diversos países da América Latina, inclusive no Brasil, ainda há muitos falantes de diversas línguas indígenas. No Brasil, atualmente são mais de 150 línguas e dialetos falados pelos povos indígenas.

Vamos pesquisar

Esta atividade estimula os alunos a elaborar um mapa que apresente a distribuição da língua portuguesa no mundo, contemplando parcialmente a habilidade **EF08GE18**.

Comente com os alunos que 94% das pessoas que falam a língua portuguesa são brasileiros.

Comente também que a língua portuguesa, originária de Portugal, é uma língua neolatina, ou seja, derivada do latim, língua falada no antigo Império Romano. O espanhol também é uma língua neolatina. Por esse motivo, a região colonizada por Portugal e Espanha na América ficou conhecida como América Latina.

A língua mais falada é o chinês, porque a China é o país mais populoso do mundo. O português é a sétima língua mais usada no mundo.



Rua comercial em Xangai (China), em 2017.



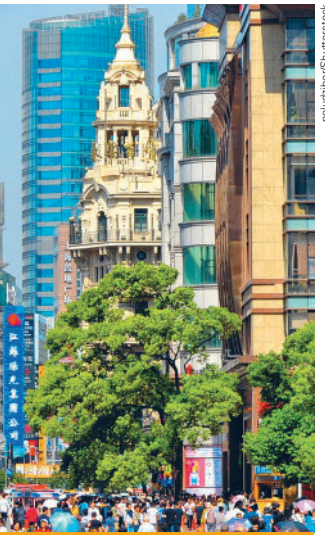
VAMOS PESQUISAR: A língua portuguesa no mundo

Como você observou no gráfico acima, o português é a sétima língua mais falada do mundo. Além do Brasil, ela é usada como língua oficial em outros países.

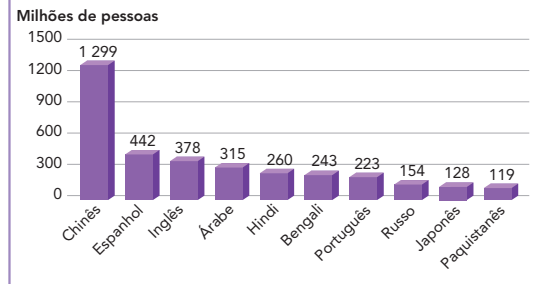
1. Reúnam-se em grupos e procurem em livros, atlas, revistas e na internet quais países têm a língua portuguesa como idioma oficial. Seleccionem fotos que mostrem a população desses países.
2. Organizem cartazes com o material pesquisado, seguindo as orientações:
 - a) em uma folha de cartolina, confeccionem um mapa-múndi; nomeiem os continentes e oceanos; tracem e identifiquem os principais paralelos.
 - b) escolham uma cor e pintem os países que falam o português e, próximo a eles, cole as fotos correspondentes.
3. Observando o mapa que produziram, reflitam sobre as seguintes questões: Por que o português é a língua oficial desses países? O que esses países têm em comum?

1. Além de Brasil e Portugal, fala-se português em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

3. O português é a língua oficial desses países porque todos foram colônias de Portugal na época do colonialismo e do imperialismo.



Principais idiomas (com mais de 100 milhões de falantes) – 2018



Fonte: elaborado com base em SIMONS, Gary F.; FENNIG, Charles D. *Ethnologue*. Languages of the World. 21st ed. Dallas: SIL International, 2018. Disponível em: <www.ethnologue.com/statistics/size>. Acesso em: 15 ago. 2018.

EXPLORANDO O GRÁFICO

Qual é a língua mais falada no mundo? Por quê?
Qual é a posição do idioma português?

Sugestão de aprofundamento

O site do Instituto Socioambiental dispõe de dados sobre as línguas indígenas faladas no Brasil.

POVOS indígenas no Brasil. Línguas. 2 abr. 2018. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Linguas>>. Acesso em: 9 out. 2018.

Sugestão de aprofundamento

Para saber mais sobre a diversidade de línguas faladas no mundo, consulte as informações dispostas na fonte a seguir (em inglês).

SIMONS, Gary F.; FENNIG, Charles D. *Ethnologue*. Languages of the World. 21st ed. Dallas: SIL International, 2017. Disponível em: <www.ethnologue.com/statistics/size>. Acesso em: 9 out. 2018.

3. a) As três religiões mais professadas no mundo são o catolicismo romano (professado no centro-sul da Europa e na América Latina); o islamismo (professado no norte da África, Oriente Médio, Ásia central e Indonésia), e o hinduísmo (professado na Índia). Sim, há pessoas que não seguem religião nenhuma.

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

1. a) Não, pois a quantidade de países não define a condição de populoso em uma região.

1. b) O gráfico não traz dados sobre a Antártica porque este é um continente sem países.

1. Observe o gráfico ao lado e responda às questões.

a) De acordo com os dados observados no gráfico, a África concentra mais países do que a Ásia. Considerando esses dados, é possível afirmar que o continente africano é mais populoso do que a Ásia? Justifique sua resposta.

b) Você observou que o gráfico não traz dados sobre a Antártica? Converse com seus colegas e com seu professor a fim de descobrir a explicação disso.

2. Leia as frases abaixo e faça o que é proposto.

Oi, bom dia, como você está?
Ciao, buongiorno, come stai?
こんにちはおはようございますか?

a) Descubra em que língua as frases estão escritas e indique ao menos um país onde ela é falada como idioma nativo.

2. b) O inglês é a língua mais difundida no mundo considerando seu uso como primeira e como segunda língua. Como primeira língua, o inglês é muito falado porque o Reino Unido foi a maior potência colonial da história, dominando vastos territórios nos cinco continentes. Como segunda língua, o inglês também é muito usado

b) Por que o inglês é a língua mais difundida no mundo?

3. Analise o gráfico abaixo. Em seguida reveja o mapa-múndi da página 46, "Mundo: religiões predominantes – 2017", e o gráfico que o acompanha. Depois, responda às questões propostas.

a) Quais são as três religiões mais professadas no mundo? Em que regiões elas são mais praticadas? Há pessoas que não seguem religião nenhuma?

mundo afora porque, como já vimos, é a língua dos negócios, do turismo, da ciência e da tecnologia, das comunicações e da internet, ou seja, é a língua da globalização.

b) De acordo com o gráfico ao lado, qual é a religião predominante no Brasil?

c) Por que é difícil representar cartograficamente as religiões professadas no território de certo país ou no mundo todo?

2. a) As frases estão escritas, respectivamente, em português (como vimos, falado em Portugal, no Brasil, em seis países africanos e em um asiático), italiano (Itália), japonês (Japão), inglês (Reino Unido, Estados Unidos e diversos outros países dos cinco continentes), espanhol (Espanha e, com exceção do Brasil, toda a América Latina) e francês (França e vários países africanos e caribenhos).

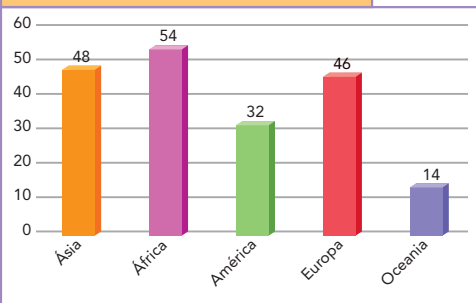
3. b) De acordo com o gráfico, a religião predominante no Brasil é o catolicismo romano.

Fonte: elaborados com base em IBGE. *Atlas do Censo Demográfico 2010*. Diversidade cultural. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/apps/atlas/pdf/Pag_203_Religi%C3%A3o_Evang_miss%C3%A3o_Evang_pentecostal_Evang_nao%20determinada_Diversidade%20cultural.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2018.

3. c) As religiões são difíceis de ser representadas porque a maioria dos países tem em seu território pessoas de muitas religiões diferentes sobrepostas ou mesmo de nenhuma fé. Isso é ainda mais difícil em um mapa de escala tão pequena como esse mapa-múndi, pois o nível de detalhamento é reduzido.

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

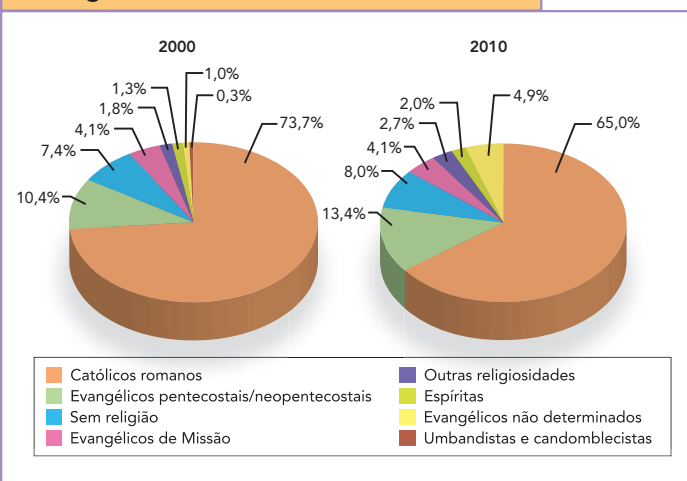
Mundo: países por continente



Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Statistics Division. *Geographical Regions*. New York, 2018. Disponível em: <<https://unstats.un.org/unsd/methodology/m49/>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

Hi, good morning, how are you?
Hola, buen día, ¿cómo está?
Salut, Bonjour, comment vas-tu?

Brasil: distribuição da população por grupos de religião – 2000 e 2010



Consolidando conhecimentos

1. a) Retome com os alunos o conceito de populoso, que se associa à população total de um dado território, e o conceito de povoado, que relaciona essa população ao território ocupado por ela.

b) Comente com os alunos que na Antártica não há população fixa, a não ser pesquisadores e militares que residem temporariamente no local.

2. a) A ideia é que os alunos façam especulações sobre as línguas faladas e conversem sobre isso. Eles também podem utilizar o Google Translate para auxiliá-los. Disponível em: <<https://translate.google.com.br>>. Acesso em: 9 out. 2018.

3. A análise do mapa das religiões no mundo e do gráfico das religiões no Brasil que será realizada nesta atividade contempla parcialmente a habilidade EF08GE18 e mobiliza as competências CG9, CCH4 e CEGeo3.

a) Chame a atenção dos alunos para o fato de que o terceiro grupo mais numeroso, na verdade, é o das pessoas sem religião. Destaque o fato de que, assim como cada opção religiosa deve ser socialmente respeitada, devem-se respeitar também aquelas pessoas que não professam nenhuma religião.

b) Explore com eles o gráfico: segundo o Censo de 2010, a maioria da população brasileira é seguidora do catolicismo romano, como aparece no mapa, mas há também muitos evangélicos de diversas correntes, espíritas, umbandistas, seguidores de religiões tribais [que aparecem no mapa, mas no gráfico entram em outras religiosidades] e seguidores de outras religiões minoritárias em nosso país, como o islamismo e o judaísmo.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE01 Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.

EF08GE02 Relacionar fatos e situações representativas da história das famílias do Município em que se localiza a escola, considerando a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.

EF08GE03 Analisar aspectos representativos da dinâmica demográfica, considerando características da população (perfil etário, crescimento vegetativo e mobilidade espacial).

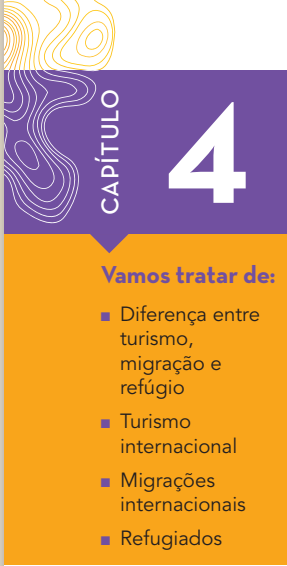
EF08GE18 Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e da América.

I Orientações didáticas

Faça o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o movimento de pessoas pelo mundo verificando quais são os conceitos cotidianos que eles trazem sobre turista, migrante e refugiado. Após a leitura do texto do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), apresentado na página seguinte, retome o que foi conversado para que os alunos respondam dispondo de mais elementos.

Assegure que os alunos distingam corretamente esses três conceitos; a compreensão deles é importante para o bom desenvolvimento do capítulo e contribui para o entendimento da realidade e para o desenvolvimento de empatia por refugiados e migrantes.

A ACNUR foi criada em 1950 para ajudar milhões de europeus que fugiram ou perderam suas casas em virtude da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O trabalho dessa agência



Vamos tratar de:

- Diferença entre turismo, migração e refúgio
- Turismo internacional
- Migrações internacionais
- Refugiados

Movimento de pessoas pelo mundo

Desde os primórdios da história, os seres humanos se deslocam pelo espaço geográfico. Quando os grupos humanos ainda eram nômades, deslocavam-se em busca de alimentos em territórios onde havia maior oferta de animais para caçar ou de frutos para colher. Com o passar do tempo, foram se tornando sedentários, mas ainda se moviam em busca de maior disponibilidade de terras para plantar (e também de melhores solos) e criar animais, quando necessário.

A partir do processo de industrialização, que começou na Europa no final do século XVIII e gradativamente se estendeu para vários países, as pessoas passaram a buscar melhores oportunidades de trabalho ou de negócios em outros lugares. Muitas migraram do campo para as cidades no interior do próprio país de nascimento, e muitas outras foram para o exterior, às vezes para países muito distantes. Essas pessoas que se deslocam em busca de melhores condições de vida são chamadas **migrantes**. Observe a fotografia abaixo.



Imigrantes hispânicos trabalhando em plantação de morangos em Mosely, Virgínia (Estados Unidos). Foto de 2017.

O QUE É ?

A **ACNUR** (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados) é uma agência da ONU responsável pela proteção e assistência aos refugiados em todo o mundo. Por seu trabalho humanitário, essa agência ganhou duas vezes o Prêmio Nobel da Paz: em 1954 e em 1981.

Muitos indivíduos também são obrigados a se deslocar de seus lugares de origem, seja no interior do próprio país onde vivem, seja para o exterior, em razão de perseguições por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política. Esses são os **refugiados**, cuja motivação é a procura de segurança e liberdade.

Recentemente na história humana, vem crescendo um grupo particular de pessoas que se deslocam no espaço geográfico por períodos curtos de tempo e, depois, retornam ao seu lugar de origem. São os **turistas**, que viajam de férias, a negócios e por diversos outros motivos.

No entanto, se uma pessoa se fixar por longo período de tempo no território para onde se deslocou, ela deixa de ser turista e passa a ser considerada migrante. E os refugiados, não podemos chamá-los de migrantes, se passarem a residir em outro país? Leia no texto da página seguinte como a **ACNUR** aborda esse tema.

da ONU tem como base a Convenção das Nações Unidas, documento adotado em 1951, que define o que é refugiado e assegura seus direitos e deveres na relação com os países que os acolhem. O Protocolo de 1967 reformou a Convenção de 1951 e expandiu o mandato da ACNUR para além dos limites da Europa e das pessoas afetadas pela Segunda Guerra. Em 1995, a Assembleia Geral da ONU designou a ACNUR como responsável pela proteção e assistência aos refugiados.

Ariel Shelley/Photodisc/Getty Images



PARA CONHECER MAIS

No cotidiano é comum a utilização das palavras “migrante” e “refugiado” como se fossem sinônimas. No entanto, o ACNUR chama a atenção para o fato de que existem diferenças importantes entre elas e que é preciso marcar a especificidade dos refugiados, como forma de protegê-los. A Convenção da ONU adotada em 1951 garante a proteção aos refugiados.

A palavra “migrante” pode ser utilizada como um termo genérico para também abranger refugiados?

[...] “Migração” é comumente compreendida implicando um processo voluntário; por exemplo, alguém que cruza uma fronteira em busca de melhores oportunidades econômicas. Este não é o caso de refugiados, que não podem retornar às suas casas em segurança e, conseqüentemente, têm direito a proteções específicas no escopo do direito internacional.

Desfocar os termos “refugiados” e “migrantes” tira a atenção da proteção legal específica de que os refugiados necessitam, como proteção contra *orefoulement* [do inglês, “devolução”] e contra ser penalizado por cruzar fronteiras para buscar segurança sem autorização. Não há nada ilegal em procurar refúgio – pelo contrário, é um direito humano universal. Portanto, misturar os conceitos de “refugiados” e “migrantes” pode enfraquecer o apoio a refugiados e ao refúgio institucionalizado em um momento em que mais refugiados precisam de tal proteção.

Nós precisamos tratar todos os seres humanos com respeito e dignidade. Nós precisamos garantir que os direitos humanos dos migrantes sejam respeitados. Ao mesmo tempo, nós também precisamos fornecer uma resposta legal e operacional apropriada aos refugiados, por conta de sua situação difícil e para evitar que se diluam as responsabilidades estatais direcionadas a eles. Por essa razão, o ACNUR sempre se refere a “refugiados” e “migrantes” separadamente, para manter clareza acerca das causas e características dos movimentos de refúgio e para não perder de vista as obrigações específicas voltadas aos refugiados nos termos do direito internacional. [...]

ACNUR Brasil. “Refugiados” e “migrantes”: perguntas frequentes. 22 mar. 2016. Disponível em: <www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes>. Acesso em: 26 jul. 2018.

- De acordo com o texto, qual é a diferença entre migrante e refugiado? Por que o ACNUR considera inadequado o uso do conceito de refugiado como sinônimo de migrante?

Em Roma, refugiados que vieram da Eritreia e da Somália, em 2018. A união de entidades filantrópicas italianas organiza a ida de refugiados para a Itália, utilizando os chamados “corredores humanitários”.

Stefano Montesi/Corbis/Getty Images



NA REDE

Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados

Conheça o artigo 33 desse documento, que garante a proibição de expulsão ou devolução dos refugiados. Disponível em: <http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2018.

pode voltar ao lugar de origem. O ACNUR considera inadequado o uso de refugiado e migrante como sinônimos porque isso não deixa claras as especificidades e as necessidades dos refugiados, que precisam de maior apoio, uma vez que sua segurança e sua liberdade estão sob grave ameaça. Por isso, os refugiados são protegidos por acordos internacionais.

Para conhecer mais

Antes de propor a interpretação do texto que se encontra nesta seção, assegure-se de que os alunos não têm dúvidas sobre o significado de nenhuma palavra.

Se julgar conveniente, compartilhe com os alunos o texto reproduzido nesta página na íntegra, acessando o *site* <www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-imigrantes-perguntas-frequentes>. Acesso em: 9 out. 2018.

Orientações didáticas

Nesta e nas próximas páginas serão explorados vários tipos de mobilidade humana no espaço geográfico, começando pelo turismo e seguindo com as migrações e os refugiados, nos próximos tópicos. Esse estudo contempla parcialmente a habilidade EF08GE03.

Para começar o estudo do tema turismo internacional, indague os alunos sobre a importância do turismo na geração de emprego e renda em diversas atividades de comércio e serviços. Se o município em que está localizada a escola for turístico, será mais fácil para os alunos perceberem a importância do turismo como atividade econômica. Procure identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o turismo perguntando por que as pessoas viajam e estimulando o debate sobre as várias possibilidades de turismo pessoal e de turismo profissional.

Explore o gráfico de colunas que mostra o aumento constante do fluxo de turistas pelo mundo desde 1950 até 2016 e procure saber quais são as hipóteses dos alunos sobre a razão desse aumento: avanços tecnológicos nos transportes e em outros serviços, barateamento das passagens aéreas, novas formas de hospedagem mais baratas, crescimento da população mundial e, sobretudo, dos setores de classe média da população, mesmo em países em desenvolvimento, que são aqueles que têm renda para empreender viagens internacionais, entre outros fatores.

Depois peça aos alunos que explorem o gráfico de barras que mostra os meios de transporte usados no turismo internacional. Estimule-os a assistir à animação sobre o tráfego aéreo internacional indicada no box **Na rede** e, se possível, organize a exibição em sala de aula. Depois, discuta onde há mais concentração de voos no mundo e peça a eles que identifiquem, na tabela da página seguinte, os países que recebem mais turistas internacionais para que relacionem as informações.

O meio de transporte mais utilizado em viagens internacionais é o aéreo, responsável por deslocar 55% dos turistas.

NA REDE

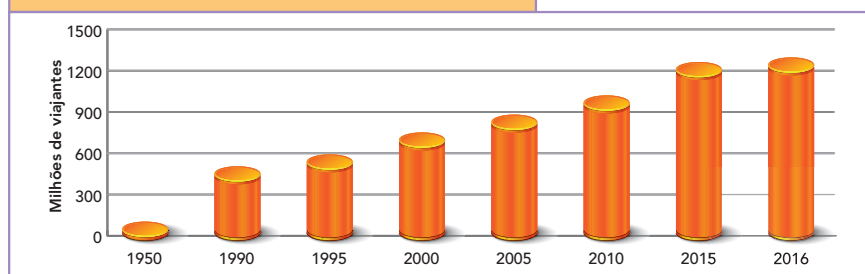
Tráfego aéreo mundial em 24 horas – The Geography of Transport Systems (Hofstra University)

A animação apresenta, em um mapa-múndi, os trajetos de mais de 9 mil voos civis ao longo de um dia. É possível observar onde há maior concentração de voos no mundo. Disponível em: <https://transportgeography.org/?page_id=2517>. Acesso em: 25 jul. 2018.

Turismo internacional

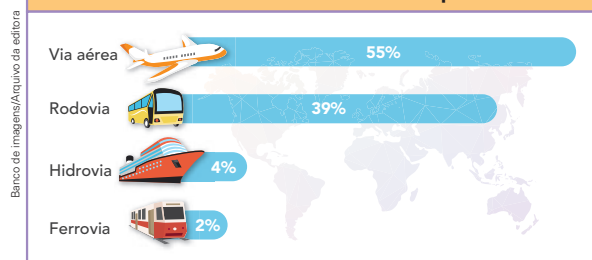
O turismo, como atividade econômica, começou a crescer apenas no início do século XX, graças aos grandes avanços tecnológicos nos sistemas de transporte, com destaque para o aéreo, e no de telecomunicações. Observe os dados dos gráficos a seguir.

Fluxo internacional de turistas – 1950-2016



Fonte: elaborado com base em WORLD TOURISM ORGANIZATION. *Tourism Highlights 2017 Edition*. Madrid, 2017. p. 4. Disponível em: <www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419029>. Acesso em: 28 jul. 2018.

Turismo no mundo: meios de transporte – 2016



Fonte: elaborado com base em WORLD TOURISM ORGANIZATION. *Tourism Highlights 2017 Edition*. Madrid, 2017. p. 5. Disponível em: <www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419029>. Acesso em: 28 jul. 2018.

Os aviões tornaram-se maiores, mais rápidos e seguros, convertendo-se no principal meio de transporte utilizado por turistas em viagens internacionais. A modernização das aeronaves e a maior concorrência entre as empresas aéreas colaboraram para tornar as passagens mais baratas, embora inacessíveis para a maioria da população mundial. De acordo com o Pnud, o bilhete aéreo (ida e volta) entre Nairóbi (Quênia) e Londres (Reino Unido) caiu de 24 mil dólares, em

1960, para 2 mil dólares, em 2000 (em 2018 era possível comprar passagem para esse mesmo trecho por até 800 dólares). Em 2016, segundo a OMT, 55% do total dos viajantes entre países diferentes fez seu percurso por via aérea. Hoje, o mundo está integrado por uma rede de rotas aéreas.

Outro fator importante para a maior movimentação de pessoas foi a ampliação da rede de transportes terrestres, principalmente rodovias, ligando países vizinhos – no turismo internacional, o meio de transporte rodoviário foi o segundo mais utilizado em 2016, com 39% do total de viajantes, como é possível observar no gráfico.

Além dos avanços nos transportes, muitos serviços – hotéis, agências, locadoras de automóveis, museus, parques de diversão, etc. – foram criados ou ampliados para atrair visitantes. Também, com o desenvolvimento da internet, ficou muito mais fácil pesquisar sobre os destinos turísticos, assim como reservar passagens e hotéis.

Sugestão de aprofundamento

Leia um artigo sobre o turismo e sua influência no desenvolvimento regional.

CABUGUEIRA, Artur. A importância econômica do turismo. *Revista Turismo & Desenvolvimento*. Vol. II (2), n. 97, 2005. p. 97-104. Disponível em: <<http://revistas.ua.pt/index.php/rtd/article/view/8142/6564>>. Acesso em: 9 out. 2018.

O turismo está entre as atividades econômicas que mais crescem no mundo e, em muitos países, é a que mais contribui para movimentar a economia e gerar empregos. Segundo a OMT, as 435 milhões de pessoas que viajaram a turismo em 1990 gastaram 271 bilhões de dólares; já em 2016, os 1235 milhões de viajantes gastaram 1220 bilhões de dólares.

No entanto, o fluxo mundial de turistas é um fenômeno bastante concentrado geograficamente. Observe os dados da tabela a seguir.

OS DEZ MAIORES RECEPTORES DE TURISTAS – 2016		
País/posição	Em milhões de visitantes	% do total mundial
1. França	82,6	6,7
2. Estados Unidos	75,6	6,1
3. Espanha	75,6	6,1
4. China	59,3	4,8
5. Itália	52,4	4,2
6. Reino Unido	35,8	2,9
7. Alemanha	35,6	2,9
8. México	35,0	2,8
9. Tailândia	32,6	2,6
10. Áustria	28,1	2,3
Mundo	1235	100

Os dados da tabela revelam que, em 2016, quase 42% de todos os turistas que circularam pelo mundo visitaram apenas dez países, seis dos quais europeus, como você pode observar na tabela. Em comparação, o Brasil recebeu 6,6 milhões de turistas em 2016, número que correspondeu a 0,5% do total mundial.

A África é o continente menos visitado do mundo. Em 2016, recebeu 57,8 milhões de turistas (4,7% do total) – número equivalente ao que a China recebeu sozinha –, sendo que 45% desses viajantes visitaram apenas três países. Segundo o relatório da OMT, o país africano que mais recebeu turistas foi o Marrocos, com 10,3 milhões de visitantes, seguido pela África do Sul, com 10 milhões, e a Tunísia, com 5,7 milhões.

Apesar de todo o crescimento da circulação de turistas pelo mundo, os dados comprovam que o fluxo é muito desigual.

NA REDE

Organização Mundial do Turismo (OMT)

Para obter mais informações sobre a OMT e dados sobre o turismo no mundo, acesse o site da entidade (em inglês, espanhol e francês). Disponível em: <www2.unwto.org>. Acesso em: 28 jul. 2018.

EXPLORANDO A TABELA

Qual país mais recebe turistas no mundo? Em que continente se localiza a maioria dos países que mais recebem turistas? Quais são eles?

O país que mais recebe turistas no mundo é a França. Em 2016, recebeu quase 83 milhões de visitantes. Seis dos dez países que mais recebem visitantes estão na Europa: França, Espanha, Itália, Reino Unido, Alemanha e Áustria. Em 2016, 50% dos turistas internacionais visitaram a Europa, onde está a maioria dos países com melhor infraestrutura turística do mundo.

Fonte: elaborada com base em WORLD TOURISM ORGANIZATION. *Tourism Highlights 2017 Edition*. Madrid, 2017. Disponível em: <www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419029>. Acesso em: 28 jul. 2018.

O Egito foi o quarto país do continente africano que mais recebeu turistas em 2016: 5,3 milhões de visitantes. Entretanto, a Organização Mundial do Turismo contabiliza os dados desse país no Oriente Médio. Na foto, turistas diante da Esfinge, no planalto de Gizé, na cidade do Cairo, em 2017.

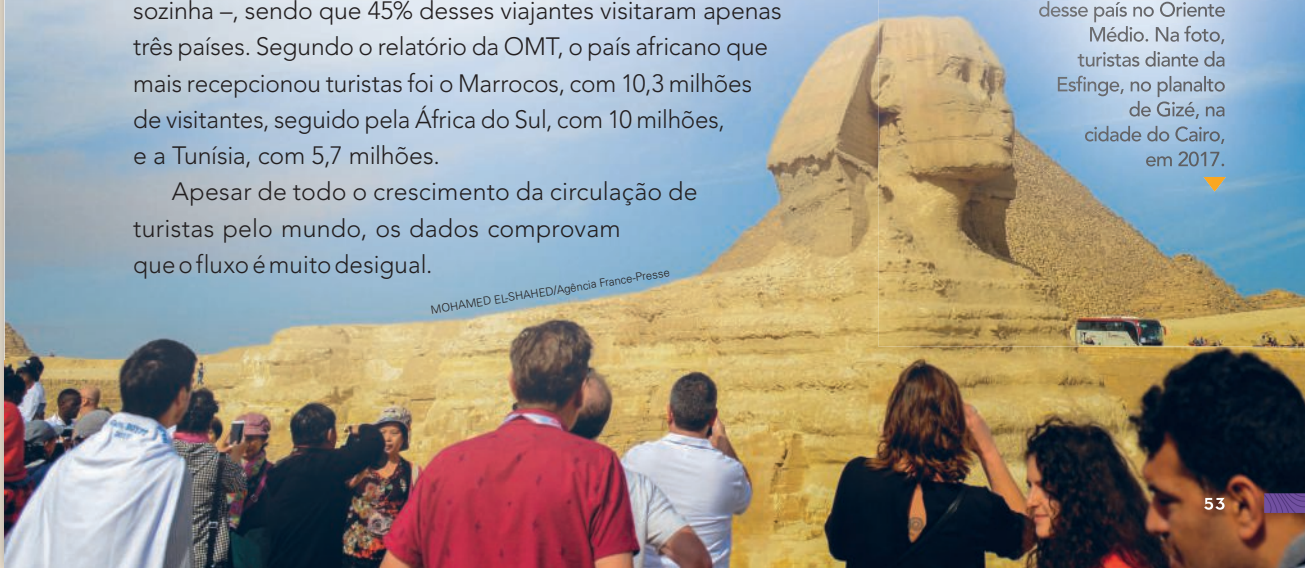
Orientações didáticas

Proponha aos alunos que explorem os dados da tabela, conforme proposto no box **Explorando a tabela**, para perceberem que a maioria dos países que mais recebem turistas no mundo é desenvolvida, sobretudo os europeus: seis dos dez maiores receptores.

Aproxime o assunto dos alunos, conversando com eles sobre a realidade brasileira. Sugira que reflitam sobre a seguinte questão: Por que o Brasil tem tantos atrativos turísticos dos pontos de vista natural e cultural e recebe relativamente poucos turistas internacionais, considerando sua extensão e população? Estabeleça, com os alunos, comparações com países vizinhos bem menores, informando que o Chile, por exemplo, recebeu 5,6 milhões de turistas em 2016, e que a Argentina recebeu 5,5 milhões. Além do Uruguai, que tem uma área de 176 mil km² (pouco menor que o estado do Paraná) e uma população de 3,5 milhões de habitantes (cerca de 1/3 da população da cidade de São Paulo) e recebeu 3 milhões de turistas, quase metade do que o Brasil inteiro recebeu.

Atividade complementar

Organize os alunos em grupos e solicite que cada um faça uma pesquisa na internet sobre uma das atrações turísticas de cidades que são importantes polos turísticos, como Paris, localizada no país que mais recebe turistas no mundo, a França. Sugira uma lista de cidades de todos os continentes (por exemplo: Paris, Londres, Roma, Nova York, Cidade do México, São Paulo, Rio de Janeiro, Cidade do Cabo, Cairo, Dubai, Tóquio, Cingapura e Sydney). Alternativa ou complementarmente a esta atividade, pode-se solicitar que encontrem imagens de cidades turísticas e montem um painel destacando os atrativos que elas oferecem, em formato de guia turístico.



Orientações didáticas

As páginas a seguir tratam das migrações internacionais, um tipo importante de mobilidade espacial da população, o que contribui para o desenvolvimento parcial das habilidades EF08GE01 e EF08GE03.

Explore com os alunos alguns fluxos migratórios, como os que se dirigem a países do oeste africano e a países sul-americanos. Apesar de existir um fluxo intenso de migrantes da Bolívia para o Brasil, o fluxo Bolívia-Argentina é mais significativo, o que expressa outras dimensões da migração, como as redes de vínculos familiares e a língua comum. Vale lembrar que os imigrantes costumam formar comunidades para facilitar a integração nos países para os quais migram.

Sugestão de aprofundamento

O livro a seguir pode ser baixado gratuitamente em PDF no site da Fundação Alexandre de Gusmão (Funag).

FARIA, Maria Rita Fontes. *Migrações internacionais no plano multilateral: reflexões para a política externa brasileira*. Disponível em: <http://funag.gov.br/loja/download/1130-Migracoes_internacionais_no_plano_multilateral_23_10_2015.pdf>. Acesso em: 9 out. 2018.

NA ESTANTE

BRIGAGÃO, Clóvis;
RODRIGUES, Gilberto.
Globalização a olho nu: o mundo conectado. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

Discute a globalização sob vários pontos de vista: econômico, social, político, cultural e ambiental. Destaque para os capítulos "Ampliando os direitos humanos" e "Migrantes: hora da partida e da chegada".

Migrações internacionais

As migrações são um fenômeno tão antigo quanto a existência da humanidade. Como vimos no início, ao longo da história, uma parte dos habitantes nascidos em um lugar sempre saiu em busca de uma vida melhor em lugares distantes.

Os deslocamentos no interior de um país, com a fixação em outro lugar do mesmo território, são chamados de **migrações internas** (ou **nacionais**); os deslocamentos de um país para outro, com a fixação em outro território, são as **migrações externas** (ou **internacionais**). Neste capítulo, vamos estudar as migrações internacionais.

Quando uma pessoa sai voluntariamente de seu lugar de origem e se muda para outro, no mesmo país ou no exterior, ela é considerada **migrante**. Se for um migrante internacional, no país de saída, ela é considerada **emigrante**; no de chegada, **imigrante**. Por exemplo: uma pessoa que deixa a Espanha para viver na Argentina é emigrante da Espanha e imigrante na Argentina.

Os fluxos migratórios mudaram muito com o tempo. A Argentina, por exemplo, no passado recebeu um grande contingente de imigrantes europeus, principalmente da Espanha; hoje, no entanto, muitas das pessoas que saem da Argentina vão, na contramão de seus antepassados, para a Espanha, entre outros países europeus.

Imigrantes sendo transportados em carroça, puxada por cavalos, na chegada a Buenos Aires (Argentina). Foto do início do século XX.



Coleção Frank e Frances Carpenter/Biblioteca do Congresso, Washington, EUA.

Muitos **latino-americanos** deixaram seus países de origem nas últimas décadas e se tornaram imigrantes em outros países, como os Estados Unidos e a Espanha. Desde que entrou na União Europeia, em 1986, a economia espanhola cresceu bastante e ofereceu oportunidades de emprego, atraindo muitos imigrantes. Há cerca de 1 milhão de latino-americanos na Espanha, que se tornou o segundo polo de recepção de imigrantes vindos da América Latina. Está atrás apenas dos Estados Unidos, que concentram cerca de 15 milhões de pessoas oriundas dessa região. No entanto, com a crise econômica dos anos 2000 e o forte aumento do desemprego nesses dois países, muitos imigrantes voltaram a seus países de origem. Como vimos no capítulo 1, essa crise se iniciou nos Estados Unidos em 2008 e se propagou para a Europa em 2010.

De acordo com dados do FMI, o desemprego nos Estados Unidos saltou de 4,6% da população economicamente ativa, em 2007, para 9,6%, em 2010; depois desse pico, com a retomada do crescimento econômico, caiu para 4,9% em 2016. Do ponto de vista econômico, o país voltou a ser atrativo para os imigrantes; o problema é que depois da eleição de Donald Trump, naquele ano, houve um endurecimento contra a imigração e um aumento das restrições para se fixar no país.

Na Espanha, o desemprego é ainda mais alto e, mesmo com a retomada da economia, permanece em patamar muito elevado, o que dificulta a absorção de imigrantes pelo mercado de trabalho.



Album/Fotoreana

latino-americano: pessoa originária da América Latina, região que engloba todos os países da América, com exceção dos Estados Unidos e do Canadá.

NA TELA

Bem-vindo.
Direção de Philippe Lioret.
França:
Imovision, 2009.
(110 min)

Aborda as políticas de imigração de países europeus por meio da história de um adolescente curdo que abandonou o Iraque e foi para a França tentar reencontrar sua namorada, que se mudara para a Inglaterra. Para chegar lá, o jovem resolve atravessar o canal da Mancha a nado.

Fila de pessoas procurando trabalho no Escritório de emprego (*Oficina de empleo*, em espanhol) do governo, em Madri (Espanha), em 2018. Segundo o FMI, em 2007, a taxa de desemprego na Espanha era de 8,2%; atingiu 19,9% em 2010 e, com a persistência da crise na Europa, alcançou 26,1% em 2013; com a retomada do crescimento econômico, a taxa tinha recuado para 19,6%, em 2016.

Orientações didáticas

Se julgar interessante, compartilhe com os alunos as informações do texto a seguir.

Número de migrantes internacionais chega a cerca de 244 milhões, revela ONU

O número de migrantes internacionais alcançou a marca de 244 milhões em 2015 – um aumento de 41% em relação ao ano 2000, segundo informações do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU (DESA) publicadas na terça-feira (12). Dentro desta cifra, 20 milhões são refugiados. [...]

O número de migrantes internacionais aumentou mais rápido do que o crescimento da população, de acordo com as Nações Unidas. Com isso, a quantidade de migrantes totaliza 3,3% da população global em 2015, enquanto em 2000 somavam 2,8%.

No entanto, há diferenças nas regiões do mundo: na Europa, América do Norte e Oceania, os migrantes são pelo menos 10% da população; na África, Ásia e América Latina e Caribe, menos de 2% são estrangeiros.

Segundo a ONU, em 2015, dois em cada três migrantes internacionais viviam na Europa ou na Ásia. Cerca de metade dos migrantes nasceram na Ásia.

Ainda, 16 milhões de pessoas nascidas na Índia moram em outros países, comparado a 12 milhões do México, os dois países com as maiores diásporas do mundo. Rússia, China, Bangladesh, Paquistão e Ucrânia seguem em ordem na lista em número de cidadãos vivendo no estrangeiro.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela ONU destacam que a vulnerabilidade dos migrantes, deslocados internos e refugiados, relacionada ao deslocamento forçado e crises humanitárias, pode reverter os avanços das últimas décadas. Entre os compromissos da Agenda de 2030 está o de proteger os direitos dos migrantes e implementar políticas de migração.

ONU BR – Nações Unidas no Brasil. *Número de migrantes internacionais chega a cerca de 244 milhões, revela ONU.* Brasília, 13 jan. 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/numero-de-migrantes-internacionais-chega-a-cerca-de-244-milhoes-revela-onu/>>. Acesso em: 9 out. 2018.

I Orientações didáticas

Converse com os alunos sobre a razão de os Estados Unidos terem o maior número de imigrantes no mundo. Questione-os: Por que tantas pessoas, inclusive brasileiros, querem ir para os Estados Unidos? O que o país oferece para atrair tanto o interesse de imigrantes do mundo inteiro? Apesar dessa atração, as condições de vida de muitos imigrantes, especialmente dos ilegais, é bem difícil nos Estados Unidos e é crescente a hostilidade contra eles, como indica o texto a seguir.

A realidade dos imigrantes que vivem ilegalmente nos EUA

Há 11 milhões deles, de acordo com as melhores estimativas, trabalhando em plantações, na construção de edifícios e nas cozinhas de restaurantes, e lotando salas de aula, centros de detenção e tribunais de imigração norte-americanos.

Na mente do público, os imigrantes não autorizados – pessoas vivendo nos Estados Unidos sem permissão do governo norte-americano – são hispânicos, em sua maioria mexicanos, e cruzaram em segredo a fronteira sudoeste do país.

Aos olhos de seus defensores, eles são trabalhadores e famílias, aceitam os empregos que ninguém mais quer, buscam evitar problemas, e só estão no país para batalhar por vidas melhores e mais seguras, para eles mesmos e seus filhos.

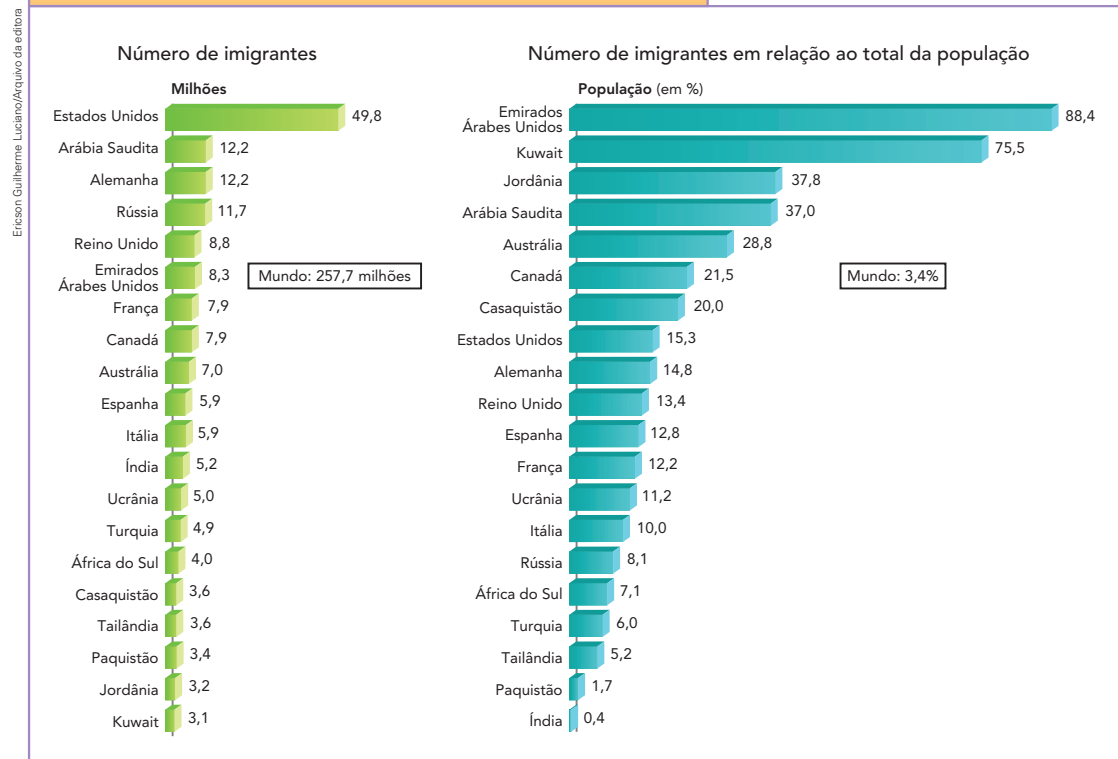
Para a Casa Branca, eles são párias, criminosos que ameaçam os bairros das cidades dos Estados Unidos, roubam os empregos dos norte-americanos, esgotam os recursos do país e exploram a generosidade americana. São pessoas que deveriam ser expulsas – e serão.

Os imigrantes não autorizados podem ser muitas dessas coisas, e mais, 11 milhões é um número que oferece alcance considerável e contradição considerável.

Talvez não exista símbolo mais poderoso da ideia fixa sobre o México como ponto de origem dos imigrantes ilegais do que a muralha que o presidente Donald Trump propõe construir ao longo da fronteira sul dos Estados

Observe os dados dos gráficos a seguir, que mostram os países com o maior número absoluto de imigrantes e os países com maior número de imigrantes em relação ao total de sua população.

Os vinte países com maior número de imigrantes – 2017



Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. *International Migration Report 2017*. Highlights. New York, 2017. p. 25-31. 29 jun. 2018.

* Com a dissolução da União Soviética, em 1991, as pessoas nascidas em outras repúblicas do bloco (que congregava 15 delas no total) passaram a ser consideradas imigrantes na Rússia.

EXPLORANDO OS GRÁFICOS

Depois dos Estados Unidos, qual país apresenta maior número absoluto de imigrantes? E qual país apresenta maior número de imigrantes em relação ao total de sua população?

A Arábia Saudita, com 12,2 milhões de imigrantes. Os Emirados Árabes Unidos têm o maior número relativo, com 88,4% da população composta de imigrantes.

De acordo com o primeiro gráfico, os Estados Unidos são o país onde há mais imigrantes em termos absolutos. São quase 50 milhões de pessoas, o que corresponde a 19% do total mundial de migrantes. Mas como sua população total é muito grande (a terceira do mundo, como vimos no capítulo anterior), percentualmente o número de imigrantes não é tão elevado (veja os dados relativos aos Estados Unidos no segundo gráfico). Há países nos quais o percentual de estrangeiros (em termos relativos) é bem maior, como é o caso dos principais produtores de petróleo do Oriente Médio. Na Arábia Saudita, os imigrantes chegam a 37% da população; no Kuwait, a 75,5%; porém, o maior índice do mundo é registrado nos Emirados Árabes Unidos, onde 88,4% dos habitantes são estrangeiros.

Unidos. Mas muitos dos imigrantes não autorizados não são mexicanos; um quarto deles nem mesmo são hispânicos.

Atrás do México, Guatemala, El Salvador e Honduras, o maior número de imigrantes não autorizados vem da China (o total estimado é de 268 mil). E a China é um dos 23 países que não cooperam com deportações. (O governo Trump prometeu pressionar todos os 23 para que passem a fazê-lo.)

Os imigrantes tendem a ser jovens – o Pew Research Center constatou que os imigrantes não autorizados adultos têm idade média

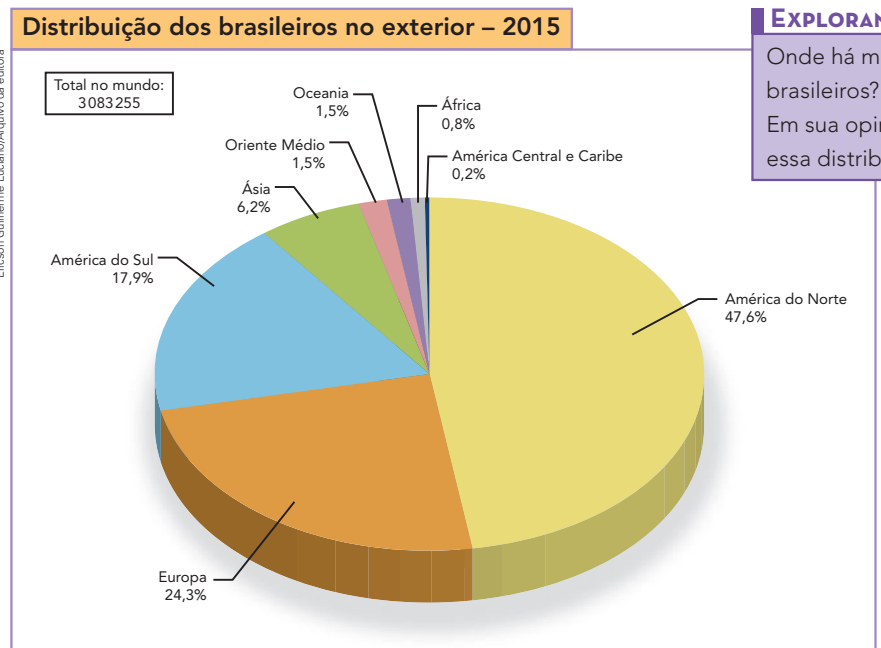
10 anos mais baixa que a dos adultos norte-americanos médios – e a proporção de homens entre eles é ligeiramente mais alta do que no restante da população.

Geografia e demografia são apenas duas formas de categorizar os 11 milhões. As circunstâncias oferecem uma terceira: ao buscar um controle mais severo dos imigrantes não autorizados pelas autoridades, Trump terá de enfrentar uma população de pessoas que chegaram de diversas maneiras e por uma miríade de razões, e cada fatia dessa população oferecerá desafios peculiares.

Isso ocorre porque a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e o Kuwait são países de alta renda e têm carência de mão de obra – com exceção do primeiro, os outros têm populações muito pequenas. Por isso, há um incentivo à vinda de imigrantes, sobretudo do sul e do Sudeste Asiático, para trabalhar na construção civil (principalmente os homens), em serviços domésticos (principalmente as mulheres) e em outros trabalhos que não necessitem de alta qualificação. Grande parte desses imigrantes é originária das Filipinas, da Índia, da Tailândia, do Nepal e de Bangladesh. No entanto, as condições de trabalho, em geral, são muito precárias e os salários são baixos.

Embora em menor quantidade, no Oriente Médio também há oferta de serviços que exigem maior qualificação e, portanto, com melhores condições de trabalho e salários mais elevados. Hotéis, companhias aéreas, escritórios de engenharia, empresas de tecnologia da informação e comunicação estão entre os principais empregadores desses trabalhadores, que vêm de diversos países, incluindo o Brasil.

O Brasil recebe relativamente poucos imigrantes. Segundo a publicação *International Migration Report 2017*, havia 736 mil imigrantes em nosso país naquele ano, o que equivalia a apenas 0,4% da população total. O Brasil, que no passado foi um país de imigração, tornou-se um país de emigração. Segundo o Ministério das Relações Exteriores, em 2015 havia mais de 3 milhões de brasileiros vivendo no exterior, em diversos países de todos os continentes. A maioria deles vivia nos Estados Unidos (45,7% do total). Veja, no gráfico, a distribuição dos brasileiros por regiões.



EXPLORANDO O GRÁFICO

Onde há mais imigrantes brasileiros? E onde há menos? Em sua opinião, por que ocorre essa distribuição?

Há mais imigrantes brasileiros na América do Norte e menos na África, na América Central e no Caribe. Resposta pessoal.

Fonte: elaborado com base em MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. *Estimativas populacionais das comunidades brasileiras no mundo – 2015*. Brasília, 29 nov. 2016. Disponível em: <www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades>. Acesso em: 27 jul. 2018.

Orientações didáticas

A maioria dos brasileiros que foi para o exterior, como quaisquer outros, emigra em busca de mais oportunidades econômicas e melhores condições de vida. Por essa razão, a maioria foi para a América do Norte, principalmente para os Estados Unidos, e também para países europeus, sobretudo o Reino Unido e Portugal, que são países desenvolvidos. Por isso há um fluxo reduzido para a África e a América Central/Caribe, regiões constituídas por países em desenvolvimento, que também são foco de emigração.

Converse com os alunos sobre a experiência que têm sobre a migração internacional, com perguntas como: Você conhece algum imigrante? De onde essa pessoa veio? Por que ela migrou para o Brasil? Você conhece alguém que emigrou? Por que essa pessoa foi embora do Brasil? Para onde ela foi?

Se julgar conveniente, informe-os sobre os principais fluxos de brasileiros por países. Segundo o Ministério das Relações Exteriores, de um total de 3.083.255 brasileiros vivendo no exterior em 2015, a maioria foi para os Estados Unidos (45,7%), o Paraguai (10,8% – muitos investidores brasileiros têm comprado terras nesse país para desenvolver a agropecuária ou instalado indústrias para se beneficiar de custos de produção mais baixos) e o Japão (5,5%), seguidos de países europeus, com destaque para o Reino Unido (3,9%) e Portugal (3,8%).

O texto *Percepções e preocupações acerca da migração*, reproduzido na página XXVIII, mostra como os imigrantes são vistos nos Estados Unidos e em países europeus e complementa este debate.

[...]

YEE, Vivian; DAVIS, Kenan; PATEL, Jugal. A realidade dos imigrantes que vivem ilegalmente nos EUA. *New York Times*, 7 mar. 2017. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/03/1864295-a-realidade-dos-imigrantes-que-vivem-ilegalmente-nos-eua.shtml>. Acesso em: 9 out. 2018.

Orientações didáticas

O trabalho com a tabela que mostra os principais beneficiados com remessas internacionais de imigrantes será aprofundado na seção **Consolidando conhecimentos**. Auxilie os alunos a compreender que o dinheiro que imigrantes enviam a seus familiares tem um valor absoluto (em dólares) e um relativo (% desse dinheiro em relação ao PIB). Dessa forma, eles devem perceber que a Índia é o país que mais recebe dinheiro em termos absolutos e as Filipinas, entre os países que constam da tabela, é o que mais recebe em termos relativos.

Ao tratar do terceiro tipo de mobilidade espacial abordado neste capítulo (refugiados), contemplem-se parcialmente as habilidades **EF08GE01** e **EF08GE03**. Como a habilidade **EF08GE01** não faz distinção entre migração e refúgio (muitas vezes utilizados como sinônimos), pode-se inferir que contemple também os refugiados nos “principais fluxos migratórios”. No entanto, como vimos no texto do ACNUR, no início deste capítulo, é importante marcar a diferença entre eles.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para trabalhar a sequência didática sobre refugiados que buscam abrigo no Brasil.

PRINCIPAIS PAÍSES BENEFICIADOS COM REMESSAS INTERNACIONAIS DE IMIGRANTES – 2016

País	PIB (bilhões de dólares)	Dinheiro recebido (bilhões de dólares)	Dinheiro recebido / PIB (%)
Índia	2220	62,7	2,8
China	11394	35,2	0,3
Filipinas	370	31,1	8,4
México	1153	28,7	2,5
França	2606	24,4	0,9
Paquistão	292	19,8	6,8
Nigéria	456	19,7	4,3
Egito	331	18,7	5,6

Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators database*, 17 abr. 2017; THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D.C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

xenofobia: do grego *ksénos* ('estrangeiro') e *phobia* ('medo, aversão'), caracteriza a rejeição contra tudo que venha do estrangeiro, sejam manifestações culturais, sejam mesmo pessoas.

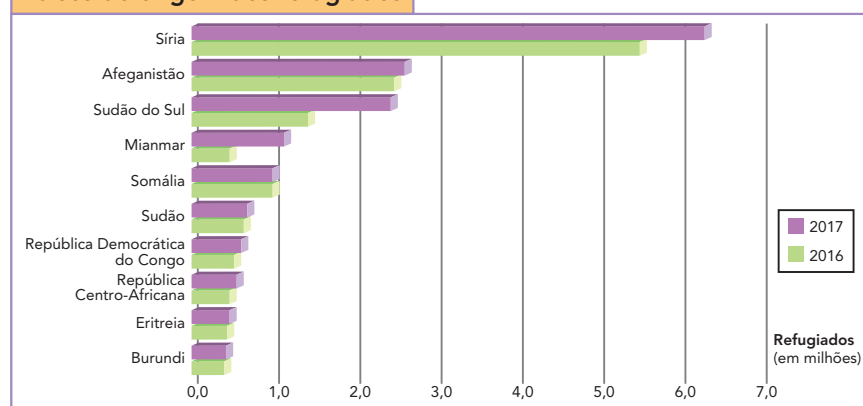
Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. *Global Trends. Forced displacement in 2017*. Geneva, 2018. p. 15. Disponível em: <www.unhcr.org/5b27be547.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2018.

Os refugiados

De acordo com o ACNUR, em 2017 havia 25,4 milhões de refugiados no mundo. Em sua maioria, essas pessoas fugiam da insegurança gerada por conflitos armados, como o da Síria e do Afeganistão. Observe nos gráficos os países que mais deram origem a refugiados e os que mais os acolheram.

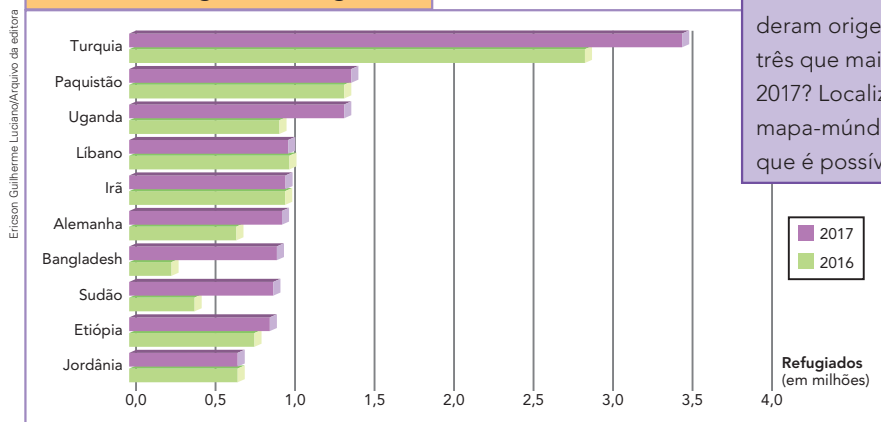
Os refugiados (assim como também os migrantes) que foram para os países desenvolvidos sofrem com a **xenofobia** e o racismo. Sobretudo após a eclosão da crise econômica de 2008, que, como vimos, atingiu especialmente os países desenvolvidos e elevou o desemprego, houve um aumento da hostilidade a estrangeiros ou minorias étnicas, principalmente na União Europeia. Como mostra o texto proposto na seção final desta unidade, a vida dos refugiados é muito difícil porque muitas vezes os acordos internacionais de proteção a eles não são respeitados.

Países de origem dos refugiados



Ericsson Guilherme Luciano/Arquivo da editora

Países de abrigo dos refugiados*



Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. *Global Trends. Forced displacement in 2017*. Geneva, 2018. p. 17. Disponível em: <www.unhcr.org/5b27be547.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2018.

* No Brasil, no final de 2017, havia 10264 refugiados de diversos países.

EXPLORANDO OS GRÁFICOS

Quais são os três países que mais deram origem a refugiados e os três que mais os abrigaram em 2017? Localize esses países no mapa-múndi. Eles são vizinhos? O que é possível inferir disso?

Os três países que mais deram origem a refugiados em 2017 foram Síria, Afeganistão e Sudão do Sul; e os países que mais abrigaram refugiados, no mesmo ano, foram Turquia, Paquistão e Uganda. Ao observarem o mapa-múndi, os alunos deverão perceber que o país que mais originaram refugiados, respectivamente, são vizinhos dos que mais os abrigaram. É possível inferir disso que a maioria dos sírios se deslocou para a Turquia; dos afegãos, para o Paquistão; e dos sul-sudaneses, para Uganda.

Orientações didáticas

Certifique-se de que os alunos conseguem ler e interpretar corretamente o gráfico desta página e o da anterior, que mostram os países que mais deram origem a refugiados e os que mais os abrigaram, para que consigam responder às questões propostas no boxe **Explorando os gráficos**.

Trocando ideias

1. Organize um debate entre os alunos. Comente com eles que há muitos dados estatísticos sobre os refugiados, especialmente sobre os sírios – que atualmente são em maior quantidade – em razão da guerra civil que se estende desde 2011 na Síria. Milhões de sírios tiveram de abandonar seus lugares de origem, desde o início da guerra, e fugir para outros lugares no próprio país ou em países vizinhos. No entanto, como afirma Filippo Grandi, o mais importante aqui não são os números, e sim as pessoas que perderam a moradia, o emprego, os negócios, muitos familiares e amigos, tendo de fugir para proteger a própria vida. Não se pode ignorar o lado humano que está por trás dos dados estatísticos. São pessoas que estão sofrendo e precisam de ajuda.
2. Como a própria ACNUR aponta, é necessário que a comunidade internacional – países, organizações intergovernamentais, ONGs e pessoas influentes – apoie os sírios e pressione as potências envolvidas no conflito para que encontrem uma solução para o problema deles.

TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

Leia o texto a seguir sobre a guerra na Síria. Depois, converse com os colegas sobre as questões propostas.

Enquanto o mundo se prepara para mais um marco trágico no brutal conflito sírio, o ACNUR, Agência da ONU para Refugiados, encoraja a comunidade internacional a redobrar seu generoso apoio para amenizar o contínuo e intenso sofrimento de milhões de civis inocentes no país e região.

“A Síria está numa encruzilhada”, disse Filippo Grandi, Alto Comissário da ONU para Refugiados. “A menos que sejam tomadas medidas drásticas para fortalecer a paz e a segurança para a Síria, a situação vai piorar”.

Na Síria, 13,5 milhões de pessoas necessitam de ajuda humanitária; 6,3 milhões são deslocados internos; centenas de milhares fizeram viagens marítimas arriscadas em busca de segurança; quase 3 milhões de sírios menores de 5 anos cresceram sem saber como é viver em um país sem conflitos; e 4,9 milhões – a maioria mulheres e crianças – são refugiados em países vizinhos, colocando as comunidades anfitriãs sob enorme pressão à medida que assumem as consequências sociais, econômicas e políticas. “Em última análise, o conflito da Síria não é sobre números – é sobre as pessoas”, acrescentou Grandi. “Famílias foram devastadas, civis inocentes foram mortos, casas destruídas, empresas e meios de subsistência destruídos. É um fracasso coletivo”. [...]

GUERRA na Síria entra no sétimo ano e ACNUR alerta que o país se encontra “numa encruzilhada”. *ACNUR Brasil*, 9 mar. 2017. Disponível em: <www.acnur.org/portugues/2017/03/09/guerra-da-siria-entra-no-setimo-ano-e-acnur-alerta-que-o-pais-se-encontra-numa-encruzilhada>. Acesso em: 16 ago. 2018.

1. Na opinião de vocês, o que Filippo Grandi quis dizer com a frase “[...] o conflito da Síria não é sobre números – é sobre pessoas”. *Resposta pessoal.*
2. O que vocês acham que é necessário para ajudar essas pessoas? *Resposta pessoal.*

NA REDE

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)

O ACNUR disponibiliza dados estatísticos, notícias e publicações sobre refugiados, assim como informações sobre sua atuação no mundo, histórico e documentos, como a Convenção de 1951. Disponível em: <www.acnur.org/portugues>. Acesso em: 28 jul. 2018.

Consolidando conhecimentos

1. Com a proposta de pesquisa da origem das famílias dos alunos e a representação em mapas, esta atividade contempla parcialmente as habilidades EF08GE02 e EF08GE18. A atividade pode ser desenvolvida em conjunto com o componente curricular História, buscando referências para a pesquisa de documentos da história das famílias. A atividade também mobiliza a CCH4.

a) Auxilie os alunos a fazer o levantamento dos dados sobre sua família.

b) Ajude os alunos a fazer a pesquisa no site, cujo resultado evidentemente não será conclusivo, pois ele só retrata a distribuição dos sobrenomes em diversos países. No entanto, pode servir de indício. Peça aos alunos que pesquisem também no Museu da Imigração (indicado no boxe **Na rede**, página 57), no qual há registros dos nomes das pessoas que entraram pelo porto de Santos (SP) e passaram pela antiga Hospedaria de Imigrantes.

Oriente os alunos na confecção dos mapas. Se julgar conveniente, proponha também a elaboração de um único mapa-múndi e/ou do Brasil para registrar a origem das famílias de todos os alunos da sala. Após a finalização dos mapas, exponha-os na sala para estimular o debate sobre a origem das famílias dos alunos e, conseqüentemente, de parte da população do município.

2. Os alunos devem perceber que a remessa de dinheiro de familiares que vivem no exterior contribui bastante para a economia de alguns países. Complemente a atividade comentando com os alunos que os Estados Unidos tinham 49,8 milhões de imigrantes em 2017, grande parte dos quais mexicanos, indianos, chineses e filipinos, entre as quatro comunidades de imigrantes que mais enviaram remessas aos países de origem.

2. a) De acordo com a tabela, os países que em 2016 mais receberam dinheiro (em termos absolutos) enviado por pessoas que emigraram foram: Índia, China, Filipinas e México. No caso da Índia, do México e sobretudo da China, esses recursos não têm peso muito grande nos respectivos PIBs, que são muito elevados. Já no caso das Filipinas, que é um país em desenvolvimento, com economia bem menor, as remessas foram significativas e corresponderam a 8,4% do PIB.

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

2. b) Os imigrantes que vivem nos Estados Unidos foram os que mais enviaram dinheiro aos familiares, em seus países de origem, porque em território americano concentra-se de longe o maior número de imigrantes em todo o mundo.

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

1. Pesquise a origem de sua família. Converse com seus pais ou responsáveis, tios e avós ou outros familiares, consulte registros de nascimento ou de óbitos (no caso de parentes já falecidos) e descubra a origem de seus antepassados. Investigue a resposta para as seguintes questões:

a) Seus familiares nasceram no lugar onde você e sua família vivem? Vieram de outro estado ou do exterior? E você é natural de onde? **Respostas pessoais.**

b) Qual é a origem do sobrenome de sua família? É possível consultar a distribuição de seu sobrenome no site Forebears (veja indicação ao lado). **Resposta pessoal.**

Elabore um mapa-múndi cartografando o(s) país(es) de onde seus antepassados emigraram (caso tenham vindo do exterior) ou um mapa do Brasil registrando o(s) estado(s) de origem de sua família. Coloque o título, a escala e a orientação no mapa, e na legenda identifique a relação de parentesco dos familiares. Apresente o mapa aos colegas na sala de aula e conversem sobre a origem dos familiares.

2. Observe novamente a tabela da página 58 ["Principais países beneficiados com remessas internacionais de imigrantes – 2016"], o gráfico da página 56 ["Os vinte países com maior número de imigrantes – 2017"] e depois faça o que se pede.

a) Quais são os quatro países que mais receberam dinheiro (em termos absolutos) enviado por emigrantes? Esses recursos são significativos em seus respectivos PIBs? Justifique.

b) Foram os imigrantes que vivem nos Estados Unidos os que mais enviaram dinheiro aos familiares, em seus países de origem: 66,6 bilhões de dólares em 2016. Correlacione esse dado com o gráfico que mostra os países com maior número de imigrantes. A que conclusão você chega?

3. Observe a fotografia abaixo e depois responda à questão.

• Como os avanços tecnológicos nos sistemas de transporte possibilitaram o aumento do fluxo de turistas no mundo?

Os avanços tecnológicos tornaram as viagens mais rápidas e seguras, principalmente as aéreas. Além disso, o preço das passagens aéreas é bem menor que no passado, devido à maior concorrência entre as empresas. No entanto, apesar da queda do preço, apenas uma parte pequena da população tem renda para comprar uma passagem aérea.

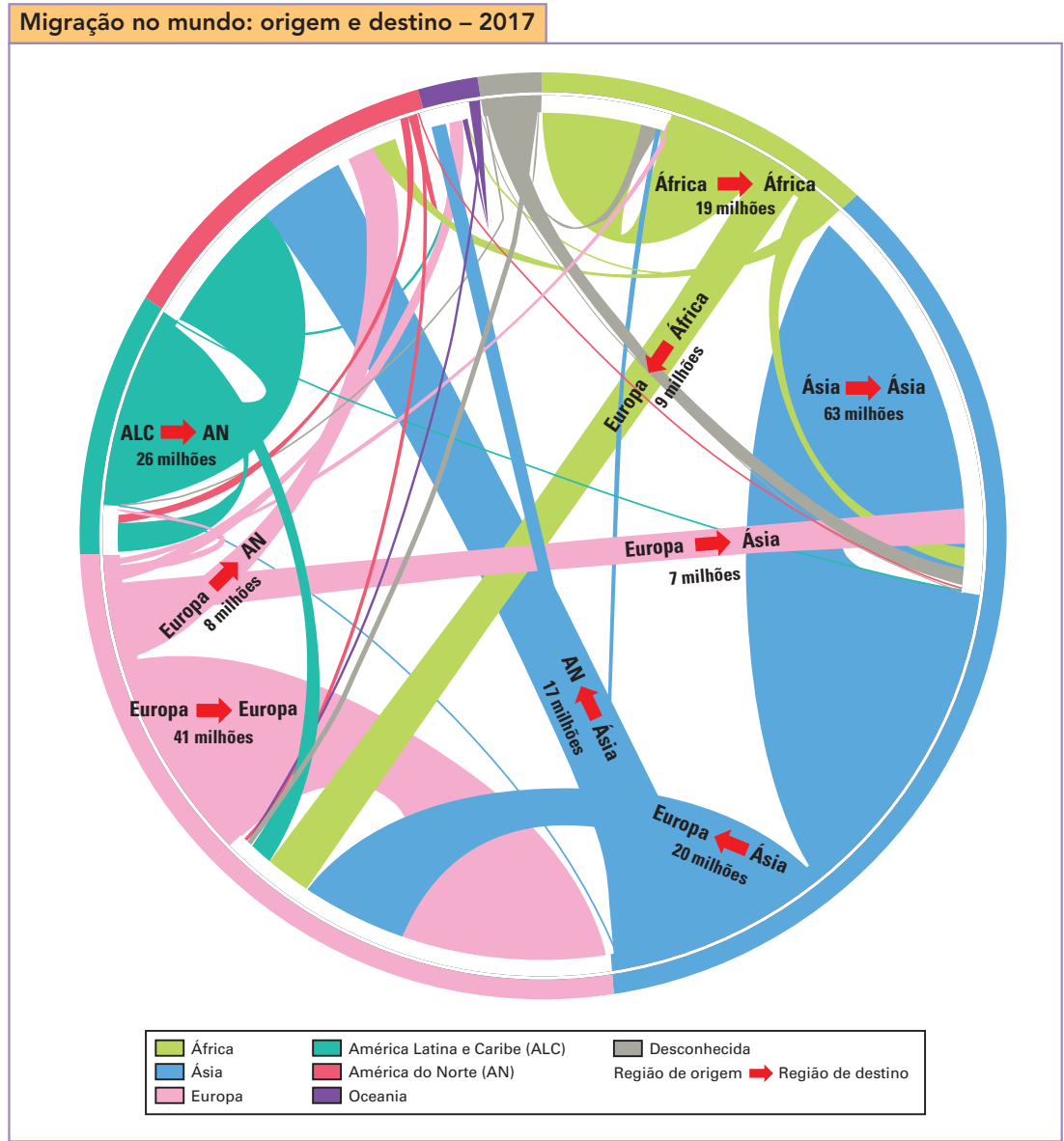
Movimento de turistas no saguão do aeroporto de Atlanta, nos Estados Unidos, o aeroporto mais movimentado do mundo. Foto de 2017.



60

4. b) Na Europa, na Ásia, na África e na Oceania, a movimentação maior se dá no interior desses continentes. Já a movimentação de migrantes internacionais na América Latina e no Caribe é maior para fora da região, sobretudo em direção à América do Norte, com destaque para os Estados Unidos, como se observa no gráfico. Nesse continente, o fluxo maior também é feito com outros continentes, no entanto, entram muitos imigrantes na região e de lá saem muito poucos emigrantes.

4. Com base no que foi estudado no capítulo e na leitura do cartograma a seguir, responda às perguntas.



Consolidando conhecimentos

4. Esta atividade de leitura e interpretação do cartograma contempla parcialmente a habilidade EF08GE01 e a CEGeo3.

Auxilie os alunos na leitura deste cartograma de fluxos. Espera-se que os alunos identifiquem que os continentes estão representados por cores, assim como as setas que saem de cada um deles, representando a emigração. Os maiores fluxos também têm números que indicam a quantidade de migrantes. Por exemplo, da América Latina e do Caribe saíram 26 milhões de migrantes para a América do Norte.

Vale lembrar aos alunos que a América do Norte, segundo o Relatório de Migração Internacional 2017, é composta de Estados Unidos e Canadá (o México está na América Latina).

a) Os alunos devem observar, no gráfico da página 56, que a maioria deles se encontra na América do Norte e na Europa, os continentes que mais recebem imigrantes de outros continentes.

d) Retome com os alunos os dados do gráfico sobre imigração, na página 56, e relembre-os de que a esmagadora maioria dos migrantes internacionais que vai para a América do Norte se fixa nos Estados Unidos, onde há quase 50 milhões de estrangeiros.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para aplicar a avaliação do 1º bimestre e utilizar a ficha de acompanhamento da aprendizagem dos alunos.

- a) O que mostra o cartograma? Relacione essas informações com o gráfico da página 56 (“Os vinte países com maior número de imigrantes – 2017”). *Mostra, por meio de setas proporcionais, a movimentação de migrantes internacionais no interior dos continentes e entre eles.*
- b) A maior circulação de migrantes internacionais se dá entre países no interior dos continentes ou entre países de continentes diferentes? *4. c) A movimentação de migrantes internacionais é maior entre os países da Ásia, que é o continente mais populoso do mundo. Ai se localizam cinco dos dez países mais populosos, com destaque para os dois mais, a China e a Índia, cujas populações superam 1 bilhão de pessoas.*
- c) Em qual continente há maior movimentação de migrantes internacionais? Por quê? *O continente que mais recebe imigrantes é a América do Norte, sobretudo vindos da América Latina e do Caribe.*

Lendo texto

A leitura do texto (e a observação da foto) devem estimular a análise dos principais fluxos de refugiados da atualidade: o deslocamento dos sírios em razão da guerra civil que se estende desde 2011 (relembrando apenas a ressalva da ACNUR de que esse povo deve ser considerado refugiado, e não migrante). Assim, a atividade mobiliza a habilidade **EF08GE01**.

A atividade também valoriza a educação em direitos humanos, um dos temas contemporâneos preconizados pela BNCC. Com isso, a **CG9** e a **CCH4** são mobilizadas.

Explore a foto com os alunos para que reconheçam as más condições de vida dos refugiados sírios abrigados na Turquia, corroborando as falas reproduzidas no texto.

LENDO TEXTO

Os refugiados

A vida de refugiado é muito dura, sendo difícil imaginar como é viver nessa condição. Para minimizar as dificuldades enfrentadas, espera-se que a comunidade internacional tenha empatia e solidariedade com os refugiados, que os governos dos países que os abrigam respeitem seus direitos, selados por acordos internacionais, e que eles sejam respeitados pelas pessoas nos países que os recebem.

Leia o texto abaixo, que relata as dificuldades enfrentadas pelos refugiados sírios na Turquia, e depois reflita sobre as questões apresentadas.

União Europeia: Não envie os sírios de volta à Turquia

Longas esperas no processo de registro e a implementação limitada de políticas de proteção temporária na Turquia deixam muitos refugiados sírios sem a efetiva proteção ou acesso a empregos e serviços que desesperadamente precisam, disse hoje a Human Rights Watch. Enquanto a Turquia permanecer sobrecarregada pelo imenso número de refugiados e não conseguir oferecer proteção e segurança suficiente para todos, a União Europeia não deveria mandar refugiados sírios de volta para a Turquia.

“A Turquia tem atualmente mais de dois milhões de refugiados sírios em seu território, então não é de se espantar que muitos não estejam recebendo o apoio e serviços que desesperadamente necessitam para se manterem”, disse Stephanie Gee, *fellow* do Programa de Direitos dos Refugiados da Human Rights Watch. “É um dever moral e também legal da UE compartilhar a responsabilidade pelos refugiados sírios e não os mandar de volta para a Turquia sem antes ter analisado seus pedidos de refúgio”.

Um acordo entre a UE e a Turquia, que entrou em vigor em março de 2016, estipula que muitos dos sírios que buscam refúgio e estão na Grécia podem ser enviados de volta à Turquia sem que a UE avalie seus pedidos originais para proteção com base nas condições enfrentadas nos países de origem por considerar a Turquia ‘um país terceiro seguro’ ou ‘o primeiro país de refúgio’ para eles. Para o propósito dessa análise, ‘seguro’ significa mais do que apenas estar protegido contra guerras ou perseguição; significa que um indivíduo refugiado tem seus direitos protegidos de acordo com o Estatuto dos Refugiados, incluindo o direito ao trabalho e acesso a saúde e educação.

Entretanto, as leis e políticas que regem a vida dos refugiados sírios na Turquia não lhes conferem plenamente os direitos dos refugiados, e mesmo as proteções que essas leis e políticas compreendem ainda precisam ser efetivamente colocadas em prática. Desse modo, muitos sírios que estão na Turquia ainda não têm acesso a educação, saúde e emprego formal. Além disso, esperas de até seis meses para obter o registro que confere proteção temporária significam que alguns refugiados não têm acesso a serviços básicos e vivem com medo de serem forçados a morar em campos de refugiados ou serem deportados.

A *Human Rights Watch* documentou anteriormente como a prática turca de impedir a entrada de refugiados sírios em suas fronteiras equipara-se ao *refoulement*

O QUE É ?

A União Europeia (UE) é um bloco econômico criado em 1957 por seis países da Europa (hoje formado por 28), para aprofundar a integração entre seus membros. Gradativamente, as barreiras para circulação de mercadorias foram reduzidas, e entre alguns países passou a vigorar o fim dos controles fronteiriços para a circulação de pessoas e começou a circular uma moeda única (euro).

– devolução a um país onde sua vida ou liberdade estariam ameaçadas, e fez repetidos apelos à UE para que reconheça que tanto as políticas como as circunstâncias atuais na Turquia fazem com que o país não possa ser considerado ‘seguro’ para o retorno de refugiados. Novas pesquisas e análises legais demonstram em detalhes como a qualidade da proteção oferecida pela Turquia aos refugiados sírios não está de acordo com os níveis estabelecidos para ‘países terceiros seguros’ ou ‘primeiro país de refúgio’ para os quais refugiados podem ser enviados de volta.

Durante os meses de março e abril, a *Human Rights Watch* entrevistou 67 crianças e adultos sírios refugiados que vivem atualmente na Turquia. Estas entrevistas, juntamente com informações obtidas de grupos não governamentais e relatórios públicos, revelaram que muitos refugiados enfrentam meses de espera para se registrarem para receber proteção temporária, fazendo com que não consigam matricular seus filhos na escola ou ter acesso ao sistema de saúde.

Um jovem sírio de 21 anos disse que foi cinco vezes a duas delegacias de polícia diferentes até conseguir marcar um horário – para dali três meses – para solicitar o registro. Outros refugiados disseram que os oficiais impuseram pré-requisitos para o registro que não se encontram na regulação vigente, como um contrato de aluguel.

“Não é seguro para nós aqui – fugimos da morte e viemos parar em um lugar onde não temos vida”, disse ‘Mahmoud’ (nome fictício), um homem de 29 anos que era jornalista em Hama e que só conseguiu encontrar trabalhos pontuais como *freelancer* ou fazendo bicos. Ele se diz grato por poder permanecer na Turquia, mas não sente que sua atual situação, gozando de proteção temporária, lhe confira estabilidade de verdade. “Tudo o que eu quero é viver em um lugar que respeite nossos direitos, onde eu possa exigí-los e ter certeza de que serão assegurados, nada mais que isso”, ele disse. “Queremos apenas viver nossa vida e que a lei nos dê proteção”.

[...]

HUMAN RIGHTS WATCH. UE: não envie os sírios de volta à Turquia. New York, 20 jun. 2016. Disponível em: <www.hrw.org/pt/news/2016/06/20/291184>. Acesso em: 28 jul. 2018.

Compreendendo texto

1. Com base na leitura do texto e na observação da foto, é possível afirmar que os direitos humanos dos sírios são respeitados? E que, na condição de refugiados, eles estão sendo de fato protegidos segundo os acordos internacionais? Selecione um trecho do texto que confirme a sua resposta.
2. Qual é o papel da União Europeia nesse processo?
3. Por que é importante o respeito aos direitos humanos?



A chegada de refugiados sírios e de outras nacionalidades à Europa tem grande destaque na mídia ocidental; no entanto, a maioria dos sírios está abrigada em países vizinhos, com destaque para a Turquia. Na fotografia, campo de refugiados na fronteira da Síria com a Turquia, em 2018.

1. Os refugiados sírios não estão tendo seus direitos respeitados nem sendo protegidos segundo os acordos internacionais. Grande parte deles não tem acesso à saúde, à educação e a emprego formal e muitos vivem com medo de serem forçados a viver em campos de refugiados ou mesmo de serem deportados. Uma das dificuldades é que há um número muito grande de refugiados sírios vivendo na Turquia, o que dificulta a assistência. Resposta pessoal.

2. A União Europeia se recusa a dividir com a Turquia a responsabilidade por abrigar os refugiados sírios e tem devolvido pessoas para esse país (infringindo o princípio de não *refoulement* da Convenção de 1951) sem analisar seus pedidos de refúgio, o que agrava a situação deles.

3. Por que é a base de uma sociedade democrática, justa e solidária. Para uma vida em sociedade produtiva e harmoniosa, é fundamental que se respeite, por exemplo, o direito à vida, à liberdade, à educação, ao trabalho, à liberdade de expressão e de opinião, entre muitos outros.

Lendo texto

1. O trecho a seguir, que reproduz a fala de um homem de 29 anos que era jornalista na Síria, ilustra o desrespeito e a falta de proteção aos refugiados: “Tudo o que eu quero é viver em um lugar que respeite nossos direitos, onde eu possa exigí-los e ter certeza de que serão assegurados, nada mais que isso”; “Queremos apenas viver nossa vida e que a lei nos dê proteção”.
2. Retome com os alunos o boxe **O que é?** da página anterior, assegurando que todos compreendam em linhas gerais o significado de União Europeia e possam reconhecer seu papel na crise dos refugiados sírios.
3. Se julgar conveniente, discuta com os alunos a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada e adotada pela Assembleia Geral da ONU em 10 de dezembro de 1948. Há uma versão em português no site do Unicef: UNICEF BRASIL. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em: <www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm>. Explore também a seção que trata dos direitos humanos no site das Nações Unidas no Brasil: ONU BR. *O que são direitos humanos?* Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/>>. Acesso em: 9 out. 2018.

Objetivos da unidade

Ao final desta unidade, espera-se que os alunos sejam capazes de:

- conhecer as diferenças socioeconômicas existentes no mundo e ter um olhar crítico em relação às desigualdades socioespaciais.
- diferenciar os conceitos de crescimento econômico e de desenvolvimento humano e ter noção sobre os principais indicadores socioeconômicos.
- conhecer as principais características dos países desenvolvidos e dos países em desenvolvimento.
- compreender a importância socioeconômica de uma distribuição de renda equilibrada.
- reconhecer que a desigualdade social existe em qualquer país, porém é mais acentuada nos países em desenvolvimento.
- definir e operacionalizar os conceitos de região e de regionalização do mundo, assim como de escala geográfica.
- compreender possibilidades de regionalização do espaço mundial: a da época da Guerra Fria, a da ONU, a do Banco Mundial, a da OMC e a por continentes.

Competências da BNCC mobilizadas na unidade

Competências Gerais (CG)

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

UNIDADE ▶

3

DESENVOLVIMENTO HUMANO E REGIONALIZAÇÃO



Competências de Ciências Humanas (CCH)

2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências

Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

Nesta unidade, vamos analisar as condições de vida das populações considerando alguns indicadores sociais e econômicos. Além disso, veremos que os países que compõem o espaço geográfico mundial podem ser agrupados de acordo com algumas características sociais, econômicas e culturais semelhantes, formando regiões.

Para começar, observe a fotografia e reflita: Como podemos avaliar as condições de vida de uma população? Na sua opinião, a escolaridade é um indicador de desenvolvimento humano? Por quê?

Orientações didáticas

Para abrir os estudos desta unidade, que trata do desenvolvimento humano e da regionalização do mundo, verifique os conhecimentos prévios dos alunos sobre desenvolvimento humano: O que eles entendem por esse termo? Como podemos avaliar a qualidade de vida de um lugar? Quais são os fatores que caracterizam a realidade de determinado país? Para que contribui a investigação das condições de vida das populações?

Estimule os alunos a observar a imagem destas páginas e discutir os vários aspectos que impactam a classificação do nível de desenvolvimento humano de um lugar. Neste momento, o foco não é oferecer conceituações a eles; o importante é que eles reflitam sobre como, para avaliar as condições de vida dos habitantes de um lugar, devemos dispor de várias informações: a qualidade das habitações, a disponibilidade de serviços de infraestrutura, o acesso a saúde, educação e lazer, a ordenação dos sistemas de transporte, a oferta de alimentação de qualidade, além, é claro, da renda que os habitantes têm, do quanto vivem, do comportamento da economia e do desenvolvimento social do lugar.

O filme *13º Distrito*, indicado no boxe **Na tela** (página 69) mostra as consequências desagregadoras das desigualdades socioeconômicas em uma sociedade (o filme retrata a cidade de Paris, na França).

Material Digital

Esta é uma oportunidade para consultar o plano de desenvolvimento do 2º bimestre.

Sala de aula no distrito de Amravati, no estado de Maharashtra, na Índia, em 2017.

65

Competências Específicas de Geografia (CEGeo)

- Desenvolver autonomia e senso crítico para compreensão e aplicação do raciocínio geográfico na análise da ocupação humana e produção do espaço, envolvendo os princípios de analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordem.
- Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.
- Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE03 Analisar aspectos representativos da dinâmica demográfica, considerando características da população (perfil etário, crescimento vegetativo e mobilidade espacial).

EF08GE06 Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos.

EF08GE18 Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modo de vida e usos e ocupação de solos da África e América.

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

Orientações didáticas

A pergunta que abre este capítulo pode ajudar na investigação dos conhecimentos prévios dos alunos sobre crescimento econômico e desenvolvimento humano, cujo entendimento é fundamental para a compreensão do tema que será discutido. Antes de iniciar o capítulo é importante ter uma noção do que eles já sabem e pensam sobre os conceitos de desenvolvimento e crescimento. O primeiro conceito tem uma conotação social, além de econômica; o segundo é mais usado no sentido econômico.

Atividade complementar

Para discutir o desenvolvimento da humanidade, e se houver recursos disponíveis, exiba para os alunos o vídeo *200 países, 200 anos, 4 minutos*, produzido em 2010 pela BBC. Disponível em: <<https://vimeo.com/21326475>>. Acesso em: 10 out. 2018. No vídeo, a partir de recursos de animação gráfica, é apresentado o desenvolvimento dos países nos últimos 200 anos com base nos avanços da expectativa de vida e da renda. O conteúdo relacionado aos indicadores demográficos contempla parcialmente a habilidade **EF08GE03**.

Vamos tratar de:

- Indicadores de desenvolvimento do Banco Mundial e da ONU
- Características dos países desenvolvidos e em desenvolvimento
- Distribuição de renda

O QUE É ?

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) é uma das agências especializadas da ONU que, desde 1965, coleta dados socioeconômicos da maioria dos seus Estados-membros e propõe políticas de estímulo ao desenvolvimento humano. Desde 1990, anualmente publica o *Relatório de desenvolvimento humano*, do qual consta o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Desenvolvimento humano

Você sabe o que é desenvolvimento humano?

Para entender o conceito de desenvolvimento humano é importante distingui-lo do de crescimento econômico. O **crescimento econômico** de um país ocorre pelo aumento das riquezas produzidas por sua economia. Trata-se de um dado puramente econômico. Já o **desenvolvimento humano** inclui as dimensões social e política, além da econômica.

O crescimento da economia é necessário para que haja desenvolvimento humano, mas só isso não basta. As riquezas produzidas devem ser distribuídas de modo equilibrado entre a população para que todos tenham condições dignas de vida, com acesso a alimentação adequada, assistência médica, educação, saneamento básico, moradia, lazer, entre outras. Como vimos no capítulo 1, o capitalismo tende a gerar desigualdades sociais, mesmo nos países desenvolvidos, e cabe ao Estado implantar políticas sociais e econômicas que minimizem essas desigualdades. Além disso, é preciso que os cidadãos participem de forma consciente e esclarecida da vida política do país, cumprindo seus deveres, e que seus direitos sejam respeitados pelo Estado.

Uma das formas de analisar o desenvolvimento humano dos países é comparar alguns indicadores sociais e econômicos elaborados e divulgados por instituições internacionais, como o **Banco Mundial**, e agências da ONU, como o **Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud)**.

Principais indicadores de desenvolvimento

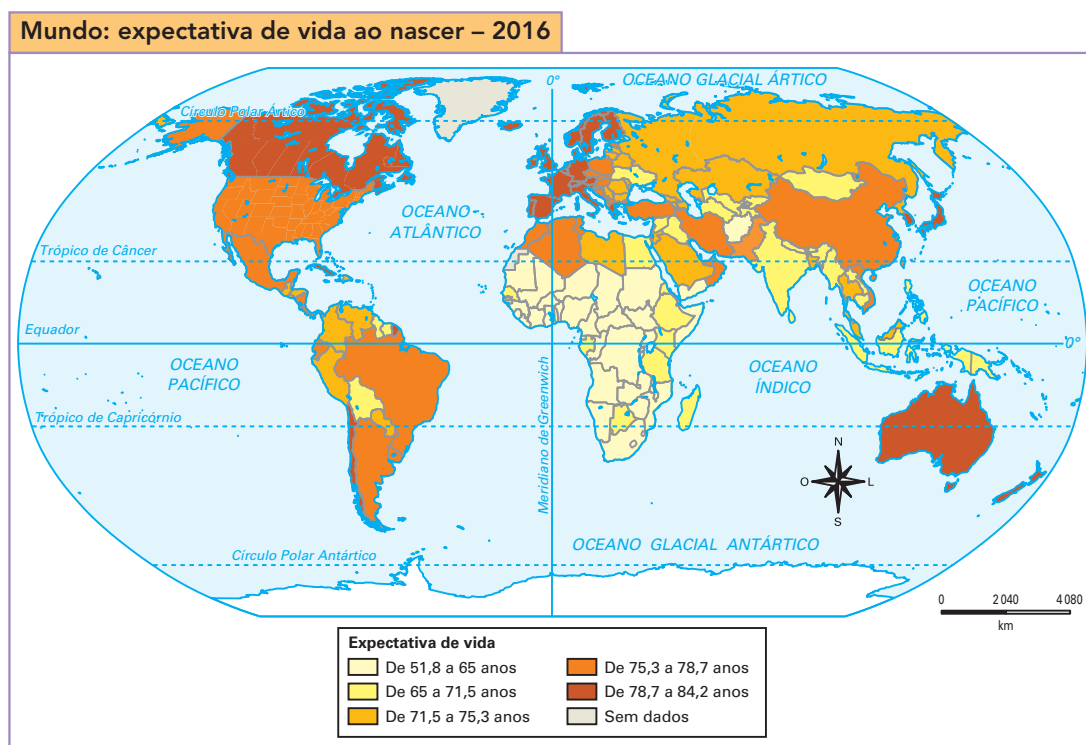
Entre os diversos indicadores sociais, econômicos e políticos relacionados às condições de vida da população, chamados **indicadores de desenvolvimento**, destacam-se:

- **PIB per capita**: é a divisão do Produto Interno Bruto pela população (número de habitantes); portanto trata-se apenas de uma média;
- **distribuição de renda**: indica como a renda gerada está distribuída entre os estratos da sociedade; por exemplo, quanto da riqueza do país é apropriada pelos 10% mais ricos e pelos 10% mais pobres;
- **expectativa de vida**: também chamada de **esperança de vida** é o número médio de anos que a população de um país espera viver, se as mesmas condições de vida do momento do nascimento forem mantidas;
- **crescimento vegetativo**: indica quanto determinada população cresceu; esse dado é obtido pela diferença entre a taxa de natalidade e a taxa de mortalidade da população;
- **mortalidade infantil**: indica o percentual de crianças que morrem antes de completar 5 anos;

- nutrição: indica a quantidade e a qualidade de calorias ingeridas diariamente;
- escolaridade: indicada pela taxa de analfabetismo e pela taxa de conclusão do Ensino Fundamental, entre outros fatores;
- assistência médica: indicada pela oferta de médicos, enfermeiros e leitos hospitalares disponíveis;
- saneamento básico: indicado pelo acesso à água tratada e pela disponibilidade de rede de esgotos;
- participação política e liberdades civis: direito de ir e vir, liberdade de expressão e de opinião, respeito à religião, tratamento justo, etc.

Um dos indicadores mais importantes para medir o desenvolvimento humano de um país é a expectativa de vida, pois é considerado um indicador-síntese (observe o mapa a seguir).

Quando uma população apresenta elevada expectativa de vida média é sinal de que as questões sociais básicas estão bem resolvidas (em geral as pessoas se alimentam bem, têm boa educação, assistência médica, moradia adequada, etc.).



Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. Data Bank. *World Development Indicators 2017*. Disponível em: <<http://databank.worldbank.org/data/reports.aspx?source=2&type=metadata&series=SPDYN.LE00.IN>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

EXPLORANDO O MAPA

Em quais países ou regiões do mundo a expectativa de vida da população é mais alta? E em quais é mais baixa?

A expectativa de vida mais elevada aparece nos países da América do Norte (Estados Unidos e Canadá), países da parte oeste e norte da Europa, como França e Noruega, e no Japão e Austrália. A expectativa de vida mais baixa aparece em parte dos países da África subsaariana, onde estão as nações mais pobres do mundo, como é o caso da Etiópia e da República Centro-Africana.

Orientações didáticas

Ao explorar a pergunta do boxe **Explorando o mapa**, analise com os alunos o mapa-múndi de expectativa de vida. Primeiro, pergunte qual é a informação que está representada no mapa. Em seguida, indague-os sobre o significado das cores que representam os países. Os alunos devem observar que nesse mapa temático quanto mais clara for a cor, menor será a expectativa de vida, e quanto mais escura, maior.

Espera-se que os alunos percebam que, de maneira geral, a expectativa de vida é mais elevada nos países classificados como desenvolvidos e mais baixa nos países classificados como em desenvolvimento.

Reforce com os alunos que a expectativa de vida é considerada um indicador-síntese porque se trata de um dado que sintetiza vários outros. A expectativa de vida de uma população não pode ser classificada como elevada sem que haja boas condições de moradia, saneamento básico adequado, assistência médica assegurada e educação de qualidade.

Trocando ideias

Espera-se que os alunos respondam que Argentina, Omã, China, Brasil e África do Sul ora têm indicadores que se aproximam do grupo de países desenvolvidos — que têm indicadores de desenvolvimento elevados (Noruega, Estados Unidos, Alemanha e Japão) —, ora do grupo de países em desenvolvimento (Bolívia, Índia, República Centro-Africana e Etiópia), porque estão em uma situação intermediária. Verifique a pertinência da classificação sugerida pelos alunos e, depois, comente que esses países são chamados de emergentes. A Índia, apesar de ter renda baixa e alguns indicadores próximos dos países em desenvolvimento de menor renda, é considerada uma economia emergente. Embora a classe média seja numerosa nesse país, a Índia tem a maior quantidade de pessoas vivendo em condições de extrema pobreza entre os países analisados, o que puxa seus indicadores de desenvolvimento para baixo.

É importante que os alunos compreendam que a renda *per capita* indica a produtividade da economia de um país. Em geral, os países de renda mais alta apresentam indicadores socioeconômicos mais elevados, mas há exceções. Por exemplo, como será explorado na atividade final da seção **Consolidando os conhecimentos**, a renda da Argentina é menor que a de Omã, mas ela apresenta indicadores melhores do que esse país do Oriente Médio. Ou seja, embora haja uma forte correlação entre renda e desenvolvimento, isso nem sempre acontece de forma direta; é necessário analisar sua distribuição.

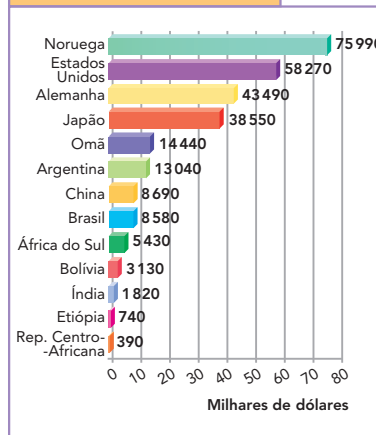
TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

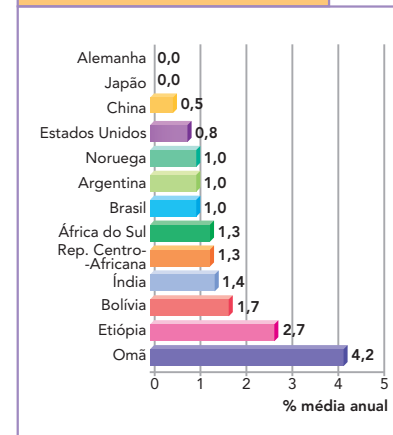
Os indicadores de desenvolvimento geralmente são utilizados como critérios para classificar as nações do mundo em dois grupos: países desenvolvidos e países em desenvolvimento. Organizem-se em duplas e, com base nos dados dos países indicados nos gráficos abaixo, sugiram uma classificação de cada um deles em um desses dois grupos. Depois discutam as seguintes questões:

- Alguns países não se encaixam muito bem nem em um grupo nem em outro. Quais são eles e por que isso acontece? Sugiram uma classificação para eles.

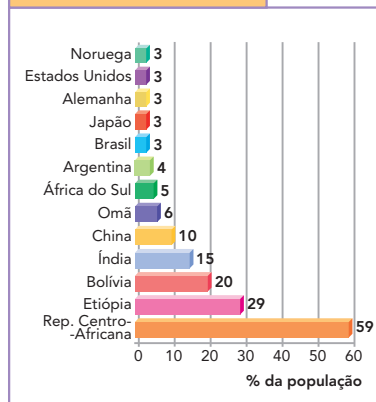
Países selecionados:
PIB per capita – 2017



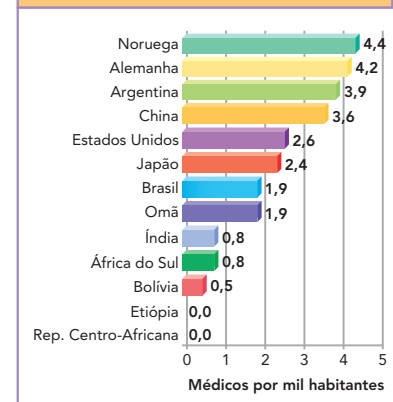
Países selecionados:
crescimento vegetativo
– 2000-2017



Países selecionados:
desnutrição* – 2015



Países selecionados:
assistência médica – 2008-2016



Fonte: elaborados com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D. C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

*Segundo o Banco Mundial, esse dado indica que a alimentação é insuficiente para satisfazer as necessidades diárias de energia de uma pessoa.

Gráficos: Ericson Guilherme Luciano/Arquivo da editora

Desenvolvimento e “subdesenvolvimento”

Após a Segunda Guerra, o termo “subdesenvolvimento” começou a ser usado para designar os países da África, da Ásia (a maioria recém-independentes) e da América Latina (independentes há mais tempo). Todos eles tinham economia baseada na exportação de matérias-primas agrícolas e minerais e profundas desigualdades sociais. A maioria da população tinha baixa renda e vivia em condições precárias. Diversamente, os Estados Unidos, o Canadá, o Japão, a Austrália, a Nova Zelândia e muitas nações da Europa passaram a ser chamadas de países desenvolvidos, porque tinham economia industrial diversificada e menor desigualdade social. Neles, a maioria da população desfrutava de um padrão de vida satisfatório.

É importante compreender que um país não se torna desenvolvido ou “subdesenvolvido” isoladamente, mas na sua relação com outras nações. Todos os então chamados países “subdesenvolvidos” foram colônias de exploração no passado. Além disso, é preciso considerar os fatores internos de organização do Estado e da sociedade e se os governantes priorizam investimentos em saúde, educação, saneamento básico, etc.; se há liberdades democráticas, respeito aos direitos humanos, participação política, entre outros fatores.

Atualmente, de maneira geral, os organismos internacionais, como o Banco Mundial, classificam os países de alta renda como **desenvolvidos**, e os de baixa e média rendas como países **em desenvolvimento**. No entanto, como veremos, isso traz limitações.

Com o tempo, o termo “subdesenvolvido” acabou adquirindo uma conotação negativa, associado à ideia de país atrasado, corrupto e desorganizado. Além disso, algumas nações, que antigamente eram consideradas “subdesenvolvidas”, se industrializaram e recentemente vêm sendo chamadas de **países ou economias emergentes**.

É preciso observar, contudo, que nem toda a população de um país desenvolvido tem o mesmo padrão de vida. Sempre há pessoas de alta renda e pessoas de baixa renda ou mesmo sem rendimento nenhum. O mesmo ocorre nos países em desenvolvimento, mas nesses a parcela da população de baixa renda é maior.

Os poucos países que recentemente conseguiram romper a barreira da desigualdade mundial e entrar no grupo dos países desenvolvidos, como é o caso da Coreia do Sul, o fizeram à custa de muito investimento em educação, ciência e tecnologia e de valorização dos professores, especialmente da escola básica, e dos cientistas. Na foto, crianças em escola em Daeseong-dong, na Coreia do Sul, em 2018.



Kyodo News/Getty Images

NA TELA

13ª Distrito.
Direção: Pierre Morel. França
2004: Europa Corp./TF1 Films Production, 2004 (84 min).

Este filme mostra o dia a dia de parisienses que vivem em um distrito violento do subúrbio da cidade.

Orientações didáticas

Explore a fotografia da página com os alunos e comente que é possível uma nação saltar do grupo dos países em desenvolvimento para o grupo dos países desenvolvidos, como ocorreu recentemente com a Coreia do Sul. Para conseguir mudar de patamar de desenvolvimento, o país investiu muito em educação.

Discuta com os alunos os conceitos de país desenvolvido e país em desenvolvimento, assim como o recente abandono do conceito de “subdesenvolvimento”, termo que passou a ser usado no contexto da independência dos países africanos e asiáticos no período pós-Segunda Guerra. Veja a seguir a definição de “subdesenvolvimento” que o economista Paulo Sandroni apresenta:

Subdesenvolvimento

Situação inferior do sistema econômico-social de um país em relação aos padrões econômicos das nações industrializadas. Evidencia-se por indicadores como exportação baseada em produtos primários, forte participação de produtos industrializados na pauta de importação, importação acentuada de tecnologia e capitais estrangeiros, persistência de elevadas taxas de desemprego, baixa produtividade, baixa renda *per capita*, mercado interno bastante limitado, baixo nível de poupança e subconsumo acentuado.

[...]

Há economistas, como o francês Charles Bettelheim, que rejeitam a conceituação de subdesenvolvimento. Segundo Bettelheim, o termo está revestido de mascaramento ideológico na medida em que parece indicar um estágio necessário a ser percorrido por esses países para que atinjam o desenvolvimento. Para ele não é uma questão de tempo, mas de rompimento de relações internas e externas, que vinculariam os países subdesenvolvidos aos centros hegemônicos internacionais.

SANDRONI, Paulo. *Dicionário de economia do século XXI*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 801-802.

Sugestão de aprofundamento

Para aprofundar a compreensão dos conceitos de desenvolvimento e subdesenvolvimento e as mudanças que esses conceitos sofreram desde que começaram a ser usados no pós-guerra, consulte este artigo.

SATRÚSTEGUI, Koldo U. Desenvolvimento, subdesenvolvimento, mau-desenvolvimento e pós-desenvolvimento: um olhar transdisciplinar sobre o debate e suas implicações. *Revista Perspectivas do Desenvolvimento*, v. 1, n. 1 [2013]. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/perspectivasdodesenvolvimento/article/view/9834>>. Acesso em: 10 out. 2018.

Orientações didáticas

Ao trabalhar este conteúdo, estimule os alunos a analisar o papel do Pnud no levantamento dos índices de desenvolvimento humano (IDH) dos países, assim como o de outros indicadores sociais, o que contribui para a compreensão dos processos de exclusão e de integração social e econômica. Dessa forma, contempla-se parcialmente a habilidade **EF08GE06** e mobilizam-se as competências **CG1**, **CCH2** e **CEGeo5**.

Discuta com os alunos os indicadores que compõem o IDH e aproveite para explicar a diferença entre Produto Interno Bruto (PIB) e Renda Nacional Bruta (RNB), este último usado pelo Pnud para medir o padrão de vida da população de um país. Explore o mapa do IDH no mundo para que os alunos percebam a classificação dos países segundo as faixas desse indicador social. Eles devem perceber que os países desenvolvidos têm IDH muito elevado e, no outro extremo, que os países menos desenvolvidos têm IDH baixo.

Para conhecer mais sobre o Pnud, leia o texto a seguir e explore o site indicado na fonte.

PNUD — Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) é a agência líder da rede global de desenvolvimento da ONU e trabalha principalmente pelo combate à pobreza e pelo Desenvolvimento Humano. O PNUD está presente em 166 países do mundo, colaborando com governos, a iniciativa privada e com a sociedade civil para ajudar as pessoas a construir uma vida mais digna.

Em todas as suas atividades, o PNUD encoraja a proteção dos direitos humanos e a igualdade de gênero e raça. Desde 2000, o programa fomenta também o comprometimento e a discussão em prol do alcance dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.

Presente no Brasil desde a década de 1960, a atuação do PNUD no país tem tido como temas centrais o desenvolvimento de capacidades, ciência e tecnologia, a modernização do Estado e o fortalecimento

O QUE É ?

A Renda Nacional Bruta (RNB): corresponde à produção interna de um país (PIB), mais os rendimentos que entram (parte do salário enviado por pessoas que emigraram, lucros de empresas no exterior, etc.) e menos os que saem de seu território (remessa de dinheiro para parentes, remessa de lucro, etc.).

Índice de desenvolvimento humano (IDH)

O *Relatório do desenvolvimento humano*, publicado pelo Pnud, classifica os países de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Esse índice é composto de uma média de indicadores que expressam três dimensões fundamentais da vida humana:

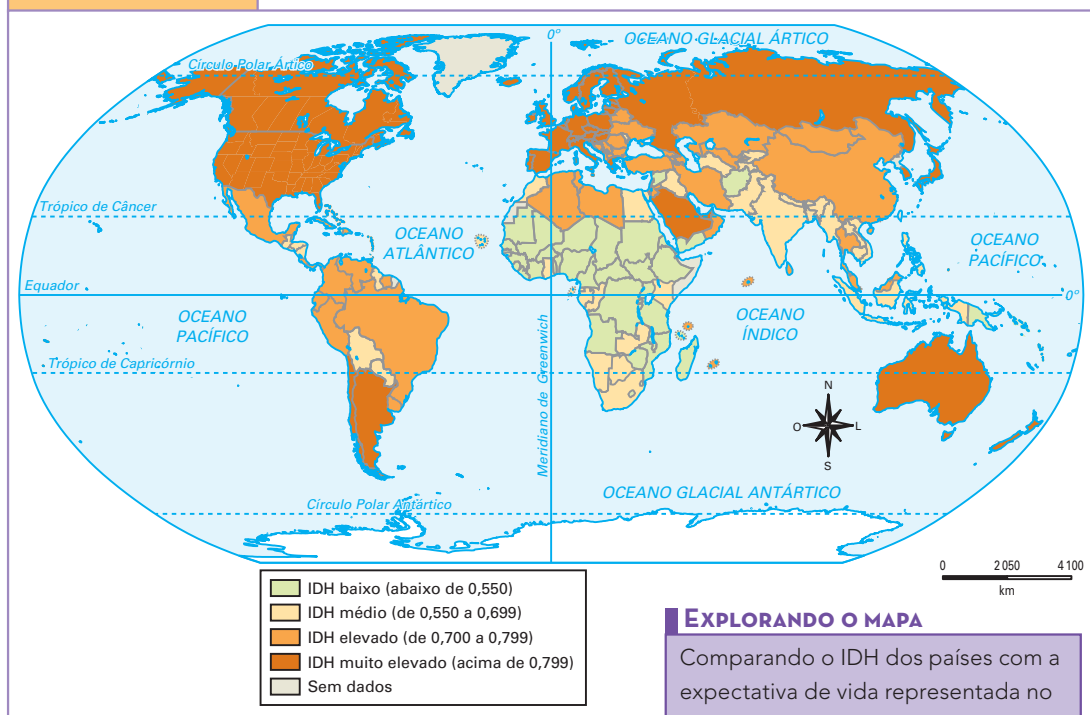
- **saúde**, medida pela expectativa de vida ao nascer;
- **educação**, aferida pela média de anos de escolaridade e pelos anos de escolaridade esperados (anos de escolaridade que uma criança em idade de entrada na escola pode esperar receber);
- **padrões de vida**, medidos pela Renda Nacional Bruta (RNB) per capita.

Conforme a média dos indicadores, um país pode ter um IDH muito elevado, elevado, médio ou baixo.

No entanto, é importante destacar que como o IDH reflete a média dos indicadores citados acima, em países em que o IDH é baixo, encontram-se pessoas com qualidade de vida elevada. Do mesmo modo, em países em que o IDH é muito elevado, nem todos têm boa qualidade de vida.

Observe, no mapa a seguir, o IDH de cada país.

Mundo: IDH – 2015



Fonte: elaborado com base em UNDP. *Human Development Report 2016*. New York: United Nations Development Programme, 2016. p. 198-201.

Sim, pois de maneira geral, os países que apresentam baixa expectativa de vida apresentam IDH baixo, como grande parte dos que se encontram na África subsaariana, por exemplo, assim como os países que apresentam elevada expectativa de vida possuem IDH muito elevado, como os países da Europa ocidental, por exemplo.

de suas instituições, o combate à pobreza e à exclusão social, a conservação ambiental e uso sustentável de recursos naturais.

[...]

ONU BR. PNUD. *PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/pnud/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

EXPLORANDO O MAPA

Comparando o IDH dos países com a expectativa de vida representada no mapa da página 67, é possível estabelecer uma relação entre eles?

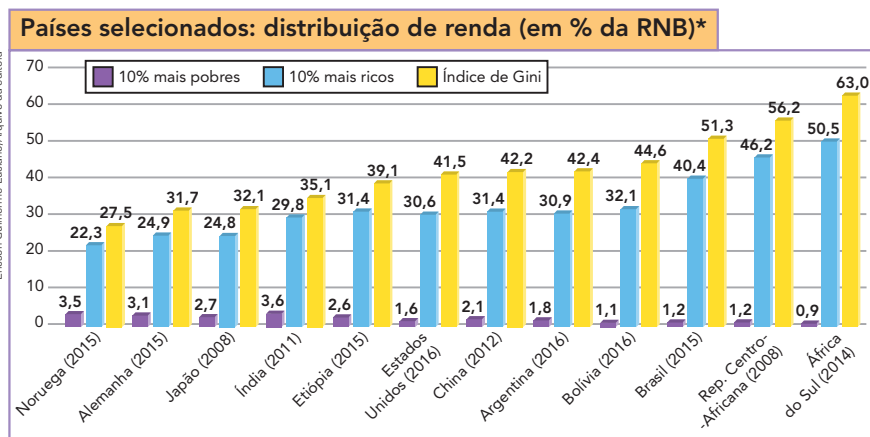
Distribuição da riqueza

Para analisar as condições de vida da população de um país, além de conhecer certos indicadores – como acabamos de fazer – é importante saber como a riqueza produzida está dividida entre a população.

Nos países desenvolvidos, além de a renda *per capita* ser alta – o que, em geral, indica maior produtividade da economia – a renda nacional é distribuída de maneira mais equilibrada e vigora um Estado do bem-estar, como vimos no capítulo 1. A maioria da população tem um padrão de vida médio, ou seja, é de classe média.

Nos países em desenvolvimento, além de a renda *per capita* ser menor (o que indica baixa produtividade da economia), geralmente há uma acentuada concentração da riqueza nas mãos de um pequeno grupo e, muitas vezes, as políticas sociais não são suficientes para mitigar a desigualdade. A maioria da população tem baixa renda, muitos vivem abaixo da **linha internacional de pobreza** e a classe média é reduzida.

No gráfico abaixo é possível conhecer como está distribuída a renda nos países selecionados. Observe que para isso é utilizado o **Índice de Gini**, que expressa a desigualdade de distribuição de renda.



Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D. C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

* Do grupo de países selecionados nos gráficos da página 68, Omã é o único que não disponibiliza dados sobre a distribuição de renda.

Skreidzeleu/Shutterstock



A paisagem retratada nesta fotografia revela como há desigualdades sociais em um território, assim como em um país, o que pode ser mascarado pelo IDH. Na fotografia, dois bairros vizinhos, no município do Rio de Janeiro (RJ), em 2018.

71

Orientações didáticas

Comente com os alunos que o IDH, embora seja mais preciso que o PIB e o PIB *per capita* para avaliar a qualidade de vida de uma população, também é uma média de indicadores. Em todos os países, mesmo nos mais ricos, há pobreza e desigualdade social, mas elas são mais acentuadas nos países pobres. Na Noruega, país que apresenta o melhor IDH do mundo, há pessoas ricas, mas a maioria da população é de classe média e vive de forma satisfatória; há também poucas pessoas marginalizadas socialmente. Já na República Centro-Africana, a maioria das pessoas vive em condições muito precárias e a classe média é bastante reduzida, embora haja uma pequena elite que se apropria da maior parte da riqueza do país e tem alto padrão de vida. Essa profunda desigualdade se expressa no pior IDH do mundo.

Muitos dos problemas socioeconômicos dos países em desenvolvimento, sobretudo dos africanos, que ficaram independentes há menos tempo que os latino-americanos, têm origem na exploração do período colonial. No entanto, a elite que assumiu o poder após a independência contribuiu muito para a perpetuação da pobreza e da desigualdade social ao implantar o que o sociólogo espanhol Manuel Castells chama de “Estado predatório”, que é exatamente o oposto do Estado do bem-estar. Para saber mais sobre esse tema, leia o texto “O Estado predatório”, de Manuel Castells, na página XXIX.

Explique aos alunos o que é índice de Gini (leia o texto abaixo). O Banco Mundial trabalha com a variação de 0 a 100 para o índice de Gini, como se pode observar no gráfico da página, mas ele também pode ser expresso entre 0 e 1, como faz o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

O Índice de Gini, criado pelo matemático italiano Conrado Gini, é um instrumento para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo. Ele aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de zero a um (alguns apresentam de zero a cem). O valor zero representa a situação de igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda. O valor um (ou cem) está no extremo oposto, isto é, uma só pessoa detém

toda a riqueza. Na prática, o Índice de Gini costuma comparar os 20% mais pobres com os 20% mais ricos.

WOLFFENBUTTEL, Andréa. O que é? – Índice de Gini. *Desafios do Desenvolvimento*, ano 1, ed. 4, 1ª jan. 2004. Disponível em: <www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2048:catid=28>. Acesso em: 10 out. 2018.

Orientações didáticas

Na análise proposta no boxe **Explorando a imagem**, espera-se que os alunos identifiquem que qualquer fotografia é um recorte da realidade e pode não expressá-la de forma ampla, em toda sua complexidade. O gráfico desta página indica que 61,4% da população da Etiópia vive abaixo da linha internacional de pobreza; no entanto, no país há também pessoas ricas e de classe média, embora elas sejam minoritárias. Se uma pessoa viajar a Adis-Abeba, capital da Etiópia, e se hospedar no bairro retratado na imagem, pode até pensar que não há pobreza nesse país.

Os alunos devem perceber ainda que, quando a renda *per capita* de um país é muito baixa, mesmo que ela tenha uma distribuição mais bem equilibrada, como ocorre na Etiópia, haverá muitas pessoas pobres. Então, o desenvolvimento humano passa necessariamente pelo aumento da produtividade da economia e pelo crescimento do PIB.

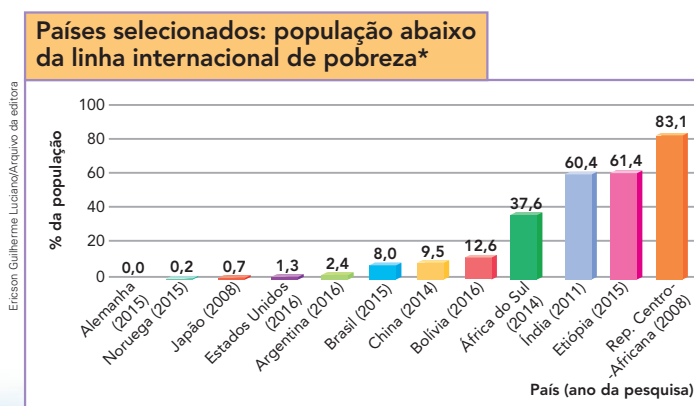
Pobreza nos países em desenvolvimento

Alguns países em desenvolvimento têm uma distribuição de renda tão equilibrada quanto a dos países desenvolvidos. O problema, nesses casos, é a baixa produtividade econômica. Não há muita riqueza a ser distribuída. Segundo o Banco Mundial, em 2017 a renda *per capita* da Etiópia, por exemplo, era de 740 dólares. Isso significa que cada habitante desse país (eram 105 milhões em 2017), hipoteticamente, teria de sobreviver com apenas 2 dólares por dia.

Já a maioria dos países emergentes apresenta renda média-alta, como o Brasil, que tinha renda *per capita* de 8 580 dólares, em 2017. Caso essa renda fosse mais bem distribuída, certamente os indicadores de desenvolvimento médios da população seriam mais elevados.

O Brasil, apesar de ter obtido algum avanço na redução da desigualdade, ainda está entre os países com pior distribuição de renda. Como revela o Índice de Gini (veja o gráfico da página anterior), os 10% mais ricos da população se apropriam de 40,4% de toda a renda nacional, e os 10% mais pobres

ficam com apenas 1,2%. Essa distribuição desigual explica por que 8% da população brasileira vive abaixo da linha internacional de pobreza, como mostra o gráfico ao lado.



Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D. C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 5 ago. 2018.

* Omã não disponibiliza esses dados.

EXPLORANDO A IMAGEM

Você consegue observar na paisagem de Adis-Abeba, capital da Etiópia, a realidade que o gráfico acima expressa de forma estatística? **Resposta pessoal.**

Vista de bairro de classe média na cidade de Adis-Abeba, capital da Etiópia, em 2017.



Os estados com maior percentual de pessoas pobres se encontram no sul dos Estados Unidos (onde vigorou a escravidão no período colonial) e os com menor percentual, no nordeste. Do ponto de vista étnico, os alunos devem perceber que há um percentual maior de pessoas pobres entre os afrodescendentes e os latinos e um percentual menor entre os brancos e os asiáticos.

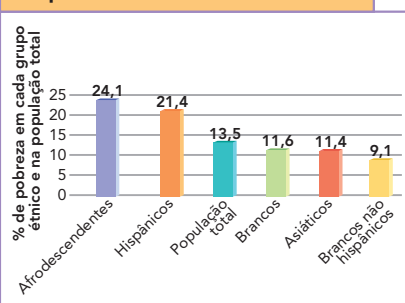
Pobreza nos países desenvolvidos

A pobreza não está presente apenas nos países em desenvolvimento; embora em menor grau e com recortes diferentes, ela ocorre também nos países desenvolvidos.

Por exemplo, nos Estados Unidos, país de renda alta e que possui o maior PIB do mundo, havia 43,1 milhões de pessoas vivendo na pobreza em 2015, o que correspondia a 13,5% da população total. Em 2000, eram 31,6 milhões de pobres, 11,3% da população, ou seja, aumentou o número de pobres no país (em decorrência da crise econômica que teve início em 2008). Perceba que a linha nacional de pobreza nos Estados Unidos é diferente da linha internacional de pobreza do Banco Mundial. Nesse país, em 2015 era considerada pobre a pessoa que vivia com menos de 12 082 dólares por ano, o que dava uma renda diária média de 33,10 dólares, dez vezes superior à linha internacional de pobreza. Conforme observamos no gráfico da página anterior, considerando a linha do Banco Mundial, em 2016 apenas 1,3% da população estadunidense vivia na pobreza, ou seja, 4,2 milhões de pessoas.

Observe nos dados do gráfico ao lado e no mapa a seguir a distribuição da pobreza do ponto de vista étnico e entre os estados.

Estados Unidos: linha nacional de pobreza – 2015



Fonte: elaborado com base em UNITED STATES CENSUS BUREAU. *Income and Poverty in the United States: 2015*. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 2016. Disponível em: <www.census.gov/content/dam/Census/library/publications/2016/demo/p60-256.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2018.

Estados Unidos: distribuição da pobreza por estados – 2015



Fonte: elaborado com base em UNITED STATES CENSUS BUREAU. *Poverty: IN THE UNITED STATES. Percentage of people in poverty by state: 2015*. Washington, D.C., 15 sept. 2016. Disponível em: <www.census.gov/library/visualizations/2016/comm/cb16-158_poverty_map.html>. Acesso em: 29 jun. 2018.

EXPLORANDO O MAPA E O GRÁFICO

Como está distribuída a pobreza nos Estados Unidos, levando em consideração os dados por estados e do ponto de vista étnico?

I Orientações didáticas

Este conteúdo e, sobretudo, a proposta de interpretação do mapa de distribuição da pobreza nos Estados Unidos permitem contemplar a habilidade **EF08GE19**. Dessa forma, mobilizam-se as competências **CCH4** e **CEGe03**.

Explique aos alunos que, além da linha internacional de pobreza (inferior a 3,20 dólares/dia) e da linha internacional de pobreza extrema (inferior a 1,90 dólar/dia), critérios adotados pela ONU e pelo Banco Mundial para medir a pobreza no mundo, há a linha nacional de pobreza, que varia de país para país e é mais comumente usada em países desenvolvidos. Por exemplo, nos Estados Unidos considera-se pobre a pessoa que vive com menos de 33,10 dólares/dia, número dez vezes maior do que a linha internacional de pobreza.

Feito isso, proponha a exploração do mapa que mostra a distribuição da pobreza nos Estados Unidos para que os alunos percebam que lá, além de desigualdade social, há desigualdade regional. Explique a eles que nesse país a desigualdade e a pobreza se caracterizam por um forte recorte étnico-racial: nos Estados Unidos, a pobreza é maior entre os afrodescendentes e os latinos. Os estados com maior percentual de pobres se encontram no sul e aqueles com menor índice de pobreza, no nordeste, a região que concentra os estados com melhor distribuição de renda.

Consolidando conhecimentos

1. Se considerar conveniente, nesta atividade peça aos alunos que explorem o *site* do Pnud. [Disponível em: <www.pnud.org.br>. Acesso em: 25 out. 2018].
2. A expectativa de vida, como foi comentado na página 67, é um indicador que sintetiza vários outros. Não é possível que uma população tenha uma expectativa de vida elevada sem que haja boas condições gerais de vida, o que passa por uma renda *per capita* mais alta e bem distribuída.

1. O Índice de Desenvolvimento Humano, mais conhecido pela sigla IDH, é formado pela média de indicadores que expressam três dimensões da vida humana: saúde (indicador: expectativa de vida ao nascer); educação (indicadores: anos de escolaridade e anos de escolaridade esperados); e padrões de vida (indicador: Rendimento Nacional Bruto – RNB – *per capita*). O índice varia de zero a um: quanto mais próximo de um, melhor a condição de vida da população; quanto mais próximo de zero, pior.

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

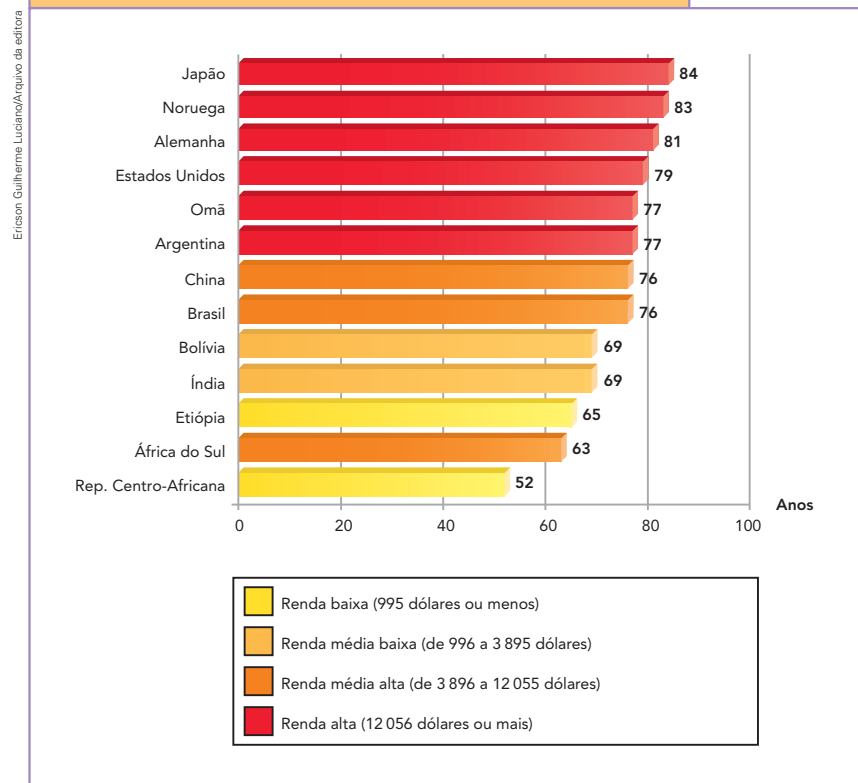
1. Leia o texto abaixo e, depois, faça o que se propõe.

[...] Diferentemente da perspectiva do crescimento econômico, que vê o bem-estar de uma sociedade apenas pelos recursos ou pela renda que ela pode gerar, a abordagem de desenvolvimento humano procura olhar diretamente para as pessoas, suas oportunidades e capacidades. [...]

Pnud Brasil. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

- Explique com suas palavras o que é Índice de Desenvolvimento Humano.
2. Observe o gráfico a seguir e responda às perguntas.

Países selecionados: expectativa de vida ao nascer por faixa de renda *per capita* – 2016



Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D. C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

- a) Como os dados do gráfico estão organizados? O gráfico mostra dados de expectativa de vida em relação aos grupos de países. Os países estão agrupados por cores que indicam intervalos de renda *per capita*.
- b) Os dados de expectativa de vida se referem a que aspecto da população de um país: econômico, cultural ou social? Os dados de expectativa de vida se referem a um aspecto social da população.
- c) Pode-se dizer que, de acordo com o gráfico, a expectativa de vida está intimamente relacionada à renda dos países? Explique. Sim. De forma geral, quanto mais elevada é a renda *per capita*, mais longa é a expectativa de vida média das pessoas. Renda *per capita* mais alta, de forma geral, significa melhores condições de vida, o que reflete numa vida mais longa.

3. Elabore um mapa-múndi para representar o PIB *per capita* dos países abaixo. Siga as instruções a seguir:
- Consulte um atlas geográfico e selecione um mapa-base para a elaboração de seu mapa.
 - Sobreponha uma folha de papel vegetal sobre o mapa e desenhe os limites dos países. Nomeie os oceanos. Se preferir, imprima algum mapa-múndi “mudo” disponível na internet.
 - Crie uma legenda para representar as faixas de renda (renda alta; renda média-alta; renda média-baixa; renda baixa). Escolha uma cor e pinte os países da tabela abaixo de acordo com suas faixas de renda, partindo da tonalidade mais clara, para as faixas de menor renda, para a mais escura, para as faixas de maior renda. Se utilizar cores diferentes, parta na mesma sequência das cores frias para as cores quentes.
 - Dê um título a seu mapa e não esqueça de indicar a escala e a orientação, conforme indicação no mapa-base.

PIB PER CAPITA DE PAÍSES SELECIONADOS – 2017	
Alta renda (12 056 dólares ou mais)	
Noruega	75 990
Estados Unidos	58 270
Alemanha	43 490
Japão	38 550
Omã	14 440
Argentina	13 040
Renda média-alta (entre 3 896 e 12 055 dólares)	
China	8 690
Brasil	8 580
África do Sul	5 430
Renda média-baixa (entre 996 e 3 895 dólares)	
Bolívia	3 130
Índia	1 820
Renda baixa (995 dólares ou menos)	
Etiópia	740
Rep. Centro-Africana	390

Fonte: elaborada com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D. C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 4 ago. 2018.

4. Reveja o mapa que você elaborou na atividade anterior, com base em dados do Banco Mundial, e o mapa de IDH, elaborado pelo Pnud (página 70). Compare os dados de Argentina e Omã nos dois mapas e responda às perguntas:
- Qual é a situação desses países considerando a renda *per capita* (Banco Mundial) e o IDH (Pnud)?
 - Considerando o critério adotado pelo Banco Mundial, qual classificação esses países recebem?

NA REDE

IBGE – mapas

Nesse portal, o IBGE disponibiliza o atlas geográfico escolar e diversos tipos de mapas políticos, físicos e temáticos do Brasil e do Mundo: <<https://mapas.ibge.gov.br/escolares>>. Caso queira, acesse diretamente o planisfério político, disponível em: <https://7a12.ibge.gov.br/images/7a12/mapas/mundo/planisferio_pol.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2018.

4. a) De acordo com dados do Banco Mundial, em 2017, Omã dispunha de renda *per capita* alta (14 440 dólares), assim como também a Argentina (13 040 dólares). De acordo com dados do Pnud, a Argentina é um país de IDH muito elevado (0,827, 45ª posição) e Omã um país de IDH elevado (0,796, 52ª posição).

4. b) Considerando-se o critério de classificação segundo a renda adotado pelo Banco Mundial, tanto Omã quanto a Argentina, por serem de alta renda, seriam países desenvolvidos.

Consolidando conhecimentos

3. Esta atividade propõe a elaboração de um mapa-múndi com a representação dos países segundo as faixas de renda *per capita*. Depois de pronto, esse mapa servirá para problematizar a classificação dos países desenvolvidos e em desenvolvimento feita pelo Banco Mundial. Assim, esta atividade contempla parcialmente a habilidade **EF08GE18**.

Essa atividade e a seguinte mobilizam ainda as competências **CG1, CG4, CCH2, CCH7, CEGeo3, CEGeo4 e CEGeo5**.

Caso a opção seja por imprimir um mapa-múndi mudo da internet, oriente os alunos na escolha do mapa a ser utilizado como base, verificando se ele está atualizado e se expressa a escala.

4. Ao explorar o mapa elaborado pelos alunos e correlacioná-lo com o mapa do Pnud, esta atividade trabalha parcialmente a habilidade **EF08GE19**.

Comente com os alunos que, por razões políticas, o governo de Omã não disponibiliza dados de distribuição de renda ao Banco Mundial, mas, em comparação com a Argentina, ela deve ser mais mal distribuída porque, mesmo o Omã tendo uma renda alta, está no grupo dos países de IDH elevado, e não no daqueles de IDH muito elevado, como a maioria dos países dessa faixa de renda. Explique que, apesar disso, ambos são reconhecidos internacionalmente como países em desenvolvimento, e não como desenvolvidos. Além disso, mesmo tendo uma renda *per capita* mais elevada do que a Argentina, de forma geral, Omã apresenta indicadores sociais inferiores, o que se materializa em um IDH elevado, ao passo que o país sul-americano tem um IDH muito elevado. Esses dados mostram que a renda *per capita* não é suficiente para medir adequadamente o grau de desenvolvimento de um país.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE05 Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra.

EF08GE06 Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos.

EF08GE08 Analisar a situação do Brasil e de outros países da América Latina e da África, assim como da potência estadunidense na ordem mundial do pós-guerra.

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

Orientações didáticas

Antes de iniciar o trabalho com este capítulo, proponha uma atividade introdutória de levantamento de conhecimentos prévios em que os alunos, organizados em grupos, observem um mapa-múndi e discutam possibilidades de agrupar os países, formando regiões conforme determinado critério proposto pelo grupo. Eles podem construir um mapa-múndi no qual classifiquem os países segundo o critério estabelecido. Cada grupo poderá explicar o critério utilizado para regionalizar os países e mostrar à turma o resultado obtido.

Em seguida, liste na lousa alguns países de diferentes continentes, com características distintas, se possível com a apresentação de imagens. Oralmente, peça aos alunos que identifiquem semelhanças e diferenças entre os países listados e anote na lousa os critérios que eles utilizariam para agrupá-los (meio físico-natural, população, economia, cultura, grau de desenvolvimento, blocos econômicos, etc.). Não se preocupe em explicar essas características, mas em explicitar que, com base em semelhanças e diferenças, é possível criar regiões. Verifique o que os alunos sabem sobre o conceito de região e explique o conceito de regionalização.

CAPÍTULO

6

Vamos tratar de:

- Definição e critérios de regionalização do mundo
- Regionalização da época da Guerra Fria
- Regionalização da ONU
- Regionalização do Banco Mundial
- Regionalização da Organização Mundial do Comércio

O QUE É ?

A escala geográfica é um recorte analítico do espaço geográfico. Quando fazemos análises que englobam o mundo todo, trabalhamos com a escala mundial ou global; quando fazemos análises de um país, operamos na escala nacional; de uma região, na regional; de um lugar, na local. No entanto, não devemos confundir com a escala cartográfica, que indica o quanto a área representada em um mapa, carta ou planta foi reduzida.

Regionalização do espaço mundial

O conceito de região define uma área da superfície terrestre de tamanho variável com características particulares que permitem diferenciá-la das demais. Uma região pode ser delimitada, por exemplo, pelas particularidades naturais da paisagem ou por características econômicas. Podemos também identificar uma região pelos aspectos sociais dos habitantes, com base no grau de desenvolvimento, ou culturais, considerando, por exemplo, uma língua ou religião. Assim, quando regionalizamos países, realizamos um agrupamento considerando certas características comuns a eles.

A regionalização é um recurso importante para a compreensão das sociedades humanas e pode ser realizada em várias escalas geográficas, ou seja, pode envolver desde alguns municípios até estados ou países. Delimitar regiões permite conhecer melhor a realidade socioespacial, identificar problemas e interesses semelhantes em meio à complexidade do mundo atual e, assim, organizar ações conjuntas para resolver questões sociais, econômicas e ambientais.



A Floresta Tropical é a vegetação predominante na Amazônia, que pode ser considerada uma região natural, e avança por vários países da América do Sul. Na fotografia, vista aérea da Floresta Amazônica e do rio Mana, na Guiana Francesa, em 2017.

76 | UNIDADE 3 • Desenvolvimento humano e regionalização

Sugestão de aprofundamento

Coletânea de 14 artigos do geógrafo carioca organizados em unidades que tratam de redes urbanas, espaço urbano, região, espaço e empresa, espaço, tempo e cultura. Na parte sobre a região, são apresentadas diversas abordagens sobre o conceito, assim como as várias possibilidades de regionalizar o Brasil. Leia o trecho “Região: a tradição geográfica” na página XXX.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Sugestão de aprofundamento

Nesta obra o autor faz uma reconstrução do conceito de região. Começando por sua gênese etimológica latina, analisa o conceito da perspectiva de diversas correntes do pensamento geográfico – tradicional, radical e humanista – até chegar ao atual momento do capitalismo – a globalização –, no qual o conceito está em xeque.

GOMES, Paulo César. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, I. E. de et al. (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

Alguns critérios de regionalização

Um país pode ser regionalizado de acordo com diferentes critérios e ser dividido em regiões das mais variadas extensões. No Brasil, por exemplo, a divisão regional do IBGE (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) é feita com base no critério político-administrativo, levando em consideração os limites territoriais dos estados.

Entre outras possibilidades, podemos também identificar regiões naturais abrangidas por um bioma predominante, como a Floresta Amazônica (em destaque na fotografia da página anterior), o Cerrado, a Caatinga ou o Pantanal. Mas a Amazônia, quando considerada como região natural, extrapola os limites do território brasileiro, ocupando território de outros países da América do Sul, como mostra o mapa a seguir.



Em âmbito mundial, a regionalização tem sido feita de várias maneiras, obedecendo a diversos critérios geopolíticos, culturais, sociais, econômicos, entre outros. Com base em diferentes critérios, estudaremos quatro possibilidades de regionalização:

- Por blocos geopolíticos, construída no período da Guerra Fria;
- Por grau de desenvolvimento, de acordo com a ONU;
- Por renda, segundo o Banco Mundial;
- Por blocos econômicos, conforme a Organização Mundial do Comércio.

I Orientações didáticas

O conteúdo desta página contempla parcialmente a habilidade **EF08GE05**. No capítulo 2 foram explorados os conceitos elencados nessa habilidade; aqui, serão analisadas diversas possibilidades de regionalização a partir do pós-guerra, desde o período da Guerra Fria.

Ao trabalhar com os alunos a pergunta do boxe **Explorando o mapa**, é importante que eles percebam que a Amazônia, uma região natural, extrapola os limites do território brasileiro e abarca diversos países vizinhos.

Há regiões maiores do que um país, como a América Latina, ou menores, como a região Norte ou Nordeste, e até menor do que um estado, como o Triângulo Mineiro (MG).

Nesta atividade, oriente os alunos a perceber que, independentemente de sua extensão, a região define uma área que tem uma particularidade que a distingue das áreas em seu entorno, neste caso a Floresta Amazônica.

I Orientações didáticas

Retome conhecimentos de História e comente com os alunos que, antes da Primeira Guerra Mundial (durante todo o século XIX), o Reino Unido era a grande potência mundial (liderou a Primeira Revolução Industrial no século XVIII e possuía vastos territórios coloniais). Mas, após a Segunda Guerra Mundial, o processo de descolonização se acentuou, e o Reino Unido se enfraqueceu (assim como outras antigas potências coloniais europeias, como a França). É nesse cenário que os Estados Unidos e a União Soviética surgem como grandes potências mundiais.

Explore com os alunos o mapa desta página, que mostra o mundo dividido em blocos geopolíticos antagonônicos na época da Guerra Fria – bloco “ocidental” ou capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e bloco “comunista” ou oriental, liderado pela União Soviética.

Ao propor a análise da situação dos países do antigo Terceiro Mundo em sua relação com as superpotências, a abordagem desse conteúdo contempla as habilidades EF08GE05 e EF08GE08.

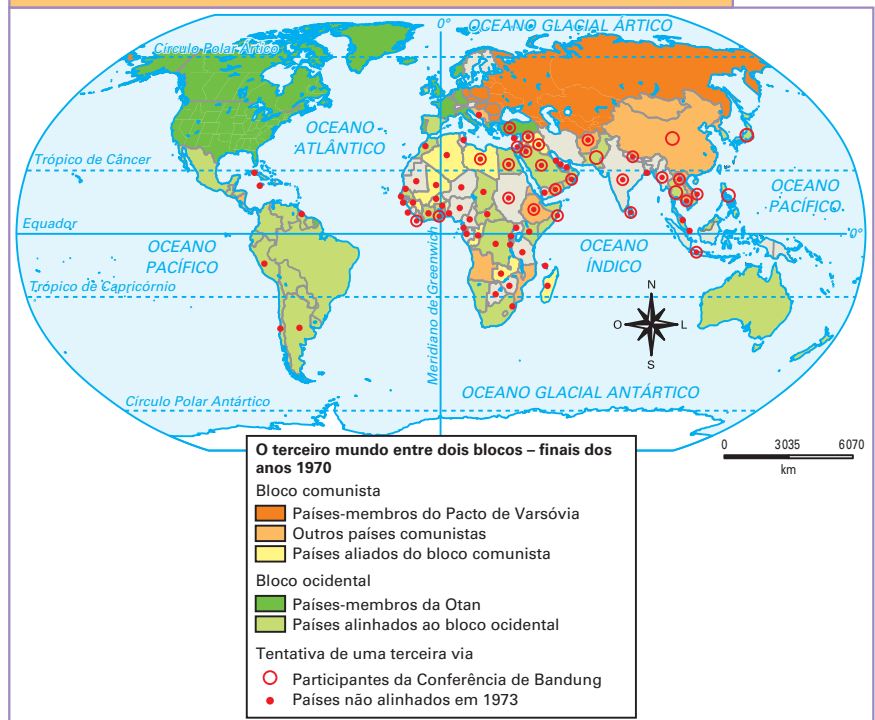
O QUE É ?

Economia planificada é um sistema econômico que vigorou na União Soviética e em outros países socialistas, nos quais os meios de produção – fábricas, fazendas, mercados, usinas de geração de eletricidade, portos, etc. – pertenciam ao Estado, e o funcionamento da economia tinha metas estabelecidas por um órgão de planejamento central.

Regionalização da época da Guerra Fria

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os Estados Unidos e a União Soviética despontaram como superpotências mundiais e passaram a disputar o poder político e econômico no mundo. Durante a Guerra Fria (1947-1991), em torno delas se organizaram dois blocos de poder antagonônicos: o bloco “ocidental” e o bloco “comunista”. O primeiro era composto de países capitalistas, sob a liderança dos Estados Unidos. O segundo, de países de **economia planificada**, sob o comando da União Soviética. E entre eles, tentando não se alinhar a nenhum dos dois blocos, constituiu-se uma “terceira via”. Observe o mapa.

Mundo: regionalização em blocos geopolíticos – Guerra Fria



Fonte: elaborado com base em LE MONDE DIPLOMATIQUE. *El Atlas*. Valência: Fundación Mondiplo, 2012. p. 94-95. (Original sem escala).

Nessa situação de confronto, tornou-se comum classificar os países em um dos três blocos geopolíticos:

- **primeiro mundo**, formado por países capitalistas desenvolvidos, liderados pelos Estados Unidos;
- **segundo mundo**, composto pelos países socialistas, liderados pela União Soviética;
- **terceiro mundo**, integrado pelos países recém-independentes, a maioria da Ásia e da África, então considerados “subdesenvolvidos”.

Alguns países como a Índia, a Indonésia e o Egito, além de muitos outros localizados na Ásia e na África, procuraram não se alinhar geopoliticamente a nenhuma das duas superpotências. Na Conferência de Bandung eles fundaram o bloco dos países não alinhados, a origem do chamado Terceiro Mundo. No entanto, a América Latina, mesmo fazendo parte do bloco “ocidental” e alinhada com os Estados Unidos também era formada por países “subdesenvolvidos” e comumente inserida no Terceiro Mundo.

A partir de 1989, a economia planificada entrou em crise e gradativamente quase todos os países do bloco comunista adotaram o capitalismo. Em 1991 a União Soviética se desintegrou territorialmente, dando origem a 15 novos países, entre eles a Rússia. Com isso, o segundo mundo deixou de existir, assim como o bloco comunista. O terceiro mundo também se descaracterizou, pois muitos dos países desse grupo cresceram economicamente e se industrializaram. Hoje as nações do antigo terceiro mundo são chamadas de países em desenvolvimento e aqueles que se destacam economicamente nesse grupo são chamados de emergentes.

O QUE É ?

A Conferência de Bandung foi um encontro realizado em Bandung (Indonésia) em 1955. Reuniu 29 países asiáticos e africanos recém-independentes com o objetivo de buscar integração e desenvolvimento alternativo ao capitalismo estadunidense e o socialismo soviético. Desse modo, nasceu o movimento dos países não alinhados, uma terceira via entre os dois blocos dominantes. Com o passar do tempo, outros países, inclusive da América Latina, passaram a fazer parte do movimento dos não alinhados.

I Orientações didáticas

As informações do mapa da página anterior (divisão do mundo em dois blocos) são fundamentais para que os alunos compreendam a organização do movimento dos países não alinhados (discuta com eles o significado da Conferência de Bandung) e o surgimento dos três mundos.

Comente com os alunos, ao explorar a fotografia do muro de Berlim, que esse era o símbolo maior da divisão oeste-leste e sua queda representou o fim de uma era, marcada pela bipolarização de poder entre as duas superpotências.

TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

A fotografia abaixo, tirada em 1989, mostra cidadãos ocupando o Muro de Berlim (Alemanha), que foi destruído naquele ano. O Muro de Berlim começou a ser construído em 1961 e, durante 28 anos, dividiu a antiga capital alemã. Parte dela pertencia à então Alemanha Ocidental e a outra parte à Alemanha Oriental. A queda do Muro marcou o fim do conflito leste X oeste e a posterior reintegração das duas Alemanhas.



Berlim, na Alemanha, em 1989.

Reúna-se com um colega e conversem sobre as seguintes questões:

1. De acordo com o mapa da página anterior, qual foi o critério que definiu a regionalização do mundo durante a Guerra Fria? **Critério geopolítico e de sistema econômico.**
2. Na opinião de vocês, essa regionalização ainda faz sentido nos dias de hoje?

Não, a regionalização dos três blocos só fazia sentido no contexto geopolítico, social e econômico em que foi criada, ou seja, no período da Guerra Fria. Hoje já não corresponde à realidade, porque ocorreram muitas mudanças na organização política e econômica dos países.

CAPÍTULO 6 • Regionalização do espaço mundial | 79

Orientações didáticas

Na atividade do boxe **Explorando o mapa**, dê bastante tempo para que os alunos comparem o mapa da regionalização da ONU com o mapa de IDH do Pnud, que se encontra na página 70. Espere-se que eles identifiquem que há uma forte correlação entre os países que estão no grupo de desenvolvimento humano muito elevado e os países que a ONU classifica como economias desenvolvidas. No outro extremo grande parte das economias menos desenvolvidas são países de baixo IDH, a maioria localizada na África subsaariana.

Estimule os alunos a identificar que na regionalização da ONU há países desenvolvidos, países em transição, países em desenvolvimento e, como subdivisão do grupo, países menos desenvolvidos.

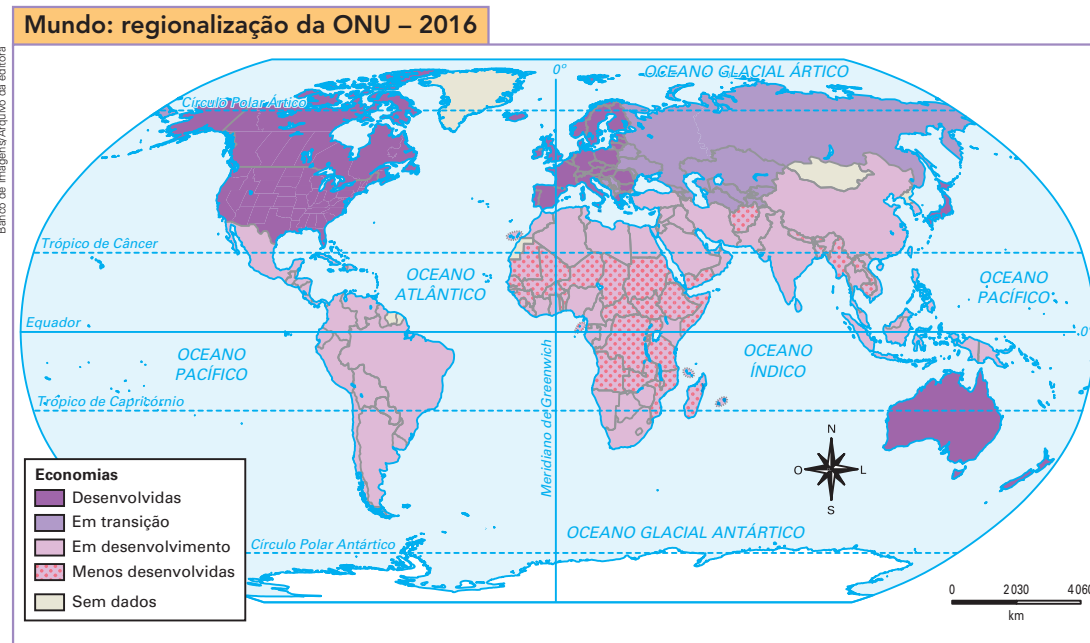
A Arábia Saudita, o Chile e a Argentina, por exemplo, estão no grupo de países de IDH muito elevado e são considerados países em desenvolvimento. Como vimos no capítulo anterior, isso mostra os limites da renda *per capita*, como variável isolada, para indicar desenvolvimento humano e classificar os países.

Regionalização da ONU

Como consequência das transformações geopolíticas do final do século XX, a ONU criou uma nova regionalização para tentar compreender o mundo contemporâneo.

Como vimos no capítulo 5, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), uma agência da ONU, classifica os países de acordo com o índice de desenvolvimento humano (IDH), em quatro categorias: muito elevado, elevado, médio e baixo. Nesse caso, os países são agrupados segundo uma combinação de critérios sociais e econômicos, porém não formam regiões contínuas, porque em cada grupo há países de diversos continentes (veja o mapa de IDH da página 70).

A ONU reconhece que não é simples classificar os países e criar uma regionalização com base no grau de desenvolvimento. Segundo essa organização: "As designações 'desenvolvido', 'em transição' e 'em desenvolvimento' foram adotadas por conveniência estatística e não necessariamente expressam um julgamento sobre o estágio alcançado por um país em particular no processo de desenvolvimento." Apesar disso, essa regionalização é bastante utilizada. Observe-a no mapa.



EXPLORANDO O MAPA

Compare este mapa com o mapa de IDH (página 70) e descubra se há algum país de IDH muito elevado que é considerado nação em desenvolvimento pela ONU. Consulte um atlas para identificar os países.

Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. *World Economic Situation and Prospects 2017*. New York, 2017. p. 153-157. Disponível em: <www.un.org/development/desa/dpad/wp-content/uploads/sites/45/publication/2017/wesp_full_en.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2018.

Os **países desenvolvidos** são aqueles que em geral são industrializados e têm economias modernas, competitivas e boa infraestrutura (saneamento básico, telefonia, rodovias, ferrovias, portos, etc.); que dispõem de alta renda *per capita* e de bons indicadores sociais (escolaridade, mortalidade infantil, expectativa de vida, etc.), o que se reflete em IDHs muito elevados. Vale destacar que nem todo país que tem alta renda e IDH muito elevado é considerado desenvolvido.

Muitos dos **países em desenvolvimento** foram colônias e a maioria ficou independente após a Segunda Guerra Mundial, como é o caso de praticamente todos os africanos. Por isso, ainda hoje muitos deles sofrem as consequências desse passado de exploração colonial. Em geral o grau de industrialização e modernização de suas economias ainda é baixo e a infraestrutura apresenta muitas deficiências, o que impacta no nível de competitividade no mercado internacional. Com poucas exceções, a renda *per capita* é baixa ou média e muitos indicadores sociais são insuficientes, o que se reflete em IDHs baixo, médio e alto, raramente muito alto.

Como vimos, os países em desenvolvimento que se destacam pelo rápido crescimento econômico, avanço da industrialização, crescimento do mercado interno e pela capacidade de atração de investimentos estrangeiros, o que vem se refletindo na redução da pobreza e na elevação do IDH, são chamados de **economias emergentes**. Segundo a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad, sigla em inglês), em 2018 havia 37 países emergentes, entre os quais se destacam: Brasil, México, Argentina e Chile (América Latina); China, Índia, Coreia do Sul e Indonésia (sul e leste da Ásia); Turquia e Arábia Saudita (Oriente Médio); Rússia, Polônia e Hungria (Europa oriental); África do Sul, Egito e Nigéria (África).

No grupo das nações em desenvolvimento há uma subclassificação que se refere aos **países menos desenvolvidos**, aqueles que apresentam graves problemas socioeconômicos e os piores IDHs. Segundo a ONU são os 48 países mais pobres e vulneráveis do mundo: 34 estão na África, 13 na região da Ásia-Pacífico e um no Caribe.

As **economias em transição** contemplam os antigos países de economia planificada. Desde o início dos anos 1990, após o colapso da economia planificada, eles vêm passando por grandes transformações e a maioria tem feito reformas econômicas de cunho capitalista. O país que se destaca nesse grupo é a Rússia, a maior economia entre os países em transição.

Após anos de crise econômica durante a transição da economia planificada para o capitalismo, a Rússia vive um momento de expansão econômica atualmente. Na fotografia de 2017, os arranha-céus do Centro Internacional de Negócios de Moscou (MIBC), também conhecidos como "Cidade de Moscou", ocupam o espaço onde antes estavam moradias e indústrias.

Andrey Rudakov/Bloomberg/Getty Images



I Orientações didáticas

Economias menos desenvolvidas é uma classificação da ONU para os países mais pobres do mundo, os quais apresentam graves problemas socioeconômicos e, por isso, estão na lista de nações que podem receber ajuda de organismos internacionais, como a Associação Internacional de Desenvolvimento (AID). A AID, fundada em 1960, é um braço do Banco Mundial e administra um fundo constituído por contribuições dos países ricos com o objetivo de conceder doações e empréstimos subsidiados para ajudar no desenvolvimento dos países mais pobres ou, para usar a terminologia da ONU, dos menos desenvolvidos.

Estimule os alunos a retomar a discussão feita no capítulo anterior, para que relembrem que, além dos menos desenvolvidos, há uma subdivisão no grupo dos países em desenvolvimento, aqueles classificados como economias emergentes. Comente com os alunos que essa classificação é feita por uma agência da ONU, a Unctad; no entanto, não aparece no mapa da própria ONU, como vimos na página anterior.

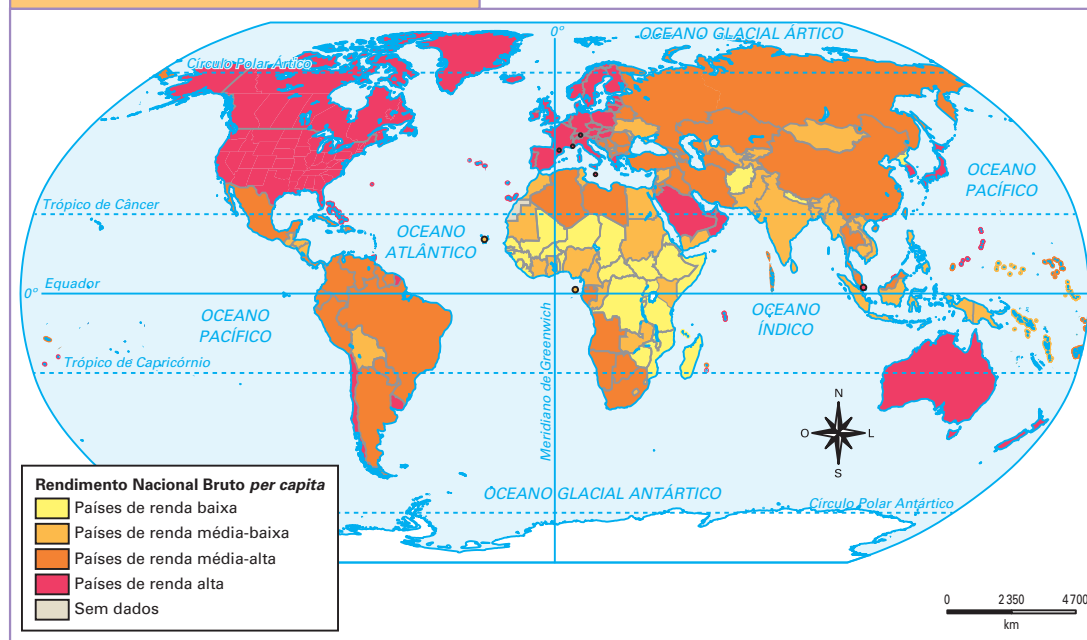
Explore a fotografia de Moscou com os alunos para que eles percebam que a Rússia, classificada pela ONU como economia em transição, passou por uma grande transformação modernizadora desde o fim da economia planificada.

Orientações didáticas

Ao trabalhar o boxe **Explorando o mapa**, comente com os alunos que neste mapa de 2016, que consta do relatório *Atlas of sustainable development goals 2018*, a Argentina aparece como país de renda média-alta; no entanto, dados mais recentes do *World development indicators 2018*, publicação *on-line* do próprio Banco Mundial, indicam que ela subiu para a faixa de países de renda alta em 2017, como vimos no capítulo 5.

Estimule os alunos a perceber que o critério usado pelo Banco Mundial para classificar os países em desenvolvidos (alta renda) e em desenvolvimento (média e baixa renda) também é imperfeito. Como foi explorado na atividade, há países de alta renda cujos indicadores de desenvolvimento não são compatíveis com o que se considera país desenvolvido. O salto da Argentina, por exemplo, de um ano para outro, do grupo de países de renda média-alta para o grupo de renda alta, não quer dizer que esse país passou a fazer parte do grupo dos países desenvolvidos. O fato de a Argentina ter entrado no grupo de alta renda não resolve de uma hora para outra uma série de problemas que apresenta, que a faz ser considerada um país em desenvolvimento.

Mundo: classificação por renda – 2016



Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. *Atlas of Sustainable Development Goals 2018*. Washington, D.C., p. 8-9. Disponível em: <<http://documents.worldbank.org/curated/en/590681527864542864/pdf/126797-PUB-PUBLIC.pdf>>. Acesso em: 1ª jul. 2018.

Sim, Arábia Saudita, Omã, Chile e Uruguai, por exemplo, são países de renda alta classificados pela ONU como países em desenvolvimento.

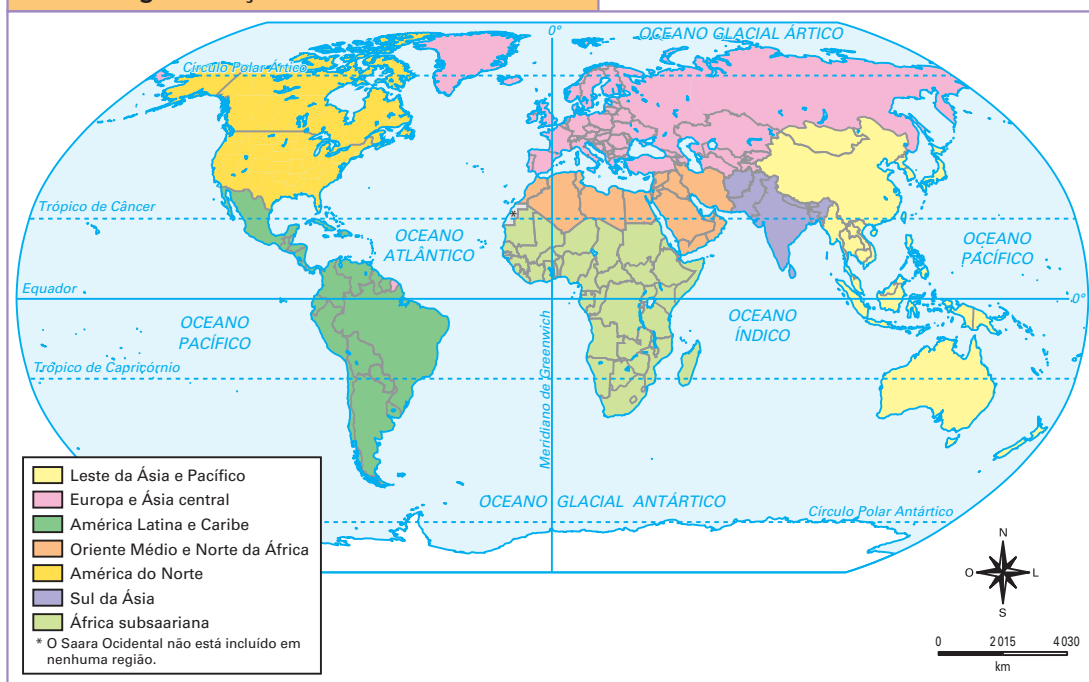
EXPLORANDO O MAPA

Compare este mapa com o da página 80 ("Mundo: regionalização da ONU – 2016"). Algum país de renda alta é considerado nação em desenvolvimento pela ONU?

Segundo o Banco Mundial as economias de baixa e média renda são definidas como países em desenvolvimento e as economias de alta renda, como países desenvolvidos. Entretanto, como vimos, nem todo país de alta renda pode ser considerado desenvolvido, como é o caso da Arábia Saudita. Além disso, a renda não pode ser tomada como único critério para analisar o desenvolvimento de um país. As condições de vida da população também devem ser consideradas, além de outros indicadores sociais, econômicos e políticos. Por isso, nem todo país de alta renda tem boa colocação no *ranking* do IDH.

Além da classificação dos países por renda, para fins administrativos e estatísticos, o Banco Mundial costuma dividir o mundo em sete regiões, como podemos observar no mapa da página seguinte.

Mundo: regionalização do Banco Mundial – 2017



Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. *Atlas of Sustainable Development Goals 2018*. Washington, D.C., 2018. p. 10-11. Disponível em: <<http://documents.worldbank.org/curated/en/590681527864542864/pdf/126797-PUB-PUBLIC.pdf>>. Acesso em: 1ª jul. 2018.

Regionalização da Organização Mundial do Comércio

A Organização Mundial do Comércio agrupa os países por blocos econômicos regionais. Dependendo do grau de integração, é possível definir quatro tipos de bloco: Zona de livre comércio, União aduaneira, Mercado comum e União econômica e monetária.

Os países participantes de uma **zona de livre comércio** firmam acordos para reduzir gradativamente os impostos de importação, denominados tarifas alfandegárias ou aduaneiras e deixam de pagar impostos sobre os produtos que circulam entre eles. O Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta – sigla em inglês), é uma zona de livre comércio.

Além disso, a **união aduaneira** estabelece uma tarifa externa comum, isto é, todos os países-membros devem cobrar o mesmo imposto sobre os produtos importados de fora do bloco. Imagine, por exemplo, uma união aduaneira formada pelos países A, B e C. Antes da união, A cobrava 30% de imposto de importação de automóveis; B cobrava 20%; e C, 15%. Com a tarifa externa comum, todos passaram a cobrar 20%. Assim, os automóveis importados não entram somente pelo país C, onde o imposto de importação era menor, e são vendidos desse país para os demais membros. O Mercosul é um exemplo de união aduaneira, embora muitos produtos não tenham tarifa de importação comum em todos os países do bloco.

I Orientações didáticas

Explore com os alunos a divisão regional do Banco Mundial. Segundo essa classificação, quantas regiões existem no mundo? Há alguma região que abarca mais de um continente? Em quantas regiões a América está dividida? Em que região está o Brasil? Essa região é maior que a América do Sul? A divisão regional do continente americano será explorada a seguir, ainda neste capítulo, mas em uma primeira aproximação os alunos já devem perceber que a divisão regional do Banco Mundial para a América considera a divisão histórico-econômico-cultural forjada desde o início da colonização do continente.

O conteúdo relacionado à regionalização da Organização Mundial do Comércio (OMC) proporciona a análise dos processos de integração dos blocos econômicos regionais estimulados por essa organização, contemplando parcialmente a habilidade **EF08GE06**.

I Orientações didáticas

Explore com os alunos a divisão regional da OMC. No mapa, estão representados apenas os principais blocos econômicos de cada um dos continentes, entre os quais se destaca a União Europeia, o bloco regional mais antigo e com mais integração do mundo. Nos capítulos de Geografia regional, outros blocos serão analisados. Veja a seguir uma definição de “blocos econômicos”. Acesse o texto na íntegra (disponível no *site* da Câmara Legislativa, no endereço indicado na fonte) para ver definições e exemplos para cada um dos tipos de bloco econômico.

Blocos econômicos

São associações de países que estabelecem *relações econômicas privilegiadas entre si* e que tendem a adotar *uma soberania comum*, ou seja, os parceiros concordam em abrir mão de parte da soberania nacional em proveito do todo associado.

Os desenhos desses novos mercados, antes de representar uma nova realidade comercial em escala mundial, tendem a transformar-se em um projeto político, resultante de uma decisão de Estados, que pode resultar ou não no aprofundamento da integração entre os países que formam um bloco econômico.

Os blocos econômicos podem classificar-se em zona de preferência tarifária, zona de livre comércio, união aduaneira, mercado comum e união econômica e monetária.

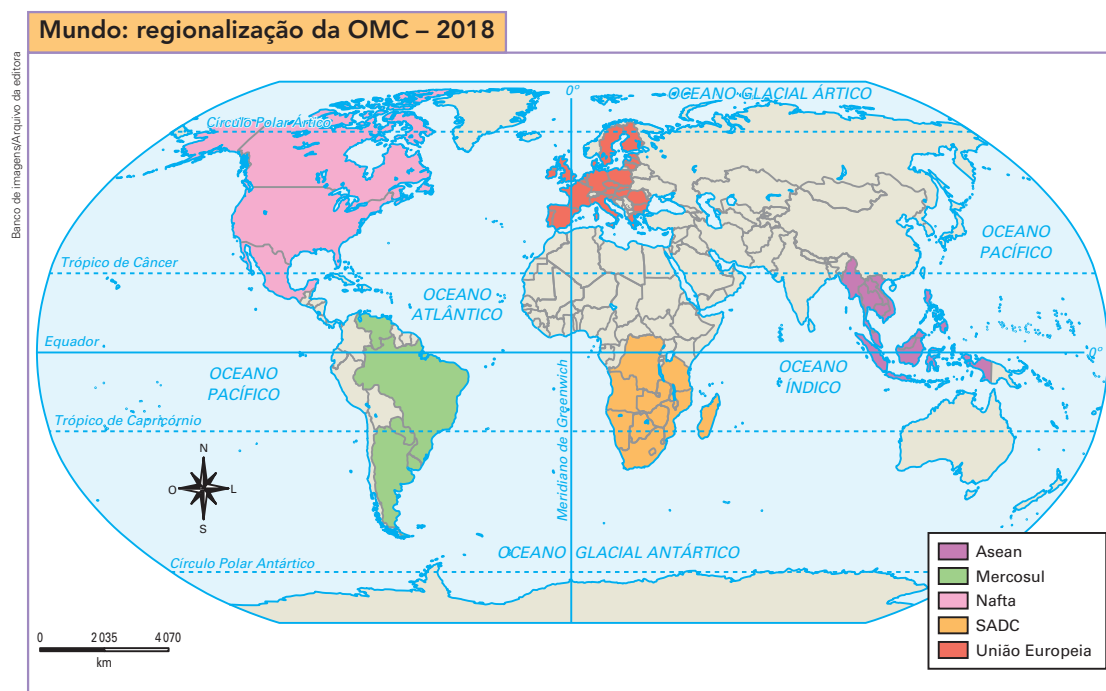
[...]

CONGRESSO NACIONAL. Comissão Parlamentar Conjunta do Mercosul. *Globalização e integração*. Disponível em: <www.camara.leg.br/mercosul/blocos/introd.htm>. Acesso em: 10 out. 2018.

Em um **mercado comum**, além da livre circulação de mercadorias e da implantação de uma tarifa externa comum, há a livre circulação de investimentos, serviços e pessoas. O único bloco desse tipo atualmente é a União Europeia. Nesse bloco houve a padronização dos impostos pagos pela população e pelas empresas, assim como de muitas leis civis, trabalhistas, sociais e ambientais.

Uma **união econômica e monetária** incorpora todas as características dos blocos vistos anteriormente e, além disso, introduz uma moeda única e um banco central único. Os países participantes desse tipo de bloco, portanto, abrem mão de sua moeda nacional e de seu banco central. É o tipo mais abrangente de integração, e o único bloco que atualmente se aproxima desse modelo é a União Europeia. Porém, nem todos os 28 países-membros participam da união monetária. Destes, apenas 19 fazem parte da Zona do Euro.

Observe no mapa a seguir os principais blocos econômicos em funcionamento no mundo atual em cada um dos continentes:



Embora as relações comerciais entre países de continentes diferentes sejam significativas e crescentes, a maior parte das trocas de mercadorias efetuadas no mundo ainda é intracontinental. Na Europa, por exemplo, cerca de 60% do comércio é realizado entre os países do próprio continente, a maior parte deles associados à União Europeia. O mesmo acontece com a circulação de pessoas – trabalhadores e turistas – e de investimentos na produção.

Regionalização por continentes

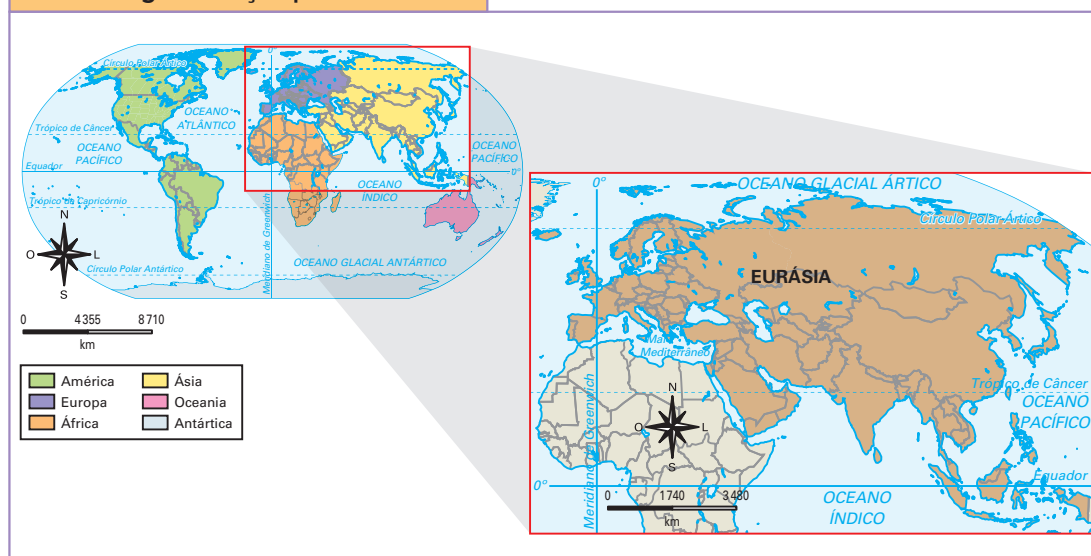
Continente é uma extensa porção de terras contínuas. Como vimos no capítulo 3, o planeta é dividido em seis continentes. Essa divisão está associada a um fenômeno natural (a distribuição das terras emersas), forjado ao longo de milhões de anos pela movimentação das placas tectônicas.

No entanto, essa divisão também está associada a fenômenos humanos, isto é, não deixa de ser também uma convenção construída historicamente.

A Europa e a Ásia, por exemplo, embora tradicionalmente sejam consideradas dois continentes, são terras contínuas. Se observarmos o mapa a seguir podemos perceber que ambas formam uma única porção de terra conhecida como Eurásia. Por que, então, são consideradas dois continentes? Essa divisão é uma convenção que se construiu ao longo da história. Muito antes da expansão marítima do final do século XV, os europeus já costumavam dividir o mundo conhecido por eles entre Ocidente (do latim *occidens*, 'sol poente'), que de maneira geral correspondia à Europa, e Oriente (do latim *oriens*, 'sol nascente'), que correspondia à Ásia. O cristianismo, desde o início de nossa era, e o capitalismo, desde o final da Idade Média, marcaram profundamente a história dos povos europeus e definiram uma particularidade cultural em comparação aos dois outros continentes que compunham o chamado velho mundo: a Ásia e a África.

O fato de os países estarem situados em um mesmo continente, pela proximidade e vizinhança, historicamente incentivou vínculos econômicos, facilitou as trocas comerciais e as migrações (como vimos nos capítulos anteriores), aumentou as afinidades culturais e, por vezes, criou relações de solidariedade, embora, em alguns casos, também de conflitos.

Mundo: regionalização por continentes



Banco de imagens/Arquivo da editora

I Orientações didáticas

Mostre aos alunos que a divisão do planeta por continentes se refere principalmente a uma construção da natureza, isto é, resulta da movimentação das placas tectônicas ao longo de milhões de anos que fragmentou o supercontinente Pangeia. Ressalte que, embora predomine a ação da natureza nessa divisão do planeta, nela também há elementos de convenção histórico-cultural, como é o caso da divisão entre a Europa e a Ásia. Do ponto de vista territorial, ambas fazem parte de um único grande continente, a Eurásia, porém, em virtude de diferenças culturais forjadas ao longo do desenvolvimento histórico, convencionou-se classificar cada uma delas como um continente separado, e são os montes Urais e o rio Ural, na Rússia, que definem o limite entre esses continentes. Por isso, como já foi visto, a Rússia é um país euroasiático, com território nos dois continentes.

Orientações didáticas

Observe o mapa da América com os alunos e oriente-os a identificar a divisão do continente americano em três subcontinentes: duas porções maiores, a América do Norte e a do Sul, ligadas por um istmo, a América Central (discuta com os alunos o significado desse acidente geográfico). O continente também costuma ser dividido em duas regiões: América Anglo-Saxônica e Latina. Questione os alunos sobre os critérios que são considerados nessas duas divisões.

Direcione o olhar dos alunos para a América Central Ístmica, destacando as dimensões das Américas do Sul e do Norte e as dimensões do istmo que liga as duas. Se considerar importante, enfatize a relativa proximidade entre os oceanos Atlântico e Pacífico na região e fale sobre o canal do Panamá, que ficou sob a administração dos Estados Unidos até 1999, os quais estavam interessados em controlar a passagem direta entre o Atlântico e o Pacífico mais próxima de seu território. Esse assunto será aprofundado no estudo da América Central, no capítulo 13.

O QUE É ?

Istmo é uma estreita faixa de terra que liga duas porções maiores de terra, como ocorre na América Central Ístmica, ao ligar a América do Norte à América do Sul. Essa estreita região do continente americano adquire caráter estratégico por facilitar a passagem entre os oceanos Atlântico e Pacífico.

América: regionalização por subcontinentes

Os continentes podem apresentar subdivisões regionais. Observe um exemplo no mapa abaixo, onde se vê a América dividida em América do Norte (com 24,0 milhões de km²), América do Sul (com 17,8 milhões de km²) e o **istmo** que liga esses dois subcontinentes, que juntamente com as ilhas do Caribe formam a América Central (com 0,7 milhão de km²). Essa subdivisão considera o meio físico-natural e as convenções estabelecidas no continente americano.

No mapa também é possível observar outra possibilidade de divisão da América, que leva em conta as características históricas, culturais e econômicas. Nesse caso, os países do continente são agrupados em América Latina e América Anglo-Saxônica (vamos retomar e aprofundar essas características no capítulo 10).

Como podemos perceber, nenhuma regionalização agrupa perfeitamente todos os países do mundo. Sempre haverá um ou outro que não se encaixará muito bem nesta ou naquela regionalização, seja qual for o critério adotado. Diante das dificuldades representadas pelas diversas formas de regionalização que estudamos neste capítulo, esta coleção adotará a tradicional divisão do planeta por continentes. Embora cada continente não forme exatamente uma região (na verdade, há diversas possibilidades de regionalizar cada um dos continentes, como vimos no exemplo da América), o fato de serem terras contínuas (*continens*) facilita a abordagem da Geografia física, humana e econômica.



Fonte: elaborado com base em SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*. 34. ed. São Paulo: Ática, 2013. p. 59; IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 37-41.

EXPLORANDO O MAPA

Observando o mapa, qual é o único país que faz parte tanto da América do Norte como da América Latina?

México.

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

1. a) Essa regionalização é o agrupamento de países considerando certas características comuns a eles. Por exemplo, a regionalização de países por diversos critérios socioeconômicos e políticos definindo o grupo dos países desenvolvidos e dos países em desenvolvimento.

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

1. Retome o que foi visto ao longo do capítulo e, depois, faça o que se propõe.

- Explique a regionalização por países.
- Escolha uma forma de regionalização do mundo apresentada neste capítulo e explique com suas palavras o critério adotado por ela. *Resposta pessoal.*

2. Leia a tirinha abaixo, reveja o mapa da página 80 (“Mundo: regionalização da ONU – 2017”) e depois faça o que é proposto.



QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 5.

- Pesquise na internet e descubra: Qual o nome do cartunista que criou a personagem Mafalda? Em que país ela “vive”? *Quem criou a Mafalda e seus amigos foi o cartunista argentino Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino. Ela “vive” na Argentina.*
- De acordo com a tirinha acima, em sua opinião, quais são as principais características da personalidade da personagem Mafalda? *Mafalda é uma menina curiosa e questionadora.*
- Em sua opinião, o que Mafalda quis dizer quando afirma que os países desenvolvidos “vivem de cabeça pra cima”? Conforme se pode inferir de sua fala, que países “vivem de cabeça pra baixo”? Você concorda com a ironia dela? *Respostas pessoais.*
- Você concorda com a frase a seguir? Comente-a relacionando-a com o que você observou no mapa da página 80, que apresenta a regionalização da ONU, e com a tirinha acima.

Regionalizar o mundo também reflete uma forma de vê-lo e representá-lo.
Resposta pessoal.

Consolidando conhecimentos

2. Ao problematizar a inserção da Argentina e dos países em desenvolvimento no mundo, esta atividade contempla parcialmente a habilidade **EF08GE05** e as competências **CG4** e **CCH7**.

c) As projeções cartográficas mais utilizadas representam o norte na parte de cima do mapa. Como o planeta é um astro esférico e em órbita do Sol no espaço sideral, não existe acima nem abaixo; assim, o fato de o norte aparecer na parte de cima do mapa é apenas uma convenção. Poderia ser o sul para cima ou qualquer outra direção. Como os países desenvolvidos estão em sua maioria no hemisfério norte, eles acabam aparecendo em destaque, ou de “cabeça pra cima”, como disse Mafalda. Disso se pode inferir que os países em desenvolvimento, localizados predominantemente no hemisfério sul, estariam de “cabeça para baixo”. Com isso o cartunista critica ironicamente o “subdesenvolvimento” da Argentina e de outros países na mesma situação.

d) Espera-se que os alunos respondam que concordam, porque qualquer regionalização implica a adoção de determinados critérios para agrupar os países, e isso reflete uma visão de mundo no processo de classificação, que pode valorizar um país ou um grupo de países em detrimento de outros.

Lendo mapas

Esta atividade permite o estudo da divisão regional do continente americano com base em mapas de línguas e religiões, contemplando parcialmente a habilidade **EF08GE19**. Com isso, ela também trabalha as competências **CG4**, **CCH7** e **CEGeo4**.

Discuta com os alunos que, embora o espanhol seja a língua dominante na América Latina, com maior número de falantes, seguida do português, há diversas línguas indígenas faladas na região, algumas das quais correm o risco de desaparecer. O texto a seguir trata das principais línguas indígenas em uso na região.

As línguas indígenas

[...]

- O guarani é a língua mais utilizada, com quase 8 milhões de pessoas que a falam principalmente no Paraguai, mas também no Brasil, Bolívia e Argentina. O povo guarani estende-se na margem do rio Paraná e do El Chaco.
- O quechua ou quichua é uma família de línguas originária dos andes centrais, que se estende pela parte ocidental da América do Sul através de sete países. É falada por mais de 10 milhões de pessoas divididas entre Bolívia, Peru, Equador, Argentina, Colômbia e Chile.
- O aimara é a língua do povo indígena americano da região andina do lago Titicaca. A população falante do aimara ocupa o ocidente da Bolívia, o sul do Peru, o norte do Chile e o norte da Argentina (1,5 milhão de falantes).
- O náhuatl é uma lingual azteca que é falada principalmente por nahuas no México e na América Central. Surgiu no século VII. Com 1,4 milhão de falantes no México, a maioria bilíngue com o espanhol. Seu uso estende-se desde o norte do México até a América Central.
- Línguas mayenses ou mayas, que têm múltiplas variantes. São línguas ameríndias derivadas do tronco mayense, que são faladas principalmente nos estados mexicanos peninsulares de Yucatán, Campeche e Quintana Roo, bem como em menor grau em Belize e no norte da Guatemala. São faladas por cerca de 6 milhões de pessoas).

LENDO MAPAS

Regionalizando a América

Dividir a América em Latina e Anglo-Saxônica é uma possibilidade de regionalizar o continente em que vivemos. Qual é o critério para essa divisão? No caso da América Latina isso criou uma identidade regional. Apesar das diferenças culturais que existem entre os países que pertencem a essa parte do continente (a começar pela língua), há muitas aproximações entre eles devido à história comum de colonização e de enfrentamento com os Estados Unidos, a potência dominante na região.

Observe os dois mapas a seguir e compare-os com o mapa da página 86 ("América: possibilidades de regionalização"). Depois responda às perguntas propostas.

América: principais línguas – 2017



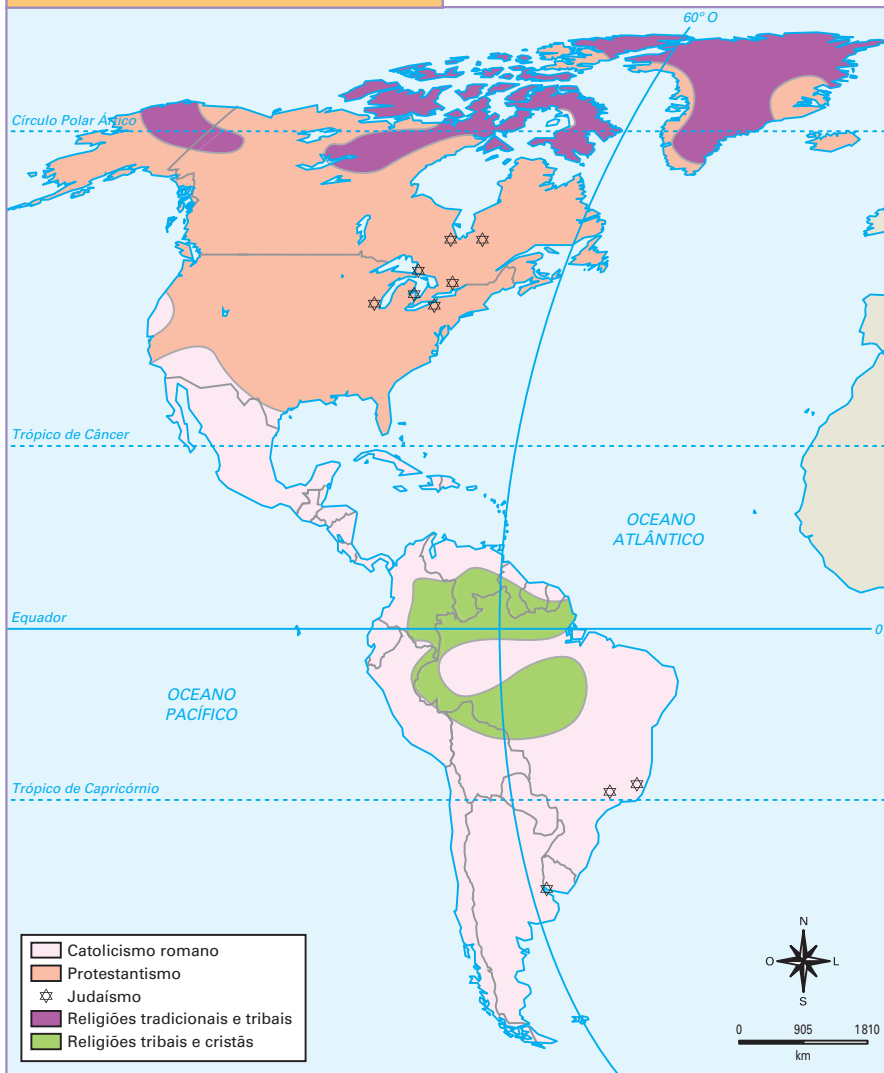
88 | UNIDADE 3 • Desenvolvimento humano e regionalização

- O mapuche ou mapudungun ('o falar da terra') é o idioma dos mapuches, um povo ameríndio que habita o Chile e a Argentina (200.000 falantes).

[...]

IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística. *As línguas da América Latina e sua importância no mundo: espanhol, português e línguas indígenas*. Florianópolis, 31 jan. 2013. Disponível em: <<http://ipol.org.br/as-linguas-da-america-latina-e-sua-importancia-no-mundo-espanhol-portugues-e-linguas-indigenas/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

América: principais religiões – 2017



Fonte: elaborado com base em OXFORD Atlas of the World. 24th ed. New York: Oxford University Press, 2017. p. 93.

Interpretando e comparando mapas

1. Com base nessa análise comparativa, qual é o critério para a divisão regional do continente americano em América Latina e América Anglo-Saxônica?
O critério adotado é histórico-cultural.
2. Tendo em vista o que foi discutido no capítulo 3 (página 46) sobre a generalização em mapas, o que esses mapas não revelam? Devido à escala pequena, o primeiro mapa não mostra, por exemplo, que há uma grande diversidade de línguas faladas na América, muitas herdadas dos primeiros habitantes, anteriores à colonização europeia. No caso das religiões é difícil representá-las devido à sobreposição de diversas crenças num mesmo território.

Lendo mapas

1. Como os mapas desta seção evidenciam, a América Latina foi colonizada predominantemente por países católicos e de línguas neolatinas – Espanha e Portugal – e, por isso, o catolicismo é dominante na região, assim como as línguas portuguesa e espanhola. A América Anglo-Saxônica foi colonizada predominantemente por britânicos, que trouxeram o protestantismo e a língua inglesa. Além disso, o modelo de colonização acabou forjando outra divisão ao longo da história: a América Latina é composta de países em desenvolvimento e a América Anglo-saxônica, de países desenvolvidos.
2. Assim como existem diversas línguas indígenas, há uma variedade de religiões, que no mapa são chamadas de tribais e são praticadas pelos povos originários.

Objetivos da Unidade

Ao final desta unidade, espera-se que os alunos sejam capazes de:

- ter uma visão panorâmica da África, compreendendo sua divisão regional e os critérios étnico-culturais apresentados;
- conhecer aspectos do relevo africano e relacioná-los aos eventos tectônicos;
- conhecer a hidrografia do continente, associando-a ao relevo e ao clima, e o potencial de uso das águas dos rios;
- perceber a distribuição simétrica dos tipos climáticos e das principais formações vegetais da África;
- entender a distribuição da população no território africano e identificar os países mais populosos e povoados e as principais cidades;
- conhecer a classificação dos países com base no IDH e associar as últimas colocações dos países africanos aos seus graves problemas sociais;
- compreender os motivos dos conflitos armados e relacioná-los com a perpetuação da pobreza;
- conhecer o significado de “Estado predatório”, reconhecer o apoio dos Estados Unidos e da União Soviética a ditaduras e analisar criticamente os interesses das potências nesse regime;
- perceber que a economia africana é fortemente baseada na agricultura e na mineração, e que suas exportações são muito dependentes de produtos primários;
- entender que o processo de industrialização é pouco desenvolvido no continente;
- ter ciência de que a África recebe poucos investimentos estrangeiros e esse fluxo é concentrado em poucos países, especialmente nos que têm petróleo;
- compreender os investimentos chineses e brasileiros na África.

UNIDADE

4

ÁFRICA



Competências da BNCC mobilizadas na Unidade

Competência Geral (CG)

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Competências de Ciências Humanas (CCH)

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.

Nesta unidade você vai estudar as características físicas e ambientais do continente africano e reconhecer como a sua localização no globo terrestre influencia as paisagens dessa porção do planeta. Estudará também as características da sociedade e da economia dos países que o compõem. Para começar, converse com os colegas sobre o que vocês conhecem dos países desse continente. Depois observem a fotografia. A imagem vai ao encontro do que foi discutido por vocês?

saad bakhouche/Shutterstock



Luanda, capital de Angola, em 2017.

91

I Orientações didáticas

Para despertar o interesse dos alunos pelo tema que será estudado nesta unidade e investigar seus conhecimentos prévios, pergunte o que sabem e pensam sobre a África. Questione o que lhes vem à cabeça quando pensam nesse continente. Sintetize na lousa as ideias dos alunos para construir um mosaico da imagem da África que eles trazem. Caso surjam preconceitos e estereótipos, problematize-os ao longo do estudo do capítulo. Veja o que os alunos pensam sobre as principais paisagens do continente e pergunte quais eles já viram ou conhecem. Seria interessante pedir a eles que tragam de casa imagens da África para serem discutidas e comparadas com esta que abre a unidade. Proponha que observem a cidade que aparece na fotografia e, em seguida, pergunte a eles: Vocês associaram essa imagem à África? Por quê? Em seguida, peça que leiam a legenda para identificar a cidade e o país.

Se julgar conveniente, converse um pouco mais com os alunos sobre Angola, país que tem uma herança comum com o Brasil porque também foi colonizado por Portugal e, consequentemente, tem o português como língua oficial. Assim como o Brasil, Angola é membro da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Sugestão de aprofundamento

Para obter mais informações sobre a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, acesse o *site* da CPLP.

CPLP. Disponível em: <www.cplp.org>. Acesso em: 11 out. 2018.

► Competências Específicas de Geografia (CEGeo)

1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.
4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.

5. Desenvolver e utilizar processos, práticas e procedimentos de investigação para compreender o mundo natural, social, econômico, político e o meio técnico-científico e informacional, avaliar ações e propor perguntas e soluções (inclusive tecnológicas) para questões que requerem conhecimentos científicos da Geografia.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE05 Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra.

EF08GE13 Analisar a influência do desenvolvimento científico e tecnológico na caracterização dos tipos de trabalho e na economia dos espaços urbanos e rurais da América e da África.

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

EF08GE20 Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.

Orientações didáticas

Comente com os alunos que, desde 1976, o movimento Frente Polisário luta para unificar o Saara Ocidental sob seu controle, o que significa retomar a parte que é controlada pelo Marrocos desde a saída dos espanhóis e obter reconhecimento internacional pleno. O governo da República Árabe Saaraui Democrática (RASD) está sediado na cidade de Bir Lehlou, localizada no nordeste do Saara Ocidental, perto da fronteira com a Mauritânia. Retome os conceitos de Estado, nação, território e governo e peça aos alunos que os relacionem ao conflito. Dessa forma, a habilidade **EF08GE05** será trabalhada.

Ao explorar o mapa da divisão política e regional da África com os alunos, comente que a regionalização é utilizada pelo Banco Mundial para a produção de dados estatísticos sobre o mundo, como vimos no estudo das regionalizações no capítulo 6 (peça aos alunos que revejam

7

CAPÍTULO

Vamos tratar de:

- Limites territoriais da África
- Relevo, fenômenos tectônicos e hidrografia
- Clima e vegetação

O QUE É ?

O Saara Ocidental não é um país independente e soberano. Parte de seu território está sob controle do Marrocos e parte sob o controle do movimento independentista Frente Polisário. Em 1976, quando esse território se libertou do domínio espanhol, a Frente Polisário, que lutava contra a dominação espanhola, proclamou a República Árabe Saaraui Democrática (RASD).

Fonte: elaborado com base em IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 45; ATLAS of Global Development. 4th ed. Glasgow: Collins; Washington, D.C.: The World Bank, 2013. p. 8-9.

África: aspectos físicos e ambientais

O continente africano abriga 54 países independentes (e o Saara Ocidental) e ocupa uma área de 30,2 milhões de quilômetros quadrados, o que corresponde a 20,1% das terras emersas do planeta.

Observe no mapa abaixo a divisão política da África. Veja também que o continente pode ser dividido em duas grandes regiões, com características naturais e culturais bastante distintas, como veremos neste capítulo.

África: divisão política e regional – 2018



EXPLORANDO O MAPA

Que regionalização do continente africano foi utilizada no mapa? Você já a viu antes?

Norte da África e África subsaariana. Resposta pessoal.

o mapa na página 83). Ela é também utilizada pela Divisão de Estatística da ONU. Ao apresentar esse mapa aos alunos certifique-se de que eles não estabeleçam estereótipos: a divisão Norte/Subsaariana pode levar a preconceitos e tipificação África branca/África negra.

Explore o mapa com os alunos. Comente que o canal de Suez liga o mar Mediterrâneo ao golfo de Suez, no mar Vermelho, e é particularmente importante porque representa o limite entre a África e a Ásia. Assim, uma pequena parte do território do Egito, a península do Sinai, situa-se na Ásia, especificamente no Oriente Médio. O ca-

nal é artificial e tem 163 quilômetros de extensão. Foi construído entre 1859 e 1869 por uma companhia anglo-francesa (na época, o Egito era colônia inglesa) para encurtar a rota de navegação entre a Europa e a Ásia. Com isso, tornou-se um ponto estratégico regional e uma rota de comércio internacional importante.

O estreito de Gibraltar é outro ponto estratégico para o comércio internacional, pois é a única ligação entre o mar Mediterrâneo e o oceano Atlântico e é a separação natural entre o continente europeu e o africano. Apenas 13 km separam a Espanha, na Europa, ►

Norte da África

A paisagem da região norte da África é dominada pela presença do deserto do Saara e do clima árido. Em termos culturais, é marcante a influência árabe. A maioria dos habitantes dos países que se localizam na região – Egito, Líbia, Argélia, Tunísia e Marrocos – adotou o islamismo como religião e fala variantes regionais do árabe, línguas berberes e diversos dialetos; são faladas também línguas dos colonizadores, como o francês na Argélia. Essa influência cultural vem desde o século VII, quando o **império árabe**, em expansão territorial, ocupou toda essa região. Observe o mapa abaixo.

O QUE É ?

O **império árabe** era também chamado de califado. Califa (do árabe *khalifa*, que significa 'sucessor') era o líder político e religioso tido como herdeiro do profeta Maomé (570-632), o fundador do islamismo. Abu Bakr foi o primeiro califa e o responsável pelo início das conquistas territoriais do império árabe a partir de 632.



Costuma-se também considerar uma subdivisão regional na África do norte: a Argélia, a Tunísia e o Marrocos formam o Magreb (do árabe, que significa 'onde o Sol se põe'), a porção mais ocidental do mundo árabe, uma região marcada pela presença da cadeia do Atlas na fachada litorânea. Essa cordilheira barra a entrada da massa de ar que vem do mar e concentra a umidade na faixa litorânea, onde o clima é mediterrâneo. Observe o mapa ao lado.

Fonte: elaborado com base em IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 45.



Orientações didáticas

Explore o mapa da expansão árabe com os alunos para que percebam que o antigo império árabe se expandiu a partir da península Arábica, onde surgiu e se estruturou, e conquistou territórios em todo o Oriente Médio, passando pelo norte da África e chegando até a península Ibérica, na Europa. Isso explica por que o norte da África tem uma influência cultural árabe muito forte até os dias de hoje. O árabe é a língua oficial dos países da região e falada pela maioria da população, embora também se fale berbere e dialetos derivados de ambas, além das línguas dos países europeus que colonizaram a região: francês, inglês, espanhol e italiano. A religião predominante também é uma herança que a expansão árabe deixou: a maioria dos habitantes da região segue o islamismo, é muçulmana. É importante, desde já, chamar a atenção dos alunos para o fato de que nem todo árabe é muçulmano e nem todo muçulmano é árabe (isso será retomado na unidade sobre a Ásia). No norte da África há povos locais, como os berberes, que falam sua própria língua, mas se converteram ao islamismo a partir da ocupação árabe. Ressalte que, assim como ocorre no Oriente Médio, ali também há árabes e berberes que seguem diferentes correntes do cristianismo: católicos, coptas, ortodoxos, entre outros, embora sejam minoritários.

► do Marrocos, na África. Em virtude da intensificação do fluxo de mercadorias entre os dois continentes, foi desenvolvido um projeto para ligar esses dois países por meio de um túnel ferroviário de 39 quilômetros de extensão (28 km dos quais sob o mar Mediterrâneo). A sondagem geológica já foi feita e os governos espanhol e marroquino projetam concluir o túnel em quinze anos, a contar do início das obras.

I Orientações didáticas

Comente com os alunos que o mapa da Nigéria dá apenas uma noção da distribuição de etnias e religiões pelo país, em virtude da escala.

Peça que observem a distribuição das religiões e percebam que o islamismo predomina no norte do país, onde, historicamente, recebeu mais influência árabe e berbere, e o cristianismo no sul, em razão da maior influência europeia [a Nigéria foi colonizada pelo Reino Unido]. Entre as religiões predominantes, há o animismo, uma crença nativa, porém minoritária no país. Aproveite para discutir o significado de animismo, que consta no glossário da página a seguir.

Informe os alunos de que, segundo o *World Factbook 2018*, além dos hauça e fulani, grupos étnicos dominantes, os ioruba representam 21% da população do país; os ibo, 18%; os ijo, 10%; os kanuri, 4%; e os ibíbio, 3,5%.

África subsaariana

A paisagem da África subsaariana é marcada pelas grandes extensões de savanas e de florestas, apesar de haver desertos em sua porção meridional, como o Kalahari, no sudoeste do continente.

Do ponto de vista étnico, com exceção de poucas concentrações de população branca descendente dos colonizadores europeus, essa região da África é composta majoritariamente de população negra de diversas etnias.

Em Angola, por exemplo, há 10 etnias, com destaque numérico para os ovibundos (37% da população) e quimbundos (25%). Esses povos foram trazidos para o Brasil no período da escravidão e deram importante contribuição à cultura brasileira. Na África do Sul, existem 11 etnias, entre as quais estão os zulus e os xhosas, as duas mais numerosas. Nelson Mandela (1918-2013), o primeiro presidente negro do país, era da etnia xhosa.

Na Nigéria, o país africano mais populoso (em 2017, segundo o Banco Mundial, eram 191 milhões de habitantes), coexistem mais de 250 etnias, com destaque para o grupo hauça e fulani, que perfazem 29% da população. Observe as principais etnias e religiões da Nigéria no mapa abaixo.



Observando o mapa da página anterior é perceptível o predomínio do islamismo no país, sobretudo no norte (ele é adotado por 50% dos nigerianos). No sul, muitos dos habitantes são cristãos, religião seguida por cerca de 40% da população. Os outros 10% praticam **religiões animistas**, adotadas por diversos grupos étnicos do país. Muitos iorubas, por exemplo, são animistas, mas, de forma **sincrética**, agregam elementos das outras duas religiões.



STEFAN HEUNIS/Agência France-Press

O festival de máscaras Eyo, realizado em Lagos, na Nigéria, é uma manifestação cultural e religiosa dos iorubas. Fotografia de 2017.

No período colonial (entre os séculos XVI e XIX), muitos iorubas foram escravizados e trazidos para a América. No Brasil, eles eram chamados de nagôs e foram responsáveis pela introdução do candomblé, religião afro-brasileira seguida por parte da população brasileira. O candomblé possui elementos animistas (os orixás, por exemplo, os deuses dessa religião, representam diversos elementos da natureza), mas de maneira sincrética, porque também incorporou elementos do cristianismo (os orixás, por exemplo, são associados aos santos católicos).

VAMOS PESQUISAR: contribuições africanas para o Brasil

1. Organizados em grupos e sob orientação do professor, pesquisem em livros e na internet (veja uma indicação ao lado) as contribuições africanas para a cultura brasileira na língua, na religiosidade, na culinária, na música, entre outras possibilidades.
2. Procurem também reconhecer essas contribuições no lugar onde vivem. Se possível, conversem com moradores, especialmente os afrodescendentes, para verificar se eles podem ajudar na compreensão dessa herança cultural.
3. Após o desenvolvimento da pesquisa, reúnam o material coletado e organizem uma exposição para mostrar suas descobertas aos colegas.

religião animista: religião segundo a qual os deuses materializam-se nos elementos do cosmos (Sol, Lua, etc.), da natureza (rios, montanhas, etc.), ou nos fenômenos naturais (chuva, vento, etc.). Para seus seguidores, a natureza possui *anima* ('alma', em latim).

sincretismo: do ponto de vista religioso, indica a fusão de princípios, cultos ou doutrinas de religiões diferentes, reinterpretando seus elementos e atribuindo novos sentidos a eles.

NA ESTANTE

SOUZA, Marina de Mello. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2007.

Obra singular que conta a história dos africanos que vieram para o Brasil, contribuindo para a formação do país.

NA REDE

Portal da Cultura Afro-brasileira

Este portal traz informações interessantes que podem contribuir para a pesquisa proposta. Disponível em: <www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/2_1.php>. Acesso em: 10 ago. 2018.

Vamos pesquisar

O desenvolvimento desta atividade mobiliza as competências **CG9** e **CCH1** e contempla os seguintes temas contemporâneos propostos na BNCC: educação em direitos humanos, educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena.

Oriento os alunos no desenvolvimento da pesquisa para que utilizem informações confiáveis. O portal da cultura afro-brasileira, indicado nesta página, traz muitas informações que podem contribuir para o trabalho.

Espera-se que os alunos descubram e sintetizem a rica contribuição para a cultura brasileira aportada pelos povos africanos que para cá foram trazidos, percebam a enorme diversidade cultural da sociedade brasileira e valorizem e respeitem essa diversidade. Há diversas palavras do português que têm origem africana: acarajé, angu, batuque, berimbau, cafuné, dendê, fubá, samba, vatapá, entre muitas outras.

Os alunos também podem pesquisar as religiões afro-brasileiras, cujas principais são o candomblé e a umbanda.

Há também diversos pratos trazidos pelos povos africanos que vieram para o Brasil e depois foram ressignificados: feijoada, acarajé, vatapá, entre outros.

A rica música brasileira também é permeada por contribuições africanas, principalmente o samba. Há ainda instrumentos musicais trazidos pelos africanos, como o berimbau e o agogô, entre outros. A capoeira, uma arte marcial afro-brasileira, utiliza o berimbau para marcar os cânticos e os movimentos.

Ao final, organize um debate entre a turma para que cada grupo exponha suas descobertas e conclusões.

Esta atividade permite a realização de abordagens interdisciplinares com História, ao retomar o processo de transferência de povos africanos para o Brasil, com Língua Portuguesa, ao estudar as contribuições de línguas africanas para o português falado no Brasil, e com Arte, ao estudar as contribuições artísticas trazidas pelas culturas africanas.

Sugestão de aprofundamento

Para saber mais sobre palavras de origem africana, consulte e, se julgar conveniente, compartilhe com os alunos a lista publicada no site do Geledés Instituto da Mulher Negra.

Disponível em: <www.geledes.org.br/palavras-de-origem-africana-usadas-em- nosso-vocabulario>. Acesso em: 11 out. 2018.

Orientações didáticas

Explore o mapa físico da África e peça aos alunos que expressem suas considerações sobre as informações representadas e levantem hipóteses que expliquem as maiores elevações em algumas áreas. Proponha, por exemplo, que observem as altitudes do continente e pergunte: Onde estão as montanhas mais elevadas? O que poderia determinar essa localização? Proponha também que identifiquem as nascentes dos principais rios e o local onde eles deságuam. Em seguida, pergunte: Que trechos do curso dos rios são mais favoráveis para a produção de energia elétrica e para a navegação?

Relevo e hidrografia

O relevo da África é predominantemente planáltico, com uma altitude média de cerca de 700 metros. É formado por terrenos de idade geológica antiga (cerca de 2,5 bilhões de anos), já bastante desgastados pelos processos erosivos. O fato de todo o continente pertencer à mesma placa tectônica (placa Africana; observe no mapa da página a seguir que a África está no centro dela) e grande parte de sua borda estar distante da costa, contribui para isso. No entanto, existem algumas áreas com maiores elevações, como a cadeia do Atlas. O que explica isso? Observe o mapa abaixo e o mapa da página seguinte.



As principais placas tectônicas



Fonte: elaborado com base em CHARLIER, Jacques (Dir.). *Atlas du 21^e siècle 2012*. Groningen: Wolters-Noordhoff. Paris: Editions Nathan, 2014. p. 178.

Apesar do predomínio de planalto com altitudes não muito elevadas, no norte do continente há cadeias montanhosas formadas por dobramentos modernos, como a cadeia do Atlas, resultado do encontro da placa Africana com a placa Euro-Asiática. Também a nordeste, encontra-se o planalto dos Grandes Lagos, região de encontro de placas menores, mas de intensa atividade tectônica (observe o mapa da página seguinte). Nessa área se encontram as terras mais altas do continente, com destaque para o monte Quilimanjaro, de origem vulcânica.

O monte Quilimanjaro está localizado na Tanzânia, próximo à fronteira com o Quênia, em um parque nacional considerado patrimônio da humanidade pela Unesco. É um vulcão inativo com 5 892 metros de altitude, o mais alto da África. Apesar de estar na zona tropical do planeta, devido à altitude elevada, seu topo é coberto de neve.

Segundo um estudo publicado nos Anais da Academia Nacional de Ciências (Estados Unidos), a cobertura de gelo do monte Quilimanjaro reduziu cerca de 85% entre 1912 e 2007. Alguns cientistas apontam que o derretimento da neve resulta do aquecimento global, mas não há consenso sobre isso.

Monte Quilimanjaro, na Tanzânia (África), em 2018.



V. GIANNELLA/De Agostini/Getty Images

Orientações didáticas

A bela paisagem do Quilimanjaro inspirou a literatura e o cinema. Em 1926 o escritor americano Ernest Hemingway escreveu um conto cujo título é “As neves do Kilimanjaro” [esse conto compõe o livro indicado no boxe **Na estante**], que em 1952 se tornou um filme homônimo de muito sucesso.

Leia o texto *O passado geológico e o seu papel no continente*, na página XXXI, extraído do livro indicado a seguir.

Sugestão de aprofundamento

O livro *Memória d'África*: a temática africana em sala de aula aborda o continente africano de forma interdisciplinar e desvenda diversos aspectos históricos, geográficos, sociológicos e antropológicos. Voltado, sobretudo, para professores de Geografia e História, preocupa-se em romper com mitos e preconceitos que ainda dificultam a compreensão adequada da situação da África e de seu papel no mundo atual.

WALDMAN, M; SERRANO, C. *Memória d'África*: a temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.

NA ESTANTE

HEMINGWAY, Ernest. *As neves do Kilimanjaro e outros contos*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011.

As neves do Kilimanjaro narra a história de Harry, um escritor que é ferido na perna durante uma viagem pela África. Enquanto aguarda o socorro sob o pé da montanha, Harry faz uma reflexão sobre sua vida.

Orientações didáticas

Explore com os alunos os mapas de placas tectônicas na região da África. Peça que observem o mapa-múndi da página anterior e oriente-os a perceber que em um mapa de escala muito pequena não é possível ver o sistema de falhas existente no leste da África. Embora o continente africano esteja no centro de uma grande placa tectônica, o que lhe assegura uma predominância de planaltos antigos e desgastados, há montanhas muito elevadas associadas ao sistema de falhas do leste do continente. Proponha aos alunos que observem as falhas no mapa de detalhe, feito em uma escala um pouco maior. Explore com eles a ilustração “Processo de formação do Great Rift Valley” para mostrar a formação do grande vale de fenda na região.

Por fim, os alunos devem perceber que também há montanhas altas no norte, como a cadeia do Atlas, associadas ao encontro da placa Africana com a Euro-Asiática.

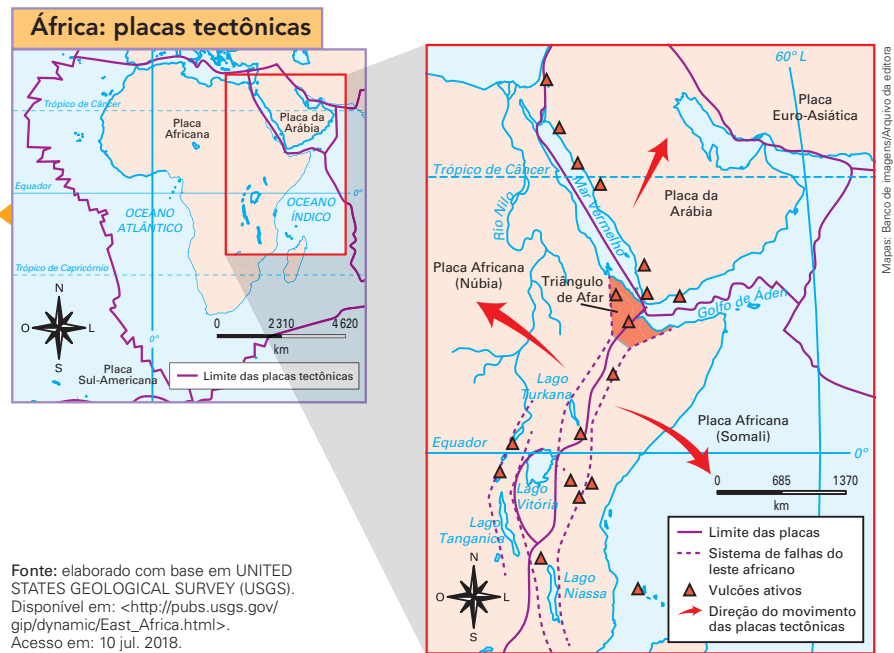
Tectonismo

O mapa abaixo apresenta a porção nordeste da placa Africana. Observe que ela se divide em duas placas menores (a Núbia e a Somali), que se deslocam em sentido contrário. Esse deslocamento deu origem a uma intensa atividade vulcânica, que fez surgir as altas montanhas do leste africano e, ao mesmo tempo, as enormes falhas tectônicas (Great Rift Valley) que deram origem aos Grandes Lagos, como o Vitória e o Tanganica. Observe esse processo na ilustração a seguir.

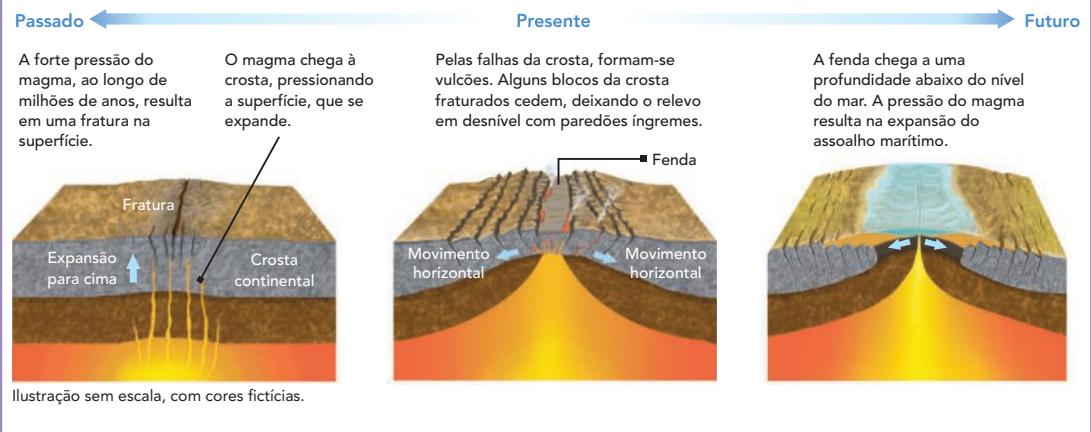
O QUE É ?

O **Great Rift Valley** (ou ‘grande vale de fenda’) corresponde ao estágio inicial de ruptura da placa Africana e à formação de um novo oceano – processo que se iniciou há cerca de 15 milhões de anos.

Observe o Triângulo de Afar, região que abriga os limites de três placas tectônicas que estão se afastando entre si: a placa da Arábia e as duas partes da placa Africana (a Núbia e a Somali).



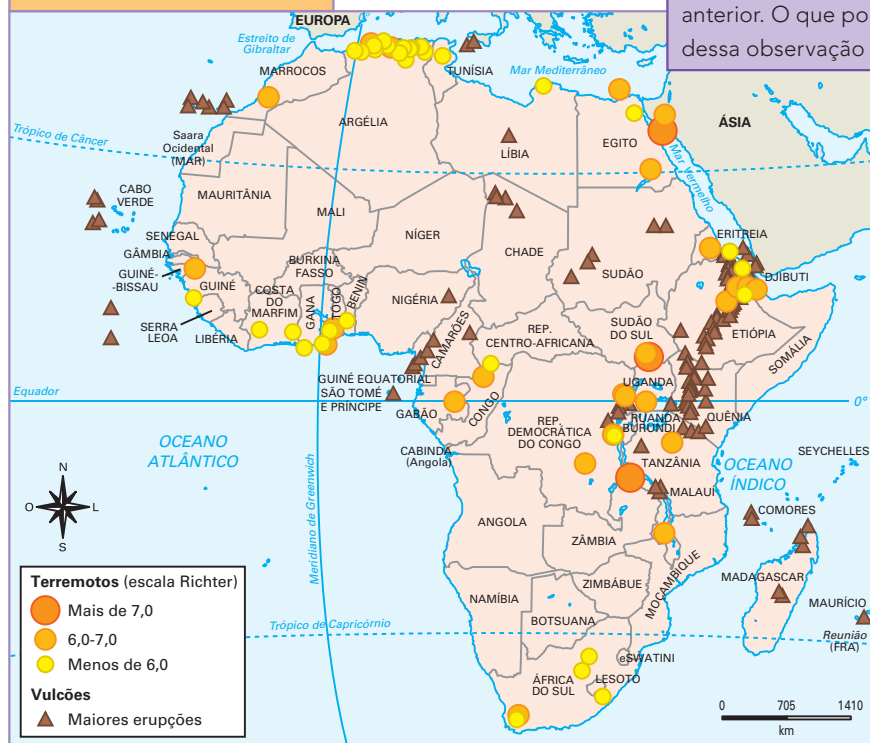
Processo de formação do Great Rift Valley



Fonte: elaborado com base em PRESS, Frank et al. *Para entender a Terra*. Porto Alegre: Bookman, 2006. p. 220.

Se esse deslocamento continuar ocorrendo, após milhões de anos a placa Somali poderá se desprender da porção maior da placa Africana e dar origem a uma grande “ilha” no oceano Índico. Em razão dessa atividade tectônica, a África oriental está sujeita a terremotos e atividade vulcânica, como se pode constatar no mapa a seguir.

África: eventos tectônicos



EXPLORANDO O MAPA

Compare este mapa com o da página anterior. O que podemos concluir dessa observação sobre tectonismo?

A zona de maior instabilidade tectônica, com a ocorrência da maioria dos vulcões e de terremotos, coincide com o sistema de falhas localizado no leste da África, (o Great Rift Valley).

Orientações didáticas

Ajude os alunos a comparar o mapa que mostra os eventos tectônicos com os mapas das placas tectônicas e do sistema de falhas do leste africano, na página anterior. Espera-se que eles identifiquem que a região de maior instabilidade geológica e, portanto, mais sujeita à ocorrência de vulcões e de terremotos, inclusive os de magnitude mais elevada, é o leste do continente. Nessa região há um extenso sistema de falhas, o grande vale de fenda, e também as maiores altitudes do continente, onde se destaca o monte Quilimanjaro. Estimule-os a perceber, ainda, que a segunda área mais instável do continente coincide com a cadeia do Atlas, exatamente no encontro das placas tectônicas Africana e Euro-Asiática.

Fonte: elaborado com base em NATIONAL Geographic Visual of the World Atlas. Washington: National Geographic, 2009. p. 214.

Pajac Slovinsky/Shutterstock

Vista panorâmica do Great Rifty Valley no Quênia, em 2017.



Orientações didáticas

Ao analisar aspectos da utilização dos recursos hídricos pela sociedade, este conteúdo contribui para o desenvolvimento da habilidade **EF08GE20** e mobiliza a competência **CCH3**, além da **CEGeo1**, da **CEGeo4** e da **CEGeo5**.

Se considerar conveniente, ao explorar a fotografia sobre o vazamento de petróleo no rio Níger, compartilhe com os alunos as informações do texto a seguir, que analisa esse problema.

Nigéria e a sua política do petróleo

Os peixes mortos se acumulam nas margens outrora férteis dos braços d'água que se estendem ao redor de Bodo, uma cidadezinha no Delta do Rio Níger, onde são onipresentes as marcas deixadas por dois enormes derramamentos de petróleo, ocorridos há mais de seis anos. Só agora a Shell, responsável pelos vazamentos, começou a indenizar os moradores do lugar. Pela primeira vez, desde 2008, os pescadores locais têm dinheiro para abrir novos negócios, reparar suas casas e mandar seus filhos para a escola. Mas, para a maioria dos outros habitantes dessa área do delta em que predomina a etnia ogoni, seria bem melhor que a Nigéria nunca tivesse encontrado petróleo em seu território.

“Olha só”, diz o chefe do vilarejo B-Dere, a poucos quilômetros de Bodo. Ele aponta para as ribanceiras tingidas do preto fúnebre deixado pelas manchas de óleo. “Não tem nada para beber, não sobrou lugar para pescar. O que é que a gente ganhou com isso?”

[...]

A Nigéria produz cerca de 2 milhões de barris de petróleo por dia. Daí sai a maior parte das exportações do país e cerca de 70% das receitas do governo. Mas os números oficiais são tão turvos quanto as águas poluídas do delta do Níger. O volume produzido só é contabilizado nos terminais de exportação, e não na cabeça dos poços, diz Celestine AkpoBari, da ONG Social Action, com sede na cidade de Port Harcourt, a maior da região. Se a medição fosse feita de maneira correta, diz ele, a corrupção viria à tona numa escala capaz de escandalizar até o mais cínico dos nigerianos.

Vazamento de petróleo de refinaria ilegal no delta do rio Níger (Nigéria), em 2017.

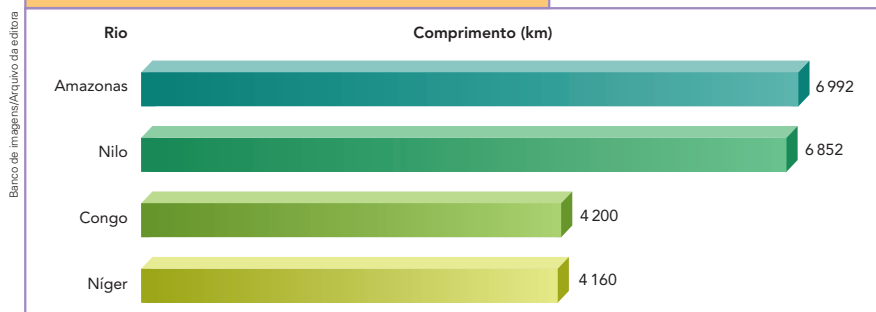


STEFAN HEUNIS/Agência France-Press

Rede hidrográfica

As montanhas e os planaltos interiores formam os principais divisores de água do continente e delimitam as maiores bacias hidrográficas. A maioria dos rios corre para o mar, como o Nilo, o Congo e o Níger, que são os mais extensos do continente. Observe no gráfico a extensão deles (e uma comparação com o rio Amazonas, o mais extenso do mundo) e observe a sua localização no mapa físico da África (página 96). Dos rios que correm para o interior do continente, destaca-se o Okavango.

Rios mais extensos da África e o Amazonas



Fonte: elaborado com base em ATLAS National Geographic: África I. São Paulo: Abril, 2008. v. 9. p. 12-13; INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (Inpe). Notícias. Estudo do Inpe indica que o rio Amazonas é 140 km mais extenso do que o Nilo. 1ª jul. 2008. Disponível em: <www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=1501>. Acesso em: 10 ago. 2018.

A bacia do rio Congo abrange o território de diversos países na África Central, com destaque para a República Democrática do Congo. Esse rio e sua bacia hidrográfica ficam em uma região de elevada pluviosidade, por isso é o segundo do mundo em volume de água, só atrás do rio Amazonas. Apesar do elevado potencial hidrelétrico, especialmente no alto curso, no planalto dos Grandes Lagos, ainda é pouco explorado.

O rio Níger também percorre diversos países até chegar à Nigéria (o país mais populoso da África) e desaguar no oceano Atlântico, no golfo da Guiné. Esse rio atravessa regiões com elevada densidade demográfica e, na África, é um dos que mais sofrem com a poluição, causada por lançamentos de esgotos residenciais e industriais. Outro grande foco de poluição é o derrame de petróleo, sobretudo na região do delta do Níger, vazado de oleodutos de empresas petrolíferas estrangeiras. Observe a foto ao lado.

Tudo indica que são desviados diariamente mais de 100 mil barris de óleo cru, a um custo, para os cofres públicos e para os investidores privados, de bilhões de dólares por ano. Por trás dos intrincados cartéis que desviam, refinam ilegalmente e comercializam esses barris de petróleo, estariam políticos, funcionários de petrolíferas e membros das forças de segurança. Eles acumularam um patrimônio inimaginável num país de pobreza generalizada.

O dinheiro sujo do petróleo contamina quase todos os níveis dos setores público e privado. Apesar disso, o centro do problema está no Ministério do Petróleo, que exerce sua ampla autoridade sem

nenhuma transparência. A gigante estatal Nigerian National Petroleum Corporation (NNPC) é responsável por todas as áreas do setor, incluindo exploração, produção e regulamentação.

“É uma das companhias de petróleo mais fechadas do mundo, e não presta contas a ninguém”, diz Inemo Samiama, presidente da ONG Stakeholder Democracy Network.

[...]

Nigéria e a sua política do petróleo. *O Estado de S. Paulo*. 29 mar. 2015. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,nigeria-e-a-sua-politica-do-petroleo-imp-,1659940>>. Acesso em: 11 out. 2018.

O rio Nilo, com seus 6 852 quilômetros de extensão, desde a nascente no lago Vitória até a foz no mar Mediterrâneo (no Egito), é o segundo mais longo do mundo (só perde para o Amazonas, 140 quilômetros mais extenso). O Nilo nasce em uma região de clima tropical, onde o verão é chuvoso, e recebe muita água, sobretudo de seus afluentes que nascem no planalto da Etiópia. Esse rio é muito importante porque atravessa o deserto do Saara e suas águas são utilizadas para navegação, irrigação e geração de energia nos países abrangidos por sua bacia.



Desde a Antiguidade, as águas do Nilo são usadas para a irrigação, e as chuvas de verão provocavam cheias que fertilizavam naturalmente o solo de suas margens com a deposição de sedimentos orgânicos, favorecendo a prática da agricultura. No período da seca, porém, o volume de água era insuficiente. A construção de barragens, como a de Assuã, no Egito, além de gerar energia hidrelétrica, permitiu controlar o nível das águas, tornando seu fluxo mais constante ao longo do ano e favorecendo a irrigação.

A usina de Assuã, inaugurada em 1970 e com capacidade instalada de 2 100 MW, durante muito tempo foi a maior hidrelétrica africana. Atualmente, está em construção a Grande Barragem do Renascimento Etíope, localizada no rio Nilo Azul, afluente do rio Nilo, em território da Etiópia, com capacidade instalada de 6 450 MW. Essa usina, que será a maior da África, fica perto da fronteira com o Sudão, um dos países que também devem se beneficiar da energia elétrica produzida. No entanto, a enorme represa necessária para o funcionamento das turbinas reterá maior quantidade de água em uma das cabeceiras da bacia do rio Nilo, o que em época de seca poderá fazer falta ao Sudão e sobretudo ao Egito, que está mais perto da foz e tem a maior parte do território no deserto. Esses países da bacia do Nilo precisam gerir seus recursos hídricos de forma combinada e equilibrada para evitar futuros conflitos pelo uso da água.

Na África já há um exemplo de gestão compartilhada das águas de um rio e sua bacia hidrográfica: trata-se da Comissão Permanente das Águas da Bacia Hidrográfica do Rio Okavango (OKACOM). Essa comissão foi criada em 1994 por Angola, Namíbia e Botsuana para gerir os recursos hídricos do rio Okavango, que atravessa seus territórios. Durante muito tempo a guerra civil em Angola (1975-2002) limitou as atividades da OKACOM, e só após a assinatura do acordo de paz os membros dessa comissão puderam ter segurança para desenvolver seu trabalho.

“O Egito é uma dádiva do Nilo.” Essa famosa frase, atribuída ao historiador grego Heródoto, no século V a.C., evidencia que a civilização egípcia desenvolveu-se, na Antiguidade, no vale desse rio graças a suas águas. Como se observa nesta foto aérea, uma estreita faixa de solo às margens do Nilo é ocupada com agricultura e cidades; além dela está a aridez do deserto do Saara. Imagem obtida por satélite em 2018.

Atividade complementar

Proponha aos alunos que façam uma pesquisa sobre a cooperação dos países da bacia do rio Okavango com base nas informações disponíveis no [site](#) sugerido a seguir, da Comissão Permanente das Águas da Bacia Hidrográfica do Rio Okavango (Okacom), entidade criada para esse fim.

Após a exploração do material, peça aos alunos que investiguem:

- rios que, como o Okavango, sejam transnacionais, isto é, que atravessem o território de dois ou mais países, e escolham um para aprofundar a pesquisa (uma pesquisa interessante seria sobre o rio Nilo, cuja bacia abrange os territórios da Etiópia, do Sudão e do Egito, entre outros países menores);
- os usos das águas dos rios e como isso é combinado entre os países que têm território na bacia hidrográfica (por exemplo, o uso das águas do Nilo para produção de energia, navegação e irrigação entre os países mencionados no item a);
- os problemas que precisam ser enfrentados conjuntamente por eles, como o controle do fluxo das águas e sua utilização para diversos fins;
- se existe alguma comissão semelhante à Okacom para o rio pesquisado e qual é seu papel.

Solicite aos alunos que elaborem um texto apresentando a conclusão de suas pesquisas.

Sugestão de aprofundamento

Para obter mais informações (em português) sobre a bacia hidrográfica do rio Okavango, a atuação da Okacom e de seus parceiros, acesse o [site](#) da comissão.

OKACOM. Disponível em: <www.okacom.org>. Acesso em: 11 out. 2018.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para trabalhar a sequência didática sobre as principais hidrelétricas da África.

I Orientações didáticas

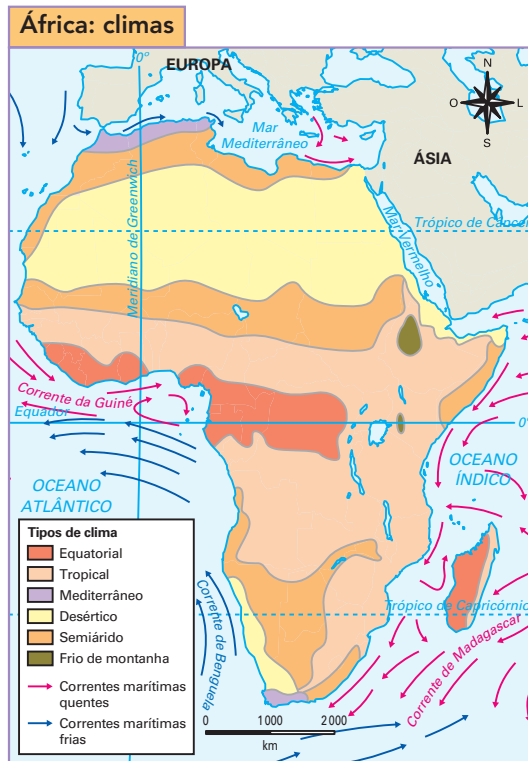
Explore com os alunos os mapas de clima e de vegetação da África. Peça que estabeleçam uma comparação entre os mapas e associem cada tipo de vegetação a um clima. Espera-se que eles indiquem que o fator que mais influencia nas formações vegetais são os climas, seguidos pelos solos, embora isso não possa ser observado no mapa.

Os alunos devem perceber que existe uma simetria climatobotânica no continente africano – essa questão será explorada na seção **Consolidando conhecimentos**. Oriente-os a observar que na África predominam os climas equatorial e tropical, o que favorece o desenvolvimento de florestas tropicais e de savanas, assim como o cultivo de produtos tropicais adaptados a essas condições climáticas [esse tema será aprofundado no capítulo 9].

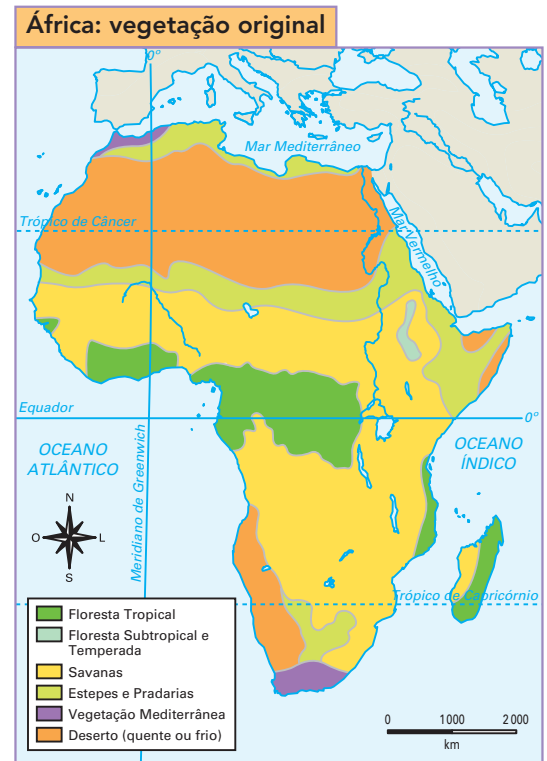
Estimule os alunos a associar ainda a existência de grandes rios à área de abrangência desses climas mais úmidos [se julgar interessante, peça a eles que revejam o mapa da página 96].

Relação entre clima e vegetação

A linha do Equador atravessa o centro da África, dividindo-a em duas metades e definindo zonas climáticas simétricas ao norte e ao sul. Por isso, se fizéssemos uma viagem do centro da África para o norte do continente e outra do centro para o sul, em linhas gerais, encontraríamos paisagens semelhantes, com características de clima e vegetação parecidas, ou seja, os mesmos **biomas**. Essa distribuição é chamada de simetria climatobotânica. Observe e relacione os mapas de clima e de vegetação a seguir.



Fonte: elaborado com base em IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7 ed. Rio de Janeiro: 2016. p. 58.



Fonte: elaborado com base em SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*. 34. ed. São Paulo: Ática, 2013. p. 26.

No centro do continente, predomina o clima equatorial, com temperaturas elevadas e chuvas frequentes o ano inteiro, condições muito propícias ao desenvolvimento da Floresta Tropical. Assim, nessa porção da África, encontra-se a densa Floresta do Congo (observe a fotografia na página ao lado), que ocupa territórios de vários países da África central e, assim como a Floresta Amazônica (que também é uma floresta tropical), vem sofrendo com o desmatamento por queimadas, para a expansão da agricultura tropical e da pecuária, a exploração madeireira e a mineração, entre outros fatores, o que expõe os solos à erosão e compromete as nascentes de água.

Em direção ao norte e ao sul, encontramos o clima tropical, com verões quentes e úmidos e invernos amenos e secos. Associado ao clima tropical alternadamente úmido e seco, encontramos o bioma Savana (observe a fotografia), que, assim como a Floresta Tropical, sofre com o processo de desmatamento para expansão da agropecuária.

No entanto, há movimentos de resistência contra a destruição desses importantes biomas africanos. Um dos exemplos mais significativos é o Movimento Cinturão Verde, criado em 1977 pela bióloga queniana Wangari Maathai (1940-2011), sob o patrocínio do Conselho Nacional das Mulheres do Quênia (saiba mais sobre ela e esse movimento na seção *Para conhecer mais* da página 106).

Avançando tanto ao norte quanto ao sul, encontramos o clima semiárido, com chuvas escassas e irregulares e temperaturas elevadas o ano inteiro. Associada a esse clima, desenvolve-se a vegetação de Estepes, uma transição entre as formações do clima tropical e a vegetação de clima desértico (xerófitas). Ao norte essa região é conhecida como **Sahel**.

Tanto no extremo norte quanto no extremo sul da África, há regiões de clima mediterrâneo caracterizado por verões quentes e secos e por invernos amenos e chuvosos. A esse clima se associa a Vegetação Mediterrânea. Parte dessa vegetação também foi cortada para o desenvolvimento da agricultura mediterrânea irrigada (como a existente no sul da Europa).

O QUE É ?

A palavra **Sahel** vem do árabe e significa 'fronteira'. Portanto, é uma região de clima semiárido que forma uma faixa de transição entre o clima tropical e o clima desértico, já no deserto do Saara.

Daniel Beltrão/Greenpeace



Floresta Tropical no Congo, 2017.

Savana no Parque Nacional Amboseli, localizado no Quênia, em 2018.

V. GIANNELLA/De Agostini/Getty Images



103

Orientações didáticas

Peça aos alunos que observem as duas fotografias de formações vegetais da África, descrevam sua fisionomia, as localizem no mapa de vegetação da página anterior e as associem ao clima predominante que as condiciona. Estabeleça comparações com o Brasil, indagando-os: Que tipos de clima e de vegetação existentes na África também aparecem no Brasil? Quais não aparecem? Ao descrever com os alunos as florestas tropicais africanas, aproveite para estabelecer comparações com a floresta Amazônica e a mata Atlântica. Ao descrever a savana africana, estabeleça um paralelo com o cerrado brasileiro. Os alunos devem perceber que no Brasil não ocorre o clima desértico nem o mediterrâneo e, portanto, também não há vegetações associadas a eles.

1. Nas áreas onde predomina o clima equatorial, próximas ao equador, as precipitações ocorrem tanto em janeiro como em julho; já nas áreas onde predomina o clima tropical, as precipitações concentram-se em janeiro abaixo do equador e em julho acima do equador. Já as áreas mais secas correspondem aos desertos, como o Saara (o maior deles, ao norte) o Kalahari e o da Namíbia (a sudoeste), que têm em sua periferia um clima semiárido, que é uma transição entre o tropical e o árido.

Trocando ideias

Esta atividade permite pôr em prática a habilidade **EF08GE19**.

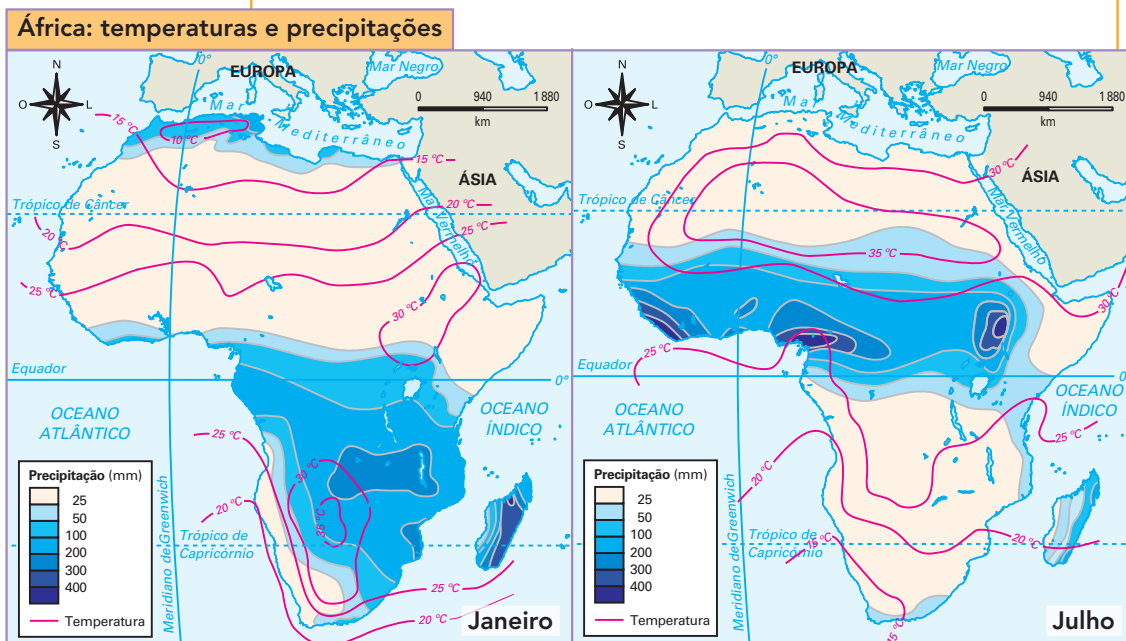
Comente com os alunos que as linhas que unem os pontos que apresentam a mesma temperatura média registrada ao longo de determinado tempo são chamadas de isotermas (do grego *iso*, 'igual').

1. Certifique-se de que todos os alunos conseguem ler e interpretar adequadamente o mapa tendo em vista as informações constantes de sua legenda.
2. Explore os mapas com os alunos, fazendo perguntas como: Por que o período de chuvas mais intensas ocorre no hemisfério norte em julho e no hemisfério sul em janeiro? Esclareça que a vegetação adaptada à seca é chamada genericamente de xerófitas (do grego *kserós*, 'seco').

TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

Os mapas abaixo representam as médias de precipitação e temperatura do continente africano em dois períodos do ano: janeiro e julho. Junte-se com um colega e, depois de analisarem os mapas, reflitam sobre as questões a seguir.



Fonte: elaborados com base em CHARLIER, Jacques (Dir.). *Atlas du 21^e siècle édition 2012*. Groningen: Wolters-Noordhoff; Paris: Éditions Nathan, 2014. p. 161.

1. Comparando os mapas acima com o mapa de clima da página 102, que relação é possível estabelecer entre eles?
2. Existem algumas áreas do continente africano que recebem pouca precipitação (abaixo de 25 mm) tanto em janeiro como em julho. Observando os mapas acima, você identifica quais são essas áreas? Qual é a influência da baixa precipitação no desenvolvimento da vegetação nessas áreas?

2. Sim, as áreas que recebem pouca precipitação nos dois períodos representados estão próximas ao trópico de Câncer e no litoral sudoeste do continente. A vegetação que se desenvolve nessas regiões está adaptada à escassez de chuva.

Na porção ao norte do continente predomina o clima desértico, onde se encontra o deserto do Saara, que apresenta os mais elevados picos de temperatura do continente. Em El Azizia (Líbia), por exemplo, foram registrados 58 °C em 13 de setembro de 1922, o recorde de temperatura na região e durante muito tempo no mundo (em 2005, um satélite da Nasa mediu 70 °C no deserto de Dasht-e-Lut, no Irã). O clima desértico também se caracteriza pela baixa precipitação (inferior a 250 mm/ano) e elevada amplitude térmica diária (diferença entre a temperatura máxima e a temperatura mínima ao longo do dia). No deserto do Saara a temperatura pode passar dos 40 °C durante o dia e cair abaixo de 0 °C à noite.

A existência do Saara se explica principalmente pela presença de uma zona de alta pressão permanente sobre ele, de onde sopram ventos que impedem a entrada de umidade trazida dos oceanos ou de áreas tropicais mais úmidas.

Já a formação dos desertos do Kalahari e da Namíbia, localizados no sudoeste do continente, está relacionada à atuação da corrente marítima fria de Benguela. Observe a ilustração a seguir e o mapa abaixo para compreender a atuação dessa corrente marítima na formação de desertos.

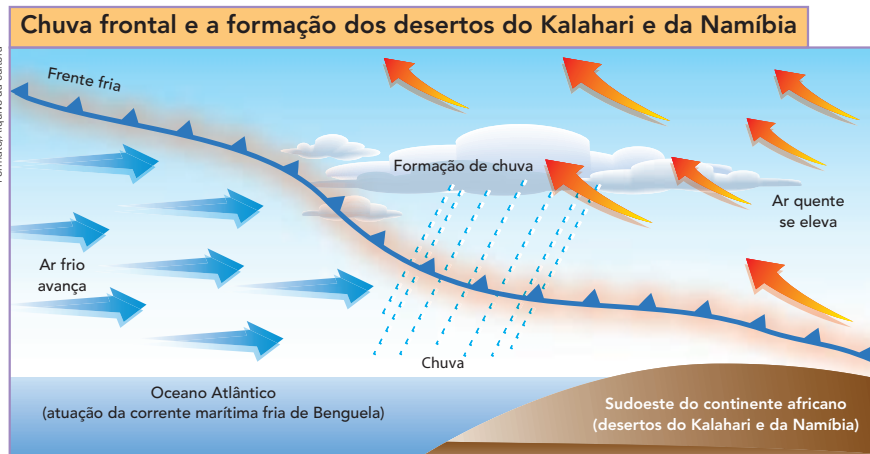


Ilustração sem escala, com cores fictícias.

Elaborado pelos autores.

Sobre a corrente fria de Benguela se forma uma massa úmida de ar, porém mais fria do que o ar que está sobre o continente. À medida que essa massa de ar úmida e fria se desloca em direção ao litoral, encontra camadas de ar mais quentes, vindas do continente, provocando chuvas frontais. Isso ocorre devido ao encontro de massas de ar com diferentes características de temperatura e umidade. Quando essa massa de ar chega ao litoral, já está seca e influencia o clima do litoral dessa porção do continente africano, fazendo com que o deserto se estenda até junto ao mar.



Banco de imagens/Arquivo da editora

Deserto da Namíbia, em 2018.

Fonte: elaborado com base em SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*. 34. ed. São Paulo: Ática, 2013. p. 27.

Lukas Bischoff Photography/Shutterstock

Orientações didáticas

Explore com os alunos a ilustração e o mapa da corrente de Benguela para que compreendam por que regiões do mundo próximas ao trópico de Capricórnio sob a influência de correntes marítimas frias, como é o caso do sudoeste africano, têm desertos até mesmo ao lado do oceano. Estabeleça comparações com a América do Sul, que será estudada no capítulo 10, mas com a qual os alunos estão mais familiarizados. Peça a eles que localizem Walvis Bay (Namíbia) no mapa da página anterior e pergunte: Que região da América do Sul tem condições climáticas semelhantes à região onde se encontra Walvis Bay? Eles devem observar que essa cidade se encontra no deserto do Kalahari. Na América do Sul, a cidade que tem condições de temperatura e umidade semelhantes é Antofagasta (Chile), situada no deserto de Atacama. Essa região da América do Sul é atingida pela corrente fria de Humboldt, que tem efeito semelhante ao provocado pela corrente de Benguela no sudoeste da África.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para exibir a videoaula sobre a África.

Para conhecer mais

A atividade desta seção contempla a habilidade **EF08GE13** e também mobiliza as competências **CG9** e **CCH3**, pois analisa um projeto de intervenção do ser humano na natureza, que impacta a economia africana.

Explore o texto com os alunos e mencione que o plantio de árvores é fundamental no Movimento do Cinturão Verde porque suas raízes seguram solo e, assim, impedem a erosão, isto é, que o solo seja transportado pelas águas da chuva e pelo vento. Além disso, auxiliam na recuperação e na manutenção das nascentes de córregos e rios. O replantio de florestas também permite o retorno de animais que foram expulsos pelo desmatamento e a recuperação da biodiversidade da área.

Pergunte aos alunos: Qual foi a “sacada genial de Wangari”, segundo a autora? Espere-se que eles identifiquem que a “sacada” foi aliar a demanda ambiental à social. Esse projeto é muito importante porque, apesar de ter sofrido percalços políticos e financeiros no início, tem sido bem-sucedido, o que garantiu o reconhecimento internacional à Wangari Maathai e a gradativa expansão do projeto para outros países africanos.

Se considerar conveniente, proponha a leitura do livro de Claire Nivola, indicado no box **Na estante**, que aborda o projeto de Wangari Maathai, e explore o site do Movimento Cinturão Verde, indicado no box **Na rede**.

NA ESTANTE

NIVOLA, Claire A. *Plantando as árvores do Quênia: a história de Wangari Maathai*. São Paulo: Comboio de Corda, 2010.

Este livro relata a história da transformação das paisagens de diversos lugares do Quênia, promovida por milhares de pessoas sob a liderança da bióloga queniana Wangari Maathai, que, em 2004, foi premiada com o Nobel da Paz.

NA REDE

Movimento Cinturão Verde (The Green Belt Movement)

Saiba mais sobre esse movimento socioambiental e sobre Wangari Maathai acessando o site (em inglês). Disponível em: <www.greenbeltmovement.org>. Acesso em: 11 ago. 2018.

O projeto é muito importante do ponto de vista ambiental por permitir a recuperação de áreas degradadas pelo desmatamento. Do ponto de vista social, ele é importante porque, além de envolver as pessoas num amplo movimento de educação ambiental, ainda permitiu a geração de renda para muitas famílias, contribuindo para reduzir a pobreza.



PARA CONHECER MAIS

Wangari Maathai, uma mulher pelo Quênia e pelas árvores

[...] Durante sua estadia no Conselho Nacional de Mulheres, Wangari fundou o The Green Belt Movement (Movimento do Cinturão Verde, em tradução livre) em 1977. Este movimento era uma resposta a um problema ambiental crescente nas planícies anteriormente férteis: os rios estavam secando e as mulheres reclamavam da diminuição de comida, além da dificuldade de conseguir lenha. Wangari percebeu uma linha lógica na situação: os rios morriam porque as árvores que seguravam a erosão do solo eram exploradas maciçamente pela indústria madeireira.

Como bióloga, mulher e humanitária, Wangari sabia que o problema, espalhando-se pelo Quênia, levaria famílias à miséria. Como é comum em situações de insegurança social, mulheres e crianças são as que sofrem o pior baque. Juntando-se a mulheres interessadas em mudar o paradigma, Maathai fundou o movimento e começou uma ação teoricamente simples, mas com um alto poder transformador: plantar árvores.

O plantio de árvores em áreas degradadas não é um simples ato de romantismo ingênuo. Árvores de raízes extensas e profundas seguram as partículas de terra em blocos, impedindo o carreamento de grande quantidade de solo por chuva e vento, além de auxiliarem na criação e manutenção de lençóis freáticos. Em uma perspectiva mais ampla, o replantio de florestas também permite o retorno e a chegada de animais que foram expulsos pela degradação, além de manter a biodiversidade da área e diminuir o risco de extinção de espécies confinadas a pequenos fragmentos florestais.

A sacada genial de Wangari foi aliar a demanda pela restauração das áreas com uma segunda demanda igualmente urgente: dinheiro para as famílias. Maathai angariou um fundo monetário para pagar uma pequena quantia por cada árvore plantada e, reconhecendo a falta de apego à terra como um dos problemas crescentes no Quênia, montou seminários e grupos de discussões para informar os participantes de seus direitos cívicos e envolvê-los na educação ambiental. [...]

Com o reconhecimento de seu trabalho, Wangari conseguiu expandir os trabalhos do GBM e o levou para além do Quênia. Seu objetivo agora era unificar toda a África em um ideal comum: a conservação de suas águas e restauração de suas florestas.

FERRARI, Giuliana. Wangari Maathai, uma mulher pelo Quênia e pelas árvores. *O Eco*, 14 mar. 2017. Disponível em: <www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/wangari-maathai-uma-mulher-pelo-quenia>. Acesso em: 23 ago. 2018.

- Qual é a importância ambiental e social do projeto desenvolvido pelo Movimento Cinturão Verde, fundado por Wangari Maathai?

Com o Movimento Cinturão Verde, Wangari Maathai (1940-2011) formou uma rede de milhares de pessoas no Quênia. Ao longo dos anos mais de 50 milhões de árvores foram plantadas pelo projeto. Na fotografia Wangari Maathai em encontro sobre o clima na ONU, em 2009.



Richard Drew/AP/Glow Images

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

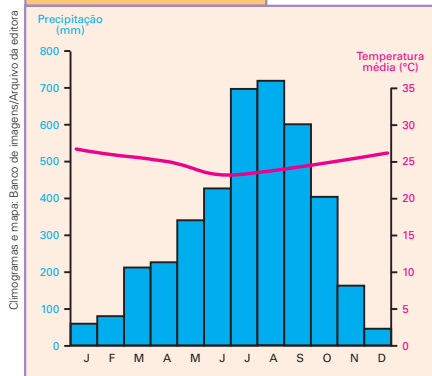
1. b) Douala: ocorrência de precipitação o ano inteiro, com maior abundância nos meses de julho, agosto e setembro; as médias de temperaturas não variam muito ao longo do ano (ficam entre 23 e 27 graus

aproximadamente). Cartum: ocorrência de meses sem precipitação, com pequena quantidade de chuva (abaixo de 100 mm) nos meses de julho, agosto e setembro; as médias de temperatura variam de 23 a 31 graus.

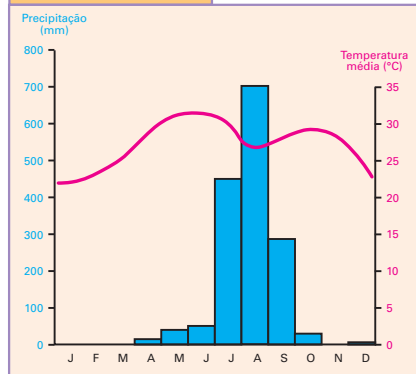
FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

- Observe os climogramas abaixo e a localização das cidades no mapa de clima da África. Depois, faça o que se pede.

Douala (Camarões)

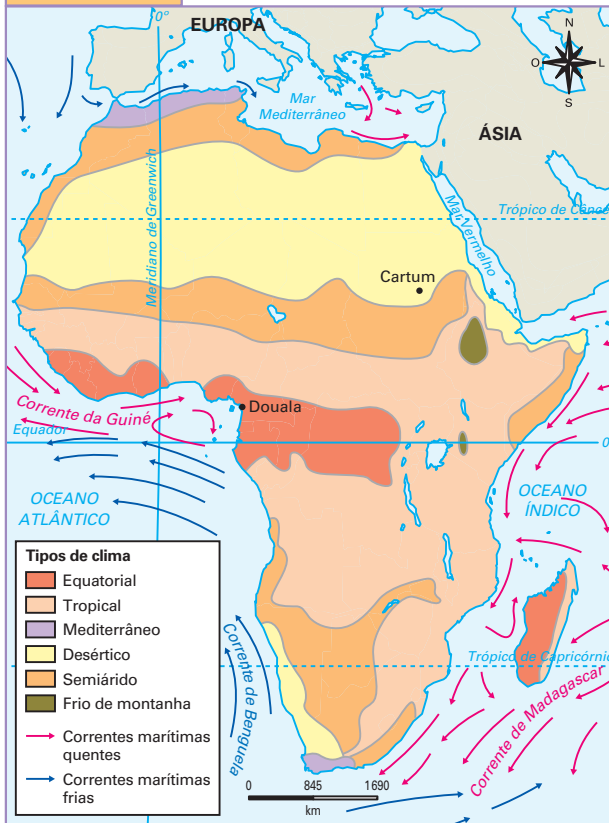


Cartum (Sudão)



Fonte: elaborados com base em CHARLIER, Jacques (Dir.). *Atlas du 21^e siècle édition 2012*. Groningen: Wolters-Noordhoff, Paris: Éditions Nathan, 2014. p. 182.

África: climas



Fonte: elaborado com base em IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7 ed. Rio de Janeiro: 2016. p. 58.

- Douala e Cartum estão localizadas na área de atuação de qual clima, de acordo com o mapa?
Em Douala (Camarões) predomina o clima equatorial; em Cartum (Sudão) predomina o clima árido.
 - Descreva, com suas palavras, o comportamento da precipitação e da temperatura ao longo do ano nessas duas localidades, de acordo com os dados dos climogramas.
 - Os climogramas são representações que nos fornecem informações sobre o tipo de clima de uma localidade? Justifique sua resposta. *Sim, a precipitação e a temperatura são elementos climáticos cujo comportamento caracteriza o clima de uma localidade.*
 - Qual vegetação se desenvolve nas áreas de abrangência desses climas? *No clima equatorial encontra-se a Floresta Tropical, e no árido, as Estepes e espécies xerófitas típicas de Deserto.*
- Com base na observação dos mapas de clima e vegetação da África, explique com suas palavras o fenômeno conhecido como simetria climatobotânica. *De modo geral, os mesmos climas e formações vegetais, portanto, os mesmo biomas, são encontrados ao norte e ao sul da linha do equador, de forma mais ou menos simétrica.*
 - Com base na análise dos mapas que você observou ao longo do capítulo, quais são as regiões mais favoráveis à prática da agricultura na África? Explique sua resposta. *As regiões mais favoráveis à prática da agricultura são aquelas abrangidas pelo clima equatorial e tropical, principalmente na África centro-occidental.*

CAPÍTULO 7 • África: aspectos físicos e ambientais | 107

Consolidando conhecimentos

As atividades desta seção contemplam a habilidade **EF08GE19** e mobilizam as competências **CEGeo1**, **CEGeo4** e **CEGeo5**, pois demandam a investigação do meio natural a partir da interpretação de climogramas e mapas.

- Certifique-se de que todos os alunos conseguiram ler e interpretar adequadamente os climogramas, que são pré-requisito para o desenvolvimento da atividade.
- Se necessário, retome com os alunos o fenômeno da simetria climatobotânica, visto no capítulo, lembrando: se fizéssemos uma viagem desde a linha do equador até o mar Mediterrâneo, ao norte, e outra até o cabo da Boa Esperança, no oceano Atlântico, ao sul, encontraríamos os seguintes climas, nesta ordem: equatorial, tropical, semiárido, árido e mediterrâneo. Consequentemente, depararíamos com formações vegetais adaptadas a esses climas, respectivamente: Floresta Equatorial e Tropical, Savana, Estepe, Vegetação de Deserto e Vegetação Mediterrânea.
- A agricultura será estudada no capítulo 9, mas é possível que os alunos reflitam de forma introdutória sobre a associação da agricultura com o clima. Não por acaso é na região centro-occidental que se encontram os maiores produtores e exportadores de produtos agrícolas tropicais do continente. No clima mediterrâneo, nos extremos norte e sul da África, também se desenvolve importante agricultura. Os alunos devem perceber que há grandes extensões de clima árido e semiárido no continente, portanto, desfavoráveis à prática agrícola.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE05 Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra.

EF08GE07 Analisar os impactos geoeconômicos, geoestratégicos e geopolíticos da ascensão dos Estados Unidos da América no cenário internacional em sua posição de liderança global e na relação com a China e o Brasil.

EF08GE08 Analisar a situação do Brasil e de outros países da América Latina e da África, assim como da potência estadunidense na ordem mundial do pós-guerra.

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

EF08GE20 Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.

Orientações didáticas

Ao iniciar o estudo deste capítulo, procure identificar o que os alunos sabem ou pensam sobre a África. Se eles mencionarem ou associarem o continente exclusivamente à miséria, à seca, à fome e às guerras, contraponha com os elementos estudados no capítulo anterior. É importante que eles percebam as consequências da secular exploração capitalista a que a África foi submetida e também toda a riqueza cultural e socioeconômica dos povos que vivem nesse continente. O texto *De que África estamos falando?*, de Rodrigo Cunha, na página XXXII, traz elementos que podem enriquecer essa reflexão.

Reveja com os alunos o mapa da expansão imperialista na África, visto no capítulo 1, página 18.

Vamos tratar de:

- Densidade demográfica e urbanização
- Problemas sociais
- Conflitos armados
- Atuação das elites africanas

O QUE É ?

A divisão internacional do trabalho (DIT) é uma divisão produtiva em âmbito internacional constituída durante o processo de expansão do capitalismo, estabelecida pelos países imperialistas para garantir, a partir das colônias, o fornecimento de alimentos para suas populações, de matérias-primas para suas indústrias nascentes e mercados consumidores para seus produtos industriais. Mesmo após a independência, muitos países em desenvolvimento, sobretudo os africanos, continuam inseridos nessa DIT.

Rua do centro comercial de Libreville (Gabão), em 2018. O país é um dos mais urbanizados da África.

108 | UNIDADE 4 • África

África: sociedade e conflitos

Na expansão colonialista (do início do século XVI ao início do século XIX), fazendeiros e mineradores das colônias europeias na América usaram mão de obra escravizada trazida à força da África. O trabalho escravo também era empregado em atividades urbanas. A escravização desestruturou as relações sociais e a economia do continente africano, deixando marcas até os dias de hoje.

Mais tarde, na época da expansão imperialista (do final do século XIX à metade do século XX), o continente foi partilhado pelas potências europeias. No contexto da **divisão internacional do trabalho** da época, coube às colônias africanas o papel de fornecer as matérias-primas agrícolas e minerais necessárias ao processo de industrialização dos países europeus – com destaque para a Inglaterra e a França –, além de alguns alimentos. Por isso, grande parte dos problemas atuais dos países africanos, como veremos neste capítulo, tem suas raízes na dominação europeia durante o colonialismo e o imperialismo.

Densidade demográfica e urbanização

Em 2017, segundo a ONU, a África tinha 1,256 bilhão de habitantes e densidade demográfica de 42 hab./km². No entanto, como é possível observar no mapa da página seguinte, a população está distribuída de maneira desigual pelo território.

A população do continente africano está concentrada na faixa litorânea, sobretudo no golfo da Guiné. Nessa região está situada a Nigéria, o país mais populoso da África (em 2017, o país tinha uma população de 191 milhões de habitantes) e o sétimo mais populoso do mundo. Também há concentração populacional significativa no Vale do rio Nilo, principalmente na área metropolitana do Cairo (Egito) e na África do Sul, em torno de Johannesburgo, principal centro econômico do continente.

STEVE JORDAN/Agência France-Presse

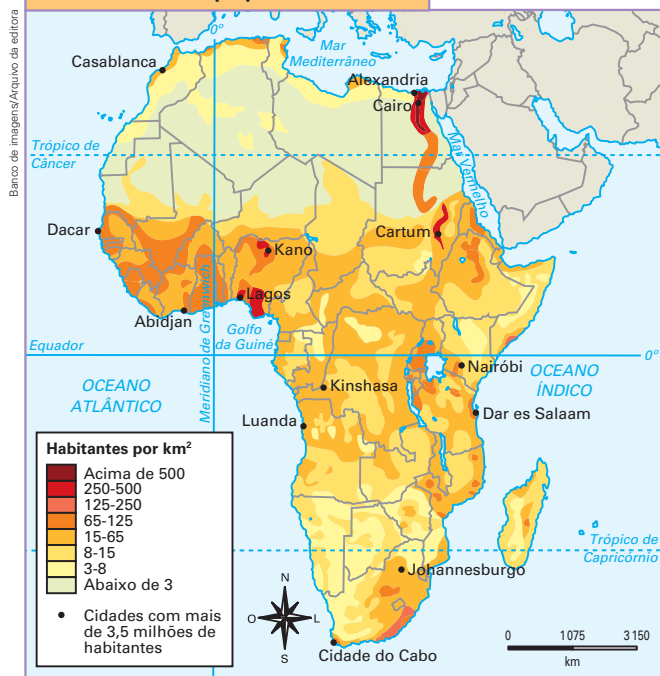


A maioria dos países africanos conquistou a independência, mas até hoje não superou os problemas criados pela dominação e exploração colonial, embora seja necessário também admitir a corresponsabilidade das elites locais, que assumiram o poder após a independência (assunto que será desenvolvido neste capítulo). A maior parte dos países não conseguiu se industrializar e continua inserida na antiga divisão internacional do trabalho (peça aos alunos que explorem o box **O que é?**) como exportador de matérias-primas agrícolas e minerais para os países desenvolvidos e agora

também para os emergentes, entre os quais se destaca a China, como veremos no próximo capítulo.

Ao trabalhar com esse conteúdo mobiliza-se a habilidade **EF08GE20**.

África: densidade demográfica e cidades mais populosas – 2016



EXPLORANDO O MAPA

Onde há maior concentração de pessoas no continente africano? Que fatores explicam uma extensa área do continente ter uma densidade demográfica tão baixa?

As maiores concentrações aparecem em algumas partes do litoral e nos vales dos rios, com destaque para o Nilo, o Níger e o Congo. Há baixíssima densidade demográfica (menos de 3 habitante por km²) nas áreas do deserto do Saara (mais ao norte).

Fonte: elaborado com base em OXFORD Atlas of the World. 23^o ed. London: Oxford University Press, 2016. p. 85 e 86; UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. *The world's cities in 2016*. New York, 2016. Disponível em: <http://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/urbanization/the_worlds_cities_in_2016_data_booklet.pdf>. Acesso em: 3 out. 2018.

A maioria dos países africanos ainda é predominantemente rural.

Os países mais urbanizados, isto é, aqueles que têm maior percentual de população vivendo em cidades, são os que apresentam maior desenvolvimento industrial, como a África do Sul e a Tunísia, ou são grandes produtores de petróleo, como Argélia, Líbia e Gabão. Poucos países têm mais de 50% da população vivendo em cidades. Entretanto, a maioria deles vem passando por uma rápida urbanização e, nas próximas décadas, eles deverão tornar-se majoritariamente urbanos. Observe a taxa de urbanização de alguns desses países na tabela abaixo.

ÁFRICA: TAXAS DE URBANIZAÇÃO EM PAÍSES SELECIONADOS

Mais urbanizados			Menos urbanizados		
País	População urbana (%)		País	População urbana (%)	
	2018	2050*		2015	2050*
Gabão	89,4	95,0	Burundi	13,0	27,9
Líbia	80,1	88,4	Malauí	16,9	32,0
Argélia	72,6	84,5	Sudão do Sul	19,6	36,0
Tunísia	68,9	80,2	Etiópia	20,8	39,1
África do Sul	66,4	79,8	Uganda	23,8	44,1

* Projeção.

Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *World Urbanization Prospects: the 2018 Revision*. New York, 2018. Disponível em: <<https://esa.un.org/unpd/wup/publications/Files/WUP2018-KeyFacts.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

Orientações didáticas

A atividade do boxe **Explorando o mapa** trabalha a habilidade **EF08GE19**. Inicialmente, peça aos alunos que retomem o mapa físico da África, que se encontra na página 96, e observem a relação que existe entre a localização dos principais rios do continente e a concentração da população. Depois, esclareça que as maiores densidades demográficas ocorrem no baixo curso e na foz desses rios, com destaque para as três maiores cidades do continente: Cairo, Lagos e Kinshasa, respectivamente. Os alunos devem observar que, além dos desertos, a concentração populacional é relativamente baixa no centro do continente, em razão da floresta do Congo e das altas cadeias montanhosas que existem nessa região.

A partir de agora as menções a diversos países africanos serão mais frequentes. Se considerar conveniente, proponha a dinâmica indicada a seguir para que os alunos se familiarizem com os nomes desses países.

Atividade complementar

Exponha um mapa-múndi político (ou do continente africano) na lousa ou, se preferir, mostre um globo inflável aos alunos. Mencione o nome dos países do continente e peça a um aluno por vez que o localize no mapa ou no globo e apresente uma informação sobre ele. Exemplo: Gabão – o aluno mostra a sua localização aos demais colegas e diz: “É um país onde há produção de petróleo”; “Angola é um país onde se fala português”.

Em seguida, anote na lousa o nome dos países citados e as informações dadas pelos alunos e faça comentários sobre as informações apresentadas por eles. Instigue-os a acrescentar livremente informações àquelas dadas pelos colegas, tomando cuidado para que não haja caracterizações estereotipadas ou excessivamente simplistas. Além disso, procure chamar a atenção para os aspectos mais interessantes lembrados durante a dinâmica. Dê oportunidade para que todos os alunos participem dessa dinâmica.

Orientações didáticas

Discuta com os alunos o significado de megacidade, um conceito quantitativo, e de cidade global, um conceito qualitativo. Depois, peça a eles que leiam o boxe **O que é?**. Em seguida, explore com eles a tabela, que mostra as maiores aglomerações urbanas do continente africano. Assim eles poderão perceber que muitas das maiores cidades africanas não são cidades globais – há apenas uma cidade global alfa no continente. Levante hipóteses com os alunos para explicar a razão de grande parte das cidades africanas não serem cidades globais.

Sugestão de aprofundamento

Para ver a lista completa das cidades globais alfa, beta e gama e suas subdivisões, acesse do *site* do GaWC (em inglês).

Disponível em: <www.lboro.ac.uk/gawc/world2016t.html>. Acesso em: 11 out. 2018.

O QUE É ?

As **cidades globais** são as cidades com melhor infraestrutura (transportes, telecomunicações, etc.), melhor oferta de bens e serviços e população com maior poder de compra, o que as torna mais conectadas no fluxo global de pessoas, capitais, mercadorias e informações. O GaWC, no Reino Unido, distribuiu as 214 cidades em três faixas, com subdivisões internas, de acordo com o grau de conexão global: alfa ++, alfa+, alfa e alfa-; beta+, beta e beta-; gama+, gama e gama-. As duas mais conectadas, na categoria alfa++, são Londres (Reino Unido) e Nova York (Estados Unidos).

Com raras exceções, as cidades mais importantes do continente são as capitais, que concentram o poder político e também as atividades econômicas mais significativas.

Das 31 **megacidades** (aglomerações urbanas com 10 ou mais milhões de habitantes) listadas pela ONU em 2016, três estão na África: Cairo (capital do Egito), Kinshasa (capital da República Democrática do Congo) e Lagos (uma exceção, porque a capital da Nigéria é Abuja).

Na lista de 214 **cidades globais** elaborada em 2016 pelo grupo de pesquisa GaWC (Globalization and World Cities), há apenas 18 cidades africanas com esse status (veja na tabela abaixo as mais importantes). A pequena quantidade de cidades globais indica que a maioria dos países africanos ainda apresenta baixo grau de conexão com o mundo globalizado. Observe a tabela abaixo e reveja a localização dessas cidades no mapa da página anterior.

ÁFRICA: MAIORES AGLOMERAÇÕES URBANAS E CIDADES GLOBAIS – 2016

Cidade*	População (milhões de habitantes)	Cidade global
Cairo (Egito)	19,1	beta+
Lagos (Nigéria)	13,7	beta+
Kinshasa (R. D. do Congo)	12,1	**
Johannesburgo (África do Sul)	9,6	alfa
Luanda (Angola)	5,7	gama
Dar es Salaam (Tanzânia)	5,4	gama
Cartum (Sudão)	5,3	**
Abidjan (Costa do Marfim)	5,0	gama
Alexandria (Egito)	4,9	**
Nairóbi (Quênia)	4,1	**
Cidade do Cabo (África do Sul)	3,7	beta+
Kano (Nigéria)	3,7	**
Dakar (Senegal)	3,6	gama-
Casablanca (Marrocos)	3,5	beta

Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. *The world's cities in 2016*. New York, 2016. Disponível em: <http://www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/urbanization/the_worlds_cities_in_2016_data_booklet.pdf>. Acesso em: 3 out. 2018.; GLOBALIZATION and World Cities (GaWC). *The World According to GaWC 2016*. Loughborough, 24 abr. 2017. Disponível em: <www.lboro.ac.uk/gawc/world2016t.html>. Acesso em: 5 jul. 2018.

* Os dados se referem às áreas metropolitanas.

** Não é cidade global.

Na África subsaariana, situam-se os países com maior percentual de moradores de habitações precárias. Na Nigéria, por exemplo, o país mais populoso do continente, segundo a UN Habitat, 50,2% da população urbana morava em submoradias; no Sudão do Sul esse índice chegava a 95,6%.



STEFAN HEUNIS/Agência France-Press

Makoko Slum, em Lagos (Nigéria), em 2018. Estima-se que cerca de 100 mil pessoas vivem nessas habitações precárias erguidas sobre um lago, à beira do oceano Atlântico. Antiga capital do país, Lagos sofre com o crescimento demográfico acelerado.



Nitay Rencsh/Shutterstock

Complexo habitacional em Lagos (Nigéria), em 2017.

EXPLORANDO AS IMAGENS

Observe e compare as duas paisagens de Lagos (Nigéria) retratadas nas fotografias. O que você poder inferir dessa comparação? Essa realidade também é encontrada no Brasil?

Resposta pessoal.

Orientações didáticas

Ao responder às perguntas propostas no boxe **Explorando as imagens**, espera-se que os alunos percebam que, assim como em outros países em desenvolvimento, a Nigéria é marcada por profundas desigualdades sociais, especialmente em sua maior cidade. Tal como em outras megacidades do mundo em desenvolvimento, Lagos, que também é uma cidade global, tem um lado moderno e conectado aos fluxos globais, com uma classe média globalizada, mas também tem um lado atrasado, marcado por marginalização socioeconômica, com favelas enormes onde as pessoas vivem de forma muito precária. Essas desigualdades sociais aparecem em outras grandes cidades africanas, assim como nas grandes cidades do Brasil e da América Latina. Para combater o estereótipo de que no continente africano há somente pobreza e atraso, frise que a África tem um lado menos desenvolvido, mas também tem um lado moderno.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para trabalhar a sequência didática sobre a questão da moradia na Nigéria.

I Orientações didáticas

O conteúdo explorado nesta página mobiliza a habilidade **EF08GE20**. Além disso, contribui com o desenvolvimento da competência **CEGeo5**. Relembre com os alunos o que foi trabalhado no capítulo 5 sobre IDH e os indicadores que compõem esse índice.

Estabeleça comparações com o Brasil, com base nos dados da página 168, e proponha questões aos alunos. Por exemplo: A situação da população brasileira, na média, é semelhante, melhor ou pior que a dos países africanos? Nossos indicadores são semelhantes a que países africanos? Espere-se que os alunos percebam que, considerando o IDH, o Brasil está situado em uma posição entre Maurício e Argélia.

Problemas sociais

Como você já estudou no capítulo 5, o IDH é um índice que revela o desenvolvimento humano de um país. Dos 41 países com baixo IDH que constam do relatório de 2016 do Pnud, 35 estão na África, todos na região Subsaariana. No continente há ainda treze países com IDH médio e cinco com IDH elevado. Observe na tabela abaixo os indicadores de desenvolvimento de alguns países africanos e no mapa da página seguinte o IDH de todos os países do continente.

Os países com IDH elevado têm populações relativamente reduzidas e desenvolvem atividades econômicas muito rentáveis, como o turismo e a indústria petrolífera. Isso explica a elevada renda *per capita* desses países, o que contribuiu para elevar seus IDH.

No entanto, como vimos no capítulo 5, o IDH trabalha com indicadores médios. Assim, muitos países africanos, principalmente as maiores economias, como Nigéria, África do Sul e Egito, têm uma parcela da população com um bom padrão de vida (veja a segunda fotografia da página anterior) e mesmo nos quatro países que apresentam IDH elevado também há uma parcela da população que possui renda baixa.

ÁFRICA: IDH DE PAÍSES SELECIONADOS – 2015				
Posição/país	Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	Expectativa de vida ao nascer (anos)	Escolaridade média/escolaridade esperada (anos)	Renda nacional bruta <i>per capita</i> (dólar PPC*)
Desenvolvimento humano elevado				
63. Seychelles	0,782	73,3	9,4/14,1	23886
64. Maurício	0,781	74,6	9,1/15,2	17948
83. Argélia	0,745	75,0	7,8/14,4	13533
97. Tunísia	0,725	75,0	7,1/14,6	10249
Desenvolvimento humano médio				
108. Botsuana	0,698	64,5	9,2/12,6	14663
109. Gabão	0,697	64,9	8,1/12,6	19044
111. Egito	0,691	71,3	7,1/13,1	10064
119. África do Sul	0,666	57,7	10,3/13,0	12087
123. Marrocos	0,647	74,3	5,0/12,1	7195
Desenvolvimento humano baixo				
150. Angola	0,533	52,7	5,0/11,4	6291
152. Nigéria	0,527	53,1	6,0/10,0	5443
174. Etiópia	0,448	64,6	2,6/8,4	1523
176. Rep. Dem. do Congo	0,435	59,1	6,1/9,8	680
181. Sudão do Sul	0,418	56,1	4,8/4,9	1882
188. Rep. Centro Africana	0,352	51,5	4,2/7,1	587

Fonte: elaborado com base em: UNDP. *Human Development Report 2016*. New York: United Nations Development Programme, 2016. p. 198-201. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/2016_human_development_report.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.

* Dólar ajustado pela Paridade de Poder de Compra (PPC).

Além dos baixos indicadores sociais da maioria dos países do continente, a população de muitos países situados na região da África subsaariana é acometida por doenças como malária e febre amarela. Em alguns desses países, cerca de um quarto da população está contaminada pelo vírus HIV, o que tem influenciado a expectativa de vida da população, como mostram os gráficos a seguir.

EXPLORANDO O MAPA

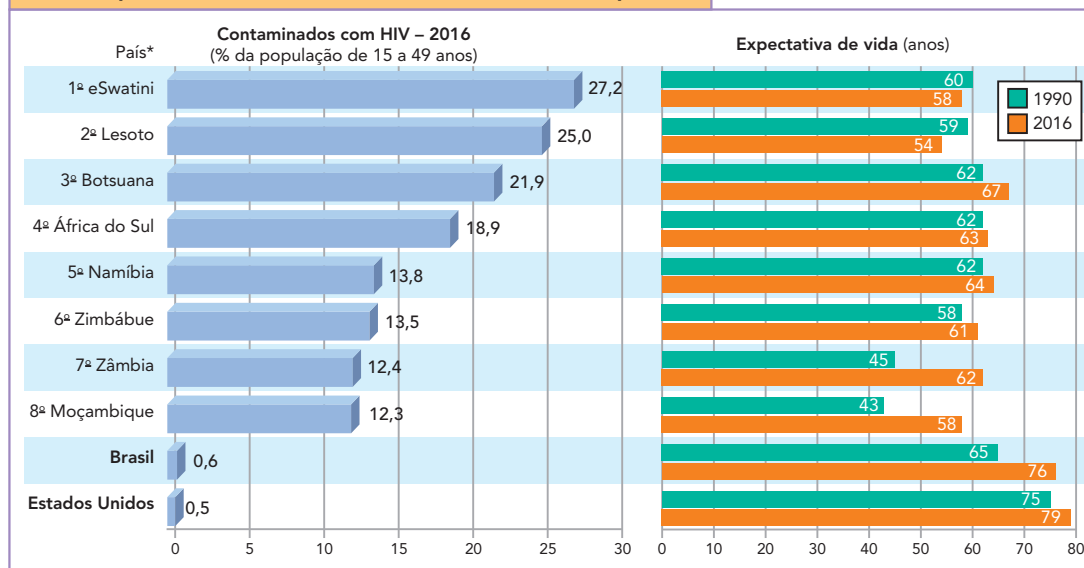
Onde estão localizados os países com baixo IDH? O que isso indica?

Os países com baixo IDH estão na África subsaariana, o que indica que nessa região concentram-se os países com graves problemas sociais.

Fonte: elaborado com base em UNDP. *Human Development Report 2016*. New York: United Nations Development Programme, 2016. p. 198-201. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/2016_human_development_report.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2018.



África e países selecionados: indicadores de saúde pública



Fonte: elaborados com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D.C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 7 ago. 2018.

* Posição dos países africanos segundo as maiores taxas mundiais de infecção por HIV.

Houve aumento expressivo da expectativa de vida no Brasil e nos Estados Unidos, o que não aconteceu com os países africanos apresentados nos gráficos (em alguns países, como Lesoto, a expectativa de vida caiu em 2016 em relação a 1990).

EXPLORANDO OS GRÁFICOS

Comparando os dados dos países africanos com os do Brasil e dos Estados Unidos, o que podemos perceber em relação à expectativa de vida da população?

Orientações didáticas

Ao trabalhar o boxe **Explorando o mapa**, comente que, dos 52 países africanos, 35 apresentam IDH baixo (67% do total), o que indica, de forma geral, o baixo desenvolvimento humano da maioria dos países do continente; há ainda 13 países de IDH médio, cinco com IDH elevado e nenhum com IDH muito elevado.

Na atividade do boxe **Explorando os gráficos**, mencione aos alunos que, na maioria dos países, a tendência geral é de melhoria das condições de vida da população e, consequentemente, de aumento gradativo da expectativa de vida, como acontece no Brasil e nos Estados Unidos. Já nos países africanos em que a incidência de contaminação pelo vírus HIV é elevada, o que tem provocado a morte de muitas pessoas jovens por aids, a expectativa de vida aumentou muito lentamente e em alguns países até regrediu. No Lesoto, por exemplo, a expectativa era de 59 anos em 1990 e caiu para 54 anos em 2016, no mesmo período em que no Brasil saltou de 65 anos para 76 anos.

Os dados dos Estados Unidos e do Brasil constam nos gráficos para que os dados dos países da África possam ser comparados com os indicadores de um país desenvolvido e de um país emergente, respectivamente. Assim, oriente os alunos a perceber com mais clareza como é grave a questão da saúde pública nesses países africanos.

Espera-se que eles compreendam que os dados evidenciam uma enorme tragédia humana, em termos sociais, econômicos e de saúde pública. Em razão da aids, muitos países africanos estão perdendo grande parte da população em idade ativa, e milhões de crianças e adolescentes têm ficado órfãos.

Para conhecer mais

Explore o texto desta seção com os alunos propondo perguntas como: Até que ano a UnaidS pretende acabar com a epidemia de aids que atinge diversos países africanos? O que significa a meta 90-90-90 da UnaidS? Os alunos devem constatar que essa organização projeta acabar com a epidemia de aids até 2030. A meta 90-90-90 deve ser cumprida até 2020 e prevê que 90% das pessoas que vivem com HIV estarão diagnosticadas; 90% desses indivíduos diagnosticados como soropositivos terão acesso ao tratamento antirretroviral; e 90% dos que receberem a terapia vão apresentar uma carga viral indetectável.

Comente com os alunos que se trata de pessoas comuns, muitas delas jovens como eles e que precisam de ajuda. Essa reflexão é fundamental para incentivar a educação em direitos humanos, como propõe a BNCC.

Na 22ª Conferência Internacional de Aids, realizada em julho de 2018, em Amsterdã [Países Baixos], o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UnaidS) admitiu a dificuldade de acabar com a epidemia de aids até 2030, como mostra o texto a seguir:

Metas globais para eliminação da aids até 2030 podem não ser cumpridas

Relatório divulgado pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UnaidS) indica, pela primeira vez, que as metas globais para eliminação da aids até 2030 correm o risco de não ser cumpridas. O documento veio à tona às vésperas da 22ª Conferência Internacional de Aids, que vai até amanhã (27) em Amsterdã, na Holanda. O encontro é considerado o maior do mundo sobre o tema.

De acordo com o relatório, intitulado *Um Longo Caminho a Percorrer – Fechando Lacunas, Quebrando Barreiras, Corrigindo Injustiças*, a resposta global ao HIV encontra-se em um ponto delicado e o ritmo do progresso não está em linha com a ambição global.

O número de novas infecções por HIV, por exemplo,

está aumentando em cerca de 50 países, e as novas infecções globais pelo vírus caíram apenas 18% nos últimos sete anos – de 2,2 milhões em 2010 para 1,8 milhão, no ano passado. Embora represente quase a metade do total registrado durante o pico da doença, em 1996 (3,4 milhões), o declínio, segundo o UnaidS, não é rápido o suficiente para alcançar a meta de menos de 500 mil pessoas até 2020.

África Ocidental e Central ficando para trás

Ainda de acordo com o documento, apenas 26% das crianças e 41% dos adultos que vivem com HIV na África Ocidental e Central

Segundo o relatório *Children and AIDS 2015*, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), órgão da ONU que atua na África subsaariana em defesa dos direitos infanto-juvenis, 13,3 milhões de crianças e adolescentes (de 0 a 17 anos) perderam um dos pais ou ambos na região por causa da aids. De acordo com o mesmo relatório, a aids é a causa número um de mortes entre adolescentes de 10 a 19 anos nessa região (no mundo, a aids é a segunda causa de óbito nessa faixa etária). De acordo com o mesmo relatório, na África subsaariana 70% das adolescentes de 15 a 19 anos que tinham múltiplos parceiros não usavam preservativos (pesquisa feita entre 2010 e 2014). O uso do preservativo é fundamental para evitar a aids e outras DSTs (doenças sexualmente transmissíveis); por isso medidas educativas e preventivas são tão importantes.

Os governos de alguns países, como a África do Sul, têm tomado medidas para combater a contaminação pelo HIV, com campanhas de conscientização, distribuição de preservativos, entre outras medidas. Hoje a aids pode ser controlada por remédios e a longevidade das pessoas contaminadas aumentou bastante. No entanto, esses medicamentos são caros e a maioria dos africanos ainda não tem acesso a eles. Mas, como informa o texto a seguir, com ajuda do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/aids (UnaidS) diversos países africanos têm ampliado a prevenção e o tratamento da aids.



PARA CONHECER MAIS

UNAIDS ajuda países da África a levar tratamento de HIV para regiões com serviços mais precários

Na África, o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/aids (UNAIDS) atua em parceria com diferentes países para identificar localidades onde as ações contra o vírus e a doença precisam ser intensificados. As iniciativas da agência querem garantir que o continente consiga implementar a Aceleração da Resposta à Aids a fim de acabar com a epidemia até 2030.

Entre os objetivos previstos pela iniciativa do UNAIDS, está a chamada meta 90-90-90, que deve ser cumprida até 2020. A medida prevê que, num prazo de cinco anos, 90% das pessoas vivendo com HIV estarão diagnosticadas; 90% destes indivíduos diagnosticados como soropositivos terão acesso ao tratamento antirretroviral; e 90% dos que receberem a terapia apresentarão uma carga viral indetectável.

Outros alvos da Aceleração da Resposta incluem o fim de novas infecções entre crianças e o fornecimento para 90% das mulheres e homens – os jovens e as pessoas que vivem em ambientes de alta prevalência – de prevenção combinada do HIV e de serviços de saúde sexual e reprodutiva. [...]

Para alcançar as metas da Aceleração da Resposta, o UNAIDS acredita que é essencial uma abordagem baseada em direitos e capaz de atingir todos os que precisam de atendimento. O Programa chama atenção para a necessidade de superar, principalmente, as barreiras do estigma e da discriminação que continuam impedindo as pessoas de ter acesso aos serviços de HIV. [...]

ONU/BR. Nações Unidas no Brasil. *UNAIDS ajuda países da África a levar tratamento de HIV para regiões com serviços mais precários*. 27 abr. 2016. Disponível em: <<https://naacoesunidas.org/unaidS-ajuda-paises-da-africa-a-levar-tratamento-de-hiv-para-regioes-com-servicos-mais-precarios/>>. Acesso em: 7 ago. 2018.

- De acordo com o texto, o que é necessário para enfrentar os desafios impostos pela aids no continente africano?

É necessária a solidariedade de todos os países, especialmente dos mais ricos, e o compartilhamento de responsabilidades entre os governos dos países que ajudam, os governos dos países que recebem apoio e as organizações não governamentais, como a UnaidS, para que o auxílio chegue de fato às pessoas que mais precisam. É importante também o combate ao estigma e ao preconceito que impedem muitas pessoas de pedir ajuda.

114 | UNIDADE 4 • África

tiveram acesso ao tratamento, em comparação com 59% das crianças e 66% dos adultos na África Oriental e Austral. Desde 2010, as mortes relacionadas à aids diminuíram 24% na África Ocidental e Central, contra um declínio de 42% na África Oriental e Austral.

[...]

LABOISSIÈRE, Paula. Metas globais para eliminação da aids até 2030 podem não ser cumpridas. *EBC Brasil*. Brasília, 26 jul. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2018-07/metS-globais-para-eliminacao-da-aids-ate-2030-podem-nao-ser-cumpridas>>. Acesso em: 11 out. 2018.

Relações entre pobreza e guerra

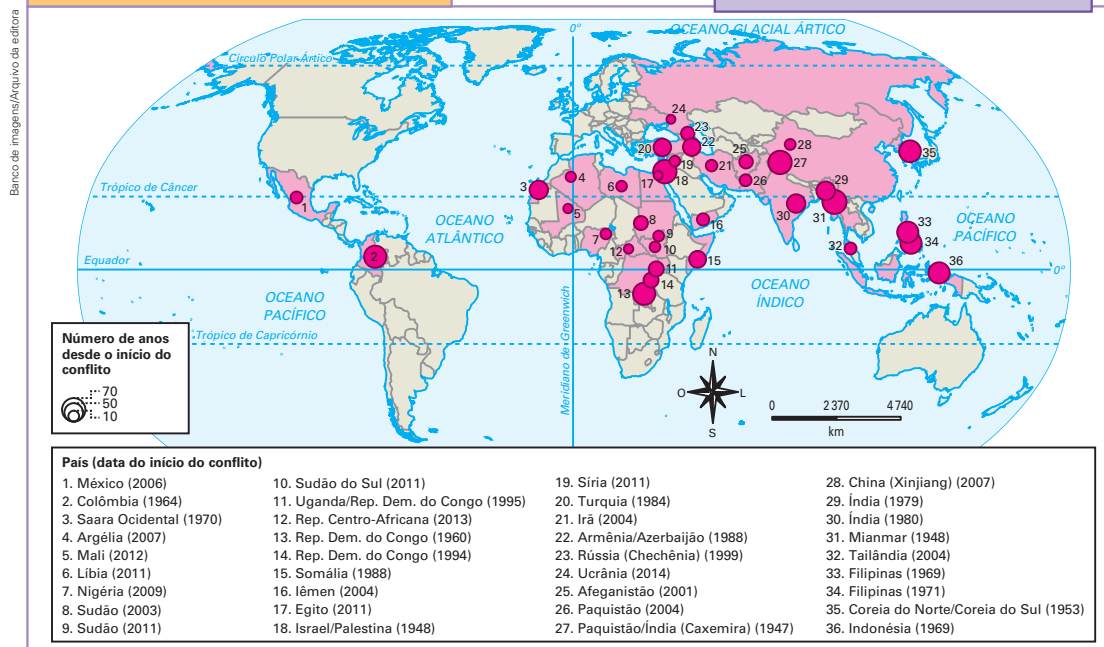
Os conflitos armados são outro problema sério que diversos países africanos enfrentam. Por vitimarem predominantemente pessoas jovens, eles também têm contribuído para a redução da expectativa de vida e o aumento do número de crianças órfãs. As guerras civis ou as guerras entre Estados vizinhos contribuem para perpetuar a pobreza, porque matam pessoas em idade ativa e destroem a já precária infraestrutura. Além disso, afastam muitos investidores estrangeiros, impedindo o desenvolvimento econômico dos países envolvidos. Observe no mapa abaixo os conflitos armados em andamento em 2017.

Na América Latina, na África e na Ásia. A maioria deles ocorre na Ásia e na África, sobretudo em países menos desenvolvidos.

EXPLORANDO O MAPA

De acordo com o mapa, existem conflitos armados em andamento em quais continentes? Em quais há maior ocorrência?

Mundo: conflitos armados – 2017*



Fonte: elaborado com base em IRIN. *Mapped a World at War*. London, 4 abr. 2017. Disponível em: <www.irinnews.org/maps-and-graphics/2017/04/04/updated-mapped-world-war>. Acesso em: 24 ago. 2018.

* O mapa registra os conflitos que, independentemente do ano de início, continuavam ocorrendo em abril de 2017. Há países com mais de um conflito em andamento.

Observando o mapa é possível perceber que grande parte dos conflitos armados ocorre na África, principalmente em sua porção subsaariana. Como estudaremos a seguir, um dos mais violentos foi a guerra na República Democrática do Congo, com cerca de 5 milhões de mortos, a maioria civis, ou seja, cidadãos comuns que não eram militares.

Mesmo depois da independência, os novos Estados africanos, com poucas exceções, mantiveram os limites que haviam sido traçados no século XIX pelos europeus, sem respeito às delimitações étnicas originais. As novas fronteiras, em geral, mantiveram esse problema.

Orientações didáticas

Explore com os alunos o mapa de conflitos armados no mundo em 2017 para que eles percebam que a maioria dos conflitos armados ocorre em países menos desenvolvidos da África, principalmente na região Subsaariana, e da Ásia, sobretudo no Oriente Médio.

Estimule-os a observar que não há nenhuma guerra em andamento nos países desenvolvidos. Nesse momento, seria interessante propor aos alunos que levantem hipóteses para explicar essa distribuição dos conflitos armados no mundo. Espera-se que eles os relacionem à guerra, à pobreza e à falta de oportunidades econômicas vigentes em muitos países em desenvolvimento, especialmente nos mais pobres.

I Orientações didáticas

Comente com os alunos que a Reserva Natural Okapi foi criada em 1992 e se encontra na floresta tropical Ituri, no nordeste da República Democrática do Congo. Ela tem uma área de 13 mil km² (metade da área do estado de Alagoas) e abriga aproximadamente 500 espécies de plantas, 300 de pássaros e 50 de mamíferos, incluindo os *okapis*, que dão nome a ela.

Trocando ideias

É importante que os alunos percebam que os problemas apontados por Corneille Ewango são decorrentes da falta de investimento em saúde e educação. Esses setores nunca foram prioridade dos governantes da maioria dos países africanos. O ambientalista chama a atenção para a necessidade de investir em saúde e, sobretudo, em educação como forma de criar oportunidades para os jovens e de superar a pobreza na África. Isso passa pela cobrança da população de cada país sobre suas elites e também por acordos que ponham fim aos conflitos armados, responsáveis por consumir os escassos recursos que deveriam ser investidos na solução dos problemas sociais.

I **aliciado**: atraído

Como resultado, muitos povos rivais passaram a conviver em um mesmo território, gerando diversos conflitos bélicos, como a guerra de Biafra (1967-1970), no sul da Nigéria, opondo hauçás e fulanis aos ibos, e a guerra de Ruanda (1994), opondo hutus e tutsis, conflito que transbordou para a República Democrática do Congo e envolveu outras etnias, como os nandés e hundes. Como uma das consequências do conflito entre tutsis e hutus, muitos civis fugiram de Ruanda para a República Democrática do Congo e passaram a viver como refugiados, em acampamentos improvisados.

A guerra é um fenômeno complexo causado por vários fatores. Estudo do Banco Mundial indica que, embora as diferenças étnicas e a disputa por território sejam fatores importantes, dentre todos eles, a pobreza é o maior responsável pela eclosão de guerras. A falta de oportunidades econômicas para os jovens faz com que muitos, especialmente do sexo masculino, sejam **aliciados** por líderes interessados em chegar ao poder ou nele permanecer. Estes frequentemente manipulam as rivalidades étnicas existentes no interior de determinado território nacional para atingir seu objetivo. Dessa forma, cria-se um círculo vicioso, em que a pobreza gera a guerra, que, por sua vez, aumenta enormemente a pobreza.

Para quebrar esse círculo vicioso entre pobreza e guerra, é fundamental a realização de investimentos sociais e garantir oportunidades econômicas, especialmente aos mais jovens. Foi isso que defendeu Corneille Ewango, botânico congolês, que de 1996 a 2003 foi diretor da Reserva de Vida Selvagem Okapi.

Veja a seção a seguir, que trata sobre isso.

TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

NA REDE

A língua das armas

O vídeo mostra a conferência de Corneille Ewango, proferida na sede da TED Conferences em Nova York (Estados Unidos), em 2007, na qual relatou os problemas enfrentados durante a guerra civil congoleza. Disponível em: <www.ted.com/talks/corneille_ewango_is_a_hero_of_the_congo_forest?language=pt-br>. Acesso em: 7 ago. 2018.

Em uma conferência feita em Nova York (Estados Unidos) em 2007, Corneille Ewango relatou as dificuldades enfrentadas por sua equipe durante a guerra civil congoleza para manter os trabalhos de pesquisa, conservação e manejo da reserva Okapi. Ao fim da palestra, o mediador lhe perguntou: “Como podemos ajudá-lo?”. Veja sua resposta no texto a seguir.

“Muitos, muitos de vocês têm visto o talento dos africanos, mas poucos estão indo para a escola. Muitos estão morrendo por causa de todos aqueles tipos de pandemias: HIV, malária, pobreza... e não estão indo à escola. Como vocês podem nos ajudar? Apoiando a criação de capacitações. Quantos tiveram oportunidade, como eu, de ir aos Estados Unidos fazer um mestrado? [...] agora estou na Holanda para fazer um doutorado. Mas muitos deles não estão aqui porque não têm dinheiro. Eles não podem nem mesmo ir para a universidade. Eles não podem nem frequentar o bacharelado. A criação de capacitações para os mais jovens vai produzir gerações melhores e um futuro melhor para a África”.

EWANGO, Corneille. *A língua das armas*. TED Conferences. Nova York, 2007. Disponível em: <www.ted.com/talks/corneille_ewango_is_a_hero_of_the_congo_forest?language=pt-br>. Acesso em: 7 ago. 2018.

- Juntem-se em trios e conversem sobre o que Ewango destacou como necessário para resolver pelo menos parte dos problemas africanos. Vocês concordam com a opinião dele? Por quê?

Investimento em saúde e educação. Respostas pessoais.

Elites africanas e influência das potências

O *apartheid*: África do Sul

Não é só a herança de um passado colonial que explica os problemas dos países africanos. Com a independência política e a saída dos administradores coloniais, as elites locais chegaram ao poder, e os Estados recém-criados passaram, em sua maioria, a ser administrados por governos ditatoriais. Houve também o caso da África do Sul, onde foi implantado um regime supostamente democrático, mas a “democracia” era restrita à população branca descendente de europeus e vigorava o regime do *apartheid*.

O *apartheid* foi um regime de segregação “racial” vigente de forma institucionalizada na África do Sul de 1948, ano em que o **Partido Nacional**, da minoria branca (13% da população), chegou ao poder, até 1994, quando **Nelson Mandela** (1918-2013), do partido **Congresso Nacional Africano**, foi eleito presidente da República, depois de ser mantido preso pelo regime racista por 27 anos.

Embora o conceito biológico de raça para classificar os seres humanos não tenha fundamentação científica, ele continua sendo usado, com base em diferenças de cor de pele, para muitas vezes justificar a opressão aos negros. No período de vigência do *apartheid*, a segregação “racial” fazia parte do cotidiano da população. Havia escolas separadas para brancos e para negros, bem como praias, transporte público, etc. Nessa época, os negros (76% da população) eram confinados em guetos, no interior das cidades, ou nos chamados **bantustões**.

Em países sob regime ditatorial, o governante, em vez de se empenhar na solução dos problemas da população, usa o poder político em benefício próprio e de seus aliados (família ou grupo étnico). A apropriação da **máquina estatal** por uma elite corrupta, em prejuízo da maioria da sociedade, foi chamada de “Estado predatório” pelo sociólogo espanhol Manuel Castells. Na África, há vários exemplos de “Estado predatório” (a seguir vamos estudar dois dos mais emblemáticos), porém, isso acontece também em países da Ásia e da América Latina, inclusive no Brasil, como frequentemente surgem notícias sobre a apropriação do Estado brasileiro por grupos políticos ligados a interesses privados.

O QUE É ?

Os **bantustões** (“país dos bantus”, como é chamada genericamente a população negra) eram territórios “autônomos” dentro da África do Sul, mas que na realidade serviam para segregar os negros e controlar seus movimentos no território sul-africano.

máquina estatal: todos os órgãos administrativos que compõem o Estado nacional e suas relações com a sociedade que os sustenta por meio de pagamento de impostos.

I Orientações didáticas

A placa mostrada na foto afirma que, de acordo com a lei em vigor na cidade de Durban, a “área de banho é reservada apenas para o uso de membros do grupo da raça branca”. Essa placa é um dos símbolos do que foi o *apartheid* na África do Sul, um regime racista e segregacionista que afrontava os direitos humanos mais básicos, entre os quais o direito de ir e vir. Além de ser proibida de frequentar as mesmas praias, as mesmas escolas, os mesmos banheiros públicos, etc., grande parte da população negra era confinada em bantustões.

Em um trabalho integrado com o componente curricular História, investigue a gênese histórica do *apartheid* desde o momento em que o território hoje chamado de África do Sul começou a ser colonizado pelos holandeses em 1652, passando pela ocupação britânica em 1806, pela chegada do Partido Nacional ao poder em 1948 [quando o *apartheid* foi oficialmente instituído] e a independência política do Reino Unido, em 1961. Paralelamente, aborde também o movimento de resistência ao *apartheid* com a criação do Congresso Nacional Africano (CNA) em 1912, passando pela prisão de Nelson Mandela em 1963, sua libertação após 27 anos preso e posterior eleição em 1994, exatamente pelo CNA, que se tornou um partido político, pondo fim ao regime racista e segregacionista.



Praia em Durban (África do Sul) reservada exclusivamente para pessoas brancas (foto de 1976). A placa indica a lei que na época do *apartheid* proibia a entrada de pessoas negras nessa praia.

117

Sugestão de aprofundamento

Para saber mais sobre a história da África do Sul, acesse o site da Embaixada da República da África do Sul.

Disponível em: <www.africadosul.org.br/historia>. Acesso em: 6 nov. 2018.

Sugestão de aprofundamento

Consulte o artigo a seguir para conhecer mais sobre Nelson Mandela.

FILHO, Pio Penna. *Nelson Mandela – da África do Sul para o Mundo*. Instituto de Relações Internacionais – Universidade de Brasília. Dez. 2013. Disponível em: <<https://irel.unb.br/2013/12/06/nelson-mandela-da-africa-do-sul-para-o-mundo-por-pio-penna-filho/>>. Acesso em: 11 out. 2018.

I Orientações didáticas

No capítulo 2 foi contemplada a parte teórica da habilidade **EF08GE05**. As próximas páginas oferecem a oportunidade para que seja trabalhada a segunda parte dessa habilidade com o entendimento de casos concretos de conflitos e tensões.

A análise das desigualdades sociais e da exploração dos recursos naturais que beneficia a poucos também mobiliza a habilidade **EF08GE20**.

Para conhecer mais sobre o conceito de “Estado predatório” e um de seus exemplos mais emblemáticos, o antigo Zaire, retome o texto de Manuel Castells na página XXIX (sua leitura foi indicada no capítulo 5).

O “Estado predatório”: Zaire/República Democrática do Congo

Um dos exemplos mais significativos do “Estado predatório” foi o governo de Mobutu Sese Seko, que governou o antigo Zaire, atual República Democrática do Congo, entre 1965 e 1997.

O Congo (colônia belga) se tornou independente em 1960. Em 1965, o coronel Mobutu comandou um golpe de Estado, dando início a uma longa ditadura. O país passou a chamar-se Zaire, mudança justificada por um discurso “nacionalista” de fachada.

Durante seu longo governo, Mobutu acumulou uma fortuna estimada em 4 bilhões de dólares. Possuía dinheiro em bancos suíços e mansões na França, enquanto a população do país passava fome. Seu governo contava com o apoio de empresas estrangeiras que exploravam a riqueza mineral do país, entre elas, diamante, ouro, estanho e cobre.

A queda de Mobutu começou a se esboçar em 1994, quando cerca de 1 milhão de refugiados da guerra civil de Ruanda, em sua maioria de etnia hutu, se instalou no leste do Zaire, região habitada predominantemente pela etnia tútsi. Sentindo-se abandonados pelo regime de Mobutu, os tútsis iniciaram uma guerrilha contra o governo, sob a liderança de Laurent-Désire Kabila, que, em 1997, depôs Mobutu, formando um novo governo. Mobutu fugiu para o Marrocos, onde morreu no mesmo ano.

A partir de então, Kabila mudou o nome do país para República Democrática do Congo e, apesar do nome, instaurou uma nova ditadura. Em 1998, militares tútsis se rebelaram contra o governo, dando início a um novo enfrentamento armado. A guerra civil decorrente desse enfrentamento, a mais violenta desde a Segunda Guerra Mundial, provocou a morte de mais de 5 milhões de pessoas, e outros tantos se refugiaram em países vizinhos, boa parte deles vivendo em campos de refugiados da Acnur.

Em 2001, Laurent Kabila foi assassinado, e seu filho, Joseph Kabila, assumiu o governo provisoriamente. Ele convocou os envolvidos no conflito para negociar um acordo de paz. Em 2006, foram convocadas as primeiras eleições do país, e Joseph Kabila foi eleito presidente.

NA TELA

Hotel Ruanda.
Direção: Terry George. Reino Unido, Itália, África do Sul e Estados Unidos, 2004 (2 h 2 m).

O filme aborda o genocídio ocorrido em Ruanda, em 1994, quando os hutus e os tútsis entraram em conflito. Essa é uma oportunidade para conhecer um pouco mais os povos desse continente e seu modo de vida, além de refletir sobre os variados conflitos étnicos que ocorrem na África.

SIMON MAINA/Agência France-Presse



Seção de votação na República Democrática do Congo, em 2011.

No início de 2011, Kabila mudou a Constituição, eliminando do processo eleitoral o segundo turno (a maioria simples no primeiro turno já elegeeria um novo presidente). Nas eleições realizadas no final daquele ano, Kabila foi reeleito com 49% dos votos. Em meados de 2018, ele continuava no poder, mas houve um acordo para convocação de novas eleições para dezembro daquele ano.

A **incipiente** democracia congoleza ainda enfrenta problemas graves, como a instabilidade política, a resistência de milícias tribais rebeldes, uma economia frágil (apesar de ser um país extremamente rico em recursos minerais), e a precariedade das condições de vida (veja o IDH do Congo na página 112), forçando milhares de pessoas a buscar abrigo em países vizinhos. Observe a fotografia.

Desde 2010, a Missão das Nações Unidas para a Estabilização da República Democrática do Congo (Monusco, sigla em francês) atua no país. Em outubro de 2017, a Monusco contava com 16 mil “capacetes azuis”, como são chamados os soldados da força de paz da ONU; era a maior de todas as quinze em atuação naquele ano (na atividade final há um mapa com todas elas).

Saiba mais lendo o texto a seguir.



Andrew Reinisen/The Washington Post/Getty Images

Segundo dados da ONU, só em 2017, 1,7 milhão de moradores da República Democrática do Congo foi forçado a fugir por causa dos conflitos (cerca de 5 mil pessoas por dia). No total, o número de refugiados atinge mais de 4 milhões de pessoas. Na fotografia, campo de refugiados em Uganda, em 2018.

Para conhecer mais

Os alunos devem perceber que, paradoxalmente, a riqueza do subsolo muitas vezes é a causa da pobreza da população que vive sobre ela. Essa é mais uma correlação possível entre pobreza e guerra. A riqueza do subsolo em países política e economicamente desestruturados e com instituições frágeis leva a conflitos armados entre grupos rivais pelo controle e exploração dessa riqueza, como acontece em diversos países africanos, entre os quais se encontra a República Democrática do Congo. A guerra, como vimos, desestrutura a economia e impede o crescimento econômico, a geração de emprego e renda, e, portanto, o desenvolvimento humano.



PARA CONHECER MAIS

Congo*: a maior guerra do mundo

[...] É uma guerra travestida de conflito étnico, mas que esconde interesses mundanos: os trilhões de dólares enterrados no solo vermelho do leste do Congo. O maior país da África subsaariana é também o mais rico em recursos naturais, confiscados desde a colonização belga. Hoje, essa riqueza financia as milícias sem que o povo veja um tostão. Ao contrário disso, são explorados no trabalho pesado das minas.

Ouro, diamantes, coltan – minério que contém tântalo, usado em aparelhos de celular e tablets – são contrabandeados para países vizinhos como Ruanda, Uganda e Burundi. Calcula-se que apenas 10% das minas do Congo sejam exploradas legalmente.

CARRANCA, Adriana. Congo: a maior guerra do mundo. *Estadão*, 29 out. 2013. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,congo-a-maior-guerra-do-mundo-imp-,1087710>>. Acesso em: 7 ago. 2018.

*O artigo se refere à República Democrática do Congo, e não ao país vizinho República do Congo.

- Por que, muitas vezes, a riqueza do subsolo não se transforma em benefício para a população que vive sobre ela?

incipiente: que está no começo.

Porque, como acontece na República Democrática do Congo, a riqueza do subsolo gera cobiça estrangeira e guerra entre grupos locais para o controle dos territórios onde se encontram os recursos minerais. O dinheiro auferido por esses recursos minerais é apropriado privadamente, e a população acaba não se beneficiando em nada dessa riqueza e ainda é obrigada a conviver com a insegurança da guerra, muitas vezes obrigando parte dela a se refugiar em outros países.

Orientações didáticas

Ao tratar da questão de Angola, contemplam-se as habilidades EF08GE07 e EF08GE08.

No boxe **Explorando o gráfico**, retome os conteúdos já trabalhados. Faça perguntas como: Há relação entre o IPC e o IDH? Os alunos devem perceber que a maioria dos países com menor incidência de corrupção está mais bem posicionada no ranking de IDH, o que indica que a corrupção é um fator que dificulta a melhoria das condições de vida das sociedades nas quais ela é elevada, porque desvia recursos do Estado para enriquecimento privado de pessoas no poder. Oriente os alunos a compreender, como mais uma forma de romper com estereótipos, que na África também há países com baixo grau de corrupção, como é o caso de Botsuana, país mais bem posicionado que a Itália, que é um país desenvolvido, e bem à frente do Brasil.

O QUE É ?

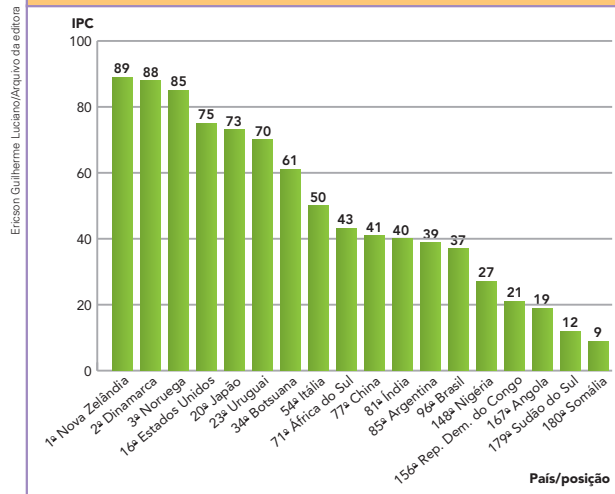
O Índice de Percepção da Corrupção (IPC) avalia a percepção que a sociedade tem em relação à corrupção na máquina estatal. Quanto mais perto de cem for o IPC, menos corrupto é considerado o país; quanto mais perto de zero, mais corrupto.

Os dois mais corruptos são a Somália e o Sudão do Sul. Os dois menos corruptos são Nova Zelândia e Dinamarca.

EXPLORANDO O GRÁFICO

Quais são os dois países mais corruptos e os dois menos corruptos do mundo?

Índice de Percepção da Corrupção (IPC): os dois países menos corruptos, os dois mais corruptos e outros selecionados – 2017



Fonte: elaborado com base em INTERNATIONAL TRANSPARENCY. *Corruption Perceptions Index 2017*. Berlim, 2017. Disponível em: <www.transparency.org/news/feature/corruption_perceptions_index_2017>. Acesso em: 7 ago. 2018.

Angola: conflito leste-oeste e “Estado predatório”

No período da Guerra Fria (1947-1991) era comum os Estados Unidos apoiarem ditaduras na África, como fizeram na América Latina, a fim de conseguir aliados e fazer frente ao avanço socialista. O regime liderado por Agostinho Neto, por exemplo, do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), que se consolidou no poder após a independência de Portugal em 1975, passou a ser combatido pelos Estados Unidos. Os americanos passaram a dar apoio ao principal grupo rival do MPLA, a União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita), comandado por Jonas Savimbi.

A longa guerra civil angolana (1975-2002) exemplifica bem o significado do conflito leste-oeste, vigente durante a Guerra Fria.

O fim da Guerra Fria abriu a oportunidade de solucionar vários desses conflitos bipolares, como o que envolveu o MPLA e a Unita. Mesmo assim, a guerra civil ainda durou bastante tempo, pois havia interesses políticos e econômicos em disputa (o país é muito rico em petróleo e minérios). Apenas em 2002 os dois grupos rivais assinaram um acordo de paz e a Unita passou a fazer oposição política. No entanto, o MPLA continuou no poder sob a liderança autoritária e corrupta de José Eduardo dos Santos, presidente do país desde 1979, após a morte de Agostinho Neto.

Atualmente, a família Santos e seus aliados políticos são sócios de diversas empresas dos setores petrolífero, mineral, financeiro, entre outros, e alguns de seus membros possuem as maiores fortunas do continente. Há indícios de que o enriquecimento da família Santos se deu à custa de corrup-

ção e apropriação de parte do patrimônio do Estado, em mais um exemplo de “Estado predatório”. Não por acaso, Angola é um dos países mais desiguais (de acordo com dados do relatório *Indicadores de Desenvolvimento Mundial 2018*, os 10% mais ricos se apropriam de 32,3% da renda nacional, e os 10% mais pobres, de 2,1%, e seu índice de Gini é de 42,7) e corruptos do mundo, avaliado pelo Índice de Percepção da Corrupção (observe o gráfico).

Enquanto isso, a maioria da população angolana vive em condições muito precárias: segundo o relatório 2018 do Banco Mundial, 30% dela vive na extrema pobreza (com menos de 1,90 dólar por dia) e 55,7%, na pobreza (com menos de 3,20 dólares por dia). Como vimos, o país apresentou um IDH de 0,533 em 2016.

Kaunda quis dizer que parte da responsabilidade pelos problemas socioeconômicos enfrentados pelos países africanos é dos governantes africanos, que desviaram dinheiro público, que não fizeram investimentos sociais suficientes para resolvê-los, que não priorizaram saúde, educação, saneamento básico, etc. Colocar toda essa responsabilidade na conta

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

dos colonizadores europeus é isentar de culpa as elites governantes de cada país. Países como Zaire, na época de Mobutu, e posteriormente República Democrática do Congo, no período da família Kabila, assim como Angola no período da família Santos, corroboram a frase de Kaunda.

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

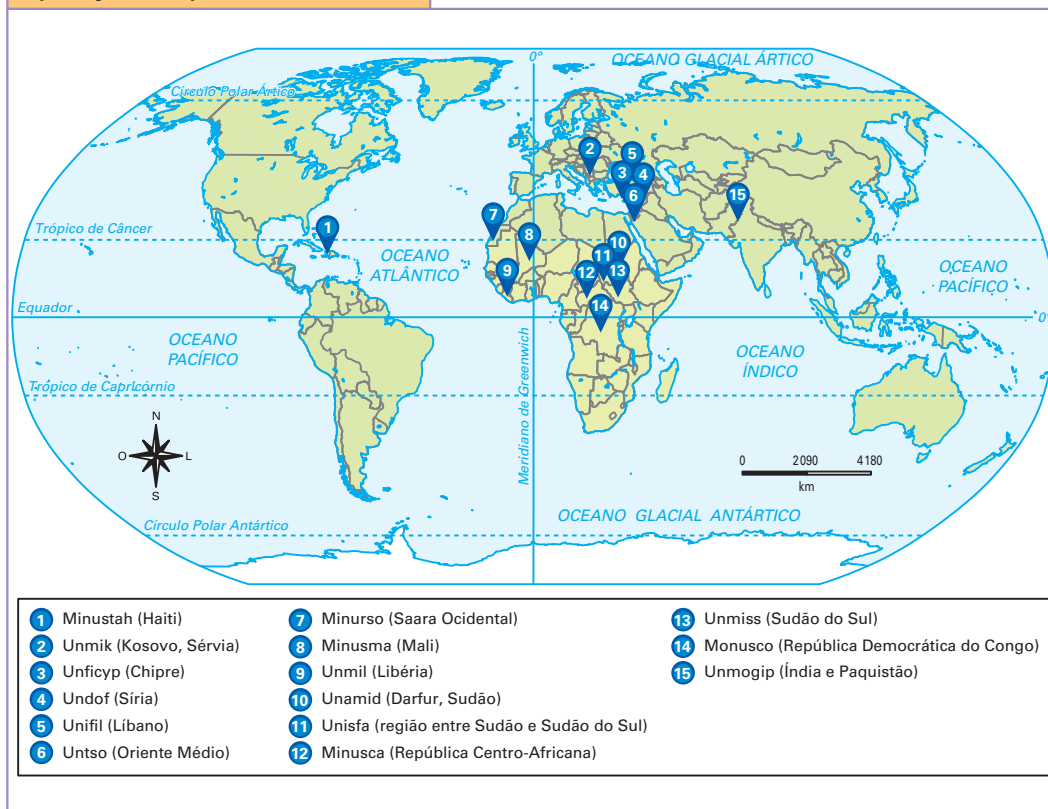
1. Leia a frase a seguir, dita por Keneth Kaunda, que presidiu a Zâmbia de 1964 até 1991, sobre os desafios do continente africano.

“[...] temos que ser corajosos para dizer que nem toda a culpa deve ser colocada nos ombros dos colonizadores. Parte dela tem que estar nos nossos ombros.”

FLOR, Ana. Ícone de Zâmbia lembra o fim do apartheid. *Folha de S.Paulo*, 11 jul. 2010. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1107201004.htm>. Acesso em: 25 ago. 2018.

- O que Keneth Kaunda quis dizer? Dê exemplos de países que possam corroborar esta frase e fale sobre o papel dos governantes.
2. Observe o mapa a seguir, compare-o com o mapa de conflitos, na página 115, e depois responda:

Operações de paz da ONU – 2017



Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Peacekeeping Operations. *Fact Sheet*, set. 2017. Disponível em: <https://peacekeeping.un.org/sites/default/files/pk_factsheet_09_17_e_sb.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2018.

- a) Onde atua a maioria das operações de paz da ONU, os chamados “capacetes azuis”?
A maioria das operações de paz da ONU atua na África, notadamente na região subsaariana, e na Ásia, sobretudo no Oriente Médio.
- b) Onde ocorre a maioria dos conflitos no mundo? A maioria dos conflitos acontece na África, sobretudo na região subsaariana, e na Ásia, principalmente no Oriente Médio e no Sul e Sudeste Asiáticos.
- c) Há coincidência entre os dois mapas?
Sim, de forma geral as operações de paz atuam nas regiões mais conflagradas do mundo, com destaque para a África subsaariana.

CAPÍTULO 8 • África: sociedade e conflitos | 121

Consolidando conhecimentos

1. O desenvolvimento desta atividade propicia a discussão sobre o papel dos governos no processo de desenvolvimento dos países e, dessa forma, mobiliza a habilidade **EF08GE05**.
2. Ao solicitar a comparação de mapas de conflitos em atividade com países atendidos pelas forças de paz da ONU, a habilidade **EF08GE19**, no que se refere à África, é trabalhada. A atividade também possibilita o desenvolvimento da competência **CEGeo4**.
 - c) Das quinze operações de paz da ONU, oito atuam na região, com destaque para a Monusco (14), a maior de todas, que atua na República Democrática do Congo. Vale lembrar aos alunos que a atuação das forças de paz é autorizada pelo Conselho de Segurança da ONU.

Sugestão de aprofundamento

Assista a uma entrevista que Kenneth Kaunda deu ao jornal alemão *Der Spiegel* em 2006, na qual ele expressa suas ideias sobre a descolonização e os problemas africanos.

Disponível em: <www.inesc.org.br/noticias/noticias-gerais/2007/abril-2007/ex-presidente-de-zambia-kenneth-kaunda-a-africa-tem-problemas-enormes>. Acesso em: 11 out. 2018.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE06 Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos.

EF08GE08 Analisar a situação do Brasil e de outros países da América Latina e da África, assim como da potência estadunidense na ordem mundial do pós-guerra.

EF08GE09 Analisar os padrões econômicos mundiais de produção, distribuição e intercâmbio dos produtos agrícolas e industrializados, tendo como referência os Estados Unidos da América e os países denominados de Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

EF08GE20 Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.

I Orientações didáticas

Ao iniciar este capítulo, pergunte aos alunos como eles imaginam que seja a situação econômica da África atualmente. É muito comum as pessoas associarem os países africanos a exportadores de matérias-primas baratas, o que é verdade na maioria dos países. Muitos deles se beneficiaram da valorização das matérias-primas agrícolas e minerais e das fontes de energia, produtos mais importantes de sua pauta de exportações, ao longo dos anos 2000, época em que muitas economias cresceram a taxas bastante elevadas. Porém, com o fim do superciclo das *commodities* em 2014 e a queda de seus preços, o ritmo de crescimento caiu em muitos deles.

CAPÍTULO 9

Vamos tratar de:

- Agropecuária
- Indústria, mineração e turismo
- Investimentos estrangeiros

O QUE É ?

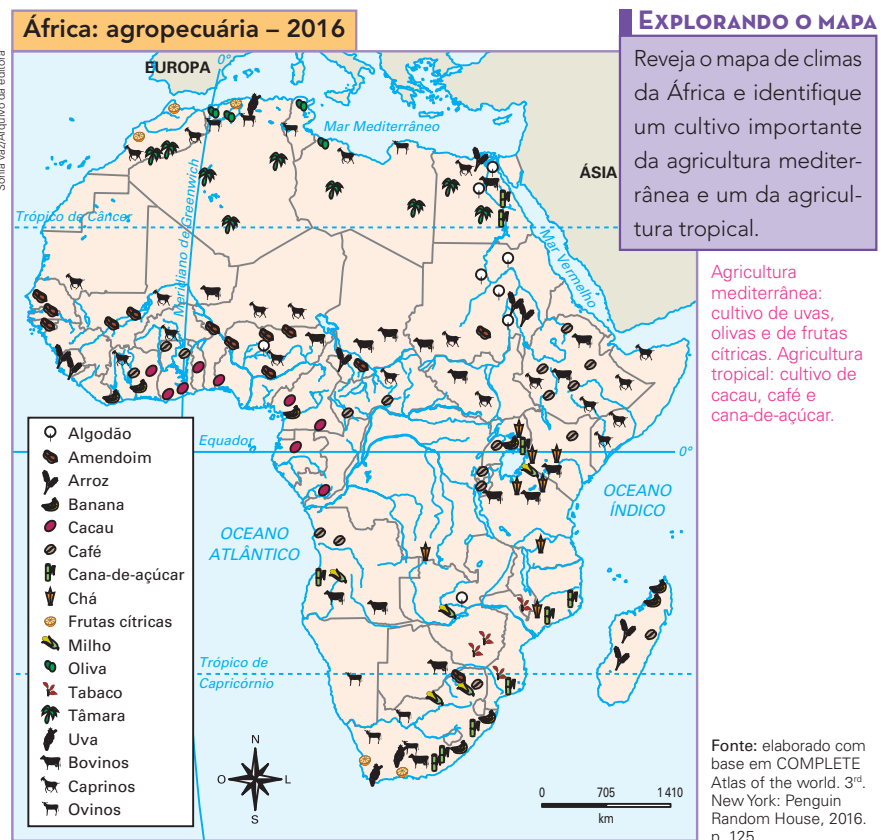
Commodities são matérias-primas agrícolas (soja, café, etc.), minerais (petróleo, carvão mineral, etc.) ou ainda produtos de baixo grau de industrialização, como suco de laranja e açúcar. Seus preços são cotados em dólar nas bolsas de mercadorias em função da oferta e da procura no mercado mundial.

África: economia

Como vimos, desde a época do imperialismo, a África foi inserida na divisão internacional do trabalho como exportadora de alimentos, matérias-primas agrícolas e minerais, particularmente às potências europeias. Atualmente, a China tem aumentado sua presença na África. Essa potência emergente, devido ao seu acelerado crescimento econômico, foi a grande responsável pelo aumento das exportações de *commodities* no início deste século, o que impulsionou a economia de diversos países africanos.

Agropecuária

Principalmente na porção de clima tropical do continente africano, predominam grandes propriedades monocultoras voltadas à exportação de produtos como cacau, café, algodão, tabaco e açúcar de cana. Dentre os maiores produtores e exportadores desses produtos se destacam Costa do Marfim, Gana, Camarões e Nigéria. Observe o mapa.



Explore o mapa da agropecuária na África com os alunos de modo que eles percebam quais são os principais produtos agrícolas produzidos pelos países africanos, alguns dos quais voltados para a subsistência da população e outros, notadamente produtos tropicais, voltados para a exportação. Estimule-os a associar os cultivos de alimentos e matérias-primas agrícolas, e mesmo as criações de gado, aos climas mais favoráveis para seu desenvolvimento. Na se-

ção **Lendo textos e mapas**, que encerra a unidade, há um texto que explora mais a relação entre clima e agricultura, além da proposta de correlação deste mapa com um mapa de clima.

Ao analisar a agricultura e o comércio exterior de países africanos, assim como os interesses estadunidenses, chineses e brasileiros na África, as habilidades **EF08GE09** e **EF08GE20** são mobilizadas.

A África do Sul possui a agricultura mais moderna e diversificada do continente, além de ser o país mais industrializado e com melhor infraestrutura. Além disso, o país apresenta significativa diversidade climática, que possibilita o cultivo de vários produtos agrícolas. Na zona de agricultura mediterrânea, destacam-se os vinhedos, o que transformou o país em grande produtor e exportador de vinhos.

Em outras regiões do continente, alguns países também se destacam no cultivo e na exportação de algum produto tropical importante, como Etiópia e Uganda, alguns dos maiores produtores mundiais de café; Quênia, maior produtor mundial de chá; Egito, maior produtor de algodão do continente, com o desenvolvimento de agricultura irrigada no vale do rio Nilo e países do Magreb, grandes produtores de uvas, olivas e frutas cítricas.

A pecuária também é importante em diversos países da África. Observe no mapa da página anterior que, nos países que estão nas regiões de clima tropical e semiárido, há importante pecuária de caprinos (cabritos e cabras) e bovinos (bois e vacas) cujo leite e carne são muito importantes na dieta alimentar das populações. A criação de bovinos é muito importante na economia da Etiópia e do Sudão. Nas regiões montanhosas e frias dos países da cadeia do Atlas (Magreb) e do maciço da Etiópia (África oriental) há também a criação de ovinos (carneiros e cabras), assim como na África do Sul.

As grandes propriedades monocultoras são voltadas principalmente à exportação, por isso dispõem de mais recursos para adquirir adubos, máquinas, sistemas de irrigação, etc. Como são mais capitalizadas, em geral apresentam maior produtividade. Pertencem a empresas multinacionais – principalmente europeias, por causa dos laços que vêm desde a época da colonização – ou às elites locais, associadas aos importadores estrangeiros. Recentemente tem crescido bastante a entrada de empresas chinesas, muitas das quais estatais. A China tem intensificado sua presença na África para garantir o fornecimento de *commodities* minerais e agrícolas, como veremos a seguir.

Ao lado dessas grandes propriedades há as pequenas, voltadas à agricultura de subsistência e de abastecimento da população local, com destaque para as produções de mandioca, milho e arroz. Geralmente são menos capitalizadas e apresentam menor produtividade.

Waldo Swiegers/Bloomberg/Getty Images

NA ESTANTE

IBAZEBO, Isememe. Explorando a África. São Paulo: Ática, 1997.

O autor nigeriano conta a história da África desde antes da chegada dos europeus, passando pelo imperialismo e chegando até os dias de hoje.

Mostra a riqueza de muitos reinos e a exploração colonial que levou aos problemas enfrentados atualmente pelos países do continente.

Cultivo de arroz em Moçambique, em 2017.

I Orientações didáticas

Comente com os alunos que Etiópia e Uganda, situados na África oriental, estão respectivamente na quinta e na décima posição mundial de exportadores de chá; o Quênia, também situado na África oriental, é o terceiro maior produtor mundial.

Proponha aos alunos a leitura do livro *Explorando a África*, indicado no box **Na estante**, e, se considerar conveniente, faça uma discussão com eles sobre o assunto.

Sugestão de aprofundamento

Para saber mais sobre o superciclo das *commodities*, consulte o artigo a seguir.

MANZI, Rafael Henrique Dias. O fim do superciclo das *commodities* internacionais e seus reflexos na economia brasileira. *Conjuntura Internacional*, v. 13, n. 1. nov. 2016. p. 36-43. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/conjuntura/article/view/P.1809-6182.2016v13n1p36>>. Acesso em: 11 out. 2018.



123

Orientações didáticas

Ao tratar dos incentivos à agricultura contempla-se a habilidade EF08GE06.

Ao trabalhar o boxe **Explorando a tabela**, comente com os alunos que os dados apresentados indicam que ainda há muito a ser feito para resolver a questão alimentar na África. Observe que na América Latina, no período retratado, houve um pequeno aumento de pessoas desnutridas em números absolutos, mas uma redução em números relativos, mostrando que a incidência de desnutrição cresceu mais devagar do que a população.

Discuta com os alunos o significado dos termos *desnutrição*, *subnutrição* e *fome*. Apesar de parecer que têm o mesmo sentido, há diferenças entre eles e é importante demarcá-las, porque isso define a atuação de organizações internacionais, como a FAO, e de ONGs que combatem a fome, como a WFP. Por exemplo, quando uma população está passando fome, uma situação de subalimentação aguda, é necessária uma ajuda alimentar imediata; caso contrário as pessoas correm o risco de morrer em pouco tempo por absoluta desnutrição.

O texto a seguir, da FAO, oferece subsídios para essa discussão (para consultá-lo na íntegra acesse o endereço indicado na fonte do texto).

Conceitos relacionados com a insegurança alimentar

Fome

Denominação geral com a qual se faz referência a uma situação de baixo consumo alimentar ou desnutrição, habitualmente crônica. Segundo a FAO, o conceito de fome costuma utilizar-se em situações de intensa privação de alimentos relativamente a diversas formas de desnutrição, entre elas as devidas a um acesso limitado à quantidade suficiente de alimentos e a um déficit de nutrientes essenciais presentes nos alimentos necessários desde o ponto de vista nutricional, o que se repercute nas faculdades físicas e mentais da pessoa ou pessoas afetadas.

[...]

Fonte: elaborado com base em FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. *The State of Food Insecurity and Nutrition in the World 2017*. Roma, 2017. Disponível em: <www.fao.org/3/a-17695e.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2018.

A Ásia é o continente onde há mais pessoas desnutridas, seguida pela África. No entanto, no período retratado, enquanto na Ásia o número de pessoas desnutridas está se reduzindo, na África ele está aumentando, tanto em termos absolutos quanto relativos. A América Latina vem em terceiro lugar, mas com um número bem menor de pessoas desnutridas.

O QUE É ?

Protecionismo comercial é a adoção de impostos ou cotas para reduzir o fluxo de importação de determinadas mercadorias. No caso do protecionismo agrícola ainda há medidas fitoosanitárias para dificultar a importação de produtos agropecuários e restrições quanto às condições sociais e ambientais de produção.

124 | UNIDADE 4 ■ África

Incentivos à agricultura no combate à desnutrição

O predomínio da cultura de exportação e a falta de incentivo governamental aos pequenos produtores são algumas causas da incidência de desnutrição em vários países africanos, que como mostra a tabela abaixo, ainda é muito alta. Como vimos no capítulo anterior, outros fatores contribuem para isso: a renda insuficiente da maioria da população, a corrupção governamental e as guerras, além de secas periódicas que atingem alguns países, especialmente na região do Sahel.

MUNDO: DESNUTRIÇÃO – 2010-2016

Região	2010		2016	
	Total de desnutridos (milhões)	% sobre a população da região	Total de desnutridos (milhões)	% sobre a população da região
Ásia	552,4	13,2	519,6	11,7
África	191,1	18,3	243,2	20,0
América Latina	40,8	6,8	42,5	6,6
Oceania	1,8	5,0	2,7	6,8
América do Norte e Europa	<1,0	<2,5	<1,0	<2,5

EXPLORANDO A TABELA

Quais são os dois continentes em que há maior número de pessoas desnutridas no mundo? Esse número está aumentando ou diminuindo? Qual é a situação da América Latina?

No entanto, muitos projetos têm sido desenvolvidos na África para estimular a agricultura e reduzir a desnutrição. Há diversas organizações internacionais governamentais, inclusive do Brasil, como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa); intergovernamentais, como a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO); e não governamentais (ONGs), como o Programa Mundial de Alimentos (WFP, sigla em inglês), envolvidas com projetos de redução da desnutrição e de estímulo à agricultura e à autossuficiência na produção de alimentos. A FAO desenvolve projetos de agricultura, de irrigação e de contenção da desertificação em diversos países africanos. Uma das mais importantes ONGs que atuam na África é o WFP, organização humanitária líder na luta contra a fome no mundo. Além de fornecer alimentos em situações de emergência, principalmente em zonas de conflitos e em campos de refugiados, também trabalha com as comunidades para melhorar a oferta de alimentos e a nutrição.

Se houvesse mercado interno significativo e apoio governamental aos pequenos produtores (como crédito barato, boa infraestrutura, apoio tecnológico e incentivo ao cooperativismo), a produção poderia se organizar, tanto para a exportação quanto para o abastecimento interno, como acontece nos países desenvolvidos e em alguns países emergentes mais competitivos, como o Brasil e a Argentina. Porém, há outro problema que dificulta o aumento das exportações dos países em desenvolvimento: o **protecionismo comercial** dos países ricos.

Subnutrição

Também chamada fome crônica. Estado nutricional caracterizado por uma continuada insuficiência na ingestão de alimentos, com um valor calórico que não chega a satisfazer as necessidades mínimas de energia alimentar. Pode produzir um enfraquecimento do sistema imunitário, o que torna as pessoas mais vulneráveis às doenças [...].

Desnutrição

É o resultado da subnutrição, da má absorção e/ou da má utilização biológica dos nutrientes consumidos.

[...]

FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. *O direito à alimentação*. Roma, 2014. p. 7. Disponível em: <www.fao.org/3/a-i3454o.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2018.

Indústria e mineração

Os países africanos, de forma geral, apresentam baixo grau de industrialização. Em muitos deles, a economia está baseada na agricultura voltada à exportação de produtos tropicais, como vimos anteriormente.

Além da agricultura, as exportações das nações africanas têm importante participação de produtos de origem mineral. Em alguns deles, como Angola e Nigéria, a pauta de exportações é composta quase que somente de petróleo; em outros há grande participação de minérios, como na Zâmbia. Como vimos no capítulo anterior, a República Democrática do Congo é um dos países mais ricos em minérios da África; no entanto, a maior parte dos minérios, como o diamante e o tântalo, é vendida clandestinamente por milícias armadas a traficantes e, portanto, não entra nas estatísticas oficiais. As exportações de produtos industrializados têm importante participação em poucos países, com destaque para a Tunísia. Observe os dados da tabela.



George Osodi/Bloomberg/Getty Images

OS MAIORES EXPORTADORES DA ÁFRICA – 2017

País	Exportações (em bilhões de dólares)	Produtos primários (porcentagem das exportações)			Produtos industrializados (porcentagem das exportações)
		Alimentos e matérias-primas agrícolas	Combustíveis fósseis	Minérios	
África do Sul	89,0	13,8	12,6	25,5	47,1
Nigéria	46,9	1,8	95,8	0,1	2,2
Argélia	34,9	1,1	94,5	0,2	4,3
Egito	25,6	20,8	21,3	4,2	53,6
Angola	33,1	0,1	95,0	3,3	1,5
Marrocos	25,3	21,8	0,9	6,5	70,8
Tunísia	14,2	11,0	5,6	1,6	81,7
Gana	13,5	59,8	22,1	3,3	14,8
Costa do Marfim	12,7	77,5	13,8	0,3	8,1
Zâmbia	8,1	10,2	1,6	77,8	10,1
Tanzânia	4,5	62,1	1,3	11,4	25,1
Camarões	3,6	75,1	6,2	5,9	12,7
Etiópia	3,2	85,6	0,0	0,7	12,5

O petróleo responde por quase 96% das exportações da Nigéria, e essa atividade conta com muita participação estrangeira na extração e no refino. Refinaria de petróleo chinesa na Nigéria, em 2015.

Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D.C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

Orientações didáticas

Ao tratar de indústria e mineração, contemplam-se parcialmente as habilidades EF08GE09 e EF08GE20.

Explore com os alunos a tabela que mostra os maiores exportadores da África em 2017. Inicialmente, peça a eles que identifiquem os três países que têm maior participação na pauta de exportação de: a) produtos industrializados; b) alimentos e matérias-primas agrícolas; c) combustíveis fósseis; d) minérios. Em seguida, faça uma indagação: De forma geral, como está organizada a pauta de exportação dos países africanos? Depois, peça que relacionem esse fato com a inserção dos países do continente na divisão internacional do trabalho. Houve mudança significativa desde a época colonial? Os maiores exportadores de petróleo do continente africano são membros da Opep? A explicação sobre essa organização e os países-membros encontra-se na página 127.

Sugestão de aprofundamento

Consulte o *site* da organização humanitária WFP, que tem mais de 80 milhões de doadores em diversos países, cuja contribuição permite a distribuição de aproximadamente 12,6 bilhões de pratos de comida por ano (em inglês, espanhol e outras línguas).

Programa Mundial de Alimentos (WFP). Disponível em: <<http://www1.wfp.org>>. Acesso em: 6 nov. 2018.

Sugestão de aprofundamento

Veja os projetos desenvolvidos pela FAO na África (em inglês, espanhol e outras línguas).

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). Disponível em: <www.fao.org/in-action/fao-projects/en>. Acesso em: 12 out. 2018.

Orientações didáticas

Explore com os alunos o mapa de mineração, energia e indústria da África. Eles devem observar a distribuição da exploração mineral, cujo destaque é a África do Sul, maior produtor e exportador de minérios do continente. Atenção para esses dados [os alunos podem questionar esse ponto]: a tabela da página anterior mostra que em Zâmbia os minérios têm participação maior na pauta de exportação, mas é de 77,8% sobre 8,1 bilhões de dólares [total das exportações do país]; na África do Sul a participação é menor, mas é de 25,5% sobre uma base bem maior [89 bilhões de dólares]. Ou seja, o valor das exportações minerais da África do Sul é quase quatro vezes maior que o de Zâmbia.

Em seguida, os alunos devem observar a concentração da produção de petróleo nos países africanos da Opep, na qual se destacam Nigéria, Angola, Argélia e Líbia, o que será mais explorado na página seguinte. Finalmente, eles devem observar a distribuição das regiões industriais, na qual se destaca novamente a África do Sul, o país mais industrializado e o maior exportador de bens industriais do continente. Aqui, vale o mesmo raciocínio feito anteriormente: embora a participação percentual de produtos industrializados seja menor na pauta de exportação da África do Sul em comparação com a da Tunísia, do Marrocos e do Egito, em valores [dólares] é bem maior do que o que esses países exportam. Só as exportações de produtos industrializados da África do Sul (41,9 bilhões de dólares) superam o total das exportações de cada um dos outros países africanos, excetuando a Nigéria.



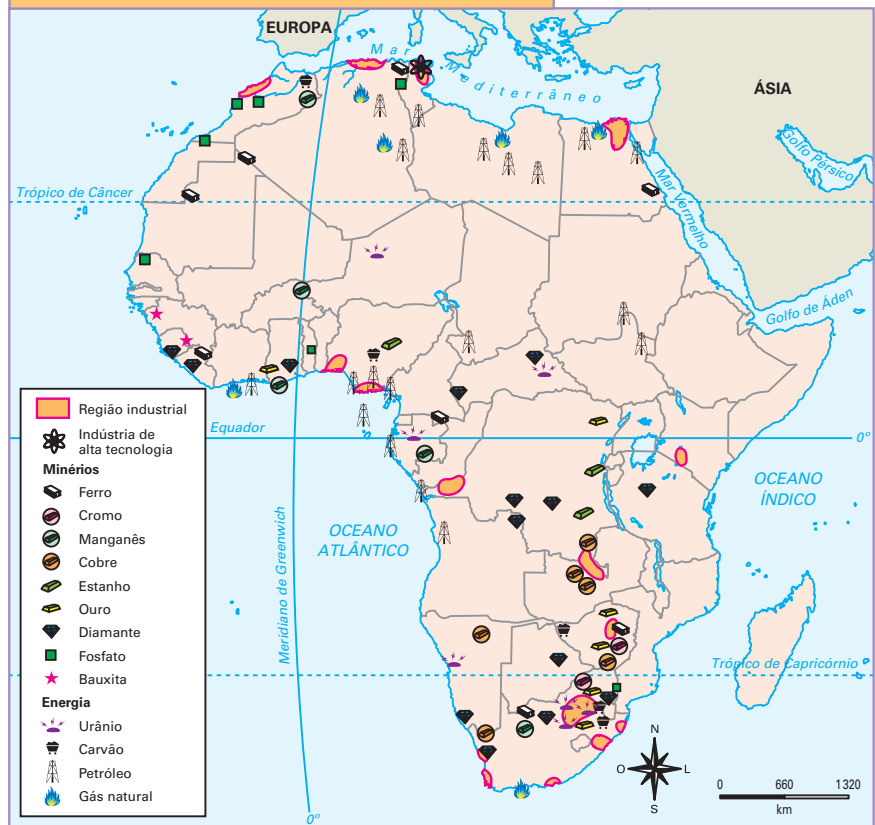
Indústria têxtil no Cairo (Egito), em 2017.

Embora existam centros industriais em diversas regiões no continente africano, a África do Sul é o país em que o processo de industrialização mais avançou. Seu parque industrial é o mais diversificado da África, como estudaremos adiante. Observe no mapa abaixo as principais áreas de exploração de combustíveis fósseis e as regiões industriais.

Embora haja países em que os produtos industrializados tenham uma participação maior na pauta de exportações, como é o caso de Tunísia, Marrocos e Egito, a África do Sul é o país que mais vende bens industriais ao exterior. Embora os produtos industrializados não sejam predominantes em sua pauta de exportações (47%), o valor total das exportações é de cerca de 42 bilhões de dólares, o que equivale quase ao total do segundo maior exportador do continente (veja a tabela na página 125).

O Egito apresenta o segundo parque fabril mais diversificado da África, e os produtos industrializados também predominam em sua pauta de exportações, seguidos dos combustíveis fósseis. O país possui importante indústria têxtil, e seus tecidos são muito valorizados no mundo.

África: mineração, energia e indústria – 2014



Material Digital

Esta é uma oportunidade para trabalhar a sequência didática sobre as características da indústria na África do Sul.

Os exportadores de petróleo

Em 2018, sete dos quinze membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) eram africanos: Angola, Argélia, Congo, Gabão, Guiné Equatorial, Líbia e Nigéria. A produção petrolífera deles não é muito elevada, se comparada à dos primeiros produtores mundiais. No entanto, como são economias relativamente pequenas, não consomem toda a produção, e por isso dispõem de um grande excedente exportável. Os três grandes produtores de petróleo da África (Angola, Nigéria e Argélia) são os maiores exportadores do continente. O Egito (quarto produtor africano), não é membro da Opep e consome quase todo o petróleo que extrai.

No entanto, as rendas obtidas com a venda desses recursos minerais servem mais para enriquecer governantes corruptos e multinacionais petrolíferas do que para melhorar as condições de vida das populações.

O aumento da demanda internacional por matérias-primas na década de 2000, especialmente pela China, beneficiou diversos países do continente. Muitos deles receberam volumes significativos de investimentos estrangeiros, direcionados para agricultura, extração de petróleo e de minérios e para obras de infraestrutura. Com isso, como se pode observar na tabela, a economia de muitos países africanos apresentou rápido crescimento nos últimos anos.

ÁFRICA: INDICADORES DAS SEIS MAIORES ECONOMIAS E DE OUTROS PAÍSES SELECIONADOS – 2017		
País	PIB (em bilhões de dólares)	Crescimento anual do PIB 2000-2017 (em %)
Nigéria	375,8	7,1
África do Sul	349,4	2,9
Egito	235,4	4,3
Argélia	170,4	3,4
Angola	124,2	8,9
Marrocos	109,1	4,4
Etiópia	80,6	9,7
Gana	47,3	6,8
República Democrática do Congo	37,2	6,0
Botsuana	17,4	4,6
Moçambique	12,3	7,3
República Centro-Africana	1,9	-0,4

Fonte: elaborado com base em THE WORLD Bank. *World Development Indicators 2017*. Washington, D.C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

EXPLORANDO A TABELA

Quais foram as quatro economias africanas que mais cresceram? O que explica esse crescimento?

O QUE É ?

A Opep é um cartel de importantes produtores de petróleo do Oriente Médio, da África e da América do Sul. Foi constituído em 1960 por Arábia Saudita, Irã, Iraque, Kuwait e Venezuela com o objetivo de estabelecer cotas de produção para os países-membros e estabilizar o preço internacional do petróleo. Em 2018 era composta de quinze países, com destaque para a Arábia Saudita, maior produtor da Opep e segundo do mundo (em 2017 sua produção foi de 9,9 milhões de barris/dia).

Pela ordem: Etiópia, Angola, Moçambique e Nigéria. Investimentos no setor petrolífero, sobretudo em Angola e Nigéria, e no setor de infraestrutura, com destaque para a usina hidrelétrica Grande Represa do Renascimento Etíope, em construção no rio Nilo Azul.

Orientações didáticas

Comente com os alunos que o maior produtor de petróleo do mundo é a Rússia (em 2017), um país euroasiático que, no entanto, não é membro da Opep. O maior produtor desse cartel, a Arábia Saudita, é o segundo produtor mundial. Esclareça ainda que o Brasil, embora não seja membro da Opep, é maior produtor de petróleo que todos os países africanos membros dessa organização.

Ao trabalhar o boxe **Explorando a tabela**, explique aos alunos que em todos os países cujas economias mais cresceram houve investimento chinês.

Sugestão de aprofundamento

Veja todos os quinze países-membros na página da Opep (ou Opec, na sigla em inglês).

OPEC. *Member Countries*. Disponível em: <www.opec.org/opec_web/en/about_us/25.htm>. Acesso em: 12 out. 2018.

Orientações didáticas

Explore com os alunos a tabela de mineração e o mapa de indústrias da África do Sul e estimule-os a perceber a importância dessas atividades na economia do país. Eles devem observar que a produção industrial é bastante diversificada e a principal região fica no norte do país, em torno de Johannesburgo, a maior cidade sul-africana.

África do Sul: o parque industrial mais diversificado do continente

A África do Sul é um dos países com maiores reservas de minérios no continente e é um dos maiores produtores mundiais, como mostra a tabela abaixo.

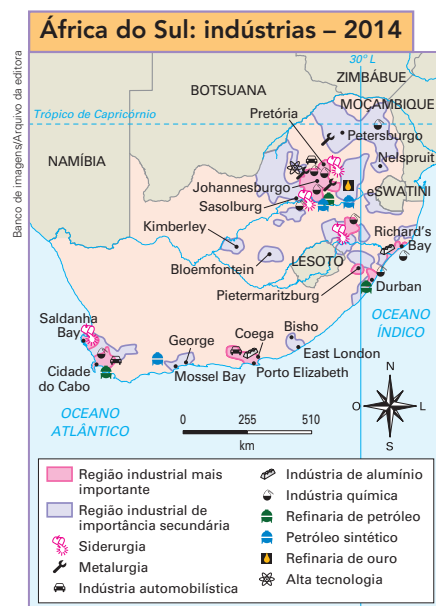
PRODUÇÃO MINERAL DA ÁFRICA DO SUL – 2017		
Minério	Porcentagem da produção mundial	Posição no mundo
Platina	70,0	1 ^ª
Cromo	48,4	1 ^ª
Manganês	33,1	1 ^ª
Titânio	21,0	1 ^ª
Diamante (industrial)	3,2	5 ^ª
Ferro	2,8	6 ^ª

Fonte: elaborado com base em U. S. GEOLOGICAL SURVEY. *Commodity Statistics and Information*. Washington, D.C., 19 dez. 2016. Disponível em: <<https://minerals.usgs.gov/minerals/pubs/commodity/>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

O país exporta minérios brutos, dos quais é um dos principais fornecedores mundiais e o maior da África. Em 2017, 25,5% de sua pauta de exportação era composta de minérios diversos. Entretanto, possui indústrias que processam internamente grande parte da produção mineral; usinas siderúrgicas e metalúrgicas, que produzem diversos tipos de metais – ferro, aço, alumínio, cobre, etc. –, os quais, por sua vez, alimentam outras indústrias, como a automobilística.

O parque industrial do país é o maior, mais diversificado e mais moderno da África. Isso contribui para que sua economia seja a segunda maior entre todos os países africanos (como mostra a tabela da página 127, a maior economia é a Nigéria, mas sua população é 3,4 vezes maior que a da África do Sul). Em 2017, a economia sul-africana correspondia a 21,2% do PIB conjunto de todos os países da África subsaariana.

Entre os outros fatores que exerceram influência em sua economia está a entrada de investimentos ingleses e estadunidenses e os investimentos em infraestrutura e nas indústrias de base. Além disso, os imigrantes europeus trouxeram conhecimentos e experiência em diversas modalidades de trabalho, e a superexploração da mão de obra de xhosas, zulus e outras etnias do país durante o regime do *apartheid* trouxe altos lucros às empresas nacionais e estrangeiras. Hoje há a garantia de uma série de direitos aos trabalhadores reduzindo o grau de exploração. Observe no mapa as principais concentrações industriais do país.



Fonte: elaborado com base em CHARLIER, Jacques. (Dir.). *Atlas du 21^e siècle édition 2012*. Groningen: Wolters-Noordhoff; Paris: Éditions Nathan, 2014. p. 169.

Investimentos estrangeiros

O continente africano como um todo não está plenamente integrado aos fluxos mais significativos da economia mundial. Isso dificulta a solução de muitos de seus problemas sociais e econômicos – quando não os agrava. Por exemplo: apesar do recente crescimento observado em muitos países da África, o fluxo de capitais produtivos, que são investimentos que geram riqueza – lucro para as empresas, empregos para os trabalhadores e impostos para o Estado –, mantém-se como um dos mais baixos do mundo. Em 2016, segundo a Unctad, a África recebeu apenas 3,4% dos investimentos estrangeiros feitos em todo o mundo. Ou seja, 54 países receberam a mesma quantidade de capitais produtivos que o Brasil (observe os números no quadro do gráfico).

Além de esse fluxo de investimentos ser baixo, está muito concentrado em poucos países, como mostra o gráfico a seguir. Em 2016, os dez principais países receptores na África concentraram 75,8% de todos os investimentos que entraram no continente; apenas um país, Angola, ficou com 24,2% do total.

Principais receptores de investimentos estrangeiros na África – 2016



Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. *World Investment Report 2017*. New York/Geneva, 2017. p. 222-225.

A presença chinesa

Por causa do passado colonial e das ligações históricas, econômicas e culturais, predominam capitais europeus no continente africano. Em geral, cada país europeu concentra o investimento em sua ex-colônia, como vimos no capítulo anterior, como os negócios portugueses em Angola. Os Estados Unidos também investem no continente, sobretudo na África do Sul.

Porém, recentemente têm crescido muito os investimentos de países emergentes, especialmente da China. Os chineses têm se empenhado em garantir seu abastecimento de alimentos, matérias-primas agrícolas e minerais, bem como de fontes de energia, para sustentar seu enorme crescimento econômico (no período de 2000-2017, o PIB chinês cresceu em média 9,7% ao ano).

I Orientações didáticas

A análise da presença chinesa e brasileira na África mobiliza as habilidades EF08GE08 e EF08GE09.

Explore o gráfico com os alunos de modo que percebam que os investimentos produtivos na África estão bastante concentrados em poucos países, entre os quais se destaca Angola. Grande parte dos investimentos que entram no continente vai para a extração de petróleo, em especial para Angola e Nigéria. Comente com os alunos o crescente fluxo de investimentos chineses.

■ Orientações didáticas

Explore a fotografia da obra da usina hidrelétrica Grande Barragem do Renascimento Etíope com os alunos. Faça perguntas como: Observando na fotografia o relevo onde está sendo construída a usina hidrelétrica, é possível concluir o motivo de ela ter sido edificada nesse lugar? Eles devem perceber que o grande desnível no terreno facilitou a construção da barragem para represar a água, movimentar as turbinas da usina hidrelétrica e produzir eletricidade. Depois, proponha aos alunos que localizem o rio Nilo Azul em um mapa da África. Se for possível, leve para a sala de aula um mapa de escala um pouco maior para que eles possam visualizar e perceber que a usina se localiza no alto curso do rio Nilo Azul (um afluente do rio Nilo), no maciço da Etiópia, onde o relevo é bastante inclinado e, portanto, há um elevado potencial hidráulico que essa usina vai explorar.

Obra da usina hidrelétrica Grande Barragem do Renascimento Etíope, no rio Nilo Azul (Etiópia), feita por construtoras chinesas. Em 2018, dois terços da obra tinham sido construídos.



Goia Foster/Picture Alliance/Getty Images

Além disso, em razão do aumento – também enorme – de suas exportações, eles acumularam grandes volumes de reservas internacionais (em 2017, eram 3,2 trilhões de dólares). Ou seja, os chineses estão com muito dinheiro em caixa e possuem grandes empresas que buscam se internacionalizar. Por isso, cada vez mais têm tomado o lugar dos europeus e estadunidenses como investidores no continente africano; no entanto, há uma diferença importante com a chegada dos chineses.

Na época do imperialismo (século XIX e início do século XX), as potências europeias dominaram política e territorialmente as nações africanas, que foram transformadas em colônias de exploração. Como vimos, queriam com isso garantir o fornecimento das matérias-primas baratas para seu processo de industrialização. Na época da Guerra Fria (1947-1991), os Estados Unidos estavam mais interessados em difundir seu modelo político-econômico aos países recém-independentes, para conter o avanço da influência soviética, do que em fazer investimentos produtivos. Como vimos no capítulo 1, mesmo no início do século XXI, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, agências de financiamento internacional controladas pelos Estados Unidos, só concedem empréstimos mediante a imposição de certas condições, como que os países adotem as políticas econômicas defendidas por essas instituições.

Já a China, na atual fase da globalização, não está interessada em dominar politicamente os países africanos nem em lhes impor seu modelo político-econômico; quer sim investir suas enormes reservas de capitais acumulados, seja por meio de investimentos produtivos ou de empréstimos. Dessa forma, a China pretende assegurar seu fornecimento de alimentos, matérias-primas e fontes de energia, garantindo seu desenvolvimento econômico e o dos países africanos, onde também tem investido em infraestrutura. Observe a foto.

Os chineses defendem uma interação internacional baseada em ganhos mútuos. Por essa razão, têm aumentado sua presença em países em desenvolvimento, tanto na África como na América Latina, como veremos na próxima unidade. À medida que a presença da China aumenta, é natural que cresça também sua influência política, sobretudo em economias pequenas e dependentes, como as de muitos países africanos.

A presença brasileira

Embora em menor escala, o Brasil também tem presença na África, seja por meio de acordos de cooperação técnica e econômica, como os da Embrapa, seja por meio de investimentos de empresas nacionais – privadas e estatais –, que estão desenvolvendo principalmente projetos em mineração e infraestrutura. Observe no mapa os países nos quais as multinacionais brasileiras estão instaladas.

O Brasil, por meio da **Agência Brasileira de Cooperação (ABC)**, mantém diversos projetos de cooperação técnica com países africanos, como os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop) – Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe – com os quais tem maior aproximação histórica e cultural. Um dos problemas que as empresas brasileiras enfrentam ao se instalar na África é a carência de profissionais qualificados, sobretudo no setor industrial.



Fonte: elaborado com base em BARAKAT, Livia Lopes et al. *Ranking FDC das Multinacionais Brasileiras 2017*. 12. ed. Nova Lima: Fundação Dom Cabral, 2017. p. 64.

O QUE É ?

A **Agência Brasileira de Cooperação (ABC)**, que integra a estrutura do Ministério das Relações Exteriores (MRE), tem como atribuição negociar, coordenar, implementar e acompanhar os programas e projetos brasileiros de cooperação técnica, executados com base nos acordos firmados pelo Brasil com outros países e organismos internacionais. Para desempenhar sua missão, a ABC se orienta pela política externa do MRE e pelas prioridades nacionais de desenvolvimento, definidas nos planos e programas setoriais de Governo.

NA REDE

Agência Brasileira de Cooperação (ABC)

No site há um mapa dinâmico mostrando todos os países com os quais a ABC tem projetos de cooperação. Clicando sobre o globo, é possível obter informações sobre o projeto desenvolvido com ele. Disponível em: <www.abc.gov.br>. Acesso em: 8 ago. 2018.

Orientações didáticas

Explore o mapa sobre a distribuição das empresas brasileiras na África e peça aos alunos que consultem o site da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), indicado no box **Na rede**. Nele há informações sobre projetos de cooperação do Brasil com países africanos. Para conhecer mais sobre a relação econômica Brasil-África, leia o texto a seguir.

Potencial de crescimento torna África atrativa para investimentos de brasileiros

Apesar da desaceleração econômica mundial e da queda nos preços das *commodities*, o crescimento para o conjunto dos países do continente africano alcançou de 3,5% em 2015 e, projetado, pode chegar a 4% em 2016 e 5% em 2017. São números bem acima dos registrados na Europa e pelas nações mais desenvolvidas. Apenas a Ásia cresce mais.

Para o presidente do Banco Africano de Desenvolvimento (AfDB), o nigeriano Akinwumi Adesina, essa situação favorável posiciona a África como um importante destino para investimentos em diferentes áreas, especialmente de empresas e instituições brasileiras.

“É um grande potencial. Queremos melhorar a qualidade de vida dos africanos, com água de boa qualidade, energia e emprego. Por isso, a parceria com o Brasil é crucial para esse novo futuro da África”, afirmou Adesina. [...]

O fórum é organizado pelo Instituto Brasil África, com o apoio da Itaipu Binacional, e reúne representantes de 35 países e mais de cem instituições. O tema do encontro neste ano é Estratégias para o desenvolvimento de agricultura. [...]

Em seu pronunciamento, o presidente do AfDB listou as cinco prioridades eleitas pelo banco para a África – chamadas de High 5s: energia elétrica, alimentação, industrialização, integração do continente e melhoria da qualidade de vida do povo africano. Esses temas deverão nortear os investimentos do banco na próxima década.

[...]

Potencial de crescimento torna África atrativa para investimentos de brasileiros. *Dinheiro rural*, 9 dez. 2016. Disponível em: <www.dinheiro rural.com.br/noticia/agroecologia/potencial-de-crescimento-torna-africa-atrativa-para-investimentos-de-brasileiros>. Acesso em: 12 out. 2018.

Para conhecer mais

A atividade desta seção propõe a análise da atuação da União Africana e, portanto, contempla parcialmente a habilidade **EF08GE06**. No plano econômico a União Africana tem estimulado projetos de cooperação internacional que privilegiem a “parceria” em vez do “assistencialismo”, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento dos países-membros e a solução de seus problemas socioeconômicos. A União Africana tem contribuído para a modernização das instituições políticas e das estruturas econômicas dos países do continente.

Sugestão de aprofundamento

Para saber mais sobre a União Africana, acesse o site da African Union [em inglês e francês]. Disponível em: <<https://au.int>>. Acesso em: 12 out. 2018.

O Brasil também tem uma relação muito próxima com a União Africana, entidade criada em 2002 em substituição à Organização da Unidade Africana, fundada em 1963 para apoiar os Estados africanos recém-independentes. Saiba mais sobre a União Africana lendo o texto a seguir.

PARA CONHECER MAIS

União Africana

[...] A União Africana tem atuado na mediação e prevenção de conflitos, como nos casos da Somália e do Sudão. Um dos princípios consagrados em seu tratado constitutivo e que tem contribuído para a defesa da democracia no continente é aquele que estabelece a condenação e rejeição a mudanças inconstitucionais de governo. Criado em 2004, o Conselho de Paz e Segurança da União Africana foi concebido para atuar diante de circunstâncias graves nos países-membros – tais como crimes de guerra, genocídio ou crimes contra a humanidade. A disposição de intervir em tais situações é, em si, outro elemento inovador da organização.

A vertente econômica da União Africana – a Nova Parceria para o Desenvolvimento da África (Nepad) – tem privilegiado projetos de cooperação internacional nos quais o conceito de “parceria” se sobreponha ao da “assistência”, com vistas a fomentar efetivo desenvolvimento no continente. Esse é outro exemplo do empenho africano, estimulado pela UA, de engajar-se ativamente na solução dos problemas que afetam a região.

A União Africana tem contribuído de maneira significativa para a evolução institucional do continente, passando a capitanear o chamado “renascimento africano” e forjando um novo perfil para a África – caracterizado, sobretudo, pela modernização das instituições políticas e das estruturas econômicas. As iniciativas da União Africana estão voltadas ao respeito aos direitos humanos, à abertura econômica e à transparência administrativa nos Estados-membros.

A União Africana é ator de grande importância para a política externa brasileira, pois é foro incontornável para articular e impulsionar iniciativas em várias áreas – da política à economia, da agricultura ao desenvolvimento social. A abertura da Embaixada do Brasil em Adis-Abeba, sede da União Africana, em 2005, refletiu o interesse brasileiro em acompanhar as atividades da organização. O Brasil tem sido convidado, desde então, a participar dos principais eventos da UA, na condição de observador.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *União Africana*. Disponível em: <www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/mecanismos-inter-regionais/3681-uniao-africana>. Acesso em: 10 ago. 2018.

- Qual é o principal papel da União Africana no plano político e econômico?

Embaixada do Brasil em Adis-Abeba, Etiópia, em 2018.



Felipe de Assis Alves/Embaixada do Brasil, Adis Abeba, Etiópia

No plano político, seu papel é defender a democracia, condenando e rejeitando mudanças inconstitucionais de governo, ou seja, golpes de Estado. Também é responsável por mediar e prevenir conflitos, podendo intervir em países-membros onde haja crimes de guerra, genocídio ou crimes contra a humanidade.

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

1. Com base no que foi estudado no capítulo, compare a atuação da China na África no atual momento da globalização (início do século XXI) com a atuação das potências europeias, na época do imperialismo, e a dos Estados Unidos, na época da Guerra Fria.
2. Compare os dados do gráfico na página (129) sobre os maiores receptores de investimentos estrangeiros na África, com os dados da tabela da página 127, que apresenta a taxa de crescimento anual do PIB de países africanos no período 2000-2017. É possível estabelecer uma relação entre os dados dos gráficos e os da tabela? Explique sua resposta.
3. Observe a fotografia, reveja os dados da tabela “Os maiores exportadores da África – 2017”, na página 125, e responda:



Cultivo de moringa na vila de Tlokweg (Botsuana), em 2018.

- a) Em linhas gerais, como é composta a pauta de exportações dos países africanos?
 - b) Considerando o papel da maioria dos países africanos no comércio internacional, que mudanças recentes no cenário econômico mundial têm beneficiado muitos deles?
4. Leia o texto abaixo e depois responda à questão proposta.

Pobreza é principal causa de guerra civil

Em parte, a razão de os países pobres, estagnados, serem vulneráveis é que é fácil dar uma causa a um homem pobre. Mas também, ao que tudo indica, é porque pobreza e crescimento baixo ou negativo são muitas vezes sintomas de governos corruptos e incompetentes, que podem provocar rebeliões. Os recursos naturais costumam agravar esses problemas. Quando um Estado possui petróleo, seus líderes podem enriquecer sem se incomodar com o desenvolvimento de outros tipos de atividade econômica. Dirigentes corruptos frequentemente cimentam sua base de apoio dividindo o **butim** com seu próprio grupo étnico, o que enfurece os outros grupos.

THE ECONOMIST. Pobreza é principal causa de guerra civil.
In: *Valor Econômico*. São Paulo, ano 4, n. 776, 10 jun. 2003. p. A-12.

- Segundo o texto e o que você estudou neste capítulo, qual é a ligação entre guerra e pobreza? O que significa dizer que “é fácil dar uma causa a um homem pobre”?

Nos países menos desenvolvidos, como muitos da África subsaariana, há uma forte ligação entre a pobreza e a falta de oportunidades econômicas para os jovens e as guerras. O jovem, sobretudo do sexo masculino, que não está na escola ou não tem emprego, é mais fácil de ser aliciado por um grupo armado, seja ele um grupo rebelde que luta contra o governo, como acontece na guerra da República Democrática do Congo, seja por um grupo terrorista ou por um bando de traficantes de drogas.

butim: produto de roubo ou de saque praticado por um grupo de pessoas.

CAPÍTULO 9 • África: economia | 133

Material Digital

Esta é uma oportunidade para aplicar a avaliação do 2º bimestre e utilizar a ficha de acompanhamento da aprendizagem dos alunos.

Consolidando conhecimentos

1. Esta atividade mobiliza a habilidade **EF08GE08**, pois exige a análise da situação dos países no pós-guerra. Na época do imperialismo, as potências europeias dominaram política e territorialmente as nações africanas. Na época da Guerra Fria, os Estados Unidos procuraram impor seu modelo político-econômico para conter o avanço soviético, e não privilegiaram investimentos produtivos. A China atualmente não está interessada em dominar nem em impor seu modelo político-econômico aos países africanos, mas em fazer negócios.
2. Sim, há correlação entre crescimento econômico e recepção de investimentos estrangeiros. De modo geral, os países africanos que mais têm recebido investimentos estrangeiros estão entre os que apresentam maiores taxas de crescimento econômico, como Nigéria e África do Sul.
3. A análise das exportações dos países africanos contribui com o desenvolvimento da habilidade **EF08GE09**.
 - a) Em linhas gerais, predomina a exportação de produtos primários. Em alguns países, como Líbia, Argélia e Nigéria, as exportações são baseadas em combustíveis fósseis; em outros, como Etiópia, Costa do Marfim e Gana, há um forte predomínio de produtos agrícolas. Em apenas dois predominam produtos industrializados: África do Sul e Egito.
 - b) O fato de a China ter elevado o consumo de matérias-primas e energia para sustentar seu rápido crescimento econômico provocou um aumento no preço dos produtos primários no comércio internacional, o que beneficiou muitos países africanos que os exportam. Diversos países do continente vêm apresentando taxas elevadas de crescimento por conta da entrada de investimentos estrangeiros.

Lendo texto e mapas

Ao comparar mapas que mostram a interação entre sociedade e natureza e estimular o raciocínio espacial, esta atividade trabalha a habilidade **EF08GE19** e mobiliza as competências **CCH3**, **CEGeo1** e **CEGeo4**.

Peça aos alunos que leiam o texto e certifique-se de que todos conseguiram interpretá-lo adequadamente para fazer a correlação dos mapas. Verifique se há alguma palavra desconhecida ou que não foi bem compreendida. Caso queira consultar o artigo na íntegra acesse o endereço indicado na fonte.

Discuta com os alunos que, com o avanço do aquecimento global e as consequentes alterações climáticas decorrentes, deverá haver mudanças na distribuição das áreas de cultivo no mundo e no Brasil. Leia o que diz o texto a seguir.

Aquecimento global e a produção agrícola do Brasil

As mudanças climáticas previstas para as próximas décadas como resultado do aquecimento global vão colocar em risco a produção agrícola no Brasil. Estudo de pesquisadores da Embrapa e da Unicamp prevê que o aumento da temperatura no país vai diminuir a área favorável aos cultivos de soja, café, milho, arroz, feijão e algodão, podendo levar a um prejuízo de R\$ 7,4 bilhões já em 2020. As exceções são a cana-de-açúcar, que terá espaço para se expandir e até dobrar a produção, e a mandioca, que, apesar de perder espaço de cultivo no Nordeste, poderá ser plantada em outras regiões do país. Os resultados sugerem que a geografia da produção agrícola brasileira vai mudar nos próximos anos, e, para evitar danos maiores ao desenvolvimento do país, é preciso começar a agir desde já.

CEPAGRI – Unicamp. *Aquecimento global e a produção agrícola do Brasil*. Disponível em: <www.agritempo.gov.br/climaeagricultura/index.html>. Acesso em: 12 out. 2018.

LENDO TEXTO E MAPAS

A relação entre clima e agricultura

Apesar dos avanços tecnológicos em seleção e adaptação de plantas, o que permitiu desenvolver algumas culturas em zonas climáticas diferentes daquelas em que elas se originaram, o clima ainda é a variável mais importante para a agricultura. Leia o texto abaixo para saber mais sobre a relação entre clima e agricultura. Em seguida correlacione os mapas e responda às perguntas propostas.

Clima e agricultura, os desafios da variabilidade climática

Como já é de conhecimento de todos, a agricultura é dentre as atividades econômicas a mais dependente das condições meteorológicas, sendo o clima e sua variabilidade o principal fator de risco para o agronegócio.

Estima-se que cerca de 80% da variabilidade da produtividade agrícola advinha da variabilidade climática sazonal e interanual, enquanto que os demais 20% estão associados às questões econômicas, políticas, de infraestrutura e sociais.

Enquanto que o termo clima descreve a situação média dos eventos meteorológicos de uma região, a variabilidade climática se refere às oscilações desses eventos de um ano para outro (variabilidade interanual) ou de um local para outro (variabilidade espacial), fazendo com que a cada ano em cada local se tenham condições meteorológicas distintas. Raramente teremos para um dado local anos similares do ponto de vista meteorológico, apesar da variabilidade climática apresentar magnitudes diferentes para distintas regiões.

[...]

Como as plantas respondem de forma direta e indireta às condições meteorológicas, ou seja, às variações de temperatura, radiação solar, chuva, umidade do ar, velocidade do vento e também à disponibilidade de água no solo, qualquer oscilação nessas variáveis meteorológicas irão repercutir no crescimento, desenvolvimento, produtividade e qualidade das culturas agrícolas. Assim, em anos considerados mais próximos do normal, ou seja, do que se espera em termos médios, as culturas apresentam melhores desempenhos, porém, quando há variações bruscas nessas variáveis e isso persiste por vários dias ou meses, os impactos nas plantas, em geral, e nas culturas agrícolas mais especificamente serão visíveis, resultando em redução de suas produtividade e qualidade.

[...]

SENTELHAS, P. C. *Clima e agricultura, os desafios da variabilidade climática. Casa do produtor rural – ESALQ/USP*. Piracicaba, 29 ago. 2014. Disponível em: <www.esalq.usp.br/cprural/artigos/mostra/86/clima-e-agricultura-os-desafios-da-variabilidade-climatica.html>. Acesso em: 31 ago. 2018.

Ilustração: Bruno Rosa/Arquivo da editora



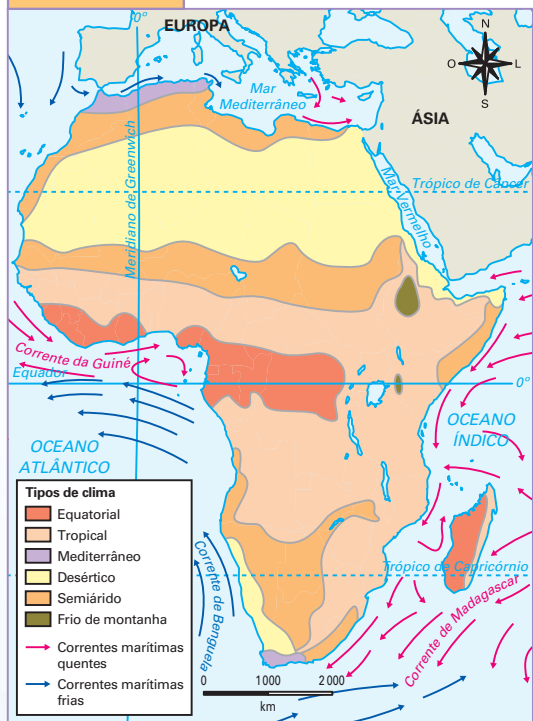
134

África: agricultura – 2016



Fonte: elaborado com base em COMPLETE Atlas of the World. 3ª. ed. New York: Penguin Random House, 2016. p. 125.

África: climas



Fonte: elaborado com base em IBGE. Atlas geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 58.

Compreendendo texto e relacionando mapas

1. De acordo com o texto e com os conhecimentos que você adquiriu até aqui, responda: O clima é uma variável importante para o desenvolvimento da agricultura? Quais são as variáveis meteorológicas que mais influenciam as atividades agrícolas?
2. O clima é uma variável importante na produção agrícola do continente africano? Explique levando em consideração a resposta à questão anterior.
3. Há relação entre o clima e os produtos cultivados na África? Dê exemplos de acordo com os mapas.

Lendo texto e mapas

1. Sim, o clima é a variável mais importante para o desenvolvimento da agricultura, seguido pelas características do solo da área cultivada. A distribuição mundial dos “cinturões agrícolas” coincide com as faixas macroclimáticas, como se observa na África. No entanto, a variabilidade climática também influencia no desenvolvimento das plantas pois as condições meteorológicas variam de ano para ano. As variáveis meteorológicas que mais influenciam a prática agrícola são a radiação solar, a temperatura, as chuvas, a umidade do ar, a disponibilidade de água no solo e a velocidade do vento.
2. Sim. Ao comparar os mapas de clima e agricultura é possível perceber que a maior parte da agricultura africana se concentra principalmente nas regiões de clima equatorial e tropical. Nesses climas os fatores favoráveis são a alta radiação solar ao longo de todo o ano, temperaturas elevadas, mas sem extremos que comprometam o desenvolvimento das plantas, e a grande oferta de água, devido ao elevado índice pluviométrico. Já as áreas com pouca ou nenhuma agricultura correspondem aos desertos do Kalahari, Namíbia e, sobretudo, do Saara, onde predomina o clima árido, impróprio para a agricultura devido principalmente à limitação da oferta de água.
3. Sim. Os alunos devem perceber que os produtos mais cultivados na África, incluindo aqueles que têm maior importância na pauta de exportação de diversos países, são produtos tropicais, com destaque para o café, o cacau, o tabaco, o algodão e a cana-de-açúcar.

Sugestão de aprofundamento

Veja um interessante vídeo sobre a relação entre a expansão da agricultura, o desmatamento e a necessidade urgente de desenvolver atividades agrícolas sem derrubar as florestas para coibir o avanço do aquecimento global.

ONU: florestas e agricultura são parte da solução contra a crise climática. ONU BR, 13 jun. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-florestas-e-agricultura-sao-parte-da-solucao-contra-crise-climatica-video/>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Objetivos da Unidade

Ao final desta Unidade, espera-se que os alunos sejam capazes de:

- compreender a regionalização geográfica e histórico-cultural da América;
- identificar as principais unidades do relevo e a hidrografia da América do Sul e compreender o uso dos recursos hídricos;
- entender a relação entre a variedade de tipos climáticos e as diferentes formações vegetais, assim como as agressões aos principais biomas;
- compreender a origem dos povos americanos nativos e a colonização europeia;
- compreender a diversidade étnica e cultural da América do Sul e valorizar essa diversidade;
- identificar a distribuição da população sul-americana, percebendo que ela se concentra mais nas faixas litorâneas, e reconhecer os motivos disso;
- saber que todas as grandes cidades sul-americanas enfrentam problemas urbanos de ordem socioambiental;
- conhecer os indicadores sociais e econômicos dos países do subcontinente e perceber a desigualdade social;
- reconhecer como o PIB é distribuído entre os setores de atividade e conhecer a agropecuária, a indústria e os serviços na América do Sul;
- conhecer a distribuição das atividades econômicas pelo território do subcontinente;
- entender os diferentes tipos de integração econômica dos países da América do Sul;
- compreender o avanço dos investimentos chineses na América do Sul e a situação do Brasil.

Competências da BNCC mobilizadas na Unidade

Competência Geral (CG)

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com aco-

UNIDADE

5

AMÉRICA DO SUL



136

lhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Competências de Ciências Humanas (CCH)

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.

3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.

Competências Específicas de Geografia (CEGeo)

1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.

Nesta unidade você vai estudar os aspectos naturais e as características da sociedade e das principais atividades econômicas desenvolvidas nos países da América do Sul. E verá que, apesar de pertencerem ao mesmo subcontinente, existem muitas diferenças entre eles.

Para começar, observe atentamente a fotografia e reflita: qual recurso natural está sendo utilizado? Com qual finalidade? Quais são os outros possíveis usos desse recurso?


■ Orientações didáticas

Ao iniciar esta unidade, procure identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a América do Sul para entender a visão que eles têm desse subcontinente. Pode-se indagar o que lhes vem à mente quando pensam na América do Sul. Questione-os: Somos culturalmente próximos? Falamos a mesma língua? Há forte integração entre o Brasil e os países vizinhos? Os alunos devem perceber que, apesar de nós, brasileiros, estarmos relativamente próximos dos outros países da América do Sul, viajamos mais para os Estados Unidos do que para muitos países vizinhos, por exemplo. Brasil e Argentina, que fazem parte do Mercosul, são os dois países mais integrados, entre os quais há mais fluxos de pessoas e mercadorias. Os países amazônicos, em que uma parte da Floresta Amazônica se encontra, têm pouca integração com o Brasil.

Sobre a imagem de abertura da unidade, o recurso natural que está sendo utilizado para a geração de energia elétrica é a água. A água pode ser usada também para o consumo das pessoas e dos animais, para o funcionamento de diversas atividades industriais (indústria de bebidas, por exemplo) e agrícolas (irrigação, por exemplo), para a navegação e para o lazer.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para consultar o plano de desenvolvimento do 3º bimestre.



A usina hidrelétrica de Itaipu, localizada no rio Paraná (que faz parte da Bacia Platina), é um empreendimento binacional: metade da usina pertence ao Brasil e metade, ao Paraguai. Os 14 000 MW de potência instalada são suficientes para fornecer 15% da energia consumida no mercado brasileiro e 86% do consumo paraguaio. Na foto, vista da usina em 2015.

137

4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE15 Analisar a importância dos principais recursos hídricos da América Latina (Aquífero Guarani, Bacias do rio da Prata, do Amazonas e do Orinoco, sistemas de nuvens na Amazônia e nos Andes, entre outros) e discutir os desafios relacionados à gestão e comercialização da água.

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

EF08GE22 Identificar os principais recursos naturais dos países da América Latina, analisando seu uso para a produção de matéria-prima e energia e sua relevância para a cooperação entre os países do Mercosul.

EF08GE23 Identificar paisagens da América Latina e associá-las, por meio da cartografia, aos diferentes povos da região, com base em aspectos da geomorfologia, da biogeografia e da climatologia.

Orientações didáticas

Ao conversar com os alunos sobre os aspectos políticos da América do Sul, indague-os: Quais são os países da América do Sul? Com quais países da América do Sul o Brasil faz fronteira? Com quais não faz?

Anote na lousa as respostas para compor um painel do conhecimento prévio dos alunos, que vai servir de base para o desenvolvimento dos temas do capítulo.

CAPÍTULO 10

Vamos tratar de:

- Panorama do subcontinente
- Relevo e hidrografia
- Clima e vegetação

América do Sul: aspectos físicos e ambientais

Como vimos no capítulo 6, a América do Sul é um subcontinente da América, por isso vamos estudá-la como uma unidade. Esse subcontinente tem 17,8 milhões de quilômetros quadrados de extensão. O Brasil ocupa quase metade dessa área, com 8,5 milhões de quilômetros quadrados. Em 2017 vivia na América do Sul 5,6% da população mundial, distribuída em doze países independentes, além da Guiana Francesa, território que pertence à França, e das ilhas Malvinas (também denominadas Falkland), que pertencem ao Reino Unido. Observe no mapa abaixo os países que pertencem a esse subcontinente.



Os países sul-americanos, mais os países da América Central e o México, pertencem à América Latina (veja o mapa da página 86), onde predominam as línguas derivadas do latim, por influência dos principais colonizadores da região (portugueses e espanhóis). Nela, grande parte das pessoas fala espanhol. O português ficou circunscrito ao Brasil e o francês é falado na Guiana Francesa e em países do Caribe, como o Haiti. Em alguns países (um deles é o Brasil), são faladas línguas nativas de diversas etnias indígenas. Além das línguas nativas e derivadas do latim, no Suriname e em algumas ilhas do Caribe, apesar de pertencerem à América Latina, parte da população fala holandês e inglês (por influência de seus colonizadores). Grande parte da população dos países da América do Sul é católica, mas há outras religiões, como as tribais, praticadas por povos nativos, por exemplo.

Além da origem linguística e da influência religiosa europeia, os países sul-americanos compartilham uma história marcada pela dominação colonial. Neles houve intensa exploração de produtos agrícolas e minerais, e para sustentar essas atividades muitos indígenas e pessoas trazidas à força da África foram escravizados.

Por causa desse passado de exploração, somado ao descaso das elites que assumiram o poder desde a independência, grande parte da sociedade, sobretudo entre os indígenas e africanos (e seus descendentes), ficou marginalizada, sem acesso a educação, saúde e moradia dignas. Essas circunstâncias, somadas a um histórico de dependência política e econômica em relação aos países europeus, desde o colonialismo, e aos Estados Unidos, desde o imperialismo, ajudam a compreender a acentuada desigualdade social e econômica e as más condições de vida de amplos setores da sociedade dos países da América do Sul (como estudaremos no próximo capítulo). Atualmente, este subcontinente é composto apenas de países em desenvolvimento, com destaque para alguns emergentes importantes, como o Brasil, a Argentina e o Chile.



Na imagem à esquerda, casario colonial, com fachada de azulejos portugueses, no centro histórico de São Luís (MA), em 2017. À direita, pátio do Mosteiro de São Francisco, construído no século XVI, durante a colonização espanhola, no centro histórico de Quito (Equador, em 2018).

■ Orientações didáticas

Explore com os alunos as duas fotografias desta página para discutir as marcas culturais da colonização portuguesa e espanhola na América Latina. Espera-se que eles reconheçam que portugueses (no Brasil) e espanhóis (no restante da América Latina) deixaram muitas marcas na cultura dos respectivos países, a começar pelas línguas oficiais e religiões, e muitas dessas marcas ficaram nas paisagens como um registro da arquitetura da época, o que é mostrado na foto de São Luís (MA), onde se observam construções no estilo colonial português, e na de Quito, na qual há edifícios no estilo colonial espanhol. Comente que a arquitetura, isto é, o estilo, a forma e o material das construções, também faz parte da cultura de um povo. Explique aos alunos que, no Brasil, a arquitetura colonial é definida como a arquitetura realizada desde 1500 até 1822, quando o Brasil se tornou independente de Portugal. Comente com eles que o estilo arquitetônico português passou por adaptações, principalmente em função da diferença climática que existe entre os dois países. Ressalte também a importância de preservar essas construções arquitetônicas e cite a área urbana de Ouro Preto como exemplo de conservação da arquitetura colonial. Para que os alunos tenham a oportunidade de conhecer detalhes da arquitetura da cidade, seria interessante recomendar a eles que façam um *tour* virtual por Ouro Preto, por meio do simulador indicado no box abaixo.

Sugestão de aprofundamento

O *tour* virtual por Ouro Preto permite conhecer os principais atrativos da cidade, como a Praça Tiradentes, a estação ferroviária, a rua Direita, entre outros. O simulador tem o objetivo de proporcionar uma experiência próxima à de quem visita a cidade e oferece informações históricas sobre os pontos turísticos.

Ouro Preto, era virtual – patrimônios da humanidade. Disponível em: <<http://www.eravirtual.org/op/>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

Orientações didáticas

Ao interpretar o mapa e o perfil topográfico da América do Sul, os alunos têm a oportunidade de desenvolver a habilidade **EF08GE19** e mobilizar as competências **CEGeo1** e **CEGeo4**. A observação e a localização de diversas paisagens naturais e culturais da América do Sul também contribuem com a apreensão da habilidade **EF08GE23**.

Certifique-se de que os alunos conseguem compreender o perfil topográfico. Se julgar pertinente, comente com eles que o monte Aconcágua é o mais alto não só da América do Sul, mas de todo o hemisfério meridional. Peça a eles que o localizem no mapa físico da América do Sul. É interessante que os alunos consultem atlas geográficos. Solicite, depois, que comparem a altitude do monte Aconcágua com a de outros picos da cordilheira dos Andes e de outras cordilheiras do continente. Comente ainda que o pico mais alto do Brasil é o da Neblina (AM), com 2 994 metros, de acordo com o IBGE. Questione por que a cordilheira dos Andes tem altitude tão elevada e o relevo no Brasil não é tão elevado.

Ao trabalhar com os alunos o boxe **Explorando o mapa**, peça a eles que, primeiro, observem o mapa das placas tectônicas, na página 141, e localizem nele o encontro das placas de Nazca e Sul-Americana e a cordilheira dos Andes. Depois, eles devem observar o mapa físico da América do Sul, nesta página, e concluir que o relevo brasileiro é bem mais baixo que o dos Andes. Verifique se sabem a razão disso. Eles devem se lembrar de que o relevo brasileiro é mais antigo e que o território está localizado no centro da placa Sul-Americana, distante das zonas de encontro das placas, onde se erguem os dobramentos recentes.

As áreas com maior altitude da América do Sul ficam na porção oeste do subcontinente (cordilheira dos Andes), originadas pelo soerguimento do terreno, ocasionado pela pressão resultante do encontro das placas tectônicas de Nazca e Sul-Americana.

Relevo

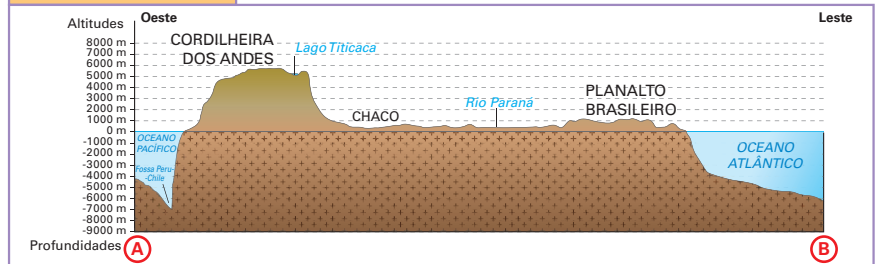
A América do Sul apresenta variadas formas de relevo. Observe as altitudes do subcontinente no mapa abaixo. A seguir, observe o perfil topográfico que representa o relevo da porção desse subcontinente indicado no mapa pelo segmento de reta A-B.

EXPLORANDO O MAPA

Com base na observação do mapa e do perfil topográfico, reflita: Onde se encontram as altitudes mais elevadas da América do Sul? Como podemos explicar a presença dessas montanhas?



Perfil topográfico



Na borda oeste da América do Sul localiza-se a cordilheira dos Andes. Essa cadeia montanhosa se formou pelo dobramento da crosta terrestre, resultado da pressão exercida pelo encontro das placas tectônicas de Nazca e Sul-Americana (observe o mapa abaixo). Veja que a cordilheira aparece representada no mapa físico da página anterior com os tons mais escuros de marrom, indicando altitudes bastante elevadas – há várias montanhas com altitudes superiores a 4000 metros. Ali fica também o pico mais alto do continente americano, o Aconcágua, com 6962 metros de altitude.

Observe no mapa ao lado que a região onde está a cordilheira dos Andes é sujeita a intensa atividade sísmica, por estar localizada no encontro de placas tectônicas.

Na região central dos Andes também há áreas planas, mas em altitudes elevadas, os chamados altiplanos. É lá, por exemplo, que se encontra o lago Titicaca, na fronteira entre o Peru e a Bolívia, o lago mais alto do mundo, a cerca de 3800 m de altitude (localize-o no perfil topográfico da página anterior).

EXPLORANDO O MAPA

Como se explica a ocorrência de terremotos e vulcões na borda oeste da América do Sul?

Em toda a extensão da borda oeste do subcontinente sul-americano há o encontro entre a placa de Nazca e a placa Sul-Americana. A pressão provocada pelo encontro dessas duas placas produz esses dois fenômenos tectônicos. O terremoto é a propagação de ondas sísmicas a partir de um ponto onde houve uma fratura das camadas rochosas sob pressão (epicentro) e em alguns pontos dessas fraturas o magma pode vir à superfície, o que caracteriza a atividade vulcânica.

Lago Titicaca no altiplano dos Andes, com montanhas cobertas de neve ao fundo. O Titicaca é o lago navegável mais alto do mundo e está na fronteira da Bolívia com o Peru. Foto de 2017.



Fonte: elaborado com base em: CHARLIER, Jacques (Dir.). *Atlas du 21^e siècle* 2012. Groningen: Wolters-Noordhoff. Paris: Éditions Nathan, 2014. p. 178.

Orientações didáticas

Peça aos alunos que observem o mapa da placa tectônica Sul-Americana. Orientando-se pela legenda do mapa, os alunos devem identificar o que acontece bem no encontro dessa placa com as outras. Caso queiram rever o mapa-múndi com todas as placas, devem voltar à página 97.

Sugestão de aprofundamento

Este vídeo da Nasa explica a movimentação das placas tectônicas.

Deutsche Welle. *Futuro! 1 min 50 s*. Disponível em: <www.dw.com/pt-br/entenda-como-as-placas-tect%C3%B4nicas-se-movem/av-19527459>. Acesso em: 12 out. 2018.

I Orientações didáticas

Explore com os alunos as fotografias que mostram algumas formas de relevo da América do Sul. O texto a seguir traz uma conceituação concisa sobre formas de relevo.

Geomorfologia: formas de relevo

[...]

Planície – superfície muito plana com no máximo 100 metros de altitude. É formada pelo acúmulo recente de sedimentos movimentados pelas águas do mar, de rios ou de lagos. Representa uma porção modesta no relevo brasileiro. Ex.: planície do Rio Amazonas, planície do Rio Araguaia, planície das Lagoas dos Patos e Mirim e planícies litorâneas.

Planalto – ao contrário do que o nome sugere, é uma superfície irregular com altitude acima de 300 metros. É o produto da erosão sobre as rochas cristalinas ou sedimentares. Pode ter morros, serras ou elevações íngremes de topo plano (chapadas). Ex.: planalto Central, planalto das guianas e chapada do Araripe.

Montanha – é uma forma de relevo que se caracteriza pela elevada altitude. Suas elevações geralmente possuem “altura” superior a 300 metros em relação à sua base. As montanhas mais elevadas resultam de desdobramentos, isto é, de forças internas que provocaram enormes dobras nas rochas. Ex.: Monte Everest (Ásia), Aconcágua (América do Sul) e Kilimanjaro (África).

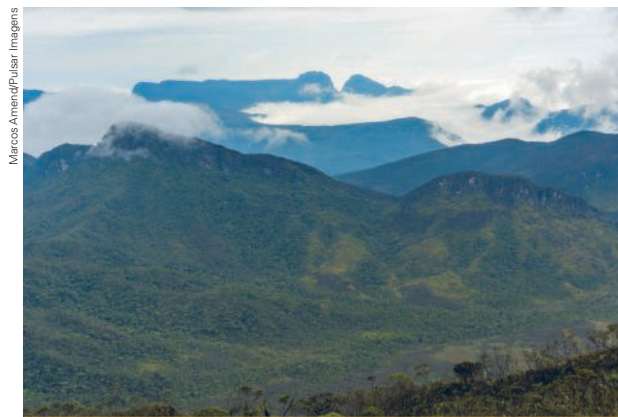
[...]

Cordilheira – assim como a Serra, representa uma cadeia de montanhas, mas sua área é bem mais extensa, justamente por contar com um número maior de montanhas envolvidas. São formadas, principalmente, a partir do choque entre duas placas tectônicas. Ex.: Cordilheira dos Andes, Himalaia, Alpes, Montes Apalaches e Pirineus.

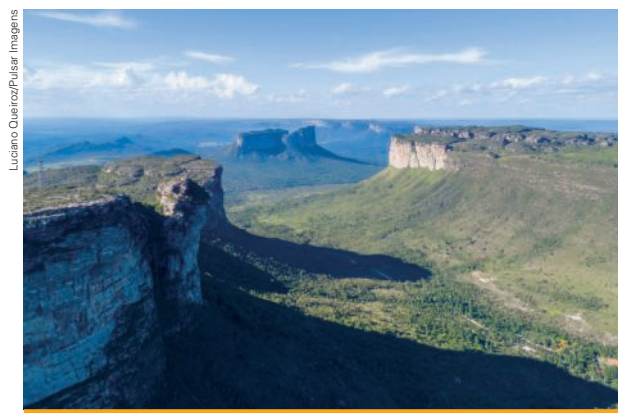
GEOMORFOLOGIA: formas de relevo. Oficina de textos, 21 set. 2017. Disponível em: <www.ofitexto.com.br/comunitexto/formas-de-relevo-part-1/>. Acesso em: 12 out. 2018.



Município de Novo Airão (AM), em 2017. Nesse município está o Parque Nacional de Anavilhanas, área de proteção ambiental com um dos maiores arquipélagos fluviais do mundo.



Vista da serra do Imeri, na fronteira do Brasil com a Venezuela, no município de Santa Isabel do Rio Negro (AM), em 2017. Nessa serra encontra-se o pico da Neblina, ponto mais alto do Brasil.



Parque Nacional da Chapada Diamantina, visto do morro do Pai Inácio, em 2018. A chapada se estende por 24 municípios. Este trecho da chapada está no município de Palmeiras (BA).

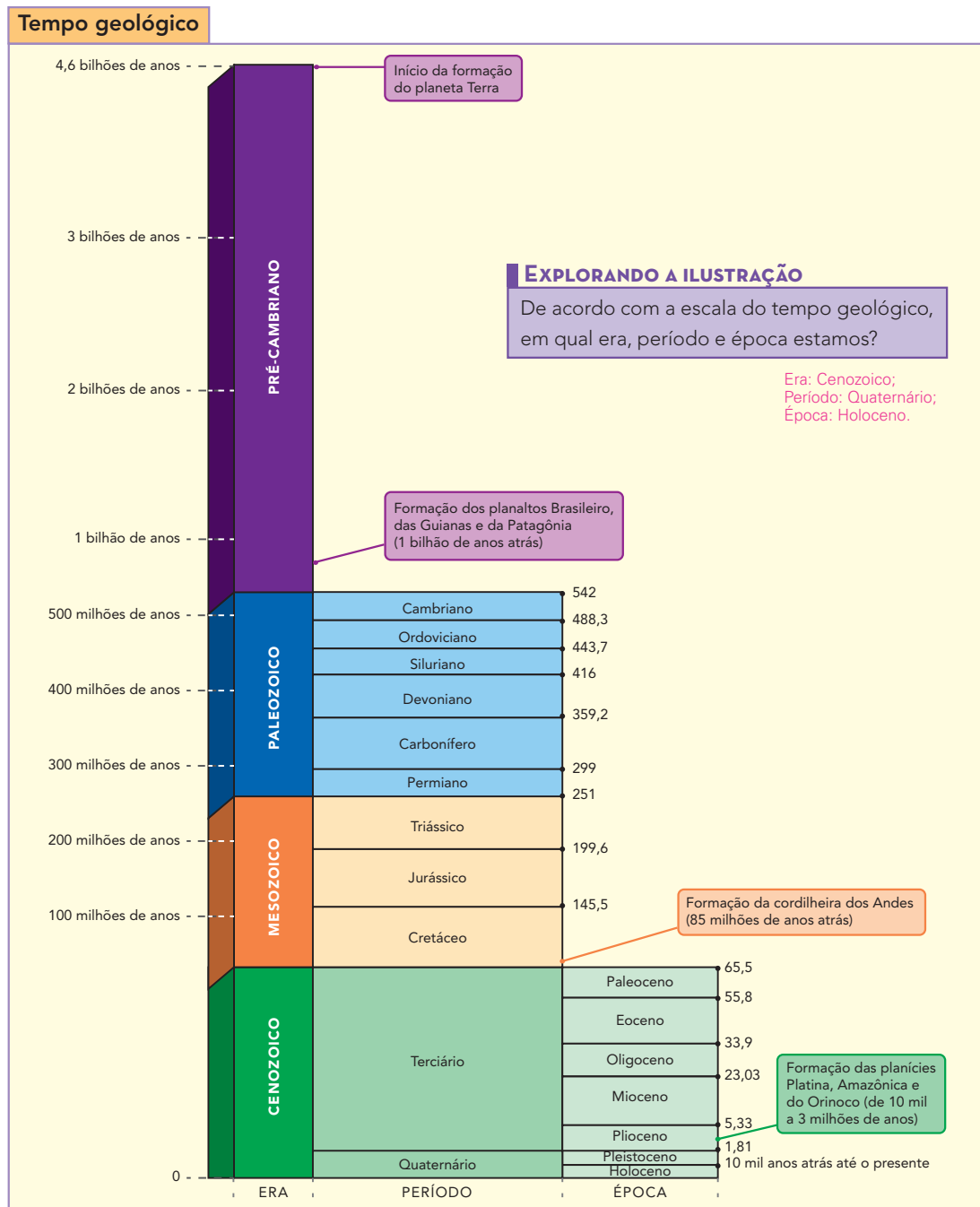
A grande planície Platina (formada por Pantanal, Chaco e Pampas), a planície Amazônica (observe a fotografia ao lado) e a do Orinoco formam um corredor de terrenos baixos de norte a sul do subcontinente. Elas são constituídas por rochas sedimentares de formação recente. No mapa da página 140, essas áreas têm colorações verde, que correspondem à faixa de 0 metro a 400 metros acima do nível do mar.

Do ponto de vista geológico, pode-se dizer que grande parte do relevo da América do Sul desenvolveu essa configuração recentemente, considerando a escala do tempo geológico, tendo em vista que o planeta Terra começou a se formar há cerca de 4,6 bilhões de anos. Estima-se que o início do soerguimento da cordilheira dos Andes e o preenchimento das bacias sedimentares (com destaque para a Amazônica) tenham ocorrido há cerca de 85 milhões de anos, no final da era chamada Mesozoica.

Os planaltos Brasileiro, das Guianas e da Patagônia são formações mais antigas, pré-cambrianas, nas quais há serras rebaixadas, desgastadas por processos erosivos e cercadas por planícies. No Planalto das Guianas estão as maiores altitudes do relevo brasileiro, como o pico da Neblina (localize-o no mapa).

Nas regiões planálticas, formadas por rochas antigas do período Pré-Cambriano, há grande variedade de serras, como as serras do Mar, da Mantiqueira e do Espinhaço, e também de chapadas, como a Diamantina e a dos Parecis, todas em território brasileiro.

Observe abaixo a localização dos eventos descritos anteriormente na escala do tempo geológico. Nessa escala, é possível localizar eventos que aconteceram em eras e períodos que extrapolam em muito o tempo histórico com o qual estamos acostumados.



Fonte: elaborado com base em OXFORD Atlas of the World. 24th ed. New York: Oxford University Press, 2017 p. 75.

Orientações didáticas

Após observarem a escala do tempo geológico para perceberem como ela é estruturada, comente com os alunos que há cientistas que vêm discutindo se os seres humanos estariam vivendo em uma nova época [chamada Antropoceno], em razão das transformações que estão sendo produzidas na superfície e na atmosfera terrestres. Leia o texto a seguir, que trata desse tema.

Bem-vindo ao Antropoceno

Se a história geológica da Terra fosse condensada nas 24 horas de um dia, o homem moderno só surgiria quando faltassem três segundos para a meia-noite. À primeira vista seria um obscuro coadjuvante numa movimentada trama de mais de 4,5 bilhões de anos. Mas esse modesto personagem revolucionou o seu roteiro: sobreviveu a glaciações, espalhou-se da África para outros continentes, tomou conta do mundo e interferiu em praticamente todos os ecossistemas.

Sua influência hoje é tamanha que já se discute se o *Homo sapiens* merece uma época geológica só para si, o Antropoceno – a “idade recente do homem”. Se confirmada, a era dos impactos humanos poria o antropoceno de 200 mil anos numa dimensão geofísica comparável à dos asteroides que dizimaram a vida terrestre ou à dos supervulcões cujas erupções cobriram de nuvens os céus do planeta.

[...] De um lado há cientistas mais conservadores, para quem o homem, por mais impactantes que sejam os seus feitos, não passa de uma poeira cósmica que ainda não deixou marca registrada no solo terrestre [...].

Do outro lado, há um contingente apreciável de acadêmicos preocupados com o futuro e com a rapidez das transformações do planeta, que não se importam em rever conceitos. [...]

ARAIÁ, Eduardo. Bem-vindo ao Antropoceno. *Revista Planeta*. 470. ed., 1^a nov. 2011. Disponível em: <www.revistaplaneta.com.br/bem-vido-ao-antropoceno/>. Acesso em: 31 ago. 2018.

Para conhecer mais

Proponha aos alunos que relacionem o texto à ilustração da escala geológica da página anterior. Explique a mudança de direção dos rios, mencionada no texto, que ocorre em razão do soerguimento da cordilheira dos Andes, e verifique se todos compreenderam que essas grandes planícies eram ocupadas pelo mar antes disso.

Pico Aconcágua, na cordilheira dos Andes, localizado em território argentino, na fronteira com o Chile. Este é o pico mais alto do continente americano. Foto de 2018.



PARA CONHECER MAIS

Sob a força dos Andes

[...]

“Embora as estruturas que sustentam o relevo brasileiro sejam muito antigas, as formas atuais resultam de fortes influências da atividade tectônica dos Andes, que é geologicamente bem mais recente”, diz Ross [geógrafo Jurandy Ross, professor da Universidade de São Paulo]. O soerguimento da cordilheira, como resultado da pressão de placas tectônicas sobre o assoalho marinho, determinou a mudança da direção – de oeste para leste – do rio Amazonas e de outros da Bacia Amazônica. Além disso, segundo o pesquisador, as serras do Mar e da Mantiqueira, ao longo do litoral, e o Vale do Paraíba, na região de Taubaté, formaram-se como resultado da pressão e do enrugamento da cordilheira sobre a estrutura rochosa a leste.

“Hoje vivemos uma época de calmaria tectônica, mas a reconfiguração do relevo já foi muito mais intensa, em decorrência dos Andes”, diz o geógrafo Sílvio Rodrigues, professor da Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais. Segundo ele, os Andes ainda influenciam o continente porque estão sobre duas placas tectônicas ativas, a de Nazca e a Sul-Americana, que geram energia, por meio de processos tectônicos, que pode chegar ao litoral do Atlântico.

[...]

FIORAVANTI, Carlos. Sob a força dos Andes. *Pesquisa Fapesp*, ed. 246, ago. 2016. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/08/19/sob-a-forca-dos-andes>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

- Segundo o geógrafo Sílvio Rodrigues, os Andes ainda influenciam o continente porque estão sobre duas placas tectônicas ativas. O que ele quer dizer com isso? Ele quer dizer que as placas tectônicas estão em movimento (em direções opostas) e que esse movimento pode provocar mudanças no relevo.

Hidrografia

Observe no mapa físico da página 140 que a América do Sul apresenta uma extensa rede hidrográfica, embora tenha algumas regiões desérticas e semiáridas com poucos rios, como na área do interior do Nordeste do Brasil.

A cordilheira dos Andes é o grande divisor de águas do subcontinente. Em sua vertente leste nascem os rios que formam as bacias Amazônica, Platina, do Orinoco, entre outras bacias menores. Na vertente oeste, em direção ao oceano Pacífico, os rios têm pequena extensão e muitas quedas-d'água.

O planalto das Guianas é o divisor de águas das bacias Amazônica (onde nascem os afluentes da margem esquerda do Amazonas) e do Orinoco; o planalto Brasileiro é o divisor de águas das bacias Amazônica (dos afluentes da margem direita), Platina e do São Francisco.

A América do Sul também tem muitos lagos, com destaque para o lago de Maracaibo (Venezuela) e o Titicaca (na fronteira do Peru com a Bolívia), e lagoas costeiras, como a lagoa dos Patos (no Rio Grande do Sul).

A presença de rios extensos e caudalosos correndo em relevo planáltico faz com que a América do Sul tenha um enorme potencial hidráulico, que vem sendo aproveitado para a geração de energia hidrelétrica, o que tem contribuído para o desenvolvimento do país onde fica a usina e mesmo de países vizinhos. Observe a fotografia e depois o gráfico.

Buddy Mays/Getty Images



Usina de Guri, localizada no rio Caroni, um afluente do rio Orinoco, na Venezuela, é a segunda maior da América do Sul, com capacidade de geração de 10 200 MW. Foto de 2017.

Orientações didáticas

Ao analisar os rios e as bacias hidrográficas da América do Sul, a gestão de suas águas e também das águas subterrâneas, contempla-se parcialmente a habilidade **EF08GE15**.

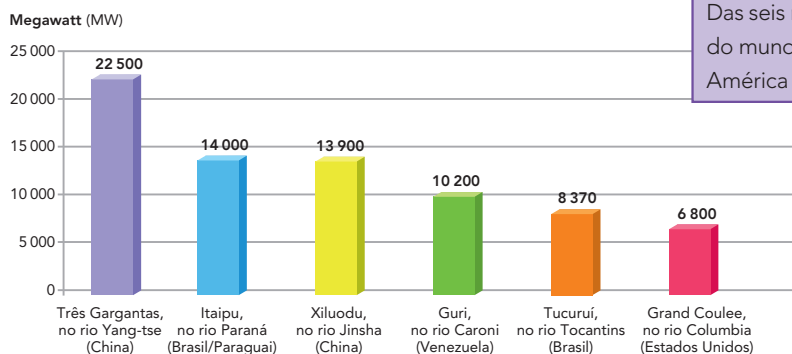
Antes de começar o estudo da hidrografia, peça aos alunos que revejam o mapa físico da América do Sul na página 140 e localizem os principais divisores de água no subcontinente. Relembre-os do significado do termo “divisor de água”, um ponto culminante do relevo a partir do qual as águas são distribuídas por suas vertentes opostas.

Antes de propor aos alunos a atividade do boxe **Explorando o gráfico**, faça perguntas como: Qual é a maior usina hidrelétrica do mundo? E a segunda? Em que países e continentes elas ficam? Ao observar o gráfico “Maiores usinas hidrelétricas do mundo – 2017”, os alunos poderão constatar que a maior hidrelétrica do mundo é a usina de Três Gargantas, localizada na China (Ásia), e a segunda é a usina de Itaipu, localizada no Brasil (América do Sul). Proponha a eles que revejam a fotografia da hidrelétrica de Itaipu na abertura do capítulo, nas páginas 136 e 137.

A análise da produção de energia elétrica na América do Sul, exigida nesta atividade, mobiliza a habilidade **EF08GE22**.

Maiores usinas hidrelétricas do mundo – 2017

Ericsson Guilherme Luciano/Arquivo da editora



EXPLORANDO O GRÁFICO

Das seis maiores usinas hidrelétricas do mundo, quantas ficam na América do Sul? O que isso indica?

Fonte: elaborado com base em EBR. *Power Generation Hydro. World's largest hydroelectric power plants*, 1ª jun. 2017. Disponível em: <<http://hydro.energy-business-review.com/news/worlds-largest-hydroelectric-power-plants-5858338>>. Acesso em: 9 jul. 2018.

Estão no subcontinente três das seis maiores usinas hidrelétricas do mundo, duas delas no Brasil. Isso indica que a América do Sul, especialmente em território brasileiro, apresenta elevado potencial hidráulico que vem sendo aproveitado para a geração de energia hidrelétrica.

CAPÍTULO 10 • América do Sul: aspectos físicos e ambientais | 145

Para conhecer mais

Ao trabalhar o tema da seção *Para conhecer mais*, chame a atenção dos alunos para os limites aproximados dos aquíferos Grande Amazônia e Guarani (que ultrapassam os limites dos territórios de vários países), o que indica a necessidade de gestão compartilhada das águas desses aquíferos.

Oriente-os a perceber que os aquíferos são importantes reservas de água e precisam ser utilizados de forma que não comprometam esse recurso natural.

Muitas cidades, como Ribeirão Preto (SP), são abastecidas pelo aquífero Guarani, que é conhecido há mais tempo e se localiza em regiões de ocupação humana mais densa.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para trabalhar a sequência didática sobre o Sistema Aquífero Guarani e o Sistema Aquífero Grande Amazônia.

Além das águas superficiais, a América do Sul tem grandes reservas subterrâneas nos chamados **aquíferos** , com destaque para o Sistema Aquífero Grande Amazônia e o Sistema Aquífero Guarani, a primeira e a segunda reservas mundiais de água subterrânea, respectivamente. Conheça o que são esses aquíferos e onde se localizam no texto a seguir.

PARA CONHECER MAIS

O Sistema Aquífero Guarani (SAG) é uma das duas maiores reservas subterrâneas de água do Brasil e uma das maiores do mundo, com 1,2 milhão de quilômetros quadrados de extensão em quatro países: Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Dessa área, 840 mil quilômetros quadrados ficam no território nacional.

Segundo especialistas, o reservatório pode ter um volume de até 40 mil quilômetros cúbicos de água entre suas rochas, manancial equivalente a 16 bilhões de piscinas olímpicas ou 100 anos de fluxo cumulativo do rio Paraná.

O maior deles, no entanto, é o Sistema Aquífero Grande Amazônia (Saga), com reservas estimadas em 162 mil quilômetros cúbicos. De acordo com pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA), isso seria o suficiente para abastecer a população atual do mundo, 7 bilhões de pessoas, por 250 anos, considerando um consumo individual médio de 150 litros de água por dia e uma expectativa de vida de 60 anos.

Essas reservas não são, como se poderia imaginar, rios ou lagos subterrâneos. São como espécies de esponjas gigantes, com a água ocupando os interstícios das rochas, como poros, fissuras ou rachaduras.

Em linguagem mais técnica, um aquífero é definido como uma unidade geológica saturada pela água, constituída de rocha ou sedimento, suficientemente permeável para permitir sua extração de forma econômica e por meio de métodos convencionais. [...]

SILVEIRA, Evanildo da. Governo poderia privatizar Aquífero Guarani como sugerem mensagens nas redes? *BBC Brasil*, 11 mar. 2018. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/brasil-43164069>. Acesso em: 3 set. 2018.



EXPLORANDO O MAPA

Onde estão localizadas as maiores reservas de água subterrânea do planeta?

No Brasil, a maior reserva localiza-se na Amazônia (em território brasileiro e de países vizinhos) e a segunda em áreas da região Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil e países vizinhos.

Fonte: elaborado com base em ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. *Aquífero Guarani: programa estratégico de ação* . [S.l.; s.n.], jan. 2009. p. 129, 141 e 143; MARQUES, L. Aquíferos, o declínio invisível. *Jornal da Unicamp*. Disponível em: <www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-marques/aquiferos-o-declinio-invisivel>. Acesso em: 10 set. 2018.

A conservação dos recursos hídricos é fundamental, já que deles dependem diversas formações vegetais com importante biodiversidade. Além disso, suas águas são usadas no consumo e na irrigação agrícola, no abastecimento das cidades, na produção de energia, pesca e lazer. A poluição dos recursos hídricos afeta o equilíbrio ambiental e o abastecimento de água para a população. Nas cidades, devido à insuficiência de saneamento básico, os principais poluentes são o esgoto doméstico e os resíduos industriais; no campo, os produtos químicos utilizados na agricultura e os dejetos das agroindústrias. Os rios que atravessam as grandes aglomerações urbanas dos países da América do Sul são os mais afetados pela poluição.

O rio Paraguai, por exemplo, que atravessa os territórios de Brasil, Paraguai e Argentina, tem sofrido com a poluição tanto por causa da agricultura no planalto Central, contaminando suas nascentes e afluentes, como por lançamento de esgotos domésticos e industriais das cidades que atravessa. Apenas a cidade de Assunção, capital do Paraguai, principal aglomeração urbana que o rio corta, lança cerca de 3,2 milhões de litros de esgotos residencial e industrial no leito do rio, comprometendo a qualidade de suas águas. Outros rios da América do Sul têm sido afetados pela poluição, como é possível observar na fotografia.



Poluição no rio Shullcas, afluente do rio Mantaro, no Peru, 2017.

O QUE É ?

A Agência Nacional de Águas (ANA), criada em 2000, é a agência reguladora vinculada ao Ministério do Meio Ambiente e dedicada a fazer cumprir os objetivos e diretrizes da Lei das Águas do Brasil (lei nº 9433 de 1997).

Algumas ações têm procurado combater o problema da poluição. No Brasil, por exemplo, foi criada em 1997 a lei nº 9433, conhecida como **Lei das Águas**, que estabeleceu uma Política Nacional dos Recursos Hídricos para orientar a gestão das águas no país. Houve muitos avanços desde então, mas muito ainda é preciso ser feito para a adequada gestão dos recursos hídricos no território brasileiro. A entrevista da página seguinte, concedida por um dirigente da **Agência Nacional de Águas (ANA)** à Web Rádio Água, trata dessa questão.

Orientações didáticas

Explore com os alunos as informações relacionadas ao rio Paraguai e oriente-os a reconhecer os impactos ambientais que a poluição provoca. Comente com eles que em território brasileiro o rio já começa a receber esgotos que poluem suas águas, como ocorre no município de Corumbá (MS). Se julgar conveniente, compartilhe as informações da notícia a seguir com os alunos.

Análise aponta alto nível de poluição no rio Paraguai

Há aproximadamente um mês a reportagem do *Capital do Pantanal* foi acionada por pescadores, turistas e empresários do turismo em Corumbá para ver dois esgotos que desembocam no Rio Paraguai, onde era atracadouro de embarcações. Na área de entorno da orla portuária, quem desce pela rua Domingos Sahib, vindo pela ladeira José Bonifácio, já sente o mau cheiro e percebe, imediatamente, a mudança na vegetação do Rio, hoje visivelmente assoreado e tomado por erva de bicho. Não precisa ser especialista para perceber que tem algo errado no local. Trata-se do primeiro sintoma da poluição que vai transformar o local no segundo maior desastre ambiental do Pantanal, depois do assoreamento do Rio Taquari. O processo de eutrofização já está em estado avançado, cujas consequências são a mortalidade de peixes, assoreamento pelo acúmulo de resíduos, modificações na vegetação aquática, escassez de vegetação típica (camalote), provocados pelo descarte irregular de resíduos sólidos, uma vez que é possível identificar a quantidade de carga química no resíduo liberado pelas galerias, no Rio Paraguai.

[...]

LIMA, Sylma. Análise aponta alto nível de poluição no rio Paraguai. *Capital do Pantanal*, 25 abr. 2017. Disponível em: <www.capitaldopantanal.com.br/geral/analise-aponta-alto-nivel-de-poluicao-no-rio-paraguai/522506/>. Acesso em: 12 ago. 2018.

Sugestão de aprofundamento

A leitura deste texto pode contribuir para a discussão sobre a questão dos recursos hídricos e de sua inadequada gestão no Brasil.

GOMIDE, Camilo. Rios de desleixo. *Revista Planeta*. 485. ed., 15 mar. 2013. Disponível em: <www.revistaplaneta.com.br/rios-de-desleixo>. Acesso em: 12 ago. 2018.

Para conhecer mais

A atividade da seção, que trata da gestão dos recursos hídricos no Brasil, mobiliza a habilidade **EF08GE15** e a competência **CCH3**.

A poluição dos rios e córregos é um dos maiores problemas ambientais que o Brasil ainda enfrenta em virtude da carência de infraestrutura de saneamento básico. Continuamos lançando os esgotos domésticos nos córregos e rios, principalmente nas grandes cidades, o que compromete a qualidade das águas, e, apesar do maior avanço nessa questão, ainda existe poluição industrial. No semiárido da região Nordeste, houve um avanço no abastecimento de águas, e hoje as pessoas não precisam migrar para fugir da seca, porém, ainda é necessário melhorar o abastecimento e a qualidade das águas.

É preciso avançar muito na solução do problema da poluição dos córregos e rios, principalmente nas grandes regiões metropolitanas do Sudeste do país. Para isso, no entanto, é preciso que a sociedade, de fato, dê valor à água e com isso possa pressionar o poder público para que esse tema seja prioritário. Na Europa há vários exemplos de rios que eram muito poluídos e foram limpos, como é o caso do rio Tâmesa, que corta Londres (Reino Unido), do rio Sena, que corta Paris (França), e do rio Reno, que atravessa vários países, principalmente a Alemanha, onde é usado para navegação e abastecimento. Com o envolvimento da sociedade, a entrada do tema na agenda e a mobilização dos políticos, é possível resolver os principais problemas da gestão da água no país.

NA REDE

Lei das Águas (1977)

No site da Presidência da República você encontra o texto da Lei das Águas na íntegra. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9433.htm>. Acesso em: 10 set. 2018.

A poluição dos rios e córregos é o maior problema que o Brasil ainda enfrenta devido à carência de infraestrutura de saneamento básico. Houve um avanço no abastecimento de águas no semiárido da região Nordeste e as pessoas não precisam mais migrar fugindo da seca, mas ainda é preciso melhorar o abastecimento e a qualidade das águas, principalmente nas grandes regiões metropolitanas do Sudeste do país. Mas para isso é preciso que a sociedade dê de fato valor à água e com isso possa pressionar os políticos para que esse tema seja prioritário. Com o envolvimento da sociedade, com o tema entrando na agenda e mobilizando os políticos, é possível resolver os principais problemas da gestão da água no país.



PARA CONHECER MAIS

20 anos da Lei das Águas: “Avançamos, mas não o suficiente para resolver todos os problemas”, comenta gerente da ANA

[...]

WRA – Com a Lei das Águas, quais foram os nossos principais avanços em relação à gestão dos recursos hídricos em nosso País?

Antônio Félix Domingues – Nós avançamos muito na melhoria da situação de águas do Brasil em várias regiões, mas não fomos capazes de resolver todos os problemas que o Brasil tem nessa questão de águas. Ainda temos poluição principalmente devido à questão de falta de saneamento em várias cidades e falta de tratamento de esgoto. A poluição industrial diminuiu bastante nos últimos 20 anos, mas ainda existe em algumas regiões. Organizamos vários comitês e instalamos todos os instrumentos de gestão – como a outorga e o planejamento das bacias – mas muito ainda precisa ser feito para essa questão. O Brasil é muito grande. Os nossos principais objetivos eram que tivéssemos, depois de um determinado tempo, resolvido principalmente os principais problemas que estão no Nordeste por causa da falta de água e no Sudeste (nas grandes regiões metropolitanas) com a questão da poluição das águas. De alguma maneira, esses problemas foram equacionados e estão sendo resolvidos, mas eu diria que temos ainda mais uns 20, 30 anos de trabalho para podermos dizer que estamos num nível satisfatório.

WRA – Quais são os principais entraves, que não permitiram que o Brasil avançasse ainda mais na gestão da água?

AFD – Nós temos dificuldades estruturais. Não é só a questão de recursos (de dinheiro). Há também a questão da conscientização do povo para a questão da economia da água. Infelizmente ainda temos muito desperdício de água. Uma vez que a sociedade não sinaliza o valor que ela dá para a água, os políticos também não apresentam a água em suas plataformas para pedir voto. É um mundo que vamos construindo e deixando as coisas todas para o futuro. No entanto, também é preciso nós reconhecermos que muito foi feito nesses 20 anos. Hoje o Nordeste brasileiro passa por uma seca, que já está em seu quinto ano, no entanto você não tem o problema de 30, 40, 50, 100 anos atrás, em que cada seca que tinha no Nordeste você tinha milhares de pessoas mortas e migrando para as grandes cidades. A população do Nordeste não migra mais. Ela tem um sistema de abastecimento, seja por captação de água da chuva por meio de uma cisterna, ou o sistema que ainda existe em muitas regiões (que não conseguimos suprimir mas diminuiu muito) que é por carros-pipas. Mas muito foi feito nesses vinte anos, muitas barragens e adutoras foram feitas. [...]

WRA – E em relação aos outros países, como está a situação do Brasil?

AFD – Não chegamos à situação em que se encontram, por exemplo, os principais países da Europa, que conseguiram limpar bastante as suas águas. [...] Os trabalhos são muito lentos, as obras, a mudança de percepção da população, do empresário, do professor, do prefeito, do legislador, do comunicador... tudo isso precisa ser feito. Não adianta convencer apenas um segmento da sociedade. É preciso que a sociedade inteira esteja acordada para valorizar a água. [...]

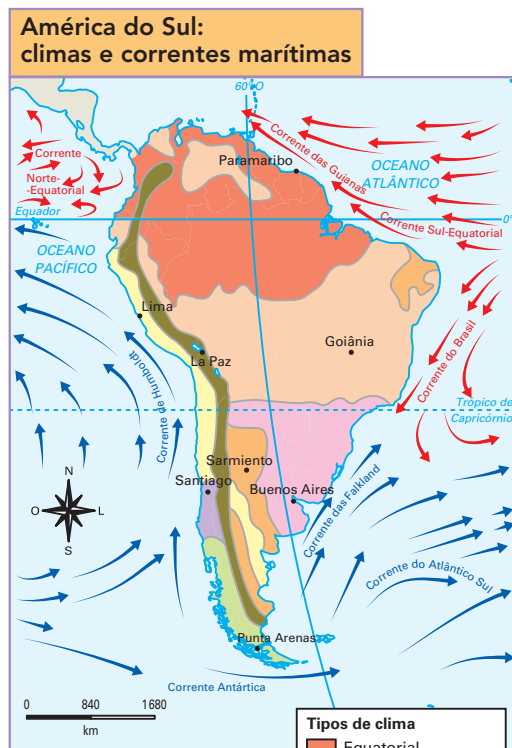
WEB RÁDIO ÁGUA. Entrevista com Antônio Félix Domingues. Centro Internacional de Hidroinformática. Parque Tecnológico Itaipu. Foz do Iguaçu, 23 mar. 2017. Disponível em: <www2.webradioagua.org/index.php?option=com_k2&view=item&id=333:20-anos-da-lei-das-aguas-avancamos-mas-nao-o-suficiente-para-resolver-todos-os-problemas-comenta-gerente-da-ana&Itemid=331>. Acesso em: 4 set. 2018.

- Qual é o principal problema que o Brasil ainda enfrenta para a adequada gestão dos recursos hídricos? O que foi feito e o que ainda deve ser feito?

Clima

Por causa de sua localização no globo terrestre, a América do Sul está situada em duas zonas climáticas do planeta, a intertropical e a temperada. Nas áreas situadas na zona intertropical, mais próximas do equador, os climas apresentam temperaturas mais elevadas do que nas áreas situadas na zona temperada.

No subcontinente, há oito tipos climáticos, como é possível observar no mapa ao lado, mas grande parte dele é dominado pelos climas **equatorial** (que apresenta temperaturas elevadas e chuvas frequentes o ano inteiro) e **tropical** (com verões quentes e chuvosos e invernos amenos e secos). Em contraste, no extremo sul encontramos áreas de clima **temperado**, que apresentam temperaturas baixas em grande parte do ano. Também na zona temperada, há extensa área com predomínio do clima **subtropical**, com temperaturas mais amenas (se comparadas às do clima temperado) e chuvas bem distribuídas ao longo do ano. Observe os climogramas a seguir.

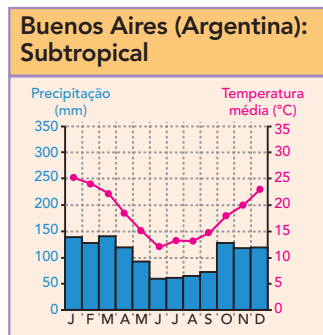
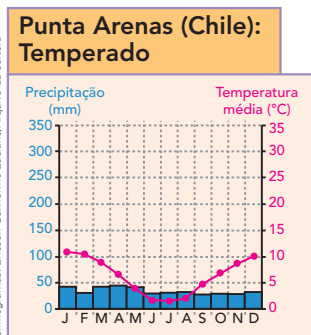
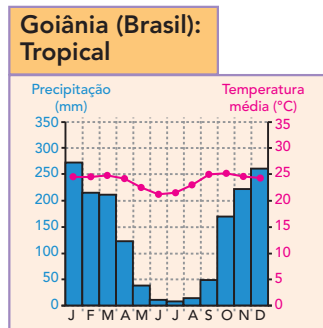
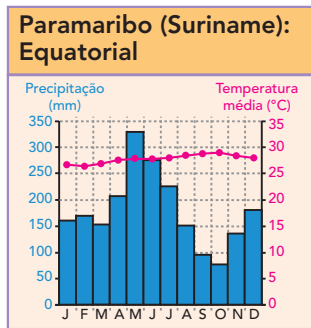


Tipos de clima

- Equatorial
- Tropical
- Subtropical
- Mediterrâneo
- Temperado
- Desértico
- Semiárido
- Frio de montanha

→ Correntes marítimas quentes
← Correntes marítimas frias

Fonte: elaborado com base em IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 58.



Fonte: elaborados com base em ORGANIZAÇÃO Mundial de Meteorologia. Disponível em: <<http://www.ipma.pt/pt/home.html>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

Orientações didáticas

Peça aos alunos que observem que o trópico de Capricórnio é o limite entre o clima tropical e o subtropical, uma transição entre o clima tropical, típico da zona intertropical, e o clima temperado, típico da zona temperada.

Pergunte aos alunos: Quais são os tipos climáticos da América do Sul? Qual é o clima predominante no Brasil? Peça a eles que leiam os climogramas desta página e das duas próximas e associem cada um deles ao clima correspondente no mapa “América do Sul: climas e correntes marítimas”, nesta página.

Climogramas: Erisson Guilherme Luciano/Arquivo da editora

I Orientações didáticas

Verifique se os alunos compreenderam a influência das correntes marítimas nos climas da América do Sul. Resalte a importância da corrente de Humboldt no surgimento do deserto de Atacama, no norte do Chile e sul do Peru. Estabeleça um paralelo com a ação da corrente de Benguela, que determina o surgimento do deserto do Kalahari e da Namíbia, no sudoeste da África. Pode ser feito outro paralelo interessante entre o sudeste brasileiro, sob a influência da corrente marítima quente do Brasil, e o sudoeste africano, sob a influência da corrente marítima fria de Benguela. Ambas as regiões estão aproximadamente na mesma faixa de latitude; no entanto, lá, como já vimos, há um clima árido, e aqui há um clima tropical.

Além da grande extensão em latitude, as acentuadas variações de altitude, a circulação das massas de ar e das correntes marítimas e a proximidade do oceano também são fatores que determinam a diversidade climática da América do Sul.

As correntes marítimas

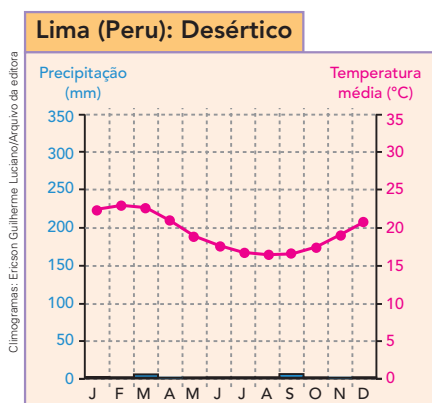
Observe no mapa de climas da página anterior que várias correntes marítimas atuam na América do Sul. Algumas merecem destaque por exercer forte influência climática.

A corrente marítima de Humboldt origina-se próximo da Antártica e por isso é muito fria. Ela se desloca pelo oceano Pacífico, passando pela costa oeste da América do Sul. Por ser fria, provoca condensação da umidade da atmosfera. Assim, quando as massas de ar atingem o continente, estão secas, de forma semelhante ao que vimos com a corrente de Benguela, que dá origem ao deserto da Namíbia e Kalahari, no sudoeste da África. Esse fenômeno explica o predomínio do clima **desértico** em parte da costa oeste da América do Sul (observe a localização de Lima, no Peru, no mapa da página anterior e o climograma ao lado) e a origem do deserto do Atacama (Chile), o mais seco do planeta.

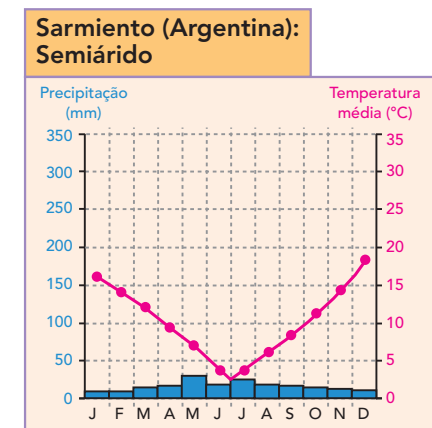
Além da influência climática, a corrente de Humboldt também se destaca por sua importância para a economias de alguns países banhados pelo oceano Pacífico, entre eles o Chile e o Peru. Isso porque ela provoca uma grande concentração de plânctons próximo à superfície do oceano, atraindo grande quantidade de peixes, que se alimentam desses microrganismos, o que contribui para o desenvolvimento da indústria pesqueira nesses países.

A costa da Argentina é banhada pela corrente das Falkland (também chamada de Malvinas), que, por ser fria como a corrente de Humboldt, também provoca a condensação da umidade atmosférica sobre o oceano, antes que ela chegue ao continente. Essa corrente é um dos fatores que determinam a origem do deserto da Patagônia (Argentina). Observe o climograma de Sarmiento, localidade de clima **semiárido**, próximo ao deserto da Patagônia.

Na costa brasileira, as correntes das Guianas e do Brasil, ambas quentes e carregadas de umidade adquirida no oceano, provocam aumento das chuvas no litoral, sobretudo no verão.



Fonte: elaborado com base em ORGANIZAÇÃO Mundial de Meteorologia. Disponível em: <<http://www.ipma.pt/pt/home.html>>. Acesso em: 31 ago. 2018.



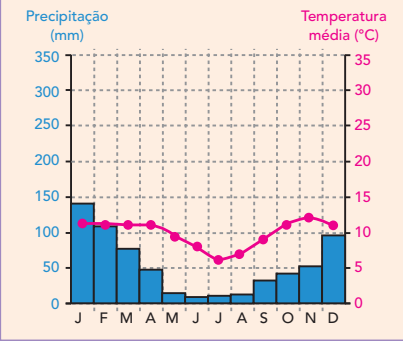
Fonte: elaborado com base em ATLAS National Geographic. América do Sul. São Paulo: Abril, 2008. p. 18.



Gethy Images/Stockphoto

Cordilheira dos Andes vista de La Paz (capital da Bolívia), em 2018. Observe que há neve no topo da montanha. La Paz está praticamente na mesma latitude de Goiânia (GO), que tem clima tropical e encontra-se a 750 m de altitude.

La Paz (Bolívia): Frio de montanha



Fonte: elaborado com base em SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*. 34. ed. São Paulo: Ática, 2013. p. 24.

A altitude

Ao longo da cordilheira dos Andes predomina o clima típico de montanha. Por causa das altitudes elevadas, a média de temperatura do ar é baixa durante o ano e nas localidades de maior latitude neva durante o inverno. Observe as médias de temperatura e precipitação em La Paz, na Bolívia, que se encontra a 3600 metros de altitude, embora esteja na zona intertropical do planeta.

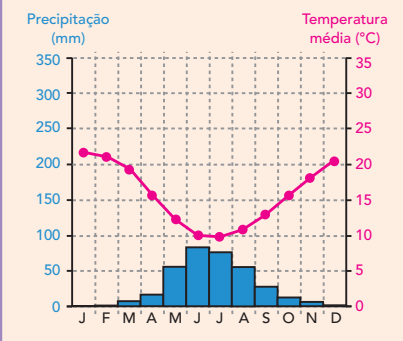
A proximidade do oceano

O oceano atua como um regulador da temperatura do ar. Isso acontece porque, mesmo no inverno, a evaporação é mais relevante próximo aos grandes corpos de água. A temperatura média do ar nos lugares em que há abundância de água na atmosfera é mais elevada do que nos lugares secos, porque o vapor de água retém parte do calor irradiado pelo planeta.

O clima de Santiago (Chile), por exemplo, é um clima **mediterrâneo** influenciado pela proximidade do mar e por isso não é tão frio e seco como o mediterrâneo da Espanha, que tem características mais continentais. Observe no climograma que as chuvas estão concentradas no inverno, que não é tão frio.

É por isso que o inverno da porção meridional do continente sul-americano é menos rigoroso do que o da América do Norte, por exemplo, apesar de ambos estarem na zona temperada. Note como a América do Sul tem formato “triangular”. Quanto mais próximo do polo Sul, mais estreita é a porção continental e, com isso, o oceano exerce maior influência climática, amenizando os rigores do inverno (veja o climograma de Punta Arenas).

Santiago (Chile): Mediterrâneo



Fonte: elaborado com base em ORGANIZAÇÃO Mundial de Meteorologia. Disponível em: <<http://wwis.ipma.pt/pt/home.html>>. Acesso em: 31 ago. 2018.

Climogramas: Ericson Guilherme Luciano/Arquivo da editora

Orientações didáticas

Peça aos alunos que comparem o mapa “América do Sul: vegetação”, desta página, com o mapa “América do Sul: climas e correntes marítimas”, da página 149. Estimule-os a perceber que, de forma geral, há uma correlação entre clima e vegetação na América do Sul (lembrando que, como foi visto no capítulo 7, a vegetação é a face mais visível dos biomas). Verifique se eles conseguem fazer as seguintes associações: clima equatorial com Floresta Amazônica mais densa (como a Floresta Amazônica do Brasil); clima tropical com Floresta Amazônica, Savana (Cerrado e Caatinga no Brasil, Chaco na Bolívia e no Paraguai); clima subtropical com Floresta Subtropical (Mata das Araucárias, encontrada no Brasil); clima desértico com vegetação de Deserto; climas semiárido e mediterrâneo com Estepes; clima temperado com Floresta Temperada e Pradarias (Campos, no Brasil); clima frio de montanha com vegetação de Altitude.

Vegetação

A grande variedade de climas na América do Sul originou diversos tipos de formações vegetais, adaptados às condições de temperatura e umidade, ao relevo e aos tipos de solo do subcontinente. Há biomas florestais – florestas tropicais, subtropicais e temperadas –, bioma tipo savana – cerrado, chaco, caatinga –, vegetação de desertos e de montanha. Observe o mapa e as fotografias a seguir.



EXPLORANDO O MAPA

Comparando o mapa de vegetação com o mapa de tipos de clima da América do Sul (página 149), é possível estabelecer uma relação entre eles?

De forma geral, há uma correlação entre clima e vegetação na América do Sul (pois a vegetação é a face mais visível dos biomas).

Fonte: elaborado com base em SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*. 34. ed. São Paulo: Ática, 2013. p. 26.



GUILLEMO LEGARIA/Agência France-Press

Florestas tropicais, como a Amazônica, são densas, com árvores de folhas grandes (por isso denominada latifoliada) e muito ricas em biodiversidade devido às características do clima equatorial. Na foto, Floresta Amazônica na Colômbia, em 2018.



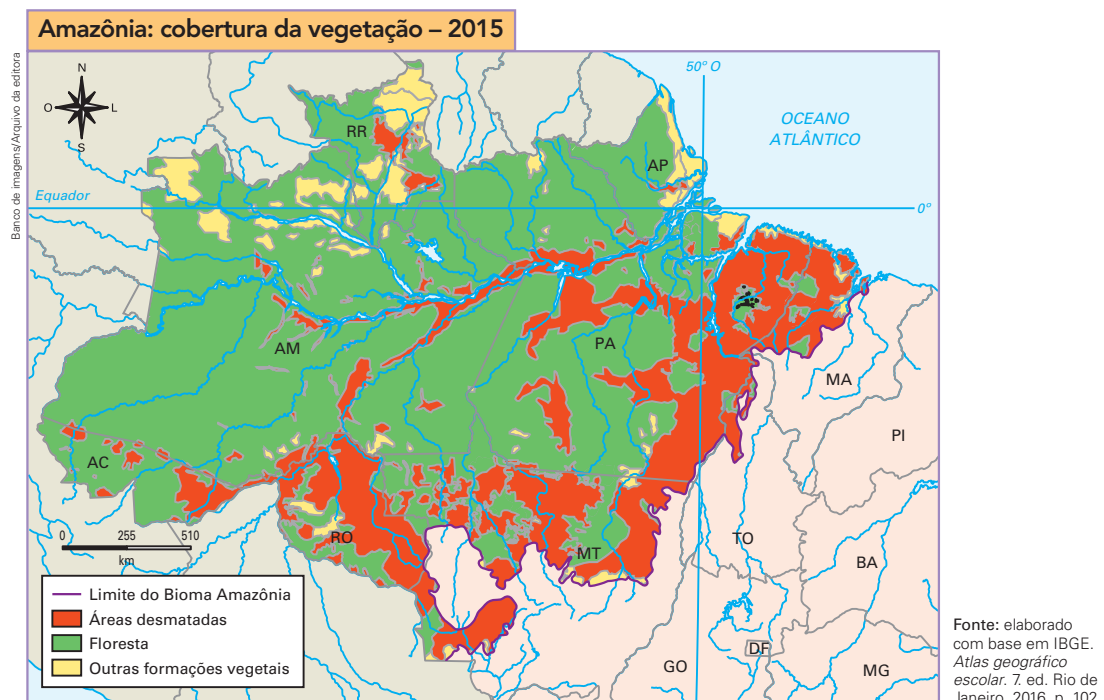
Philip Lee Harvey/Luxy/Getty Images

A floresta temperada tem árvores coníferas (que dão frutos em forma de cone), como os pinheiros, adaptadas ao clima frio e à neve. Na foto, floresta temperada em Bariloche (Argentina), em 2017.

Ação humana sobre a vegetação

O mapa da vegetação da América do Sul, visto na página 152, retrata a distribuição original das formações vegetais, isto é, antes de a ação humana transformá-las. Em maior ou menor grau, todos os tipos de vegetação do planeta vêm sofrendo a ação humana, por causa tanto da extração de madeira para comercialização e da atividade mineradora como da criação de áreas para plantações, pastagens e do desenvolvimento de cidades. Essa agressão aos biomas é um dos problemas ambientais que enfrentamos e que, entre outras consequências, ameaça a biodiversidade do planeta.

A América do Sul abriga a maior floresta tropical do planeta, a Amazônica. Ela ocupa cerca de sete milhões de quilômetros quadrados e se estende por vários países, mas a maior extensão está em território brasileiro. O bioma Amazônia ainda tem grande parte de sua área preservada, mas o desmatamento tem avançado muito, sobretudo em território brasileiro. A abertura de rodovias, a expansão da atividade de mineração, as queimadas para desenvolvimento da agropecuária, além do corte ilegal de árvores para venda de madeira são os principais motivos de desmatamento de parte dessa floresta (observe no mapa a área desmatada em 2015).



EXPLORANDO O MAPA

Em quais estados brasileiros a floresta está mais preservada? Em quais foi mais desmatada? Quais atividades vêm provocando esse desmatamento?

A floresta está mais preservada nos estados do Amazonas e Amapá. Foi mais desmatada nos estados que estão em sua franja, sobretudo Maranhão, Pará, Mato Grosso e Rondônia. Isso acontece por causa do avanço da agropecuária e da retirada ilegal da madeira. CAPÍTULO 10 • América do Sul: aspectos físicos e ambientais | 153

Orientações didáticas

Ao explorar o tema da ação humana sobre a vegetação, instigue os alunos a perceber de forma incipiente que as vegetações apresentam fisionomias diferentes, principalmente em virtude da influência do clima. Por exemplo, a Floresta Tropical, como a Amazônica, é densa (peça aos alunos que observem a fotografia à esquerda, na página anterior) e tem grandes árvores latifoliadas (folhas grandes), além de ser muito rica em biodiversidade em virtude da umidade do clima equatorial. O Cerrado apresenta poucas árvores e predominância do extrato arbustivo e herbáceo como adaptação ao clima tropical alternadamente úmido e seco, além de solos ácidos. A Floresta Temperada do sul da Argentina ou do Chile tem fisionomia semelhante às florestas do norte da América, onde há vegetação de coníferas com árvores aciculifoliadas (folhas em forma de agulha), adaptadas ao clima frio com neve. Se julgar conveniente, proponha aos alunos que desenvolvam uma pesquisa para descobrir as características fisionômicas dos outros biomas.

Ao discutir a questão do desmatamento e a forma de combatê-lo no boxe **Explorando o mapa** e na seção **Trocando ideias**, na página seguinte, são mobilizadas as competências **CEGeo1** e **CEGeo4**.

Trocando ideias

Assegure-se de que todos os alunos consigam ler adequadamente o mapa “Brasil: rebanhos bovinos – 2012” e auxilie-os se necessário. Em seguida, peça a eles que estabeleçam relações entre ele e o mapa da página anterior.

Após a resolução das atividades, espera-se que os alunos concluam que o avanço da pecuária é o principal fator de desmatamento na Amazônia.

Atividade complementar

Organize os alunos em grupos e peça a eles que realizem uma pesquisa sobre o desmatamento da Amazônia e o que tem sido feito para reduzi-lo. Eles podem consultar a página do Monitoramento da Floresta Amazônica brasileira por satélite (Prodes) e da Detecção de Desmatamento em Tempo Real (Deter), no site do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), disponível em: <<http://www.obt.inpe.br/OBT>>, acesso em: 26 out. 2018.

Os sistemas Prodes e Deter do INPE são ferramentas importantes no Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia, lançado em 2004 pelo governo brasileiro. O Prodes monitora o desmatamento na Amazônia por meio de imagens de satélite de alta resolução desde 1988. Já o Deter é um sistema de menor resolução, mas que permite o levantamento rápido, em tempo real, de evidências de desmatamento por meio de imagens de satélite, que são muito úteis na fiscalização e no controle do corte de árvores.

Solicite aos alunos que organizem as informações encontradas e conversem entre si a respeito delas. Em seguida, eles devem sintetizar as descobertas em um texto e apresentar aos colegas.

1. A maior concentração de bovinos no Brasil está na região Centro-Oeste, principalmente nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e na região Norte, com destaque para o sul do Pará. Percebe-se que a pecuária tem avançado na periferia da Amazônia.

2. Sim. A pecuária tem avançado sobre a Floresta Amazônica e por isso o desmatamento tem aumentado principalmente no sul do Pará, norte de Mato Grosso e Rondônia.

3. O Cerrado, no Brasil central.

O QUE É ?

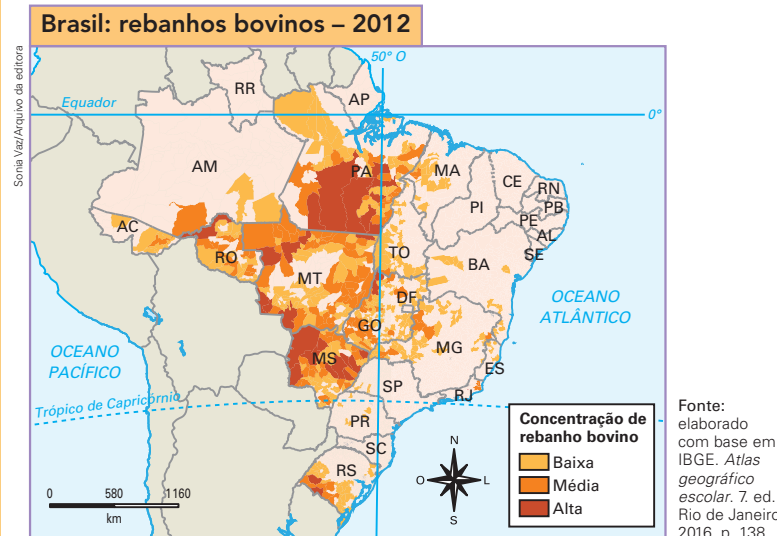
O Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) é uma organização científica não governamental empenhada em produzir conhecimentos sobre a Amazônia e contribuir para o desenvolvimento sustentável desse bioma. Foi criado em 1995 e sua sede fica em Belém (PA).

assoreamento: acúmulo de sedimentos que reduz a profundidade e a vazão da água dos rios.

TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

Com a orientação do professor, reúnam-se em grupos e observem o mapa a seguir. Depois, reflitam sobre as questões propostas.



1. Onde há maior concentração de rebanhos bovinos no Brasil?
2. Comparando esse mapa com o mapa de cobertura da vegetação da Amazônia da página anterior, é possível estabelecer relação entre eles?
3. Que outro bioma, além da Amazônia, está sendo impactado pela criação de bovinos no Brasil?

Em 2017, apenas no Brasil, o desmatamento da Floresta Amazônica foi de 6,9 mil quilômetros quadrados, segundo estimativa do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). De acordo com o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), a pecuária extensiva e a exploração madeireira ilegal são as atividades que mais contribuem para o desmatamento na Floresta Amazônica. A pecuária ocupa cerca de 80% das áreas desmatadas na região. Se não forem tomadas medidas eficazes, como aumento da fiscalização do Estado e punição aos agressores, para combater as queimadas e a derrubada de árvores, a tendência é que o desmatamento cresça novamente.

O desmatamento provoca impactos que têm consequências locais, como a erosão dos solos e o **assoreamento** dos rios. Afeta o ambiente também em escala global, já que as queimadas ampliam a emissão de gases estufa na atmosfera e diminuem a biodiversidade.

A proteção dos ambientes naturais é responsabilidade dos governos – por meio de criação de leis, planejamento e fiscalização – e da sociedade – por meio de ações individuais e coletivas.

2. a) Aquífero é uma grande reserva de água subterrânea, existente em rochas sedimentares cujos poros estão preenchidos de água, como se fosse uma grande esponja encharcada. Os aquíferos, como grandes reservas de água, servem para o abastecimento humano, como o Sistema Aquífero Guarani (SAG) e o Sistema Aquífero Grande Amazônia (Saga).

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

1. a) Grande parte do território do Chile está na cordilheira dos Andes, área sujeita a intensa atividade sísmica, por estar localizada no encontro de placas tectônicas.

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

1. Leia a notícia abaixo e depois responda às questões.

Terremoto de 6.3 atinge Chile e é sentido na Bolívia e no Peru

Um terremoto de grande intensidade atingiu o Norte do Chile, na noite deste sábado (20), e foi sentido no Peru e na Bolívia. [...]

É o segundo sismo a atingir a região em uma semana.

MUNDO AO MINUTO. Terremoto de 6.3 atinge Chile e é sentido na Bolívia e no Peru, 21 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.noticiasao minuto.com.br/mundo/511964/terremoto-de-63-atinge-chile-e-e-sentido-na-bolivia-e-no-peru>>. Acesso em: 10 set. 2018.

- O que explica a ocorrência frequente de terremotos no Chile?
- Por que no Brasil os abalos sísmicos sentidos são de pequena intensidade?
Porque o Brasil está no centro da placa tectônica Sul-Americana, distante da zona de maior atividade sísmica.
- Há relação entre a ocorrência de terremotos em toda a costa oeste da América do Sul e a presença da cordilheira dos Andes? Sim, a cordilheira dos Andes foi formada pela pressão provocada pelo encontro da placa tectônica Sul-Americana com a placa de Nazca.

2. Leia a reportagem a seguir e depois responda às questões propostas.

Governo poderia privatizar Aquífero Guarani como sugerem mensagens nas redes?

[...]

“Não existe qualquer possibilidade de privatização dos mananciais subterrâneos ou dos recursos hídricos brasileiros se for seguida a legislação vigente”, diz o professor e pesquisador Rodrigo Lilla Manzione, da Faculdade de Ciências e Engenharia da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

“Segundo a Constituição Federal e a Lei 9.433/97 (Lei das águas), as águas são de domínio público, o que não permite qualquer direito de propriedade sobre elas.”

Além disso, do ponto de vista jurídico, lembra Manzione, as águas subterrâneas estão sob o domínio dos Estados que as abrigam. Ou seja, cada Estado da federação pode ter uma legislação específica para elas e o Governo Federal não pode interferir.

Para mudar essa situação e tornar os aquíferos passíveis de privatização seriam necessárias mudanças na Constituição, por meio de uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC). O pesquisador da Unesp acha difícil que isso ocorra. “O sistema brasileiro é avançado e maduro o suficiente de forma a não permitir eventuais retrocessos na gestão dos recursos hídricos”, opina.

O geólogo Ricardo Hirata, do Instituto de Geociências e vice-diretor do Centro de Pesquisas de Águas Subterrâneas (Cepas), ambos da Universidade de São Paulo (USP), diz que hoje muitas cidades utilizam, há anos, aquíferos como mananciais exclusivos ou como fonte complementar de abastecimento público, e seria difícil reverter isso.

[...]

SILVEIRA, Evanildo da. Governo poderia privatizar Aquífero Guarani como sugerem mensagens nas redes? *BBC Brasil*, 11 mar. 2018. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese/brasil-43164069>. Acesso em: 3 set. 2018.

- O que é um aquífero? Qual é a sua importância? Dê exemplos.
- Dentre os maiores aquíferos do mundo, quais possuem área em território do Brasil?
- Por que os aquíferos não podem ser privatizados, de acordo com o texto?

privatizar:

transferir para o domínio de empresa privada o que era do poder do Estado (público).

2. b) O Sistema Aquífero Grande Amazônia (Saga), que abrange diversos estados da região amazônica, além de áreas de outros países da América do Sul (hoje considerado o maior aquífero do mundo) e o Sistema Aquífero Guarani (SAG), considerado o segundo maior do mundo que abrange diversos estados das regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil e países da América do Sul (Paraguai, Uruguai e Argentina).

2. c) Porque, segundo a Constituição Federal e a Lei das Águas, as águas são de domínio público, o que não permite qualquer direito de propriedade sobre elas. A água é um bem de domínio público e não pode ser privatizada.

Consolidando conhecimentos

- Garanta que todos entendam o significado de magnitude e epicentro, conceitos importantes para a compreensão dos terremotos.
- Ao analisar a importância dos aquíferos Guarani e Grande Amazônia, esta atividade mobiliza a habilidade EF08GE15 e a competência CCH3.
 - A água não pode ser privatizada, mas sua exploração pode ser feita em regime de outorga (concessão) por parte do Estado. Leia abaixo o artigo 12 da Política Nacional de Recursos Hídricos.

Art. 12. Estão sujeitos a outorga pelo Poder Público os direitos dos seguintes usos de recursos hídricos:

I – derivação ou captação de parcela da água existente em um corpo de água para consumo final, inclusive abastecimento público, ou insumo de processo produtivo;

II – extração de água de aquífero subterrâneo para consumo final ou insumo de processo produtivo;

III – lançamento em corpo de água de esgotos e demais resíduos líquidos ou gasosos, tratados ou não, com o fim de sua diluição, transporte ou disposição final;

IV – aproveitamento dos potenciais hidrelétricos;

V – outros usos que alterem o regime, a quantidade ou a qualidade da água existente em um corpo de água.

[...]

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS HÍDRICOS. Outorga dos direitos de uso de recursos hídricos. Disponível em: <<http://www.meioambiente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=161>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

Chame a atenção dos alunos para o fato de que o texto não utiliza com precisão os conceitos de privatização e concessão. Privatizar significa vender a propriedade de algo que é do Estado. Por exemplo, a mineradora Vale, que pertencia ao Estado brasileiro, foi privatizada em 1997. Já outorgar ou conceder significa que o Estado pode ceder à iniciativa privada o uso de algo que é público por um período de tempo, mas não vender a propriedade, como é o caso da água, que é um recurso de domínio público.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE01 Descrever as rotas de dispersão da população humana pelo planeta e os principais fluxos migratórios em diferentes períodos da história, discutindo os fatores históricos e condicionantes físico-naturais associados à distribuição da população humana pelos continentes.

EF08GE10 Distinguir e analisar conflitos e ações dos movimentos sociais brasileiros, no campo e na cidade, comparando com outros movimentos sociais existentes nos países latino-americanos.

EF08GE16 Analisar as principais problemáticas comuns às grandes cidades latino-americanas, particularmente aquelas relacionadas à distribuição, estrutura e dinâmica da população e às condições de vida e trabalho.

EF08GE17 Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos.

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

EF08GE20 Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.

Orientações didáticas

Ao explorar o tema população e diversidade cultural na América do Sul, procure identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a ocupação desse subcontinente e dos povos que o compõem. A integração com o componente curricular História, para retomar aspectos da ocupação do continente pelos povos originários e depois pelas potências coloniais, pode ajudar os alunos a entender o presente, inclusive sua regionalização. Proponha algumas questões, como: Que povos habitavam

CAPÍTULO 11

Vamos tratar de:

- Dispersão dos grupos humanos e povoamento da América
- Colonização europeia
- Composição étnica da população
- Distribuição da população e urbanização
- Indicadores sociais

O QUE É ?

Sítio arqueológico é um local onde foram encontrados vestígios de ocupação humana, antiga ou recente, que têm importância científica para compreensão da história da humanidade.

América do Sul: população e diversidade cultural

Para começar o estudo sobre a população da América do Sul, é importante conhecermos um pouco da história da ocupação desse subcontinente.

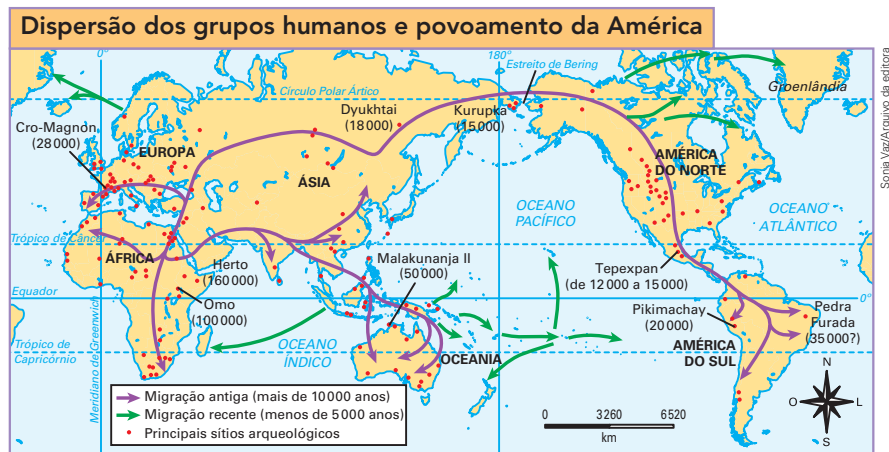
Origem dos povos americanos

Há controvérsias sobre a data da chegada dos primeiros grupos humanos na América e sobre as rotas que percorreram.

Com base em pesquisas arqueológicas na Serra da Capivara, no estado do Piauí, área onde há grande concentração de sítios arqueológicos, a antropóloga brasileira Niède Guidon afirma que há cerca de 50 mil anos já havia humanos na região. No entanto, seu estudo é pouco aceito pela comunidade científica porque a datação não foi feita com ossos, e sim com carvão de supostas fogueiras humanas.

Pesquisa mais precisa publicada na revista científica *Nature* em 2012 por uma equipe internacional de cientistas liderada pelo colombiano Andrés Ruiz-Linares (professor de genética humana da University College de Londres) aponta uma data mais recente. Ela foi feita com base nos estudos genéticos de comunidades indígenas do Canadá à Terra do Fogo (sul da Argentina) e indicou que a ocupação da América se deu com grupos humanos vindos da Ásia em pelo menos três ondas migratórias através do estreito de Bering há pouco mais de 15 mil anos, quando as águas do mar estavam congeladas e serviram de ponte para a passagem dos migrantes. Observe o mapa.

É a mesma datação apontada pelo antropólogo brasileiro Walter Neves com base no esqueleto de Luzia, fóssil de cerca de 12 mil anos encontrado no sítio arqueológico de Lagoa Santa (MG). Ele também defende que os índios americanos são descendentes de grupos humanos vindos da Ásia há cerca de 15 mil anos. Atualmente essa é a tese mais aceita.



a América antes da chegada dos europeus? E no Brasil? O que aconteceu com esses povos? Como é a composição da população dos países americanos hoje?

O conteúdo desta página, ao abordar a origem dos povos americanos e discutir a questão dos fluxos migratórios na América desde a época pré-colombiana, mobiliza a habilidade **EF08GE01**.

Na análise sobre a periodização da ocupação primitiva da América ainda há controvérsias sobre a datação exata. Caso seja necessário, converse com os alunos sobre como se dá o desenvolvimento cien-

tífico. Quando ocorre alguma descoberta científica, há um consenso temporário sobre esse conhecimento, técnica ou procedimento até que algum avanço científico permita colocá-los em xeque e revê-los, substituindo-os por outros mais precisos.

Sugestões de aprofundamento

Para conhecer mais teses sobre a ocupação da América, consulte os seguintes artigos:

Povos pré-colombianos

Foram os descendentes desses migrantes pioneiros que muito tempo depois desenvolveram as hoje chamadas civilizações pré-colombianas (em referência a Cristóvão Colombo), povos que os europeus encontraram ao aportarem na América no final do século XV. Observe no mapa ao lado a distribuição aproximada desses povos.

Os incas (nos Andes), os maias, os astecas e os toltecas (nas áreas onde atualmente se localizam a América Central e o México) estavam entre as civilizações mais organizadas que se desenvolveram na América. Esses povos empregavam técnicas agrícolas sofisticadas para a época, desenvolviam atividades urbanas diversificadas e tinham o poder político já bastante centralizado.

Os incas construíram uma imponente civilização, cujos vestígios sobreviveram aos séculos, como mostram as ruínas de Machu Picchu (Peru), cidade fundada em 1450. Observe a fotografia. Localizadas na cordilheira dos Andes, a cerca de 80 quilômetros da cidade de Cuzco, essas ruínas foram descobertas em 1911 por um arqueólogo americano chamado Hiram Bingham e hoje fazem parte do Patrimônio da Humanidade.



Fonte: elaborado com base em DUBY, Georges. *Atlas histórico mundial*. Barcelona: Larousse, 2007. p. 144.

Ruínas de Machu Picchu (Peru), cidade fundada pelos incas em 1450. Foto de 2017.



ichyiwong/Shutterstock

157

Orientações didáticas

O texto a seguir pode enriquecer as discussões sobre os povos pré-colombianos.

América andina: a formação do Império Inca

O Império Inca se estendia ao longo da cordilheira dos Andes, da Colômbia ao Chile. O Equador, o Peru, as terras altas da Bolívia, o norte da Argentina e o Chile (até o rio Maule, perto da cidade de Conceição) formavam parte de seu território.

Em seu interior encontramos diferenças geográficas notáveis e povos de diferentes civilizações, centralizados num esquema unificador. O estado Inca, respeitando as antigas funções das comunidades aldeãs chamadas Ayllus, incorporou militarmente outros Estados, impondo uma unidade política, econômico-social e religiosa, justificando a denominação de Império.

Durante muito tempo a historiografia abordou o estado Inca como um “paraíso perdido”, onde inexistia a fome, a exploração e a violência.

[...]

A ideologia transmitida pelos Incas aos povos submetidos referia-se ao soberano como filho do Sol, que lhe outorgava proteção divina e assegurava a ordem social. “O Estado cobra tributos para manter os velhos e os doentes, e para fornecer alimentos nas épocas de má colheita...”. Assim era apresentado o Império Inca. [...]

Os Incas impuseram a 15 milhões de pessoas a mesma língua, a mesma cultura, a mesma religião (ainda que respeitando os deuses locais, considerados secundários) e um Estado centralizado. A construção desse projeto unificador foi feita através da violência generalizada, da coerção e do convencimento ideológico. Os métodos variaram, desde a utilização do Mitamaés [povos deslocados para regiões recém-conquistadas] até o sistema de reféns, passando pela utilização da religião como mecanismo de dominação [...].

PEREGALLI, E. *A América que os europeus encontraram*. São Paulo: Atual/Ed. da Unicamp, 1986. p. 44-46.

AMÉRICA foi inicialmente povoada por três ondas migratórias da Ásia, diz estudo. *Veja*. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/ciencia/america-foi-inicialmente-povoada-por-tres-ondas-migratorias-da-asia-diz-estudo/>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

PRIMEIROS habitantes chegaram à América em três ondas migratórias. *G1*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-saude/noticia/2012/07/primeiros-habitantes-chegaram-america-em-tres-ondas-migratorias.html>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

Sugestão de aprofundamento

No site da Fundação Museu do Homem Americano, que administra o Parque Nacional da Serra da Capivara, é possível conhecer um pouco da região que abriga importantes sítios arqueológicos do continente americano. Ao clicar na aba **Biblioteca Digital**, pode-se ter acesso a todas as edições da revista *Fundamentos*, publicação pluridisciplinar dedicada à divulgação de pesquisas científicas realizadas no Parque Nacional.

Disponível em: <www.fumdhm.org.br>. Acesso em: 12 set. 2018.

Orientações didáticas

Proponha aos alunos que observem novamente o mapa da página anterior, que mostra as civilizações pré-colombianas, e lance algumas perguntas para que reflitam a respeito: Só havia povos pré-colombianos na região Andina [como os incas], na América Central [como os maias] e no planalto mexicano [como os astecas e toltecas]? E no restante da América do Sul, sobretudo na Amazônia, não havia nenhum povo vivendo nesses vastos territórios? Depois, peça que comparem o mapa da página anterior com o mapa "Amazônia pré-colombiana", desta página, para perceberem que o primeiro mapa é bastante parcial e incompleto.

Sugestão de aprofundamento

Para conhecer um estudo sobre a relação entre a ocupação humana passada na Amazônia e a presença de plantas domesticadas na floresta, consulte o *site* a seguir.

INPA (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia). Disponível em: <<http://portal.inpa.gov.br/portal/index.php/ultimas-noticias/2743-estudo-liderado-pelo-inpa-afirma-que-povos-pre-colombianos-moldaram-a-flora-da-floresta-amazonica>>. Acesso em: 12 set. 2018.

Sugestão de aprofundamento

Para conhecer os resultados de pesquisas recentes que comprovam que a Floresta Tropical amazônica não é tão "selvagem" quanto parece, leia esta reportagem.

HECKENBERGER, Michael J. As cidades perdidas na floresta. *UOL Notícias*. Disponível em: <https://www2.uol.com.br/sciam/reportagens/as_cidades_perdidas_da_amazonia.html>. Acesso em: 12 out. 2018.



Ruínas do Templo Mayor sob praça onde hoje é a Cidade do México. Foto de 2016.

Observando o mapa da página anterior, ficamos com a impressão de que não existiu nenhuma civilização no Brasil, nem mesmo na América do Sul não andina.

No entanto, havia no Brasil uma enorme diversidade de povos com diferentes línguas e culturas. Estima-se que eram faladas mais de mil línguas (o censo 2010 do IBGE registrou 274 línguas remanescentes). Em outras regiões da América do Sul também havia outros povos, como os Guarani (cujos descendentes vivem no Paraguai e ainda mantêm sua língua) e os Patagon, no sul da Argentina, daí o nome dessa região: Patagônia.

Durante muito tempo consideraram-se as comunidades indígenas que viviam na Amazônia, por exemplo, pouco desenvolvidas. No entanto, pesquisas recentes feitas em diversos sítios arqueológicos mostram grande desenvolvimento técnico (exploração e manipulação de diversas plantas, até mesmo com interferências na floresta, produção de farinha de mandioca, produção de cerâmica, construção de pontes e estradas). O mapa ao lado, proposto pelo arqueólogo Eduardo Neves, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), mostra as áreas de maior concentração populacional da Amazônia pré-colombiana.



Fonte: elaborado com base em NEVES, Eduardo. In: CARVALHO, André. Amazônia pré-colombiana. *UOL Notícias*, 2018. Disponível em: <www.uol.com.br/noticias/especiais/como-viviam-os-povos-da-amazonia-antes-da-chegada-dos-europeus.htm#amazonia-pre-colombiana>. Acesso em: 5 set. 2018.

A colonização europeia e a escravidão

Embora a história da América não tenha se iniciado com a chegada dos europeus, como vimos anteriormente, foi a colonização europeia que inseriu esse continente na história do capitalismo comercial, que havia começado na Europa no final do século XV, e deixou marcas profundas nos países atuais.

Entre os séculos XV e XVII, espanhóis, portugueses, franceses, holandeses e ingleses ocuparam o continente americano e iniciaram o domínio dos povos nativos e a colonização dos territórios.

Nos territórios invadidos e dominados pelos portugueses, que mais tarde pertenceriam ao Brasil, os conflitos entre os colonizadores e os povos nativos provocaram **genocídio** e **etnocídio** de muitos povos. Com relação aos povos que não foram exterminados, houve empenho por parte dos portugueses em convertê-los à fé cristã (o que não deixa de ser um processo de etnocídio).

Os espanhóis destacaram-se na conquista territorial principalmente nos Andes, na América Central e no México, ocupando áreas ricas em metais preciosos, como ouro e prata. Essa conquista e ocupação também não aconteceram sem a resistência das populações nativas. Os que sobreviveram perderam sua identidade cultural e foram escravizados para a exploração das minas – o que desorganizou as comunidades e contribuiu para o desaparecimento das civilizações pré-colombianas.

genocídio:

extermínio físico de uma população ou de um grupo étnico.

etnocídio:

destruição da cultura de uma população ou de um grupo étnico.



A violência e a opressão religiosa foram as principais estratégias da Coroa espanhola e da Igreja católica para submeter as populações nativas da América. Na imagem, pintura datada de 1521 retratando Hernán Cortez (1485-1547), conquistador espanhol, e o uso de mão de obra indígena.

I Orientações didáticas

Ao tratar do tema colonização europeia e escravidão, é possível fazer uma integração com o componente curricular História. O estudo dos povos pré-colombianos em comparação com os povos atuais, as diferentes formas de colonização impostas no continente, assim como as principais correntes migratórias que se dirigiram à América nos diferentes períodos históricos e regiões de ingresso podem ser analisados. Dessa forma, é possível mobilizar a habilidade **EF08GE01**.

Discuta com os alunos os conceitos de genocídio e etnocídio. Decodifique a etimologia das palavras para que o aprendizado do conceito se dê de forma mais significativa pelos alunos. Lembre-os de que o sufixo *-cídio* vem do latim *-cidium*, que significa "ação de quem mata ou seu resultado". É o mesmo sufixo de **homicídio** e **feminicídio**. Assim, "genocídio" é a morte literal de um grupo humano ou de parte dele, como aconteceu com muitas sociedades indígenas da América, e "etnocídio" é a morte simbólica de uma cultura, como também aconteceu no continente.

O texto "As independências na América Latina", de Leon Pomer, reproduzido na página XXXIII, traz mais elementos sobre os processos de independência que resultaram nos países atuais.

Sugestão de aprofundamento

Para saber mais sobre a relação do colonizador europeu com os nativos americanos, assista a este vídeo.

VILARDAGA, José Carlos. História: o descobrimento da América. *TV Cultura*. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/videos/32743_historia-o-descobrimto-da-america-jose-carlos-vilardaga.html>. Acesso em: 12 out. 2018.

I Orientações didáticas

Discuta com os alunos o significado da expressão “políticas de ação afirmativa”. Essas ações surgiram nos Estados Unidos, nos anos 1960, no contexto do movimento pelos direitos civis, que teve entre seus principais líderes o pastor protestante estadunidense Martin Luther King (1957-1968). Políticas de ação afirmativa têm como objetivo principal assegurar oportunidades iguais para todas as pessoas, independentemente de sua origem étnico-racial, gênero, religião, etc. Em geral, são medidas temporárias adotadas pelo Estado para compensar desigualdades socioeconômicas ou políticas provocadas por discriminação de cunho étnico-racial, religioso, de gênero, entre outras, ocorridas no passado ou no presente, e que garantem a igualdade de oportunidades. É uma forma de reparação da discriminação ocorrida ao longo da história, como a que foi imposta aos afrodescendentes nos Estados Unidos e no Brasil, em virtude da escravidão e da segregação socioespacial. O estabelecimento de cotas raciais para o acesso à universidade é um exemplo de política de ação afirmativa. Essa medida compensatória começou nos Estados Unidos e depois também foi adotada no Brasil.

X. A. V. E. Singer/Arquivo particular



O feitor na plantação de açúcar (1881), xilografia de X. A. V. E. Singer realizada a partir de desenho de autoria desconhecida retratando trabalho no estado da Bahia. Dimensões do original: 11,4 cm x 9 cm.

O QUE É ?

Sistema de parceria é um sistema de trabalho no qual o agricultor planta na terra de outra pessoa e lhe cede uma parte do que produziu como forma de pagamento pelo uso da propriedade. O tipo de parceria mais comum é a meação, no qual o trabalhador cede metade do que produziu ao dono da terra e, por isso, é chamado de meeiro.

Durante o período colonial, a agricultura voltada para a exportação foi a principal atividade realizada em diferentes áreas do continente americano, como nos territórios dos atuais Brasil, Colômbia, Venezuela, Cuba e no sul dos Estados Unidos. Era a monocultura (produção de um só produto para a exportação), praticada em latifúndios (grandes propriedades) e com base na exploração do trabalho de africanos escravizados. Esse sistema de produção agrícola ficou conhecido como *plantation* (plantação). O tripé latifúndio, monocultura exportadora e escravismo caracterizou as colônias de exploração na América, inclusive no sul dos Estados Unidos.

A adoção da *plantation* promoveu uma transferência maciça de africanos para o continente americano. Estima-se que, somente no Brasil, ingressaram mais de 5 milhões de africanos escravizados até 1850, quando essa prática foi proibida. A partir desse ano, teve início o tráfico ilegal, que continuou até a abolição da escravatura, em 1888.

Na segunda metade do século XIX, a escravidão foi abolida em toda a América do Sul, sendo o Brasil o último país a extingui-la. Nessa época, o subcontinente passou a receber milhões de imigrantes europeus que buscavam terra e oportunidades de trabalho. Com isso, houve a substituição da mão de obra escrava nas lavouras pela de trabalhadores em **sistema de parceria** e gradativamente de assalariamento e, assim, foi dada continuidade à ocupação do território.

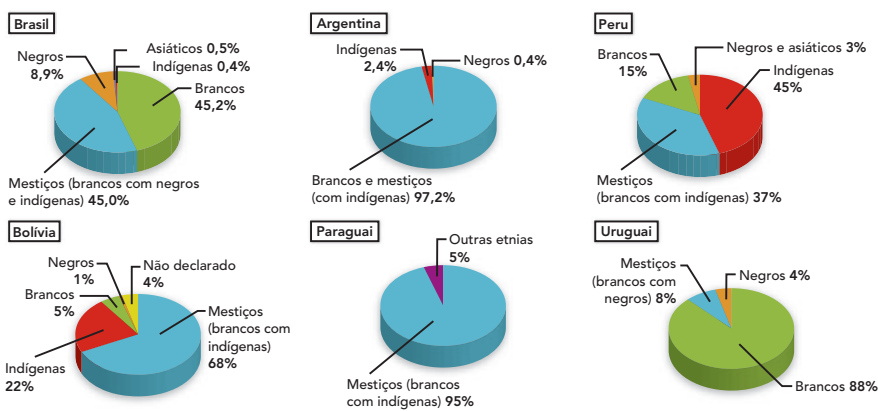
Como os africanos inicialmente foram escravizados e posteriormente não foram incorporados ao mercado de trabalho (como meeiros, assalariados, nem como proprietários de terras), ficaram marginalizados socioeconomicamente. Uma lei de 1950, chamada Lei de Terras, estabeleceu a compra como a única forma de acesso à terra, condição que claramente os impedia de se transformarem em proprietários. Além disso, sofreram preconceito por serem ex-escravos e foram substituídos por trabalhadores imigrantes da Europa e da Ásia. Essa situação se refletiu na sua condição de vida e de seus descendentes. Atualmente, todos os indicadores sociais – especialmente os de renda e de escolaridade – dos afrodescendentes brasileiros são inferiores aos dos brancos, embora essa desigualdade venha se reduzindo lentamente nas últimas décadas graças a políticas de ação afirmativa, como as cotas nas universidades.

Diversidade étnica e cultural

Como herança desse contexto histórico e das migrações que ocorreram ao longo do século XX, a América do Sul apresenta atualmente uma grande diversidade étnica, com diferenças acentuadas entre os países e também entre as regiões de um mesmo país. Observe os dados dos gráficos a seguir.

América do Sul: composição étnica da população de países selecionados

Ericsson, Guilherme, Luciano/Arquivo da editora



Fonte: elaborado com base em CIA. *The World Factbook*. Washington D.C., 2018. Disponível em: <www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/rankorderguide.html>; IBGE Educa. Porcentagem da população, por cor ou raça (Brasil - 2015). Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raça.html>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

EXPLORANDO O GRÁFICO

Como é a composição étnica da população dos países sul-americanos apresentados nos gráficos? Como a composição étnica pode contar um pouco da história de um país?

VAMOS PESQUISAR: ETNIAS PRESENTES NA AMÉRICA DO SUL

- Organizados em grupos e com orientação do professor, escolham um país da América do Sul e pesquisem em livros e em sites na internet (veja uma indicação ao lado) as etnias indígenas que fazem parte de sua população e as contribuições culturais que aportaram à cultura do país: na língua, na religiosidade, na culinária, na música, entre outras.
- O grupo que escolher o Brasil deve observar também a realidade do lugar em que vive para perceber essas contribuições na vida cotidiana. Se possível, conversem com pessoas do lugar, especialmente as descendentes de indígenas, para verificar o que podem contribuir na compreensão dessa herança cultural.
- Produzam um infográfico do tamanho de uma cartolina com textos curtos, fotos, mapas, gráficos e outras informações que conseguirem levantar na pesquisa.
- Após o desenvolvimento da pesquisa, organizem uma exposição do material coletado para mostrar suas descobertas.
- Com base na pesquisa que fizeram, conversem entre vocês sobre a importância de estudarmos a diversidade étnica do país e do subcontinente em que vivemos.

NA REDE

Instituto Socioambiental
Referência nacional na produção, análise e difusão de conhecimentos acerca dos povos indígenas no Brasil, a ONG disponibiliza diversas informações, links para websites congêneres e publicação de povos indígenas. Disponível em: <www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/programas/povos-indigenas-no-brasil>. Acesso em: 12 ago. 2018.

Orientações didáticas

A análise das características da população dos países sul-americanos mobiliza a habilidade EF08GE20.

Comente com os alunos que na Argentina e no Uruguai, por exemplo, os brancos descendentes de europeus predominam amplamente – em ambos os países os indígenas e os africanos, e seus descendentes, foram praticamente exterminados. No Brasil, há um empate entre brancos descendentes de europeus e mestiços (principalmente de branco com afrodescendente e de branco com indígena, grupo que o IBGE classifica como pardo). Aqui também o genocídio dos indígenas foi muito acentuado. No Peru predominam os indígenas, seguidos pelos mestiços (brancos com indígenas); na Bolívia ocorre o oposto: há uma predominância de mestiços (indígenas com brancos), seguidos pelos grupos indígenas. Já no Paraguai há uma ampla maioria de mestiços (indígenas com brancos).

Vamos pesquisar

Espera-se que os alunos descubram e sintetizem a rica contribuição que os povos originários deram à cultura brasileira e aos países sul-americanos, e que percebam a enorme diversidade cultural dessas sociedades. Mais do que isso, é importante que respeitem e valorizem essa diversidade.

As atividades desta página propõem uma reflexão sobre os povos indígenas sul-americanos e sua contribuição cultural para os países atuais, despertando a empatia dos alunos e mobilizando as competências CG9 e CCH1.

Sugestão de aprofundamento

O texto produzido pelo escritório regional da Organização Internacional para as Migrações (OIM), sediado em Buenos Aires, na Argentina, é uma boa indicação de referência para a pesquisa que os alunos devem realizar.

OIM América Del Sur. Pueblos indígenas y migración en América del Sur. Disponível em: <www.un.org/esa/socdev/unpfi/documents/2016/UN-Agencies-Docs/OIM-Spanish-version316.pdf>. Acesso em: 12 out. 2018.

Sugestão de aprofundamento

Para saber mais sobre o genocídio dos afrodescendentes na Argentina, leia esta reportagem.

BARREIRO, Ramiro. Onde estão os negros da Argentina? *El País*, 8 jan. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/07/internacional/1483795840_886159.html>. Acesso em: 12 out. 2018.

Para conhecer mais

A leitura do texto desta seção e a reflexão proposta a seguir também mobilizam a competência **CG9** e a **CCH1**.

Se considerar pertinente, proponha a leitura de algumas lendas indígenas do livro *Lendas e mitos dos índios brasileiros*, sugerido no boxe *Na estante*. Essa é uma boa estratégia para aproximar os alunos da cultura de grupos indígenas do Xingu e exercitar a empatia e o respeito à diversidade.

Espera-se que os alunos reconheçam que a convivência com a diversidade de línguas, de religiões, de pensamentos, de valores, e a aceitação dessa diversidade são importantes porque enriquecem a todos os envolvidos numa relação social entre pessoas e culturas “diferentes”. Quando a diversidade não é aceita, gera medo, agressividade, discriminação e segregação.

NA ESTANTE

SILVA, Waldemar Andrade e.
Lendas e mitos dos índios brasileiros. 2. ed. São Paulo: FTD, 1999.

O livro é resultado da convivência de oito anos do autor com indígenas do Xingu, na região da Amazônia. Traz 24 lendas indígenas ilustradas pelo autor, que também é pintor.

Porque os seres humanos são culturalmente diversos, há uma diversidade de línguas, de religiões, de pensamentos, de valores, e a aceitação dessa diversidade enriquece a todos os envolvidos numa relação social entre pessoas e culturas “diferentes.” Quando a diversidade não é aceita, gera medo, agressividade, discriminação e segregação.



PARA CONHECER MAIS

Conviver “com o diferente”

Conviver não é simplesmente viver com alguém, lado a lado. Não é uma simples aceitação do outro. Mas, no meu entender, conviver significa entrelaçar culturas, dividir formas diversas de pensar, de ser, de agir, de crer, de perceber e encarar a própria vida, para criar, a partir deste convívio, algo diferente e novo em mim mesma e no outro.

Assim, o conviver com o outro – que nós muitas vezes chamamos “diferente” – nos faz sair do mundo individual e social a que estamos acostumados e abre diante de nós um universo a ser explorado e vivido. A diversidade torna-se pouco a pouco um valor, transforma-se em riqueza e faz saborear a vida numa amplitude mais profunda. A diversidade é uma realidade no convívio humano, em particular, no espaço da migração. Esta, quando aceita, torna-se fonte de mudança e riqueza, e quando rejeitada, torna-se razão de medo, agressividade e discriminação. [...]

EIDT, Edi Maria. Conviver “com o diferente”. *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 20, n. 38, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/312/287>>. Acesso em: 3 set. 2018.



Homenagem a Iemanjá, em Salvador (Bahia), em 2017.



Celebração de Inti Raymi (Festival do Sol), em Iluman (Equador). Foto de 2017.

- Por que é importante a convivência com a diversidade e sua aceitação?

Distribuição da população

Em 2017, a América do Sul contava com 424 milhões de habitantes. Observe no mapa abaixo, de densidade demográfica, onde estão as maiores concentrações populacionais no subcontinente.

Cerca de 90% da população do subcontinente mora nas proximidades do litoral, numa faixa de cerca de 250 quilômetros em direção ao interior, a partir tanto do oceano Atlântico como do Pacífico, onde se encontram as maiores aglomerações urbanas. Portanto, nessa faixa a densidade demográfica é bem maior.

A concentração da população no litoral teve origem no modelo colonial de ocupação, voltado para a exploração de recursos agrícolas e minerais (cana-de-açúcar, algodão, cacau, café, ouro, prata e outros) para a exportação. A saída para o mar era essencial para a circulação das mercadorias.

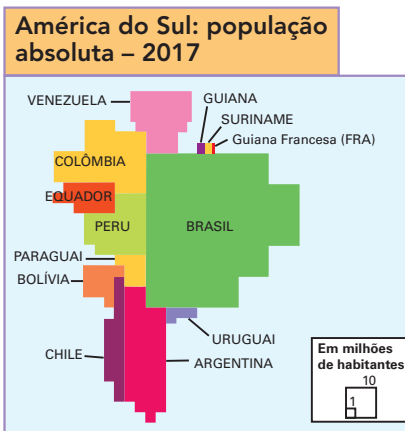
Somente a partir da segunda metade do século XX houve a ocupação sistemática do interior da América do Sul, principalmente do Brasil, da Argentina, da Colômbia, da Venezuela e do Peru.

Isso ocorreu com o avanço da industrialização em alguns países, a abertura de rodovias e ferrovias, a expansão da área cultivada e a maior exploração de recursos energéticos e minerais.

Observe no cartograma acima, que representa a população absoluta dos países da América do Sul, como os mais de 424 milhões de habitantes estão distribuídos.

Fonte: elaborado com base em FERREIRA, Graça Maria Lemos. *Moderno atlas geográfico*. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2016. p. 36.

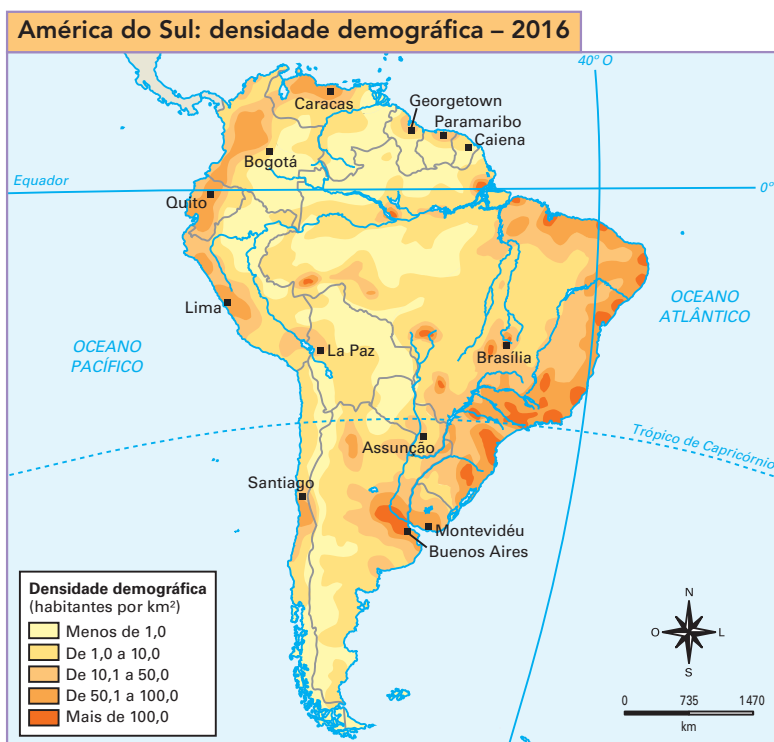
O país mais populoso da América do Sul é o Brasil. Isso se constata porque é o país que aparece em tamanho maior no cartograma que representa os países segundo a população absoluta. O menos populoso é a Guiana Francesa ou o Suriname (considerando os países independentes), pois são os que aparecem em tamanho menor.



Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. World Population 2017. Disponível em: <https://esa.un.org/unpd/wpp/publications/Files/WPP2017_Wallchart.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2018.

EXPLORANDO O CARTOGRAMA

Qual é o país mais populoso da América do Sul? Qual é o menos populoso? Como você descobriu isso?



Orientações didáticas

Ao observar o mapa “América do Sul: densidade demográfica – 2016”, pergunte aos alunos: Onde estão as maiores concentrações populacionais da América do Sul? Verifique se eles indicam que a população está concentrada mais próxima ao litoral, tanto a leste como a oeste.

A atividade do boxe **Explorando o cartograma** contempla a habilidade **EF08GE19**. Leia o texto a seguir, que trata da discussão relacionada ao termo cartograma.

Cartograma

O conceito de cartograma na literatura ainda é bastante controverso. Enquanto o IBGE apresenta em seu *Glossário Cartográfico* uma definição clássica para cartograma, não fazendo referência à conformidade de área, outros autores consideram o cartograma como um mapa onde há uma deformação em relação à variável apresentada: Cartograma é um esquema representativo de uma superfície ou parte dela, sobre a qual são apresentadas informações quantitativas e qualitativas, de eventos geográficos, cartográficos e socioeconômicos (IBGE, 2010). Conforme SANCHEZ (1973, apud Boletim Goiano de Geografia), o cartograma é um tipo de representação que lida menos com a exatidão das coordenadas geográficas e se preocupa mais com as informações que serão objeto de distribuição espacial no interior do mapa, de forma que o usuário possa visualizar seu comportamento espacial. BRUNET et al. (1993, apud DUTENKEFER, 2010) adverte em seu dicionário que o termo “cartograma” deve ser evitado pela sua ambiguidade que designa tanto uma carta estatística ou que possui uma série de diagramas quanto anamorfoses que seriam também chamadas de transformações morfotemáticas. [...] De acordo com NEWMAN (2006), a definição de cartograma é o tipo de mapa que apresenta as áreas com seu tamanho redesenhado de forma proporcional a uma variável de interesse. [...]

ANDRADE, Luciana Cordeiro. O uso de cartograma de densidade equalizada na apresentação de dados temáticos. Monografia. Departamento de Geografia – IG-UFMG, 2010. p. 14. Disponível em: <www.csr.ufmg.br/geoprocessamento/publicacoes/LUCIANA.pdf>. Acesso em: 12 out. 2018.

Sugestão de aprofundamento

Para saber mais sobre a utilização de anamorfoses, consulte a dissertação a seguir.

TOBIAS, Daniela. Anamorfose: um recurso cartográfico relevante na Geografia urbana do município de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia – FLLCH-USP, 2011. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-06052013-122918/pt-br.php>. Acesso em: 12 out. 2018.

Orientações didáticas

Ao trabalhar o boxe **Explorando o gráfico**, garanta que todos os alunos compreenderam o gráfico. Além de responderem às questões propostas, eles devem perceber que, de forma geral, a taxa de urbanização na América do Sul é bastante elevada.

Certifique-se de que os alunos conseguiram ler e interpretar adequadamente o mapa temático, que representa as cidades segundo seu tamanho, utilizando para isso círculos proporcionais. A compreensão dos signos cartográficos é importante para que os alunos interpretem o mapa e consequentemente o tema da realidade que ele representa.

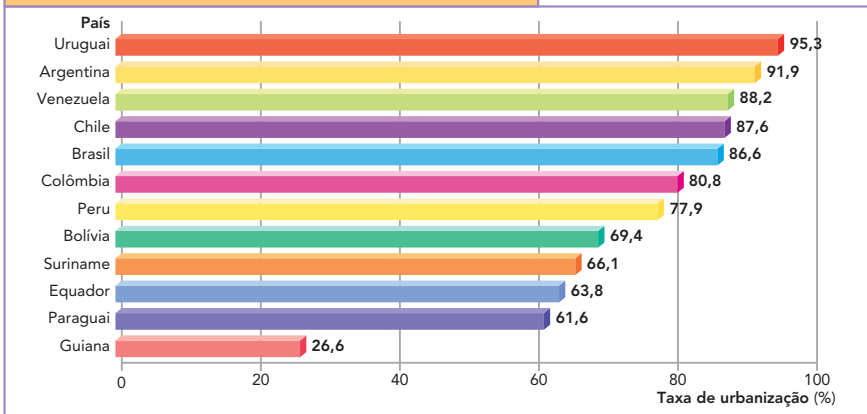
O país mais urbanizado é o Uruguai. Sim, a Guiana é o único país do subcontinente que não é majoritariamente urbano (apenas 26,6% da população mora em cidade).

Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *World Urbanization Prospects: the 2018 Revision*. New York, 2018.

Taxa de urbanização e maiores cidades

A América do Sul tinha uma taxa de urbanização de 84% em 2017, ou seja, 84% da população desse subcontinente morava em cidades. Mas, como é possível observar no gráfico a seguir, ela varia bastante entre os países.

América do Sul: taxa de urbanização – 2018



Ericson Guilherme Luciano/Arquivo da editora

EXPLORANDO O GRÁFICO

Qual é o país mais urbanizado? Existe algum país cuja população rural seja maior que a população urbana? Como você descobriu isso?

América do Sul: maiores aglomerações urbanas* – 2016



Agora observe o mapa ao lado, que traz informações sobre as maiores aglomerações urbanas do subcontinente.

EXPLORANDO O MAPA

Como estão distribuídas as maiores aglomerações urbanas na América do Sul? Quais delas são megacidades? Relacione este mapa com o mapa de densidade demográfica da página anterior. O que você constata?

Os alunos devem perceber que, tanto no litoral do Atlântico como no do Pacífico, se encontram as maiores aglomerações urbanas e, portanto, as maiores densidades demográficas. São Paulo, Buenos Aires, Rio de Janeiro e Lima são as maiores aglomerações urbanas do subcontinente, com mais de 10 milhões de habitantes, por isso consideradas megacidades.

Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. The World's Cities in 2016. New York, 2016. Disponível em: <www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/urbanization/the_worlds_cities_in_2016_data_booklet.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2018.

* Foram representadas as cidades cuja região metropolitana possui mais de 2,5 milhões de habitantes.

Problemas urbanos

A elevada taxa de urbanização dos países da América do Sul foi acompanhada pelo crescimento desordenado das cidades. Atualmente, todas as grandes cidades sul-americanas em maior ou menor grau enfrentam problemas de ordem social e ambiental.

A elevada demanda por moradia, por exemplo, não é acompanhada pela oferta. Muitas pessoas vivem em moradias precárias, muitas vezes sem acesso a **saneamento básico** e a serviços regulares de fornecimento de energia elétrica e internet. Geralmente situadas na periferia das cidades, distante das áreas mais centrais e mais estruturadas ou em áreas não próprias para ocupação, chamadas zonas de risco, como encostas de morros, ou áreas próximas aos cursos de água, sujeitas a alagamentos (áreas geralmente menos valorizadas e por isso mais baratas), essas comunidades também não são atendidas de maneira satisfatória por outros serviços públicos essenciais para uma vida digna, como saúde, educação e lazer. Dessa maneira, é possível perceber a segregação socioespacial existente nas cidades.

Porém, mesmo em bairros localizados nas áreas mais centrais de grandes cidades sul-americanas, como São Paulo (Brasil), Buenos Aires (Argentina), Bogotá (Colômbia) e Caracas (Venezuela), devido ao alto custo da moradia e ao mesmo tempo do abandono de muitos prédios, têm crescido os movimentos de ocupação organizados por diversos movimentos sociais de sem-teto.

O QUE É ?

Saneamento básico engloba o tratamento e o abastecimento de água potável, a coleta e o tratamento de esgotos sanitários, a limpeza urbana e o manejo de resíduos sólidos, drenagem e manejo de águas pluviais urbanas.

STRINGER/Agência France-Presse



Deslizamento de terra, após fortes chuvas, em Manizales, na Colômbia, em 2017.

Orientações didáticas

A análise dos problemas urbanos das grandes cidades sul-americanas, da segregação socioespacial e dos movimentos que se articularam contra essa situação de exclusão contempla as habilidades **EF08GE10**, **EF08GE16** e **EF08GE17**.

Discuta de forma introdutória com os alunos o significado e a importância do termo “saneamento básico”. Esse tema, que é crucial para a saúde pública e a qualidade de vida, será retomado na seção **Consolidando conhecimentos**.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para trabalhar a sequência didática sobre os problemas habitacionais das grandes cidades da América Latina.

Rayner Pena/Picture Alliance/Getty Images



A maior ocupação de um edifício urbano fica em Caracas (Venezuela). A Torre de David é um prédio de 45 andares com 4 mil moradores, que se mudaram para lá porque não tinham onde morar ou porque fugiam da violência nas favelas da cidade. Fotografia de 2018.

■ Orientações didáticas

Proponha aos alunos que observem a foto de uma ação da organização Techo no Brasil (Teto, em português) e explore com eles o *site* do movimento (consulte o boxe **Na rede**), organizado em prol de moradia digna e que atua em diversos países da América Latina. Verifique com os alunos se existe algum movimento semelhante no município ou no estado onde está localizada a escola. Depois, pergunte a eles: O que esse movimento reivindica? Como ele atua? Por que se organizou?

Sugestão de aprofundamento

Para saber como funciona a gestão coletiva de uma ocupação, assista às entrevistas de diversas pessoas envolvidas em movimentos sociais de pessoas sem teto.

Seu jornal, TVT. Rede Brasil Atual. Cidadania. 12 maio 2018. 3 min 42 s. Disponível em: <www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/05/movimento-de-sem-teto-explica-como-funciona-gestao-coletiva-de-uma-ocupacao-1>. Acesso em: 12 set. 2018.

■ NA REDE

Techo

Neste *site* é possível conhecer mais sobre esse movimento de luta por moradia digna e os países em que atua. Disponível em: <www.techo.org>. Acesso em: 5 set. 2018.

A ONG “Un Techo para mi País” foi criada para construir moradias de emergência para famílias necessitadas. No Brasil, o movimento começou em São Paulo em 2007. Na fotografia, família e voluntários em frente à casa em fase final de construção, Rio de Janeiro, 2018.



Divulgador/TETO Brasil

Além dos problemas de habitação e da segregação socioespacial, as grandes cidades apresentam um problema que atinge toda a população: a poluição do ar e das águas. A poluição do ar pode comprometer a saúde das pessoas, sobretudo nas grandes cidades, onde é muito elevada por causa da concentração de indústrias e veículos que soltam no ar grande quantidade de gases resultantes da queima do combustível. Muitos rios recebem resíduos domésticos e industriais sem tratamento, o que prejudica a qualidade da água e do abastecimento.

Na maioria das cidades o sistema de transporte também é insuficiente para atender à demanda da população que depende do serviço público.

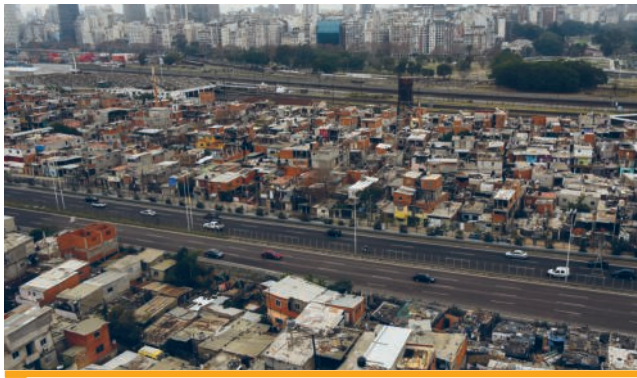
As aglomerações urbanas da América do Sul, como a de Santiago (Chile), têm concentrações de material particulado na atmosfera acima dos valores recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Fotografia de 2018.



CLAUDIO REYES/Agência France-Press

No Brasil, assim como em outros países da América do Sul, há a preocupação dos governos e das sociedades em geral em reduzir os problemas urbanos. Muitos governos têm procurado aumentar o investimento em transporte coletivo, moradias populares, saúde preventiva e segurança. Em muitos casos, têm contado com o apoio de organismos internacionais, como as agências da ONU, o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). No entanto, muitas vezes isso tem se mostrado insuficiente, como podemos perceber ao observar as fotos ao lado e ao analisar os indicadores de desenvolvimento desses países, assunto da próxima página.

A deficiência dos transportes públicos é um problema comum nas cidades sul-americanas. Estação da Luz, em São Paulo (SP), 2017.



Eliam ABRAMOVICH/Agência France-Press

Nas favelas, a população geralmente não conta com serviços públicos essenciais a uma vida digna. Observe que há uma segregação socioespacial, a favela está apartada da cidade formal. Comunidade Villa 31, em Buenos Aires (Argentina), em 2017.



Willian Moreira/Futura Press

Trocando ideias

O objetivo desta atividade é levar os alunos a refletir sobre problemas urbanos, como habitação, insegurança, segregação socioespacial, saneamento básico e transporte público, e como esses serviços traduzem a qualidade de vida da população. Espera-se que os alunos concluam que a única maneira de resolver essas questões é por meio do aumento de investimentos estatais nessas áreas, que são prioritárias para melhorar o cotidiano das pessoas. Daí a importância de consolidar a democracia e a cidadania para que os setores socioespacialmente marginalizados possam se organizar e reivindicar seus direitos.

Caso algum aluno more em favela, em zonas de risco ou em área sujeita a alagamento, é importante problematizar essa questão urbana tomando cuidado para não culpabilizar o estudante nem criar constrangimento.

TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

Com base no que foi estudado e na observação da realidade que o cerca, reúna-se com alguns colegas e conversem sobre as questões abaixo para refletir sobre a seguinte questão: Como é a vida nas grandes cidades? Todos têm boas condições de vida?

1. Como é o deslocamento diário das pessoas? Elas percorrem grandes distâncias para ir de casa ao trabalho, por exemplo? O transporte público é suficiente, funciona bem?
2. Há saneamento básico adequado? Ou as pessoas bebem água sem tratamento e há esgoto a céu aberto?
3. As habitações são adequadas? Ou existem pessoas que vivem em moradias precárias?
4. Há pessoas que vivem em condomínios fechados em busca de maior privacidade e segurança?
5. Vocês acham que todos têm boas condições de vida? O que vocês acham que é necessário para resolver os problemas apresentados? **Respostas pessoais.**

NA TELA

Um conto chinês.
Direção:
Sebastián Borensztein.
Argentina, Espanha, 2011.

Roberto é um veterano da Guerra das Malvinas que vive solitário em sua casa em Buenos Aires e Jun é um chinês que foi à cidade atrás de um tio. O destino fez com que a vida e os problemas dos dois se entrelçassem. O filme é interessante para observar que, apesar das diferenças culturais, os problemas do ser humano são muito parecidos.

Orientações didáticas

Ao tratar dos indicadores sociais da América do Sul, esta-beleça comparações com os países africanos, considerando os índices de desenvolvimento humano segundo os dados do Pnud, como foi estudado no capítulo 8. Os alunos devem perceber que, de maneira geral, as condições de vida das populações dos países sul-americanos são melhores que as dos países africanos. Enquanto a maioria dos países africanos apresenta baixo IDH e não há nenhum deles no grupo de IDH muito elevado, na América do Sul a maioria dos países está no grupo de IDH elevado e não há nenhum no grupo de baixo IDH. Mesmo os países mais pobres da América do Sul apresentam IDH médio.

NA REDE

Relatórios de desenvolvimento humano

No site do Pnud você encontra os Relatórios de desenvolvimento humano atualizados e o Atlas do desenvolvimento humano no Brasil. Disponível em: <www.pnud.org.br>. Acesso em: 15 ago. 2018.

Indicadores sociais

Os países sul-americanos são marcados por desigualdades sociais e, como vimos nas páginas anteriores, essa desigualdade se materializa nas paisagens, sobretudo nas das grandes cidades, onde vive a maioria das pessoas. São, portanto, desigualdades socioespaciais.

Podemos identificar as desigualdades sociais também em indicadores, como o índice de desenvolvimento humano (IDH).

A tabela a seguir mostra o IDH dos países da América do Sul, que, como vimos no capítulo 5, é um índice que sintetiza indicadores de saúde, educação e renda.

AMÉRICA DO SUL: IDH – 2015				
Posição/país	Índice de desenvolvimento humano (IDH)	Expectativa de vida ao nascer (anos)	Escolaridade média/escolaridade esperada (anos)	Renda nacional bruta per capita anual (dólar PPC*)
Desenvolvimento humano muito elevado				
38. Chile	0,847	82,0	9,9/16,3	21 665
45. Argentina	0,827	76,5	9,9/17,3	20 945
Desenvolvimento humano elevado				
54. Uruguai	0,795	77,4	8,6/15,5	19 148
71. Venezuela	0,767	74,4	9,4/14,3	15 129
79. Brasil	0,754	74,7	7,8/15,2	14 145
87. Peru	0,740	74,8	9,0/13,4	11 295
89. Equador	0,739	76,1	8,3/14,0	10 536
95. Colômbia	0,727	74,2	7,6/13,6	12 762
97. Suriname	0,725	71,3	8,3/12,7	16 018
Desenvolvimento humano médio				
110. Paraguai	0,693	73,0	8,1/12,3	8 182
118. Bolívia	0,674	68,7	8,2/13,8	6 155
127. Guiana	0,638	66,5	8,4/10,3	6 884

Fonte: elaborado com base em UNDP. *Human Development Report 2016*. New York: United Nations Development Programme, 2016. p. 198-201. * Dólar ajustado pela paridade de poder de compra (PPC).

A maioria dos países se encontra na faixa de IDH elevado, inclusive o Brasil, com IDH 0,754, na 79ª posição.

EXPLORANDO A TABELA

A maioria dos países da América do Sul está em que faixa na classificação do IDH? Qual é a posição do Brasil?

De forma geral, a partir da década de 1990, vários setores da economia dos países da América do Sul se modernizaram e os indicadores sociais melhoraram. Contudo, a concentração de renda ainda permanece elevada e o percentual de pessoas que vivem na pobreza ainda é alto em alguns deles.

Observe os dados da tabela a seguir.

AMÉRICA DO SUL: INDICADORES SOCIAIS				
País (ano da pesquisa)*	Distribuição de renda			Pobreza
	% da renda nacional com os 10% mais pobres	% da renda nacional com os 10% mais ricos	índice de Gini	% da população vivendo com menos de 3,20 dólares por dia
Uruguai (2016)	2,2	29,7	39,7	0,5
Argentina (2016)	1,8	30,9	42,4	2,4
Bolívia (2016)	1,1	32,1	44,6	12,6
Peru (2016)	1,6	32,7	43,8	10,0
Venezuela (2006)	0,5	34,1	46,9	15,4
Equador (2016)	1,6	34,3	45,0	9,4
Paraguai (2016)	1,6	37,3	47,9	7,0
Chile (2015)	1,7	38,0	47,7	3,1
Colômbia (2016)	1,3	40,0	50,8	11,8
Brasil (2015)	1,2	40,4	51,3	8,0

Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D. C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

* Suriname e Guiana não dispõem desses dados.

A contínua melhora dos indicadores sociais depende de crescimento econômico, de uma distribuição de renda mais equilibrada e de investimentos sociais adequados. No século XXI, de forma geral os países sul-americanos têm apresentado crescimento econômico.

Além disso, gradativamente os governos têm aumentado os investimentos em setores importantes como educação, saúde e **proteção social** (observe o gráfico). Isso tem contribuído para reduzir a pobreza e melhorar as condições de vida de parte da população.

O Uruguai é o país que apresenta a melhor distribuição de renda na América do Sul (índice de Gini de 39,7) e o menor índice de pobreza (apenas 0,5% da população). O Brasil é o país que apresenta a pior distribuição de renda (índice de Gini de 51,3), mas não é o com maior índice de pobreza, que está na Venezuela (15,4% da população).

EXPLORANDO A TABELA

Qual país apresenta melhor distribuição de renda e menor índice de pobreza na América do Sul? Qual aparece no extremo oposto considerando esses critérios?

proteção social:

políticas públicas de apoio a setores sociais carentes ou que vivem em risco, como concessão de pensões para idosos, de complementação de renda para pessoas muito pobres, de auxílio desemprego, etc.

I Orientações didáticas

Retome com os alunos o significado de índice de Gini, visto no capítulo 5. Criado pelo estatístico italiano Corrado Gini, quanto mais perto de zero esse índice estiver, menor será a desigualdade social; quanto mais perto de cem, maior.

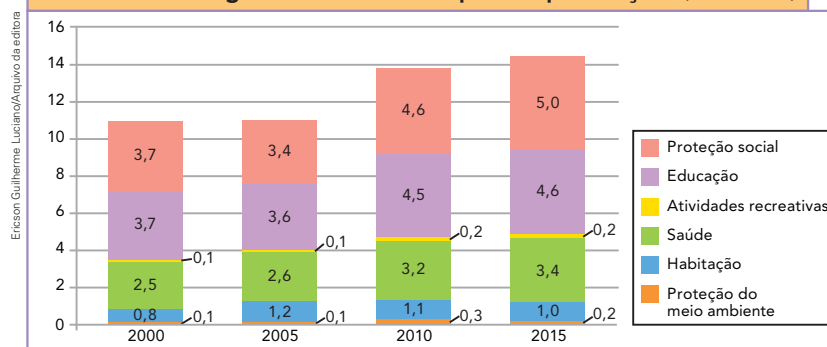
Os alunos devem perceber que desigualdade social é diferente de pobreza. Mesmo em países muito ricos, como a Noruega (que tem o IDH mais elevado do mundo), onde a pobreza é quase inexistente, há desigualdade social. O Brasil, por exemplo, é o país mais desigual da América do Sul, mas não é o que tem maior índice de pobreza. Não existe nenhum país no mundo com índice de Gini zero, assim como também não há nenhum com índice cem. Esses extremos são situações hipotéticas para efeito de cálculo estatístico do índice.

Veja os índices sociais da Noruega, caso queira estabelecer comparações com o país de IDH mais elevado no mundo.

Noruega (2015)
3,5
22,3
27,5
0,2

Como o gráfico de colunas é de leitura complexa, porque há seis dados em cada coluna, certifique-se de que todos os alunos o compreenderam adequadamente. Eles devem perceber que os setores sociais que mais precisam de investimento na América Latina são: proteção do meio ambiente, atividades recreativas e habitação.

América Latina*: gasto social do setor público por funções (% do PIB)



Fonte: elaborado com base em COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE (CEPAL). *Panorama Social da América Latina 2016*: documento informativo, Santiago, 2016. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/41738/1/S1700509_pt.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2018.

Porém, é fundamental que o crescimento econômico seja ecologicamente sustentável, ou seja, que o meio ambiente seja protegido, garantindo boas condições de vida para a população. Como se observa no gráfico, os países latino-americanos ainda investem pouco em proteção do meio ambiente.

EXPLORANDO O GRÁFICO

Em qual setor há mais investimentos do poder público? E em qual setor há menos investimentos?

*A Cepal não disponibiliza dados exclusivos para a América do Sul, mas a inserção dos países centro-americanos e do México não altera demasiadamente o cenário.

Há mais investimentos em proteção social e educação; menos investimentos na proteção do meio ambiente.

1. Esta atividade, ao proporcionar a reflexão acerca do saneamento básico, um aspecto socioambiental fundamental no Brasil e em países sul-americanos, contribui com o desenvolvimento da habilidade **EF08GE20** e mobiliza a competência **CEGeo1**.

a) Comente com os alunos que a falta de saneamento pode ocasionar diarreia, que atinge principalmente as crianças e resulta do consumo de água sem tratamento ou da contaminação em esgotos a céu aberto ou lançados em córregos e rios. Além disso, como informa o texto, essas doenças acabam atrapalhando o desenvolvimento escolar, o que compromete o futuro das crianças, que podem se tornar adultos que não realizam todo o seu potencial em termos educacionais.

b) Os alunos devem perceber que o artigo 225 da Constituição Federal sobre o direito a um meio ambiente ecologicamente equilibrado não está sendo assegurado para grande parte da população brasileira, que não tem coleta nem tratamento de esgoto adequado. Conseqüentemente, não está sendo assegurada uma qualidade sadia de vida, como indica a alta incidência de doenças, sobretudo em crianças. Tampouco a Lei n. 11.445/2007 está sendo respeitada.

c) Comente com os alunos que há outros indicadores de desenvolvimento, como saúde, educação, moradia, etc., que também não foram resolvidos. Mas, como vimos, saneamento básico, saúde e rendimento escolar estão interligados.

1. Leia abaixo um texto sobre saneamento, o artigo 225 da Constituição Federal do Brasil e analise os dados do gráfico. Depois, responda às questões propostas.

O que é Saneamento?

Saneamento é o conjunto de medidas que visa preservar ou modificar as condições do meio ambiente com a finalidade de prevenir doenças e promover a saúde, melhorar a qualidade de vida da população e à produtividade do indivíduo e facilitar a atividade econômica. No Brasil, o saneamento básico é um direito assegurado pela Constituição e definido pela Lei nº 11.445/2007 como o conjunto dos serviços, infraestrutura e instalações operacionais de abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana, drenagem urbana, manejos de resíduos sólidos e de águas pluviais. [...]

Ter saneamento básico é um fator essencial para um país poder ser chamado de país desenvolvido. Os serviços de água tratada, coleta e tratamento dos esgotos levam à melhoria da qualidade de vida das pessoas, sobretudo na saúde infantil com redução da mortalidade infantil, melhorias na educação, na expansão do turismo, na valorização dos imóveis, na renda do trabalhador, na despoluição dos rios e preservação dos recursos hídricos, etc.

Estudo do Instituto Trata Brasil, por exemplo, mostrou que o Brasil convive com centenas de milhares de casos de internação por diarreias todos os anos (400 mil casos em 2011, sendo 53% de crianças de 0 a 5 anos), muito disso devido à falta de saneamento.

Estudo do BNDES estima que 65% das internações em hospitais de crianças com menos de 10 anos sejam provocadas por males oriundos da deficiência ou inexistência de esgoto e água limpa, que também surte efeito no desempenho escolar, pois crianças que vivem em áreas sem saneamento básico apresentam 18% a menos no rendimento escolar.

TRATA BRASIL. O que é saneamento? Disponível em: <www.tratabrasil.org.br/saneamento/o-que-e-saneamento>. Acesso em: 15 ago. 2018.

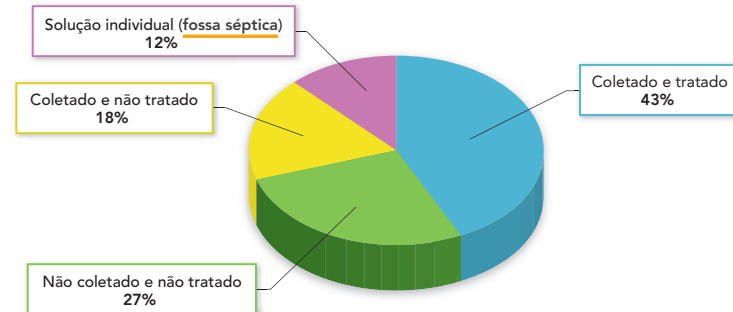
Constituição do Brasil

Artigo 225 – Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. *Constituição de 1988*. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 15 ago. 2018.

Brasil: situação da população em relação ao esgoto – 2017

Ericson Guilherme Luciano/Arquivo da editora



fossa séptica: sistema de tratamento primário de esgoto domiciliar usado em áreas onde não há coleta.

Fonte: elaborado com base em ANA – Agência Nacional de Águas. Atlas esgotos: despoluição das bacias hidrográficas, 2017. Disponível em: <<http://atlas.esgotos.ana.gov.br/>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

1. a) O saneamento básico é fundamental para melhorar as condições de vida das pessoas, sobretudo para evitar uma série de doenças. O saneamento básico, ou melhor, a falta dele, denuncia desigualdade socioespacial porque sua escassez não é generalizada, ela atinge principalmente os bairros menos estruturados das cidades dos países em desenvolvimento, como o Brasil, em geral localizados na periferia ou em áreas ocupadas com submoradias.

- a) Qual é a importância do saneamento básico? Ele é um indicador que denuncia a desigualdade socioespacial em um país?
- b) Com base na análise do gráfico estudado neste capítulo e da realidade brasileira, você acha que o artigo 225 da Constituição Federal está sendo respeitado? *Resposta pessoal.*
- c) O Brasil pode ser chamado de país desenvolvido, de acordo com o critério mencionado no texto? *Não, pois não universalizou o saneamento básico, uma infraestrutura que os países desenvolvidos já tinham implantado no final do século XIX e início do século XX.*
2. Leia o texto a seguir e responda às perguntas.

A questão do outro: o etnocentrismo e a destruição da população indígena

Pessoas e situações diferentes daquelas que conhecemos devem ser encaradas e analisadas de acordo com os valores da cultura à qual pertencem. [...] Etnocentrismo significa o julgamento feito a partir dos valores de uma única cultura, a do próprio observador. Nesse caso, determinada cultura é considerada melhor ou pior em comparação ao que é familiar e considerado normal.

A descoberta de povos até então desconhecidos provocou um grande choque nos europeus, que tinham uma explicação para a origem da humanidade baseada nas informações contidas na Bíblia. A história sagrada ensinava que todos os homens, plantas e animais, criados por um único Deus, tinham passado pelo Dilúvio. As populações da Terra seriam, então, descendentes das espécies que sobreviveram na Arca de Noé.

O encontro de povos novos abalou essa crença. Os europeus ficaram sem saber qual o lugar ocupado pelos índios na humanidade e se eles tinham alma ou não. Na verdade, desde o primeiro encontro, as populações que viviam nas terras americanas não foram sequer consideradas como integrantes da humanidade.

A conquista da terra incluía a posse de tudo o que ela continha, até mesmo os habitantes. Aos europeus pouco importava que aqueles que chamaram de índios fossem os primeiros ocupantes do lugar.

Da mesma maneira que enviavam para a Europa papagaios e outros produtos, mandavam também índios, como algo pitoresco a ser conhecido. Cinquenta índios tupinambás, por exemplo, foram levados à cidade de Rouen, para uma homenagem aos reis da França. Nessa cidade, na qual se compravam muitos produtos do Brasil, os índios fizeram danças e representaram sua maneira de viver, num espetáculo exótico aos olhos da nobreza francesa, que se divertia.

Um choque entre culturas

O contato entre as culturas europeia e indígena resultou, ao longo do século XVI, na destruição não só da cultura, mas da própria população local.

A maioria dos índios que existem hoje é descendente daqueles que viviam no interior, e só mais tarde entraram em contato com a população europeia, ou então daqueles que fugiram do litoral. A grande maioria pertence a culturas diferentes da tupi-guarani. Os que permaneceram em convívio com os portugueses foram destruídos ou convertidos à fé cristã. Ao serem obrigados a abandonar seus costumes, perderam a sua existência cultural enquanto povo.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. *O encontro entre culturas. Índios e europeus no século XVI*. 15. ed. São Paulo: Atual, 2008. p. 38-39.

- a) De acordo com o texto, o que é etnocentrismo?
- b) O contato entre as culturas mencionado no texto foi benéfico para ambas as partes envolvidas? Por quê? *Não, populações indígenas inteiras foram dizimadas, muitos povos sofreram diversos tipos de agressões físicas e culturais.*

2. a) Segundo o texto, etnocentrismo significa "julgamento feito a partir dos valores de uma única cultura, a do próprio observador". Isto é, não há alteridade e respeito pela cultura de outro povo.

Consolidando conhecimentos

2. Ao tratar do genocídio e etnocídio das populações indígenas, esta atividade mobiliza as competências C69 e CCH1.

Sugestões de aprofundamento

Para fundamentar e enriquecer a discussão sobre o etnocentrismo, consulte os artigos a seguir.

RODRIGUES, Renata M. S. A imprensa é parcial e etnocêntrica. *Observatório da Imprensa*, 517. ed., 23 dez. 2008. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/a-imprensa-e-parcial-e-etnocentrica>>. Acesso em: 12 out. 2018.

BATISTA, Juliana P. Cultura e etnocentrismo: os direitos territoriais indígenas em uma perspectiva contra-hegemônica. *E-Gov.*, 4 mar. 2011. Disponível em: <<http://egov.ufsc.br/portal/conteudo/cultura-etnocentrismo-os-direitos-territoriais-indigenas-uma-perspectiva-contra-hegemo>>. Acesso em: 12 out. 2018.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE04 Compreender os fluxos de migração na América Latina (movimentos voluntários e forçados, assim como fatores e áreas de expulsão e atração) e as principais políticas migratórias da região.

EF08GE06 Analisar a atuação das organizações mundiais nos processos de integração cultural e econômica nos contextos americano e africano, reconhecendo, em seus lugares de vivência, marcas desses processos.

EF08GE07 Analisar os impactos geoeconômicos, geoestratégicos e geopolíticos da ascensão dos Estados Unidos da América no cenário internacional em sua posição de liderança global e na relação com a China e o Brasil.

EF08GE09 Analisar os padrões econômicos mundiais de produção, distribuição e intercâmbio dos produtos agrícolas e industrializados, tendo como referência os Estados Unidos da América e os países denominados de Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

EF08GE12 Compreender os objetivos e analisar a importância dos organismos de integração do território americano (Mercosul, OEA, OEI, Nafta, Unasul, Alba, Comunidade Andina, Aladi, entre outros).

EF08GE13 Analisar a influência do desenvolvimento científico e tecnológico na caracterização dos tipos de trabalho e na economia dos espaços urbanos e rurais da América e da África.

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

EF08GE22 Identificar os principais recursos naturais dos países da América Latina, analisando seu uso para a produção de matéria-prima e energia e sua relevância para a cooperação entre os países do Mercosul.

EF08GE24 Analisar as principais características produtivas dos países latino-americanos (como exploração mineral na Venezuela; agricultura de alta especialização e exploração

CAPÍTULO 12

Vamos tratar de:

- Produto Interno Bruto
- Agropecuária, recursos minerais, indústria e turismo
- Blocos econômicos regionais
- Investimentos brasileiro e chinês

América do Sul: economia

Os países sul-americanos têm uma economia muito variada, apesar da herança colonial, da história comum de desigualdades sociais e da influência política, econômica e cultural dos Estados Unidos desde o início do século XX.

Há, por exemplo, países emergentes com um parque industrial relativamente diversificado, como o Brasil, a Argentina, o Chile e a Colômbia, enquanto em outros, menos desenvolvidos, predominam as atividades minerais e agrárias, como a Bolívia, o Equador, o Paraguai e a Guiana.

No setor agrícola dos países sul-americanos há agroindústrias que utilizam tecnologia avançada na produção de alimentos, biocombustíveis e matérias-primas para indústrias de papel, móveis, químico-farmacêuticas, etc. Ao mesmo tempo, há regiões em que prevalece a agricultura tradicional apenas para o consumo da própria família.

Nos países emergentes, o parque industrial é integrado à economia mundial em diversos setores, como o de bens de capital (máquinas e equipamentos), bens intermediários (aço, celulose, derivados de petróleo etc.) e bens de consumo (automóveis, eletrônicos, vestuário, alimentos, etc.). Além disso, contam com investimento de capital privado nacional e estrangeiro, além de capital estatal.

Nos Pampas da Argentina, do Brasil e do Uruguai, assim como em várias outras regiões do subcontinente, pratica-se agropecuária com tecnologia avançada. O agronegócio é muito importante para a entrada de moeda estrangeira no país por meio das exportações. Na fotografia, criação de gado confinado em Zarate (Argentina), em 2017.



mineira no Chile; circuito da carne nos pampas argentinos e no Brasil; circuito da cana-de-açúcar em Cuba; polígono industrial do sudeste brasileiro e plantações de soja no centro-oeste; maquiadoras mexicanas, entre outros).

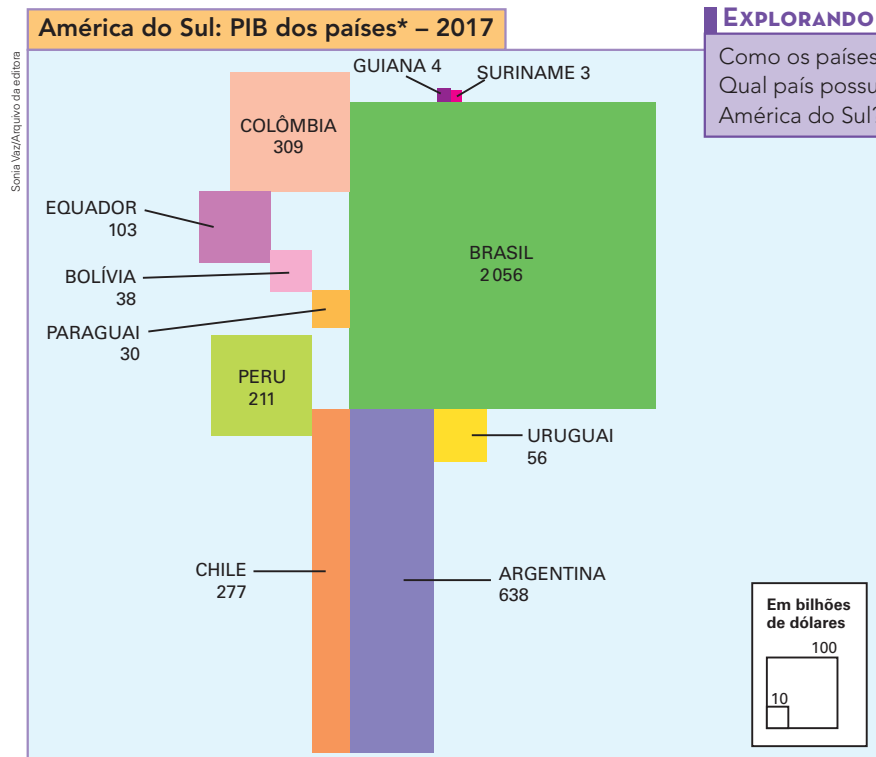
Orientações didáticas

Para identificar os conhecimentos prévios dos alunos a respeito da economia da América do Sul, questione-os: Qual é o papel da América do Sul na divisão internacional do trabalho desde a época

do colonialismo até os dias de hoje? O que mudou? No que as economias dos países da América do Sul são semelhantes e no que são diferentes? Qual é a situação do Brasil? A economia brasileira é semelhante às economias dos países vizinhos? Vocês conhecem algum processo de integração regional? Qual? Já ouviram falar de Mercosul e Aliança do Pacífico?

O Produto Interno Bruto

O cartograma a seguir apresenta o tamanho proporcional dos países sul-americanos segundo seu Produto Interno Bruto (PIB) e a tabela mostra sua distribuição pelos setores de atividades econômicas. Observe-os.



EXPLORANDO O CARTOGRAMA

Como os países estão representados? Qual país possui o maior PIB da América do Sul? E o menor?

Estão representados segundo o tamanho do PIB num cartograma. O Brasil possui o maior PIB da região e Suriname, o menor.

Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D. C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

* Não há dado disponível para a Venezuela.

AMÉRICA DO SUL: DISTRIBUIÇÃO DO PIB POR SETOR DE ATIVIDADE – 2017

	Agropecuária	Indústria	Serviços e comércio
Brasil	5	18	77
Argentina	6	22	72
Colômbia	6	29	65
Chile	4	30	66
Peru	7	30	63
Equador	9	31	60
Uruguai	5	24	71
Bolívia	12	26	62
Paraguai	18	27	55
Suriname	9	32	59
Guiana	13	35	32

Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D. C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

O Paraguai é o país em cujo PIB a agricultura tem mais participação. A Guiana é o que o PIB tem maior contribuição da indústria. O Brasil é o país em cujo PIB o setor de serviços tem maior participação.

EXPLORANDO A TABELA

Em qual país a agricultura tem maior participação no PIB? E em qual a indústria e os serviços têm maior participação?

Sugestão de aprofundamento

Este livro traz uma análise sobre o sistema colonial, os Estados nacionais, o caudilhismo, o imperialismo e o regime monárquico na América Latina.

PRADO, M. L. *A formação das nações latino-americanas*. 21. ed. São Paulo: Atual/Ed. da Unicamp, 2006.

Sugestão de aprofundamento

Nesse artigo, discute-se a ascensão da China na América Latina diante do vácuo de influência deixado pela negligência dos Estados Unidos e do enfraquecimento político-econômico do Brasil. O artigo também aborda as oportunidades e os desafios da ascensão chinesa para o Brasil.

PINI, A. M. A crescente presença chinesa na América Latina: desafios para o Brasil. *Boletim de Economia e Política Internacional (Bepi)*, n. 21, Ipea, set./dez. 2015.

Orientações didáticas

Na atividade da seção **Explorando o cartograma**, que trata do PIB dos países da América do Sul, contempla-se a habilidade **EF08GE19**.

Certifique-se de que todos compreenderam o cartograma e os dados da tabela antes de propor a atividade.

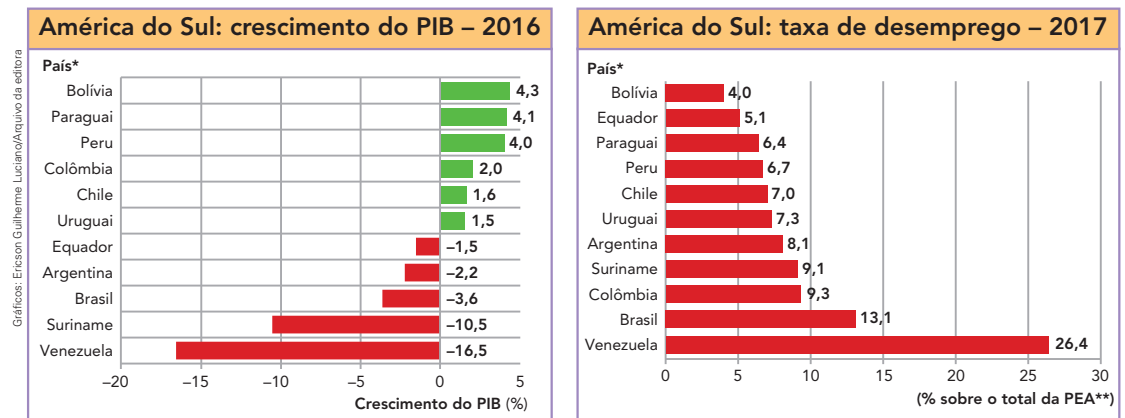
Retome com os alunos o conceito de PIB de um país e sua composição.

Trocando ideias

Comente com os alunos que, quando se avalia a relação de crescimento do PIB e a taxa de desemprego, é preciso levar em consideração outras variáveis na geração de empregos, como a legislação trabalhista. No entanto, de forma geral, quando a economia de um país cresce, a tendência é gerar mais emprego; e, quando cresce menos, tende a gerar menos emprego. Em uma situação de recessão a tendência é haver um aumento da taxa de desemprego; e, assim que a economia volta a crescer, a tendência é de essa taxa cair. Isso vem acontecendo com o Brasil: a crise começou em 2014 e, desde então, o desemprego foi subindo até atingir o pico em 2017 e, a partir daí, com a retomada, ainda que tímida, do crescimento econômico, o desemprego começou a cair.

O Brasil é o país que possui o maior PIB do subcontinente, mais de três vezes maior que o segundo colocado, a Argentina. Em todos os países, o setor de serviços (que inclui o comércio) é o que mais contribui na composição do PIB e também o que ocupa mais mão de obra. Novamente, é o Brasil a economia em que esse setor tem mais peso, seguido pela Argentina. Já nos países em que a agricultura ainda tem grande participação no PIB, como é o caso do Paraguai e da Guiana, a participação dos serviços se reduz um pouco, mas ainda é predominante. Esses dados indicam, como vimos no capítulo anterior, que os países sul-americanos são bastante urbanizados e que os menos urbanizados são exatamente o Paraguai e a Guiana (reveja no gráfico na página 164, os dados sobre a urbanização dos países da América do Sul).

Durante a alta do preço das *commodities* nos anos 2000, as economias dos países sul-americanos cresceram com taxas elevadas, o que contribuiu para a redução do desemprego e a melhoria das condições gerais de vida da população. No entanto, após a passagem desse ciclo de alta (e também como resultado de políticas econômicas malsucedidas), desde 2010 as economias dos países sul-americanos vêm reduzindo o ritmo de crescimento, com alguns países passando por recessão econômica. Em 2018, a pior situação é a da Venezuela, cujo PIB vem encolhendo fortemente desde 2014. Observe os gráficos.



Fonte: elaborado com base em INTERNATIONAL MONETARY FUND. World Economic Outlook Database: October 2017 Edition. Disponível em: <www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2017/02/weodata/index.aspx>. Acesso em: 16 ago. 2018.

* Não há dados disponíveis para a Guiana.

** População Economicamente Ativa: inclui os trabalhadores empregados e os que estão desempregados, mas procurando trabalho.



TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

Converse com um colega sobre as questões a seguir.

- Comparando os dados dos gráficos acima, é possível estabelecer uma relação entre eles? Podemos concluir que há relação entre o crescimento econômico e o desemprego?

Sim, a Bolívia foi o país que mais cresceu em 2016 e também o que tinha menos desemprego em 2017. No extremo oposto, a Venezuela foi a economia que mais encolheu em 2016 e consequentemente a que mais tinha pessoas desempregadas em 2017.

Agropecuária

Observe no mapa abaixo a distribuição geográfica das principais atividades agropecuárias da América do Sul.

Como se pode observar, os dois países que dispõem das maiores extensões de terras agrícolas são o Brasil e a Argentina.

No Brasil, pratica-se agricultura mecanizada em grandes propriedades no estado de São Paulo, com destaque para a cana-de-açúcar (produção de açúcar e etanol) e nos estados da região Centro-Oeste, com destaque para o cultivo de soja e milho. Esses dois cultivos também são desenvolvidos no Paraná e no Rio Grande do Sul e a soja tem sido muito cultivada no oeste da Bahia. Vale destacar ainda o cultivo de café em grandes e médias propriedades no sul de Minas Gerais e do Espírito Santo (nesses estados o grau de mecanização é menor devido ao relevo montanhoso).

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), em 2016 o Brasil era o maior produtor mundial de cana-de-açúcar e de café, o segundo produtor de soja e o terceiro de milho. Essa produção em grande parte é voltada para a exportação. No Brasil central também se concentra a maior parte dos 218 milhões de cabeças que compõem o rebanho bovino brasileiro, o maior do mundo (segundo dados da FAO, 2016), outro produto importante na pauta de exportação brasileira.

EXPLORANDO O MAPA

Qual é o uso do solo nas áreas não ocupadas nem por agricultura nem por pecuária?

As áreas não ocupadas por atividades agropecuaristas são as ocupadas pela Floresta Amazônica, as áreas desérticas (deserto do Atacama) ou muito frias (sul do Chile).

Fonte: elaborado com base em FERREIRA, Graça Maria Lemos. *Moderno atlas geográfico*. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2016. p. 37.



Sônia Vaz/Arquivo da Editora

I Orientações didáticas

Ao analisar a produção agropecuária e as transformações tecnológicas no setor, contemplam-se as habilidades EF08GE13, EF08GE22 e EF08GE24.

Lembre os alunos de que parte do que é mostrado no mapa “América do Sul: uso do solo – 2016”, como a floresta, já foi retirada exatamente para expandir a agropecuária. Assim, proponha que comparem esse mapa com o mapa “Amazônia: cobertura da vegetação – 2015”, visto no capítulo 10 (página 153), que mostra com mais precisão o desmatamento da Floresta Amazônica. É preciso alertar os alunos para outra generalização: como o mapa não mostra as áreas urbanas, isso pode levar muitos a pensar, por exemplo, que a agropecuária chega a São Paulo, a Buenos Aires, entre outras cidades. Isso não é propriamente um erro, porém, deve-se lembrar que em cartografia é preciso fazer escolhas de quais fenômenos representar, e isso pode esconder ou minimizar outros.

Orientações didáticas

Lembre os alunos de que a pecuária é a atividade econômica que mais contribui para o desmatamento da Floresta Amazônica.

Aproveite a fotografia que mostra a fruticultura no Chile para mencionar aos alunos que esse país é um importante produtor e exportador de frutas *in natura*, inclusive para o Brasil: muitas das frutas que encontramos nas gôndolas dos supermercados, como cereja, pêssego e noz, vêm desse país. No entanto, a produção de uvas, que aparece na imagem, não é para ser consumida *in natura*, pois a maior parte da viticultura chilena destina-se à produção de vinho. As diversas variedades de uva (*cabernet sauvignon*, *merlot*, *pinot noir*, *carmenere*, *chardonnay* e *sauvignon blanc*, as mais comuns no Chile) são matérias-primas que serão transformadas em outro produto, os diversos tipos de vinho. Vale lembrar que a Argentina também tem uma importante vitivinicultura, desenvolvida principalmente na região de Mendoza, uma cidade situada próximo à cordilheira dos Andes.

Em 2016, segundo a Organização Internacional da Vinha e do Vinho, o Chile era o 7º maior produtor mundial de vinho, com 10,1 milhões de litros, e a Argentina era o 9º produtor, com 8,8 milhões de litros (o maior produtor mundial naquele ano foi a Itália, com 48,8 milhões de litros).

A modernização das atividades agrícolas reduziu sensivelmente a utilização de mão de obra empregada no setor primário da economia. Em 2016, segundo o Banco Mundial, no Brasil apenas 14,1% dos trabalhadores e 4,8% das trabalhadoras estavam empregados em atividades agropecuaristas. Sem contar que dos poucos que permanecem empregados se exige maior qualificação: hoje em dia, a agricultura moderna emprega engenheiros agrônomos, técnicos em agricultura, tratoristas, mecânicos de máquinas, etc.

Karol Kozlowski/AGB Photo Library



Plantação de soja na província de Santa Fé (Argentina), em 2017. A economia desta província é a segunda em importância do país; bastante diversificada, a agricultura é o setor que mais se destaca – 21% das terras cultivadas na Argentina estão em Santa Fé.

Philip Lee Harvey/Luxy/Getty Images



Plantação de uvas no Vale de Elquí, ao norte de Santiago (Chile), em 2017. O Chile é o sétimo maior produtor mundial de vinho e o quarto maior exportador mundial.

Na Argentina, a agricultura mais importante encontra-se na região da planície dos Pampas, com destaque para a soja (terceiro produtor mundial), o milho (quarto produtor) e o trigo, cultivados em grandes propriedades com alto grau de mecanização. Esses produtos aparecem, respectivamente, na pauta de exportação de ambos os países, sendo que o Brasil importa trigo argentino. A Argentina também se destaca como grande produtor e exportador de carne bovina (em 2016, seu rebanho era de 53 milhões de cabeças, o sexto do mundo). Na Argentina, o grau de modernização das atividades agrícolas é maior ainda do que no Brasil. Em 2016, apenas 0,8% dos trabalhadores e 0,2% das trabalhadoras do país estavam empregados na agropecuária.

Outro país que tem uma agricultura relevante é o Chile, com destaque para a fruticultura – uva, pêssegos, peras, cerejas, entre outras. As frutas têm um grande peso na pauta de exportação chilena, só ficando atrás do cobre. A agricultura chilena se concentra na região central, pois o sul é muito frio e o norte é muito árido e ocupado pelo deserto de Atacama, conforme estudamos no capítulo 10 e vimos no mapa da página anterior. Vale destacar a produção de café na Colômbia, o terceiro produtor mundial.

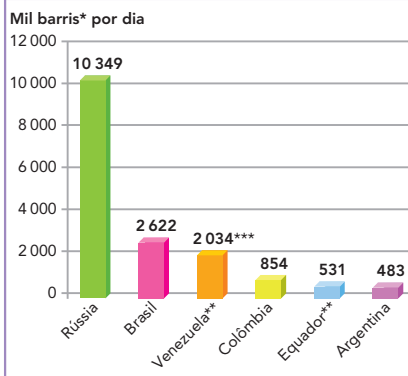
Recursos minerais e indústria

Em conjunto, os países do subcontinente produzem quase todos os produtos minerais e energéticos de que necessitam. A produção de petróleo é relevante no Brasil, na Venezuela e na Colômbia. Este país e o Brasil, apesar de não serem membros da Opep, também são exportadores de petróleo. Observe o gráfico ao lado.

Vale destacar a produção de minério de cobre, no Chile e no Peru; de estanho e gás natural, na Bolívia; e de ferro, manganês e bauxita, no Brasil. Esses recursos minerais têm grande importância na pauta de exportações dos respectivos países.

Observe na tabela a pauta de exportações dos países sul-americanos. Não há dados disponíveis sobre a Venezuela, cuja economia passa por profunda crise desde 2014. Segundo estimativas do Banco Mundial, suas exportações caíram de 65,7 bilhões de dólares em 2010 para 23,9 bilhões de dólares em 2017. Isso se deve à desagregação socioeconômica que o país vive, mas também à queda do preço do barril de petróleo, uma *commodity* cujo preço é fixado internacionalmente, o que contribuiu fortemente para o agravamento da crise. Cerca de 95% da pauta de exportação da Venezuela é composta de petróleo.

O maior produtor de petróleo do mundo e os maiores da América do Sul – 2017



Fonte: elaborado com base em ORGANIZATION OF THE PETROLEUM EXPORTING COUNTRIES. *OPEC Annual Statistical Bulletin 2018*. Viena, 2018. p. 32.

* Um barril tem 159 litros de petróleo.

** Membros sul-americanos da OPEP.

***A produção em 2010 era de 2 854 mil barris.

EXPLORANDO A TABELA

Como está organizada a pauta de exportações dos países sul-americanos?

AMÉRICA DO SUL: PAUTA DE EXPORTAÇÃO – 2017

País*	Exportações (em bilhões de dólares)	Produtos primários (% das exportações)			Produtos industrializados (% das exportações)
		Alimentos e matérias- -primas agrícolas	Combustíveis fósseis	Minérios	
Brasil	217,8	40,6	8,7	11,9	37,6
Argentina	58,4	63,3	2,9	3,3	28,8
Colômbia	37,8	23,2	50,0	1,2	25,5
Chile	68,3	29,7	0,9	55,3	14,1
Peru	44,9	24,0	9,5	55,1	11,4
Equador	19,1	55,9	36,5	1,4	6,2
Bolívia	7,7	15,9	39,9	39,3	4,8
Paraguai	8,7	63,2	24,8	0,7	11,2
Uruguai	7,9	77,4	2,0	0,3	20,2
Guiana	1,5	57,3	0,0	14,7	27,9
Suriname	2,1	29,5	40,0	1,9	10,5

Fonte: THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington D.C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

Todos os países sul-americanos, incluindo o Brasil, apresentam uma pauta de exportações composta predominantemente por *commodities* agrícolas, minerais e fósseis. O Brasil se destaca na exportação de industrializados (seguido pela Argentina).

I Orientações didáticas

Ao analisar as indústrias, os empregos e os tecnopolo, mobiliza-se a habilidade EF08GE13.

Leia os dados da tabela com os alunos fazendo perguntas como: Em qual país predomina a exportação de alimentos e matérias-primas? E a exportação de combustíveis fósseis e minérios? E os produtos industrializados?

A Argentina, com destaque para soja, trigo e carne bovina, empatada com o Paraguai, no qual se destacam a soja e o algodão. Dos países listados na tabela, a Colômbia é o que tem maior participação de combustíveis fósseis na pauta de exportação. Embora não seja membro da Opep, é o terceiro maior produtor sul-americano e o segundo exportador, ficando só atrás da Venezuela. Embora não conste da tabela porque não há dados disponíveis no Banco Mundial, a Venezuela é o país mais dependente da exportação de petróleo, cuja queda do preço contribuiu muito para o agravamento de sua crise econômica. O Chile destaca-se na exportação de minérios (cobre, empatado com o Peru, cujas exportações minerais são um pouco mais diversificadas, destacando-se o cobre, o chumbo e o zinco. Comente que o Brasil é o país mais industrializado da América do Sul e tem uma pauta bastante diversificada, na qual se destacam: automóveis e peças, celulose, equipamentos de exploração de petróleo, máquinas e aviões.

Orientações didáticas

Explore com os alunos o mapa de recursos minerais e região industrial na América do Sul, para que percebam em linhas gerais a distribuição da produção mineral nesse subcontinente, assim como suas principais regiões industriais. Aqui também vale o alerta sobre a questão da escala. Como o mapa foi feito em uma escala pequena, não aparecem nele as áreas industriais menores, mas que são também importantes, como Zona Franca de Manaus (AM), Serra Gaúcha (RS), Polo Petroquímico de Camaçari (BA) e região metropolitana do Recife (PE).

Chame a atenção dos alunos para o maior tecnopolo da América do Sul, localizado na região de Campinas, município do interior do estado de São Paulo. Para saber mais sobre ele, leia o texto a seguir.

Tecnopolos no Brasil

[...]

Campinas

A cidade de Campinas é um dos principais concorrentes ao título de “Vale do Silício brasileiro”, devido à concentração de institutos de desenvolvimento tecnológico e empresas da região.

A Unicamp, uma das universidades de maior prestígio do Brasil, é particularmente responsável por essa reputação, oferecendo alguns dos mais renomados cursos nos campos da engenharia, física aplicada e ciências da computação. Seus alunos não apenas foram os criadores de um grande número de empresas de desenvolvimento tecnológico, como é o caso da CI&T e da Padtech, mas também contribuíram para a criação de diversos programas para o desenvolvimento de *startups* da região. A cidade de Campinas também abriga as universidades Facamp e PUCAMP, ambas das quais contribuem para os ramos de pesquisa e com a geração de mão de obra qualificada para empresas da cidade.

Algumas das instituições de destaque localizadas na região de Campinas incluem o CPqD, o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações, que é um dos mais respeitados desenvolve-

O QUE É ?

Os **tecnopolos** são os lugares que materializam espacialmente a Terceira Revolução Industrial ou revolução informacional. Nesses lugares concentram-se empresas de alta tecnologia produtoras de *microchips*, computadores, *softwares*, robôs, novos medicamentos, etc.

Observe no mapa abaixo onde estão os principais recursos minerais e as principais regiões industriais da América do Sul.

Como se pode observar no mapa, as maiores regiões industriais se localizam no Brasil e na Argentina, as duas maiores e mais industrializadas economias sul-americanas. No Brasil a indústria contribui com 18% do PIB, como vimos na tabela da página 173, e emprega 28,2% dos trabalhadores e 10,1% das trabalhadoras; na Argentina esse setor é responsável por gerar 22% do PIB e empregar 34,1% dos trabalhadores e 8% das trabalhadoras no país.

No Brasil, a produção industrial é muito diversificada e, embora tenha se espalhado pelo território, ainda está bastante concentrada nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, com indústrias de alimentos, de vestuário, automobilísticas, petroquímicas, farmacêuticas, etc. Na Argentina, a maior concentração industrial encontra-se no eixo formado pela região metropolitana de Buenos Aires e a cidade de Rosário, com indústrias de alimentos, de vestuário, automobilísticas, petroquímicas, etc. Além dessas duas regiões industriais principais, há outras concentrações menores na América do Sul (localize-as no mapa).

Sobretudo no Brasil, há polos industriais de alta tecnologia, com destaque para a região de Campinas (SP). Nessa cidade do interior paulista existe um importante **tecnopolo** em torno da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e de outros centros de pesquisa, que formam mão de obra qualificada para trabalhar nas indústrias da região (eletrônicas, telecomunicações, mecânicas, biotecnologia, entre outras), assim como produzem avanços científico-tecnológicos, fruto de suas pesquisas.

América do Sul: recursos minerais e região industrial – 2016



EXPLORANDO O MAPA

Onde estão as maiores concentrações industriais na América do Sul?

No Brasil, no eixo Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte e na Argentina no eixo Buenos Aires/Rosário.

Fonte: elaborado com base em FERREIRA, Graça Maria Lemos. *Moderno atlas geográfico*. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2016. p. 37.

A escala do mapa não permite representar algumas regiões industriais.

dores de tecnologia do país. Outra instituição notável é a Ciatec, a Companhia de Desenvolvimento do Polo de Alta Tecnologia de Campinas, uma organização do governo municipal dedicada ao fomento da instalação e crescimento de empresas de alta tecnologia.

[...]

TECHINBRAZIL. 31 ago. 2015. Disponível em: <<https://technibrazil.com.br/tecnopolos-no-brasil>>. Acesso em: 13 out. 2018.

Sugestão de aprofundamento

Para obter informações sobre tecnopolos localizados no Brasil, como em Recife (PE), Santa Rita do Sapucaí (MG) e Porto Alegre (RS), entre outros, acesse a página do *site* Technibrazil que trata desse assunto.

Disponível em: <<https://technibrazil.com.br/tecnopolos-no-brasil>>. Acesso em: 24 out. 2018.

Turismo

No setor de serviços, uma das atividades que mais tem crescido e gerado renda na América do Sul é o turismo. Em todos os países sul-americanos, os setores de comércio e serviços são os que empregam maior percentual da população economicamente ativa.

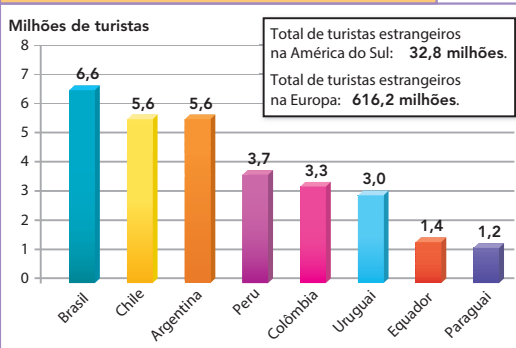
Como vimos nos capítulos 10 e 11, o subcontinente tem diversas cidades históricas tanto do período pré-colombiano como do período colonial, que atraem muitos turistas interessados principalmente na arquitetura das construções, que imprimem na paisagem as marcas de outros tempos.

Além disso, pelo extenso litoral (principalmente do Brasil) em zona intertropical, é muito favorecido para o desenvolvimento do turismo de sol e praia, mas também o de montanha (lembre-se de que é nesse subcontinente que está uma das maiores cadeias de montanha do planeta, a cordilheira dos Andes), de inverno (nas áreas situadas ao sul do trópico de Capricórnio) e ecológico (em função dos diversos parques nacionais e outras áreas protegidas). Observe no gráfico ao lado os países que mais recebem turistas internacionais na região (veja que em relação ao número de turistas internacionais na Europa, o turismo internacional nos países da América do Sul pode ser considerado pequeno).

Dos turistas internacionais que entram nos países da América do Sul, que aparecem nos dados ao lado, boa parte é oriunda do próprio subcontinente. Muitos dos turistas internacionais que entram na Argentina, por exemplo, são brasileiros (e vice-versa), assim como grande parte dos visitantes estrangeiros no Chile é composta de brasileiros. Há também um significativo fluxo interno de turistas, especialmente no Brasil, que não é considerado nesses dados.

Fernando Favoretto/Criar Imagem

América do Sul: maiores receptores de turistas internacionais – 2016



EXPLORANDO O GRÁFICO

Quais são os três países que mais receberam turistas estrangeiros na América do Sul em 2016?

Brasil, Chile e Argentina.

Grupo de turistas brasileiros em Mendoza (Argentina), 2018. A cidade é o ponto de partida para explorar as centenas de vinícolas da Rota do Vinho da Argentina. O enoturismo é o setor que mais cresce nessa região.

179

Orientações didáticas

Ao abordar a questão do turismo, comente que essa atividade é distribuída de forma muito desigual entre os países sul-americanos, como mostram os dados. Se analisarmos a América Latina inteira, poderemos constatar que o turismo é ainda mais concentrado, com grande destaque para o México. O turismo é muito importante porque estimula diversas outras atividades econômicas, por isso muitos países buscam incentivá-lo, mas em alguns deles os altos índices de violência inibem o aumento de visitantes. Leia o texto a seguir.

América Latina foca no turismo para fortalecer sua economia

[...]

Em 2016, toda a América Latina e o Caribe receberam pela primeira vez mais de 100 milhões de visitantes internacionais [...]

Mas nem todos os países da região são igualmente beneficiados. É difícil estabelecer um padrão comum a todos os países do continente: para começar, falamos de um mapa turístico bem heterodoxo, e não só nos termos absolutos representados pelos 35 milhões de visitantes por ano do México (um de cada três da região) comparados com os 969 mil da Bolívia. Somente o México está entre os 25 países com o setor turístico mais competitivo, de acordo com o Foro Econômico Mundial (WEF, na sigla em inglês); outros quatro países (Brasil, Costa Rica, Panamá e Argentina) estão no top 50.

O principal desafio do setor na região é a criminalidade, um problema que custa à economia da região o equivalente a 3,5% do PIB, de acordo com estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento. O mesmo estudo diz que “o impacto é maior nos países que dependem do turismo”: “Os turistas, especialmente os da Ásia, são muito sensíveis aos problemas de segurança”, explica Jorge Schoenenberger, sócio de viagens e turismo da Deloitte Espanha. “Se não estão resolvidos, esse motor de crescimento não pode ser aproveitado”. [...]

MORINI, Thiago F. América Latina foca no turismo para fortalecer sua economia. *El País*, 23 jun. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/22/economia/1529683118_375185.html>. Acesso em: 13 out. 2018.

I Orientações didáticas

A análise da integração no continente americano, com destaque para a América Latina e a do Sul, da atuação de organizações regionais e do papel dos Estados Unidos nesse processo contribui com o desenvolvimento das habilidades **EF08GE06**, **EF08GE07** e **EF08GE12**.

Antes de iniciar o estudo dos blocos econômicos regionais, retome rapidamente com os alunos a regionalização da OMC, vista no capítulo 6, e relembre os tipos de acordos econômico-comerciais existentes: zona de livre-comércio, união aduaneira, mercado comum e união econômica e monetária. Depois, questione os alunos: Quais desses quatro tipos de blocos econômicos existem na América do Sul? Chame a atenção dos alunos para a situação da Venezuela no Mercosul.

O Mercado Comum Centro-Americano (MCCA) está representado neste mapa de blocos da América Latina, mas só será analisado no capítulo 15, no qual vamos tratar da economia dos países da América Central.

Sede da Organização dos Estados Americanos (OEA), em Washington D.C., capital dos Estados Unidos, em 2017.

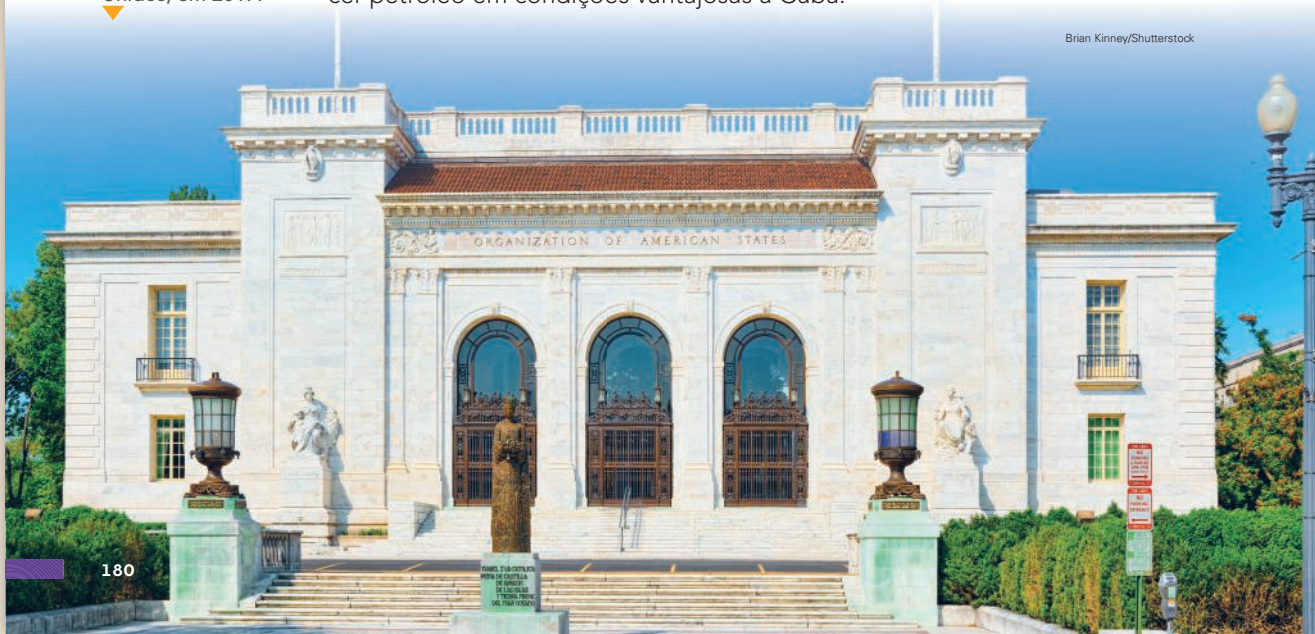
Blocos econômicos regionais

A busca de integração no continente Americano é antiga. Ela vem desde 1948, ano de criação da Organização dos Estados Americanos (OEA), com a assinatura da Carta da OEA, em Bogotá (Colômbia). A OEA constitui um organismo regional dentro do sistema da ONU, de caráter político. Em seu artigo primeiro, apregoa que o objetivo da organização é alcançar nos Estados-membros “uma ordem de paz e de justiça, para promover sua solidariedade, intensificar sua colaboração e defender sua soberania, sua integridade territorial e sua independência”.

No entanto, desde sua origem, a OEA, é controlada pelos Estados Unidos, que procurou organizá-la de acordo com seus interesses. Como exemplo, podemos citar a expulsão de Cuba, em 1962, a fim de isolar o regime de Fidel Castro (1926-2016), que em 1959 havia liderado a derrubada do governo do ditador Fulgencio Batista (1901-1973), aliado dos Estados Unidos, e implantado, em 1952, um regime de partido único (Partido Comunista de Cuba), estatizando a economia e se aproximando da União Soviética. Com o fim da União Soviética e da Guerra Fria, em 1991, cresceu a pressão de países do continente para o fim da suspensão de Cuba, o que acabou ocorrendo em 2009. No entanto, Raúl Castro, que assumiu o poder após a saída de seu irmão Fidel, não manifestou interesse por voltar à organização, pois, segundo ele, desde sua concepção, a OEA foi e continua sendo um instrumento de dominação imperialista dos Estados Unidos.

O fim da União Soviética e, portanto, da ajuda que concedia a Cuba, por exemplo, vendendo petróleo a preços abaixo do mercado internacional, agravou os problemas de desabastecimento do país. Com a chegada de Hugo Chávez (1954-2013) ao poder na Venezuela, em 1999, houve uma aproximação entre os regimes chavista e castrista e esse país sul-americano passou a fornecer petróleo em condições vantajosas a Cuba.

Brian Kinney/Shutterstock



180

Tentando romper o isolamento desses dois países, especialmente o cubano, em 2004 Chávez e Fidel criaram a Alba – Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América, com a participação de Venezuela, Colômbia e Peru. Mais tarde se uniram a ela a Bolívia, o Equador e a Nicarágua. Esses países tinham em comum governos interessados em criar uma alternativa à integração a um acordo comercial liderado pelos Estados Unidos. No entanto, acabou não vingando.

A Alba se enfraqueceu depois da morte de Hugo Chávez em 2013 e principalmente após a grave crise econômica que atingiu a Venezuela no governo de seu substituto, Nicolás Maduro.

No entanto, já há bastante tempo os países latino-americanos buscam criar outras organizações de integração regional, especialmente no campo comercial. Um exemplo foi a criação da Aladi – Associação Latino-Americana de Integração, em 1980, com sede em Montevidéu (Uruguai). Ela permitiu a assinatura de acordos entre apenas dois ou mais países-membros. Isso fez com que aumentasse o número de acordos assinados no âmbito da Aladi. Mas como essa organização é muito ampla, conta com 13 países latino-americanos, de difícil conciliação de interesses, acabou ofuscada pelo crescimento de blocos regionais menores e mais focados em redução de barreiras para o fluxo de mercadorias (observe-os no mapa).

Os blocos econômicos são agrupamentos de países que fazem acordos regionais para facilitar o trânsito de capitais, serviços e, sobretudo, de mercadorias entre eles – isto é, ampliar os mercados para as empresas. Como vimos no capítulo 6, há quatro tipos de blocos econômicos regionais: zona de livre comércio, união aduaneira, mercado comum e união econômica e monetária. O mapa ao lado mostra os acordos econômicos firmados entre os países da América Latina; estudaremos os blocos com participação de países sul-americanos.

Fonte: elaborado com base em WORLD TRADE ORGANIZATION. Membership of plurilateral regional trade agreements. Genebra, 2018. Disponível em: <www.wto.org/english/tratop_e/region_e/rta_plurilateral_map_e.htm>. Acesso em: 17 ago. 2018.

Os dois países que fazem parte de dois blocos regionais de comércio são a Colômbia e o Peru, que são membros da Comunidade Andina e da Aliança do Pacífico. O Brasil faz parte do Mercosul.

EXPLORANDO O MAPA

Quais são os dois países que pertencem a dois blocos regionais de comércio? O Brasil faz parte de qual bloco?



Orientações didáticas

Para saber mais sobre os principais blocos da América Latina, leia o texto a seguir.

Por que os países se juntam em blocos: um olhar sobre a América Latina

Mercosul, Unasul, Alba, OEA. Essas e mais tantas outras siglas fazem parte do vasto leque de blocos regionais na América Latina, muitos deles com a participação brasileira. Onde um começa e o outro termina, para que servem e por que novos são criados se vários já existem? Alguns especialistas na área se dedicam a analisar o tema. O argentino Andrés Malamud, por exemplo, destaca que vários desses blocos se sobrepõem e são descentralizados – ou seja, nenhum governo quer tomar a frente de sua condução para não arcar com custos políticos. Talvez por isso seja natural, também, a existência de um sentimento de que o regionalismo latino-americano não vai para frente, não se desenvolve e nem traz grandes benefícios para seus membros. [...] Um estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em conjunto com a Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e Caribe) concluiu que, de fato, “a integração das cadeias produtivas no subcontinente [América do Sul] ainda é muito incipiente”. Mas complementa dizendo que há “potencial de desenvolvimento”. O Mercosul é um dos exemplos mais próximos e discutidos no Brasil, mas existem diversas outras iniciativas de integração na região. O Nexo listou algumas delas e conversou com o professor e coordenador da graduação em relações internacionais da Universidade de Brasília, Roberto Goulart Menezes, para entender os objetivos da integração na região, quais fatores influem sobre esse processo e por que existe esse sentimento negativo com relação aos blocos.

[...]

IANDOLI, Rafael. Por que os países se juntam em blocos: um olhar sobre a América Latina. *Nexo Jornal*. 9 abr. 2017. Disponível em: <www.nexojournal.com.br/expresso/2017/04/09/Por-que-os-paises-se-juntam-em-blocos-um-olhar-sobre-a-América-Latina>. Acesso em: 13 out. 2018.

Orientações didáticas

As mudanças no cenário político ocorridas na América Latina com a eleição de governos mais à direita em países importantes, levando a uma reaproximação com os Estados Unidos e ao isolamento da Venezuela, que vive grave crise institucional e econômica, colocam em xeque a existência da Unasul, nascida para se contrapor à influência estadunidense na região. A saída recente da Colômbia enfraquece ainda mais o bloco. Leia o texto a seguir.

Colômbia formaliza carta de saída da Unasul

A Colômbia formalizou nesta segunda-feira (27) [agosto de 2018] sua saída da União das Nações Sul-Americanas (Unasul), que será efetivada em seis meses, por causa da atuação da entidade na crise venezuelana.

“Quero informar aos colombianos que, no dia de hoje, por instruções precisas, o senhor chanceler da República, Carlos Holmes Trujillo, enviou à Unasul a carta onde nós denunciamos o tratado constitutivo da entidade, e, em seis meses, se fará efetiva a saída da Colômbia dessa organização”, declarou o presidente Iván Duque.

O mandatário acrescentou que a Unasul ficou em “silêncio” e mostrou “complacência” para evitar denunciar a “ditadura da Venezuela”. “A Unasul é uma instituição criada para fraturar o sistema interamericano”, disse. Em abril passado, a Colômbia e mais cinco países – Brasil, Argentina, Paraguai, Peru e Chile – anunciaram a suspensão, por tempo indeterminado, de sua participação nas reuniões do bloco, criado em 2008, por iniciativa dos ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva, Hugo Chávez e Néstor Kirchner.

O objetivo era incentivar a integração na América do Sul, então dominada por governos de esquerda. A entidade também conta com Bolívia, Equador, Guiana, Suriname, Uruguai e Venezuela. A Unasul, no entanto, está paralisada desde 2017, porque Caracas vetou um candidato argentino para secretário-geral do bloco.

ANSA. Colômbia formaliza carta de saída da Unasul. *UOL Notícias*, 28 ago. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2018/08/28/colombia-formaliza-carta-de-saida-da-unasul.htm>>. Acesso em: 13 out. 2018

NA REDE

Comunidade Andina

Em espanhol e inglês, o site traz os aspectos históricos, econômicos e sociais da comunidade e de seus países-membros. Disponível em: <www.comunidadandina.org>. Acesso em: 17 ago. 2018.

NA REDE

Unasul

Neste site você encontra vários documentos e notícias sobre o bloco (em espanhol e inglês). Disponível em: <www.unasursg.org>. Acesso em: 17 ago. 2018.

NA REDE

Aliança do Pacífico

Dispõe de informações sobre a aliança – comércio e investimento, cooperação, turismo, etc. – e seus países-membros (em espanhol e inglês). Disponível em: <<https://alianzapacifico.net>>. Acesso em: 17 out. 2017.

Comunidade Andina (CAN)

Em 1969, com a assinatura do Acordo de Cartagena, foi criado o Pacto Andino, com sede em Lima (Peru). O objetivo do bloco era incentivar a integração política e econômica entre os países-membros: Bolívia, Chile, Colômbia, Peru e Equador, que formaram uma zona de livre-comércio. Em 1973, a Venezuela aderiu ao grupo. Em 1976, o Chile renunciou. Em 1997, os países integrantes iniciaram um processo para transformar-se em união aduaneira e mudaram o nome para Comunidade Andina. Em 2006, com o início das negociações para sua entrada no Mercosul, a Venezuela também se retirou do bloco.

Atualmente restam apenas quatro países, como mostra o mapa da página anterior. Com processo em curso de adesão da Bolívia ao Mercosul e com a entrada de Colômbia e Peru na Aliança do Pacífico, que veremos a seguir, a tendência é haver um esvaziamento da Comunidade Andina.

União das Nações Sul-Americanas (Unasul)

Os doze países independentes da América do Sul integram a Unasul (a Guiana Francesa não faz parte). Criado em 2008, esse grupo tem poderes para negociar com outros países e blocos econômicos e representa os países-membros na Organização Mundial do Comércio (OMC) e em outros órgãos multilaterais. Sua sede fica em Quito (Equador).

O objetivo da organização é estabelecer um espaço de integração política, cultural, social e econômica, criando um envolvimento dos países-membros em áreas como a infraestrutura de transportes, energia e comunicações, além do incentivo à cooperação nos setores de educação, saúde, defesa e outros. Segundo a própria Unasul: “Nosso desafio é eliminar a desigualdade socioeconômica, alcançar a inclusão social, aumentar a participação cidadã, fortalecer a democracia e reduzir as disparidades existentes”. Ou seja, vai muito além de um acordo comercial como os outros blocos.

Aliança do Pacífico

A Aliança do Pacífico é o mais recente bloco econômico criado na América Latina. Essa zona de livre-comércio é formada por três países andinos da América do Sul – Chile, Colômbia, Peru – mais o México, país da América do Norte. Observe no mapa da página anterior que este é o único bloco econômico realmente latino-americano, os outros são sul-americanos ou centro-americanos.

Criada em 2011, entre seus objetivos destacam-se: impulsionar o crescimento econômico e a competitividade das economias de seus integrantes, buscando a liberalização do comércio de bens e serviços; promover a livre circulação de pessoas entre os países-membros, transcendendo o âmbito comercial; promover uma articulação política e de projeção ao mundo, com ênfase na região da Ásia-Pacífico.

A integração tem sido bem sucedida: mais de 90% dos produtos comercializados entre eles já circulam com tarifa zero.

Mercado Comum do Sul (Mercosul)

O Mercosul é um acordo econômico assinado em 1991 por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Sua sede fica em Montevidéu (Uruguai). Em 2006, a Venezuela foi admitida como país-membro, mas em 2017 foi suspensa porque o governo de Nicolás Maduro desrespeitou o compromisso democrático estabelecido pelo Protocolo de Ushuaia (acordo assinado em 1998 nessa cidade argentina), que prevê em seu artigo 1º que “A plena vigência das instituições democráticas é condição essencial para o desenvolvimento dos processos de integração entre os Estados Partes”. Nessa condição, o país perdeu o direito de participar nos diferentes órgãos do bloco e tem seus direitos e obrigações também suspensos, como prevê o artigo 5º desse protocolo. Em 2018, a Bolívia estava em processo de adesão (veja o mapa na página 181).

O Mercosul criou facilidades para a circulação de mercadorias entre os países-membros, visando, primeiramente, à implantação de uma zona de livre-comércio. Em janeiro de 1995, passou a vigorar também uma tarifa externa comum, que ainda não é válida para todos os produtos, por isso o bloco é considerado uma união aduaneira imperfeita.

Essa proposta de integração econômica não é livre de conflitos de interesses. A Argentina, por exemplo, de forma recorrente estabelece cotas de importação de produtos brasileiros e eleva as tarifas aduaneiras de forma unilateral.

Desde a criação do Mercosul, o objetivo maior é tornar a economia dos países sul-americanos mais forte e competitiva e com maior poder de negociação com os Estados Unidos, a União Europeia (com quem negociava, em 2018, um acordo de livre-comércio), a China e outros parceiros comerciais.

O Mercosul, além dos Estados-membros, também chamados de Estados-partes, tem seis países que são considerados Estados associados – Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Suriname. Com esses países, o Mercosul tem acordos de livre-comércio e eles estão autorizados a participar das cúpulas do bloco (veja a foto).



Marcelo Camargo/Agência Brasil

Chefes de Estado dos países-membros do Mercosul e dos países associados na 51ª reunião da cúpula do bloco realizada em Brasília (DF) em 2017.

NA REDE

Mercosul

Este site é mantido pelo governo brasileiro, com várias informações sobre o Mercosul (histórico, dados econômicos, sociais, etc.). Disponível em: <www.mercosul.gov.br>. Acesso em: 17 ago. 2018. Site oficial do Mercosul (em espanhol e português). Disponível em: <www.mercosur.int>. Acesso em: 17 ago. 2018.

Orientações didáticas

Caso julgue conveniente, explore com os alunos os sites do Mercosul indicados no box **Na rede**, nos quais há muitas informações sobre o bloco regional que podem enriquecer a aula. Para aprofundamento do tema, com uma visão crítica do que é publicado na mídia, consulte o artigo indicado a seguir. Leia seu resumo.

Resumo

Nosso objetivo será analisar o avanço do processo de institucionalização do MERCOSUL, em um esforço de identificação de fragilidades e de lacunas a serem preenchidas. Para tanto, nós contrapomos os atuais acontecimentos da conjuntura doméstica dos Estados partes com as opiniões qualificadas a respeito da construção do “bloco”. Nossa análise aponta para setores burocráticos que necessitam de aperfeiçoamento e reforma. Nós também afirmamos aqui a defecção da Venezuela do bloco mais como uma consequência da mudança da conjuntura política do que um produto das inadequações desse país às normas do bloco, como sugere a mídia de massas.

PENNAFORTE, Charles; MARTINS, Marcos Antônio F. Mercosul, 25 anos depois: os problemas estruturais e o impacto da mudança de conjuntura. *L'Espace Politique*, n. 31, 2017-1. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/espacepolitique/4180>>. Acesso em: 13 out. 2018.

I Orientações didáticas

Ao analisar os investimentos brasileiros e chineses na América do Sul, contemple-se parcialmente a habilidade EF08GE09.

Comente com os alunos que o Brasil investe bastante nos países da América do Sul em virtude da proximidade geográfica e cultural e dos mecanismos de integração, como o Mercosul, que foram sendo criados ao longo do tempo. O fato de o maior número de empresas multinacionais brasileiras estar nos Estados Unidos se explica porque esse país é a maior economia e o maior mercado consumidor do mundo. A Argentina vem em segundo lugar como foco dos investimentos externos de empresas brasileiras porque é a segunda economia da América do Sul e o principal sócio do Mercosul.

O texto “Relações com a América Latina”, de André Mendes Pini, na página XXXIV, analisa as relações da China com os países latino-americanos.

Investimentos brasileiro e chinês

Como vimos neste capítulo, o Brasil é o país que produziu o maior PIB dentre os países da América do Sul, e por isso podemos considerá-lo a maior economia do subcontinente. Embora tenha apresentado a menor taxa de crescimento no período 2000-2017, a economia brasileira é bem maior que a de seus vizinhos, o que faz com que naturalmente tenha mais influência na região. Por exemplo, há muitas empresas multinacionais brasileiras atuando na América do Sul e mesmo na América do Norte, como é possível observar no mapa ao lado.

No entanto, nos últimos anos, assim como vem acontecendo na África, também na América do Sul tem havido um aumento dos investimentos chineses em diversas atividades.

A China tem investido em infraestrutura, mineração e agricultura para assegurar o fornecimento de alimentos, de matérias-primas minerais e agrícolas, além de vender seus produtos industrializados. Como a economia brasileira é bem maior e mais complexa do que as dos países vizinhos, aqui o capital produtivo chinês, além de investir em infraestrutura, mineração e agricultura, como ocorre em toda a América do Sul, também tem comprado indústrias nacionais e montado fábricas novas. No entanto, os chineses estão interessados apenas em abastecer o mercado interno

brasileiro, e não em usar o território nacional como plataforma de exportações de produtos industrializados. Eles preferem abastecer os vizinhos sul-americanos a partir da produção das fábricas instaladas em seu próprio território, concorrendo diretamente com produtos brasileiros no mercado regional. Em 2007, de todas as importações dos países da América do Sul, 14,8% provinham do Brasil e 10% da China. Em 2013, a participação brasileira no abastecimento dos países vizinhos caiu para 11,2%, enquanto a chinesa subiu para 17,4%. Em outras palavras, a indústria brasileira tem perdido mercado para a produção chinesa.

Maiores investimentos brasileiros na América: número de empresas – 2017



Fonte: elaborado com base em BARAKAT, Livia Lopes et al. *Ranking FDC das multinacionais brasileiras 2017*. 12. ed. Nova Lima: Fundação Dom Cabral, 2017. p. 64. Disponível em: <<http://acervo.ci.fdc.org.br/AcervoDigital/Relat%C3%B3rios%20de%20Pesquisa/Relat%C3%B3rios%20de%20Pesquisa%202017/Ranking%20FDC%20Multinacionais%202017.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2018.

Veículo produzido na China circulando nas ruas de Buenos Aires (Argentina), em 2018.



CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

1. a) O melhor mercado de trabalho na América Latina, inclusive para os jovens, é o Uruguai, porque oferece empregos com mais qualidade do que os outros países da região. O nível de produtividade dos trabalhadores do país é relativamente alto e há políticas que ajudam a formalizar a maioria da população, dando a ela acesso a benefícios de proteção social.

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

1. Leia o texto e observe o gráfico. Depois, responda às questões propostas.

Conheça os países da América Latina que oferecem os melhores empregos

No *ranking* dos países com o melhor mercado de trabalho, elaborado e recentemente divulgado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Brasil está atrás de outras cinco nações. A lista, liderada pelo Uruguai, leva em conta a quantidade e a qualidade dos empregos para determinar qual é o melhor país para trabalhar. Depois do Uruguai, e antes do Brasil, 6^o colocado, ainda vêm Chile, Panamá, Argentina e Costa Rica. O *ranking* tem 17 países. A Guatemala está em último lugar.

“A dimensão da quantidade captura quantas pessoas desejam trabalhar e quantos efetivamente trabalham. A qualidade mede quanto do emprego gerado no país é formal e quantos trabalhadores recebem salários que são suficientes para não viverem na pobreza”, explicou o BID. O estudo ouviu pessoas entre 15 e 64 anos de todos os 17 países.

O Uruguai ficou em primeiro lugar, com uma pontuação (71,91) muito superior à média para todos os países da América Latina, que alcançou apenas 57,17, numa escala de 0 a 100, em que quanto mais próximo de 100, melhor. O Brasil alcançou 61,15 pontos.

– O que distingue o Uruguai é que ele alcança notas de qualidade de emprego que são muito maiores do resto dos países da região – disse à rede inglesa de comunicação BBC Mundo a chefe da Divisão de Mercado de Trabalho do BID, Carmen Pagés.

Para a especialista, o diferencial do Uruguai é ter um nível de produtividade de trabalho relativamente alto e políticas efetivas que ajudam a formalizar a maioria da população, dando a ela acesso a benefícios de proteção social. Ela ressalta, ainda, que esse diferencial nada tem a ver com o seu tamanho – tem apenas 3 milhões de habitantes, algo como a população de Salvador, capital baiana.

– Temos países pequenos na região que estão nas últimas posições do *ranking*. Na América Central há países do tamanho do Uruguai e isso não os ajuda a ter um mercado de trabalho melhor. [...]

De acordo com o BID, o Uruguai também é o melhor país para os jovens, enquanto Honduras tem as piores condições de trabalho para esse grupo. Para a chefe de Mercado de Trabalho da organização internacional, isso ocorre porque o que os jovens aprendem na escola deixa de servir muito rápido e há uma falha na capacitação desses jovens posteriormente.

– Ao final, mais habilidades significam mais produtividade e melhor trabalho – diz Carmen. [...]

1. b) O Brasil está na 6^a posição entre os 14 países latino-americanos estudados.

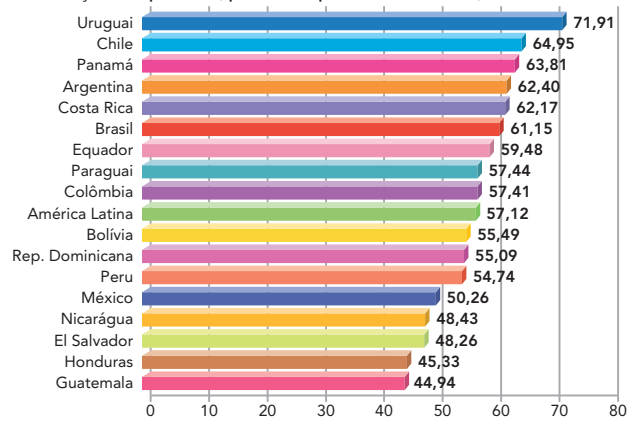
- Qual é o melhor mercado de trabalho na América Latina? Por quê?
- Qual é a situação do Brasil?
- Tendo em vista o texto e as mudanças tecnológicas no mundo do trabalho, o que é importante para se inserir com qualidade no mercado?

Espera-se que os alunos concluam que é importante uma melhor formação escolar, com o desenvolvimento de habilidades que depois possam contribuir para a entrada no mercado de trabalho e o aumento da produtividade do trabalhador, permitindo acesso a empregos formalizados e mais bem remunerados.

Fonte: elaborado com base em O GLOBO. Conheça os países da América Latina que oferecem os melhores empregos. Rio de Janeiro, 14 nov. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/conheca-os-paises-da-america-latina-que-oferecem-os-melhores-empregos-22067626>>. Acesso em: 6 set. 2018.

Melhores mercados de trabalho da América Latina

Classificação feita pelo BID (quanto mais perto de 100, melhor).



Erison Guilherme Luciano/Arquivo da Editora

Consolidando conhecimentos

1. Esta atividade, ao proporcionar a análise do mercado de trabalho na América Latina, mobiliza a habilidade EF08GE13.

Saiba mais sobre a relação entre revolução tecnológica e mudanças no mercado de trabalho lendo o texto a seguir.

A tecnologia e o futuro do emprego

“Que o mundo está passando por uma gigantesca revolução tecnológica ninguém duvida. Robô *sapiens*, Internet das Coisas, inteligência artificial, comunicação na palma da mão, redução de intermediação humana em várias atividades (bancária, compras, atendimento, fluxo de documentos etc.) são alguns exemplos do arsenal de mudanças em andamento. [...]

“O mundo da burocracia está diminuindo (menos no Brasil). Coisas como ir a um cartório para fazer ou retirar um documento, ir ao laboratório para buscar resultados, gastar tempo para fazer coisas simples que tomam tempo e custam dinheiro são exemplos de atividades que vão sumir. Além dessas, há atividades altamente sofisticadas que estão sendo paulatinamente assumidas pelas tecnologias e vão eliminar milhares de tarefas e de trabalho humano. A ansiedade é saber para onde irão os empregos eliminados em face das novas aplicações tecnológicas.”

Já foi publicado que, nos Estados Unidos, 47% dos empregos estão ameaçados de extinção por substituição tecnológica. As pessoas estão assustadas e gritando: “Os robôs irão roubar nossos empregos!” No curto prazo, a explosão de novas tecnologias irá, sim, gerar um deslocamento nos empregos. Mas, no longo prazo, deve acontecer uma mudança nos padrões e formas de trabalho, e milhões de empregos de outro tipo serão criados. A revolução tecnológica irá aumentar a produtividade por hora de trabalho e diminuirá custos.

[...]

MARTINS, José Pio. A tecnologia e o futuro do emprego. *Gazeta do Povo*, 29 mar. 2018. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/a-tecnologia-e-o-futuro-do-emprego-7y9sueixnghxc2en50rkoivi/>. Acesso em: 13 out. 2018.

A análise dos problemas enfrentados pela população venezuelana e sua emigração em busca de melhores condições de vida contribui com o desenvolvimento da habilidade EF08GE04.

A resolução desta atividade também mobiliza as competências CG9 e CCH1. Possibilita ainda que se aborde o tema contemporâneo sobre educação em direitos humanos, que é fundamental para que se tenha um olhar solidário para com os problemas de nosso vizinho.

Garanta que todos os alunos tenham compreendido os dois textos. Para isso, retome o significado de algumas siglas mencionadas nesta seção e já trabalhadas neste volume: FMI, PIB, ONU, Acnur. Retome os conceitos de migrante e refugiado, discutidos no capítulo 4, que serão explorados no caso venezuelano.

Peça aos alunos que leiam o boxe **O que é?** para compreenderem o conceito de inflação e hiperinflação. Explore com eles os números da tabela que estabelece comparações da inflação venezuelana com a de outros países ou com o preço de alguns produtos para que eles tenham uma noção mais clara do significado de hiperinflação e dos estragos que esse fenômeno pode causar na economia e na vida das pessoas.

O QUE É?

A inflação é o aumento médio dos preços de um conjunto de bens e serviços ao longo de um período de tempo: uma semana, um mês, um ano. A hiperinflação é uma inflação fora do controle, muito acima dos níveis adequados para o funcionamento normal da economia.

A crise na Venezuela e o impacto em seus vizinhos

A crise na Venezuela é muito grave, pois combina uma profunda recessão econômica com hiperinflação, o que provocou a completa desorganização de sua economia. Isso tem levado milhares de pessoas a emigrarem sobretudo para países vizinhos, como a Colômbia, o Equador e o Brasil, em busca de oportunidades econômicas e melhores condições de vida. Leia os textos e o gráfico a seguir e reflita sobre a grave situação de nosso vizinho.

Inflação na Venezuela vai a 1 000 000% neste ano, prevê FMI

A nova estimativa do FMI (Fundo Monetário Internacional) aponta que a inflação na venezuelana pode chegar a 1 000 000% (um milhão por cento) no fim deste ano.

A hiperinflação brasileira em seu pior momento, em 1993, terminou o ano a 2477%.

Segundo o organismo, o país sofre com a queda na produção de petróleo e o governo vem imprimindo dinheiro (e, portanto, gerando inflação) para cobrir o rombo nas contas públicas.

Mesmo com a melhora do preço internacional do petróleo (a cotação do barril subiu mais de 50% nos últimos 12 meses), a produção venezuelana sofre com a falta de investimento e ruma para ser a menor em três décadas.

A previsão anterior do FMI, de abril, apontava que os preços na Venezuela [...]

Entenda o que é uma inflação de 1 000 000% ao ano:

PERÍODO	INFLAÇÃO ACUMULADA	QUE EQUIVALE A
1 dia	2,59%	Inflação anual do Chile
2 dias e 2 horas	6%	Teto da meta para inflação anual brasileira neste ano
13 dias e 13 horas	42%	Inflação anual do Sudão, a terceira maior do planeta
27 dias	100%	Inflação anual do Sudão do Sul, a segunda maior do planeta
90 dias	900%	Multiplicar por dez o preço de um produto
127 dias	2477%	Maior inflação anual já registrada pelo Brasil, em 1993
180 dias	9901%	Multiplicar por cem o preço de um produto
270 dias	99917%	Multiplicar por mil o preço de um produto
1 ano	1 000 123%	Multiplicar por 10 mil o preço de um produto

O Fundo prevê ainda que a economia venezuelana vai encolher 18% neste ano, três pontos percentuais mais do que na estimativa de abril.

O último ano de crescimento do PIB do país foi em 2013 (1,3%), e o FMI prevê que a retomada não vai vir antes de 2023. [...]

FOLHA DE S.PAULO. Inflação na Venezuela vai a 1.000.000% neste ano, prevê FMI. 23 jul. 2018. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/07/inflacao-na-venezuela-vai-a-1000000-neste-ano-preve-fmi.shtml>. Acesso em: 17 ago. 2018.



Número de venezuelanos em busca de asilo aumenta 2000% desde 2014, diz Acnur

A agência das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) lançou esta terça-feira (13) novas orientações para os governos que estão recebendo pessoas da Venezuela. Desde 2014, o número de venezuelanos à procura de asilo aumentou 2000%. [...]

A porta-voz do Acnur, Katerina Kitidi, disse em Genebra que, apesar de estas pessoas não serem refugiadas, também precisam de proteção internacional. O maior número de candidatas de asilo encontra-se nas Américas.

A agência da ONU pede aos Estados que “adotem medidas pragmáticas de proteção do povo venezuelano, como alternativas legais de permanência, incluindo vistos e autorizações temporárias”. Estes programas devem garantir acesso aos direitos básicos de cuidados de saúde, educação, unidade familiar, liberdade de movimento, abrigo e trabalho.

A Acnur “elogia todos os países que já introduziram estas medidas” e explica que “é crucial que estas pessoas não sejam deportadas ou forçadas a regressar”.

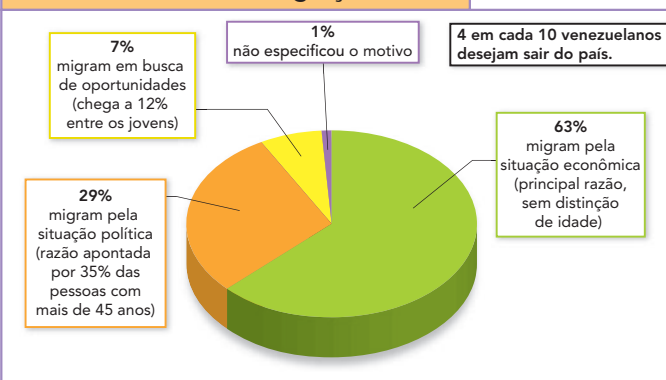
Crise humanitária

Em outra abordagem da crise venezuelana, o diretor executivo do Programa Mundial de Alimento (PMA), David Beasley, falou que a situação no país “é um desastre humanitário”. Segundo ele, apenas numa localidade 50 mil pessoas deixam o país de forma legal todos os dias. No total, um milhão de venezuelanos já abandonou o país. [...]

ONU News. Número de venezuelanos em busca de asilo aumenta 2.000% desde 2014, diz Acnur. *Agência Brasil*, 13 mar. 2018. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-03/numero-de-venezuelanos-em-busca-de-asilo-aumenta-2000-desde-2014-diz>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

Fonte: elaborado com base em CONSULTORES 21: ACNUR. In: O Globo. Mundo, 25 fev. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/raio-da-emigracao-entenda-exodo-de-venezuelanos-para-paises-vizinhos-22430364>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

Venezuela: razões da migração – 2017



Ericson Guilherme Luciano/Arquivo da editoria

Compreendendo texto, tabela e gráfico

1. O que significa uma inflação de 1000000 % ao ano? Qual a consequência dessa hiperinflação na vida dos venezuelanos?
2. Qual a relação entre a crise econômica na Venezuela e a migração de venezuelanos para países vizinhos da América do Sul?
3. Por que os venezuelanos não são considerados refugiados pelo Acnur?
4. O que o Brasil, como Estado, e a população brasileira, como sociedade, podem fazer para ajudar os migrantes venezuelanos?

4. O Brasil, como Estado, pode acolher os imigrantes, dando-lhes apoio, abrigo oferecendo emprego. A população brasileira, como sociedade, pode ajudar oferecendo solidariedade, por exemplo.

CAPÍTULO 12 • América do Sul: economia | 187

1. Significa uma grande perda de valor do dinheiro. A consequência é a perda da capacidade de compra dos venezuelanos, pois o preço de um produto passou a custar 1 000 000 de vezes mais de um ano para o outro, por exemplo.

2. A gravidade da crise provocou um enorme aumento do desemprego e do empobrecimento da população, fazendo com que milhares de venezuelanos emigrem, principalmente para países vizinhos, como a Colômbia, o Equador e o Brasil.

3. Porque os venezuelanos estão fugindo de uma situação de crise econômica, e não de algum tipo de perseguição (política, étnica ou religiosa) ou de uma guerra. Portanto, embora precisem de proteção, apoio e acolhimento, são considerados migrantes econômicos.

Lendo textos, tabela e gráfico

1. Pode-se dar o seguinte exemplo aos alunos: se no início do ano um quilo de arroz custasse 10 bolívares (moeda venezuelana), no final do ano ele estaria custando 100 mil bolívares. Imagine se essa hiperinflação ocorresse no Brasil: se no início do ano o quilo de arroz custasse 10 reais, no final do ano ele custaria 100 mil reais (o que, em 2018, era dinheiro suficiente para comprar um carro de luxo). É importante que os alunos percebam que em situação de hiperinflação como essa, 10 bolívares (ou qualquer outra moeda), depois de um ano, teria o mesmo valor de 100 mil bolívares em termos de poder de compra, ou seja, não daria para comprar um carro caro, mas, sim, o mesmo quilo de arroz. Isso mostra a enorme desvalorização do dinheiro.

2. Há várias notícias em diversos jornais e revistas disponíveis na internet sobre a migração de venezuelanos para o Brasil, entrando principalmente por Roraima.

3. Se achar necessário, retome com os alunos o conceito de refugiado.

4. Comente com os alunos que, se os migrantes venezuelanos fossem considerados refugiados em vez de imigrantes, o Estado brasileiro teria mais obrigações para com eles. À luz dos problemas apontados nesta atividade, é importante que os alunos tentem se colocar na posição dos venezuelanos que estão saindo de seu país para que, assim, possam compreender o drama vivido por eles e encerrar a situação dos imigrantes com empatia.

Sugestão de aprofundamento

Para enriquecer as discussões sobre a crise dos imigrantes venezuelanos, acesse matérias no *site O Povo*.

Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2018/08/entenda-a-crise-dos-imigrantes-venezuelanos-na-fronteira-com-roraima.html>>. Acesso em: 25 out. 2018.

Objetivos da Unidade

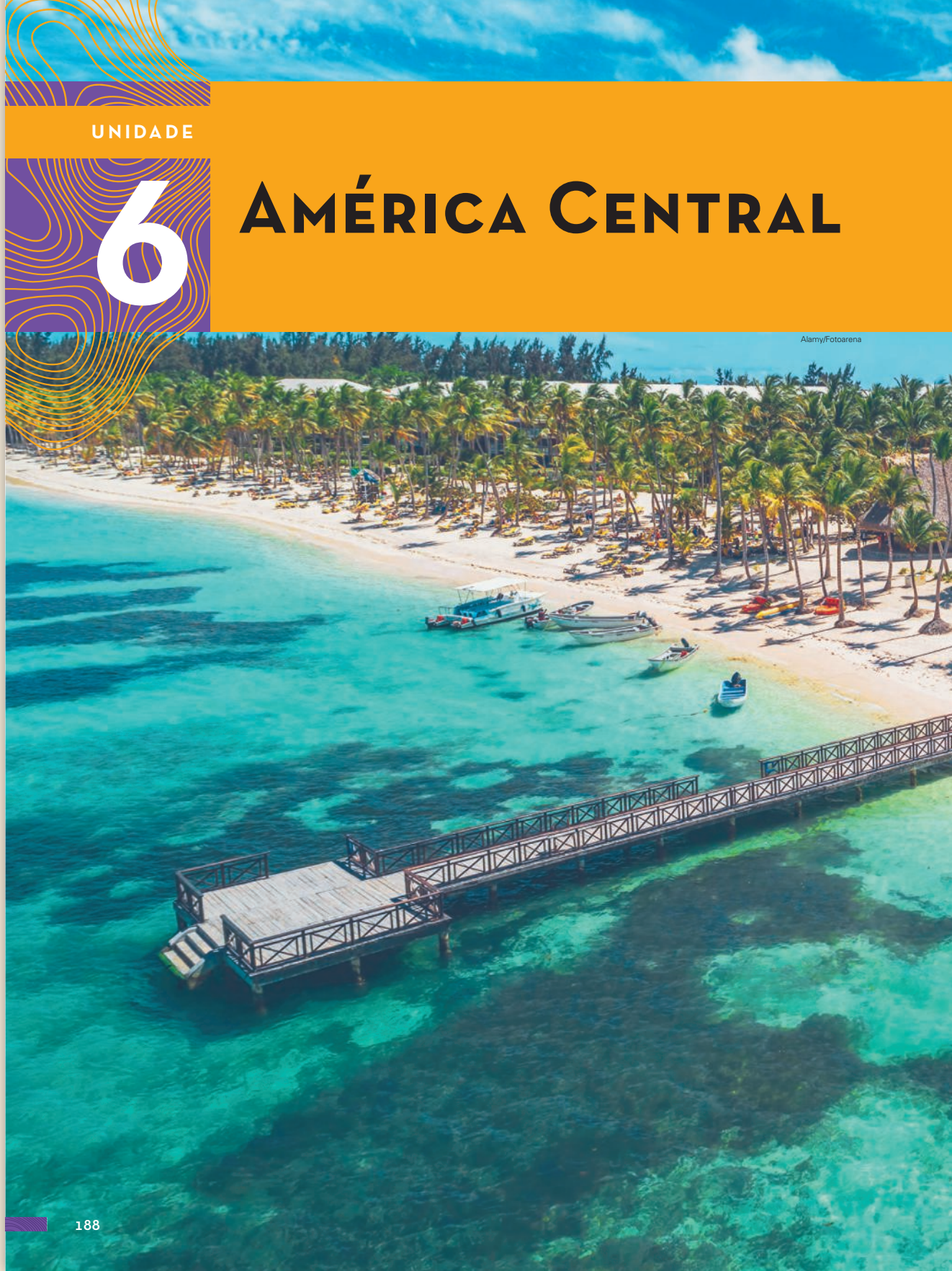
Ao final desta Unidade, espera-se que os alunos sejam capazes de:

- conhecer características dos países que compõem a América Central e identificar paisagens da região;
- relacionar os terremotos que ocorrem na América Central ao encontro de placas tectônicas e os furacões à temperatura das águas oceânicas da região;
- entender como funciona o canal do Panamá e perceber que ele tem grande importância política e econômica;
- identificar as razões de o povoamento da América Central se concentrar na faixa oeste da porção continental;
- compreender como se deu a colonização do subcontinente e relacionar esse fato histórico à composição étnica atual;
- analisar a desigualdade social encontrada em todo o subcontinente, fato que estimula a emigração;
- analisar com mais profundidade as condições sociais atuais do Haiti e de Cuba;
- conhecer um panorama da produção de riquezas nos países do subcontinente e entender como o PIB se distribui pelos setores da economia;
- reconhecer que em muitas economias da América Central as atividades agrícolas têm grande importância;
- identificar o turismo como uma das mais importantes atividades econômicas da região;
- saber o que são os “paraísos fiscais” e se familiarizar com termos como “lavagem de dinheiro”, sonegação de impostos, corrupção, etc.

Competências da BNCC mobilizadas na Unidade

Competência Geral (CG)

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.



188

UNIDADE

6

AMÉRICA CENTRAL

Alamy/Fotoarena

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Competência de Ciências Humanas (CCH)

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.

3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.

Competências Específicas de Geografia (CEGeo)

1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.

■ Orientações didáticas

A partir da leitura da fotografia, levante os conhecimentos prévios dos alunos sobre a América Central. Para isso, faça perguntas a eles, tais como: De que modo a região costuma ser dividida? Qual é o clima predominante nela? Qual é a relação do clima com as atividades econômicas desenvolvidas na América Central? Aproveite também para sondar a visão que eles têm desse subcontinente. Pergunte a eles o que vem à mente quando pensam em América Central. É provável que se lembrem dos furacões que ocorrem com frequência na região e causam grande destruição da infraestrutura e mortes. Ou dos terremotos, como o do Haiti, que também trazem consequências graves.

Ao observarem a foto, devem perceber introdutoriamente que o turismo de sol e praia é uma das principais atividades econômicas na América Central, sobretudo na porção insular, no mar do Caribe.

A colonização europeia iniciou-se pela América Central, no século XVI, e foi caracterizada pela exploração de produtos agrícolas e minerais, e emprego de mão de obra escrava indígena e africana. Esse processo de colonização, como veremos, deixou marcas que perduram até hoje.

Além disso, veremos que a América Central se destaca por suas condições naturais, que propiciam o desenvolvimento de algumas atividades econômicas. Observando a fotografia, é possível inferir uma dessas atividades? Qual?

No decorrer da unidade, também vamos estudar aspectos da população local e as principais atividades econômicas dos países que compõem esse subcontinente.



Resort na praia de Punta Cana (República Dominicana), um dos destinos turísticos mais visitados do Caribe, em 2017.

189

4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE20 Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.

EF08GE23 Identificar paisagens da América Latina e associá-las, por meio da cartografia, aos diferentes povos da região, com base em aspectos da geomorfologia, da biogeografia e da climatologia.

Orientações didáticas

Após a leitura do texto e do mapa, explique aos alunos que Porto Rico atualmente é um protetorado estadunidense. Comente com os alunos que em 2017 foi realizado um plebiscito para decidir sobre seu destino político. No entanto, o resultado teve baixa legitimidade: apenas 22% dos 2,2 milhões de cidadãos aptos a votar exerceram seu direito. Além disso, esse plebiscito não teve nenhum efeito imediato porque qualquer modificação na relação entre Estados Unidos e Porto Rico precisa passar pelo Congresso estadunidense, que não tem demonstrado interesse em mudar o *status* político da ilha caribenha. Aproveite para verificar se todos compreenderam que Porto Rico é considerado Estado Livre Associado aos Estados Unidos e oriente-os a ler o texto do box **O que é?**.

Em relação à pergunta do box **Explorando o mapa**, entre outras respostas, os alunos podem citar as Ilhas Cayman e as Ilhas Turks e Caicos, que pertencem ao Reino Unido; Guadalupe e Martinica, pertencentes à França; as Antilhas Holandesas, possessão dos Países Baixos; as Ilhas Virgens – cuja propriedade se divide, meio a meio, entre Estados Unidos e Reino Unido.

CAPÍTULO 13

Vamos tratar de:

- Relevo, hidrografia, clima e vegetação da América Central

protetorado: apresenta características de Estado independente, mas está subordinado a uma potência que decide sua política externa, garante sua proteção militar e pode controlar seu governo, seu judiciário e suas finanças.

O QUE É?

Estado Livre Associado é um *status* político que está a meio caminho entre a soberania plena, típica de um Estado nacional, e a subordinação a outro país.

Aspectos físicos, socioambientais e econômicos

A América Central é formada por uma parte continental e uma parte insular, composta de um grupo de ilhas localizadas no mar do Caribe e no oceano Atlântico. Observe no mapa político da América Central os vinte países independentes que a compõem. Destes, sete são continentais e treze são insulares. Há ainda treze territórios no mar do Caribe que pertencem a outros países, como Reino Unido, França, Países Baixos e Estados Unidos. Porto Rico, por exemplo, é um **protetorado** estadunidense com o *status* de **Estado Livre Associado**.

América Central: político



Fonte: elaborado com base em IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 39.

EXPLORANDO O MAPA

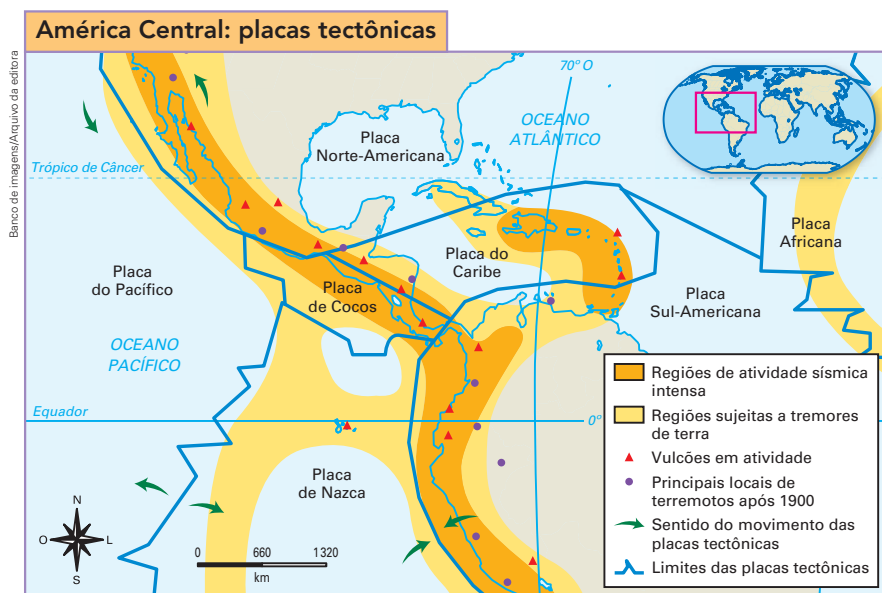
Localize territórios não independentes que pertencem ao Reino Unido, à França, aos Países Baixos e aos Estados Unidos.

A localização do subcontinente e o predomínio do clima tropical tiveram papel importante na especialização econômica dos países da América Central. Desde o início da colonização europeia, a economia de grande parte da região baseia-se no cultivo de produtos tropicais (como veremos no capítulo 15).

Outra atividade econômica importante para a região é o turismo. O clima tropical e a enorme variedade de praias estimularam o desenvolvimento do turismo de sol e praia, sobretudo na região do Caribe. As paisagens naturais de florestas tropicais, montanhas e vulcões também impulsionaram o turismo ecológico e de aventura. Há ainda as ruínas de civilizações pré-colombianas que atraem turistas de diversos países.

Relevo e hidrografia

A América Central localiza-se em uma região de encontro de diversas placas tectônicas e isso explica a origem das cordilheiras que existem ali, principalmente no encontro da placa de Cocos com a placa do Caribe. Além das cadeias montanhosas, a movimentação tectônica no subcontinente dá origem a vulcões ativos e inativos e à ocorrência de terremotos, como mostra o mapa de placas tectônicas.



Vista do vulcão Arenal, no distrito de La Fortuna, província de Alajuela, na Costa Rica, em 2018. Ele tem aproximadamente 1670 metros de altitude e sua última erupção ocorreu em 2010, por isso é considerado um vulcão ativo.



Orientações didáticas

Se julgar adequado, amplie a abordagem sobre as ruínas de civilizações pré-colombianas que atraem turistas de diversos países. Para isso, entre outras possibilidades, fale sobre as ruínas de Copán, que são construções feitas de pedra localizadas em meio à floresta tropical no território de Honduras, a cerca de 400 km da capital, Tegucigalpa. Essas ruínas, remanescentes de construções erguidas pela civilização maia, compõem um importante sítio arqueológico considerado patrimônio da humanidade pela Unesco.

Durante a conversa, pergunte aos alunos qual é a importância histórica e econômica desse lugar. Verifique se eles reconhecem que, além de ser relevante objeto de estudo da história da civilização maia, atualmente as ruínas de Copán são uma importante atração turística (que recebe mais de 60 mil visitantes por ano), sendo responsável pela geração de muitos empregos e pela entrada de divisas no país. Ressalte que é indispensável, entretanto, que esse turismo seja desenvolvido de forma equilibrada e sustentável para que o rico patrimônio histórico-cultural deixado pelos maias seja preservado.

Desse modo, os alunos terão a oportunidade de reconhecer a importância das ruínas deixadas pelos maias nas florestas tropicais da América Central, o que mobiliza a habilidade **EF08GE23**.

Para aprofundar esse tema, leia os trechos que selecionamos do artigo "A civilização maia: contextualização historiográfica e arqueológica", reproduzidos na página XXXV.

Orientações didáticas

Chame a atenção dos alunos para as características do relevo da América Central, dando ênfase às grandes cordilheiras localizadas na porção oeste. Aproveite para retomar a definição de istmo: uma estreita faixa de terras que liga duas grandes extensões maiores.

Ao responderem à pergunta do boxe **Explorando o mapa**, espera-se que os alunos concluam que as maiores altitudes do relevo aparecem no contato das placas de Cocos e do Caribe, onde, além das altas montanhas, com destaque para o monte Tajumulco, que é um vulcão, surge a principal zona de instabilidade tectônica da região, sujeita a terremotos e vulcões.

Em 2018 o vulcão de Fogo entrou em erupção na Guatemala e matou dezenas de pessoas. No contato da placa do Caribe com a placa Norte-Americana também há uma zona de instabilidade com a ocorrência de terremotos, como o que atingiu o Haiti em 2010, com 7 graus na escala Richter. No contato da placa do Caribe com a placa Sul-Americana há a ocorrência de ilhas vulcânicas, como Martinica e Guadalupe.

Se julgar adequado, compartilhe com os alunos a notícia reproduzida a seguir, que fala sobre a entrada em atividade do vulcão San Cristóbal em 2016, e peça a eles que observem novamente a imagem do vulcão Arenal, na página 191.

Vulcão San Cristóbal na Nicarágua lança cinzas, gases e pedras

O vulcão San Cristóbal, o pico mais alto da Nicarágua, registrou nesta sexta-feira dez explosões de gases, cinzas e fragmentos de rochas, cobrindo várias comunidades com uma nuvem espessa, informou uma fonte oficial.

[...]

As nuvens de gases e cinzas alcançaram pelo menos onze comunidades próximas ao vulcão, que se eleva a 1745 metros de altura e está localizado 112 km ao noroeste da capital, no departamento de Chinandega.

Entre as aldeias afetadas estão Las Brisas, San José de las Nubes, Santa Narcisca, Pellizco Central, Pellizco Occi-

dental, Los Ebanos, Los Lirios, Santa Cruz, Las Grietas, El Liberal e San Lucas [...].

O governo acionou de maneira preventiva os corpos de socorro da zona e enviou brigadas de saúde às comunidades próximas ao vulcão para atender à população.

A última explosão do San Cristóbal foi em meados do ano passado.

Este é o quinto vulcão nicaraguense que experimenta um aumento de atividade de maneira regular nos últimos cinco meses.

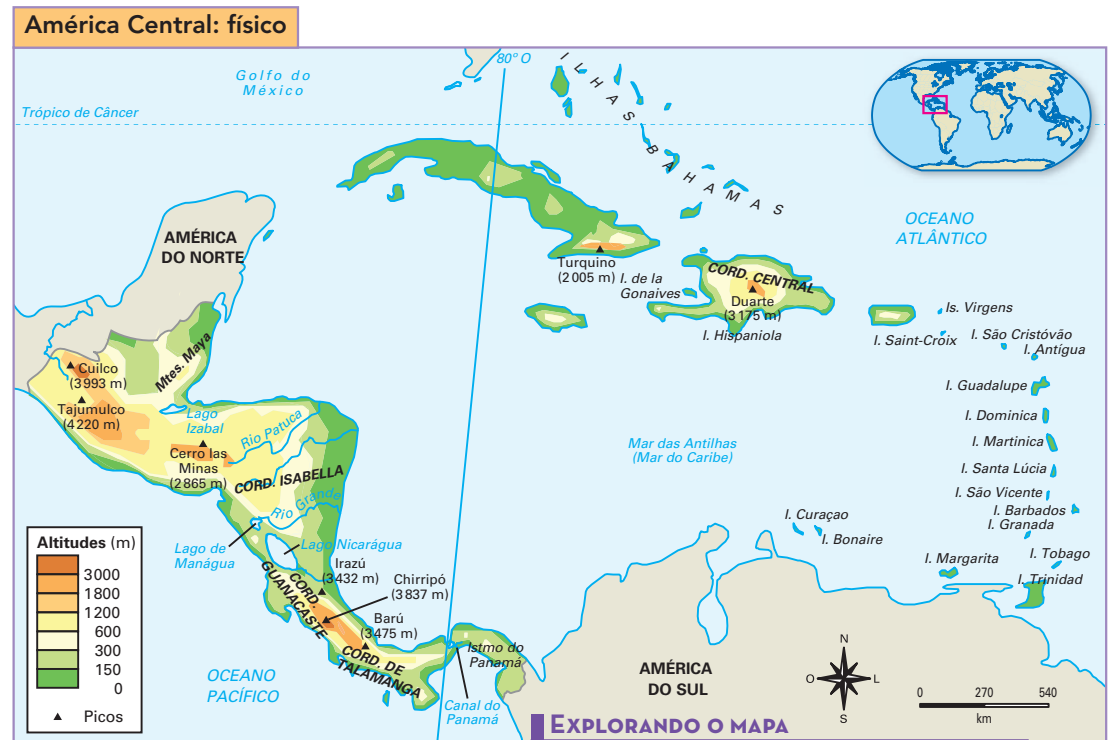
Os vulcões nicaraguenses estão alinhados em paralelo à costa do

Pacífico sobre falhas e fraturas geológicas que se formaram há mais de um milhão de anos como consequência de um sistema eruptivo no oceano.

O fenômeno é conhecido como Cinturão de Fogo do Pacífico e atinge 24 países, entre eles a Nicarágua.

AFP. Vulcão San Cristóbal na Nicarágua lança cinzas, gases e pedras. EM.com.br, 22 abr. 2016. Disponível em: <www.em.com.br/app/noticia/internacional/2016/04/22/interna_internacional,755708/vulcao-san-cristobal-na-nicaragua-lanca-cinzas-gases-e-pedras.shtml>. Acesso em: 13 out. 2018.

A oeste da porção continental, o relevo é mais movimentado e íngreme. Note, no mapa físico abaixo, como as cores variam de verde a marrom em uma distância muito curta nessa porção do subcontinente. Já a leste, estendem-se as terras mais baixas das planícies litorâneas, onde é possível perceber faixas mais largas na coloração de verde a amarelo no mapa. Na parte insular, há várias ilhas de origem vulcânica.



Fonte: elaborado com base em IBGE. Atlas geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 38.

EXPLORANDO O MAPA

Correlacione os mapas de relevo e das placas tectônicas. A que conclusões você chega?

Os maiores rios da América Central, como o rio Grande (Nicarágua) ou o rio Patuca (Honduras), nascem nas montanhas, atravessam as planícies e deságuam no mar do Caribe. Já os rios que correm das montanhas em direção ao oceano Pacífico são menos extensos, porque, como você já viu, a planície costeira a oeste é estreita. Destaca-se na América Central a presença de lagos, como o lago Nicarágua e o lago de Manágua (Nicarágua) e o Izabal (Guatemala).

No Panamá, na parte mais estreita do istmo, foi construído um canal ligando o oceano Atlântico e o mar do Caribe ao oceano Pacífico (canal do Panamá). Desse modo, o percurso nas rotas de navegação oceânica foi bastante reduzido. A elevada pluviosidade da região e a enorme disponibilidade de água doce garantem o bom funcionamento do canal, como veremos mais detalhadamente na página seguinte.

O canal do Panamá

Observe, no mapa ao lado, a localização e a extensão do canal do Panamá, construído pelos Estados Unidos. O canal levou onze anos até ser concluído, de 1903 a 1914, o que indica a complexidade da obra, que envolveu a construção de uma barragem na desembocadura do caudaloso rio Chagres e originou uma represa de 26 metros acima do nível do mar. Apenas em 2000 a administração do canal foi transferida pelos Estados Unidos ao Panamá.

Em 2016, foram concluídas as obras de ampliação do canal, com um novo conjunto de eclusas mais largas e mais profundas, ao lado do antigo (como mostra a foto a seguir), com o objetivo de comportar navios maiores.

A obra, feita por um consórcio liderado por uma construtora espanhola, custou 5,3 bilhões de dólares e demorou nove anos para ser concluída. O antigo canal comportava a passagem de navios com capacidade de transportar, no máximo, 6 mil contêineres; já o novo canal pode receber navios que transportam até 14 mil contêineres. Com isso, além de o Panamá triplicar as receitas com pedágio pela passagem dos gigantes navios de hoje em dia, que não conseguiam passar no antigo canal, também foi possível reduzir o preço do frete nas viagens entre os oceanos Atlântico e Pacífico, beneficiando principalmente o comércio entre a Ásia e os Estados Unidos (costa leste). O antigo canal do Panamá era responsável pelo trânsito de aproximadamente 5% do comércio mundial; com o novo canal, essa participação deve subir para cerca de 8% das trocas internacionais.



Banco de imagens/Arquivo da editora

Fonte: elaborado com base em AUTORIDAD DEL CANAL DE PANAMÁ. Visit canal de Panamá. Disponível em: <<http://visitcanaldepanama.com>>. Acesso em: 12 set. 2018.

Orientações didáticas

Ao compreender que o canal do Panamá é estratégico e que seu funcionamento se baseia em um recurso natural, a água, os alunos estarão desenvolvendo a habilidade **EF08GE20** e mobilizando as competências **CCH3**, **CEGeo1** e **CEGeo4**.

O artigo “Qual é a origem da água do canal do Panamá? Não é a que você pensa”, publicado pelo jornal *El país*, explica a importância da água do lago Gatun para o canal do Panamá – sem essa água as eclusas não funcionariam, impossibilitando a transposição dos navios que circulam pelo canal. O texto vem acompanhado de um vídeo bastante elucidativo sobre a monumental obra de engenharia e está disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/07/internacional/1452186470_568732.html> [acesso em: 13 out. 2018].

Destaque que o canal do Panamá é muito importante porque permite rápida ligação entre os oceanos Atlântico e Pacífico. Verifique se todos compreenderam que a principal rota de navegação que passa por ele liga portos da Ásia a portos da costa leste dos Estados Unidos. Mais da metade do fluxo de navios que passam pelo canal percorre essa rota.

Ao contemplar a habilidade **EF08GE20**, seria interessante discutir a história da construção do canal do Panamá no contexto do imperialismo estadunidense. O território que hoje constitui o Panamá pertencia à Colômbia. Em 1881 houve a primeira tentativa de construção do canal, empreendida pelos franceses.

Após a desistência dos franceses, vencidos por problemas técnicos e pelas doenças (malária e febre amarela) que mataram milhares de trabalhadores, os colombianos não aceitaram a cessão dos direitos de construção do canal aos estadunidenses. Assim, o governo dos Estados Unidos estimulou a independência desse território, dando origem ao Panamá em 1903. O canal foi inaugurado em 1914 e só passou ao controle do governo do Panamá em 2000.

Fase de conclusão das obras de ampliação do canal do Panamá, à esquerda da eclusa de Miraflores, na Cidade do Panamá (Panamá). Foto de 2016.

VAMOS PESQUISAR: CANAL DO PANAMÁ

- O uso do canal do Panamá proporciona vantagens socioeconômicas e ambientais? Quais?

Pesquise em *sites*, livros, revistas e jornais. Depois, escreva um texto no caderno respondendo à pergunta acima.

Joe Raedle/Getty Images



193

Vamos pesquisar

Espera-se que os alunos concluam que o canal do Panamá proporciona redução na emissão de gases poluentes produzidos pela indústria naval. Além disso, ao passar pelo canal, os custos e a duração das viagens são menores, o que representa vantagens socioeconômicas.

Sugestão de aprofundamento

Para conhecer mais a respeito do interesse estratégico dos Estados Unidos sobre o canal do Panamá e o contexto histórico de sua construção, consulte a indicação a seguir:

HISTORY. Panamá: o país que uniu o mundo. Disponível em: <<https://bo.tuhistory.com/etiquetas/panama-o-pais-que-uniu-o-mundo>>. Acesso em: 13 out. 2018.

I Orientações didáticas

A proposta das perguntas do boxe **Explorando os mapas** é levar os alunos a perceber que na América Central os fatores que mais influenciam os climas são a baixa latitude e a proximidade do oceano, sobretudo a proximidade em relação ao mar do Caribe, onde atua a corrente marítima quente das Guianas, o que contribui para a formação de furacões.

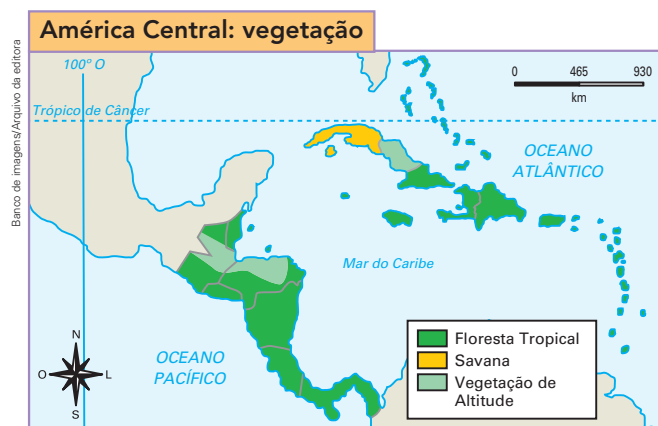
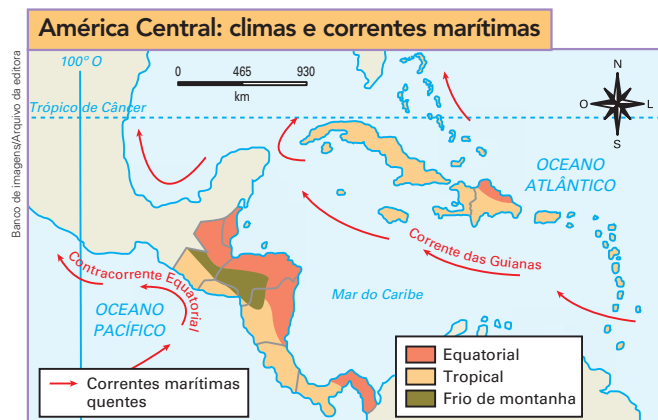
Por essas razões há a predominância dos climas equatorial e tropical e de Florestas Tropicais. Nas montanhas elevadas da porção continental registra-se o elemento altitude, fator que reduz as temperaturas e evidencia nessas regiões um clima frio de montanha.

Clima e vegetação

Quase toda a América Central está situada na Zona intertropical do planeta. Como as únicas correntes marítimas que lá atuam são quentes, as temperaturas são elevadas em grande parte do subcontinente, assim como as precipitações. Predominam os climas equatorial e tropical, este último com uma

estação chuvosa abundante e outra com menores índices de chuva. Nas regiões montanhosas as temperaturas são mais baixas em razão do efeito da altitude, que também provoca variação na vegetação. Observe os mapas.

Em função dos climas quentes, neste subcontinente predominam as Florestas Tropicais, que, como as florestas da América do Sul, sofrem com o desmatamento.



EXPLORANDO OS MAPAS

Correlacione os mapas de clima e vegetação da América Central. O que você constata? Quais são os fatores que mais influenciam os climas da região?

Cachoeira de La Fortuna no Parque Nacional do Vulcão Arenal, na Costa Rica, em 2017. A Floresta Tropical em sua porção costa-riquenha é uma das mais preservadas do mundo.



Westend61/Getty Images

Furacões

No mar do Caribe e no golfo do México é frequente a ocorrência de tormentas tropicais, ali chamadas de furacões (do espanhol *huracan*, que vem de *hurakan*, “deus do vento e da tempestade” para os maias). No oceano Índico e nas proximidades da Austrália essas tormentas são chamadas de ciclones tropicais e, no oceano Pacífico, de tufões.

Esse fenômeno meteorológico começa como uma depressão tropical (ventos de até 50 km/h); à medida que ganha intensidade, transforma-se numa tempestade tropical e, quando os ventos ultrapassam os 119 km/h, passa a ser chamada de furacão, que pode chegar até a categoria 5 na **escala Saffir-Simpson** (observe na página a seguir, como se forma um furacão).

Fenômenos naturais como os furacões não podem ser controlados pelos seres humanos e, geralmente, causam muita destruição. Porém, já faz algum tempo que se pode prevêê-los com certa antecedência, por meio de imagens de satélite (observe a seguir). Ainda assim, é muito difícil deslocar grandes grupos de pessoas, especialmente em países pequenos e pobres, como muitos do Caribe.

O ano de 2017 ficou marcado por uma das mais intensas temporadas de furacão no mar do Caribe. Foram 17 tempestades tropicais, das quais dez evoluíram para a categoria de furacão, provocando muita destruição nos países da região. Estima-se que os prejuízos superaram os 280 bilhões de dólares. Apesar de ser uma área do planeta onde as tempestades tropicais ocorrem com certa frequência, a maioria das construções não foi projetada para resistir a furacões.

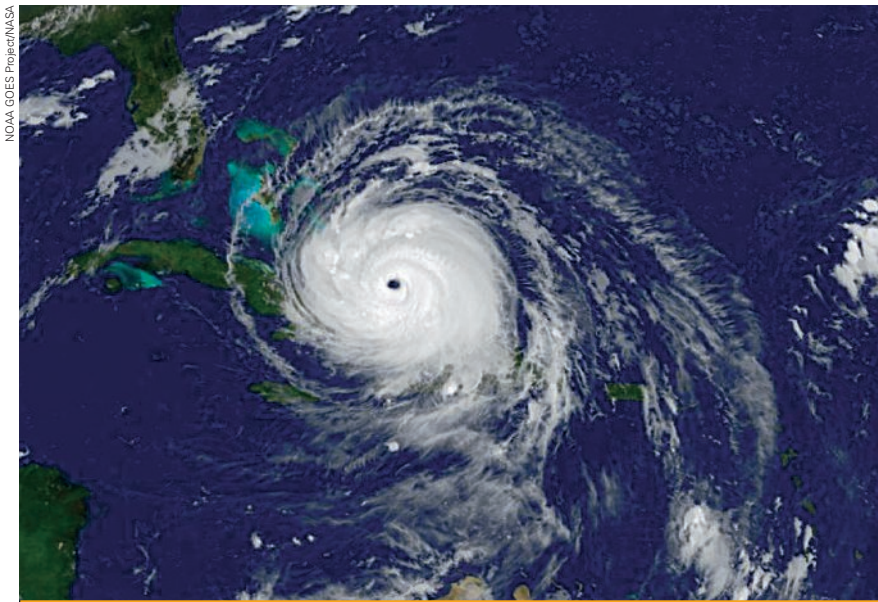


Imagem obtida por satélite que mostra o furacão Irma no mar do Caribe, em 2017.

O QUE É ?

A escala Saffir-Simpson foi desenvolvida nos anos 1970 por Herbet Saffir e Robert Simpson, cientistas do Centro Nacional de Furacões dos Estados Unidos, para indicar a intensidade dos ventos em um furacão e, consequentemente, seu poder de destruição. Varia de categoria 1 a 5.

NA TELA

A última hora (The 11th Hour).
Dir.: Nadia Conners e Leila Conners
Estados Unidos, 2007.

Dirigido pelas irmãs Conners e narrado por Leonardo DiCaprio, com a participação de ativistas ecológicos, cientistas e políticos, o documentário reflete sobre as interferências humanas no meio ambiente, incluindo o aquecimento global, que aparentemente tem potencializado fenômenos naturais como furacões e enchentes.

Orientações didáticas

Discuta com os alunos o significado da escala Saffir-Simpson. A atividade 2 da seção **Consolidando conhecimentos**, na página 197, explora uma ilustração dessa escala para facilitar sua compreensão. Leia a notícia a seguir sobre a devastação causada pelo furacão Michael, que chegou aos Estados Unidos depois de ter passado pela América Central, um dos mais intensos da história. Se julgar adequado, compartilhe-a com os alunos.

Número de mortos pelo furacão Michael nos EUA sobe para 18

[...] O furacão Michael atingiu o solo perto de México Beach, na Florida Panhandle, na quarta-feira (10) como uma das tempestades mais poderosas da história dos EUA, com ventos de até 250 km por hora. Ele empurrou uma parede de água do mar para o interior, causando inundações generalizadas.

A tempestade tropical, que cresceu em menos de dois dias para categoria quatro na escala Saffir-Simpson – de cinco níveis –, destruiu bairros inteiros em Panhandle, reduzindo casas a fundações de concreto e pilhas de madeira e tapume. O governador da Flórida, Rick Scott, chamou a situação de “devastação impensável”, e disse que a prioridade era procurar sobreviventes entre as pessoas não evacuadas. [...]

A rapidez com que a tempestade se formou e cresceu surpreendeu especialistas e pegou os moradores desprevenidos. O chefe da Fema [Agência Federal de Gerenciamento de Emergências], Brock Long, descreveu Michael como o furacão mais intenso a atingir a área desde 1851.

No ano passado, uma catastrófica série de furacões atingiu o Atlântico Ocidental. Os mais devastadores foram Harvey no Texas, Irma no Caribe e Flórida, e Maria, que atingiu o Caribe e deixou quase 3 000 mortos no território americano de Porto Rico.

UOL Notícias. Número de mortos pelo furacão Michael nos EUA sobe para 18. São Paulo, 13 out. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/10/13/furacao-micheal-florida-eua-mortes.htm>>. Acesso em: 13 out. 2018.

Consolidando conhecimentos

As atividades propostas exigem a análise da dinâmica dos furacões e de suas consequências nas paisagens dos países centro-americanos. Desse modo, mobilizam a habilidade EF08GE23 e as competências CEGeo1 e CEGeo4.

1. a) Os furacões (ou tufões, ou ciclones) se formam nos oceanos tropicais, em locais onde a água da superfície é quente (acima de 27 °C), com evaporação intensa e formação de densas nuvens.
- b) A rotação da Terra faz com que o furacão gire no sentido horário no hemisfério sul e no sentido anti-horário no hemisfério norte.
- c) Porque a América Central é formada por uma estreita faixa de terras (a porção continental) e por diversas ilhas (o Caribe) situadas na zona tropical muito próxima ou em meio a mares quentes. A temperatura elevada do oceano Atlântico, acima de 27 °C, favorece a formação de furacões que em todo verão, em maior ou menor grau, atingem os países da região.

A formação de furacões envolve temperatura atmosférica e do oceano, deslocamento de ar por diferença de pressão, formação do “olho do furacão” e os efeitos da rotação da Terra, temas que podem ser aprofundados em um trabalho integrado com Ciências.

Se considerar conveniente, as atividades desta seção poderiam ser desenvolvidas em duplas para que os alunos troquem ideias durante sua resolução.

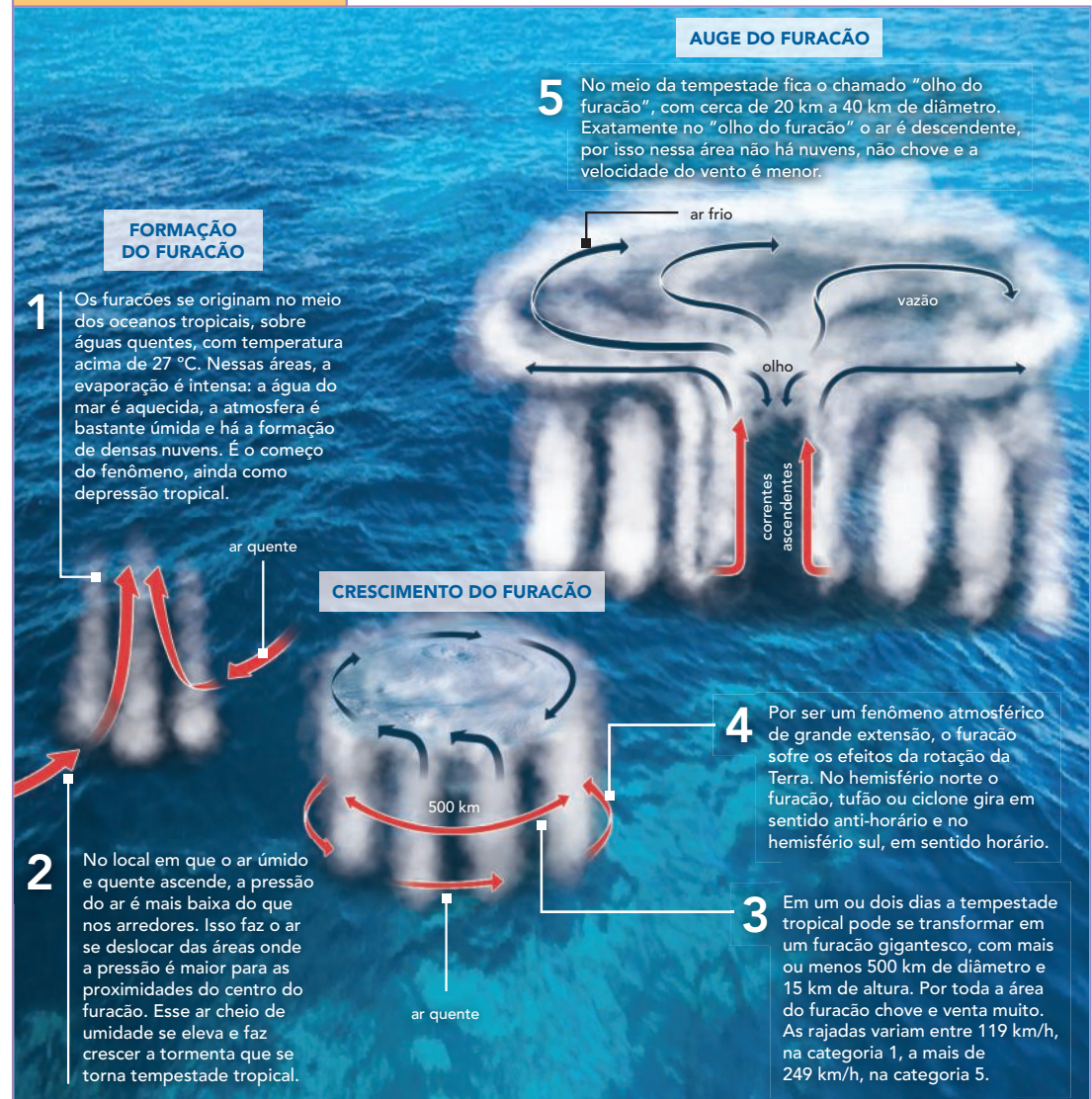
Assegure-se de que os alunos compreenderam a ilustração que mostra a formação de um furacão. Se considerar conveniente, mostre a eles um vídeo que explica como se formam os furacões, publicado no site da Secretaria da Educação do Paraná, com duração de 4 min 35 s, disponível em: <www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=19851> [acesso em: 13 out. 2018].

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

1. Leia o infográfico a seguir, que mostra como os furacões são formados. Depois, responda às questões.

Como se forma um furacão








Fonte: elaborado com base em CLIMATEMPO. Saiba a diferença entre furacão, tufão e tempestade tropical. Disponível em: <<https://www.climatempo.com.br/noticia/saiba-a-diferenca-entre-furacao-tufao-e-ciclone-tropical>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

A escala e a cor dos fenômenos representados são fictícias.

- a) Quais são as condições de temperatura e de umidade que possibilitam a formação de furacões?
- b) Qual é o efeito da rotação da Terra sobre os furacões?
- c) Por que na América Central ocorrem furacões com frequência?

2. Observe a ilustração da escala Saffir-Simpson e responda às perguntas.

Escala Saffir-Simpson de furacões – categorias 1 a 5		
<p>1 Ventos de 119 a 153 km/h</p> <p>Risco menor para construções, possíveis danos em placas e na vegetação.</p> 	<p>2 Ventos de 154 a 177 km/h</p> <p>Risco de destruição em prédios sem dano estrutural. Dano nas linhas elétricas e na vegetação.</p> 	<p>3 Ventos de 178 a 208 km/h</p> <p>Danos na estrutura de pequenos prédios, fornecimento de energia e de água. Inundações na costa.</p> 
<p>4 Ventos de 209 a 251 km/h</p> <p>Danos amplos em casas, telhados e paredes. Aconselha-se a retirada até 3 km.</p> 	<p>5 Mais de 252 km/h</p> <p>Danos importantes a prédios e vegetação. Aconselha-se a retirada até 16 km.</p> 	

A escala e a cor dos fenômenos representados são fictícias.

Furacão/Arquivo da editora

Fonte: elaborado com base em FOLHA de Pernambuco. Como é definida a categoria de um furacão? Recife: Folha PE, 14 set. 2017. Disponível em: <www.folhape.com.br/folhape/nwsPrint.aspx?mld=41686>. Acesso em: 20 ago. 2018.

- O que a escala Saffir-Simpson indica?
- A partir de que momento uma tempestade tropical vira furacão?
- Quais são os estragos que os furacões causam?

3. Observe a foto a seguir. Depois, reveja a imagem de satélite na página 195 e responda às perguntas abaixo.



O furacão Irma causou enormes danos à Codrington, na ilha de Barbuda, em Antígua e Barbuda, como é possível observar na fotografia de 2017. A ilha foi evacuada e atualmente (2018) está desabitada. A nação insular foi uma das mais atingidas pela passagem do furacão.

- De acordo com a observação da fotografia acima e a ilustração da atividade anterior, na sua opinião, o furacão Irma atingiu qual categoria na escala Saffir-Simpson? Explique sua resposta.
- Qual é a importância que as imagens de satélite podem ter para as pessoas que vivem em áreas sujeitas à ocorrência de furacões?

Consolidando conhecimentos

2. a) Indica a intensidade dos ventos em um furacão. Varia de categoria 1 a 5.

b) A partir do momento em que os ventos passam de 119 km/h, quando vira um furacão de categoria 1; se passarem de 252 km/h, atinge a categoria 5.

c) Depende da categoria na escala Saffir-Simpson: quanto mais perto de 5, mais devastador é o furacão; portanto, maior é o estrago causado, incluindo muitas mortes, caso as pessoas não se protejam ou não sejam retiradas de suas casas.

Após terem um tempo para resolver a atividade, explore com os alunos a escala Saffir-Simpson para que compreendam a intensidade de um furacão. Se possível, mostre aos alunos imagens aéreas que registram o antes e o depois da passagem do furacão Michael na Flórida (disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/10/12/antes-e-depois-veja-as-imagens-da-destruicao-do-furacao-michael-na-praia-do-mexico-florida.html>>. Acesso em: 13 out. 2018).

3. a) Espera-se que os alunos percebam que o furacão Irma foi muito grande, considerando a área atingida e a velocidade dos ventos. Esse furacão chegou à categoria 5.

b) Elas permitem acompanhar a formação e a movimentação dos furacões e, desse modo, é possível acionar o alerta da defesa civil e, eventualmente, organizar a retirada das pessoas das áreas atingidas.

Caso seja viável, mostre outras imagens de destruição causada por furacão em países da América Central. Os alunos devem perceber que quanto maior a intensidade de um furacão na escala Saffir-Simpson maior é sua capacidade de destruição. De forma geral, no entanto, em países pobres esse fenômeno costuma causar mais estragos, devido à fragilidade das construções.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE04 Compreender os fluxos de migração na América Latina (movimentos voluntários e forçados, assim como fatores e áreas de expulsão e atração) e as principais políticas migratórias da região.

EF08GE08 Analisar a situação do Brasil e de outros países da América Latina e da África, assim como da potência estadunidense na ordem mundial do pós-guerra.

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

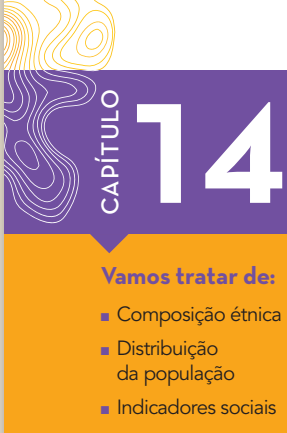
EF08GE20 Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.

Orientações didáticas

Para levantar os conhecimentos prévios dos alunos faça perguntas relacionadas ao assunto do capítulo, como: Qual é a origem de grande parte da população centro-americana? Entre a população centro-americana há descendentes dos povos pré-colombianos? Do ponto de vista étnico-racial, como é a população centro-americana hoje? Há características populacionais semelhantes em todos os países da América Central? E com o Brasil? De forma geral, como é o padrão de vida da população centro-americana?

Em seguida, proponha a leitura do texto, que destaca a relação de Cuba com os Estados Unidos na ordem bipolar do pós-guerra, que mobiliza a habilidade **EF08GE08**.

Se considerar pertinente, proponha um trabalho de pesquisa em integração com História para aprofundar o estudo da ação imperialista dos Estados Unidos na América Central no contexto da Doutrina Monroe. Em 1823, James Monroe (1758-1831), quinto presidente dos Estados



embargo econômico: restrição ou proibição de realização de comércio, investimentos, ajuda financeira e qualquer outra atividade que interfira na economia.

NA ESTANTE

MESSIAS, Adriano. Antes de Colombo chegar. Belo Horizonte: Alis Editora, 2009.

Escrito em português e espanhol, o livro narra histórias que mostram como os maias, astecas e incas explicavam o mundo em que viviam.

História e população centro-americana

Neste capítulo, vamos conhecer aspectos da população da América Central, relacionados à história dos países que compõem esse subcontinente. A América Central foi marcada pelo domínio europeu durante o período de colonização: a maioria dos países dessa região foi colonizada pela Espanha, como Guatemala, Honduras, El Salvador, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Cuba, República Dominicana e Porto Rico. Além disso, o Reino Unido colonizou Belize, Jamaica e Trinidad e Tobago; e a França, o Haiti. As várias ilhas das Pequenas Antilhas foram colonizadas por França, Reino Unido e Países Baixos.

No entanto, após o processo de descolonização, que ocorreu no século XIX, os países da região passaram a sofrer influência do imperialismo estadunidense. Esse processo, diferentemente da colonização europeia, não se pautava pelo domínio territorial direto, mas por intervenções pontuais para garantir que no poder dos países da América Central ístmica e nas principais ilhas do Caribe sempre estivessem no poder governantes alinhados com os interesses econômicos e geopolíticos dos Estados Unidos.

Cuba, por exemplo, rompeu influência do domínio espanhol em 1898. No entanto, já em 1901 os Estados Unidos intervieram pela primeira vez na ilha caribenha, prática que se estendeu até 1934, quando se consolidou no poder o sargento Fulgêncio Batista, um ditador aliado aos Estados Unidos.

Batista só foi deposto por ocasião da Revolução Cubana, em 1959, o que contrariou os interesses dos Estados Unidos. Desse modo, no contexto do mundo bipolar da Guerra Fria, Cuba alinhou-se com a União Soviética, implantando uma ditadura de partido único – o Partido Comunista de Cuba – e uma economia planificada como vimos no capítulo 12. Como retaliação, em 1962 os Estados Unidos expulsaram o país da OEA e lhe impuseram um **embargo econômico** que se estende até os dias de hoje – assunto que será retomado ao longo desta unidade.

Composição étnica da população

Nos países da porção continental da América Central, a população é majoritariamente descendente de europeus e de indígenas. Há uma predominância de mestiços fruto da miscigenação de europeus, notadamente espanhóis, com etnias nativas, como os maias.

Já no Caribe, onde foi instalada a *plantation* com uso de mão de obra escravizada durante o período colonial, há maior presença de afrodescendentes, sendo maioria em alguns países, seguidos de mestiços de brancos com negros, como mostram os gráficos da próxima página.

Unidos, enviou uma mensagem ao Congresso dando origem a essa doutrina que pode ser sintetizada em uma única frase: “A América para os americanos”. Leia o início dessa mensagem:

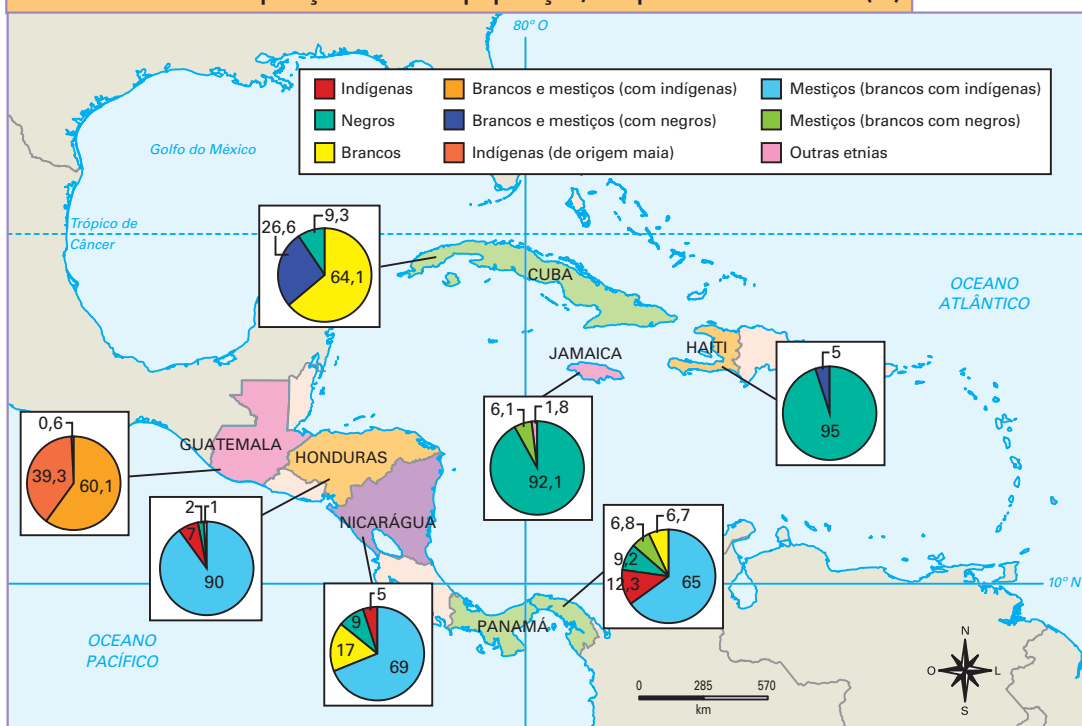
Mensagem de Monroe

Julgamos propícia esta ocasião para afirmar como um princípio que afeta os direitos e interesses dos Estados Unidos, que os continentes americanos, em virtude da condição livre e independente que adquiriram e conservam, não podem mais ser conside-

rados, no futuro, como suscetíveis de colonização por nenhuma potência europeia.

Tendo sido dito, no começo da última sessão, que a Espanha e Portugal faziam grandes esforços para melhorar a sorte do povo e que esta nobre tarefa parecia conduzida com extraordinária moderação, é mais ou menos supérfluo observar que o resultado foi muito diferente daquele que então se esperava. Temos seguido sempre, com curiosidade e interesse, os acontecimentos que se verificaram nesta parte do globo com a qual mantemos tantas

América Central: composição étnica da população, em países selecionados (%)



Fonte: elaborado com base em CIA. *The World Factbook*. Washington D. C., 2018. Disponível em: <www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/index.html>. Acesso em: 21 ago. 2018.

EXPLORANDO OS GRÁFICOS

Em qual país predominam os indígenas, os negros, os brancos e os mestiços?



Na imagem à esquerda, mulheres indígenas vendem peixe no mercado de Solola (Guatemala). À direita, afrodescendentes em mercado de Porto Príncipe (Haiti). Fotografias de 2017.

relações e à qual devemos nossa origem. Os cidadãos dos Estados Unidos nutremos mais cordiais sentimentos pela liberdade e ventura de seus irmãos do outro lado do Atlântico. Jamais nos imiscuímos nas guerras que as potências europeias empreenderam por questões particulares; tal é a nossa política. Somente quando nos atacam ou vemos seriamente ameaçados os nossos direitos é que nos consideramos ofendidos ou nos preparamos para a defesa. [...]

NEPP-DH-UFRJ. Mensagem de Monroe. 2 dez. 1823. Disponível em: <www.nepp-dh.ufrj.br/anterior_sociedade_nacoes3.html>. Acesso em: 14 out. 2018.

Orientações didáticas

A análise dos aspectos populacionais e urbanos da América Central mobiliza a habilidade **EF08GE20**. Antes de explorar o mapa e os gráficos, peça aos alunos que observem as fotografias e pergunte: O que é possível inferir sobre a população centro-americana?

É importante ressaltar, no entanto, que apenas a observação das fotografias não permite chegar a uma conclusão definitiva. As fotografias mostram um recorte parcial da realidade e, portanto, apenas proporcionam o contato com uma realidade que pode não ser tão conhecida por alguns deles. Nesse momento, eles poderão inferir que a população da América Central é, de forma geral, composta de descendentes dos nativos da região, como os maias; descendentes de africanos trazidos como escravizados durante o período colonial; e descendentes dos brancos europeus, que começaram a ocupar a região desde o início da colonização.

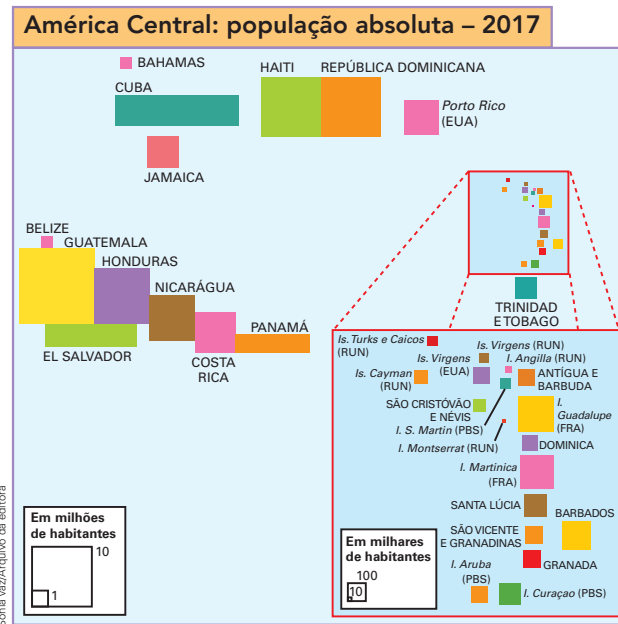
Ao responder à pergunta do boxe **Explorando os gráficos**, espera-se que os alunos compreendam que a composição étnico-racial varia tanto de país para país quanto regionalmente. Nos países da porção continental, a população é majoritariamente descendente de europeus e de indígenas. Predominam mestiços, fruto da miscigenação de europeus (notadamente espanhóis) com etnias nativas, como os maias. Os indígenas não são predominantes em nenhum país – indicio do genocídio que sofreram –, mas apresentam maior percentual na Guatemala. Os afrodescendentes são preponderantes no Haiti e na Jamaica, países que tiveram grande número de pessoas vindas da África como escravizadas na época colonial. Os brancos são maioria em Cuba, único país onde os descendentes de europeus são superiores em número. Os mestiços entre brancos (colonizadores) e indígenas (nativos) são predominantes na Guatemala, na Nicarágua, no Panamá e em Honduras, país onde há o maior percentual deles.

Orientações didáticas

A análise do cartograma sobre a população absoluta da América Central contribui com o desenvolvimento da habilidade **EF08GE19**.

Ao analisar o cartograma para responder à pergunta do boxe **Explorando o cartograma**, espera-se que os alunos indiquem que em 2017 a Guatemala era o país mais populoso da região (com 16,9 milhões de habitantes), seguida por Cuba (com 11,5 milhões). A Guatemala se encontra na porção istmica ou continental da região; Cuba localiza-se na porção caribenha ou insular.

Distribuição da população



Em 2017, os 20 países centro-americanos e caribenhos independentes mais os diversos territórios protetorados contavam com 92 milhões de habitantes. Observe no cartograma a população de cada um.

EXPLORANDO O CARTOGRAMA

Quais são os dois países mais populosos da América Central? Em que porção do subcontinente se localizam?

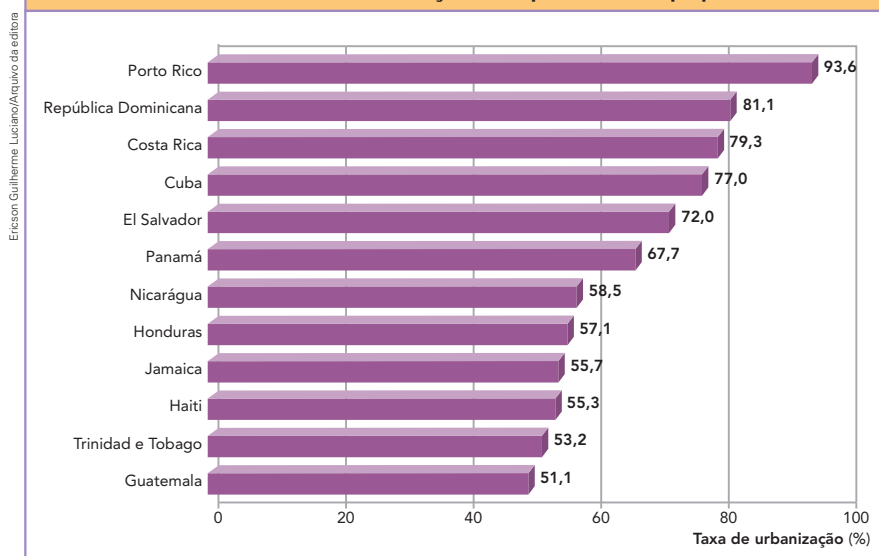
A maior concentração populacional está no norte da porção continental, com destaque para a Guatemala e Honduras, e nas maiores ilhas do Caribe, como na ilha de Cuba e na ilha de São Domingos, dividida entre o Haiti e a República Dominicana.

Observe no mapa de densidade demográfica a seguir que as regiões mais povoadas da América Central se localizam na faixa oeste da porção continental, pois, entre outros motivos, nessa área os solos vulcânicos são mais férteis, o que favorece a prática da agricultura.



A taxa de urbanização da América Central é relativamente alta. Em média 71,3% dos habitantes dos países da porção caribenha vivem em cidades; nos países da porção continental a taxa é ainda mais alta: 74,7%. Observe os dados do gráfico.

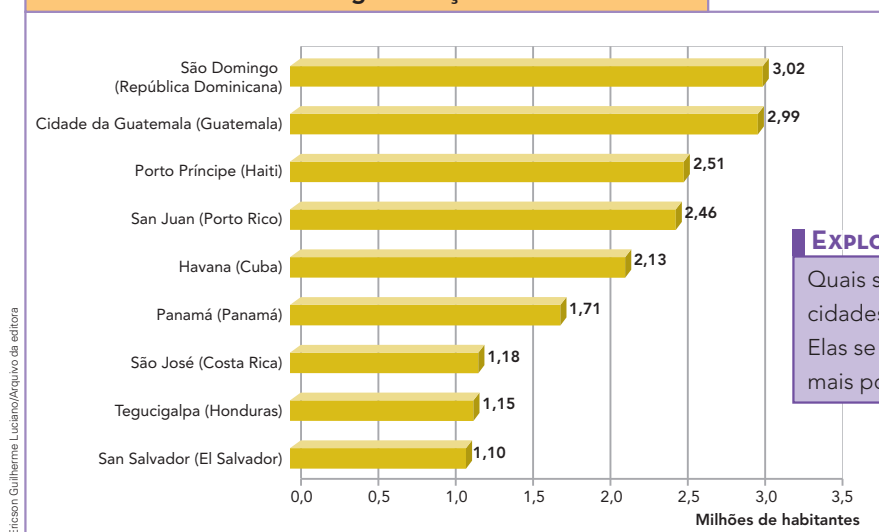
América Central: taxa de urbanização dos países mais populosos – 2018



Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *World Urbanization Prospects: the 2018 Revision*. New York, 2018.

Apesar de os países da América Central terem altas taxas de urbanização, as populações são pequenas e não há nenhuma megacidade no subcontinente, conforme indicam os dados do gráfico a seguir.

América Central: maiores aglomerações urbanas* – 2016



EXPLORANDO OS GRÁFICOS

Quais são as duas maiores cidades da América Central? Elas se localizam nos países mais populosos?

Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. *The world's cities in 2016*. New York, 2016.

* Foram representadas as cidades cuja área metropolitana possui mais de 1 milhão de habitantes.

I Orientações didáticas

Ao responderem às questões propostas no boxe **Explorando os gráficos**, espera-se que os alunos indiquem que as duas maiores cidades da América Central são São Domingo, na República Dominicana, e Cidade da Guatemala, na Guatemala. Além disso, espera-se que percebam que a Cidade da Guatemala fica no país mais populoso da região.

São Domingo é a capital do segundo país mais urbanizado da América Central, a República Dominicana. Já a Cidade da Guatemala é a capital do país menos urbanizado entre os que aparecem na lista. Verifique se os alunos compreenderam que não há relação direta entre o número de habitantes de um país e o tamanho de sua cidade principal ou mesmo de sua taxa de urbanização.

Chame a atenção deles para o fato de que Porto Rico é o país mais urbanizado da região e o que tem a população mais concentrada em uma única cidade: 67,5% de seus habitantes vivem em San Juan. Mesmo assim, San Juan é a quarta cidade centro-americana com a maior aglomeração urbana.

Orientações didáticas

Este conteúdo explora aspectos populacionais e políticos da América Central e contribui com o desenvolvimento da habilidade EF08GE20.

Explore com os alunos a tabela “América Central: IDH de países selecionados – 2015”. O objetivo dessa análise é levá-los a perceber que a maioria dos países centro-americanos apresenta IDH elevado, principalmente os da região do Caribe.

Além disso, devem depreender que nessa região se localiza o único país de baixo IDH da América Central e de toda a América. Como já foi visto no capítulo 11, não há países de baixo IDH na América do Sul (na América do Norte, como será visto a seguir, só há três países, dos quais dois são desenvolvidos – um deles com IDH muito elevado –, e o terceiro é emergente, o México, com IDH elevado). Seria interessante traçar uma comparação entre os dados de IDH dos países centro-americanos e de países sul-americanos (página 168).

Indicadores sociais da América Central

Assim como os demais países latino-americanos, os países da América Central apresentam elevada desigualdade social. Em cada país há um pequeno grupo social que concentra a maior parte da renda nacional e uma classe média reduzida, enquanto a maior parte da população recebe baixos salários ou está desempregada. A população marginalizada enfrenta diversos problemas, como moradias precárias, subnutrição, ineficiência dos serviços públicos de saúde e educação, entre outras dificuldades.

Além disso, sobretudo nos países do chamado Triângulo Norte da América Central (Honduras, Guatemala e El Salvador), a violência provocada pela ação de gangues urbanas e de grupos de traficantes de drogas é uma das mais altas do mundo. Tudo isso explica o grande número de pessoas que emigram para o México e principalmente para os Estados Unidos – assunto abordado na seção *Para conhecer mais*, da página seguinte.

Observe, na tabela a seguir, os indicadores que compõem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de alguns países da América Central. Neste subcontinente não há nenhum país no grupo de IDH muito elevado; a maioria deles apresenta IDH elevado e apenas um, o Haiti, IDH baixo.

AMÉRICA CENTRAL: IDH DE PAÍSES SELECIONADOS – 2015				
Posição/país	Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	Expectativa de vida ao nascer (anos)	Escolaridade média/escolaridade esperada (anos)	Renda nacional bruta <i>per capita</i> anual (dólar PPC*)
Desenvolvimento humano elevado				
54. Barbados	0,795	75,8	10,5/15,3	14 952
58. Bahamas	0,792	75,6	10,9/12,6	21 565
60. Panamá	0,788	77,8	9,9/13,0	19 470
65. Trinidad e Tobago	0,780	70,5	10,9/12,7	28 049
66. Costa Rica	0,776	79,6	8,7/14,2	14 006
68. Cuba	0,775	79,6	11,8/13,9	7 455
94. Jamaica	0,730	75,8	9,6/12,8	8 350
99. Rep. Dominicana	0,722	73,7	7,7/13,2	12 756
Desenvolvimento humano médio				
117. El Salvador	0,680	73,3	6,5/13,2	7 732
124. Nicarágua	0,645	75,2	6,5/11,7	4 747
125. Guatemala	0,640	72,1	6,3/10,7	7 063
130. Honduras	0,625	73,3	6,2/11,2	4 466
Desenvolvimento humano baixo				
163. Haiti	0,493	63,1	5,2/9,1	1 657

Fonte: elaborado com base em UNDP. *Human Development Report 2016*. New York: United Nations Development Programme, 2016. p. 198-201.

* Dólar ajustado pela paridade de poder de compra (PPC).



A Jornada dos Migrantes Invisíveis da América Central

A migração é um fenômeno de longa data ao redor do mundo. Há várias teorias para explicar as razões por que determinado grupo de uma população se desloca de uma localidade para outra. Por definição, um migrante é uma pessoa que escolheu se deslocar não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas principalmente para melhorar sua vida através de oportunidades de trabalho ou, em alguns casos, de educação, reunião familiar, entre outras razões. Diferente de refugiados, que não podem retornar com segurança a seus locais de origem, migrantes em geral não enfrentam esse tipo de impedimento. Se eles escolherem retornar, eles continuarão recebendo a proteção de seus governos. No entanto, no caso do Triângulo Norte da América Central, essas definições, tão bem definidas em teoria, tornam-se desfocadas e confusas. Mesmo que essas pessoas busquem uma vida melhor, elas também são afetadas por níveis crescentes de violência urbana em seus países de origem, o que as leva a seguir para diferentes países, como o México e os Estados Unidos.

[...]

Em 2016, o *International Crisis Group* publicou que “o México repeliu 166 mil migrantes centro-americanos, incluindo 30 mil crianças e adolescentes, e os Estados Unidos deportaram mais 75 mil”. Cidadãos do México e das regiões do Triângulo Norte da América Central (TNAC) há tempos buscam uma vida melhor em outros países, mais por razões econômicas do que para escapar de situações de insegurança em seus países. Esse quadro mudou dramaticamente nos últimos anos na América Central. Enquanto não podemos excluir as razões econômicas para essa migração, o fato permanece que no atual contexto em Honduras, Guatemala e El Salvador, pessoas que querem sobreviver e viver não têm escolha a não ser buscar refúgio em outros lugares.

Muitos dos que são vítimas de miséria econômica e exclusão social também enfrentam perseguição por grupos ligados ao crime organizado, desde gangues locais a traficantes de drogas transnacionais. O deslocamento forçado é cada vez mais comum, à medida que a violência alcança níveis de uma guerra civil. O mesmo relatório publicado pelo *International Crisis Group* aponta que 150 mil pessoas foram mortas no Triângulo Norte da América Central desde 2006, uma média de mais de 50 homicídios para cada 100 mil pessoas, mais que o triplo do México (onde o número de mortes aumentou significativamente desde 2007) e mais de 10 vezes a média estadunidense.

A região do TNAC é conhecida pela presença de alguns dos países mais violentos do mundo. El Salvador teve uma taxa de assassinatos de 103 para cada 100 mil habitantes em 2015, enquanto Honduras teve 57 para cada 100 mil e a Guatemala 30 para cada 100 mil. A proporção de vítimas de homicídio abaixo de vinte anos em El Salvador e Guatemala é maior do que em qualquer outro lugar do mundo. Em 2015, 35 mil crianças e adolescentes migrantes foram detidos no México, nove vezes mais que em 2011. [...]

GULLERGAN, Erwin Lloyd. A jornada dos migrantes invisíveis da América Central. *Médicos Sem Fronteiras*, 20 dez. 2017. Disponível em: <www.msf.org.br/opiniao/jornada-dos-migrantes-invisiveis-da-america-central>. Acesso em: 20 ago. 2018.

- De acordo com o texto, por que a distinção teórica entre migrantes e refugiados não se aplica tão claramente ao contexto dos países do chamado Triângulo Norte da América Central?

Para conhecer mais

Antes de propor a atividade, verifique se os alunos compreenderam o texto, se entenderam todos os dados e números expostos e se não restou nenhuma palavra ou expressão incompreendida.

Ao responder à questão, espera-se que os alunos indiquem que, seguindo a distinção feita pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), estudada no capítulo 4, o autor considera migrante aquele que se desloca em busca de melhores condições de vida, mas pode, se quiser, voltar ao seu país de origem. Já o refugiado não tem essa opção porque foge de algum tipo de perseguição, e a volta ao país natal poderia colocar sua vida em risco.

Nos países do Triângulo Norte da América Central – El Salvador, Honduras e Guatemala –, o nível de violência é tão elevado que muitos dos migrantes fogem a fim de obter segurança, além de melhores condições de vida. Em El Salvador, por exemplo, ocorrem 103 assassinatos para cada grupo de 100 mil habitantes – a taxa mais alta do mundo. Em razão de objetivos semelhantes, migrantes podem ser confundidos com refugiados, já que muitos deles não poderiam voltar para casa devido ao risco de serem vítimas da violência de gangues e grupos de traficantes.

Para ler o artigo na íntegra, acesse o site dos Médicos sem Fronteiras no endereço indicado na fonte do texto. No site dessa ONG humanitária, há outros artigos sobre a violência na América Central, problema que, somado às dificuldades socioeconômicas, tem levado muita gente a emigrar da região, sobretudo para os Estados Unidos (artigos disponíveis em: <www.msf.org.br/busca?search_api_views_fulltext=America+Central&items_per_page=10>; acesso em: 14 out. 2018).

Esta seção, ao tratar da questão das emigrações de países da América Central para os Estados Unidos, contempla a habilidade **EF08GE04**.



Orientações didáticas

O objetivo das perguntas do boxe **Explorando a tabela** é levar os alunos a perceber que El Salvador é o país que apresenta a melhor distribuição de renda na América Central (índice de Gini 40); o menor índice de pobreza é encontrado na Costa Rica (3,8% da população). O Panamá é o país que apresenta a pior distribuição de renda (índice de Gini 50,4), no entanto, o país com maior índice de pobreza é o Haiti (48,3% da população), que registra o pior IDH das Américas.

É importante ressaltar que desigualdade social é diferente de pobreza. Mesmo em um país muito rico, como a Noruega (IDH mais elevado do mundo), onde a pobreza é quase inexistente, há desigualdade social.

Caso queira estabelecer comparações com o país de IDH mais elevado no mundo, comente com os alunos os dados da Noruega relativos a 2015: renda nacional com os 10% mais pobres (3,5%), renda nacional com os 10% mais ricos (22,3%), índice de Gini (27,5), população vivendo com menos de 3,20 dólares por dia (0,2%).

Para ampliar a análise dos indicadores sociais e compará-los com o IDH dos países centro-americanos, pergunte aos alunos se o país com maior índice de violência (El Salvador) é o mais pobre ou o mais desigual e se é o que apresenta o pior IDH. Embora El Salvador seja o país que apresenta o maior índice de violência na região, trata-se de um país de IDH médio (o pior é o Haiti), com a melhor distribuição de renda na América Central (índice de Gini 40), e não tem o maior índice de pobreza. Com isso os alunos devem perceber que a violência (urbana ou rural) não está diretamente relacionada à pobreza ou à desigualdade. Há outros fatores que a explicam, como a atuação de gangues e de grupos de traficantes de drogas, casos de El Salvador e dos países do Triângulo Norte da América Central.

Desigualdade social X pobreza

A partir da década de 1990, assim como ocorreu no restante da América Latina, os indicadores sociais da América Central melhoraram e a maioria deles já tem IDH elevado. Porém, a renda nacional permanece muito concentrada e a taxa de pobreza ainda é elevada, principalmente entre a população indígena e a afrodescendente. A acentuada desigualdade social é um dos fatores que mais contribuem para a América Latina ser a região mais violenta do mundo. A violência atinge toda a sociedade, mas principalmente a população mais pobre, sobretudo os homens mais jovens e as mulheres.

Porém, há grande disparidade entre os países. A Costa Rica é o país que apresenta o menor índice de pobreza entre a população e o Haiti é o país com o maior índice. Observe que os cinco países com maior percentual de pobreza são exatamente os que apresentam IDH baixo e médio (veja a tabela da página 202).

AMÉRICA CENTRAL: INDICADORES SOCIAIS DE PAÍSES SELECIONADOS				
País* (ano da pesquisa)	Distribuição de renda			Pobreza
	Renda nacional com os 10% mais pobres (%)	Renda nacional com os 10% mais ricos (%)	Índice de Gini	População vivendo com menos de 3,20 dólares por dia (%)
El Salvador (2016)	2,3	30,7	40,0	10,3
Haiti (2012)	2,1	31,2	41,1	48,3
Rep. Dominicana (2016)	1,9	35,0	45,3	6,2
Jamaica (2004)	2,1	35,8	45,5	9,0
Nicarágua (2014)	2,0	37,2	46,2	12,8
Guatemala (2014)	1,7	38,1	48,3	24,2
Costa Rica (2016)	1,5	37,3	48,7	3,8
Honduras (2016)	1,0	36,8	50,0	30,0
Panamá (2016)	1,1	37,9	50,4	7,0

Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D. C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

* Bahamas, Barbados, Cuba e Trinidad e Tobago não disponibilizam esses dados.

EXPLORANDO A TABELA

Qual país apresenta melhor distribuição de renda e menor índice de pobreza na América Central? Qual aparece no extremo oposto considerando esses critérios?

NA TELA

O dia em que o Brasil esteve aqui.
Direção: João Dornelas e Caito Ortiz.
Brasil, 2005.

Documentário sobre a passagem da seleção brasileira de futebol por Porto Príncipe, em agosto de 2004, para realizar uma partida amistosa com o Haiti, no que ficou conhecido como o “jogo da paz”, organizado para angariar a simpatia do povo pela Minustah.

O caso do Haiti

Em 2004, após a queda do presidente Jean Bertrand Aristide, o Haiti vivia uma situação que beirava a guerra civil e apresentava altos índices de violência, sobretudo na capital, Porto Príncipe, que estava dominada por gangues. Nesse ano, para tentar controlar a caótica situação política do país, o Conselho de Segurança da ONU autorizou a formação da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (Minustah, sigla em inglês).

Essa força de paz da ONU foi comandada desde o início por um general do Exército brasileiro e contava com muitos soldados brasileiros (ao longo de 13 anos 37,5 mil soldados de nosso país passaram pelo Haiti) e também de outras nacionalidades. Os soldados estiveram empenhados em conter a violência, em ajudar na reconstrução do país e dar assistência básica à população: alimentação para crianças, vacinas, etc. Em 2017, depois de cumprir sua missão, a Minustah foi encerrada. Nesse mesmo ano o Conselho de Segurança autorizou a criação da Missão das Nações Unidas para Apoio à Justiça no Haiti (Minujusth, sigla em inglês). Diferente da anterior, a Minujusth é composta de um pequeno grupo de civis e oficiais de polícia que tem o objetivo de ajudar o governo do Haiti a implantar a Polícia Nacional e fortalecer as instituições legais do país, visando tornar mais seguro o cotidiano da população e garantir o respeito aos direitos humanos.

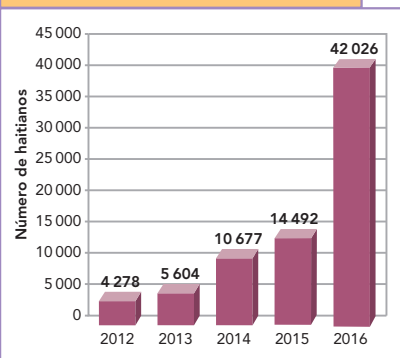
Único país com baixo IDH em todo o continente americano, seu povo tem condições de vida muito precárias. Segundo o Relatório de 2018 do Banco Mundial, 48% da população vivia na pobreza, como vimos na tabela da página 204, e 23,5% na extrema pobreza (com menos de 1,90 dólar por dia). Todas essas dificuldades explicam o grande fluxo de haitianos que emigram em busca de melhores condições de vida, muitos dos quais vieram para o Brasil, como mostram os dados do gráfico ao lado.

Todos esses fatores agravados pelas catástrofes naturais que atingem o Haiti, como terremotos (no próximo capítulo veremos as consequências de um forte abalo que ocorreu em 2010) e furacões, fazem do país o mais pobre de todo o continente americano.

Em 2016 o furacão Matthew, com ventos que chegaram a 230 km/h, provocou a destruição de milhares de casas e deixou cerca de 900 mortos no Haiti. Na foto, a pequena vila de Casanette, perto de Baumond, devastada após a passagem do furacão.



Haitianos que se registraram na Polícia Federal do Brasil



Ericson Guilherme Luciano/Arquivo da editora

Fonte: elaborado com base em POLÍCIA FEDERAL. In: MILES, Rosita. *Haitianos no Brasil*. Instituto Migrações e Direitos Humanos, 30 dez. 2016. Disponível em: <www.migrante.org.br/index.php/migracao-haitiana2/373-haitianos-no-brasil-dados-estatisticos-informacoes-e-uma-recomendacao>. Acesso em: 21 ago. 2018.

Nicolas GARCIA/Agência France-Presse



205



Material Digital

Esta é uma oportunidade para exibir a videoaula sobre a América.

Orientações didáticas

A análise dos problemas econômicos e socioambientais do Haiti e dos deslocamentos de parte de sua população, inclusive para o Brasil, contribui com o desenvolvimento da habilidade **EF08GE04**.

Orientações didáticas

Este conteúdo proporciona a análise da relação entre Cuba e Estados Unidos na ordem mundial pós-Guerra Fria e contribui com o desenvolvimento da habilidade **EF08GE08**.

O artigo "A América Central e os Estados Unidos: nem pessimismo nem otimismo", de Pablo Duncan-Linch, publicado na revista *UNO* e reproduzido na página XXXVI, discute as relações dos Estados Unidos com a América Central após a eleição de Donald Trump. No número 28 da revista *UNO* há outros artigos que tratam da relação dos Estados Unidos com a América Latina na era Trump. Disponível em: <www.revista-uno.com.br/numero-28/>. Acesso em: 14 out. 2018.

Para verificar a compreensão dos alunos sobre o que foi estudado, pergunte a eles por que o IDH de Cuba caiu, a ponto de o país perder posições no *ranking* do Pnud.

Devido às dificuldades impostas pelo embargo econômico, que ficaram evidentes após o fim da União Soviética, o baixo dinamismo da economia planificada e a dependência da indústria açucareira, a renda *per capita* do país ficou estagnada. Apesar dos bons indicadores de saúde e educação, essa estagnação da renda contribuiu para a queda do IDH e a perda de 12 posições no *ranking* do Pnud, entre 2010 e 2015.

O caso de Cuba

Antes da Revolução Cubana (1953-1959), a economia desse país baseava-se na monocultura de cana-de-açúcar e frutas tropicais, além do turismo de entretenimento. Após a revolução e a aproximação com a União Soviética, os meios de produção foram estatizados e terras foram distribuídas para usufruto dos camponeses. O acesso à saúde e à educação foi garantido e, com isso, a partir da década de 1960 houve grande melhoria nas condições de vida da população.

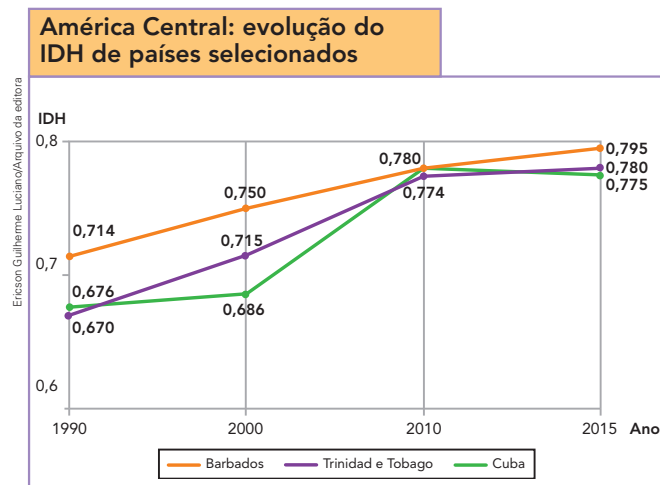
Nessa época, o embargo econômico imposto pelos Estados Unidos não impactava tanto Cuba, porque a União Soviética fornecia ajuda econômica e petróleo barato ao país. Porém, com o fim da superpotência socialista, em 1991, a economia cubana entrou em colapso, devido ao baixo dinamismo da economia planificada e à dependência da atividade açucareira.

O IDH de Cuba se mantém elevado porque o país tem boas condições de saúde e educação: de acordo com o Banco Mundial, em 2015, 100% dos adultos eram alfabetizados e, como vimos, segundo o relatório do Pnud, a expectativa de vida era de quase 80 anos. Porém, há carência de bens de consumo, como alimentos e material de limpeza, e a renda da população é muito baixa, o que torna a capacidade de compra limitada.

A estagnação da renda *per capita* foi a responsável pela redução do IDH de Cuba a partir de 2010 e pela perda de posições no *ranking* do Pnud (entre 2010 e 2015, o país perdeu 12 posições). No início daquela década o país centro-americano chegou a apresentar o IDH mais alto da região e a fazer parte do grupo de países com IDH muito elevado. Compare no gráfico abaixo a evolução do IDH de Cuba com Barbados, o país que em 2015 apresentava o mais elevado IDH da América Central, e com Trinidad e Tobago. Embora a escolaridade média e a expectativa de vida dos cubanos sejam mais elevadas, a renda *per capita* é metade da de Barbados e cerca de um quarto da de Trinidad e Tobago.

Portanto, apenas o crescimento econômico não é suficiente para a melhoria das condições de vida de uma população, a riqueza precisa ser distribuída. Porém, sem o crescimento econômico não é possível elevar o padrão de vida de uma população, pois a riqueza precisa ser produzida.

Apesar do fim da Guerra Fria e da reaproximação diplomática entre Estados Unidos e Cuba no final do governo Barack Obama (2009-2017), o embargo econômico não foi suspenso e as condições econômicas de Cuba continuam difíceis.



Fonte: elaborado com base em UNDP. *Human Development Report 2016*. New York: United Nations Development Programme, 2016. p. 202-205.

As atividades desta seção discutem a questão da pobreza e da exclusão social, exigem dos alunos uma postura empática e solidária de respeito aos direitos humanos e mobilizam as competências **CG9** e **CCH1**.

1. Leia a seguir um trecho da entrevista de Mara Manzoni Luz, diretora de uma organização inglesa de assistência social, concedida ao site do Instituto Humanitas Unisinos. Depois, analise os gráficos que mostram a exclusão social na América Latina. Em seguida, responda às questões propostas.

A interconexão das desigualdades na América Latina: da violência à pobreza

[...]

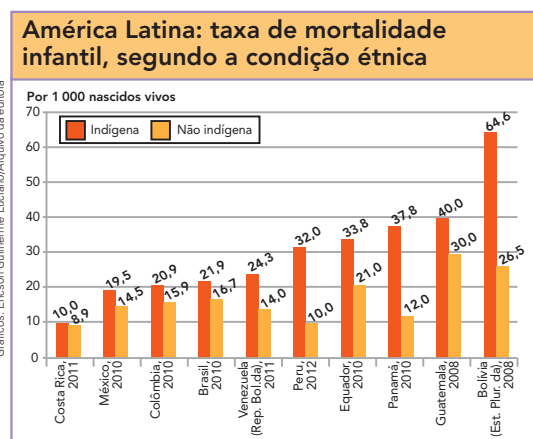
IHU On-Line – Segundo o relatório [O Escândalo da Desigualdade: as múltiplas faces da desigualdade na América Latina e Caribe] as maiores populações indígenas da região estão concentradas em países como México, Peru, Bolívia e Guatemala. Quais são os problemas enfrentados por essas comunidades? Pode nos dar um quadro geral da situação delas nesses diferentes países?

Mara Manzoni Luz – Essas comunidades, incluído indígenas e afrodescendentes, possuem recursos muito mais baixos do que o restante da população e isso está diretamente relacionado à identidade étnica e racial. Essas comunidades não só não têm experimentado um crescimento econômico, como são excluídas no processo de acesso à terra, à educação, aos serviços públicos, à participação política. Em 2013, um pouco mais de 40% da população rural da América Latina e do Caribe tinha um nível de acesso a políticas muito inferior se comparado a 20% da população urbana.

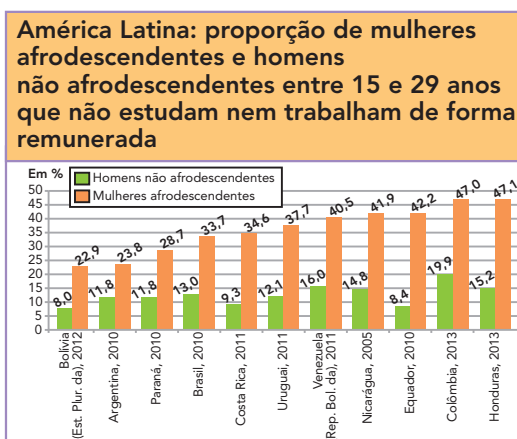
Um dos fatores que tem contribuído para as desigualdades étnico-raciais são os projetos de mega-estruturas, que estão sendo construídos em áreas indígenas e em terras de comunidades quilombolas, especialmente na Amazônia.

Na Guatemala, por exemplo, 79% da pobreza está nas áreas indígenas e rurais, porque a maioria da população é indígena, e na Nicarágua 66% das mulheres indígenas são analfabetas. [...]

FACHIN, Patrícia (Entrev.). A interconexão das desigualdades na América Latina: da violência à pobreza. Entrevista especial com Mara Manzoni Luz. Instituto Humanitas Unisinos (IHU). São Leopoldo, 9 maio 2017. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/567403-a-interconexao-das-desigualdades-na-america-latina-da-violencia-a-pobreza-entrevista-especial-com-mara-manzoni-luz>. Acesso em: 16 jul. 2018.



Fonte: elaborado com base em COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE (Cepal). *Panorama Social da América Latina 2016*: documento informativo, Santiago, 2016, p. 20. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/41738/1/S1700509_pt.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2018.



Fonte: elaborado com base em COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE (Cepal). *Panorama Social da América Latina 2016*: documento informativo, Santiago, 2016, p. 36. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/41738/1/S1700509_pt.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2018.

- a) Com base no que você estudou nas unidades de América do Sul e Central e na análise dos gráficos acima é possível afirmar que existe pobreza e exclusão social na América Latina? Quais grupos sociais são mais atingidos?
- b) De que forma a participação da população pode ajudar a combater a pobreza e a exclusão social? Explique.

1. a) Sim, como visto nas tabelas referentes aos países da América do Sul e da América Central, ainda há muita pobreza na América Latina. Na maioria dos países, a renda é muito concentrada e há elevado índice de pobres entre a população. Há também exclusão social relacionada às identidades étnica e racial e ao gênero, como aponta a entrevista com Mara Manzoni Luz. O primeiro gráfico mostra que em todos os países representados a condição étnica limita o desenvolvimento e impõe piores condições de vida. Em todos eles a mortalidade infantil é maior entre a população indígena do que entre a não indígena. Fica claro, portanto, que há exclusão social das comunidades indígenas em toda a América Latina. O mesmo ocorre com os afrodescendentes, sobretudo do sexo feminino, que têm menos oportunidades de estudo e de trabalho remunerado do que os descendentes de europeus, destacadamente os do sexo masculino. No caso da exclusão social das jovens afrodescendentes, como mostra o segundo gráfico, além do recorte racial, ainda há o de gênero.

- b) Espera-se que os alunos indiquem que, quando os direitos de cidadania (saúde, educação, moradia, etc.) não são atendidos, deve haver mobilização individual e coletiva na busca por esses direitos. É fundamental que eles entendam que a participação política é muito importante, uma vez que a tomada de decisões é realizada por pessoas que foram eleitas pela população, a qual, após delegar poderes aos eleitos, deve fiscalizar suas ações.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE12 Compreender os objetivos e analisar a importância dos organismos de integração do território americano (Mercosul, OEA, OEI, Nafta, Unasul, Alba, Comunidade Andina, Aladi, entre outros).

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfozes geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

EF08GE20 Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.

EF08GE23 Identificar paisagens da América Latina e associá-las, por meio da cartografia, aos diferentes povos da região, com base em aspectos da geomorfologia, da biogeografia e da climatologia.

EF08GE24 Analisar as principais características produtivas dos países latino-americanos (como exploração mineral na Venezuela; agricultura de alta especialização e exploração mineira no Chile; circuito da carne nos pampas argentinos e no Brasil; circuito da cana-de-açúcar em Cuba; polígono industrial do sudeste brasileiro e plantações de soja no centro-oeste; maquiadoras mexicanas, entre outros).

I Orientações didáticas

Para levantar os conhecimentos prévios dos alunos, faça perguntas como: Quais são as atividades mais importantes das economias centro-americanas? Há ligação dessas atividades com o clima predominante na região?

A análise do mapa temático e do gráfico mobiliza a habilidade **EF08GE19**.

Explique que não há dado de renda *per capita* para Cuba no relatório 2017 do Banco Mundial. Sabe-se, no entanto, que seu PIB é de 87,1 bilhões de dólares e que sua população é de 11,5 milhões de habitantes. Comen-

CAPÍTULO 15

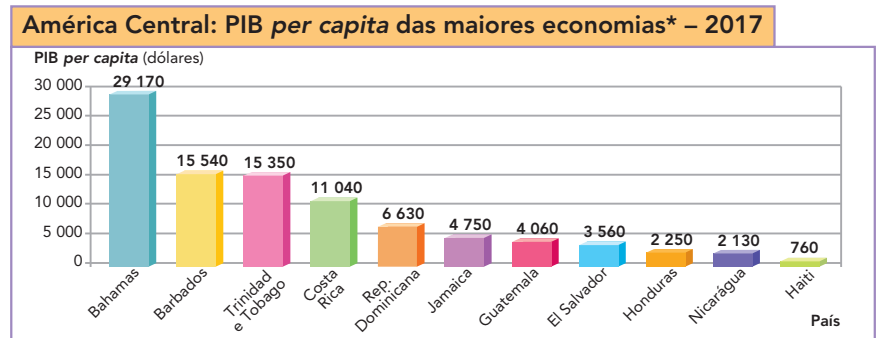
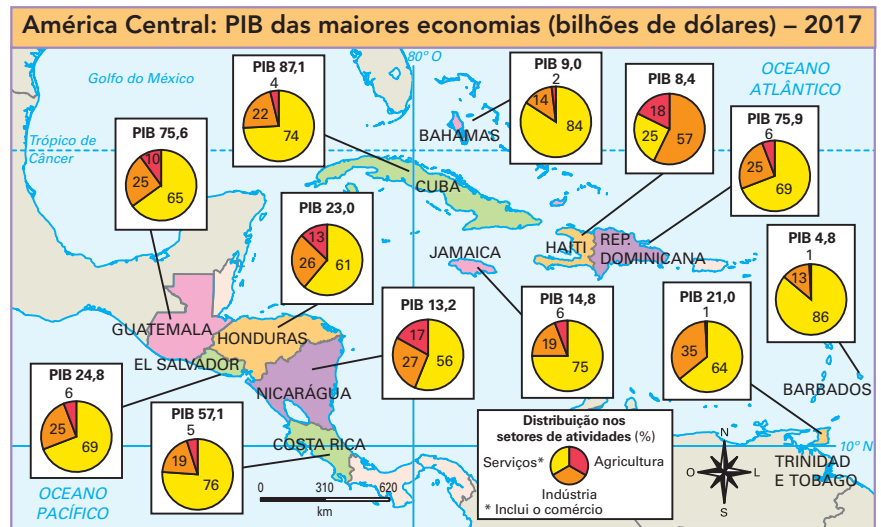
Vamos tratar de:

- Atividades econômicas dos países centro-americanos
- Serviços
- Blocos econômicos regionais

Economia da América Central

Assim como a política, historicamente a economia da América Central foi influenciada pelos Estados Unidos, característica que se mantém até hoje. A situação econômica dos países centro-americanos varia bastante – tanto na produção de riqueza e sua distribuição como no emprego de mão de obra por setor de atividade econômica. Dois indicadores que mostram essas disparidades são o produto interno bruto e a renda *per capita*.

Observe o mapa a seguir, que mostra o valor absoluto da produção econômica dos países e a contribuição dos setores de atividade para a formação do PIB. Quando se divide o PIB pela população percebemos que há uma acentuada disparidade entre os países, como podemos confirmar ao observar o gráfico.



EXPLORANDO O MAPA E O GRÁFICO

Os dados mostram grande disparidade econômica entre os países. Dê exemplos.

te com os alunos que basta dividir o PIB pela população para chegar à renda *per capita* aproximada de 7 574 dólares.

Para explorar esse conteúdo, faça perguntas como: Qual país tem o maior PIB da América Central? E a maior renda *per capita*? Leve os alunos a observar que o maior PIB é o de Cuba, mas não a maior renda *per capita*, que é de Bahamas. Qual é o setor que mais contribuiu para a geração do PIB desses países? Os alunos deverão observar que, excetuando o Haiti, em todos os países o setor terciário é o que mais contribui para o PIB.

A proposta do boxe **Explorando o mapa e o gráfico** é levar os alunos a compreender que há disparidade econômica entre os países da América Central. Segundo dados do Banco Mundial, a renda *per capita* varia de 760 dólares, no Haiti, a 29 170 dólares, em Bahamas.

Verifique se eles compreendem que, quanto maiores forem as desigualdades sociais e econômicas, maior é o distanciamento entre a média de um indicador (como o PIB *per capita*) e os extremos. Por exemplo: em países onde há grande concentração de renda, o PIB *per capita* é sempre muito superior à renda média da maioria da população.

Distribuição geográfica das atividades econômicas

Embora as atividades econômicas dos países centro-americanos sejam variadas, em alguns deles a agricultura ainda tem um peso muito grande, como na Guatemala, na Nicarágua, em Honduras e no Haiti, onde predominam as produções de bananas e outras frutas tropicais, além de cana-de-açúcar, café, algodão, tabaco, **silvicultura** e da agricultura de subsistência. Essa tradição vem desde o período colonial, quando essa produção era destinada à exportação para a Europa. Após a independência dos países da América Central, muitas empresas estadunidenses se instalaram na região, passaram a comprar terras ou recebê-las em troca da construção de ferrovias e portos (para beneficiar seus próprios interesses) e a ampliar a produção de frutas tropicais para exportação. A mais poderosa de todas foi a United Fruit Company, que chegou a ser a maior produtora de bananas do mundo, com plantações em sete países: Colômbia, Costa Rica, Cuba, Jamaica, Nicarágua, Panamá e República Dominicana.

Em Cuba, destaca-se a produção de cana-de-açúcar e tabaco – o açúcar e o charuto são produtos cubanos tradicionais de exportação. Embora o açúcar ainda tenha um peso muito grande nas exportações de Cuba, em 2016 o maior produtor de cana-de-açúcar da região foi a Guatemala, com 33,5 milhões de toneladas. Cuba vem a seguir com 18,9 milhões de toneladas (para comparação: o Brasil, maior produtor mundial, colheu 769 milhões de toneladas). A produção de banana, antes muito concentrada na região, se espalhou por diversos países e hoje o maior produtor da região, a Guatemala, é apenas o 8º do mundo, com 3,8 milhões de toneladas (o maior produtor mundial é a Índia, com 29 milhões de toneladas).

silvicultura:

cultivo de árvores para exploração da madeira.



Plantação de cana-de-açúcar, próximo às margens do rio Lempa, em Sinuapa (Honduras), em 2017. Organizações ambientais junto a municípios da Guatemala, Honduras e El Salvador unem esforços para reduzir a poluição do rio Lempa e o desmatamento na região.

VAMOS PESQUISAR: REPÚBLICA DE BANANAS

- O que significa o termo “república de bananas”?

Pesquise em livros, jornais, revistas e sites jornalísticos o significado da expressão “república de bananas” considerando tanto a conotação econômica quanto a política. Ao final escreva um texto respondendo à pergunta proposta.

Vamos pesquisar

A análise dos aspectos políticos e socioeconômicos dos países centro-americanos mobiliza a habilidade **EF08GE20**.

Inicialmente as “repúblicas de bananas” eram os países tropicais produtores de bananas e dependentes da renda de empresas americanas. A expressão ganhou um significado mais amplo, sendo usada para fazer referência a países cujas instituições governamentais são fracas e corruptas. Além disso, nesses países as empresas estrangeiras têm o poder de influir nas decisões nacionais.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para trabalhar a sequência didática sobre paisagens da América Central e a produção de frutas tropicais.

Orientações didáticas

O estudo das características produtivas da América Central contribui com o desenvolvimento da habilidade **EF08GE24**.

Sobre a “república das bananas”, leia o texto a seguir.

Republica bananera: la United Fruit Company

A história do cultivo de bananas na América Central está intimamente ligada à história da política na área de 1880 a 1970. Antes de 1870, as bananas eram desconhecidas nos Estados Unidos. As primeiras bananas foram importadas em 1870 e 28 anos depois, os estadunidenses consumiam 16 milhões de cachos por ano. A história começa em 1871 com a construção de uma ferrovia na Costa Rica por Keith Minor, um industrial de 23 anos do Brooklyn. [...]

Enquanto Keith construía a ferrovia na Costa Rica, planejava algo muito maior. Conforme a construção progrediu, ele plantou bananas nas terras ao lado dos trilhos. As bananas floresceram e, com a ferrovia concluída, foi possível transportá-las para os mercados dos Estados Unidos e da Europa. [...]

Keith, em seguida, fez uma parceria com um marinheiro de Cape Cod, o capitão Lorenzo Baker e um empresário de Boston, Andrew Preston. Juntos, levantaram o dinheiro para fundar a Boston Fruit Company. Em 1899, a Boston Fruit Company e a United Fruit Company (UFCO) se fundiram para formar a maior empresa de banana do mundo, com plantações na Colômbia, Costa Rica, Cuba, Jamaica, Nicarágua, Panamá e Santo Domingo. [...]

O conceito de “república bananera” foi exemplificado pelas condições da Guatemala de 1920 a 1944. O governo trabalhou estreitamente com o UFCO para manter uma estrutura social altamente estratificada e, assim, proporcionar uma fonte abundante de mão de obra barata. A UFCO não criou essa estrutura social, mas trabalhou para expandi-la e perpetuá-la. [...]

MIT – Massachusetts Institute of Technology. *Republica bananera: la United Fruit Company*. Disponível em: <<http://web.mit.edu/course/21/21/704/UnitedFruit/UnitedFruit.html>>. Acesso em: 14 out. 2018. (Tradução dos autores).

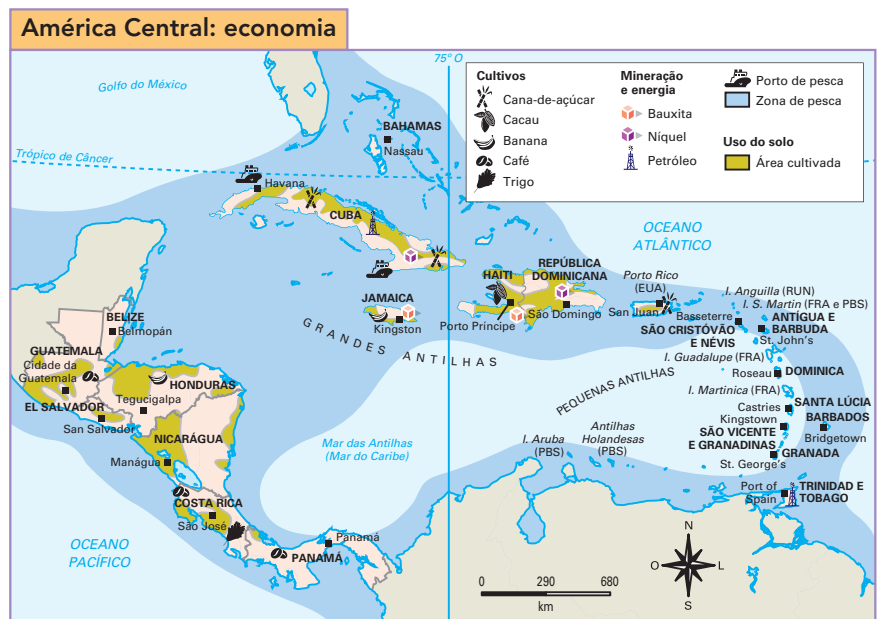
Orientações didáticas

Peça aos alunos que observem a foto e em seguida localize Trinidad e Tobago no mapa “América Central: economia”, que mostra as atividades econômicas desse subcontinente. Peça que identifiquem outros países produtores de petróleo na América Central, lembrando que se trata de uma produção muito pequena em comparação aos grandes produtores da América Latina, como Brasil, México e Venezuela. Peça a eles que observem também a distribuição da mineração e da agricultura nesse subcontinente.

Poucos países do subcontinente exploram recursos minerais, pois são escassos. No entanto, a bauxita é um dos principais produtos da economia jamaicana. Em 2016, o país foi o sexto produtor com uma participação de 3,2% do total mundial. Há também pequena produção de petróleo em Trinidad e Tobago e Cuba. Em 2016, eles extraíram, respectivamente, 71,9 mil barris/dia e 45,6 mil barris/dia.

As poucas indústrias existentes na América Central começaram a ser instaladas somente na segunda metade do século XX. Predominam indústrias leves, como processadoras de alimentos, fábricas de bebidas, vestuário e açúcar, mas há algumas indústrias pesadas, como de produção de aço e cimento e de refino de petróleo, principalmente em Cuba e em Trinidad e Tobago.

Observe, no mapa a seguir, a distribuição de algumas das principais atividades econômicas da América Central.



Instalações de refinaria de petróleo, operada pela estatal de Trinidad e Tobago, em Pointe-à-Pierre, em 2018.



A importância dos serviços

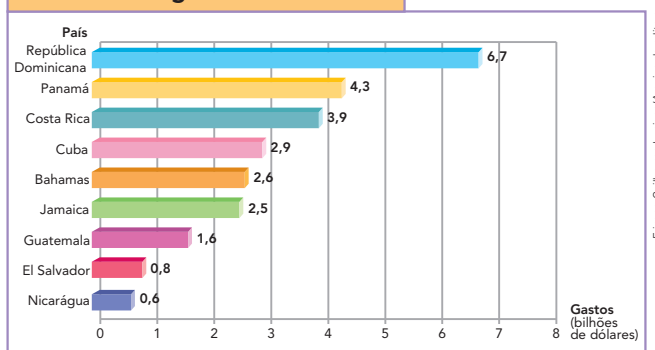
As atividades terciárias (comércio e serviços) são as que mais contribuem para o PIB dos países da América Central, como vimos no mapa da página 208, e também as que mais utilizam mão de obra.

De todas as atividades terciárias desenvolvidas na América Central, o turismo internacional merece destaque. Em vários países centro-americanos essa atividade é uma importante fonte de renda e de geração de empregos. Em 2016, todos os países da região somados receberam 25 milhões de turistas, que gastaram cerca de 30 bilhões de dólares. Observe no gráfico os gastos dos visitantes em alguns países da América Central. A maioria dos turistas provém dos Estados Unidos e, em geral, escolhem Bahamas, Costa Rica e Panamá como destino – eles têm dificuldade para visitar Cuba em virtude das restrições impostas pelo governo Trump. Os países da América Central atraem também muitos canadenses, mexicanos, sul-americanos, europeus e asiáticos.

Como vimos no capítulo 4, a organização do turismo envolve ampla infraestrutura nos setores de transportes (aeroportos, rodovias, portos, empresas de navegação e cruzeiros marítimos, deslocamento terrestre em ônibus e vans), hotelaria, restaurantes, cassinos, guias turísticos, venda de artesanato, entre outras atividades.

Grande parte dos investimentos necessários ao desenvolvimento do turismo é realizada por empresas de países desenvolvidos. Grupos espanhóis e canadenses atuam em Cuba; empresas estadunidenses, inglesas, francesas e holandesas estão presentes na Jamaica, em Costa Rica, nas Bahamas e nas Pequenas Antilhas. Essas empresas constroem luxuosos *resorts*, hotéis, cassinos e restaurantes, além de financiar a construção de portos, aeroportos, rodovias, entre outras obras.

América Central: países onde os turistas mais gastam – 2016



Fonte: elaborado com base em WORLD TOURISM ORGANIZATION. UNWTO *Tourism Highlights*, 2017 Edition. Madrid, 2017. Disponível em: <www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419029>. Acesso em: 22 ago. 2018.

Ericson Guilherme Luciano/Arquivo da editora

Jane Sweeney/Getty Images

Resort em Morris Bay (Antígua e Barbuda), na América Central Insular, em 2016.

211

Orientações didáticas

Comente com os alunos que em 2016 o país que mais recebeu turistas na América Central foi a República Dominicana, seguida por Cuba e Costa Rica. Embora Cuba tenha recebido mais turistas que Panamá e Costa Rica, nesses dois últimos, porém, predominaram turistas estadunidenses com maior poder aquisitivo.

O texto a seguir trata da crise política enfrentada pela Nicarágua e seus impactos na economia, sobretudo no turismo. Se considerar conveniente, discuta essa crise com os alunos.

Cinco meses de crise política arrasam economia da Nicarágua

A economia da Nicarágua foi devastada por quase cinco meses de distúrbios desencadeados por uma reforma da previdência que resultou em protestos pela renúncia do presidente Daniel Ortega [...]. De acordo com economistas, 200 mil empregos foram perdidos – 70 mil no setor de turismo, que, nos últimos dois anos havia se transformado na principal fonte de divisas do país. [...] A União dos Produtores Agropecuários da Nicarágua informou que mais de 4855 hectares de terras particulares foram ocupadas por partidários do governo ou confiscados em retaliação pelo seu apoio aos manifestantes, segundo afirmam líderes do setor. [...] O governo qualificou os manifestantes como terroristas e afirmou ter derrotado uma tentativa de tirar Ortega do cargo patrocinada pelo governo dos EUA e pela oposição, incluindo empresários.

Um fator importante foi que os países de onde vêm os turistas com alto poder aquisitivo – EUA, Canadá, Espanha e Grã-Bretanha – emitiram alertas pedindo a seus cidadãos para evitarem viagens à Nicarágua. [...]

ESTADÃO. Cinco meses de crise política arrasam economia da Nicarágua. *Gazeta do Povo*, 13 set. 2018. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br/mundo/cinco-meses-de-crise-politica-arrasam-economia-da-nicaragua-0v8keq94stp4od3mbclptkq0p/>. Acesso em: 14 out. 2018.

I Orientações didáticas

Discuta com os alunos o significado de paraísos fiscais e de “lavagem de dinheiro”. Peça que leiam a seção **O que é?** e o glossário. O texto a seguir traz mais informações sobre os paraísos fiscais.

Receita Federal retira 3 localidades da lista de paraísos fiscais

A Receita Federal publicou hoje [26 de dezembro de 2017] no Diário Oficial da União a instrução normativa 1773 de 2017, que atualiza a lista de localidades consideradas paraísos fiscais pelo Brasil. Foram retiradas da relação 3 localidades: Costa Rica, Ilha da Madeira (Portugal) e Cingapura.

No entanto, os regimes especiais de tributação desses países foram qualificados pela Receita Federal como privilegiados.

A lista foi criada em 2010, por meio da instrução normativa 1037, e vem sendo atualizada anualmente conforme os países vão atualizando suas regras e regimes fiscais. São considerados paraísos fiscais para a Receita Federal, lugares que tributam a renda em alíquota máxima menor que 20% ou que não tenham regras de transparência quanto à titularidade ou composição societária de pessoas jurídicas.

Investidores com aplicações em paraísos fiscais precisam pagar impostos sobre ativos de renda fixa (títulos) e variável (ações e fundos de investimentos). Os demais investidores estrangeiros são isentos de Imposto de Renda no Brasil.

No caso dos regimes fiscais privilegiados, as empresas que enviam lucros para companhias do mesmo grupo nessas localidades são incluídas no regime de preços de transferência, com carga maior de Imposto de Renda e fiscalização mais rigorosa.

[...]

PODER 360. Receita Federal retira 3 localidades da lista de paraísos fiscais. 27 dez. 2017. Disponível em: <www.poder360.com.br/internacional/receita-federal-retira-3-localidades-da-lista-de-paraissos-fiscais/>. Acesso em: 14 out. 2018.

O QUE É ?

Segundo a Receita Federal do Brasil, **paraísos fiscais** são países ou protetorados que não cobram imposto de renda ou que cobram uma alíquota reduzida (menos de 20%) ou cuja legislação interna não permite acesso a informações sobre a composição societária das empresas *offshore* ali constituídas ou o nome de seus sócios. De acordo com a Receita Federal, em 2016 havia 65 paraísos fiscais no mundo, 21 deles na América Central (32% do total mundial).

“lavagem” de dinheiro: qualquer artifício utilizado para legalizar dinheiro obtido ilegalmente por corrupção ou qualquer outra ação criminosa (sequestros, assaltos, tráfico de drogas, etc.).

Agência de rede bancária de investimentos no Caribe, em Providenciales, Ilhas Turcas e Caicos, em 2017.

A marca aparece com fins didáticos.

Finanças: paraísos fiscais

Outro destaque da América Central são os **paraísos fiscais**, que englobam diversas atividades de prestação de serviços financeiros. Os principais são: Ilhas Cayman, Ilhas Virgens Britânicas, Panamá, Costa Rica, Bahamas e Barbados. As autoridades desses países ou protetorados facilitam a constituição de empresas por estrangeiros, conhecidas como empresas *offshore*, que se aproveitam da isenção de impostos, do sigilo bancário e societário, das facilidades burocráticas e da livre circulação de capital. Por isso, são muito procurados por empresas ou pessoas que querem deixar seu dinheiro aplicado pagando impostos menores do que os cobrados em seus países de origem.

A operação é permitida por lei. No entanto, os paraísos fiscais também são usados para ocultação e **“lavagem” de dinheiro** proveniente de atividades ilegais, como tráfico de drogas e de armas, corrupção e desvio de dinheiro público.

Para combater as atividades ilegais, muitos países têm pressionado os governantes de territórios que são considerados paraísos fiscais para que cooperem com as ações contra a sonegação de impostos, a corrupção e a “lavagem” de dinheiro. A imprensa também tem papel importante na investigação e divulgação de casos de uso ilícito de paraísos fiscais, como no que ficou conhecida como Panama Papers. Saiba mais na seção *Trocando ideias* a seguir.

ANNA BRYUKHANOVA/Getty Images



Leia o texto a seguir, que explica o que é a investigação conhecida como Panama Papers. Depois, faça o que é proposto.

O que é o Panama Papers?

Panama Papers é uma grande investigação jornalística global conduzida pelo ICIJ (sigla em inglês para Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos) sobre a indústria de empresas *offshore*, um modelo de negócio que, se usado de forma mal-intencionada e ilícita, permite dificultar o rastreamento do dinheiro e de seus donos.

O modelo é muito utilizado para esconder a origem de grandes montantes de dinheiro que são usados para atividades ilícitas.

O que é uma empresa *Offshore*?

Empresas que se utilizam do modelo *offshore* são abertas no exterior, legalmente, como forma de investimento em bens e ativos no exterior. Se declaradas legalmente no imposto de renda, não há problema algum e é uma operação legal, sendo uma ótima opção de investimento para grandes empresários.

No entanto, esse tipo de empresa é também utilizado de forma ilegal, não sendo declarada devidamente no imposto de renda, visando burlar a fiscalização, sonegar impostos, acobertar o real dono do dinheiro e ficar fora do radar das autoridades do seu país de origem, e permitindo que seus reais donos encubram seus negócios.

O principal propósito para abrir uma *offshore* ilegalmente é para esconder a origem de dinheiro que é usado para pagamento de propina ou até mesmo em casos relacionados com tráfico de drogas. Normalmente, *offshores* ilegais são abertas em paraísos fiscais, ou seja, países com baixos impostos, ou nenhum.

The Panama Papers – 11,5 milhões de documentos confidenciais vazados

O grupo de jornalistas que lideram a investigação tiveram acesso a 11,5 milhões de documentos confidenciais vinculados ao escritório de advocacia panamenho chamado Mossack Fonseca. Mais de 370 jornalistas de mais de 100 empresas de notícias de várias partes do mundo, incluindo o Brasil, estudaram e analisaram meticulosamente todos esses documentos, o que tornou o Panama Papers uma das maiores investigações de corrupção e lavagem de dinheiro da história.

O vazamento dos documentos confidenciais é em nível global e abrange roubo de ouro na Inglaterra, lavagem de dinheiro na política do Brasil com forte ligação à operação Lava Jato, acusações de suborno da FIFA, a organização que gerencia o futebol no mundo e vários outros casos de corrupção.

PANAMA Papers. Panama Papers: tudo sobre o caso.
Disponível em: <<http://panamapapers.com.br>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

- Agora, reflita sobre as seguintes questões: O que foi o Panama Papers? Em sua opinião, esse tipo de investigação é importante? Por quê? Exponha sua conclusão para os colegas e ouça a opinião deles.

Trocando ideias

Ao responder às questões, verifique se todos compreenderam que Panama Papers foi uma grande investigação jornalística sobre empresas *offshore* instaladas em paraísos fiscais que, utilizadas de forma mal-intencionada, podem servir para esconder dinheiro de atividades ilícitas. Destaque para os alunos que o consórcio era composto de mais de 370 jornalistas de mais de cem grupos de mídia de vários países, incluindo o Brasil. Eles tiveram acesso a 11,5 milhões de documentos confidenciais vinculados ao escritório de advocacia panamenho chamado Mossack Fonseca. Os jornalistas analisaram todos esses documentos, o que tornou o Panama Papers uma das maiores investigações de corrupção e lavagem de dinheiro da história. Com isso, espera-se que os alunos compreendam que essa apuração é muito importante porque pode contribuir para o maior controle das atividades ilícitas no mundo, facilitando o combate à corrupção e à lavagem de dinheiro.

NA REDE

Panama Papers: palestra de Gerard Ryle

O jornalista Gerard Ryle, diretor do Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos, revela as descobertas do Panama Papers. Disponível em: <www.ted.com/talks/gerard_ryle_how_the_panama_papers_journalists_broke_the_biggest_leak_in_history#t-1797>. Acesso em: 22 ago. 2018.

Orientações didáticas

Este conteúdo, ao tratar da importância dos dois blocos econômicos regionais da América Central (Mercado Comum Centro-Americano e Comunidade do Caribe), contribui com o desenvolvimento da habilidade EF08GE12.

Caso julgue adequado, fale com os alunos sobre o Sistema da Integração Centro-Americana. Esse bloco, fundado em 1991 e composto de Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá e República Dominicana, é muito semelhante à Unasul, na América do Sul, pois tem propósitos de integração bem mais amplos, que extrapolam apenas o campo comercial, como acontece com os blocos regionais tradicionais.

Sugestões de aprofundamento

Caso queira obter mais informações sobre a Comunidade do Caribe, seus países-membros e objetivos, consulte o *site* (em inglês e espanhol) da Caricom.

Disponível em: <www.caricom.org>. Acesso em: 14 out. 2018.

Para obter mais informações sobre o Mercado Comum Centro-Americano, consulte a tese “Ensaio de economia internacional e integração: caso do Mercado Comum da América Central (MCCA)”, defendida em 2015 na Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS.

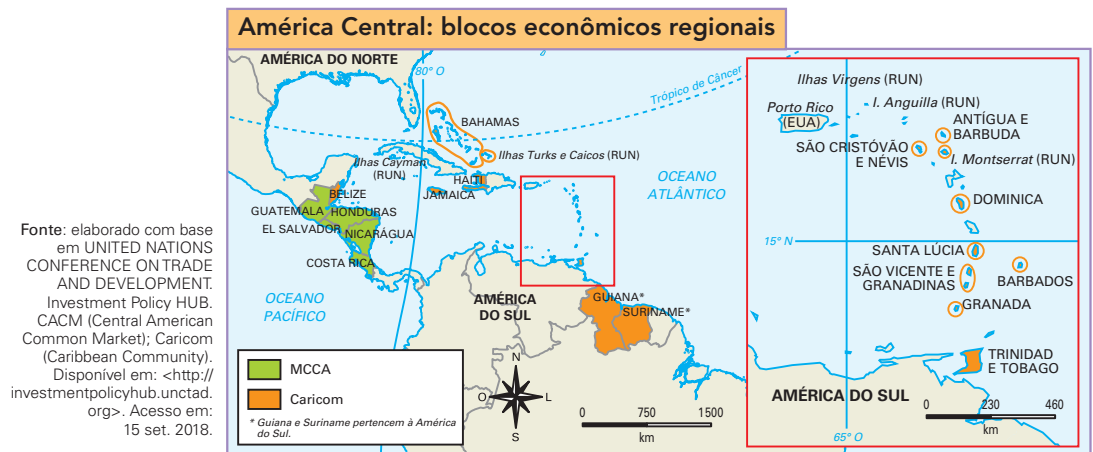
Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/132943>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Caso queira saber mais sobre o Sistema da Integração Centro-Americana (Sica), acesse o *site* (em espanhol e inglês).

Disponível em: <www.sica.int/sica/sica_breve.aspx>. Acesso em: 14 out. 2018.

Blocos econômicos regionais

A integração econômica dos países centro-americanos já é antiga, se comparada à de outros blocos da América. No subcontinente existem dois blocos, ambos criados para facilitar a integração econômica e as trocas comerciais entre os membros e com outros países. Observe no mapa os países que integram o Mercado Comum Centro-Americano e a Comunidade do Caribe.



Cerimônia de abertura da 29ª Reunião Intersessional dos Chefes de Governo do Caricom em Porto Príncipe (Haiti), em 2018.



Mercado Comum Centro-Americano (MCCA)

O MCCA é o maior e o mais antigo bloco centro-americano. É formado por Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua. Criado em 1961, com a assinatura do Tratado de Integração Centro-Americana, tem como objetivo facilitar o comércio entre seus países-membros.

Embora exista a pretensão de avançar para o estágio de mercado comum (como o próprio nome dos blocos indica), na prática, o MCCA ainda funciona como uma zona de livre-comércio.

Comunidade do Caribe

A Caricom (a sigla vem do inglês Caribbean Community) foi criada em 1973. É um bloco de cooperação econômica e política formado por 15 países da região insular da América Central, conforme mostra o mapa acima.

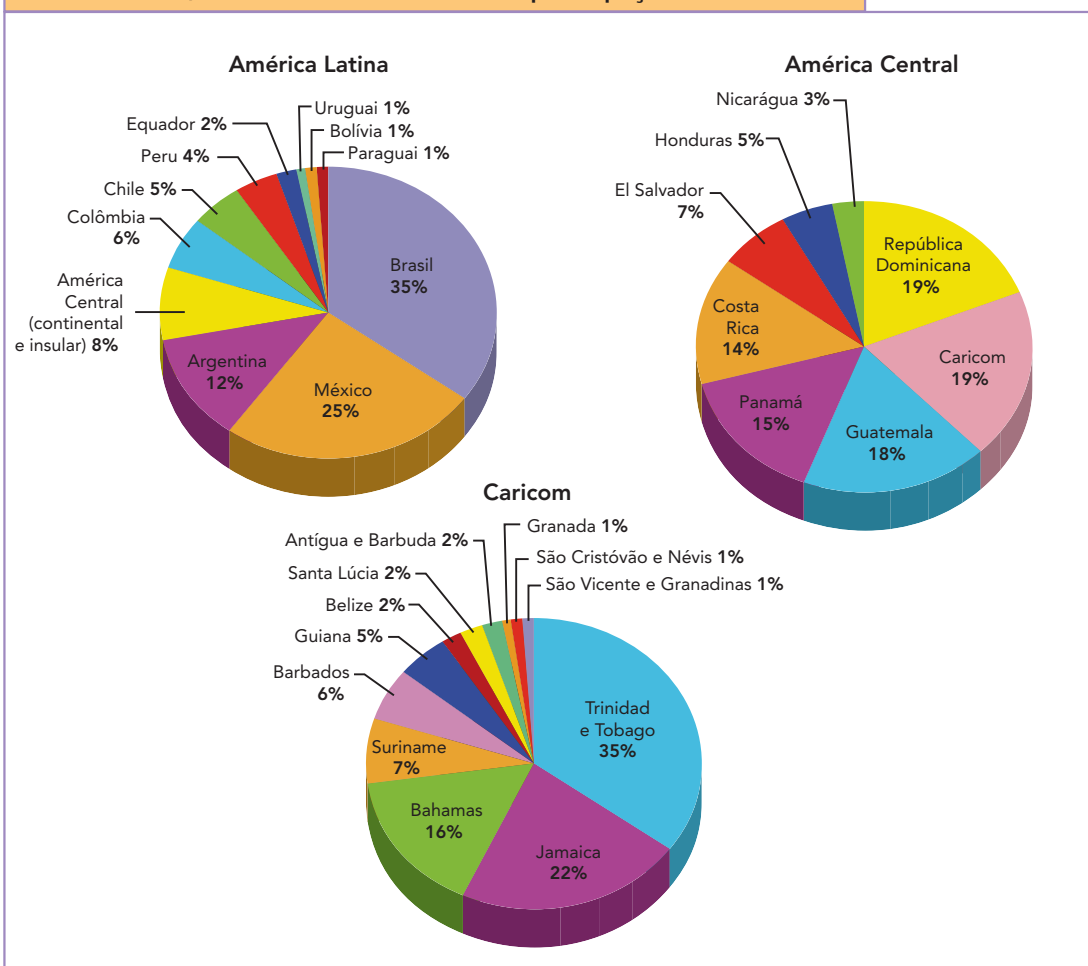
É um bloco muito pequeno com uma população de apenas 16 milhões de habitantes. Se a participação das economias da América Central (continental e insular) no PIB da América Latina já é pequena, a participação do Caricom é menor ainda.

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

1. Com base no que foi estudado no capítulo, faça uma breve síntese das atividades econômicas mais importantes desenvolvidas na América Central.
2. Analise os gráficos abaixo e depois responda às perguntas propostas.

América Latina, América Central e Caricom: participação no PIB* – 2016



Fonte: elaborado com base em UN ECLAC Database. In: CHANDLER, Natalie. *The Caribbean and Latin America, GDP 2016*. DeLisle Worrell & Associates, jul. 2018. Disponível em: <<http://delisleworrell.com/The%20Caribbean%20and%20Latin%20America%2C%20GDP%202016>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

* Não há dados para Venezuela, Cuba e Haiti, o que distorce um pouco a representatividade dos países, mas permite uma visão aproximada.

- a) Quais são as duas maiores economias da América Latina? Qual é a participação do Brasil?
- b) Qual é a participação das economias da América Central no PIB da América Latina?
- c) Qual é a participação das economias do Caricom no PIB da América Central?
- d) A que conclusão você chega ao analisar a situação da América Central nesses gráficos?

CAPÍTULO 15 • Economia da América Central | 215

Consolidando conhecimentos

1. Em todos os países da América Central (com exceção do Haiti), o setor terciário é o que mais contribui para a formação do PIB e o que mais emprega mão de obra. Entre as atividades desse setor, em países como República Dominicana, Cuba, Costa Rica, Jamaica e Panamá, a mais importante é o turismo. Em outros, como Nicarágua, Honduras, Guatemala e El Salvador, as atividades agrícolas ainda são muito importantes. A indústria é a atividade menos desenvolvida, com destaque para Cuba e Trinidad e Tobago, com extração e refino de petróleo.
2. Esta atividade, ao analisar por meio de gráficos setoriais a participação dos países do Caricom e da América Central no PIB da América Latina, mobiliza a **CEGeo4**.
 - a) Brasil e México são as duas maiores economias da América Latina: juntos, são responsáveis por 60% do PIB da região. O Brasil é a maior economia, com participação de 35% do total regional.
 - b) As economias da América Central participam com 8% do PIB da América Latina.
 - c) As economias do Caricom participam com 19% do PIB da América Central.
 - d) Os alunos devem concluir que as economias da América Central são pequenas em comparação com as dos grandes países da América do Sul, com destaque para o Brasil, e com a do México, o único país da América do Norte que também pertence à América Latina. Dentro da América Central o Caricom é menor ainda porque é composto de pequenas economias dos países insulares.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para aplicar a avaliação do 3º bimestre e utilizar a ficha de acompanhamento de aprendizagem dos alunos.

Lendo textos

A análise da situação do Haiti pós-terremoto de 2010 contribui com o desenvolvimento da habilidade **EF08GE23** e das competências **CG1**, **CCH3** e **CEGeo1**.

Uma possibilidade de encaixar o trabalho de interpretação dos textos é pedir que, inicialmente, os alunos façam a leitura individual e silenciosa para que depois a turma possa conversar sobre o que entendeu. Nesse momento, é interessante abrir espaço para que os alunos tirem dúvidas. Se julgar adequado, proponha a eles que leiam as matérias jornalísticas na íntegra, disponíveis nos endereços indicados nas respectivas fontes.

Se possível, mostre aos alunos um vídeo das Nações Unidas feito no dia em que o terremoto de 2010 no Haiti completou cinco anos. Entre os entrevistados está o militar brasileiro Ricardo Couto, que participava da Missão de Paz da ONU e testemunhou a tragédia. Leia a seguir o depoimento dele [o link para acesso está na fonte do texto abaixo].

O policial Ricardo Couto, que participa novamente da Missão de Paz, estava no Haiti em 12 de janeiro de 2010. Além de sobrevivente, ele foi um dos milhares de brasileiros que ajudaram no resgate.

“Depois que recebemos o alerta, imediatamente começamos o resgate. Os próprios haitianos viram que teriam que se ajudar naquele momento. Nós não tínhamos a força humana para ajudar naquele tipo de resgate. Vimos a força de vontade deles. Esse evento foi de extrema importância para unir o povo haitiano”, contou em entrevista exclusiva ao Centro de Informação da ONU para o Brasil (UNIC Rio) o pernambucano que soma duas participações na Missão de Paz da ONU.

ONU BR. Cinco anos depois do terremoto que destruiu o Haiti, ONU continua apoiando reconstrução do país. 12 jan. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/exclusivo-cinco-anos-depois-do-terremoto-que-destruiu-o-haiti-onu-continua-apoiando-reconstrucao-do-pais>>. Acesso em: 14 out. 2018.

LENDO TEXTOS

O Haiti

O QUE É ?

A **escala Richter** expressa a magnitude da energia liberada por um terremoto com base na amplitude das ondas sísmicas que se propagam a partir do local onde ele se originou e é registrada por aparelhos chamados **sismógrafos**.

Ao longo de sua história recente o Haiti vem sofrendo com uma série de catástrofes naturais, como furacões e terremotos, que provocaram destruição e fizeram muitas vítimas. No entanto, não se deve responsabilizar apenas a natureza pelos problemas socioeconômicos que o país enfrenta. Leia o primeiro texto, que relata o terremoto ocorrido no Haiti em 2010 (que atingiu 7 graus na **escala Richter**) e observe, novamente na página 191, a localização do país no mapa de placas tectônicas. Depois, leia o segundo texto, que descreve a situação do país sete anos após esse evento sísmico. Antes de realizar a atividade proposta, reveja a posição do Haiti na tabela de IDH na página 202.

Terremoto no Haiti é o maior desastre que a ONU já enfrentou, diz porta-voz

O violento terremoto de terça-feira [12 de janeiro de 2010] no Haiti, que deixou um balanço parcial de 50 mil mortos, é o maior desastre que a ONU já enfrentou em sua história, pois destruiu as estruturas locais, afirmou neste sábado (16) a porta-voz do Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários.

“É um desastre histórico”, explicou a porta-voz Elisabeth Byrs em Genebra. “Estamos em um país decapitado, sem estruturas políticas ou governamentais nas quais possamos nos apoiar para levar adiante os trabalhos de ajuda e resgate”, acrescentou.

A porta-voz assegurou que nem mesmo o *tsunami* que atingiu a ilha indonésia de Sumatra e outros países do Sudeste Asiático em dezembro de 2004, deixando mais de 300 000 mortos, provocou tanto caos.

“Nunca antes na história das Nações Unidas enfrentamos um desastre deste tamanho. Não é comparável a nenhum outro”, completou, ao destacar que, ao contrário do *tsunami* de 2004 na Indonésia, no Haiti restaram poucas estruturas locais para canalizar a ajuda estrangeira. [...]

A ONU, que é responsável por coordenar a ajuda humanitária no local após o terremoto de 7 graus que devastou a capital Porto Príncipe na terça-feira, afirma enfrentar “um desafio logístico maior”.

Do G1, com agências internacionais. Terremoto no Haiti é o maior desastre que a ONU já enfrentou, diz porta-voz. 16 jan. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1450227-5602,00-TERREMOTO+NO+HAITI+E+O+MAIOR+DESASTRE+QUE+A+ONU+JA+ENFRENTOU+DIZ+PORTAVOZ.html>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

Após 7 anos, Haiti ainda tenta se recuperar de terremoto

Mesmo após sete anos da tragédia, o Haiti ainda enfrenta inúmeros problemas causados pelo terremoto que devastou o país em 12 de janeiro de 2010. Milhares de pessoas ainda estão desabrigadas, vivendo em condições precárias e enfrentando surtos de doenças.

Após o sismo de 7 graus na escala Richter registrado às 16h53 do dia 12, ao menos 230 mil pessoas morreram, outras 300 mil ficaram feridas e mais de 1,5 milhão de haitianos perderam suas casas. Desde a capital, Porto Príncipe, até em cidades menores, houve devastação em larga escala. As informações são da agência de notícias Ansa. [...]

Diversas instituições e governos anunciaram que enviariam diversos tipos de ajuda que, mesmo constantes, não foram suficientes para dar condições dignas de vida a todos aqueles que foram afetados pelo tremor.

216 | UNIDADE 6 • América Central

Sugestão de aprofundamento

Para saber mais sobre escala Richter, ondas sísmicas, sismógrafos, etc., consulte o *site* do Instituto de Física da UFRGS. Disponível em: <www.if.ufrgs.br/mpef/mef004/20021/Marcelo/richter-escala>. Acesso em: 14 out. 2018.

Uma das instituições que ajuda o povo haitiano há sete anos é a Caritas Italia, entidade gerida pela Igreja Católica, e que divulgou um relatório sobre a pobreza no mundo que tem como foco o Haiti.

Segundo a instituição, “até agora foram financiados 250 projetos de solidariedade, num montante de quase 24 milhões de euros e em diversos âmbitos”.

Além de tentar se recuperar do terremoto de 2010, o Haiti enfrentou outra catástrofe climática em 2016. Em outubro, a passagem do furacão Matthew matou mais de mil pessoas e afetou mais de dois milhões, segundo dados das Nações Unidas.

EBC AGÊNCIA BRASIL. Após 7 anos, Haiti ainda tenta se recuperar de terremoto. Brasília, 12 jan. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-01/apos-7-anos-haiti-ainda-tenta-se-recuperar-de-terremoto>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

Interpretando textos

1. Produza um pequeno texto dissertativo sobre a situação do Haiti.

Utilize as informações das matérias jornalísticas lidas e, caso considere necessário, pesquise em outras fontes, disponíveis na internet, por exemplo.

As questões abaixo servem de roteiro para a sua produção, mas você pode acrescentar o que considerar importante. Dê um título ao seu texto.

- Onde se localiza o Haiti? Por que o país é tão sujeito a grandes terremotos?
- Por que a porta-voz da ONU se refere ao terremoto do Haiti como o maior desastre que a organização já enfrentou?
- Por que sete anos depois o Haiti ainda não havia se recuperado do terremoto?
- Quais são as possíveis soluções para os problemas enfrentados pelo Haiti?

Favela em Porto Príncipe, capital do Haiti, nas proximidades do Mercado de Ferro, em 2017. Após o grande terremoto de 2010, seguido de constantes tempestades tropicais e furacões, o Haiti passa por uma grande crise humanitária.

Rafal Cichawa/Shutterstock



CAPÍTULO 15 • Economia da América Central | 217

Lendo textos

- a) O Haiti é uma ilha situada no mar do Caribe, numa zona da crosta terrestre na qual há o encontro das placas tectônicas do Caribe e Norte-Americana, portanto numa região tectonicamente muito instável e sujeita a terremotos de elevada magnitude, como o que ocorreu em 2010, com 7 graus na escala Richter.

b) Porque ele destruiu todas as estruturas locais, tanto a infraestrutura física como as estruturas políticas e governamentais, o que dificultou a canalização de ajuda humanitária e de resgate. O terremoto foi ainda bem pior do que as avaliações iniciais. O primeiro texto, de 2010, em um balanço parcial, cita 50 mil mortos; no entanto, dados consolidados, como aparecem no texto de 2017, apuraram 230 mil mortos.

c) Sete anos depois do desastre o Haiti ainda não havia se recuperado do terremoto por ser o país menos desenvolvido das Américas, apresentar o pior IDH e não ter recursos suficientes para reconstruir sua infraestrutura. Em grande medida o país vive de ajuda internacional, tanto das agências da ONU, como de organizações humanitárias, mas isso é insuficiente. Além disso, sua precária infraestrutura ainda sofre com a passagem de furacões, como o Matthew, que atingiu o país em 2016, provocando ainda mais destruição e matando mais de mil pessoas.

d) Espera-se que os alunos compreendam a necessidade de a comunidade internacional assumir o compromisso de ajudar o Haiti, para que o país se desenvolva e possa se recuperar, voltar a crescer e gerar empregos para sua população. É importante também que os países, entre os quais o Brasil, recebam e integrem os migrantes haitianos que deixaram seu país em busca de melhores condições de vida.

Objetivos da Unidade

Ao final desta unidade, espera-se que os alunos sejam capazes de:

- identificar que no relevo da América do Norte destacam-se grandes cadeias montanhosas, planícies e planaltos;
- conhecer os grandes rios da América do Norte e seus usos: hidrovias e geração de energia hidrelétrica;
- entender que a variedade de clima e vegetação da América do Norte deve-se à sua grande extensão latitudinal, à variação de altitude e à influência dos oceanos;
- identificar as principais formações vegetais do subcontinente;
- identificar as diferenças na densidade de ocupação humana da América do Norte;
- reconhecer o subcontinente como concentrador de aglomerações urbanas;
- comparar os indicadores sociais do Canadá e dos Estados Unidos com os do México;
- conhecer a composição étnica da população da América do Norte;
- relacionar as dificuldades sociais que a população mexicana enfrenta com o alto índice de emigração para os Estados Unidos;
- conhecer movimentos de resistência à opressão dos negros nos Estados Unidos;
- perceber que na economia do subcontinente destacam-se os Estados Unidos, a maior potência e a mais industrializada;
- saber que os três países da América do Norte formaram um bloco econômico, o Nafta;
- entender os motivos que levam os Estados Unidos a ter forte presença na indústria mexicana, por meio das maquiladoras;
- conhecer a distribuição das atividades econômicas pela América do Norte;
- conhecer o emprego da PEA pelos setores da economia estadunidense, além de reconhecer como se dá a produção de riqueza no subcontinente.

UNIDADE

7

AMÉRICA DO NORTE



Competências da BNCC mobilizadas na Unidade

Competências Gerais (CG)

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da

diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Competências de Ciências Humanas (CCH)

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e

A América do Norte é formada por três países: Canadá, Estados Unidos e México. Nesta unidade vamos estudar os aspectos naturais, sociais e econômicos desses países. Para começar, observe a fotografia e reflita: que característica marcante desse subcontinente a imagem revela?

Que outros tipos de paisagens da América do Norte você conhece? Que imagens já viu em filmes e programas de televisão que mais lhe chamaram a atenção?

Orientações didáticas

Levante o conhecimento prévio dos alunos sobre a América do Norte, subcontinente marcado pelas diferenças culturais entre os países. Além das perguntas propostas nesta abertura, pergunte a eles o que vem à mente quando pensam em América do Norte. É muito provável que alguns alunos entendam que se trata de um sinônimo de Estados Unidos.

Caso isso aconteça, é interessante lembrá-los as diferentes formas de regionalização da América, estudadas na Unidade 3, perguntando a eles: Como o México pode ser ao mesmo tempo parte da América do Norte e da América Latina?

Aproveite a imagem de abertura da unidade para iniciar uma conversa sobre um aspecto que chama muito a atenção na América do Norte: sua elevada taxa de urbanização – assunto que será analisado no capítulo 17. Nesse subcontinente encontram-se algumas das maiores cidades do mundo, como a Cidade do México (retratada na imagem), a maior da América do Norte. Verifique as hipóteses dos alunos sobre essa característica do subcontinente. Comente que, apesar disso, há muitas paisagens rurais e muitas paisagens ainda pouco transformadas pelo homem, como será visto nesta Unidade.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para consultar o plano de desenvolvimento do 4º bimestre.

Vista da Cidade do México, capital do México, em 2018.

219

- ▶ propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.

Competências Específicas de Geografia (CEGeo)

1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.
4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros tex-

tuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

Orientações didáticas

Explore com os alunos o mapa político da América do Norte e levante algumas questões para reflexão, como: Em relação ao tamanho do território, qual é a principal diferença entre a América do Norte e os outros dois subcontinentes da América estudados até aqui?

Os alunos devem perceber que a América do Norte é o maior dos três subcontinentes americanos (os números comparativos foram vistos no capítulo 6). Além disso, ela é composta de apenas três países independentes e protetorados do Reino Unido, da França e da Dinamarca. Questione novamente: Se há apenas três países na América do Norte, por que ela é a maior dos três subcontinentes? Os alunos deverão concluir que os países desse continente são muito extensos. De fato, o Canadá e os Estados Unidos são os dois maiores países americanos e, junto com o Brasil, o terceiro, estão entre os cinco países mais extensos do mundo. Destaque a presença de estados que pertencem aos Estados Unidos e que não fazem parte de seu território contíguo, conforme a proposta do boxe **Explorando o mapa**.

CAPÍTULO 16

Vamos tratar de:

- Panorama do subcontinente
- Relevo e hidrografia
- Clima e vegetação

América do Norte: aspectos físicos e ambientais

A América do Norte tem 24 milhões de km², o que corresponde a 16% das terras emersas do planeta. Em 2017, abrigava mais de 490 milhões de pessoas, ou 6,5% da população mundial, distribuídas em três países.

Como vimos em capítulos anteriores, o Canadá e os Estados Unidos são países desenvolvidos e compõem a América Anglo-Saxônica; o México faz parte do grupo de países emergentes e pertence à América Latina. Entretanto, desde 1994 a economia mexicana tem se integrado às outras duas por meio do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta, sigla em inglês; vamos estudá-lo no capítulo 18), especialmente à dos Estados Unidos, que, de longe, é a maior das três.

A América do Norte tem ainda três territórios: Groenlândia (Dinamarca), Bermudas (Reino Unido) e Saint-Pierre e Miquelon (França). Observe a localização deles no mapa a seguir.

EXPLORANDO O MAPA

Há dois estados que pertencem aos Estados Unidos e que não fazem parte de seu território contíguo. Quais são eles?

Alasca e Havai.

América do Norte: político



Fonte: elaborado com base em IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 6. ed. Rio de Janeiro, 2012. p. 37.

Relevo

Na América do Norte existem três grandes compartimentos de relevo: a oeste, grandes cadeias montanhosas, formadas por dobramentos recentes; no centro, planícies, de estrutura geológica sedimentar; e, a leste, os montes e as serras, formados por escudos cristalinos antigos. Identifique esses compartimentos no mapa abaixo.



EXPLORANDO O MAPA
 Há semelhanças entre o relevo da América do Norte e o relevo da América do Sul?

Sim, há grandes cadeias de montanhas a oeste, planaltos a leste e planícies no centro.

Orientações didáticas

Se considerar conveniente, seria interessante levar os alunos a estabelecer comparações também entre o relevo de um país da América do Norte, como os Estados Unidos, e o Brasil. Para isso, faça perguntas, como: Há semelhanças entre a estrutura geológica e o relevo desses dois países? Por que nos Estados Unidos ocorrem terremotos de elevada magnitude e no Brasil não? Mesmo nos Estados Unidos, os terremotos acontecem em todo o seu território?

Com esses questionamentos os alunos deverão perceber que há semelhanças entre o relevo dos Estados Unidos e do Brasil: há planícies ao centro e planaltos e montanhas antigas e desgastadas a leste. No entanto, no oeste dos Estados Unidos, onde há encontro de placas, há altas cordilheiras dobradas recentemente (no tempo geológico) e forte instabilidade tectônica. Já o Brasil está localizado no meio da placa sul-americana e seu território não chega até o litoral do Pacífico, onde há estruturas semelhantes ao oeste dos Estados Unidos. Portanto, no território brasileiro não há altas cordilheiras nem terremotos fortes. A comparação entre o relevo dos Estados Unidos e do Brasil pode ser um ponto de partida para a comparação proposta no boxe **Explorando o mapa** desta página e para o tema desenvolvido na página seguinte.

Fonte: elaborado com base em IBGE. Atlas geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 36.

Toda a extensão norte-sul do subcontinente norte-americano, banhada pelo oceano Pacífico, caracteriza-se pela presença de grandes cadeias montanhosas, que formam duas cordilheiras paralelas. No mapa acima essa área apresenta coloração em tons de laranja e marrom, o que indica altitudes acima de 1500 metros.

I Orientações didáticas

Ao responder às questões do boxe **Explorando o mapa**, espera-se que os alunos reconheçam, ao observar o mapa das placas tectônicas, que o oeste da América do Norte está sob influência de duas placas: a Placa do Pacífico e a Placa Norte-Americana.

Explique a eles que, diferentemente das placas que atuam na América do Sul, que são convergentes, isto é, se encontram, as placas que atuam na América do Norte são transformantes, ou seja, deslizam uma ao lado da outra. Esse movimento foi responsável pelo soerguimento das montanhas da costa oeste e deu origem às falhas geológicas, como a de San Andreas (em destaque na fotografia). Além disso, o movimento dessas placas causa os terremotos que ocorrem na região.

Como não se pode prever exatamente quando vai ocorrer um terremoto (e isso ocorre com certa frequência nessa porção do subcontinente), é importante treinar a população para saber como agir se isso de fato acontecer. Leia o texto a seguir, que trata do assunto.

Los Angeles realiza simulação para o “grande” terremoto

Não há dúvidas de que um grande terremoto irá atingir Los Angeles, a pergunta é quando. As autoridades realizaram nesta quinta-feira [19/10/2017] uma simulação, que ocorreu também em outras regiões do país.

“Hoje é uma simulação, amanhã pode ser real”, disse o prefeito Eric Garcetti.

E tanto pode ser que horas antes do terremoto de magnitude 7,1 graus que matou 369 pessoas no México em 19 de setembro foi realizada uma simulação.

“Quando um desastre natural acontece precisamos ter um plano. É hora de levarmos a sério, de ter um plano e colocá-lo em prática. Vimos as imagens do México [...], isso poderia ter acontecido conosco”, acrescentou o prefeito.

A falha de San Andreas, de 1 300 quilômetros, passa pela metrópole californiana, onde muitas pessoas não estão preparadas para o chamado “The Big One”.

A região oeste, porque está em uma zona da crosta onde há movimentação de placas tectônicas, dando origem a falhas, terremotos e atividades vulcânicas.



Fonte: elaborado com base em CHARLIER, Jacques (Dir.). *Atlas du 21^e siècle* 2012. Groningen: Wolters-Noordhoff; Paris: Éditions Nathan, 2014. p. 178.

EXPLORANDO O MAPA

Qual é a região geologicamente mais instável da América do Norte? Por quê?



Em 17 de janeiro de 1994, um sismo de magnitude 6,7 em Los Angeles deixou 57 mortos e mais de 8 700 feridos.

O exercício, que acontece pelo 10^o ano em todo 19 de outubro às 10 h 19 (15 h 19 de Brasília), simula um terremoto de magnitude 7,8, com uma estimativa de 1 800 mortos e US\$ 213 bilhões em perdas no sul da Califórnia. [...]

FRANCE-PRESSE. Los Angeles realiza simulação para o “grande” terremoto. *G1*, 19 out. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/los-angeles-realiza-simulacao-para-o-grande-terremoto.ghtml>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Hidrografia

Embora algumas regiões da América do Norte sejam desérticas e semiáridas, esse subcontinente apresenta grande disponibilidade hídrica. O rio mais longo do México é o rio Grande, que nasce nas montanhas Rochosas e limita boa parte da fronteira do país com os Estados Unidos. Por essa razão, muitos imigrantes clandestinos tentam atravessá-lo para chegar aos Estados Unidos, como veremos no próximo capítulo.

No Canadá, destaca-se o rio Mackenzie e os numerosos lagos de origem glacial, que se formaram pelo recuo das geleiras, ocorrido há milhares de anos. Dentre eles, destaca-se o conjunto de cinco lagos chamado Grandes Lagos, na fronteira com os Estados Unidos.

O rio São Lourenço é um importante rio da região de fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos. Em seu vale desenvolveu-se uma grande concentração urbana e industrial. Graças à construção de diversas eclusas, os Grandes Lagos e o rio São Lourenço são inteiramente navegáveis e, portanto, importantes para a economia do Canadá e dos Estados Unidos por possibilitarem o escoamento da produção de minério de ferro, carvão, produtos agrícolas e bens industriais.

Na porção oeste da América do Norte, onde estão as cadeias montanhosas, destaca-se o rio Colorado. Ele atravessa uma extensa bacia sedimentar, que ao longo de milhões de anos foi sendo erodida em seu vale e formou o Grand Canyon (em destaque na fotografia).

O rio Mississípi atravessa a planície central dos Estados Unidos, e sua bacia hidrográfica banha um terço do território do país. Ele nasce nas proximidades dos Grandes Lagos e corre para o sul, em direção ao golfo do México. É um rio quase inteiramente navegável e seus principais afluentes são o Missouri e o Ohio. Juntos, esses rios formam uma das maiores redes hidroviárias do mundo.

Em diversos rios da América do Norte, em trechos montanhosos e planálticos, o potencial hidráulico é aproveitado para a produção de energia hidrelétrica. A barragem Grand Coulee, no rio Columbia, abastece a maior hidrelétrica dos Estados Unidos e a sexta do planeta (veja o gráfico “Maiores usinas hidrelétricas do planeta – 2017”, na página 145).

Kate Mur/Shutterstock



Grand Canyon, Arizona (Estados Unidos), 2017.

■ Orientações didáticas

Explore a fotografia, destacando o papel erosivo do rio Colorado que deu origem ao Grand Canyon no planalto do Colorado, conforme destaca o texto a seguir.

Introdução às formações geológicas do Grand Canyon

O Grand Canyon é um espetáculo mundial da geologia. Somente tempo (bilhões e milhões de anos) e atividades geológicas (vulcanismo, regressão e avanço do mar e alteração de fluxos de rios) são necessários para criar (e explicar) [esse] espetáculo geológico.

Os estudos geológicos no Parque onde está situado o Grand Canyon começaram em 1858 com Newberry, e continuam até hoje, pois ainda há muitas hipóteses abertas. O Grand Canyon é uma excelente exibição de rochas distribuídas em camadas e com um valor histórico riquíssimo. As extensas esculturas dos planaltos permitem um estudo detalhado dos movimentos da Terra. Processos de erosão por rios e vulcanismo também são facilmente vistos e muito estudados. A origem e transformação da crosta nessa região é bem compreendida pelos geólogos.

O rio Colorado dominou, modelou e modificou o Grand Canyon em quatro platôs da Província do Colorado por milhões de anos. Neste local há uma grande área no sudoeste que é caracterizada por rochas sedimentares quase horizontais levantadas entre 5 e 13 mil pés acima do nível do mar. O clima árido do Planalto produziu muitas formas de erosão características, paredes de quilômetros de altura que exibem uma seção transversal da crosta terrestre que se estende por cerca de dois bilhões de anos adentro da história de nosso planeta e de nossa crosta.

[...]

NET NATURE. Geologia básica do Grand Canyon. *Worldpress.com*, 10 mar. 2015. Disponível em: <<https://netnature.wordpress.com/2015/03/10/geologia-basica-do-grand-canyon/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Orientações didáticas

Explore o mapa e os climogramas com os alunos, perguntando sobre a influência do fator latitude nos climas da América do Norte. Oriente-os a observar no mapa que esse subcontinente ocupa áreas das zonas intertropical, temperada e polar do planeta.

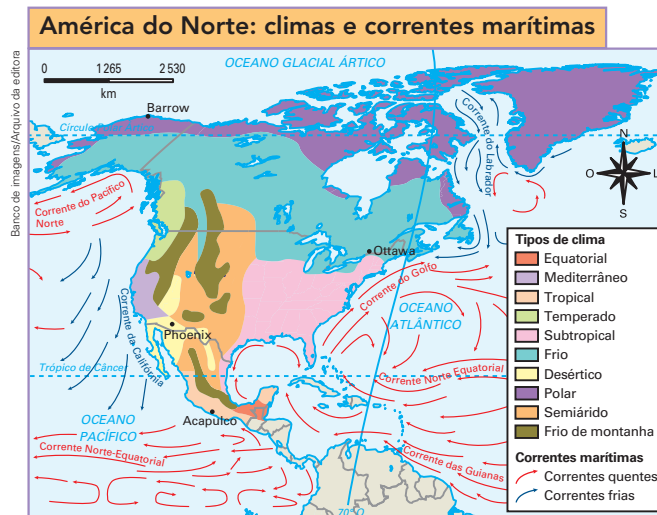
O fator latitude é um dos mais importantes para explicar a diversidade climática da América do Norte. Explore também a influência das correntes marítimas quentes (amenizando as temperaturas médias) e frias (baixando as temperaturas médias). É importante lembrar, ainda, da ação das massas de ar: polar, no norte do continente, e tropical, no sul. A ação da massa polar no inverno, somada à ação da corrente marítima do Labrador, faz com que as temperaturas caiam muito no nordeste da América do Norte.

Sugestão de aprofundamento

Observe as fotos da histórica nevasca que ocorreu no inverno de 2018 em estados do nordeste dos Estados Unidos.

Disponível em: <www.terra.com.br/noticias/climatempo/a-historica-nevasca-que-parou-a-costaleste-dos-estados-unidos,d73e8c790f3c4e7839c026f25b48b9503vsx8gle.html>. Acesso em: 14 out. 2018.

O climograma de Barrow (Estados Unidos) indica baixa precipitação e elevada amplitude térmica anual, com as mínimas chegando quase a -30°C , características do clima polar. O climograma de Ottawa (Canadá) sintetiza o clima temperado frio, com precipitações mais elevadas distribuídas ao longo do ano e grande amplitude térmica anual, mas com médias um pouco mais elevadas do que o clima polar.



Fonte: elaborado com base em IBGE. Atlas geográfico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 58.

O climograma de Acapulco (México) representa clima tropical, com chuvas concentradas no verão e temperaturas elevadas o ano todo, com pequena amplitude térmica. Por fim, o climograma de Phoenix (Estados Unidos) representa o típico clima desértico, com baixa precipitação ao longo do ano, verões bem quentes e invernos frios.

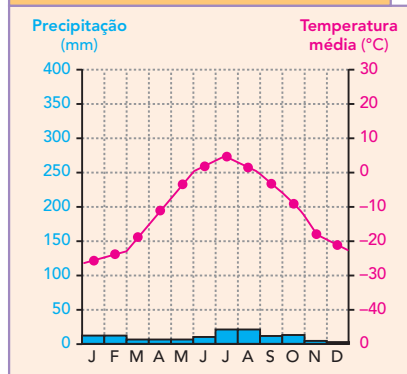
Clima

Na América do Norte há grande diversidade de climas. Isso se explica principalmente pela grande extensão latitudinal, mas também pela grande variação de altitudes e a ação de correntes marítimas, como veremos adiante. Observe o mapa ao lado e os climogramas abaixo.

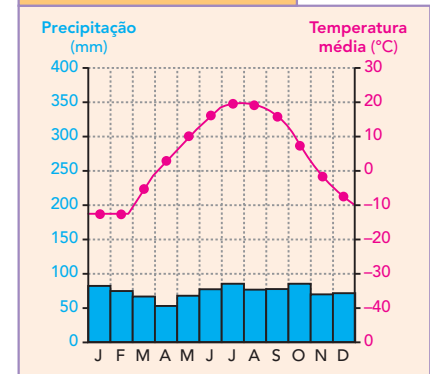
EXPLORANDO O MAPA

Como é o comportamento da temperatura e da precipitação ao longo do ano em cada localidade representada nos climogramas?

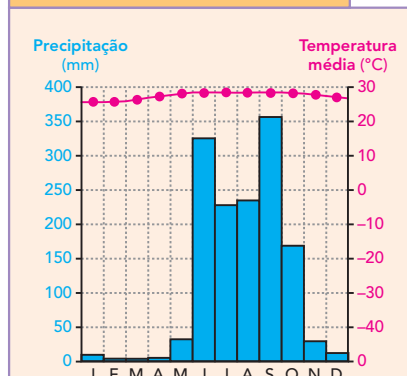
Barrow (Estados Unidos): Polar



Ottawa (Canadá): Frio

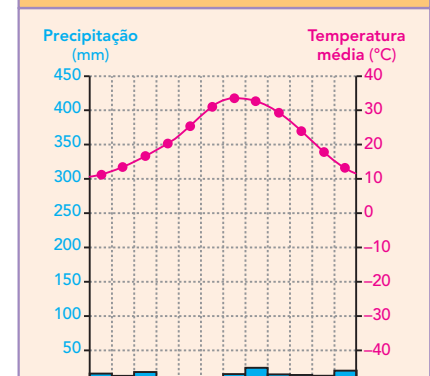


Acapulco (México): Tropical



Fonte: elaborados com base em ATLAS National Geographic. América do Norte e Central. São Paulo: Abril, 2008. p. 18-19.

Phoenix (Estados Unidos): Desértico



Climogramas: Ericson Guilherme Luciano/Arquivo da editora

A maior parte do continente localiza-se na zona temperada do planeta, mas, ao sul, parte do território mexicano está na zona tropical e, ao norte, parte do território canadense está na zona polar. Isso explica, em parte, a grande variedade de climas, que vão do equatorial e tropical ao temperado frio e polar.

Observe no mapa de climas que nas altas cordilheiras do oeste predomina o clima frio de montanha, mesmo na zona tropical. Nesse caso o fator mais importante que influencia o clima é a altitude.

Além da latitude e da altitude, outro fator climático importante na América do Norte são as correntes marítimas. Observe no mapa da página anterior que várias correntes marítimas, tanto quentes quanto frias, atingem a costa oeste e a leste da América do Norte. A corrente do Golfo, quente, ameniza as temperaturas da costa leste da América do Norte tanto no verão como no inverno. O mesmo ocorre no noroeste e no sudoeste do subcontinente, pois ali chegam as correntes quentes do Pacífico Norte e a Norte Equatorial, respectivamente. Já a corrente fria da Califórnia torna os invernos mais rigorosos na porção oeste da América do Norte, sobretudo nos Estados Unidos. O mesmo ocorre no nordeste do Canadá, por influência da corrente fria de Labrador.

Como vimos no capítulo 13, as águas quentes do mar do Caribe, onde circula a corrente quente das Guianas, apresentam condições favoráveis para o surgimento e o desenvolvimento de tempestades tropicais, algumas das quais evoluem para furacões como o Irma – um grande furacão que atingiu os Estados Unidos e o Caribe em 2017. São cada vez mais fortes os indícios de que o aquecimento da atmosfera terrestre tem provocado mudanças climáticas capazes de potencializar os furacões em quantidade e intensidade. Outro fenômeno atmosférico comum nos Estados Unidos são os tornados, que se formam em condições especiais, em um ambiente de tempestade muito forte. Eles se originam de ventos rápidos e com temperaturas diferentes que sopram em sentidos opostos.

Mudanças climáticas

Diversas pesquisas, entre as quais se destacam as sintetizadas pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), têm alertado para a elevação da temperatura média da atmosfera do planeta, e há cada vez mais indícios de que isso está causando mudanças climáticas e desequilíbrio na circulação atmosférica planetária. A temperatura média do planeta vem aumentando gradativamente desde o início da Revolução Industrial (final do século XVIII), como resultado do aumento da concentração de **gases de efeito estufa** na atmosfera.



Marc Sereol/Getty Images

Efeitos do furacão Irma na Flórida, nos Estados Unidos, em 2017.

O QUE É ?

O **IPCC** (do inglês Intergovernmental Panel on Climate Change) é um órgão internacional, criado em 1988, composto de cientistas de diversos países, voltado para a avaliação da produção científica relacionada às mudanças climáticas.

gases de efeito estufa:

gases emitidos sobretudo pela queima de combustíveis fósseis (entre eles o carvão mineral e os derivados de petróleo), que aumentam a retenção do calor irradiado pela superfície do planeta, elevando a temperatura média da atmosfera terrestre. Há diversos gases que causam o efeito estufa; o principal deles é o dióxido de carbono (CO₂).

Orientações didáticas

Verifique o que os alunos sabem sobre o IPCC e chame a atenção deles para a relevância das discussões levantadas por essa entidade sobre as mudanças climáticas. Leia o texto a seguir, que traz mais informações sobre esse órgão internacional, e, caso julgue adequado, compartilhe-o com os alunos.

O que é? IPCC

Essas quatro letras, IPCC, correspondem às iniciais de Intergovernmental Panel on Climate Change, que quer dizer Painel Intergovernamental para a Mudança de Clima. Esse é o nome de uma entidade criada em 1988, pela Organização Meteorológica Mundial (OMM) e pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma). Nessa época, já havia preocupações acerca do aquecimento global. Muitos estudos a respeito estavam sendo desenvolvidos e o IPCC foi estabelecido com a missão de avaliar as pesquisas, interpretá-las e reunir todas as informações relevantes, tanto técnicas quanto socioeconômicas, em relatórios abrangentes, de fácil compreensão e acessíveis a todos.

O IPCC, por si só, não desenvolve nenhuma pesquisa científica. Ele está organizado em três grupos de trabalho. O Grupo I se concentra no tema clima. O Grupo II trata dos impactos das mudanças de clima e possíveis soluções. E o Grupo III estuda as dimensões econômica e social dos efeitos da mudança climática.

Desde a sua criação, o IPCC já divulgou quatro grandes relatórios. O primeiro em 1990. O segundo em 1995, que deu origem ao Protocolo de Kyoto, que prevê limites para a emissão de gases de efeito estufa. O terceiro em 2001. E o último está sendo apresentado neste ano [2007], tendo sido o mais enfático deles, por ser o primeiro a afirmar que o aquecimento global é provocado pelas ações humanas.

WOLFFENBÜTTEL, Andréa.

O que é? IPCC. Desafios do desenvolvimento. IPEA, ano 4, ed. 34, 10 maio 2007. Disponível em: <http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2134:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 14 out. 2018.

Sugestão de aprofundamento

Veja um vídeo de 3 min da National Geographic (em inglês) que explica como se forma um tornado e mostra imagens impactantes desse fenômeno atmosférico. Disponível em: <<https://video.nationalgeographic.com/video/101-videos/tornados-101>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Sugestão de aprofundamento

Para obter mais informações sobre o IPCC, acesse o site da entidade.

Disponível em: <<http://www.ipcc.ch/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Trocando ideias

Este conteúdo mobiliza as competências **CCH3** e **CEGeo1**.

1. Espera-se que os alunos respondam que a saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris indica que Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, não reconhece que as emissões de gases estufa de seu país sejam responsáveis pelo aquecimento da atmosfera nem pelo aumento da ocorrência de furacões.
2. Comente com os alunos que, além de os Estados Unidos serem os maiores emissores de gases do efeito estufa, demonstram descaso com a comunidade internacional ao se posicionarem contra o Acordo de Paris, o que pode resultar no enfraquecimento desse acordo.

2. Sendo os Estados Unidos o segundo maior emissor de gases de efeito estufa, possivelmente as metas previstas no Acordo de Paris, de contenção do aquecimento da atmosfera, não serão atingidas.

embuste: mentira, enganação.

NA TELA

Uma verdade inconveniente.

Direção: Davis Guggenheim.
Estados Unidos, 2006. (1 h 36 min)

Esse documentário é um alerta sobre o aquecimento global e suas consequências. Nele, Al Gore, ex-vice-presidente dos Estados Unidos, defende que o aquecimento global é consequência da elevação do volume de gases de efeito estufa na atmosfera, o que tem provocado alterações climáticas, como a potencialização de furacões.

Preocupados com isso, 195 países assinaram em dezembro de 2015, durante a cúpula da ONU sobre mudanças climáticas, o Acordo de Paris para tentar conter o aquecimento da atmosfera terrestre. Esse acordo prevê que os países devem se empenhar para que o aquecimento fique abaixo de 2 °C em relação aos níveis pré-industriais, buscando não superar 1,5 °C até 2100 (em 2018 a temperatura média do planeta já era 1 °C mais alta em relação ao início da Revolução Industrial). Todos os países da ONU se comprometeram com essas metas; no entanto, Donald Trump, após ser eleito presidente dos Estados Unidos (o segundo maior emissor de gases de efeito estufa do mundo, só atrás da China), retirou o país do acordo em 2017.



TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

Leia a reportagem a seguir, depois converse com os colegas sobre as questões propostas.

Mudança climática: ONU espera que furacões convençam céticos

O secretário-geral da ONU (Organização das Nações Unidas), António Guterres, disse nesta quarta-feira [04/10/2017] que espera que os furacões devastadores vistos recentemente no Caribe e no sul dos Estados Unidos convençam céticos de que o aquecimento global é “uma grande ameaça”.

Guterres, que visitará as ilhas caribenhas de Antígua, Barbuda e Dominica neste final de semana para ver os danos causados pelos furacões Irma e Maria no mês passado, disse que o mundo precisa ser mais determinado para pressionar por “um futuro limpo, de energia sustentável”.

— Ainda não perdi a esperança de que o que está acontecendo fará com que aqueles que ainda estão céticos da mudança climática percebam cada vez mais que esta é, de fato, uma grande ameaça para a comunidade internacional no momento presente.

“É raro ver tantas tempestades de tamanha força tão cedo na temporada”, disse Guterres aos repórteres.

— Os modelos científicos previram há tempos um aumento no número de furacões de Categoria 4 e 5. Isto é precisamente o que está acontecendo – e antes do que se esperava.

O presidente dos EUA, Donald Trump, já se referiu à mudança climática várias vezes como um **embuste**, e em junho [de 2017] anunciou que os EUA se retirarão do histórico acordo do clima de Paris, que almeja limitar o aquecimento planetário reduzindo as emissões globais de dióxido de carbono e outros gases que os cientistas acreditam provocar o aquecimento global. [...]

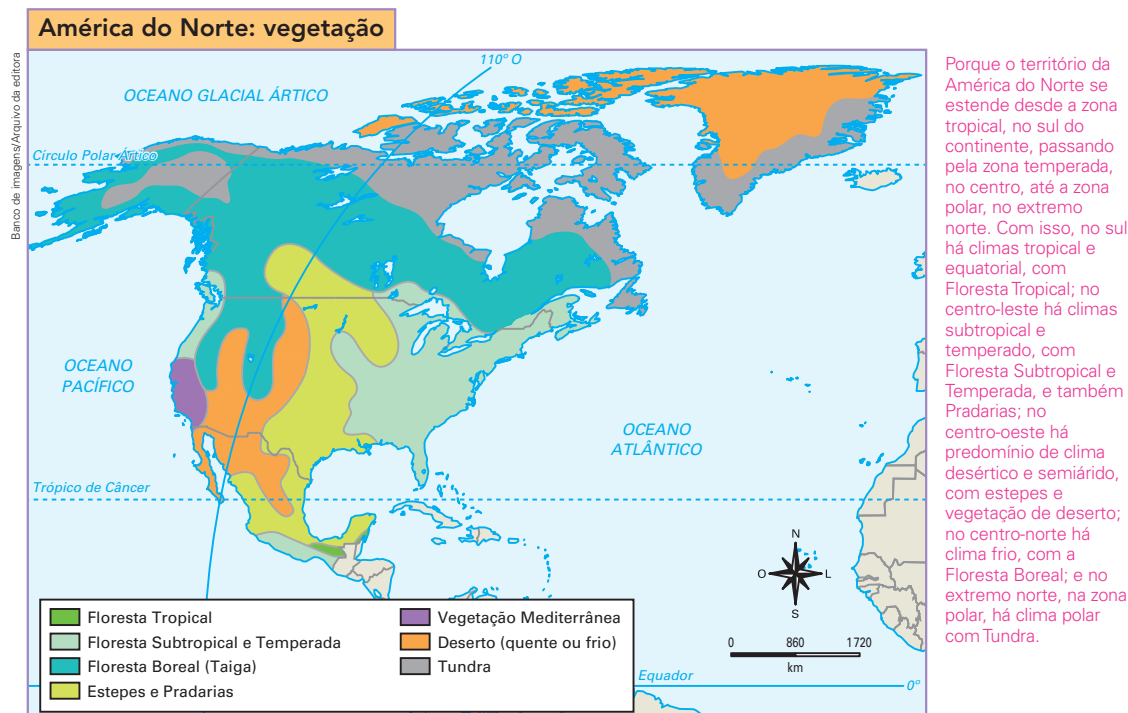
REUTERS. Mudança climática: ONU espera que furacões convençam céticos. *R7 Notícias*, 4 out. 2017. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/mudanca-climatica-onu-espera-que-furacoes-convencam-ceticos-04102017>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

1. Na opinião de vocês e de acordo com o que apresenta a reportagem, o aumento da ocorrência de furacões na América do Norte tem convencido o presidente dos Estados Unidos de sua responsabilidade, como sinaliza o título da reportagem? **Resposta pessoal.**
2. Quais as possíveis consequências da saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris para o aquecimento da atmosfera?

Vegetação

Apesar da destruição ao longo da história, as florestas ainda cobrem quase metade do território canadense, cerca de um terço do território estadunidense e um quarto do mexicano. A maior em extensão é a Floresta Boreal ou Floresta de Coníferas (também conhecida como Taiga canadense). Nos Estados Unidos se destaca a Floresta Temperada e, no México, a Floresta Tropical. No entanto, sobretudo essas duas formações foram bastante devastadas para a utilização da madeira e a expansão de atividades agrícolas. Grande parte do que restou é floresta secundária (que renasce após o corte), e também há grandes extensões de plantio (silvicultura) para a produção de matéria-prima para a indústria de papel, móveis e construção civil.

Na América do Norte há outras formações vegetais que também foram bastante destruídas pela ação humana, como as Pradarias, substituídas pela agricultura e pecuária. Outras continuam mais preservadas, como a Tundra e a Taiga. Há muitas formações vegetais próximo à região dos Grandes Lagos que sofrem com a poluição causada pela grande concentração de indústrias na região. Observe no mapa abaixo a distribuição da vegetação original da América do Norte.



Fonte: elaborado com base em SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*. 34. ed. São Paulo: Ática, 2013. p. 26.

EXPLORANDO O MAPA

Por que a América do Norte apresenta grande diversidade climatobotânica?

Orientações didáticas

Peça aos alunos que estabeleçam correlações entre o mapa de vegetação desta página e o mapa de clima na página 224. É sempre importante alertar os alunos que, em geral, os mapas de vegetação de atlas escolares, como o reproduzido nesta página, mostram a vegetação original e que essa vegetação já foi bastante transformada pelas atividades humanas, como a extração da madeira para diversos usos, o desenvolvimento da agropecuária e a construção de cidades e outras infraestruturas.

Depois de intensa devastação ao longo da história, a crescente conscientização das sociedades tem levado a uma maior preocupação com a conservação e a recuperação das florestas.

Orientações didáticas

Peça aos alunos que observem a fisionomia das formações vegetais nas fotografias desta página e que relacionem com o mapa de vegetação da página anterior e com mapa de clima da página 224.

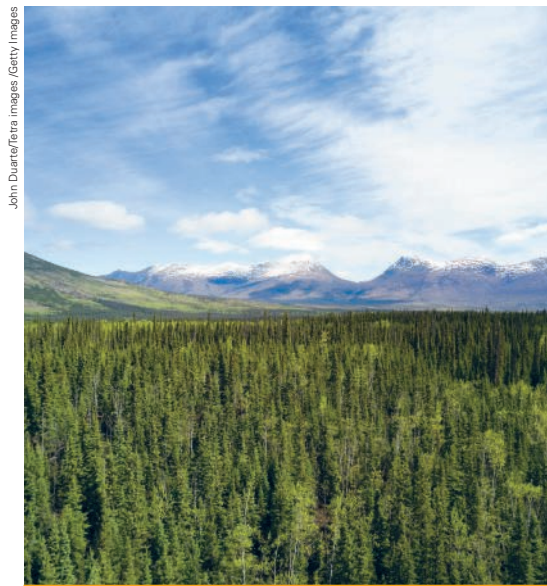
Os Estados Unidos, desde o início da colonização, passando pelo processo de industrialização, devastaram grande parte de suas formações vegetais originais. No entanto, têm procurado recuperar florestas e ainda têm grandes extensões de florestas preservadas, principalmente nas regiões montanhosas do oeste.

Sugestão de aprofundamento

Assista à reportagem indicada a seguir, que mostra florestas quase intocadas no estado de Washington, no noroeste dos Estados Unidos. Se julgar adequado, é possível organizar a exibição do vídeo para os alunos.

GLOBO Repórter. Esmeralda dos Estados Unidos: estado de Washington tem florestas intocadas. 1º dez. 2017. 11 min. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6329281/>>. Acesso em: 14 out. 2018.

Observe nas fotografias abaixo a fisionomia de algumas paisagens da América do Norte e conheça as principais características das formações vegetais retratadas.



Floresta Boreal em Yukon (Canadá), 2017. Essa formação vegetal se desenvolve nas regiões de clima frio. Nela predominam os pinheiros e as espécies coníferas, e neve durante o inverno. Também é conhecida como Floresta de Coníferas porque tem árvores, como pinheiros e abetos, que produzem pinhas em forma de cone.



Floresta Tropical na península de Yucatán (México), 2018. No sul do México, há florestas densas e úmidas semelhantes à Floresta Amazônica, por causa dos climas equatorial e tropical. Foi nessa região que viveu a civilização maia, cujas obras permanecem até hoje na paisagem, como se observa na pirâmide da fotografia.



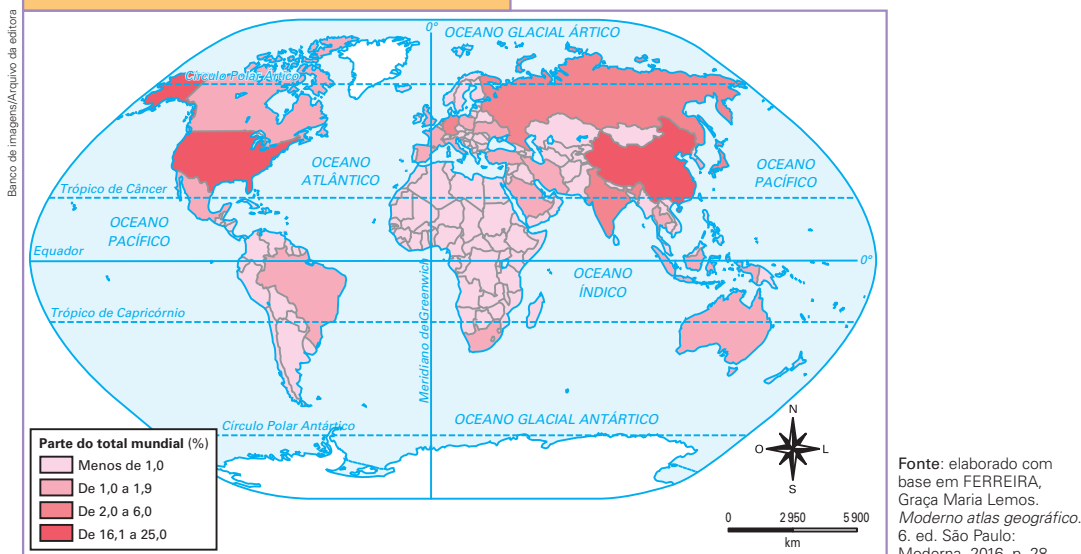
As pradarias foram muito destruídas para dar lugar à agropecuária (como retratado na fotografia da esquerda, de agricultura mecanizada em Washington (Estados Unidos), restando somente pequenas áreas preservadas como a retratada na fotografia da direita, no Kansas (Estados Unidos). Fotografias de 2017 e 2018, respectivamente.

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

1. Observe o mapa abaixo e depois responda às questões a seguir.

Emissões de dióxido de carbono – 2016



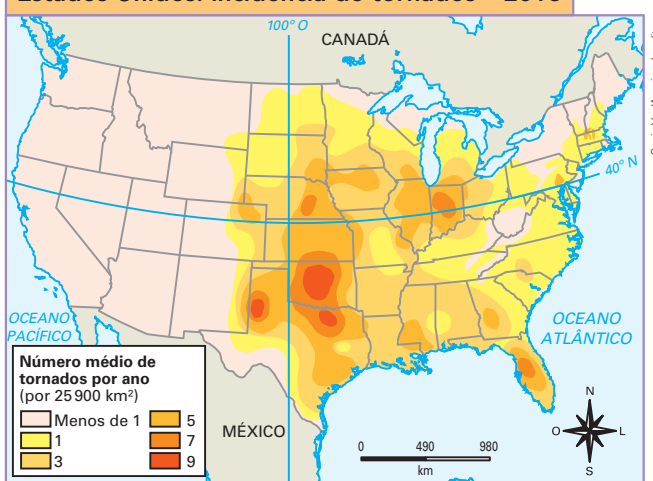
- a) De acordo com o mapa, que países são os dois maiores emissores de dióxido de carbono do planeta? **China e Estados Unidos.**
 - b) De acordo com o que você estudou neste capítulo, qual a possível relação entre as emissões de dióxido de carbono e as mudanças climáticas? **O dióxido de carbono é o principal responsável pelo efeito estufa que causa o aquecimento global ao alterar a circulação atmosférica e os padrões climáticos.**
 - c) De acordo com o mapa e com o que você estudou até aqui, qual é o continente que menos emite dióxido de carbono? Por quê? **A África é o continente que menos emite dióxido de carbono, porque a grande maioria de seus países é pouco industrializada, com baixo consumo de combustível fóssil.**
2. Observe no mapa ao lado a incidência de tornados nos Estados Unidos. Depois responda às questões propostas.

- De acordo com o mapa, onde esse fenômeno ocorre com mais frequência? É possível estabelecer uma relação com o relevo e o clima da região?

2. A maior parte dos tornados ocorre principalmente na região das planícies centrais, devido ao relevo plano e às diferenças bruscas de temperatura dos ventos polares e tropicais, o que facilita a formação de ventos rápidos.

Fonte: elaborado com base em UCAR Center for Science Education. *Where Tornadoes Happen*. Boulder, CO, 2013. Disponível em: <<https://scied.ucar.edu/webweather/tornadoes/where-tornadoes-happen>>. Acesso em: 18 jul. 2018.

Estados Unidos: incidência de tornados – 2013



Consolidando conhecimentos

As atividades desta seção, que propõem a análise de mapa com as emissões de dióxido de carbono no mundo e do mapa sobre a incidência de tornados nos Estados Unidos, contribuem com o desenvolvimento da habilidade **EF08GE19** e da competência **CEGeo4**.

1. Antes de propor a atividade, certifique-se de que todos os alunos compreenderam a representação das emissões de dióxido de carbono por meio da graduação de cores. O mapa deixa evidente que os maiores emissores são a China e os Estados Unidos.
2. Antes de propor a atividade, assegure-se de que todos compreenderam a graduação de cores no mapa dos Estados Unidos que representa a ocorrência de tornados. Peça aos alunos que revejam o mapa de relevo e de clima da América do Norte e que localizem os Estados Unidos. A correlação dos mapas permite que os alunos reconheçam que a maior incidência de tornados ocorre nas planícies centrais do território desse país.

Comente com os alunos que no Brasil também ocorrem tornados, principalmente na região sul do país, como destaca a matéria indicada no boxe a seguir.

Sugestão de aprofundamento

Após tornado, meteorologia alerta para chuvas fortes no Paraná. *Folha de S. Paulo*, 14 jul. 2015. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/07/1655530-meteorologistas-confirmam-tornado-no-interior-do-parana.shtml>. Acesso em: 14 out. 2018.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE04 Compreender os fluxos de migração na América Latina (movimentos voluntários e forçados, assim como fatores e áreas de expulsão e atração) e as principais políticas migratórias da região.

EF08GE11 Analisar áreas de conflito e tensões nas regiões de fronteira do continente latino-americano e o papel de organismos internacionais e regionais de cooperação nesses cenários.

EF08GE17 Analisar a segregação socioespacial em ambientes urbanos da América Latina, com atenção especial ao estudo de favelas, alagados e zona de riscos.

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

EF08GE20 Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas (sua apropriação e valorização na produção e circulação), o que resulta na espoliação desses povos.

Orientações didáticas

Para levantar o conhecimento prévio dos alunos em relação à população da América do Norte, antes de promover a leitura do texto da página, pergunte a eles, por exemplo: Qual é a origem da população norte-americana? O que aconteceu com a população indígena do território norte-americano na época da ocupação europeia? Nesse momento, é importante levar os alunos a refletir sobre o tipo de imagem transmitida por filmes que retratam o período de expansão territorial em direção ao oeste da América do Norte, pois, em geral, os indígenas são mostrados como selvagens, ofuscando o fato de que lutavam por suas terras, que estavam sendo ocupadas por colonizadores.

Essa etapa de verificação do que a turma já sabe ainda pode envolver outras perguntas: Como é a população da América

CAPÍTULO 17

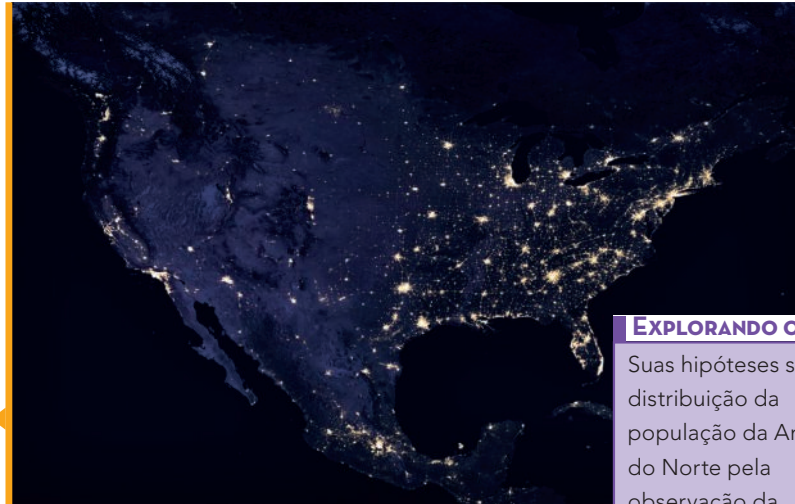
Vamos tratar de:

- Distribuição da população
- Principais cidades e aglomerações urbanas
- Indicadores sociais
- Composição étnica da população

Vista noturna da América do Norte em mosaico de imagens de satélite de 2016.

América do Norte: população e diversidade cultural

Em 2017, a população da América do Norte totalizava 490,3 milhões de habitantes. Mas como ela está distribuída pelo território dos países que a compõem? Observe a imagem abaixo. O que ela nos revela sobre a distribuição da população? Depois observe o mapa da densidade demográfica deste subcontinente.

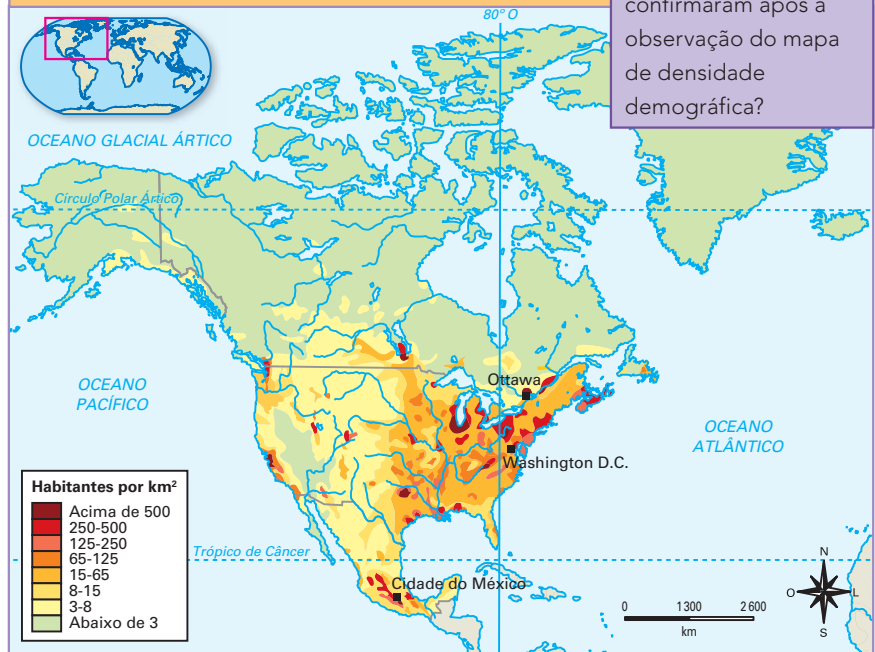


Joshua Stevens/NASA

EXPLORANDO O MAPA

Suas hipóteses sobre a distribuição da população da América do Norte pela observação da imagem de satélite se confirmaram após a observação do mapa de densidade demográfica?

América do Norte: densidade demográfica – 2017



Fonte: elaborado com base em OXFORD. *Atlas of the World*. 24th ed. New York: Oxford University Press, 2017. p. 88-89.

Espera-se que os alunos respondam que sim, pois estas são as áreas de maior densidade demográfica do subcontinente; portanto, há uma coincidência entre o mapa e o mosaico de imagens de satélite.

230 | UNIDADE 7 • América do Norte

do Norte hoje? Há semelhança do ponto de vista étnico-racial entre os países? Há semelhança com o Brasil?

Ao propor a exploração da imagem de satélite, destaque para os alunos que apenas uma parte do território do Canadá e do Alasca (estado dos Estados Unidos) aparece na imagem.

Verifique se os alunos associam as luzes da imagem de satélite à presença de cidades. Espera-se que percebam a relação entre as áreas mais iluminadas e as grandes aglomerações urbanas representadas no mapa de densidade demográfica, conforme propõe o

boxe **Explorando o mapa**. As áreas mais iluminadas e com as maiores densidades demográficas estão no leste dos Estados Unidos, do litoral até os Grandes Lagos; na costa oeste, sobretudo na Califórnia, e no planalto Mexicano, com destaque para a capital federal.

Na leitura da imagem obtida por satélite, explique aos alunos que, embora existam grandes aglomerações humanas tanto em regiões mais ricas como nas mais pobres, as condições de ocupação são muito diferentes quanto à infraestrutura urbana e ao acesso aos serviços públicos.

Como você pôde perceber, a distribuição da população da América do Norte é bastante desigual no território. As cadeias montanhosas que dominam a porção oeste da América do Norte e os climas frio e polar encontrados no Alasca, em grande parte do Canadá e na Groenlândia fazem com que a ocupação dessas regiões seja esparsa, com baixíssima densidade demográfica.

Kevin G. Smith/Design Pics/Getty Images



Vista panorâmica de Anchorage, a maior cidade do Alasca (Estados Unidos), em 2017.

Já no vale do rio São Lourenço, na região dos Grandes Lagos, no nordeste e no litoral sudoeste dos Estados Unidos, bem como no planalto Mexicano, há elevada densidade demográfica, com a presença de grandes aglomerações urbanas.

O Canadá é o segundo maior país do mundo em extensão territorial, mas, como sua população é relativamente pequena (36,6 milhões de pessoas em 2017, segundo dados da ONU), sua densidade demográfica é baixa. O mesmo não se aplica aos Estados Unidos: o país ocupa a quarta posição mundial em extensão territorial (quando se consideram as terras descontínuas, como o território do Alasca e o do Havaí), mas também é a terceira maior população do planeta. Em 2017, tinha 324,5 milhões de habitantes, quase dez vezes mais do que a população do Canadá.

A população dos Estados Unidos se concentra sobretudo na região nordeste do país, banhada pelo oceano Atlântico, por onde começou a colonização do território e principalmente o processo de industrialização (como veremos no próximo capítulo, até hoje essa região é a mais industrializada do país).

O México é o segundo país mais populoso da América Norte, com uma população de 129,2 milhões de habitantes (2017), a maioria vivendo no planalto do México, onde fica a maior cidade do subcontinente, a Cidade do México, capital do país.

Filippo Delzano/Ascent Xmedia/Getty Images

Vista panorâmica da cidade de Nova York (Estados Unidos), em 2018.



231

I Orientações didáticas

Depois de constatar que a população da América do Norte está distribuída de forma bastante desigual pelo território, oriente os alunos a ler o conteúdo desta página, que destaca características específicas dos Estados Unidos, do Canadá e do México.

Chame a atenção dos alunos para o fato de que, embora o Canadá e os Estados Unidos sejam países com grande extensão, há diferença significativa de densidade demográfica nos dois países: enquanto a do Canadá é baixa, a dos Estados Unidos é alta – o que se deve ao fato de esse país abrigar a terceira maior população do mundo.

I Orientações didáticas

A análise da segregação urbana no México e nos outros países da América do Norte contribui com o desenvolvimento da habilidade **EF08GE17**.

Explore o mapa desta página com o alunos para garantir que todos compreenderam sua leitura. As populações das cidades estão representadas por círculos proporcionais, que permitem visualizar o tamanho proporcional delas e sua localização no território. Assim, é possível fazer uma correlação com o mapa de densidade demográfica.

Discuta com os alunos o significado de megalópole. Comente que a primeira megalópole identificada no mundo é formada por um cinturão de metrópoles situado no nordeste dos Estados Unidos, que vai de Boston até a capital Washington, D.C., tendo ao meio Nova York, a maior megacidade do país. Essa megalópole ficou conhecida como BosWash, as iniciais das cidades localizadas em seus extremos.

Leia um trecho do texto escrito pelo fotógrafo holandês Martin Roemers, que apresenta um olhar bastante interessante sobre diversas megacidades do mundo. Ao acessar o endereço da publicação indicado na fonte do texto, é possível visualizar fotografias feitas por ele. Se possível, mostre-a aos alunos.

Metrópoles do mundo: como é viver numa megacidade

Nunca tanta gente viveu em cidades como hoje. Segundo o Fundo Populacional das Nações Unidas, mais de metade dos cidadãos do planeta residem atualmente numa área urbana e esse número talvez cresça para 70% até 2050. A nível mundial, 1 em cada 8 desses moradores citadinos habita uma megacidade, termo definido pela ONU como lugar com mais de dez milhões de habitantes. Essa foi a razão que me motivou a iniciar esta série, a que chamo “Metrópoles”. Com ela quis concentrar a atenção nas estatísticas da ONU e mostrar as suas implicações reais. Foi assim que, entre 2007 e 2015, fotografei megacidades e documentei o dinâmico processo de urbanização.

O QUE É ?

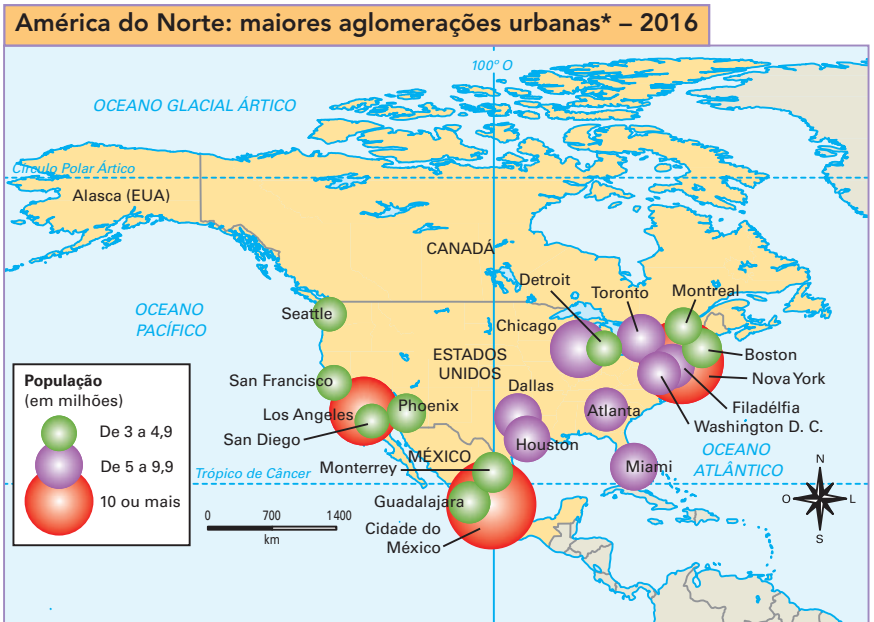
Uma **megalópole** se forma quando os fluxos de pessoas, capitais, informações, mercadorias e serviços entre duas ou mais áreas metropolitanas ou metrópoles estão fortemente integrados por modernas redes de transporte e telecomunicação.

conurbação: processo de expansão periférica das cidades que vão se interligando e formando uma grande mancha urbana integrada, embora possa haver áreas agrícolas entre elas.

232 | UNIDADE 7 • América do Norte

Grandes cidades da América do Norte

A taxa de urbanização é muito elevada nos países da América do Norte. Em 2018, o México, o menos urbanizado dos três, concentrava 80,2% de sua população em cidades. No Canadá a taxa de urbanização era de 81,4% e nos Estados Unidos, o mais urbanizado dos três, era de 82,3%. O número de grandes cidades é elevado no subcontinente como podemos observar no mapa abaixo e na tabela da página seguinte.



Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. The World's Cities in 2016. New York, 2016. Disponível em: <www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/urbanization/the_worlds_cities_in_2016_data_booklet.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2018.

* Foram representadas as cidades cuja região metropolitana contém mais de 3 milhões de habitantes (Pittsburgh, da megalópole ChiPitts, tinha 1,7 milhão de habitantes).

EXPLORANDO O MAPA

Compare este mapa com o mapa de densidade demográfica da página 230. Há relação entre eles? Qual?

Os alunos devem perceber que as maiores aglomerações urbanas coincidem com as áreas de maior densidade demográfica.

As primeiras **megalópoles** do mundo se formaram nos Estados Unidos. Observe no mapa acima que há **conurbação** de várias aglomerações urbanas, com destaque para Boston/Nova York/Washington, D. C. (BosWash), Chicago/Detroit/Pittsburgh (ChiPitts), São Francisco/Los Angeles/San Diego (SanSan), nos Estados Unidos; Cidade do México/Guadalajara, no México; e Toronto/Montreal, no Canadá.

As grandes aglomerações urbanas da América do Norte apresentam muitos problemas, especialmente as grandes cidades mexicanas, com destaque para a Cidade do México.

Tento sempre destacar os contrastes entre riqueza e pobreza, cultura tradicional e desenvolvimento. Fascina-me que tantas pessoas sejam capazes de coexistir em lugares tão avançados. O espaço nunca é suficiente. Mas também existe uma corrente de inovação e um sentido de comunidade. Sempre que vou trabalhar para uma cidade nova, recruta um colaborador local. Discutimos os lugares a visitar e, se determinado local parece bom, descobrimos um

ponto alto para o fotografar. Iniciamos depois aquilo a que chamo um jogo de espera.

[...]

ROEMERS, Martin. Metrópoles do mundo: como é viver numa megacidade. *National Geographic Portugal*, n. 211, out. 2018.

Disponível em: <<https://nationalgeographic.sapo.pt/natureza/actualidade/1217-metropoles-do-mundo-como-e-viver-numa-megacidade>>.

Acesso em: 15 out. 2018.

AMÉRICA DO NORTE: MAIORES AGLOMERAÇÕES URBANAS* E CIDADES GLOBAIS – 2016

Cidade	Habitantes (milhões)	Cidade global	Cidade	Habitantes (milhões)	Cidade global
Cidade do México	21,2	Alfa	Washington, D.C.	5,0	Alfa –
Nova York	18,6	Alfa++	Guadalajara	4,9	Gama
Los Angeles	12,3	Alfa	Monterrey	4,6	Beta –
Chicago	8,8	Alfa	Boston	4,3	Beta+
Toronto	6,1	Alfa	Phoenix	4,1	Gama
Miami	5,9	Alfa –	Montreal	4,0	Beta
Dallas	5,8	Beta+	Detroit	3,6	Gama+
Houston	5,8	Beta+	São Francisco	3,3	Alfa –
Filadélfia	5,6	Beta	Seattle	3,3	Beta –
Atlanta	5,2	Beta+	San Diego	3,1	Beta –

Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. The World's Cities in 2016. New York, 2016. Disponível em: <www.un.org/en/development/desa/population/publications/pdf/urbanization/the_worlds_cities_in_2016_data_booklet.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2018.

* Foram representadas as cidades cuja região metropolitana possui mais de 3 milhões de habitantes.

Um dos problemas urbanos mais graves do México é a carência de habitações adequadas: 11% da população do país vive em assentamentos precários, como favelas.

Nos Estados Unidos não há favelas, mas há pessoas morando em cortiços em áreas degradadas das grandes cidades e mesmo nas ruas. Segundo a ONG Coalition for the Homeless (Coalizão para os Sem-Teto), no final de 2017 apenas em Nova York havia 63495 pessoas sem-teto. A maior parte dessas pessoas não mora propriamente nas ruas: à noite vai para abrigos públicos. Embora em menor quantidade, as grandes aglomerações urbanas canadenses também têm moradores de rua. Segundo dados da prefeitura de Toronto, a cidade tinha 5253 moradores de rua no final de 2013 (dado mais recente disponível).

Outro problema que muitas grandes cidades dos Estados Unidos enfrentam é a decadência econômica, com todas as consequências sociais decorrentes, como desemprego, degradação das habitações e aumento da violência urbana. O maior exemplo disso aconteceu em Detroit (estado de Michigan), que na década de 1950 foi o maior centro mundial da indústria automotiva. A partir do final dos anos 1970 a cidade sofreu um processo de degradação urbana porque muitas fábricas de veículos e autopeças fecharam e se transferiram para outras regiões dos Estados Unidos e até mesmo para outros países. Isso gerou muito desemprego, migração e forte queda no preço dos imóveis. Com isso, a aglomeração urbana de Detroit foi reduzida de 3,9 milhões de habitantes, em 2000, para 3,6 milhões em 2016.

Assentamento precário na Cidade do México (México), em 2017.



Yuri Cortez/Agência France-Press

I Orientações didáticas

Converse com os alunos sobre os conceitos de aglomeração urbana, megacidade e cidade global. Aglomeração urbana, de acordo com a ONU, é um conjunto de cidades em grande parte conurbadas, formando uma única mancha urbana na qual os limites se confundem mesmo que haja alguns resquícios de área rural entre elas. Também são chamadas de áreas metropolitanas ou metrópoles. Megacidades, segundo a ONU, são aglomerações urbanas com 10 milhões de habitantes ou mais. Se considerar necessário, retome o conceito de cidade global e a classificação do GaWC trabalhados no capítulo 8.

Explore a tabela com os alunos, propondo comparações com dados já trabalhados em capítulos anteriores. Faça perguntas como: Há megacidades na América do Norte? E cidades globais? Comparando as informações da tabela desta página com as da tabela das aglomerações urbanas e cidades globais da África (na página 110), onde há mais cidades globais? Por que isso ocorre? Espera-se que os alunos respondam que há três megacidades na América do Norte (Cidade do México, Nova York e Los Angeles) e que, das 14 maiores cidades africanas, nove eram cidades globais e apenas uma delas era alfa, Johannesburgo (África do Sul). Das 14 maiores cidades norte-americanas, todas eram cidades globais, das quais oito eram cidades globais alfa, incluindo uma alfa++ (Nova York, nos Estados Unidos), as mais conectadas da rede mundial de cidades. Isso explica por que a América do Norte é composta de dois países desenvolvidos, inclusive com a maior economia do mundo, os Estados Unidos, e um país emergente importante, o México, que, portanto, tem cidades muito bem equipadas e muito conectadas à rede urbana global; já na África só há países em desenvolvimento, alguns dos quais muito pobres.

NA TELA

Roger e eu. Direção: Michael Moore. Estados Unidos, 1989. (91 min)

Esse filme mostra as consequências sociais e econômicas do fechamento de uma fábrica da General Motors em Flint (cidade da área metropolitana de Detroit), na década de 1980.

Sugestão de aprofundamento

Assista à palestra sobre as megacidades proferida pelo escritor indiano Parag Khanna no TED Talks. “Como as megacidades estão a mudar o mundo. Conferência de Parag Khanna.”. TED. 2016. 19 min 33 seg. Disponível em: <www.ted.com/talks/parag_khanna_how_mega

<www.ted.com/talks/parag_khanna_how_mega_cities_are_changing_the_map_of_the_world/transcript?utm_source=direct-on.ted.com&language=pt&utm_medium=on.ted.com&utm_content=roadrunner-rsshorturl&utm_campaign=&awesm=on.ted.com_szMq&share=18a9de9d40#t-49584>. Acesso em: 15 out. 2018.

Orientações didáticas

A análise dos aspectos populacionais da América do Norte contribui com o desenvolvimento da habilidade EF08GE20.

Ao responder à pergunta do primeiro boxe **Explorando a tabela**, sobre o IDH dos países da América do Norte, verifique se os alunos identificam que o IDH dos Estados Unidos e o do Canadá sinalizam uma situação típica de países desenvolvidos. Já o IDH do México indica uma condição característica de país em desenvolvimento do grupo dos emergentes, como o Brasil, que está na 79ª posição.

Se necessário, retome com os alunos o que representa o índice de Gini.

Ao trabalhar a questão proposta no segundo boxe **Explorando a tabela**, comente com os alunos que, embora a renda nacional bruta seja elevada nos Estados Unidos, a distribuição não é muito diferente em relação ao México. Ou seja, apesar de ser um país desenvolvido, a desigualdade social nos Estados Unidos é considerável.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para trabalhar a sequência didática sobre indicadores sociais dos Estados Unidos e do México.

NA REDE

U.S. Census Bureau

No site do U.S. Census Bureau você encontra diversas informações, mapas, textos, análises e tabelas sobre população, economia, geografia e outros temas dos Estados Unidos (em inglês). Disponível em: <www.census.gov>. Acesso em: 24 ago. 2018.

* Dólar ajustado pela Paridade de Poder de Compra (PPC).

O Canadá e os Estados Unidos apresentam o mesmo IDH, ambos na 10ª posição no grupo dos países de IDH muito elevado, o que em média indica boas condições de vida para a população. O México está na 77ª posição no ranking do Pnud, no grupo de países de IDH elevado. A renda é muito concentrada, e boa parte da população ainda tem condições de vida insatisfatórias.

O Canadá é o país onde a renda é mais bem distribuída, com índice de Gini 34. A pior distribuição acontece no México, cujo índice de Gini é 43,4.

Indicadores sociais da população norte-americana

Observe nas tabelas abaixo o IDH (e seus indicadores) e dados sobre a distribuição de renda nos países da América do Norte. O que podemos concluir com base neles?

AMÉRICA DO NORTE: IDH – 2015				
Posição/país	Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	Expectativa de vida ao nascer (anos)	Escolaridade média/escolaridade esperada (anos)	Renda nacional bruta <i>per capita</i> (dólar PPC*)
Desenvolvimento humano muito elevado				
10. Canadá	0,920	82,2	13,1/16,3	42582
10. Estados Unidos	0,920	79,2	13,2/16,5	53245
Desenvolvimento humano elevado				
77. México	0,762	77,0	8,6/13,3	16383

Fonte: elaborado com base em UNDP: Human Development Report 2016. New York: United Nations Development Programme, 2016. p. 198-201.

EXPLORANDO A TABELA

O que indicam os dados de IDH dos três países da América do Norte?

AMÉRICA DO NORTE: INDICADORES SOCIAIS				
País (ano da pesquisa)	Distribuição de renda			Pobreza
	Renda nacional com os 10% mais pobres (%)	Renda nacional com os 10% mais ricos (%)	Índice de Gini	População vivendo com menos de 3,20 dólares por dia (%)
Canadá (2013)	2,4	25,3	34,0	0,7
Estados Unidos (2016)	1,6	30,6	41,5	1,3
México (2016)	2,2	34,8	43,4	11,2

Fonte: elaborado com base em THE WORLD BANK. World Development Indicators 2017. Washington, D. C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

EXPLORANDO A TABELA

Como está distribuída a renda nos países da América do Norte?

Observe que, apesar de terem o mesmo IDH, os Estados Unidos são mais ricos que o Canadá, considerando a renda *per capita*, o que indica uma economia mais dinâmica e produtiva. No entanto, a distribuição da renda canadense é mais equilibrada, como aponta o índice de Gini.

O México apresenta IDH elevado, situando-se no ranking do Pnud próximo a outros países emergentes, como o Brasil. Um dos maiores problemas do México, além de a produtividade econômica ser relativamente mais baixa, o que se reflete numa renda *per capita* bem inferior à dos vizinhos desenvolvidos, é a grande concentração da riqueza e um índice de pobreza ainda muito elevado.

O Canadá apresenta baixa taxa de natalidade e elevada expectativa de vida. Em 2015, a taxa de fecundidade da população canadense era de 1,6 filho por mulher. Segundo a ONU, a taxa de reposição é de 2,1, ou seja, cada mulher deve ter dois filhos (algumas, mais de dois) para que a população não aumente nem diminua. No mesmo ano, 18,6% dos canadenses tinham 65 anos ou mais de idade. A tendência é que a proporção de idosos na população total aumente nos próximos anos.

É por isso que o Canadá promove políticas de incentivo ao ingresso de imigrantes. O objetivo é suprir a necessidade de mão de obra. Entretanto, a entrada de imigrantes é controlada pelo governo, que seleciona os países de origem, a profissão e a idade dos migrantes. Quando falta mão de obra em algum setor, o governo divulga uma lista de profissões e as pessoas com formação compatível podem se inscrever como candidatas à imigração.

Nos Estados Unidos os indicadores de desenvolvimento também são muito elevados, mas, como vimos, diferentemente do Canadá, há grande desigualdade social e um alto índice de pobreza para um país desenvolvido, inclusive em regiões industriais degradadas pelo fechamento de fábricas. Tal característica contribuiu para a eleição de Donald Trump, com um programa de governo nacionalista e xenófobo (leia o texto da seção *Para conhecer mais*, na página a seguir).

Como vimos no capítulo 5, em 2015, 13,5% da população estadunidense vivia abaixo da **linha nacional de pobreza**. Dessa parcela, a maioria tinha ascendência africana, seguida pela hispânica. Em 2015, 24,1% da população afrodescendente vivia abaixo da linha de pobreza. Entre a população hispânica esse índice era de 21,4%. Já entre os brancos (não hispânicos) apenas 9,1% vivia abaixo da linha nacional de pobreza.

O QUE É ?

A **linha nacional de pobreza** nos Estados Unidos é diferente da linha internacional de pobreza da ONU. Segundo a United States Census Bureau, em 2015 era considerada pobre a pessoa que, vivendo sozinha, tivesse uma renda de até 12082 dólares anuais (33,10 dólares/dia). O limite de pobreza para uma família de quatro pessoas era de 24257 dólares anuais (16,61 dólares/dia por pessoa).

Orientações didáticas

Retome com os alunos o significado de linha internacional de pobreza e de pobreza extrema definido pelo Banco Mundial e pela ONU. Se necessário, retome a explicação que está no capítulo 5, página 71. Em seguida destaque que os países desenvolvidos, em geral, estabelecem uma linha nacional de pobreza com limites bem mais elevados do que os fixados pelos organismos internacionais, como mostra o exemplo dos Estados Unidos apontado no **box O que é?**. Aproveite e explore as fotos desta página com os alunos para que percebam que mesmo nos países desenvolvidos mais ricos, como Estados Unidos e Canadá, há pobreza, ainda que em menor proporção.



Sem-teto atravessa avenida em Nova York (Estados Unidos), 2017. A desigualdade social é mais acentuada nas grandes cidades americanas.



Sem-teto em Toronto (Canadá), 2018. A desigualdade social no Canadá é a menor das Américas. Embora muito reduzida, lá também existe pobreza.

Para conhecer mais

Certifique-se de que todos os alunos compreenderam o texto para refletir sobre a questão proposta. A definição de xenofobia encontra-se na página 58 do capítulo 4. Caso necessário, retome-a com os alunos para a interpretação do texto.

Comente com os alunos que é comum muitos políticos explorarem a frustração de setores da população com a desigualdade social, que é crescente em vários países, como os Estados Unidos, insinuando que os imigrantes são responsáveis pelos problemas socioeconômicos internos. Esse fator foi crucial para a eleição de Donald Trump ao cargo de presidente dos Estados Unidos, em 2016. Ele se elegeu prometendo fechar o país aos estrangeiros, entre os quais se destacam os imigrantes mexicanos, já que em seu plano de governo estava a ampliação do muro na fronteira dos Estados Unidos com o México. Sobre isso, leia um trecho da matéria reproduzida abaixo e assista ao vídeo indicado no boxe a seguir.

Este conteúdo mobiliza a competência **CG1**.

Sugestão de aprofundamento

Essa reportagem publicada pelo jornal *O Globo* analisa cinco fatos sobre o muro que Donald Trump quer construir entre os Estados Unidos e o México.

O Globo. 2017. 3 min 8 seg. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/cinco-fatos-para-entender-muro-que-trump-quer-construir-entre-eua-mexico-20824776>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Muitos políticos exploram a frustração de setores da população com a desigualdade social, que é crescente em vários países, como os Estados Unidos, e usam os imigrantes como bode expiatório dos problemas socioeconômicos internos. Esse foi um fator importante que contribuiu para a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos. Ele se elegeu prometendo fechar o país aos estrangeiros, e o alvo principal de suas manifestações xenófobas são os imigrantes mexicanos. Uma de suas promessas de campanha foi construir um muro na divisa dos Estados Unidos com o México.



PARA CONHECER MAIS

Leia o trecho da entrevista de Thomas Piketty, um economista francês que tem se destacado pelos estudos sobre a concentração da riqueza e suas consequências sociais e econômicas. Ele é professor da Escola de Economia de Paris desde 2007. Seu livro mais conhecido é *O capital no século XXI*.

Desigualdade, baixo crescimento, nacionalismo...

[...] A história dos EUA e da Europa mostra que só depois de grandes choques políticos como as duas grandes guerras do século 20 a desigualdade diminuiu e a economia cresceu com vigor, permitindo que fatias maiores da população colhessem os benefícios.

No Brasil, podemos concluir que as elites políticas e os diferentes partidos que governaram o país nos últimos anos foram incapazes de executar políticas que levassem a uma distribuição mais igualitária da renda e da riqueza. Acho que isso é pré-condição para o crescimento econômico.

[...] Em países como os EUA e a França, temos visto a ascensão do nacionalismo e da xenofobia, e quero entender melhor o que significa. O maior risco criado pelo aumento da desigualdade é a ascensão do racismo e da xenofobia.

Se não resolvermos o problema da desigualdade de forma pacífica e democrática, vamos sempre ter políticos tentando explorar a frustração causada pela desigualdade, incentivando a xenofobia e pondo a culpa dos nossos problemas sociais em imigrantes e trabalhadores estrangeiros.

É um risco para a globalização e os fluxos de comércio. A eleição de Donald Trump nos EUA e a decisão do Reino Unido de sair da União Europeia não foram uma coincidência. São os dois países ocidentais em que a desigualdade mais cresceu nos últimos anos.

BALTHAZAR, Ricardo. Brasil não cresce se não reduzir sua desigualdade, diz Thomas Piketty. *Folha de S.Paulo*, 28 set. 2017. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/09/1922435-brasil-nao-cresce-se-nao-reduzir-sua-desigualdade-diz-thomas-piketty.shtml>. Acesso em: 19 jul. 2018.

- Qual é a relação entre desigualdade social e xenofobia? Relacione isso com a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos.

Secretário de Segurança dos Estados Unidos adverte: muro não funcionará

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, já prepara terreno para executar sua promessa de construir um muro na fronteira com o México, mas ele deve esbarrar com divergências dentro de seu próprio gabinete. Em sua audiência de confirmação no Senado neste mês, o secretário de Segurança Interna indicado por

Trump, John F. Kelly, um general aposentado, advertiu que a estratégia não funcionará sozinha.

Questionado pelos senadores sobre o assunto, Kelly disse que um muro seria eficaz somente se fosse acompanhado por medidas mais abrangentes. Para ele, “uma barreira física não faria o trabalho”.

Se você construir um muro, você ainda terá que apoiar essa barreira com patrulhamento por seres

humanos, por sensores, por dispositivos de monitoramento — observou.

[...]

O GLOBO. Secretário de Segurança dos Estados Unidos adverte: muro não funcionará. 25 jan. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/secretario-de-seguranca-dos-eua-adverte-muro-nao-funcionara-20824649>>.

Acesso em: 15 out. 2018.

Composição étnica da população

A composição étnica da população do Canadá, do México e dos Estados Unidos é bem diversificada, como veremos a seguir. Em proporções diferentes, em todas elas há a contribuição dos indígenas nativos, dos europeus, dos africanos e dos asiáticos.

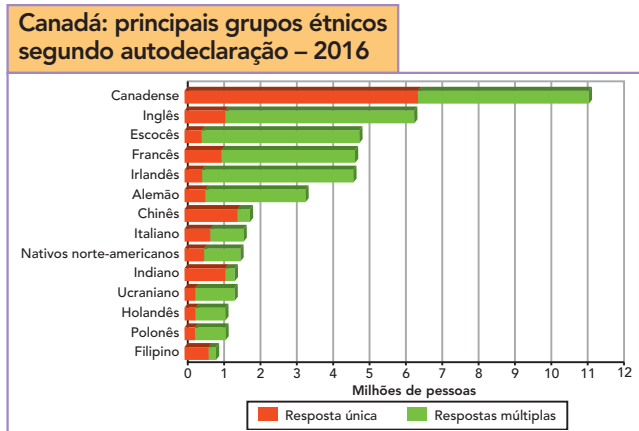
A população do Canadá

No Canadá, segundo o Censo de 2016, 21,9% da população é formada por imigrantes provenientes de todos os continentes. A maioria dos cidadãos canadenses descende de colonizadores britânicos e franceses. No Censo de 2016, 32,5% da população se declarou descendente de britânicos e 13,6%, de franceses. Essa ascendência predominantemente anglo-francesa explica a existência desses dois idiomas oficiais no país. No entanto, como mostra o gráfico, a população canadense é muito diversa do ponto de vista étnico. E tem ficado mais diversificada ainda com a chegada de novos imigrantes. É comum muitas pessoas responderem ao Censo que pertencem a mais de uma etnia. No Censo de 2016, foram declaradas mais de 250 etnias. O gráfico acima mostra apenas os grupos étnicos mais numerosos.

Os canadenses de origem francesa se concentram na província de Quebec, e os de origem britânica, na província de Ontário. Juntas, Quebec e Ontário reúnem mais da metade da população canadense.

Em Quebec existe um movimento separatista, o Movimento de Soberania do Quebec, composto de um grupo de pessoas que pretendem tornar a província um país independente. A proposta, no entanto, foi recusada pela maioria da população da província nos dois plebiscitos em que foi consultada, em 1980 e em 1995.

Dentre as 250 etnias canadenses, uma, embora muito minoritária, se destaca por ser conhecida e influente. No norte do Canadá vivem os inuítes (esquimós), nação indígena adaptada aos rigores climáticos da região. Em 1999, o governo canadense lhes concedeu o Território de Nunavut, que abrange 20% da área do país, onde eles têm autonomia administrativa. Desse modo, podem preservar sua cultura e seu modo de vida.



Fonte: elaborado com base em STATISTICS CANADA. 2016 Census Topic: Immigration and Ethnocultural Diversity, Ottawa, 25 Oct. 2017. Disponível em: <www12.statcan.ca/census-recensement/2016/rt-td/imm-eng.cfm>. Acesso em: 24 ago. 2018.

Ericson Guilherme Luciano/Arquivo da editora

Inuítes na ilha Baffin (Canadá), em 2017.



Os inuítes

Durante séculos, os inuítes sempre foram chamados de “esquimós” por aqueles que não são inuítes. Os inuítes não mais consideram este termo aceitável. Preferem o nome pelo qual eles próprios sempre se identificaram, inuíte, que significa “povo” em seu próprio idioma, o *inuktitut*.

Os inuítes habitam vastas áreas em Nunavut, nos Territórios do Noroeste, na costa norte de Labrador e em aproximadamente 25% do norte de Québec. Tradicio-

nalmente, eles habitavam acima da área arborizada na região onde se encontra a fronteira com o Alasca, no oeste, a costa de Labrador a leste, a ponta sul da baía de Hudson ao sul e as ilhas do alto Ártico ao norte.

Cerca de 55 700 inuítes vivem em 53 comunidades em todo o norte canadense. A população inuíte cresceu rapidamente nas últimas décadas. De acordo com a agência governamental de estatísticas “Statistics Canada”, se a tendência continuar, haverá cerca de 84 600 inuítes no

norte canadense por volta de 2016.

Os inuítes são um dos três povos aborígenes do Canadá, conforme definido pela constituição canadense. Os outros dois povos aborígenes são denominados “Primeiras Nações” e “Métis”.

[...]

GOVERNO DO CANADÁ. Os inuítes. 11 jul. 2013. Disponível em: <http://canadainternational.gc.ca/brazil-bresil/about_a-propos/inuit.aspx?lang=por>. Acesso em: 15 out. 2018.

Orientações didáticas

O estudo da composição étnica da população dos países da América do Norte e de sua diversidade cultural estimula o respeito às diferenças e à pluralidade, e mobiliza as competências **CG9** e **CCH1**.

Explore o gráfico para os alunos perceberem a enorme diversidade étnico-cultural que existe no Canadá. Ele só mostra os grupos mais numerosos. É importante chamar a atenção dos alunos para o fato de que o Censo demográfico canadense permite respostas abertas (diferentemente do brasileiro, que exige uma única resposta) e, assim, a identificação com duas ou mais etnias. Por exemplo, uma pessoa pode se auto-definir simultaneamente como canadense e inglês, outra, como membro de alguma etnia nativa, como os inuítes, e canadense. Isso pode confundir um pouco, porque “canadense”, ao mesmo tempo em que é nacionalidade, também é considerado etnia.

Saiba mais sobre os inuítes lendo o texto abaixo (para ler na íntegra, acesse o site do governo do Canadá indicado na fonte).

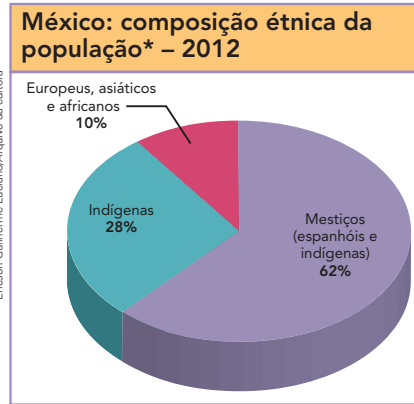
I Orientações didáticas

Para que os alunos percebam as diferentes políticas demográficas nacionais é interessante estabelecer uma comparação entre o Canadá e o México. Comente com eles que, enquanto o Canadá tem uma leitura muito ampla do significado de etnia em sua coleta de dados no Censo, o México não coleta essa informação. Por isso, os dados de etnia do país representados no gráfico são estimativas do *The World Factbook*, uma publicação estadunidense.

Peça aos alunos que observem o mapa dos falantes de línguas indígenas no México e questione-os: Em quais estados há mais falantes de línguas indígenas? Eles devem perceber que é nos estados do sul do país, com destaque para Chiapas, Oaxaca e Yucatán.

Comente com os alunos que antes mesmo da colonização essa região já era mais habitada por populações nativas, como os maias, cujos descendentes vivem no México, na Guatemala, em Honduras e em Belize.

A população do México



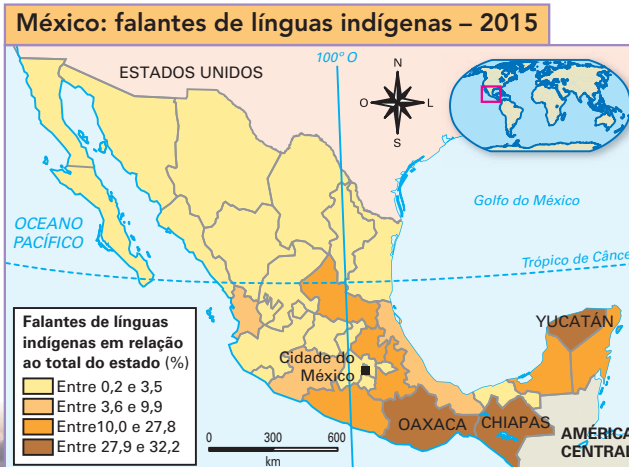
Fonte: elaborado com base nos dados de CIA. *The World Factbook*. Washington, D.C., 2017. Disponível em: <www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/index.html>. Acesso em: 24 ago. 2018.

* O INEGI (Instituto Nacional de Estadística y Geografía) não coleta dados sobre a composição étnica da população do México, esses dados são estimados pela CIA.

No México, a maioria da população é composta de descendentes da miscigenação de espanhóis e indígenas, como mostra o gráfico ao lado, e está concentrada na região do planalto Mexicano, onde ficam as maiores aglomerações urbanas do país. As maiores cidades mexicanas são: Cidade do México, Guadalajara, Monterrey, Puebla e Tijuana.

Na população do país há um grande percentual de indígenas, que se concentram nos estados ao sul, principalmente em Oaxaca, Chiapas e Yucatán. É por isso que 7% da população, além do idioma oficial (espanhol), fala alguma das 72 línguas indígenas existentes no país, com destaque para náhuatl, maya e tseital.

No sul do México, região mais pobre do país, predominam atividades agropecuárias de subsistência. Nela existe um movimento camponês de defesa dos direitos dos povos indígenas inspirado nos ideais de Emiliano Zapata, que foi um camponês mestiço, como a maior parte da população mexicana, e liderou a luta por terra e liberdade para a população pobre. Acabou se tornando o principal líder da Revolução Mexicana de 1910, cujo objetivo era combater a ditadura de Porfírio Diaz (1884-1911) e lutar pela reforma agrária no país.



Fonte: elaborado com base em INEGI. Instituto Nacional de Estadística y Geografía. Hablantes de lengua indígena en México. Encuesta Intercensal 2015. Ciudad de México, 2015. Disponível em: <<http://cuentame.inegi.org.mx/poblacion/lindigena.aspx?tema=P#uno>>. Acesso em: 20 ago. 2018; CHARLIER, Jacques. *Atlas du 21^e siècle édition 2012*. Groningen: Wolters-Noordhoff; Paris: Éditions Nathan, 2014. p. 146.

Movimento indígena zapatista em Chiapas (México), em 2018.



238

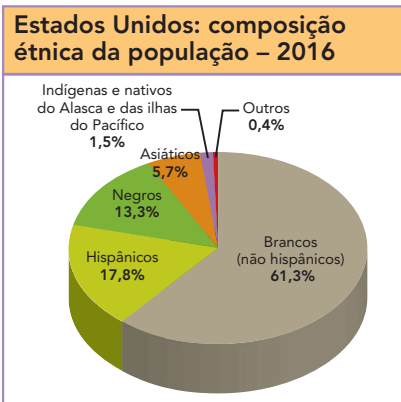
A população dos Estados Unidos

Os Estados Unidos receberam muitos imigrantes de diversos países desde o início de sua colonização. De 1850 a 2015 cerca de 80 milhões de estrangeiros se fixaram no país. Portanto, a população estadunidense é diversificada do ponto de vista étnico, como mostra o gráfico ao lado.

Ao longo do período em que o atual país foi uma colônia inglesa (século XVII e parte do XVIII), houve a imigração de europeus, com grande destaque para os britânicos, e a imigração forçada de africanos escravizados. Esses povos promoveram a ocupação do território e contribuíram para a formação da população do país. É importante destacar que esse povoamento provocou o genocídio dos povos indígenas.

O sul do território dos atuais Estados Unidos foi colonizado pelos espanhóis. Posteriormente, os britânicos, que fugiam da perseguição religiosa em seu país, conquistaram as terras localizadas a nordeste. Ao longo do século XIX e da primeira metade do século XX, também chegaram imigrantes da Irlanda, da Alemanha, da Itália, dos Países Baixos e de vários outros países da Europa.

A imigração forçada de africanos teve início no século XVII e terminou em 1863, quando a escravidão foi abolida. Observe no mapa a seguir que ainda hoje a maior concentração de população afrodescendente está nas regiões em que foi utilizada mão de obra escravizada durante a colonização.



Fonte: elaborado com base em UNITED STATES CENSUS BUREAU. Quick Facts: United States, Washington, D.C., 1ª jul. 2016. Disponível em: <www.census.gov/quickfacts/fact/table/US/PST045216>. Acesso em: 19 jul. 2018.

Ericson Guilherme Luciano/Arquivo da editora

EXPLORANDO O GRÁFICO

Como é composta, do ponto de vista étnico-racial, a população dos Estados Unidos?

Embora mais recentemente tenham entrado mais imigrantes de outras origens, a maior parte da população estadunidense ainda é formada de brancos descendentes de europeus, seguidos de hispânicos, negros e asiáticos.

Estados Unidos: população de origem africana – 2016



Fonte: elaborado com base em UNITED STATES CENSUS BUREAU. Quick Facts: United States, 1ª jul. 2016. Disponível em: <www.census.gov/quickfacts/fact/map/US/RHI225216#viewtop>. Acesso em: 24 ago. 2018.

Sônia Vaz/Arquivo da editora

Orientações didáticas

A análise da composição étnica da população dos Estados Unidos e da questão da imigração que gera conflito e tensão na região fronteiriça mobiliza as habilidades EF08GE04 e EF08GE11.

Ao responderem à pergunta do boxe **Explorando o gráfico**, espera-se que os alunos observem que a maior parte da população estadunidense ainda é formada por brancos descendentes de europeus. No entanto, está crescendo cada vez mais a população de imigrantes de diversas etnias, tornando a população ainda mais diversa. Vale lembrar que muitos imigrantes oriundos de países da América Latina são brancos também descendentes de europeus, como espanhóis, portugueses, italianos, etc. No entanto, no Censo do Estados Unidos são classificados como hispânicos.

Explore com os alunos o mapa, que representa a distribuição da população afrodescendente nos Estados Unidos. Eles devem perceber que, mesmo com a posterior redistribuição pelo território, a maior concentração ainda ocorre nos estados do sul, onde existiram as *plantations* e houve exploração do trabalho de africanos escravizados que foram trazidos à força para a América (tema que será desenvolvido no capítulo seguinte).

Para conhecer mais

Ao propor a reflexão proposta na seção **Para conhecer mais**, sobre a importância de movimentos como o Black Lives Matter, seria oportuno fazer um paralelo com a situação dos jovens afrodescendentes no Brasil, sobretudo os habitantes das periferias das grandes cidades, que estão ainda mais expostos à violência policial.

Sugestões de aprofundamento

Veja duas indicações de leitura sobre o racismo no Brasil.

ARIAS, Juan. O racismo do Brasil é diferente dos Estados Unidos? 27 jun. 2016. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/26/opinion/1466966859_490736.html>. Acesso em: 15 out. 2018.

GIANNETTI, Eduardo. *Trópicos utópicos: uma perspectiva brasileira da crise civilizatória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Leia a seguir trechos da entrevista do economista e filósofo Eduardo Giannetti, nos quais ele comenta a diferença entre o racismo no Brasil e nos Estados Unidos e por que defende a ideia de tratar cada um de forma diferente.

Eduardo Giannetti critica a modernidade em novo livro

Ao apontar a utopia brasileira, você exalta a mestiçagem. O que você entende por isso?

Entendo a mestiçagem do ponto de vista cultural. Aqui, ocorreu uma fusão singularríssima de três matrizes culturais de origens distintas: ameríndia, portuguesa-ibérica-europeia e africana. A nossa biodiversidade e a nossa diversidade sociocultural são os nossos trunfos frente à crise da civilização. Trata-se de aproveitá-las para lidar com os nossos desafios. No livro, eu apresento duas visões. A visão mimética pretende que a gente aprenda e copie, tanto quanto for possível, o modelo dominante, que hoje é o norte-americano. Já a visão profética contém em si um exagero, que todos teriam que

O movimento Black Lives Matter é muito importante porque busca denunciar a violência policial chamando a atenção da sociedade para as práticas injustas e violentas de diversos estados dos Estados Unidos. Uma grande conquista do movimento foi contribuir com a mudança no discurso comum na sociedade estadunidense de “criminalidade dos negros” para “injustiça da brutalidade policial”.

Manifestação organizada pelo movimento Black Lives Matter no estado do Colorado (Estados Unidos), em 2018.



ser como e aprender com o Brasil. É o caso dos Estados Unidos, que acham que todos devem ser iguais a eles. Isso não cabe. No entanto, não significa que não possamos ter a nossa visão, brasileira, do que seja a melhor vida. Não podemos nos contentar em ser uma cópia malfeita dos líderes do mundo ocidental, ao mesmo tempo que, afirmo isso, temos muito a assimilar da cultura científica-tecnológica. O que eu fiz foi dar uma visão analítica, utilizando a minha bagagem, para constituir uma coisa mais realista talvez dentro dessa perspectiva.

O Brasil acumula passivos enormes em relação a representantes dessas culturas, como os índios e os negros, por causa de violações

Nos Estados Unidos, até 1964 os afro-americanos não gozavam dos mesmos direitos assegurados aos brancos. Em muitos estados, além de sofrerem com a segregação nos espaços públicos, semelhante ao que acontecia na África do Sul (veja o assunto na página 117), eles nem sequer tinham direito de votar e ser votados, não sendo, portanto, considerados cidadãos plenos. Desde os movimentos pelos direitos civis nos anos 1960, sob a liderança de Martin Luther King (1954-1968), prêmio Nobel da Paz em 1964, muita coisa mudou. Em 1964 foi aprovada a Lei dos Direitos Civis, a segregação nos espaços públicos foi abolida e a partir de então os afro-americanos são cidadãos com todos os direitos assegurados.

No entanto, atualmente continuam sofrendo com a discriminação e a violência policial – principalmente os homens jovens de bairros pobres. Após a morte de vários jovens afro-americanos, em 2013 ativistas organizaram o movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam). Conheça um pouco desse movimento lendo o trecho da reportagem a seguir.

PARA CONHECER MAIS

Movimento negro denuncia injustiça policial nos EUA

Com objetivos muito definidos, mobilização nas ruas e mensagem amplificada pelas redes sociais, o grupo Black Lives Matter (Vidas Negras Importam) tornou-se um dos movimentos sociais mais importantes dos EUA na atualidade. Com grande apoio da população, segundo analistas, suas ações estão mudando um discurso americano de “criminalidade de negros” para a “injustiça da brutalidade policial”.

O movimento nasceu nas redes sociais em 2013 como a *hashtag* #Blacklivesmatter logo após o veredicto que inocentou o segurança George Zimmerman de matar o menino negro Trayvon Martin. O rapaz, de 17 anos, estava desarmado e foi morto com um tiro disparado contra seu peito em fevereiro de 2012 no Estado da Flórida.

A decisão judicial despertou a indignação e milhares foram para as ruas em protesto, naquele que seria o início de uma onda de manifestações que está mudando a forma como os americanos veem a questão da violência policial no país. [...]

“O que é tão significativo sobre esse movimento (Black Lives Matter) é que, apenas uma década atrás, as pessoas que sofriam com a brutalidade policial eram simplesmente endemoniadas pela grande mídia como criminosos”, afirmou Johnson, em entrevista ao Estado. “O Black Lives Matter tem mudado essa percepção, chamando a atenção dos americanos para as práticas injustas da polícia.”

RENATA, Tranches. Movimento negro denuncia injustiça policial nos EUA. *O Estado de S. Paulo*, 23 jul. 2016. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,movimento-negro-denuncia-injustica-policial-nos-eua,10000064595>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

- Qual é a importância de movimentos como o Black Lives Matter?

históricas. Esse passivo deve ser enfrentado a partir dessa perspectiva?

Sim, essas questões devem ser enfrentadas por esse prisma. O racismo no Brasil é completamente diferente do norte-americano. Não adianta importar o modelo deles para lidar com isso. O racismo no Brasil tem uma natureza social, e não de raça. O abismo social no Brasil é de tal ordem que não dá para ter ideia do preconceito. Lá, foi uma experiência de outra ordem, de monstruosidade de separação. Os portugueses viveram oito séculos mantendo relações com os árabes, tinham um *know-how* para a diferença que os anglo-saxões nunca tiveram. E isso é muito fundamental na



VAMOS PESQUISAR: AFRODESCENDENTES NOS ESTADOS UNIDOS

Reúnam-se em grupos e façam uma pesquisa na internet para conhecer mais da história dos direitos civis da população afrodescendente nos Estados Unidos. Na investigação, procurem informações sobre:

- a vida dos afrodescendentes nos Estados Unidos até 1964;
- o movimento pelos direitos civis na década de 1960 nos Estados Unidos, que culminou com a aprovação da Lei dos Direitos Civis, em 1964;
- Martin Luther King e Rosa Parks;
- as conquistas a partir da eleição do primeiro presidente afro-americano dos Estados Unidos, Barack Obama, em 2008.

Ao final, reúnam as informações pesquisadas e elaborem um painel.

Depois da Segunda Guerra Mundial, com a recuperação econômica e o aumento do desenvolvimento humano na Europa, houve uma mudança na corrente de imigração para os Estados Unidos. A partir da segunda metade do século XX passou a predominar a entrada de latino-americanos oriundos de diversos países, seguidos de imigrantes provenientes da China, da Índia, do Vietnã e de outros países asiáticos, além de países da África (tradicionalmente os africanos emigram mais para a Europa, onde estão as ex-metrópoles). Todos esses migrantes têm algo em comum: buscam novas oportunidades e melhores condições de vida nos Estados Unidos.

De acordo com o *Yearbook of Immigration Statistics 2015*, somente no período de 1990 a 2015 cerca de 26 milhões de imigrantes se fixaram nos Estados Unidos – considerando apenas os que entraram legalmente e obtiveram visto de permanência. Dessa onda mais recente de imigração a maioria é de origem latina: pessoas oriundas do México e de países da América Central e do Sul. Segundo o U. S. Census Bureau (órgão que faz o recenseamento nos Estados Unidos), quase 18% da população do país já é de origem hispânica. Muitos dos migrantes latinos entram de forma clandestina, inclusive brasileiros, correndo risco de perder a vida ao tentar pular o muro que separa o México dos Estados Unidos em parte da fronteira seca ou tentando atravessar a nado o rio Grande.

NA TELA

Selma – uma luta pela igualdade.

Direção: Ava DuVernay. Estados Unidos, 2015. (2 h 8 min)

Cinebiografia de Martin Luther King, o filme reconstrói a histórica marcha realizada por cerca de 8 mil manifestantes pacifistas de todas as “cores”, partindo da cidade de Selma (interior do Alabama) até Montgomery (capital do estado), para reivindicar direitos eleitorais iguais para a comunidade afro-americana.

A fronteira entre os Estados Unidos e o México é vigiada permanentemente, mas muitos mexicanos e imigrantes de outros países conseguem ultrapassá-la ilegalmente. Na fotografia, fronteira entre Estados Unidos e México, em 2017.

Vamos pesquisar

O desenvolvimento desta atividade envolve a reflexão sobre a importância da democracia e do respeito aos direitos humanos e mobiliza as competências **CG9** e **CCH1**.

Oriente os alunos no desenvolvimento da pesquisa. Uma possibilidade é indicar à turma a leitura da matéria publicada pela revista *Veja* em 2014, no ano em que a lei dos Direitos Civis nos Estados Unidos completou 50 anos, disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/lei-que-mudou-a-historia-dos-negros-dos-eua-faz-50-anos/>> [acesso em: 15 out. 2018].

Após realização da pesquisa, espera-se que os alunos reconheçam que o combate à discriminação está inserido no contexto histórico de lutas e resistências e que faz parte de uma dinâmica global de enfrentamento ao racismo que vem se estruturando desde a segunda metade do século passado.

Nos Estados Unidos, a luta pelos direitos civis liderada por Martin Luther King teve papel fundamental. A eleição de Barack Obama para a presidência dos Estados Unidos, assim como a de Nelson Mandela na África do Sul, entre outros exemplos, constituem a materialização das mudanças conquistadas.

No entanto, ainda há muito a ser feito para garantir o respeito aos direitos humanos da população afrodescendente, mesmo nos Estados Unidos. Diversas notícias mostram assassinatos de afrodescendentes cometidos pela polícia, principalmente de homens jovens, muitas vezes desarmados e sem nenhum enfrentamento que justificasse uma reação violenta. Da percepção desse tratamento injusto, violento e desigual surgiu o movimento Black Lives Matter.

colonização brasileira. Gilberto Freyre captou isso muito bem, apesar de às vezes romantizar a situação do negro, e acabou injustificado por outros pensadores.

CAZES, Leonardo. Eduardo Giannetti critica a modernidade em novo livro. *O Globo*, 26 jun. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/eduardo-giannetti-critica-modernidade-em-novo-livro-19586147>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Trocando ideias

A análise da questão da imigração e dos conflitos e tensões gerados na região fronteira México-Estados Unidos mobiliza as habilidades **EF08GE04** e **EF08GE11**. Este conteúdo também contribui com o desenvolvimento das competências **CG9** e **CCH1**.

Certifique-se de que todos compreenderam o texto para que possam desenvolver a atividade. Explore a fotografia com eles para que tenham ideia do controle que os Estados Unidos exercem em sua fronteira com o México.

O muro nessa zona de fronteira talvez seja o fato mais conhecido e comentado, sobretudo após a eleição de Donald Trump com a promessa xenófoba de ampliá-lo. Se achar importante, retome a foto da página 30, que mostra uma parte desse muro. No entanto, comente com os alunos que há vários outros muros no mundo, separando povos, regiões e países. Para saber mais sobre esses muros e ver fotos deles, consulte a matéria publicada pelo jornal *El País*, disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/27/album/1488207932_438823.html#foto_gal_1>. Acesso em: 15 out. 2018.

1. A maioria dos migrantes que tenta entrar nos Estados Unidos pela fronteira com o México vem deste país ou de diversos países da América Latina, inclusive do Brasil.

Um grupo de migrantes da América Central se entrega à polícia após entrar ilegalmente nos Estados Unidos. Texas (Estados Unidos), 2017.



Vichinterlang/Getty Images

TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

Leia o texto abaixo e depois converse com os colegas sobre as questões apresentadas.

A fronteira México-EUA e o pesadelo da travessia

“Passar pelo México” é a única alternativa que resta àqueles que querem vir aos EUA e não conseguem o visto para entrar no país. Dessa forma, muitos recorrem à estratégia de atravessar a fronteira pagando a um “coiote”. Os “coiotes” são, em geral, mexicanos que cobram muito caro para atravessar migrantes clandestinamente do México para os Estados Unidos através da fronteira – num tráfico de migrantes que aumenta à medida que crescem as restrições à migração.

Aproximadamente 409 mil imigrantes foram pegos tentando cruzar ilegalmente a fronteira sul dos EUA durante o ano fiscal de 2016, o que representa um aumento de 23% com relação ao ano anterior, segundo estatísticas do governo.

A principal rota ilegal dos brasileiros continua sendo a fronteira mexicana: 3 118 (96%). O número de brasileiros detidos tentando migrar para os EUA cresceu 142% em 2016, em relação a 2015. Ao todo, 3 252 brasileiros foram pegos cruzando ilegalmente a fronteira em 2016, uma média de nove casos por dia. É o contingente mais elevado dos últimos cinco anos. Em 2015, foram detidos 1 344 brasileiros.

São viajantes clandestinos que, com a ajuda dos coiotes, tentam entrar na “América” – muitos acabam sendo abandonados no deserto pelos mesmos. Dezenas deles, exaustos e desidratados, acabam morrendo na vastidão insospita da fronteira, onde as temperaturas ultrapassam os 40 °C no verão. [...]

A maior parte dos presos brasileiros por cruzar a fronteira é constituída por homens, mas os perigos da travessia pelo deserto – o calor, o risco de

ataque de cobras e escorpiões – também são enfrentados por mulheres e crianças. Embora em pequeno número, cresce o contingente de mulheres que se arrisca nessa empreitada. [...]

CASTRO, Arlaine. A fronteira México-EUA e o pesadelo da travessia. *Gazeta Brazilian News*. Deerfield Beach (FL), 1ª jun. 2017. Disponível em: <<https://gazanews.com/fronteira-mexico-eua-e-o-pesadelo-da-travessia>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

1. Por que muitos migrantes tentam entrar nos Estados Unidos pela fronteira com o México? De onde eles vêm?
2. Por que, mesmo correndo muitos perigos, o número de pessoas que se arriscam nessa travessia aumenta (de acordo com dados de 2016, em relação a 2015)?

2. Como não conseguem visto de entrada nos Estados Unidos para fazer uma viagem regular, muitos migrantes tentam entrar clandestinamente, com a ajuda de coiotes, transpondo o muro que se estende por quilômetros da fronteira seca ou atravessando o rio Grande a nado, mesmo sendo uma travessia muito perigosa, que leva muitas pessoas à morte. Todas elas vão em busca de oportunidades econômicas e melhores condições de vida, já que os países de onde saem não vêm oferecendo boas condições de vida a elas.

2. a) Sim, nos dois países a situação socioeconômica das mulheres é pior que a dos homens. Porém, isso fica mais evidente no México, onde a renda *per capita* das mulheres é menos da metade da renda *per capita* dos homens e elas têm escolaridade média inferior à deles. Ou seja, a desigualdade característica de países em desenvolvimento é ainda pior para as mulheres. Nos Estados Unidos, país menos desigual, homens e mulheres em média permanecem o

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

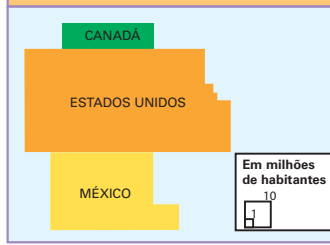
mesmo tempo na escola; no entanto, a renda *per capita* delas também é inferior à deles, embora não tão desigual como no México. O único indicador em que as mulheres levam vantagem em ambos os países é a expectativa de vida, embora as mulheres mexicanas vivam menos que as estadunidenses.

1. Observe o cartograma ao lado. Depois responda às perguntas.

- O que o cartograma está representando?
A população absoluta de cada país da América do Norte.
- Qual é o país mais populoso? Como você descobriu isso?
Os Estados Unidos são o país mais populoso. O tamanho do quadrilátero indica isso (o dos Estados Unidos é o maior).

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

América do Norte:
população absoluta – 2017



Fonte: elaborado com base em UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *World Population 2017*. Disponível em: <https://esa.un.org/unpd/wpp/publications/Files/WPP2017_Wallchart.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2018.

2. Analise os dados da tabela e compare a situação social das mulheres com a dos homens nos Estados Unidos e no México. Depois responda às questões.

ESTADOS UNIDOS E MÉXICO: INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO HUMANO – 2015

Indicadores	Estados Unidos		México	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
IDH	0,922	0,915	0,775	0,737
Expectativa de vida (anos)	76,9	81,6	74,6	79,4
Renda <i>per capita</i> (dólares PPC*)	64410	42272	22115	10710
Escaridade média (anos)	13,2	13,2	8,6	8,2

Fonte: elaborado com base em UNDP. *Human Development Report 2016*. New York: United Nations Development Programme, 2016. p. 210-213.

*Paridade do Poder de Compra

- De acordo com os dados, podemos afirmar que há desigualdade entre mulheres e homens nos Estados Unidos? E no México? Dê exemplos.
- Qual é a consequência nos indicadores sociais dessas diferenças de gênero?

3. Observe o mapa e depois responda às perguntas.

3. a) Nevada, Califórnia, Arizona, Novo México, Colorado, Texas, Flórida, Illinois, Nova York, Nova Jersey.

- Em quais estados a porcentagem de habitantes de origem hispânica é mais elevada?
- O que explica a concentração de estados com predomínio de pessoas de origem hispânica na porção sudoeste do território dos Estados Unidos?

Estados Unidos: população de origem hispânica – 2016



2. b) A consequência dessas diferenças de gênero é que em ambos os países o IDH das mulheres é mais baixo que o IDH dos homens.

Fonte: elaborado com base em UNITED STATES CENSUS BUREAU. Quick Facts: United States, 1^a jul. 2016. Disponível em: <www.census.gov/quickfacts/fact/map/US/RHI725216#viewtop>. Acesso em: 24 ago. 2018.

3. b) A presença da fronteira com o México, país de origem de grande parte dos migrantes e porta de entrada de migrantes de países da América Central e do Sul.

Consolidando conhecimentos

As atividades 1 e 3, ao analisarem um cartograma da população norte-americana e um mapa temático da população hispânica nos Estados Unidos, respectivamente, mobilizam a habilidade **EF08GE19**.

1. Se achar necessário, retome com os alunos o significado de cartograma.

2. a) Vale lembrar aos alunos que, de maneira geral, em todos os países as mulheres vivem mais do que os homens. A menor longevidade dos homens se deve a uma série de razões. Uma das principais razões é que a maioria das pessoas que morrem ainda jovens, em geral por causa da violência, é do sexo masculino, o que diminui a expectativa de vida.

b) Em relação aos indicadores sociais, há também uma diferença nacional que precisa ser apontada. Como o México é um país em desenvolvimento, tanto os homens como as mulheres do país têm um IDH inferior aos de seus congêneres estadunidenses. Vale notar, inclusive, que as mulheres estadunidenses têm um IDH mais elevado do que os homens mexicanos.

3. Essa atividade, ao relacionar a distribuição da população hispânica nos Estados Unidos com a imigração, contempla a habilidade **EF08GE04**.

Pode-se pedir que os alunos comparem a distribuição da população hispânica com a população afrodescendente no mapa da página 239.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE05 Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra.

EF08GE11 Analisar áreas de conflito e tensões nas regiões de fronteira do continente latino-americano e o papel de organismos internacionais e regionais de cooperação nesses cenários.

EF08GE12 Compreender os objetivos e analisar a importância dos organismos de integração do território americano (Mercosul, OEA, OEI, Nafta, Unasul, Alca, Comunidade Andina, Aladi, entre outros).

EF08GE13 Analisar a influência do desenvolvimento científico e tecnológico na caracterização dos tipos de trabalho e na economia dos espaços urbanos e rurais da América e da África.

EF08GE19 Interpretar cartogramas, mapas esquemáticos (croquis) e anamorfoses geográficas com informações geográficas acerca da África e América.

EF08GE20 Analisar características de países e grupos de países da América e da África no que se refere aos aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir as desigualdades sociais e econômicas e as pressões sobre a natureza e suas riquezas [sua apropriação e valorização na produção e circulação], o que resulta na espoliação desses povos.

EF08GE24 Analisar as principais características produtivas dos países latino-americanos [como exploração mineral na Venezuela; agricultura de alta especialização e exploração mineira no Chile; circuito da carne nos pampas argentinos e no Brasil; circuito da cana-de-açúcar em Cuba; polígono industrial do sudeste brasileiro e plantações de soja no Centro-Oeste; maquiadoras mexicanas, entre outros].

Orientações didáticas

O estudo da formação territorial dos Estados Unidos e da espoliação dos territórios

CAPÍTULO 18

Vamos tratar de:

- Industrialização dos Estados Unidos
- Nafta
- Distribuição das atividades econômicas
- PEA e setores da economia

O QUE É ?

A **Guerra de Secessão**, também conhecida como Guerra Civil Americana (1861-1865), estourou após a eleição do presidente Abraham Lincoln (1809-1865), quando os estados escravistas do sul declararam sua separação da União.

América do Norte: economia

A América do Norte é composta de dois países desenvolvidos – os Estados Unidos e o Canadá – e um país emergente – o México. Os três são países industrializados. Porém, enquanto os Estados Unidos iniciaram seu processo de industrialização na primeira metade do século XIX, e o Canadá, no final do mesmo século, o desenvolvimento industrial do México começou por volta da década de 1930 e teve um grande impulso com a criação do Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta), em 1994, como veremos neste capítulo.

Industrialização dos Estados Unidos

A colonização britânica no território hoje ocupado pelos Estados Unidos ocorreu primeiro em uma faixa ao longo do litoral banhado pelo oceano Atlântico, área que ficou conhecida como a das treze colônias (observe o mapa a seguir). Na parte sul houve intensa exploração de mão de obra escravizada em grandes fazendas que plantavam principalmente algodão para exportação, numa **colonização de exploração** idêntica à ocorrida no Brasil e no Caribe, enquanto no norte dominou a **colonização de povoamento**. Com a independência dessas colônias, em 1776, e o gradativo processo de expansão territorial e de industrialização subsequentes, foram ficando cada vez mais evidentes as diferenças econômicas, sociais e culturais entre as sociedades das duas regiões.

Os fazendeiros sulistas, em decadência política e econômica, tentaram manter o poder e o regime escravocrata por meio da criação dos Estados Confederados da América, levando o governo central a declarar guerra, dando início a um conflito que ficou conhecido como **Guerra de Secessão**.

A vitória das forças nortistas manteve a unidade territorial do país, que já se estendia do Atlântico ao Pacífico. Observe no mapa abaixo como foi essa expansão territorial dos Estados Unidos.



indígenas e mexicanos, além das características políticas e econômicas do país, mobiliza as habilidades **EF08GE05** e **EF08GE20**.

Se necessário, retome conteúdos trabalhados em História sobre as colônias de exploração e de povoamento. Comente com eles sobre a diferença básica entre os dois modelos de colonização.

A colonização de exploração se caracterizou pelo domínio da *plantation* [expressão em inglês] ou latifúndio [expressão em português derivada do latim *latifundium*, “extensa propriedade rural”], com domínio da agricultura de produtos tropicais desenvolvida em grandes

propriedades com utilização de trabalho escravo de africanos trazidos à força e voltada para a exportação. Essa estrutura produtiva existiu durante o período colonial, e mesmo por um período após a independência, no sul dos Estados Unidos e principalmente em toda a zona tropical da América Latina. Por priorizar o mercado externo e concentrar renda, não favoreceu o desenvolvimento de um mercado interno.

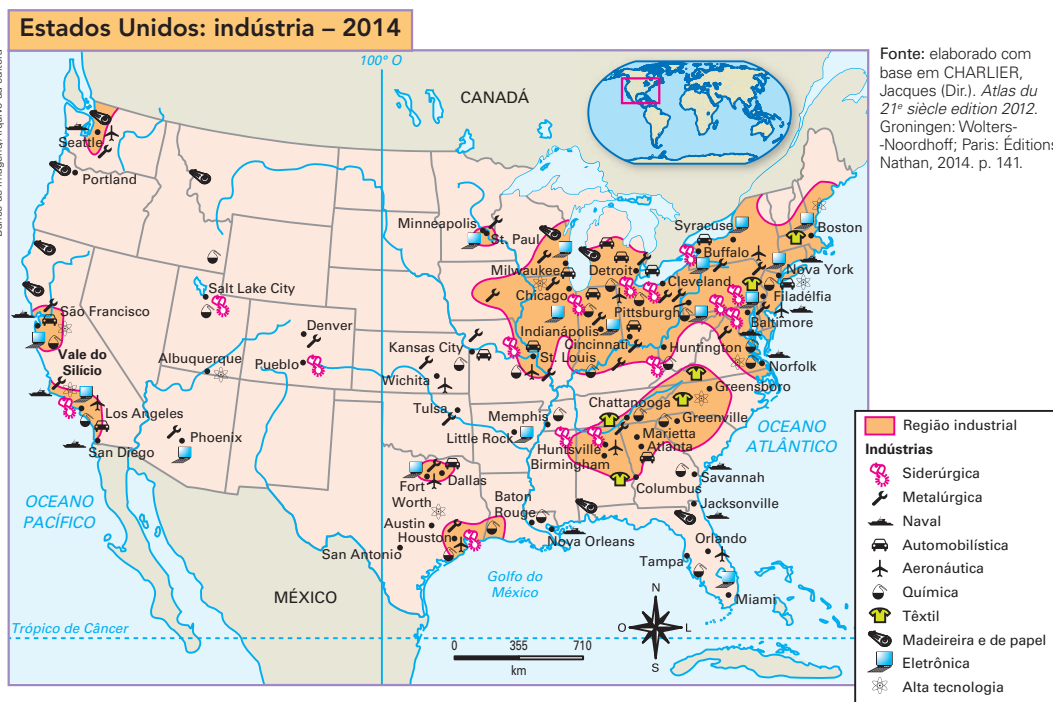
A colonização de povoamento se caracterizou pela vinda de imigrantes europeus livres que desenvolviam agricultura familiar em pequenas propriedades, voltada para o consumo próprio e para o

Para aumentar o mercado consumidor dos bens produzidos em escala cada vez maior pelas indústrias nascentes, o governo controlado pela elite empresarial do norte proibiu o uso de mão de obra escravizada e passou a incentivar a imigração de europeus. Entre o final do século XIX e o início do XX, houve expansão da industrialização e grandes contingentes de imigrantes chegaram ao país.

A maioria dos imigrantes ficou nas cidades localizadas no nordeste do território, que cresceram rapidamente. No entanto, muitos foram para o oeste e se apropriaram de terras indígenas e de parte do território que pertencia ao México. Essa foi a primeira expansão territorial dos Estados Unidos, conhecida como “imperialismo interno”. Nesse processo houve um grande genocídio das comunidades nativas e o México, independente da Espanha desde 1821, perdeu metade de seu território nas guerras expansionistas empreendidas pelos Estados Unidos.

O processo de industrialização se intensificou durante o século XX, transformando os Estados Unidos na maior potência industrial e na maior economia do mundo.

No mapa abaixo estão representadas as maiores concentrações industriais no território estadunidense e os respectivos setores predominantes.



EXPLORANDO O MAPA

Em qual região há maior concentração industrial nos Estados Unidos atualmente? Compare este mapa com o mapa da página anterior: É possível explicar a concentração industrial atual a partir dessa comparação? Por quê?

A região de maior concentração industrial dos Estados Unidos é o nordeste, desde o litoral até o sul dos Grandes Lagos, onde começou o processo de colonização de povoamento do país e se reuniram condições sociais, econômicas e naturais favoráveis.

Orientações didáticas

A interpretação do mapa que mostra a distribuição industrial dos Estados Unidos mobiliza a habilidade **EF08GE19**.

Ao responder às perguntas do boxe **Explorando o mapa**, é importante que os alunos compreendam que a porção a nordeste dos Estados Unidos reunia condições favoráveis e desenvolveu aspectos sociais e econômicos que estimularam a concentração de pessoas e, posteriormente, o crescimento industrial.

Sugestões de aprofundamento

- Para saber mais sobre o “imperialismo interno” dos Estados Unidos e o genocídio das nações indígenas que habitavam o território que gradativamente seria controlado por aquele Estado, consulte o artigo indicado abaixo. Ele mostra que houve um grande genocídio, mas não total extermínio, pois ainda hoje há comunidades indígenas no país.

OLIVEIRA, Jorge E. *Sobre a presença indígena nos Estados Unidos*. Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuPArq) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em: <www.ufrgs.br/nuparq/news/leia-o-artigo-201csobre-a-presenca-indigena-nos-estados-unidos201d-por-jorge-eremites>. Acesso em: 15 out. 2018.

- Houve também genocídio das nações indígenas ao longo do processo de colonização do Canadá, como indica o texto a seguir, que trata das chamadas “escolas residenciais” mantidas por igrejas para aculturar as crianças indígenas separadas de suas famílias:

TAVARES, Elaine. *A tragédia indígena no Canadá*. Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <www.iela.ufsc.br/povos-originaarios/noticia/tragedia-indigena-no-canada>. Acesso em: 15 out. 2018.

- abastecimento do mercado local. Os que ficaram nas cidades desenvolviam atividades urbanas – manufatura, comércio, finanças, etc. – que acabaram gerando um mercado interno e facilitando o processo de industrialização. Esse modelo de colonização imperou no norte dos Estados Unidos e no Canadá.

A Guerra de Secessão (peça aos alunos que explorem o boxe **O que é?**) aconteceu em decorrência do enfrentamento entre representantes de sociedades originárias desses dois modelos de colonização.

Orientações didáticas

Com base na fotografia que mostra a Bolsa de Valores de Nova York (NYSE), criada em 1792, discuta com os alunos a importância dela e da Nasdaq, criada em 1971, que atualmente são as duas maiores bolsas de valores do mundo. Saiba mais sobre elas lendo o artigo a seguir.

Como funciona e por que existe a Nasdaq, uma bolsa de valores para empresas de tecnologia

Os Estados Unidos possuem, desde 1792, a maior bolsa de valores do mundo, a NYSE (The New York Stock Exchange), a bolsa de Nova York. Quase dois séculos depois surgiu a também americana Nasdaq, a segunda maior bolsa de valores do ranking, que historicamente atrai as empresas do setor de tecnologia.

[...]

A Nasdaq foi fundada em 1971 após um estudo elaborado pela SEC (U.S. Securities and Exchange Commission) dos Estados Unidos, correspondente à CVM (Comissão de Valores Mobiliários) brasileira, mostrar que as operações de alguns setores, como o de tecnologia, necessitavam de maior regulamentação e transparência. O documento recomendava que o controle e execução das negociações fosse feita por dispositivos eletrônicos.

Dessa maneira, desde sua fundação, a Nasdaq é uma bolsa de valores totalmente eletrônica, diferente do que era, à época, sua principal concorrente, a NYSE. A cena de corretores comprando e vendendo ações aos gritos nos telégrafos ou telefones nunca existiu ali: todas as negociações sempre foram feitas de maneira eletrônica e automatizada. A bolsa de Nova York só começou a operar com o chamado pregão eletrônico em 2006, após dois séculos de operações a viva voz.

Ainda que seja menor que a bolsa de Nova York em valor de mercado, a Nasdaq opera um volume maior de transações diariamente: em 1º de março de 2017, por exemplo, a bolsa realizou 2,8 trilhões de operações, enquanto a NYSE realizou 1,2 trilhão.

A região nordeste dos Estados Unidos foi a primeira a se industrializar e atualmente concentra diversos setores industriais. As siderúrgicas, por exemplo, se desenvolveram na região por causa da grande disponibilidade de carvão mineral, de minério de ferro, de meios de transporte e da proximidade dos centros consumidores. Nesse contexto, destaca-se Pittsburgh, conhecida como a “capital do aço”.

Nessa região, mais precisamente em Detroit, também se desenvolveu um grande parque de indústrias automotivas. A localização das fábricas em uma posição central facilitou a recepção de matérias-primas e de componentes, além do posterior envio dos produtos acabados aos mercados consumidores. Lá surgiram as três grandes automobilísticas do país – a General Motors (GM), a Ford e a Chrysler –, além de diversas indústrias de autopeças, o que a tornou conhecida como a “capital do automóvel”. No entanto, a concorrência com as montadoras estrangeiras e a crise econômica que se iniciou em 2008 fizeram com que muitas fábricas fechassem ou se mudassem para outros lugares.

Nova York é o maior centro financeiro dos Estados Unidos, onde localizam-se as sedes das principais empresas industriais, comerciais e financeiras, além da maior bolsa de valores do mundo, a NYSE (sigla em inglês para Bolsa de Valores de Nova York), e da bolsa eletrônica Nasdaq (sigla em inglês para Associação Nacional de Corretores de Títulos de Cotação Automáticas).

Em Massachusetts, principalmente na região metropolitana de Boston, estão concentradas as indústrias de alta tecnologia, como as dos setores de informática e biotecnologia.

Interior da Bolsa de Valores de Nova York (Estados Unidos), em 2017.

Draw Angerer/Getty Images



[...]

LIBÓRIO, Bárbara. Como funciona e por que existe a Nasdaq, uma bolsa de valores para empresas de tecnologia. *Nexo Jornal*, 5 mar. 2017. Disponível em: <www.nexojornal.com.br/expresso/2017/03/05/Como-funciona-e-por-que-existe-a-Nasdaq-uma-bolsa-de-valores-para-empresas-de-tecnologia>. Acesso em: 15 out. 2018.

Desconcentração industrial

Assim como em diversas outras regiões e países, ocorre nos Estados Unidos, já há algumas décadas, um processo de desconcentração industrial. O nordeste do país, que chegou a reunir no início do século XX mais de 75% da produção industrial nacional, teve sua participação reduzida a menos de 50%, atualmente. Essa dispersão aconteceu em virtude da necessidade de as empresas baixarem seus custos de produção e, com isso, surgiram novos centros industriais no sul e no oeste do país.

Após a Segunda Guerra Mundial o processo de dispersão das indústrias pelo território se intensificou com o incentivo do governo, que estimulou a expansão industrial no sul.

Huntsville (Alabama) tornou-se um centro de fabricação de aviões militares e de mísseis, por exemplo. Hoje abriga também o Centro de Voos Espaciais Marshall, da Nasa (sigla em inglês para Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço). No sul também se instalaram outros importantes centros de pesquisas espaciais e de lançamento de foguetes, como o Centro Espacial Kennedy, na Flórida, e o Centro Espacial Johnson, no Texas, ambos da Nasa. No Texas também se concentram indústrias ligadas ao petróleo, como a Exxon Mobil, uma das maiores empresas dos Estados Unidos.



Joel Kowesky/NASA/Getty Images

Há outras indústrias no sul dos Estados Unidos associadas à abundante disponibilidade de matérias-primas agrícolas, como as indústrias têxteis (Geórgia, Tennessee, Carolina do Norte e Carolina do Sul). Lembre-se de que se planta algodão nos estados do sul desde a época da colonização.

Outra atividade que merece destaque no sul é o turismo, propiciado pelo clima favorável, pelas praias e ilhas nas proximidades de Miami (Flórida), que atraem muitos turistas. Há ainda a indústria do entretenimento, com diversos parques temáticos.

O Centro Espacial Lyndon B. Johnson, da Nasa, em Houston, Texas (Estados Unidos), é a base de comando de astronautas e é responsável pelo treinamento tanto dos astronautas do país quanto dos de países parceiros. Na fotografia, sala de controle de treinamentos espaciais em 2018.

Orientações didáticas

Se considerar conveniente, use a foto do Centro Espacial Johnson da Nasa como referência para explorar a importância da agência espacial dos Estados Unidos, não apenas para o conhecimento do espaço sideral, mas também para o desenvolvimento de novas tecnologias, muitas das quais são atualmente difundidas em nosso cotidiano. Leia o artigo reproduzido a seguir (para ler o texto na íntegra, acesse o endereço indicado na fonte).

Tudo o que a Nasa fez por você em 50 anos

[...] Ao todo, são mais de 1 500 tecnologias espaciais que facilitam nosso cotidiano individual e coletivo. [...] As pinturas anti-incêndio derivam do revestimento térmico da nave, que a protegiam do calor intenso provocado pela entrada na atmosfera. O revestimento de estradas e pistas de aeroportos com estrias que permitem o escoamento da água da chuva e evitam a derrapagem foram inicialmente testados pela Nasa para as operações de pouso. Essas experiências também foram aproveitadas na medicina. Os sistemas de monitoramento das funções vitais dos pacientes nas unidades de terapia intensiva dos hospitais foram criados nos anos 60 para os primeiros astronautas. [...]

Criada por um voto do Congresso dos Estados Unidos em julho de 1958 para concorrer com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) na corrida espacial, a agência [Nasa] começa a funcionar em 1º de outubro do mesmo ano. É a maior agência espacial do mundo, com 17 bilhões de dólares de orçamento anual, 19 mil funcionários e aproximadamente 40 mil colaboradores com contratos externos. Além da sede em Washington, D. C., ela tem 10 centros nos Estados Unidos, incluindo Cape Canaveral na Flórida, Houston no Texas e o Jet Propulsion Laboratory na Califórnia, onde são concebidas e acompanhadas a maioria das missões relativas a Marte e aos outros planetas do sistema solar.

MISEREZ, Marc-André. Tudo o que a Nasa fez por você em 50 anos. *Swissinfo.ch*, 1º out. 2008. Disponível em: <www.swissinfo.ch/por/tudo-o-que-a-nasa-fez-por-voc%C3%AA-em-50-anos/886234>. Acesso em: 15 out. 2018.

Orientações didáticas

Se possível, organize a exibição para os alunos do filme *Steve Jobs*, do diretor Danny Boyle, indicado no boxe **Na tela**. A história do fundador da Apple Computer revela um pouco da história do Vale do Silício (Califórnia) e da indústria de computadores (*hardwares* e *softwares*) que lá se desenvolveu em torno da Universidade Stanford, localizada em Palo Alto. Steve Jobs e Steve Wozniak, seu sócio na fundação da empresa, foram os pioneiros em um setor que transformou o modo de processar e difundir informações, modificando a comunicação entre as pessoas e as empresas. Se considerar conveniente, selecione um capítulo da biografia dele, escrita em linguagem acessível pelo jornalista Walter Isaacson.

Explore os dados do gráfico com os alunos, propondo perguntas como: O que podemos inferir da análise do gráfico? O que mudou na posição dos Estados Unidos e da China? Espere-se que os alunos constatem que o número de empresas estadunidenses tem caído e ao mesmo tempo tem aumentado o número de empresas chinesas. Isso indica o crescimento da importância mundial da China e de suas empresas e, ao mesmo tempo, o enfraquecimento relativo da economia dos Estados Unidos e de suas empresas globais. No entanto, o país que mais perdeu terreno entre as 500 maiores empresas do mundo foi o Japão.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para exibir a videoaula sobre o poder econômico e militar dos Estados Unidos.

NA TELA

Steve Jobs.
Direção: Danny Boyle. Estados Unidos, 2015.
(2 h 2 min)

O filme mostra os bastidores do desenvolvimento de produtos de uma das maiores empresas de informática do mundo, que mudaram a forma de lidar com as tecnologias digitais. Leva o espectador aos bastidores da revolução informacional retratando a genialidade de Steve Jobs.

NA ESTANTE

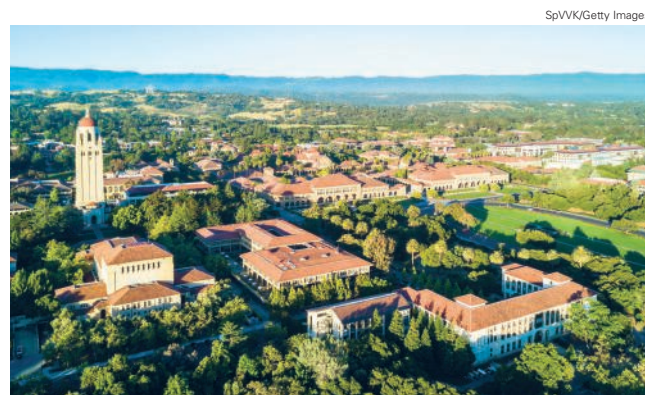
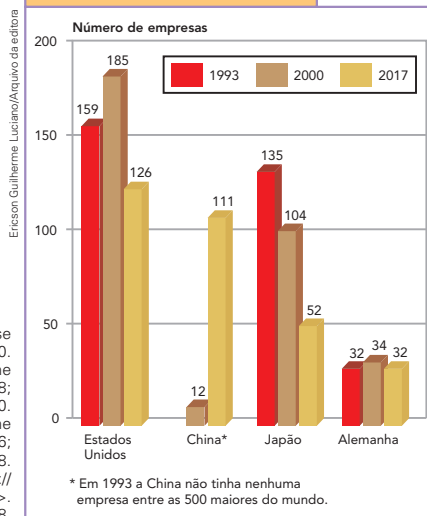
ISAACSON, Walter. Steve Jobs: a biografia.
São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Considerada a melhor biografia de Steve Jobs, conta sua história e a da empresa de computadores que fundou e como ela revolucionou as tecnologias de informação e comunicação.



Fontes: elaborado com base em FORTUNE. Global 500. v. 130, n. 2. New York: Time Inc., 25 jul. 1994. p. 84-88; FORTUNE. Global 500. v. 144, n. 2. New York: Time Inc., 23 jul. 2001. p. 26-36; FORTUNE. Global 500 2018. Disponível em: <<http://fortune.com/global500/>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

Empresas entre as 500 maiores do mundo



O Vale do Silício se desenvolveu em torno da Universidade Stanford (em destaque na imagem), localizada em Palo Alto (Califórnia). Fotografia de 2017.

A última região dos Estados Unidos a se industrializar foi a oeste. A Califórnia é um dos estados industriais mais importantes do país. No eixo São Francisco-Los Angeles-San Diego há um parque industrial bastante diversificado. Concentram-se desde indústrias tradicionais, como petroquímicas, metalúrgicas e automotivas, até as mais importantes empresas de alta tecnologia do país (veja o mapa da página 245).

Diversas cidades ao sul de São Francisco formam o maior tecnopolo do mundo, o Vale do Silício. Esse parque tecnológico ficou conhecido por esse nome porque a industrialização da região se desenvolveu a partir de empresas produtoras de semicondutores (o silício é um dos componentes usados na produção de *microchips* eletrônicos), de computadores e de programas e sistemas computacionais (*softwares*). Mais recentemente aí também surgiram as principais empresas de internet. Em Seattle (estado de Washington) destaca-se a indústria aeronáutica.

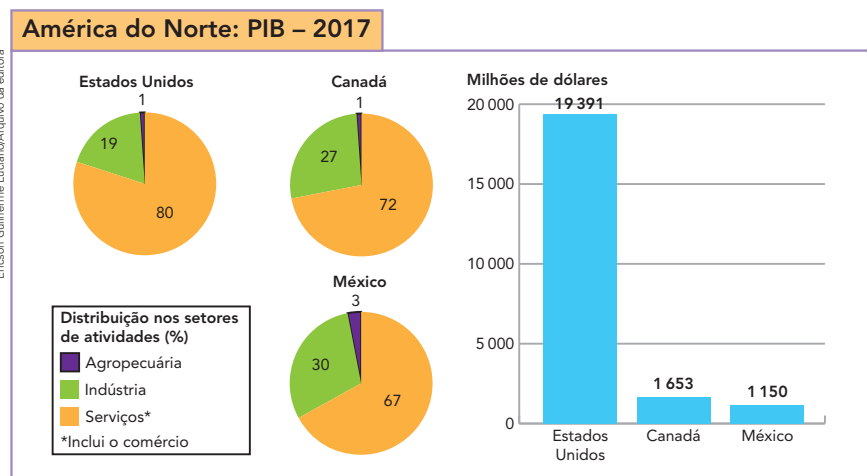
Apesar do dinamismo de sua economia e da liderança em alta tecnologia, os Estados Unidos perderam a posição de maior potência industrial em consequência do avanço chinês (embora continuem sendo a maior economia do mundo). Segundo o Relatório de Desenvolvimento Industrial 2018, em 2015 a China era responsável por 23,5% do valor da produção industrial mundial; os Estados Unidos vinham na segunda posição, com 16,3%. Em função disso também, o número de empresas estadunidenses entre as 500 maiores do mundo vem caindo. Observe os dados do gráfico ao lado.

Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta)

Os Estados Unidos, o Canadá e o México integram o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta, da sigla em inglês North American Free Trade Agreement). O México também integra a Aliança do Pacífico, com Chile, Colômbia e Peru.

O Nafta entrou em vigor em 1ª de janeiro de 1994, com o objetivo de eliminar as barreiras alfandegárias entre os três países-membros e criar regras claras para o comércio, além de facilitar o fluxo de investimentos mútuos. Sua criação era parte da estratégia do governo dos Estados Unidos para fortalecer as empresas estadunidenses e ampliar seus mercados diante de competidores europeus e sobretudo asiáticos.

O tratado gerou uma enorme dependência do México e do Canadá em relação ao grande vizinho: cerca de 80% do comércio exterior desses países é feito com os Estados Unidos. Essa dependência é um dos fatores que explicam por que a crise econômica de 2008, que, como vimos no capítulo 1, teve sua origem no sistema imobiliário dos Estados Unidos, atingiu mais gravemente esses países, principalmente o México. Observe no gráfico a seguir o tamanho da economia dos países do bloco.



Fonte: elaborado com base em THE WORLD Bank. World Development Indicators 2017. Washington, D.C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

Discuta com seus colegas as questões propostas sobre os países do Nafta.

1. Qual é a maior economia do Nafta?

A maior economia do Nafta é a dos Estados Unidos, com um PIB de 19,4 trilhões de dólares.

2. Há disparidade entre as economias do Nafta?

2. Sim, há uma grande disparidade entre as economias dos três países que integram o Nafta e uma enorme preponderância da economia dos Estados Unidos, que corresponde a 87% do PIB do bloco.

CAPÍTULO 18 • América do Norte: economia | 249

Presidente do México apela a Donald Trump para salvar Nafta

Em uma carta de tom conciliatório ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, o presidente eleito do México, Andrés Manuel López Obrador, disse estar pronto para iniciar uma nova etapa nas relações entre os Estados Unidos e o México, com o objetivo de buscar um “caminho comum” em temas de conflito, como comércio, migração, desenvolvimento econômico e segurança. [...]

A carta foi divulgada ontem, dias antes de Estados Unidos, México e Canadá reiniciarem a renegociação do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta, na sigla em inglês). Um representante de López Obrador se juntará à comitiva mexicana em Washington, D. C. na próxima quinta-feira [26/07/2018].

O presidente escreveu a Trump que “vale a pena fazer um esforço para concluir a renegociação do Acordo de Livre Comércio da América do Norte”. Argumentou ain-

da que uma incerteza prolongada pode retardar o investimento a médio e longo prazos, o que poderia impedir o plano de López Obrador de estimular o crescimento econômico por meio de mais projetos de infraestrutura.

Presidente do México apela a Donald Trump para salvar Nafta. *O Estado de S. Paulo*, 23 jul. 2018. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,presidente-do-mexico-apela-a-donald-trump-para-salvar-nafta,70002411401>>. Acesso em: 15 out. 2018.

Orientações didáticas

O estudo do Nafta mobiliza a habilidade EF08GE12.

Desde sua campanha presidencial, e mesmo depois de assumir a presidência dos Estados Unidos, Donald Trump vem falando em rever o acordo de livre-comércio firmado com seus vizinhos ou mesmo acabar com ele. Se isso acontecesse seria muito prejudicial para a economia dos outros dois países do bloco, que são muito dependentes do comércio com o grande vizinho, conforme os alunos constatarão ao responder às perguntas propostas na seção **Trocando ideias**. Por isso, o novo presidente do México, logo após ser eleito, fez um gesto de boa vizinhança tentando convencer Trump a manter o Nafta, como destaca a notícia reproduzida abaixo.

Orientações didáticas

Explore o mapa com os alunos para que percebam a distribuição das atividades econômicas na América do Norte. Para responderem às perguntas do box **Explorando o mapa**, incentive-os a retomar os mapas de clima e de relevo da América do Norte desta unidade.

Distribuição das atividades econômicas

Observe no mapa abaixo a distribuição espacial das principais atividades econômicas da América do Norte.



EXPLORANDO O MAPA

Onde estão localizadas as áreas cultivadas na América do Norte? Comparando este mapa com o de clima e o de relevo do subcontinente, é possível estabelecer uma relação entre eles?

As áreas cultivadas se concentraram nas planícies centrais principalmente nos Estados Unidos e no sul do Canadá, além das planícies litorâneas do México. O relevo plano favorece a mecanização das atividades agrícolas sobretudo nos Estados Unidos e no Canadá. Neste país a área cultivada está restrita ao sul, na fronteira com os Estados Unidos, porque o centro-norte é muito frio, o que inviabiliza a prática da agricultura.

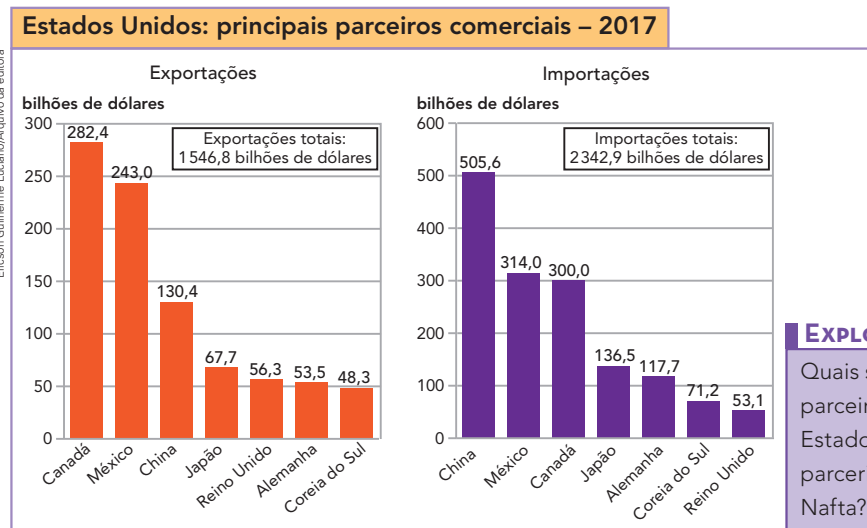
Fonte: elaborado com base em INSTITUTO GEOGRAFICO DE AGOSTINI. *Atlante geografico metodico De Agostini*. Novara, 2011. p. 140-141.

Canadá e Estados Unidos

Embora já não sejam a maior potência industrial do mundo, os Estados Unidos mantêm sua posição de liderança na economia mundial em diversas atividades, especialmente nos setores de alta tecnologia. O Canadá, embora com um PIB bem menor, também tem uma economia bastante desenvolvida, com setores modernos, como o aeronáutico.

Os dois países são muito ricos em recursos naturais, como os minerais metálicos e os combustíveis fósseis. Observe no mapa que há diversas áreas de extração de carvão mineral, petróleo e gás natural distribuídas pelo território dos Estados Unidos e do Canadá. Em 2017, segundo dados da Organização dos Países Produtores de Petróleo (Opep), os Estados Unidos eram o terceiro maior produtor mundial de petróleo, ficando atrás somente da Rússia e da Arábia Saudita. No entanto, no mesmo ano, era o maior importador mundial desse combustível.

Nos Estados Unidos e no Canadá a produção agrícola se concentra em grandes propriedades que aplicam as mais modernas tecnologias. Esses países também dispõem de tecnologia de ponta no setor industrial e possuem atividades terciárias – comércio e serviços – bem desenvolvidas. Essas são as atividades que mais contribuem para o PIB desses países e as que mais empregam mão de obra. Observe abaixo dados sobre a **balança comercial** dos Estados Unidos.



Fonte: elaborado com base em U.S. DEPARTMENT OF COMMERCE. U.S. Census Bureau. Foreign Trade. Top Trading Partners. Washington, D.C., Dec. 2017. Disponível em: <www.census.gov/foreign-trade/statistics/highlights/top/top1712yr.html>. Acesso em: 26 ago. 2018.

QUE É ?

A **balança comercial** de um país é a conta que expressa suas exportações e importações, ou seja, seu comércio exterior. Se um país exporta mais do que importa, sua balança comercial é favorável (superavitária); se importa mais do que exporta, sua balança é desfavorável (deficitária).

EXPLORANDO O GRÁFICO

Quais são os três maiores parceiros comerciais dos Estados Unidos? Essa parceria tem relação com o Nafta? A balança comercial dos Estados Unidos é favorável ou desfavorável com eles?

Orientações didáticas

O estudo da industrialização no México, que envolve as mudanças tecnológicas no mercado de trabalho, mobiliza a habilidade **EF08GE13**, e a análise das maquiladoras mexicanas contribui com o desenvolvimento da habilidade **EF08GE24**.

Discuta com os alunos o significado de empresas maquiladoras no México e insira-as no contexto da nova divisão internacional do trabalho e de novas formas de exploração da mão de obra, inclusive feminina, na atual fase do capitalismo informacional-global. O texto reproduzido abaixo aprofunda a discussão sobre as maquiladoras no México [para lê-lo na íntegra, acesse o endereço da revista indicado na fonte].

Material Digital

Esta é uma oportunidade para trabalhar a sequência didática sobre as maquiladoras mexicanas.

México

O México também tem grande disponibilidade de recursos minerais e fósseis, com destaque para o petróleo (veja o mapa da página anterior). Em 2017 produziu 1,9 milhão de barris por dia. Ao longo do processo de industrialização mexicano, a exploração desse combustível fóssil permitiu o desenvolvimento de petroquímicas, além dos setores industriais tradicionais, como siderurgia, automobilística e têxtil.

Desde a criação do Nafta, o México recebe investimentos dos Estados Unidos tanto nos setores industriais mais tradicionais quanto em novos ramos, como eletrônica e telecomunicações. Muitas filiais de indústrias estadunidenses, assim como japonesas, coreanas e europeias, se instalaram no país, especialmente em cidades próximas à fronteira, como Juárez, Mexicali e Tijuana. O objetivo é baixar os custos de produção, uma vez que nessas cidades a mão de obra, a energia e os impostos são mais baratos. A maior parte das mercadorias produzidas nessas empresas, chamadas maquiladoras, é exportada, principalmente para os Estados Unidos. Estima-se que haja cerca de 3 mil maquiladoras funcionando no México na zona de fronteira, empregando por volta de 2 milhões de trabalhadores.

Os principais parceiros comerciais dos Estados Unidos são Canadá, México e China. Sim, a parceria com o México e o Canadá está relacionada com o Nafta. A China é o maior vendedor para os Estados Unidos, mas é apenas o terceiro comprador. Ou seja, a balança comercial estadunidense é muito desfavorável com os chineses (*deficit* de 375,2 bilhões de dólares). A balança comercial com os dois países do Nafta também é deficitária, mas em grau menor. Em 2017, o *deficit* com o México foi de 71 bilhões de dólares; e, com o Canadá, de 176 bilhões de dólares.

Empresas maquiladoras: conceituação e atuação no México

O termo maquila, ou empresa maquiladora, provém do árabe *Makila* e refere-se ao compartimento do processo de produção realizado por empresas transnacionais e suas plantas localizadas em outros países. Responsáveis por uma ou mais etapas do processo produtivo, as

maquilas são, geralmente, intensivas em mão de obra, o que, por sua vez, estimula a instalação destas em países em desenvolvimento; visto que muitos destes apresentam custos mais baixos para produção e possuem mercados menos regulamentados [...].

A criação de maquilas pode ser vista como reflexo da expansão do capitalismo na segunda metade do século XX, visto que esta possibilitou a “transferência de fases

da produção de economias centrais para países menos desenvolvidos” a fim de ampliar os lucros através da diminuição de gastos [...].

COSTA, Gustavo Rodrigues; AYANG, Lidiane Pereira. Empresas maquiladoras no México: reflexos para a mão de obra feminina. *Revista Perspectiva*, v. 9, n. 16, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/view/71296>. Acesso em: 15 out. 2018.

Orientações didáticas

Ao explorar a tabela com a composição da PEA dos países da América do Norte, comente com os alunos que é possível verificar que os Estados Unidos e o Canadá apresentam economias mais modernas e produtivas, principalmente em função da menor porcentagem de mão de obra empregada na agropecuária, em relação ao México, denotando maior grau de modernização das atividades. Já o setor de serviços emprega mais pessoas nesses dois países (situação típica de países desenvolvidos) se comparado ao México.

Comente com os alunos que nos três países do Nafta a maior parte da mão de obra, sobretudo a feminina, está empregada nas atividades de comércio e serviços. O México é o país com maior percentual de mão de obra empregada na indústria, principalmente no caso da mão de obra feminina, grande parte dela trabalhando nas maquiadoras em condições bastante desfavoráveis.



Linha de produção de indústria têxtil na cidade de Juárez (México), em 2017.

também regiões em que predomina a agricultura tradicional, principalmente no sul do país.

Após o ingresso no Nafta, os itens agrícolas importados dos Estados Unidos e do Canadá ficaram mais baratos do que os produzidos no México, o que reduziu o mercado para os produtores locais. Nos Estados Unidos e no Canadá, os grandes agricultores recebem apoio do governo, e isso contribui para diminuir o custo da produção. Assim, a competição desigual prejudicou o cultivo de diversos produtos, como o milho, base da alimentação mexicana, que era produzido em pequenas e médias propriedades e perdeu o mercado consumidor nacional para grandes empresas agrícolas dos Estados Unidos.

PEA e setores da economia

Observe na tabela a distribuição da População Economicamente Ativa (PEA) nos três países.

AMÉRICA DO NORTE: COMPOSIÇÃO DA PEA – 2016							
País	PEA (em milhões)	Trabalhadores nos setores (% da PEA)					
		Agropecuária		Indústria		Serviços*	
		Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
Estados Unidos	162,8	2,3	0,9	27,7	8,3	70,0	90,9
Canadá	19,9	2,7	1,1	29,3	8,7	68,0	90,2
México	57,0	18,4	3,4	30,7	16,9	50,9	79,7

Fonte: elaborado com base em THE WORLD Bank. World Development Indicators 2017. Washington, D.C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

*Inclui o comércio.

Uma das características de países desenvolvidos é ter uma agropecuária que emprega pouca mão de obra, porque é muito mecanizada. Entretanto, apesar de moderno e produtivo, esse setor da economia contribui relativamente pouco para a composição do PIB, diante do enorme peso da indústria e sobretudo das atividades de comércio e serviços.

3. Os Estados Unidos e o Canadá apresentam economias mais modernas e produtivas, principalmente em função da menor porcentagem de mão de obra empregada na agropecuária, em relação ao México, denotando maior grau de modernização das atividades. Já o setor de serviços emprega mais pessoas nesses dois países (situação típica de países desenvolvidos) se comparado ao México.

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

1. a) Porque há uma grande quantidade de migrantes do México e de outros países latino-americanos que tentam entrar ilegalmente no território estadunidense, levando o governo a aumentar a vigilância na fronteira para barrar essas pessoas.

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

1. Leia a reportagem abaixo e depois responda às questões.

Muro de Trump reacende antigos conflitos entre Estados Unidos e México

Em janeiro deste ano [2018], o presidente [dos Estados Unidos] Donald Trump deu novo passo em busca de construir o tão falado muro na fronteira entre México e Estados Unidos, para impedir a entrada de imigrantes ilegais mexicanos.

Ele pediu ao Congresso cerca de 25 bilhões de dólares para construir 1 130 km de proteção. Outros 930 km já existem, tendo sido construídos a partir do governo de George Bush (1991) e ampliados na administração de Bill Clinton (1994). [...]

A ideia de Trump é incrementar a vigilância até a construção do muro, que, no ritmo desejado, chegará a 2 060 km em 2027, ocupando boa parte dos 3 141 km de fronteira.

O discurso ameaçador de Trump provocou uma diminuição do número de detenções de imigrantes, que caíram 44%, passando de 611 689 em 2016 para 341 084 em 2017, segundo a OIM (Organização Internacional para as Migrações), da ONU (Organização das Nações Unidas).

A OIM informou, porém, que 412 imigrantes morreram em 2017 tentando atravessar a fronteira, cheia de perigos – número 3% acima dos 398 mortos de 2016. [...]

GOUSSINSKY, Eugenio. Muro de Trump reacende antigos conflitos entre EUA e México. R7. Nosso Mundo, 5 abr. 2018. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/prisma/nosso-mundo/muro-de-trump-reacende-antigos-conflitos-entre-eua-e-mexico-05042018>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

- a) Por que sucessivos governos dos Estados Unidos investem na vigilância de sua fronteira com o México?
- b) A construção do muro que separa Estados Unidos e México não se choca com os objetivos do Nafta? Explique sua resposta.

Não, porque o Nafta é um acordo comercial que não prevê a livre circulação de pessoas; seu objetivo é estritamente econômico (a eliminação das barreiras alfandegárias no comércio entre seus países-membros e o estímulo aos investimentos mútuos).

2. Leia o trecho do artigo a seguir e depois responda às questões.

Empresas maquiladoras

[...] Apesar de a indústria maquiladora ter demonstrado um crescimento constante no México desde a sua instauração, foi a partir da década de 1990, com a ratificação do Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta), que ela encontrou o ápice do seu crescimento [...].

O NAFTA permitiu que “novos seguimentos da cadeia produtiva realizassem-se no México”, visto que ampliou-se a quantidade de atividades permitidas a serem desempenhadas pelas maquilas. Entretanto, ampliaram-se, desde então, os debates acadêmicos acerca dos reflexos da integração para a economia mexicana e, por sua vez, para as maquilas que ali se encontram e para os trabalhadores que nelas atuam.

COSTA, Gustavo Rodrigues; AYANG, Lidiane Pereira. Empresas maquiladoras no México: reflexos para a mão de obra feminina. Revista *Perspectiva*, v. 9, n. 16, 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/view/71296>>. Acesso em: 17 set. 2018.

- a) O que são as indústrias maquiladoras mexicanas?
- b) Por que a indústria maquiladora cresceu com a ratificação do Nafta?

2. b) Porque este acordo estimulou o aumento do comércio entre o México e os Estados Unidos, ampliando os mercados para as indústrias maquiladoras.

3. Leia novamente, na página anterior, os dados relacionados à População Economicamente Ativa dos três países da América do Norte. Depois, responda às questões:

- De acordo com os dados, quais países da América do Norte apresentam economia mais moderna e produtiva? Como você chegou a essa conclusão?

2. a) Indústrias maquiladoras são indústrias terceirizadas que montam produtos a partir de peças importadas para vender no mercado externo. No caso do México, as maquiladoras se localizam na zona de fronteira com os Estados Unidos, e a maior parte da produção é exportada para esse país.

CAPÍTULO 18 • América do Norte: economia | 253

Consolidando conhecimentos

1. Esta atividade, ao tratar da questão da imigração e do Nafta, mobiliza as habilidades EF08GE11 e EF08GE12.

a) É interessante comentar com os alunos que Donald Trump, em uma exacerbação nacionalista e xenófoba, prometeu ampliar a extensão do muro que já existe em parte da fronteira entre os dois países para dar uma resposta a seus eleitores conservadores. É importante que os alunos estabeleçam relação entre o fluxo migratório citado e o desequilíbrio socioeconômico que ocorre entre os dois países. Os indicadores vistos ao longo da unidade mostram que as condições de vida no México são piores do que nos Estados Unidos, forçando muitas pessoas a emigrar.

b) Se considerar conveniente, estabeleça comparações com a União Europeia, bloco onde há livre circulação de pessoas.

2. Esta atividade, ao analisar as empresas maquiladoras no México, mobiliza a habilidade EF08GE24.

Lendo textos e charge

Esta atividade, ao exigir a retomada dos objetivos do Nafta e a análise de sua relevância para o comércio entre os países-membros, contempla em parte a habilidade **EF08GE12**.

Certifique-se de que os alunos compreenderam os textos e a charge para que consigam desenvolver as atividades propostas. Se julgar adequado, peça a eles que façam primeiro uma leitura silenciosa e individual dos textos e da charge e, depois, promova uma conversa para que todos tenham a oportunidade de tirar dúvidas e apresentar sua interpretação.

Para ampliar seus conhecimentos sobre a política externa dos Estados Unidos sob o governo de Donald Trump, consulte o texto “O fator Trump e a política externa dos EUA”, reproduzido na página XXXVII.

LENDO TEXTOS E CHARGE

O Nafta e a economia dos Estados Unidos

Desde que se elegeu presidente dos Estados Unidos, em 2016, Donald Trump ameaça desfazer o Nafta.

Sob a orientação do professor, reúnam-se em grupos e leiam os textos e a charge a seguir, que exploram a relação comercial dos Estados Unidos com os parceiros do Nafta e também com a China. Depois, retomem o gráfico *Estados Unidos: principais parceiros comerciais – 2017*, da página 251. Em seguida, façam o que é proposto.



Texto 1

Para Trump, Nafta é uma “catástrofe”

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, elevou o tom, nesta quinta-feira [02/02/2017], ao Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), classificando-o de uma “catástrofe” e sugerindo que é necessário tornar o acordo mais “justo”.

“Estou muito preocupado com o Nafta”, disse Trump durante um encontro com legisladores. “O Nafta foi uma catástrofe para o nosso país”, acrescentou.

O chefe de Estado disse não estar “preocupado se se trata de renovar o Nafta ou fazer um novo Nafta”.

“Mas temos que torná-lo mais justo porque agora é muito injusto para os trabalhadores americanos e muito, muito injusto para as empresas”, completou.

Por isso, Trump afirmou que quer acrescentar uma nova letra à sigla do acordo, que reflita um tratado de comércio “livre e justo”.

G1. Para Trump, Nafta é uma “catástrofe”. Economia. Rio de Janeiro, 2 fev. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/para-trump-nafta-e-uma-catastrofe.ghtml>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

Texto 2

O impacto do NAFTA sobre a economia americana: quais são os fatos?

[...] O comércio entre os três parceiros do NAFTA – EUA, Canadá e México – teve, de modo geral, um aspecto positivo: cresceu acentuadamente ao longo da vigência do acordo passando de cerca de US\$ 290 bilhões, em 1993, para mais de US\$ 1,1 trilhão em 2016. Os investimentos mútuos também aumentaram durante esses anos, na medida em que os saldos de investimentos estrangeiros diretos (IED) dos EUA no México passaram de US\$ 15 bilhões para mais de US\$ 107,8 bilhões em 2014. Com relação ao crescimento do emprego, conforme dados da Câmara Americana de Comércio, seis milhões de empregos nos EUA dependem do comércio dos EUA com o México, um fluxo grandemente facilitado pelo NAFTA [...].

Conforme diz Robert Blecker, economista da Universidade American: “Contrariamente às promessas dos líderes que o promoveram, o NAFTA não fez com que a renda *per capita* mexicana se aproximasse da americana, como também não resolveu os problemas de emprego do México ou o fluxo persistente de migração.” Contudo, “o NAFTA promoveu, sem dúvida, uma maior integração entre EUA e México e ajudou a transformar este último em grande exportador de bens manufaturados”.

As vantagens para a economia mexicana, porém, foram atenuadas pela forte dependência de **insumos intermediários** importados em sua produção para exportação, bem como pela concorrência chinesa no mercado americano e doméstico. O aumento de longo prazo do emprego no setor de manufatura no México (cerca de 400 000 empregos) foi pequeno e decepcionante, ao passo que a manufatura nos EUA teve uma queda de 5 milhões – mais por causa das importações chinesas do que mexicanas. Tanto no México quanto nos EUA, os salários reais estagnaram, embora a produtividade tenha continuado a aumentar, levando a participações maiores nos lucros e a uma tendência de maior desigualdade.

Culpar o NAFTA por todos esses problemas atordoantes talvez deixe satisfeitos alguns críticos do NAFTA, mas como os pesquisadores do comércio aprenderam em anos recentes, a crescente complexidade dos desafios econômicos de hoje desafia quaisquer explicações simplistas.

WHARTON University of Pennsylvania. *O impacto do NAFTA sobre a economia americana: quais são os fatos?* Filadélfia, 20 set. 2016. Disponível em: <www.knowledgeatwharton.com.br/article/o-impacto-nafta-sobre-economia-americana-quais-sao-os-fatos>. Acesso em: 26 ago. 2018.

Compreendendo textos e charge

- De acordo com o que você estudou, quais os principais objetivos do Nafta?
- Por que, na opinião de Donald Trump, o Nafta é uma catástrofe para os Estados Unidos?
- De acordo com o texto 2, o Nafta tem trazido benefícios para os Estados Unidos? E para o México? Explique sua resposta.
- Como você interpreta a charge? De que forma ela se relaciona com os textos e com o que você estudou nesta unidade?
- Tendo em vista os dados do comércio exterior dos Estados Unidos expressos nos gráficos da página 251, as informações do texto 2 e o que está representado na charge, você concorda com as ameaças de Donald Trump ao Nafta, expressas no texto 1?

Resposta pessoal.

* É comum em textos sobre economia a utilização de “manufatura” como sinônimo de indústria ou de “produto manufaturado” como sinônimo de produto industrializado, em geral em traduções literais do inglês *manufacturing* ou *manufacturing goods*, que têm mais o sentido de fabricação industrial ou bens de fabricação industrial.

- Porque, segundo Trump, o Nafta gerou desemprego, baixa na produção industrial e perdas econômicas aos Estados Unidos, prejudicando empresas e trabalhadores.

insumos intermediários: peças para a montagem final de um produto.

3. Sim, o Nafta tem trazido benefícios aos Estados Unidos e ao México, pois aumentou muito o intercâmbio comercial entre os dois países e os investimentos na produção; além disso, gerou muitos empregos para ambos, transformando o México em exportador de produtos industrializados.

4. Os personagens da charge representam os Estados Unidos (puxando o riquixá) e a China (sentada no riquixá). Ela simboliza o fato de que a economia estadunidense tem puxado a economia chinesa, que vem se beneficiando dos enormes superávits obtidos nessa relação comercial (375,2 bilhões de dólares em 2017). Portanto, seria a China a grande responsável pela perda de empregos nos Estados Unidos e por seu enorme déficit comercial, e não os países do Nafta.

Lendo textos e charge

5. Espera-se que os alunos concluam que as ameaças de Donald Trump aos parceiros do Nafta não têm fundamento. Como mostram os dados de comércio exterior dos gráficos da página 251, é com a China que os Estados Unidos têm o maior *deficit* comercial, e não com os parceiros do Nafta. Hoje o maior competidor dos Estados Unidos é o país asiático e isso é explorado na charge. Contrariamente ao que afirma Donald Trump, o Nafta fez bem à economia dos Estados Unidos e à de seus vizinhos ao integrar cadeias produtivas, ampliar os investimentos, gerar empregos e expandir o comércio. De acordo com a Câmara Americana de Comércio, cerca de 6 milhões de empregos nos Estados Unidos dependem do comércio com o México, que é facilitado pelo Nafta. Portanto, as ameaças do presidente dos Estados Unidos ao Nafta situam-se muito mais no campo do discurso nacionalista e protecionista.

Pode ser interessante informar aos alunos que, de acordo com a Unido (agência da ONU para o desenvolvimento industrial), a China já superou os Estados Unidos como maior produtor de bens industrializados. Segundo dados do relatório 2018 da Unido, em 2015, a China era responsável por 23,5% do valor da produção industrial mundial e os Estados Unidos, por 16,3%. Só para evidenciar a capacidade industrial desses dois países: em terceiro lugar vinha o Japão, com 9%.

Objetivos da Unidade

Ao final desta Unidade, espera-se que os alunos sejam capazes de:

- ter uma visão panorâmica da geografia física da Antártica, e constatar que o clima é o grande fator limitante para sua ocupação;
- perceber os impactos ambientais no continente, principalmente por causa do aquecimento global, e as repercussões disso no planeta;
- compreender a abrangência e implicações do Protocolo de Montreal;
- compreender que a assinatura de um tratado internacional impede a ocupação da Antártica e a exploração de seus recursos naturais;
- reconhecer que no continente não há população, apenas cientistas de várias nacionalidades que lá residem temporariamente para desenvolver pesquisas;
- compreender que a única atividade econômica relevante na região é o turismo;
- entender que o turismo precisa ser sustentável para não causar impactos no meio ambiente;
- diferenciar as zonas polares da Antártica e do Ártico.

Competências da BNCC mobilizadas na Unidade

Competência Geral (CG)

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Competências de Ciências Humanas (CCH)

3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.

UNIDADE

8

ANTÁRTICA



256

5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.
7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

Competências Específicas de Geografia (CEGeo)

1. Utilizar os conhecimentos geográficos para entender a interação sociedade/natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas.
4. Desenvolver o pensamento espacial, fazendo uso das linguagens cartográficas e iconográficas, de diferentes gêneros textuais e das geotecnologias para a resolução de problemas que envolvam informações geográficas.

Nesta unidade, você vai conhecer algumas características naturais da Antártica e as interferências humanas que afetam direta ou indiretamente o continente e que podem atingir todo o planeta.

Para começar observe atentamente a fotografia. O que você observa? A Antártica é constituída apenas por geleiras ou há rochas e solo? Quais são as diferenças entre a Antártica e os outros continentes do planeta?

Larry Malvir/Age Fotostock RM/Getty Images



Pinguins na ilha Petermann, próximo à península Antártica, na Antártica, em 2017.

257

■ Orientações didáticas

Explore a imagem da abertura com os alunos e complemente as questões iniciais do texto com outras perguntas para levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a Antártica: Há cidades e indústrias? E agricultura? O que explica isso? Será que alguma atividade humana é desenvolvida? Qual? Vocês acham que os seres humanos devem ocupar e explorar esse continente? Quais recursos naturais podem ser explorados? Quais poderiam ser as consequências dessa exploração?

Comente com os alunos que esse continente ainda é pouco conhecido e pode revelar muitas descobertas importantes para a ciência.

Verifique se os alunos sabem a diferença entre a Antártica e o Ártico. Comente com os alunos que, diferentemente do Ártico (que é constituído só de água em estado sólido), a parte da litosfera que é a base da Antártica fica permanentemente coberta por uma espessa camada de gelo.

Retome com os alunos o significado da palavra “antártico”: do latim *antarcticus* [‘do sul’], por empréstimo do grego *antartikós*, palavra formada por *anti* + *arctikós* [‘do norte’]. Assim, antártico significa ‘oposto ao ártico’ ou ‘oposto ao norte’. Como vimos no capítulo 3, considerando essa origem, a grafia mais adequada para o continente gelado é Antártica, e não Antártida.

Habilidade da BNCC trabalhada no capítulo

EF08GE21 Analisar o papel ambiental e territorial da Antártica no contexto geopolítico, sua relevância para os países da América do Sul e seu valor como área destinada à pesquisa e à compreensão do ambiente global.

Orientações didáticas

Sobre o clima do continente antártico, comente com os alunos que na estação de pesquisa Vostok (que pertence à União Soviética e hoje pertence à Rússia), que fica no interior do continente, foi registrada em 21 de julho de 1983 a temperatura mais baixa da Antártica e do planeta: $-89,2^{\circ}\text{C}$.

Peça aos alunos que observem a fotografia; espera-se que eles percebam que as geleiras também se formam em áreas de elevada altitude.

Sugestão de aprofundamento

O artigo a seguir discute sobre o desenvolvimento de pesquisa para conhecer melhor a estrutura rochosa da Antártica.

SIQUEIRA, Ethevaldo. O que a Antártica nos ensina. *O Estado de S. Paulo*, 2 nov. 2011. Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/blogs/ethevaldo-siqueira/o-que-a-antartica-nos-ensina/>>. Acesso em: 15 out. 2018.

CAPÍTULO 19

Vamos tratar de:

- Relevo, clima e vegetação
- Impactos ambientais

O QUE É ?

A **banquisa** é a camada superficial sólida formada pelo congelamento do oceano, portanto constituída de água salgada e pode atingir 20 metros de espessura. A banquisa se expande no inverno e se contrai no verão.

Antártica: aspectos físicos e impactos ambientais

A Antártica está situada quase inteiramente entre o círculo polar Antártico e o polo sul. Assim como o Ártico, está localizada nas maiores latitudes da Terra, na zona climática polar, onde os raios solares atingem a superfície com maior inclinação e, portanto, com menor intensidade.

Características físicas

Diferentemente do Ártico, que não é um continente, pois é formado apenas por **banquisa**, a Antártica tem base rochosa, como os demais continentes do planeta, parte dela de origem vulcânica. É recoberta por uma camada de gelo com espessura média de 2 quilômetros e pode chegar a até 5 quilômetros em algumas áreas. Seu relevo é composto de cadeias montanhosas elevadas, onde se destaca o monte Vinson (observe a fotografia abaixo). Seu subsolo, que pode conter minérios e combustíveis fósseis, ainda é pouco conhecido.

O continente possui área de aproximadamente 14 milhões de km^2 , um pouco maior do que a Europa e cerca de uma vez e meia o tamanho do Brasil. Entretanto, no inverno, seu tamanho pode dobrar com a expansão da banquisa, por causa do congelamento das águas do oceano glacial Antártico. Nessa época do ano, a temperatura é baixíssima, atinge em média -15°C no litoral e -65°C no interior do continente. No verão, a temperatura oscila em torno de 0°C no litoral e -30°C no interior, em média. O clima do continente é classificado como polar.

O frio polar também é responsável pela formação de geleiras, plataformas de gelo constituídas por água doce, que, quando se desprendem e se deslocam sobre o oceano, recebem o nome de **iceberg**. Estima-se que 70% da água doce do planeta esteja concentrada nas geleiras.

Vista do maciço rochoso onde se localiza o monte Vinson, com 5 140 m de altitude, o mais alto do continente antártico (sem data).

National Geographic Society/Getty Images



O ambiente de clima polar da Antártica apresenta características que limitam o desenvolvimento de vegetação. Por isso, nesse continente há basicamente musgos e líquens, que crescem durante o curto verão, nos locais onde o solo fica exposto quando ocorre o derretimento do gelo. Observe a fotografia ao lado.

Nas águas do oceano glacial Antártico há diversas espécies de peixes e de outros animais, como focas, baleias e elefantes-marinhos. Nas águas geladas do oceano também se desenvolvem pequenos crustáceos parecidos com o camarão, chamados *krill*, alimento da maioria dos animais marinhos, e por isso muito importante para os ecossistemas antárticos. No continente, há também espécies de aves, entre elas pinguins, aves não voadoras. Observe no mapa abaixo as altitudes do continente.



ANGÉLICA CASANOVA/Agência France-Press

Líquens e musgos na baía Collins, na Antártica, no verão de 2018.

Orientações didáticas

Explore com os alunos o mapa físico da Antártica para que observem as elevadas altitudes existentes no continente. Peça que localizem os pontos culminantes, com destaque para o monte Vinson, que aparece na fotografia da página anterior.

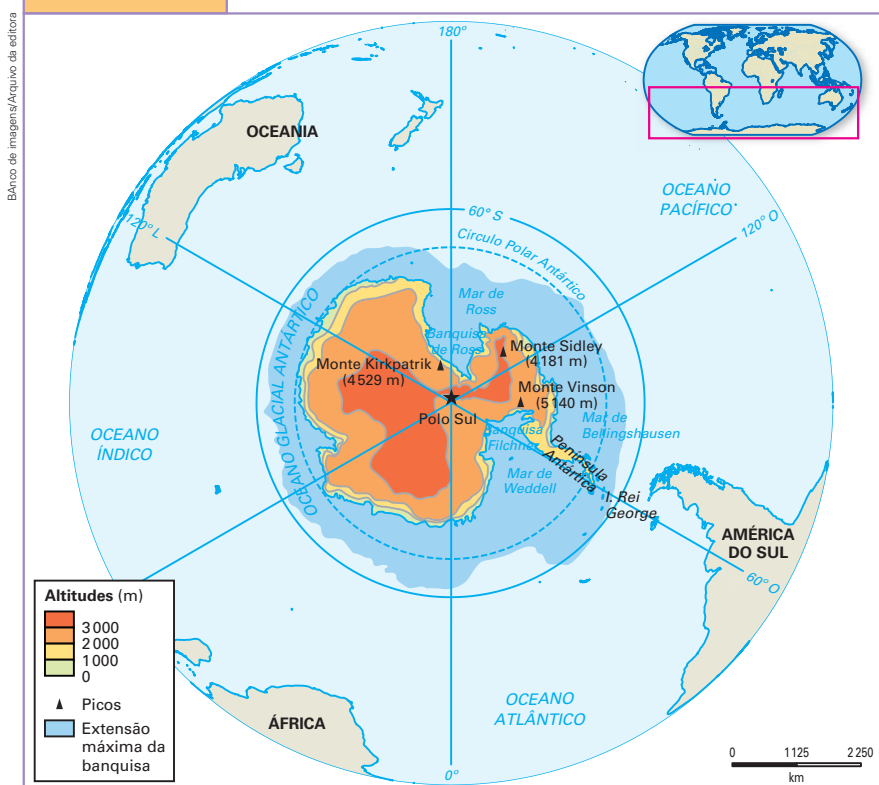
Se considerar conveniente, mostre aos alunos algum dos vídeos disponíveis no site do Centro Polar e Climático, indicado no box **Na rede**. Os vídeos são interessantes e contribuem para melhor compreensão da Antártica.

Sugestão de aprofundamento

O volume 10 da coleção *Explorando o ensino* aborda os aspectos mais importantes do continente antártico. Essa coleção, lançada em 2004 pela Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC), tem como objetivo apoiar o trabalho do professor em sala de aula. Além de permitir aprofundamento dos conteúdos e sugerir formas de abordagens, há trechos que podem ser indicados como leitura para os alunos.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *O Brasil e o meio ambiente antártico: Ensino Fundamental e Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEB, 2006. [Explorando o ensino; 10]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EnsMed/vol10_meioambien1a82.pdf>. Acesso em: 17 set. 2018.

Antártica: físico



Fonte: elaborado com base em IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016. p. 54, 56; SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*. 34. ed. São Paulo: Ática, 2013. p. 104.

NA REDE

Centro Polar e Climático (UFRGS)

No site desse centro de ensino e pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul você encontra informações sobre as expedições científicas e pesquisas na Antártica. Em "multimídia" há entrevistas com pesquisadores e um vídeo com o dia a dia das expedições científicas no interior da Antártica. Disponível em: <www.centropolar.com>. Acesso em: 17 set. 2018.

I Orientações didáticas

O conteúdo desta página, ao analisar a questão ambiental da Antártica e o Protocolo de Montreal, contempla parte da habilidade **EF08GE21** e mobiliza a **CCH3** e a **CEGeo1**.

Discuta com os alunos o que é CFC e seus impactos na atmosfera terrestre. Na abordagem deste tema é interessante desenvolver um trabalho integrado com Ciências para que os alunos compreendam a reação química entre o CFC e o O_3 , que leva à destruição das moléculas desse gás, formando o chamado “buraco” na camada de ozônio. Também pode-se aprofundar o tema abordando de que maneira a diminuição da concentração de ozônio compromete a filtragem dos raios solares no espectro ultravioleta.

Impactos ambientais

Apesar do acordo internacional para não ocupação da Antártica (vamos estudá-lo no próximo capítulo), o continente tem sido atingido pela poluição atmosférica. O exemplo mais significativo é o chamado “buraco” na camada de ozônio, fenômeno que a rigor não é um buraco, mas uma diminuição da concentração desse gás na alta atmosfera.

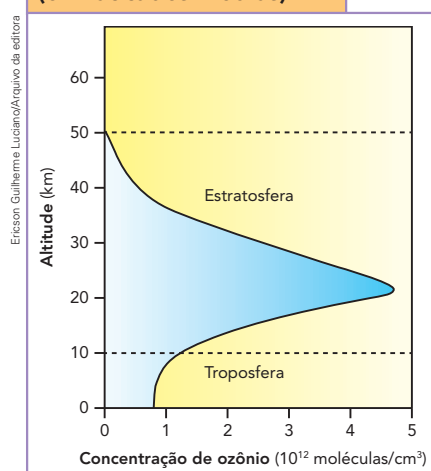
A camada de ozônio

O ozônio (O_3) é um gás que não é distribuído igualmente pela atmosfera; 10% dele se concentra próximo da superfície terrestre e 90% na estratosfera, entre 10 a 50 quilômetros de altitude, formando uma camada (observe o gráfico). Essa camada com concentração de ozônio funciona como um filtro dos raios

ultravioleta (UV) emitidos pelo Sol. Ela é naturalmente mais espessa nas áreas próximas ao equador do que nos polos.

Estudos que utilizaram como base imagens de satélite apontaram que, desde a década de 1980, a concentração de ozônio na atmosfera vinha diminuindo, principalmente sobre a Antártica. Esses estudos descobriram que esse “buraco” na camada de ozônio se formou por causa da utilização de gases **clorofluorcarbonos** em diversos produtos. Esses compostos são responsáveis pela destruição das moléculas de ozônio. A baixa concentração de ozônio é maior sobre o continente gelado por causa da menor intensidade dos raios solares que atingem os polos, o que dificulta a formação desse gás. Como ele absorve parte dos raios ultravioleta vindos do Sol, sua destruição causa uma série de impactos na saúde humana, aumentando a incidência de câncer de pele, além de causar desequilíbrios na reprodução de animais e plantas.

Variação da concentração de ozônio com a altitude (em latitudes médias)



Erierson Guilherme Luciano/Arquivo da editora

Fonte: elaborado com base em PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA de Minas Gerais. Laboratório de Luz Ultravioleta. Disponível em: <<http://www.dfq.pucminas.br/PUV/icone5.html>>. Acesso em: 19 out. 2018.

O QUE É ?

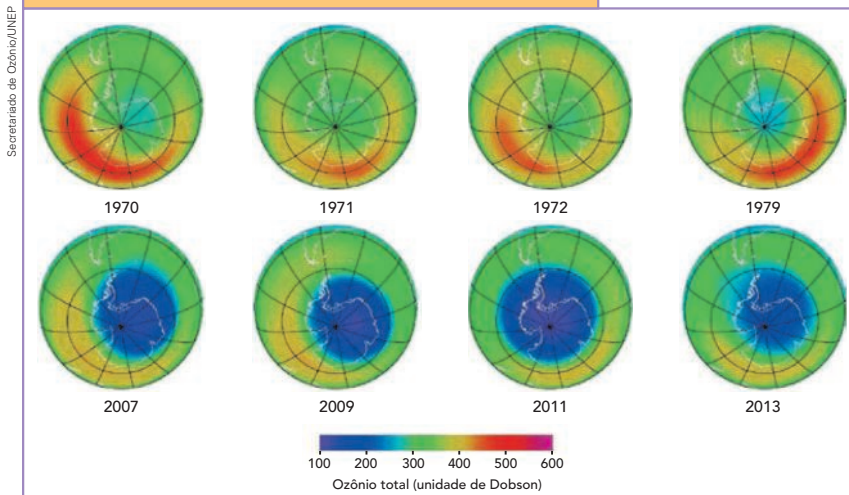
Clorofluorcarbonos (CFC) são compostos artificiais formados por carbono, flúor e cloro. Durante muito tempo foram utilizados como gás em equipamentos de refrigeração e ar condicionado, extintores de incêndio e em aerossóis – desodorantes, inseticidas, etc. Os hidroclorofluorcarbonos (HCFC), que além dos três elementos acima contêm hidrogênio, foram criados como alternativa aos CFCs, mas se descobriu que contribuem para a elevação do efeito estufa e com o tempo também devem ser banidos.

Protocolo de Montreal

Em 1987 foi criado o Protocolo de Montreal, cujo objetivo era o gradativo banimento da utilização de CFCs pelas indústrias. Firmado no Canadá, é considerado o tratado internacional mais bem-sucedido: desde então, 197 países assinaram o documento. Em 2017, na celebração dos 30 anos do lançamento desse acordo, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) afirmou que os países signatários já eliminaram 98% das substâncias nocivas à camada de ozônio, evitando mais de 2 milhões de casos de câncer de pele.

Segundo previsão do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), até meados deste século a camada de ozônio deverá se recompor completamente. Observe nas imagens abaixo as diferenças na concentração do gás ozônio ao longo do tempo.

Antártica: concentração de ozônio – 1970-2013



Fonte: UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME (UNEP). Ozone Secretariat. Synthesis of the 2014 Reports of the Assessment Panels of the Montreal Protocol. Nairobi, 2015. p. 17.

Essas imagens foram obtidas a partir da montagem de imagens de satélite. A escala de cores mostra a concentração de ozônio na atmosfera (unidade de Dobson), variando de 100 a 600 unidades (da menor concentração para a maior concentração).

Maior concentração em vermelho; menor concentração em azul. Na sequência de imagens é possível observar o aumento da área onde houve diminuição da concentração de ozônio na atmosfera sobre a Antártica (área em azul, mais conhecida como "buraco" na camada de ozônio). Em 2011 houve a maior redução da concentração de ozônio, mas em 2013 a concentração já havia aumentado um pouco.

EXPLORANDO AS IMAGENS

A maior concentração de ozônio da atmosfera aparece representada por qual cor? E a menor? O que é possível observar em relação à concentração de ozônio no período retratado na sequência de imagens?

TROCANDO IDEIAS

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

Com base na análise das imagens acima e nas informações do texto a seguir, converse com os colegas sobre as questões propostas.

[...] O Fundo Multilateral para a Implementação do Protocolo de Montreal (FML), instituído em 1990 para prover assistência técnica e financeira aos países em desenvolvimento com recursos provenientes dos países desenvolvidos, é um dos mecanismos que garante o êxito da implementação desse tratado internacional. [...]

PNUD Brasil. Protocolo de Montreal completa 30 anos em 2017. Brasília, 30 jan. 2017. Disponível em: <www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/presscenter/articles/2017/01/30/protocolo-de-montreal-completa-30-anos-em-2017.html>. Acesso em: 27 ago. 2018.

1. Qual é a tendência apontada pelas imagens sobre a concentração de ozônio na atmosfera sobre a Antártica? A tendência é que a concentração de ozônio continue a aumentar, reduzindo o "buraco" até que a camada seja recomposta por completo.
2. O que garantiu esse resultado positivo?
3. Na opinião de vocês, o que acordos como o Protocolo de Montreal sinalizam sobre a forma de tratar as questões ambientais que afetam todo o planeta?
Resposta pessoal.

2. O protocolo de Montreal e sobretudo a cooperação entre os países, com assistência técnica e financeira dos países desenvolvidos às nações em desenvolvimento.

CAPÍTULO 19 • Antártica: aspectos físicos e impactos ambientais | 261

Orientações didáticas

Comente com os alunos que no momento de maior extensão da baixa concentração de ozônio, em 2011, o "buraco" extrapolou os limites da Antártica. A tendência apontada pelas imagens é de redução do "buraco", que, segundo projeções do Pnuma, deverá desaparecer até meados deste século. Ou seja, com o fim das emissões de CFC, como resultado do Protocolo de Montreal, a camada de ozônio deverá ser totalmente recomposta.

A análise da sequência de imagens mobiliza as competências CG4, CCH7, a CEGeo1 e a CEGeo4.

Trocando ideias

Espera-se que os alunos percebam que acordos como o Protocolo de Montreal sinalizam que as ações para enfrentar problemas ambientais, que também são sociais, têm de ser conjuntas, pois todos os países são responsáveis pela qualidade do meio ambiente e pelas condições de vida no planeta. Além disso, os alunos devem reconhecer que os países desenvolvidos, por disporem de mais recursos financeiros e tecnológicos, devem cooperar mais com os países em desenvolvimento.

NA REDE

Protocolo de Montreal

Saiba mais sobre o gás ozônio, seus benefícios e malefícios aos seres vivos, lendo a seção "perguntas e respostas" no site do Protocolo de Montreal. Veja também vídeos na seção "multimídia". Disponível em: <www.protocolo-demontreal.org.br/eficiente/sites/protocolodemontreal.org.br/pt-br/home.php>. Acesso em: 17 set. 2018.

Para conhecer mais

Verifique se os alunos têm dúvidas sobre alguma palavra utilizada no texto e se eles compreenderam o significado de “estratigrafia” e “paleoclimática”, termos destacados no glossário.

Certifique-se de que todos os alunos compreenderam o texto. Para isso, faça perguntas como: Qual é a dimensão do manto de gelo antártico? O que aconteceria se todo esse gelo derretesse? Espera-se que os alunos observem que o manto de gelo antártico tem 13,8 milhões de km² e corresponde a 90% do volume do gelo terrestre. Caso todo esse gelo derretesse, o nível médio dos oceanos se elevaria em cerca de 60 metros, o que causaria uma grande catástrofe ambiental: boa parte dos portos e das cidades litorâneas inundaria e alterações climáticas ocorreriam.

Sugestão de aprofundamento

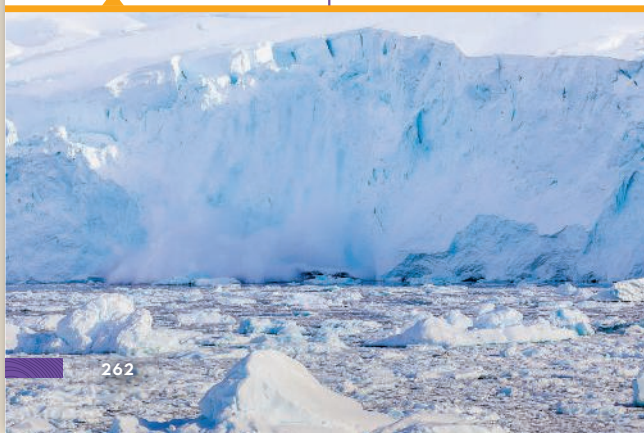
No site do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da Criosfera (INCT da Criosfera) há informações sobre a Antártica e o papel ambiental do gelo.

INCT da Criosfera. Disponível em: <www.ufrgs.br/inctcriosfera/Aciosfera.html>. Acesso em: 15 out. 2018.

estratigrafia: estudo da composição, natureza, formação e distribuição no espaço e no tempo das rochas, para determinar, entre outras coisas, os seus ambientes e processos de formação.

paleoclimática: referente a paleoclimas, variações climáticas da Terra, desde sua formação até os dias de hoje.

Avalanche de gelo em iceberg perto do porto de Neko Harbor, na Antártica. Foto de 2017.



Eleanor Scriven/Robert Harding

PARA CONHECER MAIS

Como vimos no capítulo 16, de acordo com o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), tem ocorrido a elevação da temperatura média do ar em todo o planeta. É a intensificação do fenômeno chamado efeito estufa. Quais as consequências disso para a Antártica e para todo o planeta? Leia o texto abaixo, que trata desse assunto, e depois reflita sobre as questões propostas.

Aquecimento global, o gelo antártico e a variação do nível médio dos mares

A cobertura de gelo do planeta tem papel fundamental no sistema ambiental como mostram as seguintes constatações:

(1) Os mantos de gelo e geleiras cobrem uma área de 16 milhões de km², atingindo uma espessura máxima de 4776 m na Antártica.

(2) Este volume de gelo (28 milhões km³), se derretido, equivaleria a um aumento de 60 metros no nível médio dos mares. Qualquer modificação nesta massa, por consequência, teria implicações importantes para as regiões costeiras.

(3) O Manto de Gelo Antártico (13,8 milhões de km², 90% do volume do gelo terrestre) é o principal sorvedouro de energia (*heat sink*) do planeta e portanto um dos principais controladores do sistema climático.

(4) A maioria da água de fundo dos oceanos é formada debaixo das plataformas de gelo antárticas (partes flutuantes do manto) ou sob o cinturão de mar congelado (gelo marinho) que circunda aquele continente.

(5) A área coberta por gelo marinho no hemisfério sul oscila sazonalmente entre 3 e 19 milhões de km², alterando marcadamente o padrão de troca de energia entre o oceano e atmosfera ao longo do ano.

(6) A **estratigrafia** e química da neve do gelo polar e de geleiras de altitude fornecem uma das melhores técnicas **paleoclimáticas**, possibilitando a reconstrução da evolução atmosférica ao longo de 800 mil anos. [...]

Projeções do IPCC indicam que, mantidos os atuais índices de emissões dos gases estufa, a temperatura média do planeta provavelmente aumentará entre 1,8 e 4 °C nos próximos 100 anos, contribuindo para o derretimento das massas de gelo do planeta e consequentemente aumento do nível médio dos mares entre 18 e 59 cm. Isso resultará em implicações diretas para as zonas costeiras do país. Além disso, grande parte do território brasileiro é afetada diretamente pelas massas de ar e correntes oceânicas que se deslocam da Antártica e do Oceano Austral. Variações na cobertura do gelo antártico (glacial e marinho), por exemplo, afetam a dinâmica das massas de ar polar, causando implicações sobre os diversos tipos climáticos brasileiros.

INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA CRIOSFERA (INCT da Criosfera). A relevância da pesquisa sobre a criosfera. Instituto de Geociências da UFRGS. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <www.ufrgs.br/inctcriosfera/arquivos/Relevancia%20Pesquisa%20Criosfera.pdf>. Acesso em: 17 set. 2018.

- De acordo com o IPCC, o que tem provocado o aumento da temperatura média da atmosfera da Terra? Quais são as consequências para a Antártica e para o planeta?

CONSOLIDANDO CONHECIMENTOS

1. A latitude. O continente está situado na zona polar, entre o círculo polar Antártico e o polo sul, área do planeta onde os raios solares atingem a superfície com maior inclinação, portanto, com menor intensidade, reduzindo as temperaturas médias.

FAÇA AS ATIVIDADES NO CADERNO

- Qual é o fator climático que determina a existência do clima polar na Antártica? Explique.
- Observe a fotografia e depois responda às questões.

2. c) O esforço conjunto dos países resultou na eliminação, em 30 anos, de 98% das substâncias nocivas à camada de ozônio, evitando mais de 2 milhões de casos de câncer de pele, e do início da recomposição dessa camada. A previsão é que, em meados deste século, a camada de ozônio esteja completamente recomposta.

Cerimônia em Brasília (DF), em comemoração dos 30 anos do Protocolo de Montreal. Fotografia de 2017.



Teigo Zenero/Protocolo de Montreal, Brasil

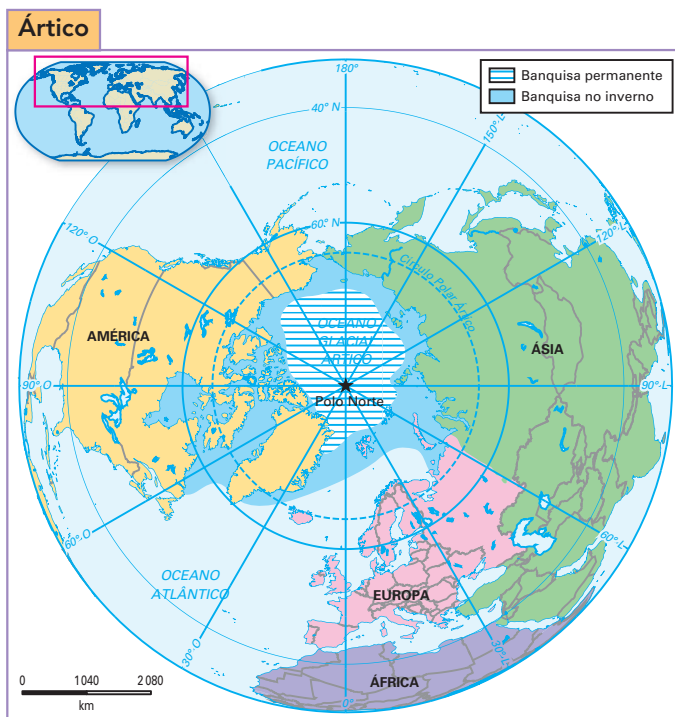
- O que é o Protocolo de Montreal? É um acordo ratificado em 1987 por 197 países que prevê o gradativo banimento da utilização dos gases CFCs.
- Por que se pretende banir a utilização dos gases CFCs? Os gases CFCs, quando lançados na atmosfera, destroem as moléculas de gás ozônio, diminuindo sua concentração na atmosfera.
- Quais são os motivos da celebração desse acordo?

- Observe o mapa. Depois responda às perguntas, de acordo com o que você estudou no capítulo.

- Qual é a diferença estrutural entre o Ártico e a Antártica?
- Qual das duas regiões é mais suscetível aos efeitos do aquecimento global?

a) O Ártico é um oceano congelado – o oceano Glacial Ártico – formado pela banquisa, que se expande no inverno com o aumento da área congelada e se retrai no verão (ficando restrita à banquisa permanente). A Antártica é um continente formado de solo e rocha e recoberto por uma camada de gelo que varia de 2 km a 5 km de espessura.

b) O Ártico, que, por ser um oceano, é mais suscetível ao aquecimento global e sobretudo à elevação da temperatura das águas oceânicas.



Banco de imagens/Arquivo da editora

Fonte: elaborado com base em SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*. 34. ed. São Paulo: Ática, 2013. p. 105.

Consolidando conhecimentos

- Esta atividade, ao analisar o papel da Antártica para o ambiente global e sul-americano, contempla parte da habilidade EF08GE21 e mobiliza as competências CCH3 e CEGeo1.

Se considerar conveniente, explore com os alunos a seção “Perguntas e respostas” do site brasileiro do Protocolo de Montreal, que traz muitos esclarecimentos sobre esse acordo e sobre CFC, camada de ozônio, etc.

Protocolo de Montreal. Disponível em: <www.protocolodemontreal.org.br/eficiente/sites/protocolodemontreal.org.br/pt-br/site.php?secao=perguntaserespostas>. Acesso em: 15 out. 2018.

- a) Complemente a resposta dos alunos lembrando-os de que a Antártica é banhada pelo oceano glacial Antártico, que fica em grande parte congelado durante o inverno.

b) Para complementar a resposta, comente com os alunos que a banquisa do oceano glacial Ártico está ficando mais fina e menos extensa, ou seja, parte do gelo mais antigo está derretendo e não se recompondo.

Caso considere conveniente, pode-se apresentar aos alunos o documentário *Chasing Ice* (Perseguindo o gelo, dirigido por Jeff Orlowski. Estados Unidos, 2012), que mostra viagens de James Balog, fotógrafo da revista *National Geographic*, em um projeto para captar imagens de geleiras no Ártico, na Groenlândia, na Islândia e no Alasca, com o objetivo de mostrar os impactos do aquecimento global.

Sugestão de aprofundamento

A animação da NASA feita com imagens de satélite mostra o encolhimento do gelo no Ártico entre 1984 e 2016. Disponível em: <www.nasa.gov/feature/goddard/2016/arctic-sea-ice-is-losing-its-bulwark-against-warming-summer>. Acesso em: 17 set. 2018.

Sugestão de aprofundamento

Para saber sobre a participação do Brasil no Protocolo de Montreal acesse o site do Ministério do Meio Ambiente (MMA).

MMA. Disponível em: <www.mma.gov.br/informma/item/2114-brasil-esta-em-dia-com-o-protocolo-de-montreal.html>. Acesso em: 15 out. 2018.

Habilidades da BNCC trabalhadas no capítulo

EF08GE05 Aplicar os conceitos de Estado, nação, território, governo e país para o entendimento de conflitos e tensões na contemporaneidade, com destaque para as situações geopolíticas na América e na África e suas múltiplas regionalizações a partir do pós-guerra;

EF08GE21 Analisar o papel ambiental e territorial da Antártica no contexto geopolítico, sua relevância para os países da América do Sul e seu valor como área destinada à pesquisa e à compreensão do ambiente global.

Orientações didáticas

Levante o conhecimento prévio dos alunos para descobrir o que sabem e pensam sobre a ocupação da Antártica. Proponha algumas indagações: Que países controlam esse território? Há pessoas vivendo na Antártica? O que elas fazem para sobreviver? O Brasil tem presença na Antártica?

Para conhecer um pouco a relevância das pesquisas na Antártica, leia o texto “Cientistas buscam na Antártica a chave para o futuro da humanidade” na página XXXVIII.

Sugestão de aprofundamento

Essa publicação da SECIRM permite o aprofundamento do estudo sobre o Tratado Antártico e o Protocolo de Madri.

MARINHA DO BRASIL. Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar. *Tratado da Antártica e Protocolo de Madri*. 2. ed. Brasília, DF: SECIRM, 2016. Disponível em: <www.marinha.mil.br/sites/www.marinha.mil.br/secirm/files/tratado-protocolo-madri.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

CAPÍTULO 20

Vamos tratar de:

- Ocupação humana: pesquisas e turismo

O QUE É ?

Os estados **signatários originais** são os 12 países que assinaram o Tratado Antártico em 1959: Argentina, Austrália, Bélgica, Chile, França, Japão, Nova Zelândia, Noruega, África do Sul, União Soviética, Reino Unido e Estados Unidos. Gradativamente, contou com a adesão de mais 41 países, entre os quais o Brasil. Em 2018, o Tratado Antártico contava com 53 Estados signatários.

NA REDE

Programa Antártico Brasileiro (Proantar)

Para saber mais sobre o Proantar, acesse o *site* da Comissão Interministerial para Recursos do Mar. Disponível em: <www.marinha.mil.br/secirm/proantar>. Acesso em: 17 set. 2018.

Ocupação da Antártica

As primeiras expedições à Antártica datam do início do século XIX e, com o tempo, alguns países passaram a reivindicar o domínio sobre determinadas áreas do continente. Neste capítulo vamos estudar a ocupação desse continente.



Expedição à Antártica, liderada pelo capitão inglês Robert Scott, 1915.

As pesquisas científicas

A partir de 1961, quando passou a vigorar o Tratado Antártico, ficou estabelecido que as áreas do continente situadas ao sul do paralelo 60°S deveriam ser utilizadas apenas com fins pacíficos, para o desenvolvimento de pesquisas científicas. Esse tratado foi assinado em 1959, em Washington, D. C., Estados Unidos, por 12 Estados **signatários originais**.

Em 1991, foi assinado o Protocolo de Madri (Espanha), um complemento ao Tratado Antártico. Esse documento estipulou procedimentos para diminuir o impacto ambiental provocado pelas atividades humanas na região, proibindo a exploração dos recursos minerais por cinquenta anos. O Protocolo de Madri entrou em vigor em 1998 e até 2048 estão suspensas as reivindicações territoriais, as operações militares de qualquer natureza e a exploração do subsolo do continente antártico. Apenas a pesca é permitida e, ainda assim, sob controle.

O Brasil aderiu ao Tratado Antártico em 1975 e em 1982 criou o Programa Antártico Brasileiro (Proantar) para desenvolver pesquisas científicas naquele continente. Em 1984 o governo brasileiro construiu a Estação Antártica Comandante Ferraz, onde eram desenvolvidas pesquisas sobre a vida marinha, as mudanças climáticas na Antártica e suas consequências para o planeta e sobretudo para o Brasil, entre outros fenômenos naturais e antrópicos. A cada temporada, a estação abrigava pesquisadores e militares de apoio. No entanto, ela foi destruída em um incêndio em fevereiro de 2012.

Sugestão de aprofundamento

Esse texto aborda temas importantes do continente, como clima e oceano, vida e cuidados com o meio ambiente, presença humana e pesquisa científica, o Brasil na Antártica, etc.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Antártica: Ensino Fundamental e Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEB, 2006. [Explorando o ensino, v. 9]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EnsMed/vol09_meioambientantart.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para trabalhar a sequência didática sobre as pesquisas científicas desenvolvidas na Antártica.

Após a destruição da base original foram construídos, nas proximidades da antiga base, 45 módulos emergenciais para garantir a continuidade das pesquisas. Em janeiro de 2017, verão no hemisfério sul, foi iniciada a construção das instalações definitivas da nova Estação Antártica Comandante Ferraz. A conclusão da obra estava prevista para o verão de 2019. A nova base, com instalações mais modernas e adequadas às pesquisas científicas dos próximos anos, poderá abrigar 64 pessoas no verão e 34 no inverno, garantindo o prosseguimento do Proantar.

SG Alexander e CB Lima/Marinha do Brasil



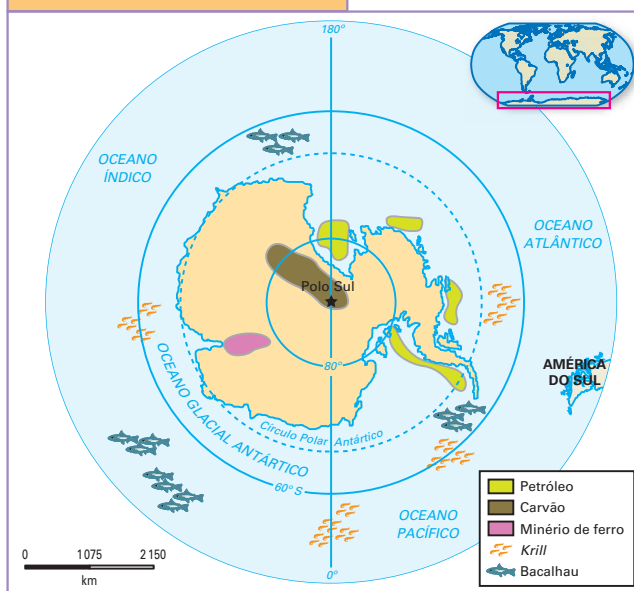
Obra de reconstrução da Estação Antártica Comandante Ferraz, em 2017, situada na ilha Rei George, no mesmo lugar em que funcionava a anterior.

O uso do solo

Na Antártica, não há cidades, indústrias ou agricultura, só bases científicas. Portanto, não há população vivendo de forma permanente. Apenas cientistas residem ali temporariamente para desenvolver pesquisas em várias áreas, como biologia, geologia, meteorologia e oceanografia, além de militares de apoio. No verão, as bases chegam, em conjunto, a abrigar aproximadamente 5 mil pesquisadores, número que cai para cerca de mil durante o inverno.

Estima-se que no subsolo, debaixo da camada de gelo, haja reservas de petróleo, carvão e minérios (observe o mapa). Por isso, mesmo alguns dos países signatários do Tratado Antártico reivindicam soberania sobre porções do continente (assunto que será retomado na seção *Lendo*, nas páginas 268 e 269).

Antártica: recursos naturais



Fonte: elaborado com base em SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*. 34. ed. São Paulo: Ática, 2013. p. 105.

Banco de imagens/Arquivo da editora

Orientações didáticas

Peça aos alunos que observem a Estação Antártica Comandante Ferraz na fotografia e a localizem no mapa da Antártica na página 269.

O texto a seguir traz informações sobre o incêndio e a reconstrução da estação de pesquisa.

Estação Antártica Comandante Ferraz deve ficar pronta em 2019

O que é a estação?

Estabelecida em 1984, a Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF) fica na península Keller, no interior da baía do Almirantado, Ilha Rei George, e foi criada para realização de estudos sobre o clima e o meio ambiente em geral. A Antártica, explica a Marinha, é o principal regulador térmico da Terra, modificando o clima e as condições de vida em todo o planeta, já que controla as circulações atmosféricas e oceânicas. Além disso, a proximidade entre o país e a Antártica faz com que os fenômenos naturais que ocorrem lá tenham influência aqui no Brasil.

O que aconteceu?

Em fevereiro de 2012, a estação foi parcialmente destruída por um incêndio – cerca de 70% das instalações foram afetadas. Dois tenentes, Carlos Alberto Vieira Figueiredo e Roberto Lopes dos Santos, morreram tentando combater o incêndio. Por causa do frio extremo, as obras só são feitas entre novembro e março de cada ano, e o local deve ficar pronto no verão de 2019. [...]

Como a estação ficará após a reforma?

Concluídas as obras, a nova estação terá 4,5 mil metros quadrados, 17 laboratórios e poderá abrigar até 65 pessoas. Além disso, ela ficará ainda mais moderna, com ultrafreezers para que os pesquisadores do Programa Antártico Brasileiro (Proantar) possam armazenar amostras para realização dos estudos.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Marinha do Brasil. Estação Antártica Comandante Ferraz deve ficar pronta em 2019. *Portal Brasil*, 7 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/sinopse/estacao-antartica-comandante-ferraz-deve-ficar-pronta-em-2019>>.

Acesso em: 15 out. 2018.

Orientações didáticas

Explore os gráficos com os alunos: o de linha, para que percebam o crescimento do fluxo de turistas para a Antártica desde meados da década de 1990, e o de setores, para que identifiquem os países que mais enviaram turistas para o continente.

Sugestão de aprofundamento

Para conhecer melhor as atividades turísticas desenvolvidas na Antártica e observar fotos da região (caso queira mostrá-las aos alunos, entre na aba *media center* e depois *photo gallery*), acesse o *site* (em inglês) da Associação Internacional de Operadores de Turismo Antártico (laato).

laato. Disponível em: <laato.org/pt/home>. Acesso em: 15 out. 2018.

NA ESTANTE

KLINK, Amyr.
Mar sem fim: 360° ao redor da Antártica.

São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

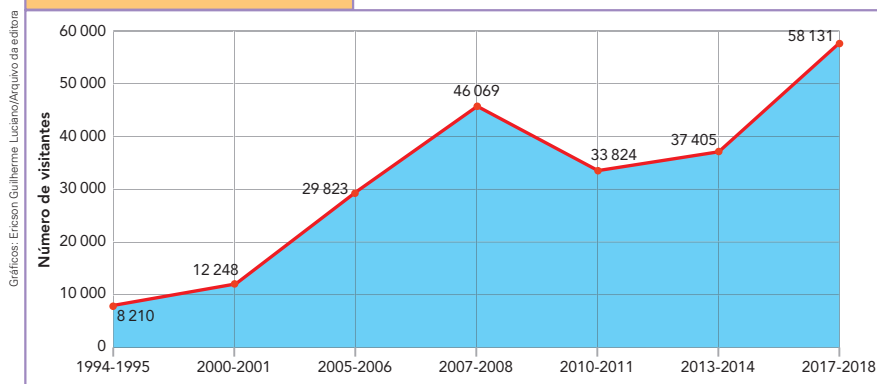
Nesse livro o navegador Amyr Klink relata sua viagem solitária, a bordo do veleiro *Paratii*, pelos mares gelados do extremo sul da Terra. Ao longo de 141 dias e 18 mil milhas, ele navegou em torno do continente Antártico.

Turismo na Antártica

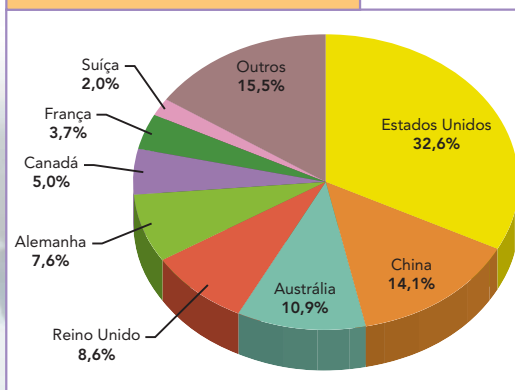
Uma atividade que cresce na Antártica é o turismo de aventura, ainda que seu custo seja muito elevado. O continente tem sido visitado por navegadores solitários, como o brasileiro Amyr Klink, por grupos reduzidos, em barcos pequenos, e por embarcações maiores que transportam mais de 50 pessoas em cruzeiros pelo mar de Weddell. A maioria dos turistas desembarca no continente: no verão de 2017/2018, 75% do total de visitantes puseram os pés em terra. Algumas das atividades turísticas consistem em visitar as bases de pesquisa e, de forma mais limitada, pelas dificuldades apresentadas, escalar o monte Vinson.

Observe os gráficos a seguir, cujos dados se referem ao fluxo de turistas na Antártica e à nacionalidade deles.

Antártica: total de turistas

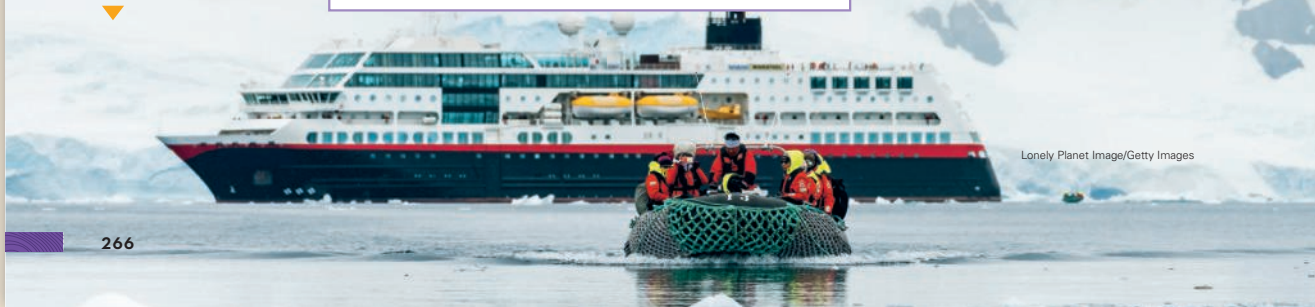


Antártica: turistas (por nacionalidade) – 2017-2018



Fonte: elaborados com base em INTERNATIONAL Association of Antarctica Tour Operators (laato). *Tourism Statistics 2017-2018*. Disponível em: <<http://laato.org/tourism-statistics>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

Turistas chineses em visita à Antártica no verão de 2018.



Lonely Planet Image/Getty Images

1. Leia o texto abaixo e, com base nele e nos gráficos da página anterior, responda às questões.

Cientistas alertam que o turismo é uma ameaça para a Antártica

Cientistas que estudam a Antártica advertiram nesta semana que o número crescente de turistas que visita o continente branco ameaça seu frágil ecossistema e pediram maior proteção. De 1990 até hoje, o número de turistas passou de 5.000 em um ano para os 40.000 atuais [58.131 no verão 2017/2018], segundo dados da indústria do setor. A maioria visita áreas sem gelo, que constituem menos de 1% da Antártica.

Também estão em construção instalações de pesquisa, estradas e depósitos de combustíveis nestas áreas minúsculas onde o gelo desapareceu. Estas áreas abrigam a maior parte da fauna e da flora do continente e são as menos protegidas do planeta, segundo estudo do National Environmental Research Programme (NERP), financiado pelo governo e a divisão australiana da Antártica.

“Muita gente pensa que a Antártica está bem protegida das ameaças à sua biodiversidade porque é isolada e (quase) ninguém mora lá”, escreveu Justine Shaw, do NERP, no estudo publicado no jornal “PLoS Biology”.

“No entanto, demonstramos que há ameaças para a biodiversidade da Antártica”, prosseguiu. “A maior parte da Antártica é coberta de gelo e só menos de 1% carece de gelo”, lembrou.

“Apenas 1,5% desta zona sem gelo pertence às áreas especialmente protegidas da Antártica, apesar de que esta região abriga a maior parte da biodiversidade”, acrescentou.

Cinco das áreas sem gelo não têm nenhum tipo de proteção, enquanto as 55 zonas protegidas do continente estão perto de locais com atividade humana. Steven Chown, da escola de Ciências Biológicas da Universidade de Monash, que também colaborou no estudo, disse que estas áreas sem gelo têm ecossistemas muito básicos, devido à escassa diversidade da Antártica.

Isto torna a fauna e a flora nativas muito vulneráveis à invasão de espécies de fora, que podem ser introduzidas pela atividade humana. “A Antártica foi invadida por plantas e animais, sobretudo vegetais e insetos de outros continentes”, acrescentou.

O estudo destacou que o nível atual de proteção é “muito inadequado” e é necessário fazer muito mais para proteger a região do “boom” registrado na indústria turística. “(Precisamos) proteger os insetos, as plantas e os pássaros marinhos endêmicos, que não existem em nenhum outro lugar do mundo”, disse.

“Precisamos garantir que as zonas protegidas da Antártica não vão sofrer os efeitos da atividade humana, como a contaminação, a presença humana ou as espécies invasoras”, acrescentou. A Antártica é considerada uma das últimas fronteiras para os aventureiros.

A maioria viaja em navios e chega a pagar até US\$ 20 mil por um camarote de luxo na alta temporada, que se estende de novembro a março. Também há um mercado florescente de voos panorâmicos que têm o continente gelado como destino.

G1. Cientistas alertam que o turismo é uma ameaça para a Antártica. Natureza. Rio de Janeiro, 19 jun. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/natureza/noticia/2014/06/cientistas-alertam-que-turismo-e-uma-ameaca-para-antartica.html>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

- a) O turismo na Antártica tem aumentado ou diminuído? Explique.
- b) Qual é a origem dos turistas que mais visitam esse continente? Por quê?
- c) Quais são os riscos que o turismo pode trazer para a Antártica? Como se pode minimizá-los?

Consolidando conhecimentos

1. Esta atividade, ao analisar a importância ambiental da Antártica e os riscos trazidos pelo crescimento do turismo, contempla parcialmente a habilidade EF08GE21 e mobiliza as competências CCH3 e CEGeo1.

- a) O turismo na Antártica vem aumentando, embora tenha havido períodos de queda.

De acordo com o gráfico, do verão de 1994-1995 até o verão de 2007-2008 houve um grande crescimento do fluxo de turistas à Antártica; saltou de pouco mais de 8 mil para 46 mil. Nos três verões seguintes, houve uma retração nesse fluxo, atingindo pouco mais de 33 mil em 2010/2011; a partir daí o número de turistas voltou a crescer e passou de 58 mil no verão de 2017/2018.

- b) A maioria dos turistas que se dirigem à Antártica vem de países desenvolvidos, com destaque para os Estados Unidos; em 2017/2018 foi responsável por um terço do total. Houve um crescimento de turistas da China, que já ocupa a segunda posição [14,1% do total].

Espera-se que os alunos percebam que se trata de um tipo de turismo muito caro – de acordo com o texto, os turistas chegam “a pagar até US\$ 20 mil por um camarote de luxo na alta temporada”.

- c) Como em outros locais ecologicamente sensíveis, a quantidade de turistas deve ser limitada, assim como a área em que podem circular, e estes devem seguir regras rígidas para não contaminar o meio ambiente ou levar plantas e animais invasores. Isto é, o turismo precisa ser sustentável. É preciso haver um ponto de equilíbrio entre os interesses turísticos e os de preservação ambiental.

Material Digital

Esta é uma oportunidade para aplicar a avaliação do 4º bimestre e utilizar a ficha de acompanhamento da aprendizagem dos alunos.

Lendo texto e mapa

Esta atividade, ao tratar da questão territorial da Antártica e os interesses de alguns Estados sobre o continente, contempla em parte as habilidades **EF08GE05** e **EF08GE21**, além de mobilizar as competências **CCH5**, **CCH7**, **CEGeo1** e **CEGeo4**.

Garanta que todos compreenderam o texto do Tratado Antártico e o mapa. Comente com os alunos que o mapa é uma projeção azimutal polar, centrado no polo sul (essa projeção centrada no polo norte aparece no símbolo da ONU). Essa projeção é equidistante, isto é, mostra com precisão as distâncias em linha reta a partir do centro da projeção, seja ele no polo norte ou no polo sul, seja em qualquer outro ponto do planeta.

Para saber mais leia o texto a seguir.

LENDO TEXTO E MAPA

A soberania sobre a Antártica

Embora o Tratado Antártico, ampliado pelo Protocolo de Madri, estabeleça que nenhum país pode exercer soberania sobre esse continente até 2048, alguns dos Estados signatários originais reivindicam soberania sobre trechos específicos da Antártica, como mostra o texto e o mapa a seguir.

O Tratado Antártico

Em 1ª de dezembro de 1959, os doze países que tinham realizado atividades científicas na Antártica e seus arredores durante o Ano Geofísico Internacional (AGI) 1957-1958 assinaram em Washington (Estados Unidos) o Tratado Antártico. O Tratado entrou em vigor em 1961 e foi aceito por muitas outras nações. Atualmente, são 53 os Estados-partes do Tratado.

Algumas disposições importantes do Tratado são:

A Antártica será usada exclusivamente para fins pacíficos (Artigo I).

A liberdade de pesquisa científica na Antártica e a cooperação para esse fim [...] continuarão (Artigo II).

As Partes Contratantes concordam em [...] proceder ao intercâmbio de observações de resultados científicos sobre a Antártica, que estarão disponíveis gratuitamente (Artigo III).

Entre os signatários do Tratado há sete países (Argentina, Austrália, Chile, França, Noruega, Nova Zelândia e Reino Unido) com reivindicações territoriais, que em alguns casos se sobrepõem. Outros países não reconhecem qualquer reclamação. Os Estados Unidos e a Rússia consideram que têm “motivos para reivindicar”. Todas essas posições estão explicitamente previstas no Artigo IV, que mantém o *status quo*:

Nenhum ato ou atividade que ocorra enquanto vigorar o presente Tratado constituirá base para proclamar, apoiar ou contestar reivindicação sobre soberania territorial na Antártica, nem para criar direitos de soberania nesta região. Nenhuma nova reivindicação de soberania territorial ou ampliação de reivindicação existente será apresentada enquanto o presente Tratado estiver em vigor.

SECRETARIA DEL TRATADO ANTÁRTICO. El Tratado Antártico. Disponível em: <<https://www.ats.aq/s/ats.htm>>. Acesso em: 17 set. 2018.

Antártica, 2017.



SG Alexander e CB Lima/Marinha do Brasil

268

Projeções cartográficas

Projeções azimutais são projeções sobre um plano tangente ao esferoide em um ponto. No tipo normal (ou polar), o ponto de tangência representa o polo norte ou sul e os meridianos de longitude são linhas retas radiais que partem deste ponto enquanto os paralelos de latitude aparecem como círculos concêntricos. A distorção no mapa aumenta conforme se distancia do ponto de tangência. Considerando que distorção é mínima perto do ponto

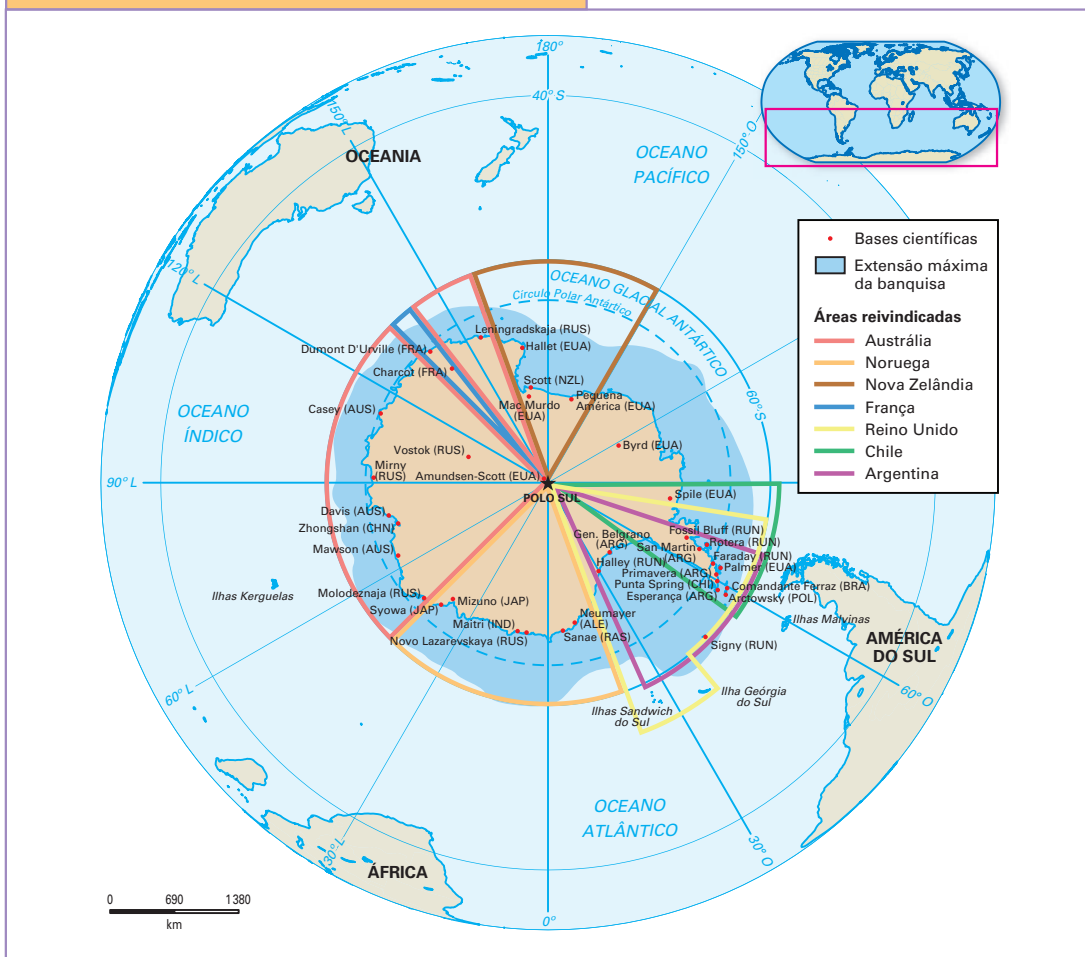
de tangência, as projeções azimutais são apropriadas para representar áreas que têm extensões aproximadamente iguais nas direções norte-sul ou leste-oeste [...].

Projeções azimutais são frequentemente usadas para mapear as regiões polares, mas podem ser centralizadas em qualquer posição na superfície da Terra. Por causa do padrão radial de distorção (aumentando com o afastamento do ponto de tangência), projeções azimutais são apropriadas para mapear áreas que têm

extensões norte-sul e leste-oeste iguais. Porém, são frequentemente escolhidas por causa da representação correta da distância e relações direcionais sobre o ponto de tangência.

PISSARRA, Teresa Cristina T. *Projeções cartográficas*. Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) – Unesp. S/D. p. 15-16. Disponível em: <www.fcav.unesp.br/Home/departamentos/engenhariarural/TERESACRISTINATARLE/PISSARRA/edital.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

Antártica: áreas reivindicadas e bases científicas



Banco de imagens/Arquivo da editora

Fonte: elaborado com base em SIMIELLI, Maria Elena. *Geoatlas*, 34. ed. São Paulo: Ática, 2013. p. 104.

Compreendendo texto e mapa

1. Todos os países que desenvolvem pesquisas na Antártica reivindicam soberania sobre esse continente? O que diz o Tratado Antártico sobre isso?
2. Algumas das áreas reivindicadas da Antártica se sobrepõem parcialmente. As áreas de quais países se sobrepõem? O que isso significa?
3. A base científica brasileira Estação Antártica Comandante Ferraz situa-se em área reivindicada por qual país?
4. O Tratado da Antártica abrange os territórios ao sul do paralelo 60° S, área na qual prevalece a liberdade de pesquisa e a cooperação internacional. Identifique esse paralelo no mapa. Qual das nações reivindica soberania para além desse paralelo?

Lendo texto e mapa

1. Não, de acordo com o texto e com o mapa, os países que reivindicam são sete dos signatários originais do Tratado da Antártica: Argentina, Austrália, Chile, França, Nova Zelândia, Noruega, e Reino Unido. Em seu artigo IV, o Tratado Antártico diz que nenhum ato ou atividade que ocorra enquanto ele vigorar constituirá base para proclamar, apoiar ou contestar reivindicação sobre soberania territorial na Antártica e que nenhuma nova reivindicação de soberania territorial, ou ampliação de reivindicação existente, será apresentada enquanto ele estiver em vigor. O Tratado Antártico vale até 2048.
2. As áreas reclamadas por Chile, Argentina e Reino Unido se sobrepõem. Isso significa que esses três países têm interesse sobre essas áreas e é provável que disputem a soberania sobre elas ao término da vigência do Protocolo de Madri.
3. A base brasileira situa-se na área reivindicada pelo Chile, Argentina e Reino Unido.
4. Observando o mapa, os alunos perceberão que se trata do Reino Unido, que reivindica a soberania sobre as ilhas Geórgia do Sul e Sandwich do Sul (atualmente elas estão sob administração britânica). Vale comentar com os alunos que essas ilhas também são pretendidas pela Argentina, apesar do mapa não mostrar isso.



Livros

- ANDRADE, W. *Lendas e mitos dos índios brasileiros*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1999.
- BONIFACE, P. *Compreender o mundo*. São Paulo: Ed. Senac, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017.
- _____. *Antártica*: Ensino Médio. Brasília, 2006. (Explorando o ensino; v. 9).
- _____. *O Brasil e o meio ambiente antártico*: Ensino Fundamental e Ensino Médio. Brasília, 2006. (Explorando o ensino; v. 10).
- CANÊDO, L. B. *A Revolução Industrial*. 22. ed. São Paulo: Atual; Campinas: Unicamp, 2003.
- CARMO, P. S. do. *O trabalho na economia global*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, 1).
- _____. *Fim de milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, 3).
- _____. *O poder da identidade*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, 2).
- CORRÊA, R. L. *Região e organização espacial*. São Paulo: Ática, 1998.
- _____. *Trajatórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- COSTA E SILVA, A. da. *A África explicada aos meus filhos*. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- COSTA, G. R.; AYANG, L. P. Empresas maquiladoras no México: reflexos para a mão de obra feminina. *Revista Perspectiva*, v. 9, n. 16, 2016.
- DREW, D. *Processos interativos homem-meio ambiente*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- EIDT, E. M. Conviver "com o diferente". *REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. Brasília, v. 20, n. 38, jan./jun. 2012.
- FACHIN, P. (Entrev.). A interconexão das desigualdades na América Latina: da violência à pobreza. Entrevista especial com Mara Manzoni Luz. *Instituto Humanitas Unisinos (IHU)*. São Leopoldo, 9 maio 2017.
- FERRARI, G. Wangari Maathai, uma mulher pelo Quênia e pelas árvores. *O Eco*, 14 mar. 2017. Disponível em: <www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/wangari-maathai-uma-mulher-pelo-quenia>. Acesso em: 3 out. 2018.
- GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GOLDMAN SACHS. Dreaming with BRICs: the Path to 2050. *Global Economics*. New York, n. 99, p. 4, 1ª out. 2003.
- GOMES, P. C. C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (Org.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- HAESBAERT, R. *Regional-global: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- HELD, D.; MCGREW, A. *Prós e contras da globalização*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- IBAZEBO, I. *Explorando a África*. São Paulo: Ática, 1997.
- ISAACSON, W. *Steve Jobs: a biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MESSIAS, A. *Antes de Colombo chegar*. Belo Horizonte: Alis Editora, 2009.
- NIVOLA, C. A. *Plantando as árvores do Quênia: a história de Wangari Maathai*. São Paulo: Comboio de Corda, 2010.
- PEREGALLI, E. *A América que os europeus encontraram*. São Paulo: Atual; Campinas: Ed. da Unicamp, 1986.
- POMER, L. *As independências na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- PRADO, M. L. *A formação das nações latino-americanas*. 21. ed. São Paulo: Atual; Campinas: Ed. da Unicamp, 2006.
- PRESS, F. et al. *Para entender a Terra*. Porto Alegre: Bookman, 2006.
- REZENDE, F.; TAFNER, P. *Brasil: o estado de uma nação*. Rio de Janeiro: IPEA, 2005.
- RIBEIRO, D. *As Américas e a civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- RIOS, J. et al. *O que é defesa do consumidor*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ROSTOW, W. W. *Etapas do desenvolvimento econômico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SCATAMACCHIA, M. C. M. *O encontro entre culturas. Índios e europeus no século XVI*. 15. ed. São Paulo: Atual, 2008.
- SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SERRANO, C.; WALDMAN, M. *Memória d'África: a temática africana em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2007.

Atlas

- ATLAS National Geographic: África I. São Paulo: Abril, 2008. v. 9.
- ATLAS National Geographic: América do Norte e Central. São Paulo: Abril, 2008. v. 6.

ATLAS National Geographic: América do Sul. São Paulo: Abril, 2008. v. 1.

ATLAS National Geographic: Oceania, polos e oceanos. São Paulo: Abril, 2008. v. 11.

ATLAS of Global Development. 4th ed. Glasgow: Collins; Washington, D.C.: The World Bank, 2013.

BONIFACE, P. *Atlas des relations internationales*. Paris: Hatier, 2003.

CHALIAND, G.; RAGEAU, J-P. *Atlas du millénaire*: la mort des empires 1900-2015. Paris: Hachette Littératures, 1998.

CHARLIER, J. (Dir.). *Atlas du 21^e siècle édition 2012*. Groningen: Wolters-Noordhoff; Paris: Nathan, 2014.

COMPLETE Atlas of the World. 3rd ed. New York: Penguin Random House, 2016.

DUBY, G. *Atlas histórico mundial*. Barcelona: Larousse, 2007.

FERREIRA, G. M. L. *Moderno atlas geográfico*. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

IBGE. *Atlas do Censo Demográfico 2010*. Diversidade cultural. Rio de Janeiro, 2010.

IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 7. ed. Rio de Janeiro, 2016.

ISTITUTO GEOGRAFICO DE AGOSTINI. *Atlante geografico metodico De Agostini*. Novara, 2011.

LE MONDE DIPLOMATIQUE. *El atlas*. Valencia: Fundación Mondiplo, 2012.

LEBRUN, F. (Dir.). *Atlas historique*. Paris: Hachette, 2000.

NATIONAL Geographic Concise Atlas of the World. 4th ed. Washington D.C.: National Geographic Society, 2016.

NATIONAL Geographic Student Atlas of the World. Washington: National Geographic Society, 2009.

NATIONAL Geographic Visual of the World Atlas. Washington: National Geographic, 2009.

OXFORD. *Atlas of the World*. 24th ed. New York: Oxford University Press, 2017.

SIMIPELLI, M. E. *Geoatlas*. 34. ed. São Paulo: Ática, 2013.

Periódicos

BARAKAT, L. L. et al. *Ranking FDC das Multinacionais Brasileiras 2017*. 12. ed. Nova Lima: Fundação Dom Cabral, 2017.

CIA. *The World Factbook*. Washington D.C., 2018. Disponível em: <www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/index.html>. Acesso em: 3 out. 2018.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA AMÉRICA LATINA E CARIBE (CEPAL). *Panorama Social da América Latina 2016*: documento informativo, Santiago, 2016.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. *The State of Food Insecurity and Nutrition in the World 2017*. Roma, 2017.

FORTUNE. *Global 500*. Time inc., 2018. Disponível em: <<http://fortune.com/global500/list/>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

GLOBALIZATION AND WORLD CITIES (GaWC). *The World According to GaWC 2016*. Loughborough, 24 abr. 2017. Disponível em: <www.lboro.ac.uk/gawc/world2016t.html>. Acesso em: 3 out. 2018.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ANTARCTICA TOUR OPERATORS (Iaato). *Tourism Statistics 2017-2018*. Disponível em: <<http://iaato.org/tourism-statistics>>. Acesso em: 3 out. 2018.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. *World Economic Outlook Database*: October 2017 Edition. Disponível em: <www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2017/02/weodata/index.aspx>. Acesso em: 3 out. 2018.

INTERNATIONAL TRANSPARENCY. *Corruption Perceptions Index 2017*. Berlim, 2017. Disponível em: <www.transparency.org/news/feature/corruption_perceptions_index_2017>. Acesso em: 3 out. 2018.

ORGANIZATION OF THE PETROLEUM EXPORTING COUNTRIES. *OPEC Annual Statistical Bulletin 2018*. Viena, 2018.

SIMONS, Gary F.; FENNIG, Charles D. *Ethnologue Languages of the World*. 21st ed. Dallas: SIL International, 2018. Disponível em: <www.ethnologue.com/statistics/size>. Acesso em: 3 out. 2018.

THE WORLD BANK. *World Development Indicators 2017*. Washington, D.C., 2018. Disponível em: <<http://wdi.worldbank.org/tables>>. Acesso em: 3 out. 2018.

_____. *Atlas of Sustainable Development Goals 2018*. Washington, D.C., 2018.

UNDP. *Human Development Report 2016*. New York: United Nations Development Programme, 2016.

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs. *International Migration Report 2017*: Highlights. New York, 2017.

_____. Department of Economic and Social Affairs. *The World's Cities in 2016*. New York, 2016.

_____. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *World Population 2017*. New York, 2017. Disponível em: <https://esa.un.org/unpd/wpp/Publications/Files/WPP2017_Wallchart.pdf>. Acesso em: 3 out. 2018.

_____. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *World Urbanization Prospects: the 2018 Revision*. New York, 2018. Disponível em: <<https://population.un.org/wup>>. Acesso em: 3 out. 2018.

_____. Department of Economic and Social Affairs. Population Division. *World population ageing 2017*. New York, 2017.

_____. Conference on Trade and Development. *World Investment Report 2017*. New York/Geneva: United Nations, 2017.

UNITED NATIONS. High commissioner for refugees. *Global Trends. Forced displacement in 2017*. Geneva, 2018.

_____. *World Economic Situation and Prospects 2017*. New York, 2017.

UNITED STATES Census Bureau. *Income and Poverty in the United States*: 2015. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 2016.

_____. *Poverty in the United States*. Percentage of people in poverty by state: 2015. Washington, D.C., 15 sept. 2016. Disponível em: <www.census.gov/library/visualizations/2016/comm/cb16-158_poverty_map.html>. Acesso em: 3 out. 2018.

U.S. DEPARTMENT OF COMMERCE. U.S. Census Bureau. Foreign Trade. *Top trading partners*. Washington, D.C., dec. 2017. Disponível em: <www.census.gov/foreign-trade/statistics/highlights/top/top1712yr.html>. Acesso em: 3 out. 2018.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. *Tourism Highlights 2017 Edition*. Madrid, 2017.

WORLD TRADE ORGANIZATION. *World Trade Statistical Review 2018*. Geneva, 2018.

Dicionários

BAUD, P. et al. *Dicionário de geografia*. Lisboa: Plátano, 1999.

GEORGE, P. *Diccionario Akal de geografía*. Madrid: Akal, 2007.

GLOSSÁRIO de ecologia. São Paulo: CNPq/Finep/Aciesp, 1997.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

JOHNSON, A. G. *Dicionário de sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LACOSTE, Y. *De la géopolitique aux paysages*. Dictionnaire de la géographie. Paris: Armand Colin, 2009.

SANDRONI, P. *Dicionário de economia do século XXI*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Sites selecionados

ALIANÇA do Pacífico. Disponível em: <<https://alianzapacifico.net/en/>>. Acesso em: 3 out. 2018.

BANCO Mundial. Disponível em: <www.worldbank.org>. Acesso em: 3 out. 2018.

BANCO Mundial (Brasil). Disponível em: <www.worldbank.org/pt/country/brazil>. Acesso em: 3 out. 2018.

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e Caribe. Disponível em: <www.cepal.org/pt-br>. Acesso em: 3 out. 2018.

COMUNIDADE Andina. Disponível em: <www.comunidadandina.org>. Acesso em: 3 out. 2018.

FMI – Fundo Monetário Internacional. Disponível em: <www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2017/02/weodata/index.aspx>. Acesso em: 3 out. 2018.

GOVERNO do Brasil. Disponível em: <www.brasil.gov.br>. Acesso em: 3 out. 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 3 out. 2018.

MERCOSUL (página brasileira). Disponível em: <www.mercosul.gov.br>. Acesso em: 3 out. 2018.

MERCOSUL (site oficial). Disponível em: <www.mercosur.int>. Acesso em: 3 out. 2018.

NAFTA. Disponível em: <www.nafta-sec-alena.org/Home/Welcome>. Acesso em: 3 out. 2018.

NATIONAL Geographic Brasil. Disponível em: <www.nationalgeographicbrasil.com>. Acesso em: 3 out. 2018.

OEA – Organização dos Estados Americanos. Disponível em: <www.oas.org/pt>. Acesso em: 3 out. 2018.

OMC – Organização Mundial do Comércio. Disponível em: <www.wto.org>. Acesso em: 3 out. 2018.

ONU – Organização das Nações Unidas. Disponível em: <www.un.org>. Acesso em: 3 out. 2018.

ONU BR – Nações Unidas no Brasil. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org>>. Acesso em: 3 out. 2018.

PNUD – Brasil. Disponível em: <www.br.undp.org>. Acesso em: 3 out. 2018.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: <www.undp.org>. Acesso em: 3 out. 2018.

PROANTAR – Programa Antártico Brasileiro. Disponível em: <www.marinha.mil.br/secirm/proantar>. Acesso em: 3 out. 2018.

SADC – Comunidade de Desenvolvimento da África Austral. Disponível em: <www.sadc.int>. Acesso em: 3 out. 2018.

TRANSPARÊNCIA Internacional. Disponível em: <www.transparency.org>. Acesso em: 3 out. 2018.

TRATADO Antártico. Disponível em: <www.ats.aq/s/ats.htm>. Acesso em: 3 out. 2018.

UNASUL (site oficial). Disponível em: <www.unasursg.org>. Acesso em: 3 out. 2018.

UNIÃO Africana. Disponível em: <<https://au.int>>. Acesso em: 3 out. 2018.

U. S. Census Bureau. Disponível em: <www.census.gov>. Acesso em: 3 out. 2018.

ISBN 978-854740157-3



9 788547 401573